

5.ª SERIE DA
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SOB A DIRECÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO



VOLUMES PUBLICADOS

- 1 — BAPTISTA PEREIRA: Figuras do Imperio e outros ensaios - 2.ª edição.
 2 — PANDIÁ CALOGERAS: O Marquez de Barbacena - 2.ª edição.
 3 — ALCIDES GENTIL: As idéas de Alberto Torres - synthese com indice remissivo.
 4 — OLIVEIRA VIANNA: Raça e Assimilação (3.ª edição augmentada).
 5 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a S. Paulo (1822) - Traducção e prefacio de Affonso de E. Taunay.
 6 — BAPTISTA PEREIRA: Vultos e episodios do Brasil.
 7 — BAPTISTA PEREIRA: Directrizes de Ruy Barbosa (segundo textos escolhidos).
 8 — OLIVEIRA VIANNA: Populações Meridionaes do Brasil - (3.ª edição)
 9 — NINA RODRIGUES: Os Africanos no Brasil (Revisão e prefacio de Homero Pires). Profusamente illustrado - 2.ª ed.
 10 — OLIVEIRA VIANNA: Evolução do Povo Brasileiro - 2.ª edição illustrada.
 11 — LUIZ DA CAMARA CASCUDO: O Conde D'Eu (volume illustrado).
 12 — WANDERLEY PINHO: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe (volume illustrado).
 13 — VICENTE LICINIO CARDOSO: A margem da Historia do Brasil.
 14 — PEDRO CALMON: Historia da Civilização Brasileira - (2.ª edição)
 15 — PANDIÁ CALOGERAS: Da Regencia á queda de Rosas. (3.º volume da serie "Relações Exteriores do Brasil").
 16 — ALBERTO TORRES: A Organizaçãõ Nacional.
 17 — ALBERTO TORRES: O Problema Nacional Brasileiro.
 18 — VISC. DE TAUNAY: Pedro II.
 19 — AFFONSO DE E. TAUNAY: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVIII).
 20 — ALBERTO DE FARIA: Mauá (com res illustrações fora do texto).
 21 — BAPTISTA PEREIRA: Pelo Brasil Maior.
 22 — E. ROQUETTE-PINTO: Ensaios le Anthropologia Brasileira.
 23 — EVARISTO DE MORAES: A escravidão africana no Brasil.
 24 — PANDIÁ CALOGERAS: Problemas de Administracão.
 25 — MARIO MARROQUIM: A lingua do Nordeste.
 26 — ALBERTO RANGEL: Rurcos e Perspectivas.
 27 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: Populações Paulistanas.
 28 — GENERAL COUTO DE MAGALHÃES: Viagem ao Araguaya - 3.ª edição.
 29 — JOSUÉ DE CASTRO: O problema da alimentação no Brasil - Prefacio do prof. Pedro Escudero.
 30 — CAP. FREDERICO A. RONDON: Pelo Brasil Central (edição illustrada).
 31 — AZEVEDO AMARAL: O Brasil na crise actual.
 32 — C. DE MELLO-LEITÃO: Visitantes do Primeiro Imperio (edição illustrada com 19 figuras).
 33 — J. DE SAMPAIO FERRAZ: Meteorologia Brasileira.
 34 — ANYONE COSTA: Introducção á Archeologia Brasileira (edição illustrada).
 35 — A. J. SAMPAIO: Phytogeographia do Brasil (edição illustrada).
 36 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano - 2.ª edição.
 37 — J. F. DE ALMEIDA PRADO: Primeiros Povoadores do Brasil (edição illustrada).
 38 — RUY BARBOSA: Mocidade e Exilio (Cartas ineditas. Prefaciadas e annotadas por Americo Jacobina Lacombe). - Edição illustrada.
 39 — E. ROQUETTE-PINTO: Rondonia (3.ª edição augmentada e illustrada).
 40 — PEDRO CALMON: Espirito da Sociedade Colonial (edição illustrada com 13 gravuras).
 41 — JOSÉ-MARIA BELLO: A intelligencia do Brasil.
 42 — PANDIÁ CALOGERAS: Formação Historica do Brasil (2.ª edição com 3 mappas fora do texto).
 43 — A. SABOYA LIMA: Alberto Torres e sua obra.
 44 — ESTEVÃO PINTO: Os indigenas do Nordeste (com 15 gravuras e mappas) - 1.º volume.
 45 — BASILIO DE MAGALHÃES: Expansão Geographica do Brasil Colonial.
 46 — RENATO MENDONÇA: A influencia africana no portuguez do Brasil (ed.ii.)

- 47 — MANOEL BOMFIM: **O Brasil** - Com uma nota explicativa de Carlos Maul.
- 48 — URRINO VIANNA: **Bandeiras e sertanistas bahianos.**
- 49 — GUSTAVO BARROSO: **Historia Militar do Brasil** (edição ilustrada com 50 gravuras e mappas).
- 50 — MARIO TRAVASSOS: **Projecção Continental do Brasil** - Prefacio de Pandiá Calogeras (2.^a edição ampliada).
- 51 — OCTAVIO DE FREITAS: **Doenças africanas no Brasil.**
- 52 — GENERAL COUTO DE MAGALHÃES: **O selvagem** (3.^a edição completa com parte original tupy-guarany).
- 53 — A. J. DE SAMPAIO: **Biogeographia dynamica.**
- 54 — ANTONIO GONTIJO DE CARVALHO: **Calogeras.**
- 55 — HILDEBRANDO ACCIOLY: **O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America.**
- 56 — CHARLES EXPILLY: **Mulheres e Costumes do Brasil** (tradução, prefacio e notas de Gastão Penalva).
- 57 — FLAUSINO RODRIGUES VALLE: **Elementos do Folk-lore musical Brasileiro.**
- 58 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: **Viagem á Provincia de Santa Catharina (1820)** - Tradução de Carlos da Costa Pereira.
- 59 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: **Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.**
- 60 — EMILIO RIVASSEAU: **A Vida dos Indios Guaycurús** (edição ilustrada).
- 61 — CONDE D'EU: **Viagem Militar ao Rio Grande do Sul** - Prefacio e 19 cartas do Principe d'Orleans commentadas por Max Fleiuss. (Edição illustrada).
- 62 — AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA: **O Rio São Francisco** (edição illustrada).
- 63 — RAYMUNDO MORAES: **Na Planicie Amazonica** - 4.^a edição.
- 64 — GILBERTO FREYRE: **Sobrados e Mucambos** - Decadencia patriarchal rural no Brasil - Edição illustrada.
- 65 — JOÃO DORNAS FILHO: **Silva Jardim.**
- 66 — PRIMITIVO MOACYR: **A Instrucção e o Imperio** (Subsidios para a historia de educaçáo no Brasil) - 1823-1853 - 1.^o volume.
- 67 — PANDIÁ CALOGERAS: **Problemas de Governo** - 2.^a edição.
- 68 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: **Viagem ás Nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goyaz** - 1.^o volume - Traducção e notas de Clado Ribeiro Lessa.
- 69 — PRADO MAIA: **Através da Historia Naval Brasileira.**
- 70 — AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO: **Conceito de Civilizaçáo Brasileira.**
- 71 — F. C. HOEHNÉ: **Botanica e Agricultura no Brasil no Seculo XVI** (Pesquisas e contribuicoes).
- 72 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: **Segunda viagem ao interior do Brasil** - "Espírito Santo" - Traducção de Carlos Madeira.
- 73 — LUCIA MIGUEL-PEREIRA: **Machado de Assis** (Estudo Critico-Bibliographico) - Edição illustrada.
- 74 — PANDIÁ CALOGERAS: **Estudos Historicos e Politicos** (Res Nostra...) - 2.^a edição.
- 75 — AFFONSO A. DE FREITAS: **Vocabulario Nhêengatú** (Vernaculizado pelo portuguez falado em S. Paulo) - Lingua tupy-guarany. - Com tres illustrações fora do texto.
- 76 — GUSTAVO BARROSO: **Historia Secreta do Brasil** - 1.^a parte: "Do descobrimento á abdicaçáo de Pedro I" - 2.^a edição.
- 77 — C. DE MELLO-LEITÃO: **Zoologia do Brasil** (edição illustrada).
- 78 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: **Viagens ás nascentes do Rio S. Francisco e pela provincia de Goyaz** - 2.^o tomo - Traducção e notas de Clado Ribeiro Lessa.
- 79 — CRAVEIRO COSTA: **O Visconde de Sinimbu** - Sua Vida e sua Actuação na Politica Nacional (1840-1889).
- 80 — OSWALDO R. CABRAL: **Santa Catharina** (edição illustrada).
- 81 — LEMOS BRITO: **A Gloriosa Sotaina do Primeiro Imperio** - Frei Caneca - Edição illustrada.
- 82 — C. DE MELLO-LEITÃO: **O Brasil visto pelos Inglezes.**
- 83 — PEDRO CALMON: **Historia Social do Brasil** - 2.^o Tomo - "Espírito da Sociedade Imperial" - Edição. ill.
- 84 — ORLANDO M. CARVALHO - **Problemas fundamentais do municipio** (edição illustrada).
- 85 — WANDERLEY PINHO: **Cotegipe e seu tempo** - Edição illustrada.
- 86 — AURELIO PINHEIRO: **A' Margem do Amazonas** - Edição illustrada.

EDIÇÕES DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DOS GUSMÕES, 118/140 — SÃO PAULO

COTEGIPE

E

SEU TEMPO



Série 5.ª

BRASILIANA
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

Vol. 8.

WANDERLEY PINHO

★

COTEGIPE
E
SEU TEMPO

PRIMEIRA PHASE

1815-1867

—
EDIÇÃO ILLUSTRADA



1937

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

DO MESMO AUTOR

Na Serie "Brasiliãna" :

**Cartas do Imperador Pedro II
ao Barão de Cotegipe. (Vol. 12)**

Edição da

**COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO**

UMA biographia a Ludwig, a Zweig ou a Maurois não tem deveres senão com parte da verdade. Estes escriptores escolhem, na realidade dispersa em trabalhos anteriores e nos documentos e fontes a que recorrem, os trechos, as scenas, os aspectos, as epochas que lhes interessam á emoção, ao gosto litterario, á concepção particular com que focalisam o personagem ou o drama historico. A preocupação esthetica e a curiosidade das hypotheses psicologicas sobrepujam, senão a exactidão, a inteireza da narrativa. E muitas vezes a inveracidade abusa da verosimilhança.

No Brasil o biographo politico ha de ser, ao contrario, exhaustivo e completo, ou seria mentiroso por omissão, desonesto por exclusão.

As numerosas obras relativas a Disraeli, catalogadas na que sobre o estadista inglez escreveu Maurois, seriam chamadas a responder pelas fracções da realidade despresada, em qualquer processo que a curiosidade justiceira instaurasse áquelle autor, accusando-o de mutilador dos factos. O biographo brasileiro, manejando assumpto inedito, terá, por ora, que esculpir a estatua completa: dos pés de barro ao resplendor de ouro. Não será o virtuose que interpreta uma antiga partitura conhecida; mas o maestro que executa uma composição inteiramente nova. Nada de pessoal no regente — que nem substituirá tons, nem modificará compassos, nem riscará phrases, nem alterará accordes — mas lerá a pauta tal qual. E toda.

A vida de Cotegipe é uma estatua por levantar ou uma symphonia ainda não escutada. Outros tirarão um dia, da

verdade inteira que agora se narra, a verdade bella que porventura os commova.

A grande difficuldade foi dizer toda essa verdade dentro dos limites syntheticos deste livro, cujas paginas haviam de sobrenadar á superficie essencial dos assumptos, sem perder a vista panoramica do estudo, nem submergir-se em excessivas minucias, analyses e criticas.

Esse conflicto entre as exigencias da exposiçào, como a quer o leitor — clara e se possivel artistica — e a honestidade narradora, que nada deve esconder, é o maior supplicio dos que escrevem livros deste genero.

Alguns capitulos deixam entrevêr quanto custou ao autor resumir actos administrativos, debates parlamentares, correspondencias epistolares. Si nelles o leitor sentir perder-se o deleite correntio, estará porventura compensado com o que terá ganho em informação. E nem se deslembre que a verdade completa nem sempre é amavel.

Nesse penoso dosar "l'abondance qui ne neglige rien avec la brieveté qui resume tout", recorreu o autor, muitas vezes, ás notas, embora alguém dissesse que ellas, nos livros, são como andaimes que se devem retirar mal termine a construcção do edificio, só servindo para perturbar a leitura, cançando a vista em continuados vae-vens, ao alto e baixo das paginas. Aquelles que quizerem evitar essa fadiga podem dispensal-as; para os menos curiosos de minucias e provas não foram ellas escriptas e impressas.

Nem serão andaimes essas notas e indicações bibliographicas, senão amostras do material empregado, que darão confiança na solidez do edificio.

Para satisfazer aos que mais procuram a psychologia do personagem que os factos de sua vida, faltaram ao autor as

“memorias”, não só de Cotegipe como de seus contemporaneos, mal suppridas por cartas e chronicas e discursos e documentos de que se expremeram, todavia, alguns interessantes aspectos subjectivos da personalidade estudada.

O biographo ha de ser juiz. Essa severidade perturba e prejudica o encanto esthetico, que aliás, não raro, falseia a realidade.

Não ha neste livro meias verdades, nem propositados destaques de factos para effeitos preconcebidos ou buscados. Nem aqui foram tentadas as largas syntheses, as mais das vezes tão brilhantes quanto devedoras á exactidão. Esta biographia nada tem das romanticadas; é analytica. “Um Estadista do Imperio” continua a ser, ainda, o melhor modelo para os que entre nós se derem ao trabalho de historiar a politica nacional em torno da vida de algum de seus chefes.

As emoções ou lições deste livro manam dos factos, jamais da intenção de quem os reconstituiu, sem silencios nem exaltações intencionaes. Não se andou de cabeça alta buscando zimborios e cumiadas. Vêr somente pincaros não é vêr tudo. Aquellas epocas tinham verso e anverso, e aquelles homens não haviam de possuir somente virtudes. Não se apresenta aqui algum modelo canonico de santidade inatingivel; pintou-se a realidade humana: o heroe sem milagres, a verdade com possibilidade, as vicissitudes e oscillações das carreiras politicas, tanto em suas elevações como em suas fraquezas.

Não escapará ao leitor a importancia dada pelo autor á correspondencia, ás cartas, de cuja transcripção talvez abusasse. E' que, de entre quantos documentos guardam archi-

vos e bibliothecas, nenhuns outros possuem igual poder de resurreição, capaz de fazer presente o passado, tanto nas particularidades dos factos como nas características subteis dos homens.

Demais, se Cotegipe guardara tanto em ordem a sua correspondencia, é que visava ajudar a historia.

Elle bem via que na acção do homem publico ha muito de theatral. Lances parlamentares e attitudes governamentais são, muitas e muitas vezes, espectaculos. Dois terços da acção politica visam um auditorio, uma platéa; objectivam os applausos dos contemporaneos ou dos posteros.

Ainda fazendo praça de ser a ellas insensivel, Cotegipe estimaria as acclamações... e evitaria os apupos. Bem é que, de quando em quando, esquecia o papel e, no palco politico, mais vivia que representava. Havia, porém, uma espectadora, no fundo do theatro que elle não desfitava, esperando o comprehendesse, ainda quando o não applaudisse. Essa assistente constante era a historia, o futuro. A guarda ordenada de seus papeis é como um relance ás galerias da posteridade.

Este livro nem apupa nem applaude — comprehende e expõe.

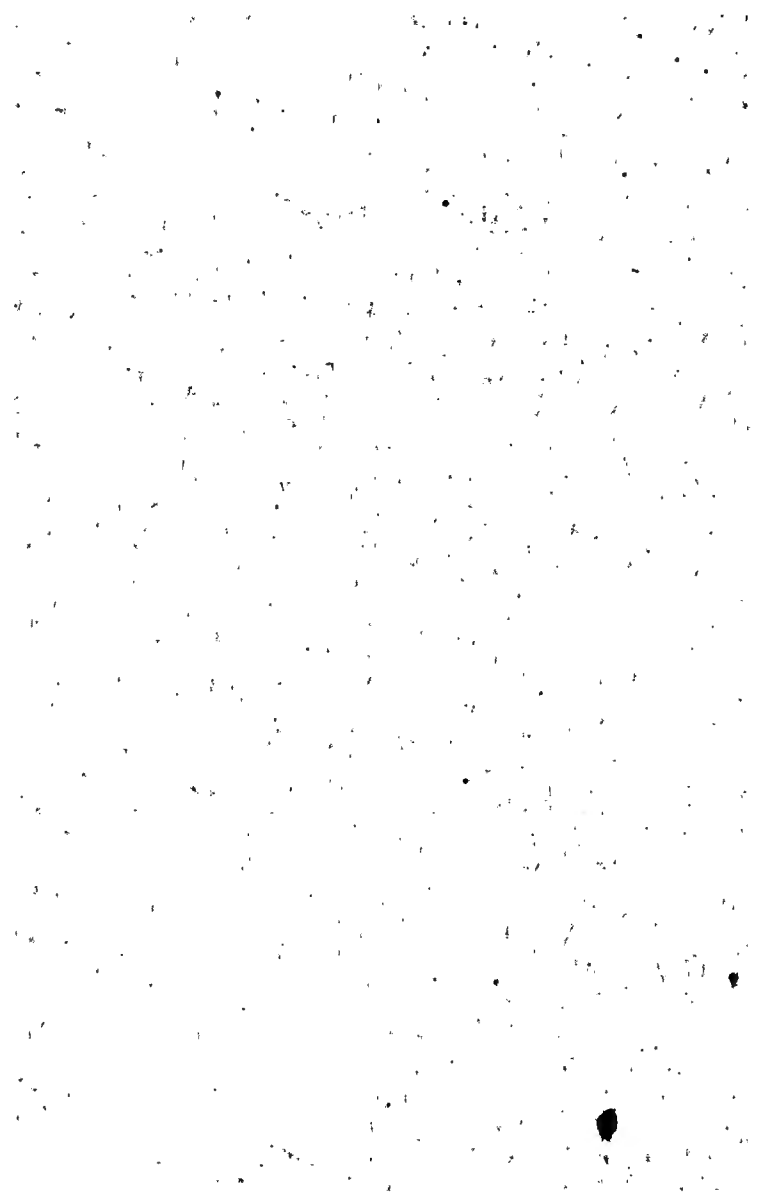
ORIGENS E COMEÇOS



Familia. Infancia

I — OS WANDERLEY. — O CAPITÃO-MÓR JOÃO MAURÍCIO WANDERLEY. — LUCTAS DA INDEPENDENCIA.

II — FAMILIA MATERNA. — FAÇANHA DE MENINO AFOITO. — PARTIDA PARA OS ESTUDOS.



A primeiro de novembro de 1815, na freguezia de S. Francisco das Chagas da Barra do Rio Grande baptisou e poz os Santos Oleos, de licença minha, o reverendo André Affonso de Oliveira a João, nascido aos 23 de Outubro do mesmo anno, filho legitimo do Alferes João Mauricio Wanderley e de D. Francisca Antonia Wanderley, moradores nesta Villa. Foram padrinhos Felisberto Caldeira Brant Pontes (1) e João Bento Antas Coelho, de quem apresentou procuração o capitão José Mariani e o capitão-mór João Barretto de Sá Menezes; do que para constar mandei fazer este assento em que me assignei. O vigario Manoel Francisco de Paula Negroão”.

Com este passaporte começou sua dilatada viagem de mais de setenta e tres annos, o que seria na historia Barão de Cotegipe. Vinha apadrinhado por um general, politico e diplomata, e trazia no sangue uma longa tradição ancestral.

Quando dominaram os hollandezes em Pernambuco, não raros, constituindo familia e emprehendendo negocios proprios, se desligaram da Companhia das Indias, e permaneceram no Brasil, onde lhes ficou a descendencia.

Entre esses, que assim preferiram seguir a sorte de uma nova patria, lembra a historia: Hoogstraten,

(1) O futuro Marquez de Barbacena.

Francisco de Brá, Wensel Smit, Jacob Flemming, Barent Hendickiz, Albert Gerritz Wedda, Gaspar van der Ley.

Van der ley ou Wanderley, como vieram depois a corromper-se os seus appellidos, capitão de cavalaria, de nobre prosapia, conforme attestou Mauricio de Nassáu, citado por Borges da Fonsêca na "Nobliarchia Pernambucana" (1) foi um dos que, por occasião do cerco do Pontal de Nossa Senhora de Nazareth se declararam pelo partido brasileiro. Casado com Maria de Mello, filha de Manoel Gomes de Mello, senhor do engenho Trapiche do Cabo, da melhor linhagem pernambucana, neta de Arnáo de Olanda e de Christovão Lins, povoadores quinhentistas daquela capitania, foi fundador da familia Wanderley, de grande e illustre progenie no norte do Brasil.

Era trisneto de Gaspar aquelle João Mauricio Wanderley de que dá noticia a citada "Nobliarchia", como sendo menino ainda em 1748 e que, segundo tradição de familia, vivendo com fausto superior ás suas posses e a seus encargos, se deparou, em fins do seculo XVIII, em graves difficuldades financeiras.

(1) "João Mauricio, pela graça de Deus príncipe de Nassau, Conde de Vlianden e Dietz, Senhor de Bilstein, Mestre da Ordem Teutonica de S. João, Governador por Sua Serenidade Eleitoral de Brandemburgo, Mestre de Campo General das Provincias Unidas dos Paizes Baixos — Fazemos saber aos que a presente virem que porquanto o Sr. João Mauricio Wanderley que prezentemente assiste em Lisbôa, nos pediu que lhe quizesse dar uma certidão de nobre progenie de seu pay, e avós, portanto certificamos que seu pay e avós e todos os que tiveram e ainda hoje teem o nome de Wanderley, sempre foram do Sr. Eleitor de Brandemburgo, honrados com os principaes cargos, officios e dignidades nobres de sua patria, nos quaes serviram sempre com muito louvor e honra. Em fé da verdade mandamos despachar a presente sobre a nossa firma e sello. Dada em Singen aos 20 de dezembro de 1668 annos. — João Mauricio, Príncipe de Nassau (sello).

Desilludido de heranças e auxilios paternos, seu filho e homonimo procurou o sertão do S. Francisco, onde contava lhe seria dadivosa a fortuna.

Cerca de 1792 installou-se o quarto João Mauricio Wanderley na Villa de S. Francisco das Chagas da Barra do Rio Grande, como contractador dos dizimos, para colher desse contracto e de outros negocios, por via de sua diligencia e habilidade, fartos lucros, e avantajada fazenda.

Larga influencia social e politica grangeou sem tardança, occupando naquella villa varios postos de governo: — almotacé, juiz ordinario, juiz de orphãos, thesoureiro dos ausentes, vereador... Dizem documentos coevos que “hera homem probo por morigeração, religião, e todas as qualidades que exige um bom cidadão”, “abastado de bens com casa estabelecida, na possessão de muitos bens de raiz, tratando-se por si e por seus antepassados sempre decentemente e a ley de nobreza”, e que jamais servindo “officios vis, todos os seus antepassados foram conhecida-mente nobres”.

Por volta de 1822, transferindo residencia, por interesses economicos e politicos para a Villa de Campo Largo da Constituição, quarenta legoas acima, no Rio Grande, ahi permaneceu, feito capitão-mór, de 1822 a 1829.

Ao chegar D. João VI ao Brasil offerecendo-se o velho Wanderley á camara da Villa da Barra para ir ao Rio de Janeiro, á sua custa, beijar a mão de sua alteza, levar-lhe as homenagens daquella corporação e um donativo, emprehendeo longa viagem “desamparando a sua familia e seus interesses”. Partio em Janeiro de 1809 e só em Setembro alcançou o Rio, de-

pois de percorrer mais de quatrocentas legoas “consumindo esse tempo na jornada que fez, já por serções, já embarcado no caudaloso rio S. Francisco, e já soffrendo enfermidades que o puzeram em grande risco de vida e que motivarão parte da sua demora” (1).

Em 1817, “por occasião da malfadada insurreição de Pernambuco, quando parte do continente se achava duvidoso da sublevação”, no dia 17 de Junho, proclamou ao povo que, com o capitão Manoel Barbosa Braga, convocára á praça, alçando a real bandeira e salvando-a “com publicos e altos vivas e com repetidos tiros de alegria”; e não contente com taes provas de fidelidade monarchica propoz-se á camara da Barra para ir em missão de solidariedade junto ao Conde dos Arcos.

Viajou então “escoltado nos perigos de vida de muitas pessoas que o defendião”. Quando partio com uma comitiva de sete homens dos quaes tres escravos, levava um passaporte que lhe deu a camara, e que o retrata já iniciado nas cans e nas devastações da meia idade: “Capitão João Mauricio Wanderley, homem branco, viuvo, morador nesta Villa da Barra, arranchado e estabelecido com bens moveis e de raiz, homem de estatura alta, olhos grandes, pretos, cara proporcionada, barba não muito fechada, suissas grandes, com alguns cabellos brancos tanto na barba como na cabeça, com falta de dentes no queixo superior na frente, hum tanto secco de corpo, mãos pequenas e dedos delgados e bem feitos”.

Sempre o primeirô na adhesão dynastica e na reacção ás rebeldias, não admittia lhe disputassem a honra de render preitos e homenagens ás pessoas reaes: se morre D. Maria I manda celebrar á sua custa so-

(1) Manuscrito da Bibliotheca Nacional, C. 792 — 2.

lemnes exequias “com aquella pompa devida a huma pessoa de tão alta consideração e que permittia o logar”; se D. João VI é exaltado ao throno toma a si, para seu bolsinho, solemnizar o acontecimento.

As luctas da independencia iriam revelar o melhor de seu patriotismo e o mais forte de suas energias.

Chegavam até ao S. Francisco os ecos da grande campanha no Reconcavo bahiano em 1822-1823; até alli atronava o longinquo rebôar da guerra contra Madeira. Ia tambem agitar-se o sertão.

Não tardou o capitão-mór Wanderley em se aprestar aos serviços bellicos. Junto ao seu collega da Barra — João Barretto de Sá Menezes — proclamou aos povos, fazendo correr bandos; convocou contingentes a serem enviados ao exercito pacificador e mandou apromptar os pelotões da villa de seu commando. Recebendo de Labatut officio em que lhe agradecia “os voluntarios offerecimentos”, multiplicou attenção e diligencia, assim para a Bahia como para Pernambuco, de onde tambem lhe veio o reconhecimento da junta governativa por seu “zelo e actividade”.

Gemia por aquelle tempo o Piauhly sob o guante de Fidié que, de Oeiras, ameaçava todo aquelle sertão. Receiavam os ribeirinhos do S. Francisco incursões de sua tropa reinol. Procura o capitão-mór organizar a defeza. Solicita armas e munições da junta de Pernambuco, que o incumbira de dirigir com os capitães-móres visinhos a resistencia, e, de commum accordo, todas as providencias necessarias em pról da causa da independencia. A 1.º de Março de 1823 officia a Labatut dando-lhe parte das suas proclamações de soccorro ao exercito pacificador, das noticias chegadas do Piauhly, da demora em receber armas e munições,

da feliz nova posterior de já haver o Piauhy proclamado a independencia. Insiste em patrioticos offerecimentos: “no caso de inda precisar de gente haja de me mandar as suas determinações que immediatamente ponbo-me em movimento com todos quantos puderem marchar, e eu á frente delles para fazer o ultimo sacrificio em dar pela defesa da patria a minha vida, que desde já a offereço como o maior bem que possúo, e igualmente offereço, sendo necessario, todos os meus bens para a dita defesa, e até as joias do ornato da minha familia. Estes meus puros sentimentos são nascidos do fundo da minha alma e da adhesão que protesto e jurei á face do Deus dos Exercitos perante o Povo e Camara do meu districto, que todos se achão ligados aos meus votos e de todo o *Brasil*”.

Responde-lhe Labatut, de Cangurungú, a 4 de Abril, em encomiastico officio, ordenando-lhe “marchar com a gente que pudesse e armada da melhor forma possivel a soccorrer a Provincia do Piauhy”, e auxiliar á sua junta temporaria a expulsar os portuguezes da villa da Parnahyba (1).

Organisa Wanderley a expedição que commandaria. Dispõe as forças: — officiaes e praças. Aco-dem ao toque de reunir o capitão do Rio Preto — José Marques de Carvalho, o do Rio Branco — Joaquim José dos Santos, o do Brejo Grande — Ignacio Tavares da Camara, o de Cima da Serra — José Francisco de Paula Nobre, o da primeira companhia — Manoel da Cunha Figueiredo (2), o da quinta companhia — Jacinto José de Oliveira.

Estava a pique de marchar o pequeno exercito — aprasado o dia 15 de Julho de 1823 para a par-

(1) Vide Diário do Governo de 26 de Maio de 1823.

(2) Pae do Visconde de Bom Conselho.

tida. Chegaram porem, ao capitão-mór de Campo Largo noticias do successo alcançado em Recife pelas intrigas e tramas urdidas por seus adversarios o commandante de cavallaria José Joaquim de Almeida (1) e o sobrinho deste, José do Rego Macedo, ambos desejosos de despojar a Wanderley de seus postos, e que o haviam denunciado á junta pernambucana como adheso ao partido portuguez, a despeito de tantas e tão eloquentes manifestações em favor da independência.

Vinha esta intriga seu tanto porque Wanderley evitara fosse sacrificado aos furores do patriotismo lusophobo o magistrado portuguez João Carlos Leitão, que, nomeado dezembargador na Bahia, com a commissão de installar a nova comarca do S. Francisco e a nova villa de Campo Largo, tivera a má sorte de chegar ao interior do Brasil quando se processavam as luctas da independencia.

Narrou Leitão, num opusculo (2) a sua accidentada viagem do Reino ao Brasil, em meio da qual veio a saber da revolução de 1821 na Bahia e da aclamação da constituição, deposto o conde da Ponte; sua arribada a Victoria; a chegada á Bahia, ainda agitada do furor revolucionario; a partida para o sertão; a correição; as installações de comarca e villa.

(1) José Joaquim de Almeida deve ser aquelle a quem se refere Burton no seu livro "Exploration of the Highlands of the Brasil" como tendo sido o primeiro a levantar a idéa da criação da provincia do S. Francisco em 1826. Labatut o arrolou como uma das testemunhas de sua defesa. A scisão entre Wanderley e Almeida, acolitado pelo Rego Macedo e pelo Padre José Lucio do Bomfim, teve por espoleta a prisão determinada pelo capitão-mór de um pardo sapateiro revoltoso Angelo Pereira Bastos, pessoa da casa de José Joaquim de Almeida. Este, como seu filho e omonimo, residia, em 1848, na Villa da Barra.

(2) João Carlos Leitão — "Memoria Justificativa do Dezembargador da Relação da Bahia J. C. L. sobre as causas extraordinarias que demoraram a sua retrada para Portugal até ao anno de 1824".

Já o sertão trêpidava. De volta de Pilão Arcado sentiu-se Leitão sem coragem de desembarcar na Barra. De uma e outra margem do S. Francisco ouvia o grito sedicioso: "morrão os portuguezes", "morrão os marôtos". Houve de continuar a viagem até Carinhanha, onde a custo conteve ameaças de aggressão e convenceu aos patriotas que a sua missão era de ordem e paz. Os sertanejos — dizia elle — recebiam de Cachoeira "ordens secretas por pessoas de alta estôfa, que por então davam a lei e os raios da revolução"... "tudo portanto corria ás armas e chamejava em rancor e vingança".

Difficil tornava-se a retirada, dir-se-ia melhor, a fuga do desgraçado magistrado. As estradas do Maranhão, de Pernambuco e Bahia "estavam já cortadas pelas armas dos insurgentes e regadas de sangue europêu". Mal pôde Leitão partir por Malhada para Minas e para o Rio de Janeiro, deixando na Barra, sequestrados pelos revolucionarios, livros, roupa, provisões e algum dinheiro (1).

Impedido de partir para o Piauhý não tira todavia, Wanderley, o pé do estribo; dispara em busca

(1) No correr da sua narrativa accusa Leitão a certas autoridades sertanejas, cujos nomes não cita, que o haviam hostilizado. Uma dellas espalhara o boato de que Leitão se achava á frente de europeus armados em Carinhanha e em correspondencia com os das villas de Caeté e Rio de Contas, contra a causa do Brasil, e isso officlara á junta de Recife. A uma dellas tambem accusa Leitão de lhe ter preparado o assassinio pelos seus sequazes. A este respeito invoca o testemunho de Wanderley: "Assim o declara um manifesto do capitão-mór de Campo Largo João Mauricio Wanderley, impresso em Pernambuco". Transcreve Leitão em nota o seguinte trecho deste manifesto: "Dispondo dictatorialmente (a tal segunda autoridade) dos negocios militares e os mesmos ecclesiasticos, pondo e depondo vigarios com os seus embustes e calumnias contra ecclesiasticos sustentado por amigos que tem no cabido, que se acham illudidos por elle, só lhe faltava empolgar a autoridade judiciaria, por cuja razão taes perseguições moveu ao ouvidor da comarca João Carlos Leitão que este magistrado julgou mais prudente seguir o exemplo de José do Egypto, largando a capa a Zoleika, fugindo para o Rio de Janeiro, do que defender-se em seu logar, com risco de cahir nas mãos de um assassino".

de Recife, devorando, avido e sofrego, quasi trezentas legoas de viagem mortificante. Ia defender-se, mas não esmorecia em dedicação á grande causa. Mesmo de caminho officia ao sargento-mór Antonio Ignacio Albernaz, determinando-lhe medidas para a prompta marcha da expedição; offerecendo seus bens para as despesas necessarias, pois não duvidava "fazer todos os sacrificios a bem da conservação do Throno Imperial e da Nação".

Mal chega a Recife, publica um manifesto (1); convence a junta governativa da burla em que cahira e recebe plenas satisfações. Reconhecendo a junta haver agido por informações filhas da intriga e malquerença, considera sem o menor effeito as suspensões anteriormente decretadas, e acrescenta declarações que fortalecem Wanderley contra a opposição da camara da villa da Barra, que "não tinha direito algum de commando sobre as outras camaras, por ser-lhes em tudo igual".

Emquanto isso, em Campo Largo se haviam procedido a novas eleições de capitão-mór e mais postos; a junta pernambucana, porem, as annullou "visto ter demonstrado o capitão-mór João Mauricio Wanderley, com provas irrefragaveis toda a cabala urdida por pessoas inimigas que pretendiam menoscabar a sua reconhecida adhesão á causa do Brasil, envolvendo-se na sua ruina outras pessoas que lhe eram affectas, tudo com desprezo das leis e falta de verdade para com o governo".

Voltava agora ao sertão, triumphante de todo o enredo de seus contrarios, fazendo-se acompanhar a suas expensas de soldados de cavallaria, afim de ins-

➤ (1) Vide João Carlos Leltão "Memoria Justificativa" pag. 17.

truir as ordenanças de seu commando e tel-as promptas para qualquer invasão.

Em 1 de junho de 1824 vamos encontral-o em Campo Largo, a promover a acclamação da constituição outorgada por Pedro I.

O seu alferes, acompanhado de dois sargentos e quatro soldados, a fom de caixa apregoara o edital de convite a toda a gente a comparecer á villa. No dia aprasado, após a missa festiva e solemne, apparecia o capitão-mór no adro da Matriz. Trazia a farda dos grandes dias: calções e meias brancas; sapatos bocca de vacca, com ourela alta ornada de fivelões de ouro; banda vermelha atada á cinta com borlas pendentes á direita sob a casaca azul clara de muitos botões, e, platinas nos hombros. Apertava sob o braço esquerdo o chapéo bicorné á Bonaparte, mãos nos copos do espadim de bainha negra, emquanto, imperioso e hirto, ouvia a leitura, pelo sargento-mór, da enthusiastica proclamação que redigira, e em que promettia pôr barreira a tudo o que offensivo fosse a Pedro I é tudo fazer para gloria da nação e de sua magestade imperial.

Reservava outras expansões rethoricas para os brindes no banquete que em seguida offereceu.

Pouco depois abandona novamente o sertão em busca da Cidade do Salvador; "logo que a provincia de Pernambuco, allucinada com idéas quimericas de Republica, principiara a dividir-se naquelle nefando partido", como disse numa petição em que solicitava ao presidente da Bahia, Vicente Vianna, ser admitido a jurar fidelidade e obediencia ao imperador (1).

(1) 11 de setembro de 1824.

la tambem alli promover o andamento do recurso que interpuzera, e não tardaria a ser provido (1), num daquelles tão communs “processos politicos”, machinado na sua ausencia. Doente, após as duzentas legoas da viagem, “sem esperança de restabelecer-se tão cedo”, envia á côrte por intermedio do governo da Bahia, o auto de aclamação e juramento (2). Mal, porem, recobra saúde, embarca para o Rio de Janeiro, onde, “pessoalmente, perante Sua Magestade Imperial, justificou-se de todas as calumnias que lhe arguiram seus inimigos e foi pelo mesmo Imperial Senhor tratado com todas as mercês com que costuma recompensar seus fieis subditos”.

Pedro I o condecorou então com a venera de cavalleiro da Ordem do Cruzeiro (3).

Nesses lances da vida politica do capitão-mór João Mauricio Wanderley manifestam-se qualidades que seu filho herdaria — a tenacidade activa, o patriotismo exaltado, o desassombro, a franqueza sem refolhos, ainda vestida de fidalga urbanidade e tolerancia. A reacção á demagogia e o espirito conservador o velho Wanderley ia revelar ainda, em 1837, quando evitou que alguns exaltados forçassem a camara da villa da Barra a adherir á Sabinada.

II

Foi em 1808 que se casou o capitão mór Wanderley com Francisca Antonia do Livramento, filha de Francisco José Correia e Florencia Clara das Virgens,

(1) 11 de outubro de 1824.

(2) Vêr Diário do Governo, 30 de outubro de 1824.

(3) Decreto de 12 de fevereiro de 1825.

das melhores familias daquella região, por ascendencia e allianças. Era Francisca Antonia neta materna do sargento-mór Braz Martins de Rezende, portuguez da ilha de S. Miguel que, segundo tradição da familia, fora a primeira autoridade militar da recém-creada villa da Barra, onde se casou com Laureana Maria da Conceição, genuina brasileira que seria para sua descendencia uma* como Arcoverde ou Paraguassú na linhagem de tantas familias do norte; e era Francisca Antonia neta paterna de Francisco Ribeiro Correia e Leonarda Ribeiro do Rego, portuguezes ambos e naturaes de S. Thiago de Anha, villa de Barcellos (1).

João Mauricio, o futuro Barão de Cotegipe, foi o quarto filho desse primeiro matrimonio do capitão-mór Wanderley.

O valor ou a curiosidade das genealogias está na antiguidade. As linhagens brasileiras na sua maioria param no installar-se do colonizador na terra americana, alliando-se com o caboclo. Os troncos genealogicos quasi todos são o europêo que chegou e a indiã que o recebeu. Pelo lado materno a prosapia do recém-nascido ia até a fundação do sítio que lhe ser-

(1) E' esta a ascendencia materna de Cotegipe, no Brasil:

Mãe — Francisca Antonia do Livramento.

Avós — Francisco José Correia (natural de S. Thiago de Anha, Termo da Villa de Barcellos, Arcebispado de Braga — Portugal) e Florencia Clara das Virgens.

Bisavós — (por parte de Francisco José Correia) Francisco Rodrigues Correia e Leonarda Ribeiro do Rego (ambos naturaes de S. Thiago de Anha) — por parte de Florencia Clara das Virgens) o Sargento-mór Braz Martins Rezende, natural da ilha de S. Miguel, Bispado de Angra e Laureana Maria da Conceição, natural da então povoação da Barra.

Fallecendo Francisca Antonia do Livramento a 12 de maio de 1817, o seu viuvo — o capitão-mór Wanderley contrahiu segundas nupcias com Maria Mariani, sobrinha de sua primeira mulher. Este segundo casamento lhe accresceria a prole de seis filhas.

Primos, por via materna, de Cotegipe eram os Conselheiros José e Francisco Mariani e Francisco Bonifacio de Abreu, Barão de Villa da Barra.

vira de patria, á integração da aldêa de indios do rio S. Francisco no Brasil colonizado. Pelo costado paterno ia aos primordios do povoamento pernambucano, ao casal luso-indigena do primeiro seculo, com enxerto flamengo no periodo da dominação hollandeza.

Decorreu-lhe a infancia, supprido o desvelo materno, que perdera aos dois annos, pelo carinho dedicado de sua irmã Anna Francisca, entre as fazendas e as duas villas da Barra e de Campo Largo, á maneira do tempo, num ambiente de abastança sertaneja: noticias tardas; compasso moroso da vida lenta; longas viagens e demoradas estadias em casas de parentes; escogitar de tricas da politica local, com lances de mando orgulhoso; ferras e boiadas; escravos, mucamas, crias e "positivos" viajeiros; missas, officios de sabbado e semana santa; festas do Espirito Santo, em Campo Largo, e de S. Francisco, na Barra, com novenas e fogos, procissões, cavalhadas e cheganças; jantares sem convivas feminos; dominio imperioso dos homens e submissão recolhida das mulheres; e uma nota de luxo desproporcionado nos habitos e do mais "polido cavalheirismo e extrêma delicadeza das maneiras que rivalisavam com a dos habitantes de uma côrte das mais civilizadas" (1).

Não restou destes seus primeiros tempos outra tradição que a de um episodio recontado de sua coragem precoce de nadador perito.

(1) A opinião de Halfeld sobre os habitantes da villa da Barra não podia ser mais lisonjeira: "o character nobre e leal que manifestam os habitantes da villa da Barra, em todas as suas acções civis e religiosas, particularmente das familias de maior distincção, faz reconhecer que reina franqueza, o mais polido cavalheirismo, e em extremo delicadas maneiras na vida social que rivalisam com os habitantes de uma côrte das mais civilizadas, o que, como tenho com admiração observado, tem produzido uma influencia notavel e benefica sobre o desenvolvimento moral e bons costumes do povo da classe inferior, que é na verdade, na villa da Barra do Rio Grande, extremamente docil e pacifico" (Halfeld, "Relatorio" pag. 90).

A casa de uma das fazendas ficava proxima ao rio, onde se ia banhar com frequencia o rapazola. Muitas vezes, da varanda, via elle subir, por traz das capoeiras, a nuvem de pó que annuncia as boiadas, e logo surgir, na estrada, a massa rythmada dos rebanhos, cerrada, unida, "batendo chifres", ao aboio monotonico dos vaqueiros encourados. As rézes avançando, moderavam, em dado instante, a andadura do passo viajero; farejavam no ar o cheiro do rio proximo; e logo se despejavam, precipites, na sua ancia de beber. Fartas d'agua, ventres dilatados, não havia como depois, aos boiadeiros, incital-as ao nado, para a travessia do largo rio espraiado. Debalde as espicavam as pontas das "guiadas"; em vão resoavam, entre mil "eias" insistentes, os seccos estalos dos chapéos de couro agitados com força, a baterem nas canelleiras e nas ancas dos cavallos, o estrepito das largas chibatas matraqueando sobre os peitoraes. Nada espanta, nada consegue abalar a boiada medrosa. Um dos conductores tira, então, as vestes de couro para seu mister de "passador" (1).

(1) Sobre este costume, ver o que diz Capistrano de Abreu: "No tempo do intrepido Frei Martin já se realisara uma invenção que aglo de modo extraordinario sobre a nossa historia e a modelou em parte. Um genio anonymo, tumulo que nunca será conhecido nem visitado, inventou o meio de passar o gado nos rios caudalosos. "Na passagem de algum rios, informa Antonil Andreoni no seu livro sobre a cultura e opulencia do Brasil, um dos que guiam a boiada, pondo uma armação de boi na cabeça e nadando, mostra ás rézes o vão por onde hão de passar" (Caminhos antigos e povoamento do Brasil, pags. 81 e 82).

Ver ainda João Carlos Leitão, "Memoria Justificativa", pag. 31: "Do lado opposto da Barra do Rio Carinhanha ha barca real paga para a passagem de ambos os rios, bem como no sitio do Matto, povoação proxima ao Corrente, e nas Villas da Barra e Pilão Arcado; andam arrendadas triennialmente. e o seu rendimento é remettido á junta da fazenda de Pernambuco. Usa o gado vaccum atravessar a nado e é para dizer-se o ardil porque os passadores o conseguem. Encurralado o gado em um cerco de estacaria junto ao rio, lança-se a nadar um homem, e só com uma gorra de couro na cabeça, armada de duas grandes hastes de boi, e ao mesmo tempo, de terra tocam e aguilhoam a boiada a qual entra n'agua e vae seguindo o guia até a outra banda".

Certo dia o jovem Wanderley arrojou-se á façanha. Rapido, fugindo á vigilancia caseira, tomou, audaz, da gôrta encourada com sua armação de longas aspas; atirou-se ao rio incutindo animo á manada tímida, que, vencida a hesitação, nadou na esteira daquella fingida rêz. E, serena, com a galhada levantada, pescoços estendidos num rictus de ancia, chavelhos apontando para o céo, a longa fila de bois atravessou o S. Francisco, no rastro do menino afoito.

Com o professor publico de Campo Largo aprendêra as primeiras letras, e os preparatorios para o curso juridico de Olinda na villa da Barra, nas aulas de lingua latina e franceza, geographia, historia, e de philosophia moral e racional, de cujos bancos, naquelle remoto sertão, para famas grandes de illustres, sahiram, como elle, entre muitos: José Bento da Cunha Figueiredo (Visconde do Bom Conselho), Francisco Bonifacio de Abreu (Barão de Villa da Barra); e os Conselheiros José e Francisco Mariani.

Ao entardecer, de volta das lições, atravessando a praça, a rua do Rosario, e a do Sacramento, passava o estudante para alem da casa paterna até mais á beira do caes sujo, com a sua confusão de vendedores de peixe, pilhas para o embarque, jógos de marinheiros e boiadeiros, canôas atestadas, "ajoujos" repletos, e as grandes barcas de carrancas á prôa. Um largo panorama se lhe estendia ante os olhos, desde o esverdeado Rio Grande, atravez a ponta do Laranjal, com pussás, umbús, e mucurys espetando o horizonté. Verdeciam as "vazantes", pontilhadas de gado a pastar, e para alem, distante e barrento, o S. Francisco corria emparelhado com o affluente. A leste e sudeste, isoladas na planura, azulavam longe os recortes me-

lancolitos e os perfis mysteriosos das serras do Assuruá e da Itacoatiára...

Como era estreito o ambito daquellas balisas!... E fixava anciôso os picos que iria transpôr para os estudos; para Olinda; para a liberdade; para o mundo.

Em começo de 1832 partia em companhia de um irmão.

Calcava a tradicional estrada das boiadas, que a espaços encontrava resignadas — cabeça baixa, na recua das raças mestiçadas e no malhado multicôr das manadas de cem a duzentas rezes (1).

A caravana *navegava* parando nos pousos, com a rota traçada de agua em agua, e de dormida em dormida, em longas *travessias* de doze leguas, — subindo serras, varando caatingas, capoeiras e taboleiros, até ás mattas e massapês do Reconcavo rico, semeado de engenhos fumegantes e senzalas trêdas, pontilhado da brancura dos sobrados fartos e das bagaceiras trescalantes, em meio á coberta de retalhos verdes dos cannaviaes extensos.

Depois Cachoeira, com seus sobrados rodeando a casa da camara de arcadas fortes e janellas quadra-

(1) Ha no folk-lore sertanejo certa passagem de um "romance" que lembra que a designação "bolada" assignala um numero avançado de rezes — mais de duzentas. Só é boladeiro quem conduz esse numero de bois, quem conduz uma "bolada":

“.....
Oíha lá seu boladeiro
.....
Não sou boladeiro, não;
Navego com doze gados.
Não sou boladeiro, não.”

Outra variante:

“Você me chama boladeiro
Não sou boladeiro, não;
Sou tocador de bolada,
Boladeiro é meu patrão”.

das e, repleto de barcos, o Paraguassú, menos largo e menos bello que o S. Francisco distante, que lá ficava, correndo, entre terras amadas.

Por fim a Bahia (1): — a cidade baixa, apertada entre a montanha e o mar; pequena demais para seu commercio; cheia de ruidos tumultuosos de “ganhadores” e marinheiros, e escravos semi-nús e quitandeiras enfeitadas de ouros; atropelada de cadeirinhas, cavallos, caixas de assucar, rôlos de fumo, e pipas de aguardente, fardos, caixotes, saccos, couros e bruacas; e, no porto, junto aos trapiches, um mundo de navios e barçaças, levantando, ao vae-vem da resaca, os mastros nús, como lanças de piquetes de lanceiros bebidos. Afinal a Bahia: — a cidade alta com cem igrejas, e mil chacaras, e vastos edificios; a pesada casaria colonial onde pompeam riqueza e fidalguia; alpendres e rotulas mouriscas e o theatro enorme, ainda mal acabado.

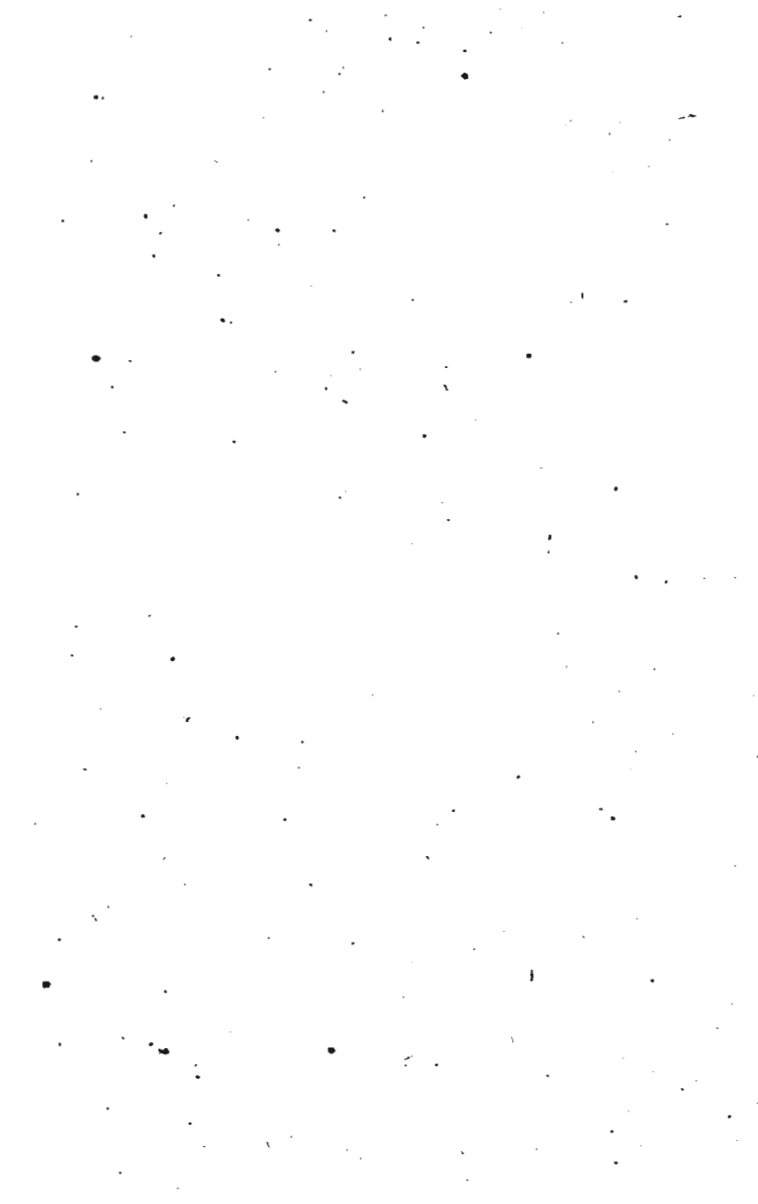
(1) Descreve a Bahia desse tempo Alcides d'Orbigny em “Voyage pittoresque dans les deux Ameriques”, 1836. Falla de seus valles verdejantes, das hortas que rodeiam os sobrados; do porto com navios ancorados ou com suas velas desfraldadas; das cadeirinhas que passam a cada instante, carregadas por dols negros, com sua cupula de plumas douradas, esculpturas, e reposteiros de musselina ou seda bordada. “Leur luxe, diz elle, consiste dans l'élegance du baldaquin, dans la richesse des rideaux moirés, et dans l'éclat du costume des nègres que les portent”. Lembra os esmoleres, devotos, de bolsa numa mão e chapéo na outra, e affirma: “la société de Bahia est douce, affable, polle, et renommée dans le Brésil pour ses bonnes manières. La haute classe a toutes les habitudes européennes avec le raffinement de luxe que comporte la vie créole. Le luxe s'est aussi introduit dans les classes marchandes et ouvrières”. Os homens trajavam a casaca á moda ingleza, as mulheres “avec le jupon, la chemise brodée et la cape que les entoure presque entièrement”. Avaluava a população em 12.000 habitantes 2/3 dos quaes negros. Elogiava o clima salubre, temperado, sem as endemias que devastam as zonas intertropicaes, a atmosphera purificada e refrescada pelas brisas de terra e do mar. “Les habitudes locales se ressentent du climat; on y mène une vie molle et peu active”.

E' sua esta descripção: “Rien n'égale le spectacle animé qu'offrent le port et la rade de Bahia, surtout aux veilles des fêtes. Il faut voir alors des milliers de barques, qui accourent de vingt et trente lieux á la ronde; il faut suivre le mouvement de ses quais, entendre les chants de ces nègres qui portent leurs fardeaux en cadence, considerer cette foule qui encombre le môle, le qual, la rue de la Praya et ses vastes entrepôts”.



Estudos. Em Olinda

- I — SERTÃO E LITTORAL. — NA CIDADE DO SALVADOR. — LIÇÕES ANTI-REVOLUCIONARIAS.
- II — VIAGEM PARA OLINDA. — AMBIENTE ACADEMICO. — POLITICO NATO. — UM PARTIDO DE AMIGOS.
- III — REGRESSO AO SERTÃO.



A novidade, a surpresa, para o rapaz sertanejo seria o mar e a feição monumental da cidade.

Os costumes, o nível de civilização, por aquelles tempos, pouco differiam entre o sertão e o litoral. As grandes diversidades se accentuariam muito depois. Si não era o mesmo o regimen economico: — agricola no reconcavo, pastoril no centro —, o polimento pessoal era quasi identico. A uniformidade das aulas publicas igualava a base de cultura dos espiritos; o alicerce politico que já era a magistratura mantinha uma corrente de communicações frequentes entre as salas das sessões das assembléas e as salas das audiencias das comarcas do interior. As commodidades urbanas por sua vez — a agua encanada, o gaz, o calçamento, a illuminação, os transportes rapidos — ainda estavam por vir, ainda não tinham separado em contrastes vivissimos a vida das cidades e dos campos. O S. Francisco estava mais perto do Reconcavo do que a cidade do Salvador da côrte, ou da Europa. A navegação a vapor é que iria depois encurtar distancias ou modificar no littoral usos e praticas. As viagens a vela apartavam a Bahia e o Velho Mundo civilizado em não menos de 40 dias de travessia perigosa e incommoda — pejada dos riscos do naufragio, da hypocondria, das calmarias, do escorbuto. Menos demoradas e temerosas eram as viagens por caatingas, ta-

boleiros e serras, em costado de burro, para o sertão ainda não recolhido ao seu isolamento. A circulação, por isso mesmo que a navegação dependia de monções e ventos, fazia-se muito pelo interior. Caxias, em meio á jornada do Maranhão á Bahia, devia a sua prosperidade a ser um entreposto (1). A Villa da Barra outro tanto. Patroni em 1829 preferio fazer a viagem do Ceará ao Rio por terra para poupar á familia as torturas da navegação costeira.

Não perturbaria ao jovem Wanderley a adaptação a novos habitos e a muito diverso ambiente.

A propria atmospheria politica tinha alguma paridade com a do seu sertão — pelo menos igual era a xenophobia, o odio ao portuguez. O que lá faltava era a excitação revolucionaria, agitada pelas brisas do mar.

Molhando os pés nas praias da Bahia, Wanderley ia embeber o espirito na prevenção, diriamos melhor, no horrôr ás revoluções. Os ardores indisciplinados dos dezeseite annos receberam uma ducha congelante.

Fracassara a tentativa de Guanaes Mineiro em S. Felix (fevereiro de 1832): — as idéas de federação e republica lhe appareciam como objectivos impatrioticos, condemnados pela derrota. Ia ao demais conhecer em suas minucias a realidade prosaica das conspirações, despida das vestes fulgurantes dos programmas e das lendas de bravura e sacrificio. Um amigo, já estudante em S. Paulo, conhecedor de todo o trama, a que recusara dar collaboração — lhe communicava as lições da experiencia ponderada. Apri-gio José de Souza em palestras e passeios, e na visita

(1) Vêr Capistrano de Abreu "Ensalos e Estudos": "Caxias, cidade opulenta e populosa, situada a meio caminho dos que viajam do Maranhão á Bahia, e eram muitos naquella epoca, pois a navegação de vela não offerencia segurança na costa N. E. graças ao regimen dominante dos ventos..." (pag. 18).

generosa ao chefe da revolta malograda, preso no Forte do Mar, extinguiu para sempre na alma de Wanderley pruridos de destruição e rebeldia, e uma possível inclinação republicana. Cêdo marcava-se no seu espirito, o cunho conservador (1).

II

Um anno de estudos correu depressa.

A 6 de janeiro de 1833, ainda a ouvir as pandeiretas da vespera de Reis, embarcou Wanderley num paquete que estiraria a viagem por longos 22 dias, no vae-vem dos bordejos, a vencer a monção contraria. As lentas horas monotonas, á sombra das velas riçadas no tremulo das calmarias, enchia-as na palestra vivaz de um jovem, como elle intelligente e ex-

(1) "Retirei-me para a Feira de Sant'Anna (vinha de S. Felix onde recusara entrar na rebellão de Guanaes Mineiro) onde devia esperar um parente meu, e onde encontrei muitos dos meus amigos, entre outros um digno irmão do meu nobre collega que me está ao lado...

O Snr. Wanderley — Apoiado.

O Snr. Aprigio — . . . com quem estive durante a tentativa do Snr. Guanaes e com quem voltei depois para a capital. . . . Chegando á Bahia achei já alli o meu amigo o Snr. Wanderley que tinha vindo para concluir seus estudos preparatorios; elle sabe perfeitamente quaes são minhas opiniões, elle sabe que eu não estive occulto na Bahia, pois moravamos juntos e juntos passeiavamos.

O Snr. Wanderley — Apoiado.

O Snr. Aprigio — . . . o nobre deputado o Snr. Wanderley fez a honra de acompanhar-me até ao navio que me devia transportar para a cidade de Santos quando fui ver as accomodações que me eram destinadas e dirá se de volta não busquei o Forte do Mar . . .

O Snr. Wanderley — Apoiado.

O Snr. Aprigio — . . . onde se achava o Snr. Guanaes Mineiro, e a quem manifestei os meus sentimentos de pesar por vel-o naquelle estado. Ora se eu fosse homem da revolução havia de ir para o Forte do Mar onde estava este chefe? Lá, ainda me recordo, tive de dizer em palavras brandas: "Meu amigo não succedeo o que eu lhe disse?" Dahi a poucos dias embarquei-me em busca da Academia de S. Paulo" (Do discurso de Aprigio de Souza na camera dos deputados, sessão de 24 de maio de 1851).

pontâneo, mais mordaz, mais maligno, mais crítico e menos alegre. A convivência os afeiçoava; Wanderley e Zacarias de Góes firmavam em camaradagem de convez uma amizade (1), vinte annos mais tarde transformada em emulação de adversarios que se não poupavam.

Em Olinda o esperava um conterraneo amigo da familia, a quem o capitão-mór distinguia com especiaes deferencias (2), e nomeara um dos "correspondentes" do filho: — José Bento da Cunha Figueiredo (futuro Visconde do Bom Conselho), como Wanderley nascido na villa da Barra e que, nesse mesmo anno de 33 concluiria os estudos.

Latim, francez, rethorica, philosophia racional e moral, arithmetica e geometria, eram os preparatorios para o curso, e para as cruezas da recepção devida aos calouros.

Seriam então os veteranos mais amenos. Ainda ninguem esqueçera a lição tremenda do assassinato de

(1) Num discurso no senado, — 23 de março de 1877 — dizia Zacarias: "... é uma queda que o orador (Zacarias) tem para o nobre Ministro (Cotegipe), desde os tempos felizes em que o orador metteu-se no dia 6 de Janeiro de 1833 com S. Ex. em um paquete na Bahia e chegaram em Pernambuco a 28 do mesmo mez! Ora nessa viagem de longo curso, ao pé da costa o orador não podia deixar de adquirir affeição ao honrado Ministro, como um certo amigo de S. Ex. e do orador, já fallecido, que allegava queixas contra S. Ex., mas sempre dizendo: "Seja como fôr quero bem ao Joãozinho" (Hillaridade geral).

O SR. FRANCISCO OCTAVIANO — E' o que succede aqui a multa gente" (Annaes pag. 129).

(2) Fallando no senado na sessão de 26 de maio de 1877 o Cons.º José Bento da Cunha Figueiredo dizia, de referencia ás suas relações com Cotegipe: "Essa amizade para mim era preciosa. Não era só antiga, era antiquissima; datava de nossos paes que erão amigos de boa tempera; e o do nobre ministro na minha idade juvenil, quando eu era ainda pungibarba, prestava-me tanta consideração que me confundia, pelo que ainda hoje respeito sua memoria".

Francisco da Cunha Menezes, filho do Visconde do Rio Vermelho, calouro da Bahia, que, reagindo, havia dois annos, aos motejos de um *bicho*, cahira na lucta, apunhalado no flanco.

Dentro em pouco integrado na vida academica, ao menos por solidariedade de collega, acompanharia Wanderley as desordens em que se desmandavam os estudantes, muitas vezes contra os lentes: — pobres lentes de 100\$000 mensaes, occupados no grangeio da vida a faltarem a deveres de mestres, suggerindo indisciplinas de alumnos. Assistiria, quiçá apoiaria, Francisco Joaquim da Costa Pinto, seu comprovincia-no e seu intimo, aggre-dir, irritado com o rigor desusado das provas no ultimo anno do curso, ao lente Pedro Autran, em 1836, anno em que haviam chegado ao auge as hostilidades entre academicos e professores, não raro atacados nos discursos de despedidas daquelles. E' que a muitos mestres fallecia força moral, ou pela desidia de faltosos ou pela demasiada mocidade que os não impunha aos discipulos, — ainda na vespera companheiros de folguedos e estudos.

Na convivência alegre dos condiscipulos os quatro annos do curso seriam pequenos se os não alongasse a saudade da familia, que só iria revêr em principio de 1838. "Cada vez mais os dias me parecem annos; enfim se Deus me der saúde haverá um dia em que te aperte em meus braços" — escrevia-lhe o pae. E as ferias em Olinda ou Recife decorreriam monotonas, não as amenisassem convites, como o de Sinimbu para fruil-as no engenho em Alagôas. Mas ao tempo do curso, — que delicia sob os palmares da costa, nas ruas e vielas de Olinda, estadear a ousadia

de estudante de farta mesada (1) em festas é espectaculos?!

Um dos divertimentos preferidos era o theatro, ora em Olinda, ora em Recife, para onde, aliás, Wanderley se transferiu definitivamente em 1836, procurando praticar na advocacia. As companhias de comicos revezavam as suas funções entre as duas cidades, e a rapaziada, toda pomposa de chapéos de castôr e colletes de velludo, batia-se, com applausos ou apupos, nos lances entusiasticos dos partidos de platéa. Se os saráos começavam cêdo, entravam por noite dentro. Alem da peça de folego — o drama de quatro ou seis actos — vinham a comedia e mais a farça, e a dansa, e os “duêtos afandangados”; e os trechos de musica pela orchestra. Um jornal do tempo annunciava: “Theatro do Recife — Grande e sumptuoso espectaculo em beneficio particular. Amanhã, 21 do corrente dará principio ao espectaculo a magestosa ouverture — “A cassada de Henrique V”, seguir-se-á a representação da insigne peça — “José II Imperador da Allemanha” composição do insigne poeta Antonio Ricardo. — No fim do primeiro acto se executará na orchestra a excellente peça de musica “O Califa de Bagdad”. — No fim do segundo acto se executará a “Senerontela”. — No fim da peça se cantará o duetto “Pela bocca morre o peixe”. — Seguir-se-á a excellente ouverture “A entrada dos Turcos em Argel”. — Dando fim ao espectaculo com a mui excellente farça “O absolutista castigado” (“Quotidiana Fidedigna” Recife, 20 de julho de 1833).

(1) No seu anno de formatura a despeza com o bacharelado João Mauricio Wanderley Junior subia em fevereiro de 1837 a 1:000\$000. Ao lembrarmos que Saraiva em 1842, em S. Paulo, se contentava com uma mesada de 40\$000 para todas as despezas, podemos avalliar das larguezas de Wanderley entre seus collegas.

Olinda era uma aldeia grande perturbada na sua quietude silenciosa pela alacridade e pelas violencias academicas. Vagavam os rapazes pelos claustros conventuaes dos beneditinos, que abrigavam a academia, e pelas ruas vasias e bucolicas, ora em serenatas, em que resoava a voz sempre applaudida de Saldanha Marinho (1), ora em comicios politicos e reacções de indisciplina. E redigiam jornaes e pamphletos, reflectindo em impetos e emphases o ambiente fervilhante do tempo.

Aquella geração de academicos era integralmente politica. A juventude não se tocara ainda de romantismo e poesia. Mais tarde é que as tertulias seriam, ao emvez de debates partidarios, outeiros, onde cantava a musa dos vates.

O Brasil revolvía-se no cháos revolucionario da menoridade como uma massa fervente, buscando um molde para a cristalisação. O espirito dos que surgiam para a vida publica soffria a influencia daquelle espectáculo.

O ambiente apurava, aliás, em Wanderley, tendencias congenitas.

O desembaraço do seu humour exilava pieguices. Si se aventurasse um dia aos versos seria antes em epigrammas e satyras do que em idyllos e eglogas. Nada lhe desenvolvera na infancia o devaneio, o idealismo sonhador, o extase poetico. Seus primeiros annos haviam decorrido num meio pratico, utilitario, cheio

(1) "Eis ahi o velho Saldanha, cantador de modinhas em nosso tempo de Olinda e hoje ao salario dos maçons" (carta de Penedo a Cotegipe).

Olinda quieta e silenciosa. Desse cocego guardava Zacarias uma impressão viva. Um dia fallando na camara (16 de junho de 1851) dizia "mais silencio e retiro que em Olinda, só nos tumulos". Lêr sobre isto os discursos dos deputados Villela e Rezende nas sessões de 26 e 31 de agosto de 1852.

de realidade e de lucta; e lhe faltara então o suave amortecedor da ternura materna. A nostalgia dos cantadores á viola — quadras, cantilenas e modinhas — não lhe bastava para vibrar as cordas intimas; e a musica, tão do gosto daquelles sertanejos (1), apenas lhe embalara a imaginação.

Tudo nelle era a possibilidade, a realidade, o momento, a acção, o dynamismo pragmatico. Nascera para mandar, para governar, para combater.

Já vinha do berço e de casa embebido de politica. Tinha apenas seis annos quando a revolução de 1821, secundando a de 1817, levára até aos sertões écos e repercussões de seus motins. Aos oito ouvira espantado o entrebater de armas e brados de ordens, nos aprestos daquella expedição frustra de seu pae ao Piauhy, durante as guerras da independencia. Vira, pequenino, olhos lacrimejantes em partidas e regressos, durante as lutas de sua familia com José Joaquim de Almeida e seus partidarios. O ar que respirara nos primeiros tempos fôra o da xenophobia violenta, da hostilidade aos portuguezes, das explosões demagogicas, dos grandes episodios historicos, — constituinte dissolvida, rebelliões suffocadas, a abdição, a agitação confusa da regencia...

A consciencia se lhe despertara assim ao espectáculo das luctas locais e do grande drama da politica nacional. Tanto ouvia o sussurro das intrigas de aldeia, como a ampla e sonora resonancia das idéas de patria, independencia, liberdade.

(1) Abílio César Borges em seu relatório como director dos estudos na Bahia (annexo á Falla do Presidente Tiberio em 1856) dá testemunho do pendor dos bahienses pela musica. Propugnava elle a criação de uma cadeira de musica, assignalando a influencia desta sobre os costumes e acrescentava: "o povo mais amavel e mais hospitaleiro que ha em todo o interior de nossa Provincia é o da Villa da Barra; tambem é allí onde mais se cultiva a musica".

Ainda era estudante e já era politico. Da academia ajudava o pae a mantêr e consolidar a base de prestigio local sobre que havia de lançar em breve, elle proprio, a sua fulgurante carreira. De Olinda entreteinha-se com o capitão-mór sobre factos da vida partidaria do Rio S. Francisco. A uma carta em que pedira votos para o primo Mariani, respondia-lhe o pae (20 de agosto de 1836) haver mais candidatos que lugares e ter “á barba um partido *nosso rival*”. *Nosso*, de ambos, do estudante politico e do capitão-mór, que lá estava na brécha, activo e energico: “pelos boatos e bravatas do grande Felippé Nery, que cuidava de me aterrar, fiz uma representação contra elle, que corre impressa, do que me vieram valentes ordens, as quaes devo não só á minha justiça, como a certo amigo da Bahia; e com isso serenou tudo por ora, porem não haverá ser como ellés pensão, pois haverá rebater-lhes força com força e a tal respeito fico certo do que me expuzeste”.

Mas a politica, o theatro e as serenatas; as esturdias e noitadas; as festas de igreja e de rua; as palestras de adro e claustro; as cartas de jogar; a pilheria viva e o dito picante, com que intervinha muitas vezes nas contendas frequentes em que a emphase dos rapazes ia até quasi á briga, — não lhe impediam applicação aos livros. Dizia Penedo que Wanderley hobreará com os melhores estudantes de sua epoca: — Teixeira de Freitas, Nabuco, Ferraz, Souza Franco, Sinimbú, Furtado. Essa boa fama que o prestigiava perante o negociante Santos, um de seus correspondentes, satisfazia aos professores — Camaragibe, Autran, Trigo de Loureiro... e ás velhas relações da

familia. Essa boa fama chegava até a villa da Barra. Um dia o pae, todo ancho de terno orgulho, lhe escrevia: "muito me tem satisfeito o que me tem dito de ti" (1).

A 6 de outubro de 1837, com mais 54 collegas, dos quaes 16 bahianos formava-se Wanderley (2). Sahia de Olinda com relações que eram já um quasi partido de amigos, afeições que a sua seducção creára, capazes muitas de perdurar atravez ausencias, atritos ou divergencias, a despeito de emulações e refregas, de paixões e debates: Paula Baptista e Ban-

(1) "A mocidade academica do jovem Wanderley não teve traços de *enfant sublime*, que deixassem entrevêr o caracter resolutivo do futuro presidente, que soffreu o trafico dos africanos e o commercio immoral da moeda falsa na Provincia da Bahia; ou a eloquencia ironica e scintillante do formidavel inimigo do gabinete 3 de Agosto de 1866.

Sem se confundir na turba-multa que diariamente invadia os bancos acadêmicos, sem muito sobresahir aos collegas, o espirito do jovem Wanderley sopitava, permittão-me a expressão, embalado nas lições dos mestres.

A's vezes acontecia-lhe assistir a uma destas questões que todos tivemos na academia, e que são um dos poderosos estimulos da mocidade. Wanderley mordendo um riso malicioso, esperava os discutidores no tiple do enthusiasmo para cortar a polemica com uma phrase, ou uma só palavra impregnada daquelle finissimo espirito, que ha meio seculo poz ao serviço das grandes causas da nossa patria" (Fabiano, Perfil Biographico do Barão de Cotegipe, 1886, Typ. do J. do Comm.). Vêr a Biographia de Cotegipe por Ourem no "Le Brésil" de 15 de junho de 1887. Vêr J. Nabuco. "Um Estadista do Imperio", Vol. I, pag. 15, Nota.

(2) Penedo numas reminiscencias de Olinda que Nabuco publicou no primeiro volume de "Um Estadista do Imperio", diz: "A Bahia dava então maior contingente de estudantes do que todo o norte, o que talvez concorria para o bairrismo de provincia que então existia, mas como acadêmicos eram todos unisonos e solidarios" (pag. 14).

Houve tempo em que eram tantos os estudantes bahianos que surgiu a idéa de mudar para a Bahia a academia porque "só as matriculas dos estudantes que da Bahia vão para Pernambuco chegavam para cubrir as despesas da Academia, evitando-se assim as despesas excusaveis de viagens e outras" (Discurso do deputado Rezende, na sessão de 31 de agosto de 1852).

Pelos nomes pudemos identificar na turma de que fazia parte Wanderley (55) apenas 16 bahianos.

deira de Mello que ainda foram seus lentes; Francisco Mariani, Nabuco, Sinimbú, Alvaro Barbalho, a quem o uniam laços de parentesco; Teixeira de Freitas, Sampaio Vianna, Tiberio Moncorvo, Henrique Jorge Rebello, Fiuza, Liberato de Mattos, os dois Araujo Góes, os dois Madureira, Luiz Maria Moniz Barretto, Magalhães Castro, seus comprovincianos; Barbosa de Almeida, também bahiano e que seria seu advesario na provincia; e mais Alcoforado e Carvão Moreira...

Aquelles novos bachareis sahiam da academia para entrar nas assembléas; alguns já de Olinda pediam votos para as primeiras eleições (1). Havia falta de legistas. Os formados em Coimbra sentiam-se desacompanhados. Na Bahia: Jequitinhonha, Abrantes, Alves Branco, Ferreira França, Galvão, Gonçalves Martins estavam já reclamando os Wanderley, os Ferraz, os Zacarias. Si os postos iniciaes da magistratura os dispersavam, as assembléas legislativas os reuniriam. As cadeiras da representação politica eram prolongamento dos bancos academicos.

III

A Wanderley esperava, por emquanto, o sertão, onde o pae ancioso lhe velava o futuro, e já em julho lhe escrevia: "em Novembro hão de estar infallivelmente os animaes na Bahia para a tua subida, e tomara já te ver em meus braços".

(1) Vide Joaquim Nabuco "Um Estadista do Imperio", Vol. I pags. 18 e 19. Nabuco e Figueira de Mello estudantes preparavam as suas eleições á Assembléa.

la encontrar a Bahia inflammada na revolução (1).

Entreolhando o clarão e o fumo da Sabinada; fortalecendo, ante aquelle espectaculo de rebeldia, seu odio á desordem, enristava de novo com os mesmos caminhos de ha cinco annos.

A' pequena *tropa* de mulas fortes, com outras tantas "á dextra" para a remonta, e os cargueiros vergados ao peso das "bruacas", viajantes se agregavam, na solidariedade da defesa contra a aspereza da jornada e pela amenidade do convivio — homens de negocios ambulantes, correios, tropeiros, marchantes.

O sertão de novo... noites ao relento, á luz das fogueiras que as onças temem; dormidas fatigadas nos pousos; longas horas nas monotonas "travessias", ao trote dos viajeiros, á espera das aguadas distantes. A canicula queimava a caatinga uniforme, enfadonha, myteriosa em seu emaranhado de espinhaes retorsos. Ladeiras a pique nas serras dominavam amplos panoramas.

O sertão, a viagem: de Cachoeira a Jacobina; de Jacobina ao S. Francisco alastrado, num mundo de aguas, naquella grande cheia de 1838 (2). Na outra margem cavalleiros aos bandos, a cavallhada numero-

(1) Varios biographos repetiram que advogara os rebeldes de 1837. Não encontramos a menor prova desta assertiva, que parece infundada, ao considerar-se que esboçou um estudo sobre a Sabinada em que demonstra a sua antipathia aos rebeldes. Seu pae, na villa da Barra, impedira a adhesão da camara local ao movimento. Sobre o estudo esboçado a respeito da Sabinada, vide Sacramento Blake "Dictionario Bibliographico" verb. João Mauricio Wanderley, e Revista do Instituto Historico da Bahia, vol. 56.

(2) Ainda em 1857 Francisco Mariani, que fôra companheiro de Wanderley nessa viagem de retorno ao sertão, lembrava aquella grande cheia; "a inundação do rio S. Francisco promette desta vez lancar a barra alem da meta de 1838" (Carta a Cotegipe, 7 de janeiro de 1857).

Burton refere-se (escrevia em 1865) ás cheias de 1792 (pequeno dilluvio), 1802, 1812, 1888.

sa, para os cerimoniaes sertanejos da "imposta", e, por entre a poeira da estrada, afinal, ao longe, o sobrado da fazenda "Porto Alegre", para onde a familia se retirara, expulsa da preferida "Sta. Barbara", pelas aguas da inundaçao.

Da Villa, quatro leguas distante, e de todas as fazendas da redondeza, tinham vindo convidados para os jantares e os bailados, enquanto as dependencias da fazenda e as senzalas se enchiam de povo aos des-cantes, danças e folguedos. Um mez, um longo mez, de festas não deixaram o novo "doutor" sentir, entre essas primeiras alegrias do regresso, alguma saudade de Olinda, do Recife, da Bahia: — terras de outros encantos.

E ao clarão quente das fogueiras vinham, todas as noites, barqueiros, vaquejadores, escravos, lavradores, repetir, em meio aos desafios, o ingenuo estribilho do primeiro dia:

"Viva Sinhô Capitão-mór,
Viva Sinhá Dona Maria,
Viva quem chegou hoje
Da cidade da Bahia".

E nas suas expansões, mais ou menos inspiradas de "manipoeira", entre arremços de jacuba e rapadura e o exaggero das narrativas extraordinarias, ás vezes repontava entre as quadras caboclas, um lampejo de poesia archaica, como versos soltos de um auto de Gil Vicente:

"Hontem vi uma dama
Por meu respeito chorar".

Mas logo retornava, entre gabos á côr de canella
das columis desabrochando, a violencia sertaneja de
rudes impetos:

“Mulher que engana tropeiro
Merece couro dobrado”. (1).

E de novo barqueiros, vaquejadores, escravos, re-
petiam o ritornello votivo:

“Viva quem chegou hoje
Da cidade da Bahia”.

(1) Vide Burton, op. cit. Vol. II pags. 256 e seg.

Primeiros passos

I — A MAIORIDADE E A MORTE DO PAE. — PRIMEIRAS NOMEAÇÕES.

II — NA ASSEMBLÉA PROVINCIAL.



A situação politica da familia numa larga extensão do S. Francisco, especialmente nas villas da Barra e Campo Largo e as prestigiosas relações do capitão-mór Wanderley iam afastar os primeiros obices á iniciação do jovem recém-formado na vida publica.

Entre 1838 e 1840, enquanto esperava vagas na assembléa provincial e na magistratura, consolidava, no sertão, amizades politicas e de familia e praticava a advocacia nos fóros da comarca do S. Francisco.

O anno de 1840 reservar-lhe-ia duas grandes impressões — a revolução parlamentar da maioridade, a que assistio, e a morte do pae. Pleiteava então na côrte sua primeira nomeação para a magistratura. De longe o pae o acompanhava esperançado. Quasi ás vespéras de morrer, lhe escrevia a ultima carta (11 de setembro de 1840; fallecia a 25): “Conheço o estado de agitação em que estava isso e Deus permitta que passem as Relações para melhor te arrumares, e eu estou prompto a te favorecer. Com o Imperador no Throno axo que tudo tomará geito e as cousas irão melhor... Todos te enviamos os nossos corações, principalmente eu que te devo tudo quanto é bom por ser teu pae e amigo pelo coração — João Mauricio”.

Não teve o velho Wanderley a ventura de saber o filho "arrumado", nem de lhe applaudir os primeiros triumphos na assembléa provincial para a qual seria eleito ainda naquelle anno (1). A nomeação de juiz municipal e de orphãos dos termos da Barra e Chique-Chique tardaria até 26 de julho de 1842, (2) quando Uruguay lhe referendou o decreto, logo accrescentado por Monserrate, presidente da Bahia, com a supplementar de delegado de policia. -

II

Ia ser magistrado na sua terra, entre os seus. Conseguira o maximo.

Na assembléa provincial desde logo se destaca. E' elle quem requer, seguindo a tradição paterna de dedicação monarchica, uma commissão que no Rio felicitasse o novo imperador e lhe assistisse á coroação. Em 1842 é eleito 1.º secretario, distinguindo-se em meio do escól dos collegas, que eram a flor da intelligencia daquelles tempos — Ferraz, Gonçalves Martins, Ernesto Ferreira França, Junqueira (Pae), Angelo Ramos, Taques, Tosta, Figueiredo Rocha, Innocencio Góes, Cruz Rios, Zacarias (3).

(1) "A sua vida publica data de 1840 em que tomou assento na assembléa provincial da Bahia, da qual fazlam parte D. Romualdo, Thomaz Xavier, Tosta, Ferraz, etc.; felizes tempos" (Nota biographica do punho de Cotegipe quando era presidente do conselho).

(2) Sobre esta nomeação ver incidente em que tomaram parte Ferraz, Torres e Wanderley na sessão de 7 de março de 1843 da camara.

(3) Concorreram nas eleições provinciaes de 1842-1843 os novos bachareis de Olinda. Se percorremos os jornaes da epoca deparamos nos resultados eleitoraes aquelles nomes e mais os de Barros Reis que não sahiria do circulo da politica local, mas seria sempre uma expressão de grande prestigio na provincia, Moura Magalhães, Tibério, Messias de Leão, homens de parlamento e presidentes da Bahia, Pacca, Souza Espindola, Souza Marques, Portella, Japiassú, Olegario

A' seducção pessoal accrescentava omnimoda opinião sempre prompta, desgarre de attitudes destemidas.

O politico que principiava havia de ter preocupações locais, havia de cuidar dos interesses da sua clientela. Si, porem, propõe creações de freguezias e villas, transferencias de sédes de districtos, manutenção de cadeiras de ensino, fixação de limites municipaes, — promove a publicação em volume da collecção de leis e regulamentos provinciaes; tem rigores de censor para as loterias e insurge-se contra novos impostos. Moderava o natural demagogismo dos 25 annos querendo ser ou parecer homem de governo, ponderado, attento a possibilidades, cioso de economias, preocupado com o equilibrio financeiro.

Houve occasião em que se discutia certo augmento de ordenados: “que recursos temos para pagar tantos empregados, para os quaes já não ha dinheiro nos cofres? — perguntava elle. Sim, venham-nos allegar compaixão e generosidade com os professores! venham-nos deplorar sua triste situação. E sejamos generosos com o que não temos; demos-lhe mais cem mil reis que não receberão, que os obrigarão a andar como mendigos ás portas das repartições publicas —

— cuja carreira promissora a cholera em 1855 extinguiria numa morte prematura, Souto, Eduardo França, Correia Garcia — informado historiographo, Rebouças, Marcellino de Britto, Galvão, Teixeira de Freitas — que cedo abandonaria a politica pelo direito, Carneiro de Campos, Mauricio Rebouças, Francisco Mariani, Rodrigues D'Utra, Ignacio Accioly — a quem o pendor pela historia sacrificaria uma ephemera passagem pelos partidos, F. C. Calmon, Moreira de Pinho, Pacheco Pereira, Senna Madureira, Azevedo Chaves, Adriaõ Chaves, Costa Pinto — sacrificado em sua combatividade talentosa pelos lazeres de rico senhor de engenho, Luiz Maria — que estreou na vida com um impeto que prometia portentos mas cedo cançou, Menezes, Navarro Jacinto e Navarro Thomaz, Hygino Pires Gomes, e Silva Rego estes dois amnistiados da Sabinada e, como Souto, sempre adversarios de Wanderley.

como em certa época; e que serão descontados para lhes ser pago o ordenado..." (1).

Essa severidade economica, não excluía a caridade. Entrando em discussão (7 de março de 1846) um projecto de soccorros aos cearenses, flagellados pela secca e pela fome, veio a impugnal-o o deputado Lessa, como inconstitucional, pois cabia ao governo geral dar taes soccorros e não ás provincias reciprocamente. Wanderley replicou: "em casos taes prefiro seguir os impulsos do meu coração do que deixar-me levar das razões do nobre deputado;... quando é verdade que nossos compartiotas, os infelizes cearenses, padecem os horrores da fome; quando essa provincia se acha despovoada, porque a população do interior emigra para as visinhas, ou corre para a capital, onde o presidente não tem lugar para abrigar as familias miseraveis; quando o presidente não tem meios para os soccorrer; quando os que o governo tem dado não são sufficientes — devemos duvidar em dar um pequeno soccorro, não para acabar com o mal dos cearenses, mas para provar que a provincia da Bahia sympathisa com os seus padecimentos?" (2).

(1) Sessão de 29 de fevereiro de 1844.

(2) Não se lhe dava divergir de amigos. Em 1844 combate a Zacarias portador do pensamento do governo provincial, impugnando o projecto por aquelle sustentado: certa postura que prohibia a acção dos atravessadores, para obrigar os productores a trazerem seu mercado ás feiras municipaes. A haver logica, dizia Wanderley, era preciso prohibir tambem o trafico commercial que encarece os productos, comprados por um preço para serem revendidos com agio e lucro. Os atravessadores, na sua opinião eram elementos utels ao transporte das mercadorias, pois nem sempre o productor tinha meios de o fazer, estimando muitas vezes não vir á feira correr o risco das oscillações mas vender a quem lh'as ia buscar á casa, por preços que lhe convinham. A postura prestava-se a abusos e protecções injustas. A proposição era "verdadeira inhição, violencia feita ao productor e comprador, obrigando-os a concorrer em lugar certo, e em tempo determinado, o que era pôr peias ao commercio, tolher-lhe a liberdade".

Inspirava-o o espirito pratico e a exequibilidade (1). Fallando sobre a fixação de forças policiaes, demonstrava-lhes a insufficiencia numerica impedida de ser remediada pelas contingencias financeiras. A policia transformada então, pelas necessidades da epoca, em força de primeira linha devia ser de outro modo organisada. "Si eu fosse seguir as idéas que tenho a respeito da policia não quereria policia militarizada, não quereria esse luxo de estados maiores e de companhias, etc. faria uma especie de guardas municipaes distribuidas pelos diversos termos, que tivessem moralidade, que fossem bem pagas, que estivessem promptas para auxiliar a acção das autoridades, que não andassem de continuo fardadas e de arma ao hombro, bastando que fossem compostas de homens que vestissem sua jaqueta, e mesmo seu gibão de couro para ir ao encalço dos criminosos, a dar com elles até seus esconderijos." Não devia a policia ser usada em evitar insurreições, sedições, rebelliões. Isso não lhe competia mas á força geral; como esta, porem, era deficiente, tornava-se necessaria a policia militar cujos destacamentos no interior, aliás, se transformavam em autoridades independentes, verdadeiras calamidades, a

(1) Alguns factos da sua chronica de deputado provincial: em 29 de abril de 1842 vota contra a creação do juizo dos feitos da fazenda provincial, cargo que dez annos depois viria a occupar; em 5 de fevereiro de 1844 propõe a publicação, em volumes em quarto, da colleção de leis, decretos e regulamento da provincia do Bahia; em 28 de fevereiro de 1844 apresenta projecto definindo os limites da freguezia de S. Francisco das Chagas da Barra do Rio Grande com a de N. S. do Rio das Eguas e com a de S. Antonio de Pilão Arcado; em 13 de março de 1844 apresenta, com outros, projecto transferindo a sede da Freguezia de S. José de Itaporocas para a Capella da Senhora Sant'Anna na Villa da Feira; em 24 de março de 1846 defende a conservação de uma cadeira de latim na Villa da Barra e apresenta um projecto de fixação de limites dessa villa com a de Pilão Arcado; em 30 de março de 1846 dá parecer que termina em projecto acerca da questão de limites entre as villas de Abrantes e do Conde; em 8 de março de 1847 apresenta, com outros, projecto de creação da freguezia e villa de Sta. Izabel do Paraguassú, com sede na povoação de Mucugé.

tratarem com desprezo os habitantes, impondo-se pela lei da força.

Em tempos normaes bastaria assim, aos sertões, uma policia quasi de capitães do matto.

Mas nos casos excepçionaes a ordem só se conservava ou restabelecia com medidas promptas, energicas, completas. Para a guerra sertaneja entre Militões e Guerreiros, devia-se enviar uma expedição numerosa, de 300 a 400 homens.

Os factos não tinham character politico, mas a isso tendiam pois a politica acobertaria os culpados: "bem se sabe que logo que se bradar — *abaixo a presidencia do Exmo. Snr. Pinheiro, abaixo o ministerio, fóra a reforma, viva a republica do Rio S. Francisco*, o caso toma character politico e virá a amnistia, que desculpará todas as faltas e perdoará todos os crimes." Era mister com golpes firmes e fortes atalhar em seus começos aquelle grave conflicto, que se prolongaria ainda por longos annos.

A historia politica do Brasil não estará inteiramente escripta sem a das luctas de familias nos sertões.

As do littoral se entronçaram e confundiram com os acontecimentos parlamentares-militares. Um exemplo dramatico dellas é a lucta da Praia em Pernambuco: afinal em muito uma reacção contra a familia Cavalcanti.

As dos sertões, entretanto, não perderam jamais o character nitidamente feudal. A area de seus encontros; os interesses em jogo; as suas consequencias; a pressão que exerciam sobre o governo littoraneo, bastam para não se lhes desprezar a chronica. E essas guerras avultam ainda mais quando se as encara como symptomas e characteristics de um estado social.

Na Bahia sertaneja o caudilho armado, é, como em todo o interior do Brasil, ainda hoje, um residuo que desaparece.

Chamado no norte de “chefe sertanejo” que dispõe de homens equipados ou capazes de manejar as armas, a quem governos e revolucionarios recorreram, e de que lançaram mão ainda nos mais recentes successos politicos, é o mesmo typo de *condottieri*, com as modificações e variantes presumiveis, do organisador de “provisorios” das cochilas gaúchas.

As luctas entre os Mouras Medrados e os Cangussús, Afranio Peixoto romantizou no seu livro “Sinhasinha”; as tragedias dos irmãos Guimarães e dos Militões e Guerreiros ainda não acharam o seu artista (1).

Complexo seria um estudo perfeito desses conflictos. A propria chronica, balda nos seus episodios mais dramaticos, de documentação, difficulta a apreciação dos factos. Aos aspectos geraes de ambiencia social, capaz de permittir tão rudes manifestações de zelo e orgulho de familia, de sentimento exacerbado da propriedade, e de mandonismo local directo, ha que accrescer e investigar as causas pessoaes dessas explosões da violencia e os liames politico-provinciaes buscados, como auxilio e garantia, pelos contendores.

Numa só pessoa se confundiam o *chefe de familia*, o *chefe territorial*, o *chefe politico*, e o appello ás armas era um meio de defesa de uma categoria imposta pelo factor economico. A fortuna trazia, no iso-

(1) Escreveram sobre a guerra entre Militões e Guerreiros Dermeval Café em “Aguas Barrentas” — 1928. D. Martins de Oliveira em “Marujada”.

lamento sertanejo, o dominio sobre os mais pobres, porque o magnata *podia e mandava*. A insubmissão era castigada com violencia. A reacção havia de provocar lucta. Tambem a disputa bellica vinha de scições de familias — originadas, ora de allianças matrimoniaes, ora de heranças e partilhas.

O regimen pastoril no sertão alentava a ociosidade e dava tempo a incursões, excursões e saques. O homem não se sentia preso á terra e ao amanho de plantações, ligado a culturas e industrias, antes fortemente estimulado ao nomadismo, á formação das companhias de mercenarios: — *caibroeiras e jagunçadas*.

A fatalidade das seccas, quando o rico amparava o pobre e creava dedicações, para reclamar a paga do grato em serviços de guerra, era outra ajuda ao *systema* da politica armada dos chefes sertanejos.

A mineração — a aventura, a riqueza facil pela audacia dos primeiros ou pela coragem dos mais fortes, a immigração de garimpeiros, gente de toda especie e de toda moral, outro esteio daquelle regimen.

Completavam o syndrome a incultura e a superstição: mandingas, patuás, bravatas; o desprezo da morte e a paixão do heroismo simples.

Os modificadores — organização politica, justiça, religião, ao emvez de attenuarem ou o combaterem, frequentemente aggravavam o mal do caudilhismo. A organização politica se resumia no chefe e no seu adversario: ou em luctas e conflictos, ou em tregoas para novos encontros. A justiça era o magistrado desarmado, desprestigiado, oscillante entre os grupos divergentes ou decidido por um delles (1). A re-

(1) Pinheiro de Vasconcellos (Visconde de Monserrate) na sua falla de presidente da Bahia em 1844, referindo-se á guerra dos Militões e Guerreiros dizia: "os crimes particulares tem infelizmente continuado no municipio de Pillão Arcado pela ferocidade de alguns

ligião: o padre — chefe de familia, sem prestigio moral — *homem como os mais*, e como os mais, politico.

Num ambiente assim aquelle que um dia domina e governa não tolera que lhe disputem influencia. A competição é um insulto... A quem não cabe o mando só resta a vassalagem, victima das alicantinas dos "processos" e da força bruta dos trabucos.

Fóra do ciúme politico, as questões fataes de terras e seus limites — pela imprecisão dos titulos (sesmarias e fôros) e pela extensão dos latifundios — tendiam a ser resolvidas a ferro e fogo. Para isso concorria a justiça imprecisa e tarda. E o triumphador na lucta com o visinho territorial ou com o garimpeiro rival, cuidando de consolidar a victoria com a protecção official e com o aniquilamento total do adversario, appellava para os politicos. Buscava-lhes então o apoio, fazendo de uma disputa de interesses economico-pessoaes uma questão partidaria. Punha todo o afan em obter a cumplicidade do "governo". Já nessa phase a lucta mudava inteiramente de aspecto. Cada

assassinos e cobardia ou corrupção dos juizes criminaes cuja remoção solicitei do governo Imperial".

Sobre a guerra de Militões e Guerreiros lér fallas dos presidentes da Bahia; annaes da asseimbléa provincial da Bahia, 1844, no jornal "O Commercio"; discurso do deputado Souto a 1.º de agosto de 1846 na camara dos deputados; discursos de Fernandes da Cunha, Junqueira, Gasparino, na camara em 1862.

As luctas entre Militões e Guerreiros continuaram por largo tempo e ainda depois da morte de Militão em 1861. Aqui está um trecho da carta de Junqueira a Ferraz (14 de fevereiro de 1861, no Arch. do Inst. Hist. da Bahia) que testemunha o apoio politico com que contava aquelle caudilho e as accusações que se faziam á magistratura: "os negocios de Pilão Arcado reclamão a attenção do governo, pois os juizes estão fazendo loucuras: — o Militão morreu, e a sua morte foi o sinal da mais inaudita perseguição contra seus filhos e parentes. Estão todos processados, muitos completamente innocentes, pois que eram meninos ao tempo em que se deram as luctas e outros estão no caso de allegarem prescripção de crime que se lhes imputa. Tudo isto fazem os juizes porque não puderam vencer a eleição e os filhos do Militão mostraram que teem legitima influencia, pois que, morto o Pae, e elles processados, venceram completamente em Pilão Arcado, Chlique-Chlique, Sta. Ritta tendo contra si a força e as autoridades".

qual dos grupos diligenciava revestir-se de demonstrações de força governamental. Para captal-o era preciso provar prestígio eleitoral compensando em votos a protecção solicitada. Deslocava-se o campo das violencias para dentro das igrejas, para junto das urnas.

Wanderley, imparcial, pareceu em certo momento sympathisar com a causa de Militão. Fôra o interesse particular que ateara a inimizade entre duas familias notaveis da localidade, dizia elle. O odio se fôra fomentando por nomeações da guarda nacional, demandas, influencias eleitoraes, e para desabafo mutuo empregara, como é costume nos sertões, os processos: "juizes corrompidos tomam partido por uma familia que se sente forte, sobrevem opiniões, reacções — eis tudo".

Descrevendo a situação (fallava na assembléa provincial a 5 de fevereiro de 1844) ao referir-se ao partido de Militão deixa escapar esta phrase que provoca rumor na assembléa: "talvez não tenha mais razão que o outro, porem marcha com mais justiça". Havia de se arrepender mais tarde desse testemunho dado sem interesse, num dos lances iniciaes daquella guerra. Anos decorridos elle sentiria o prestígio politico de sua familia no S. Francisco em cheque pela acção violenta de Militão.

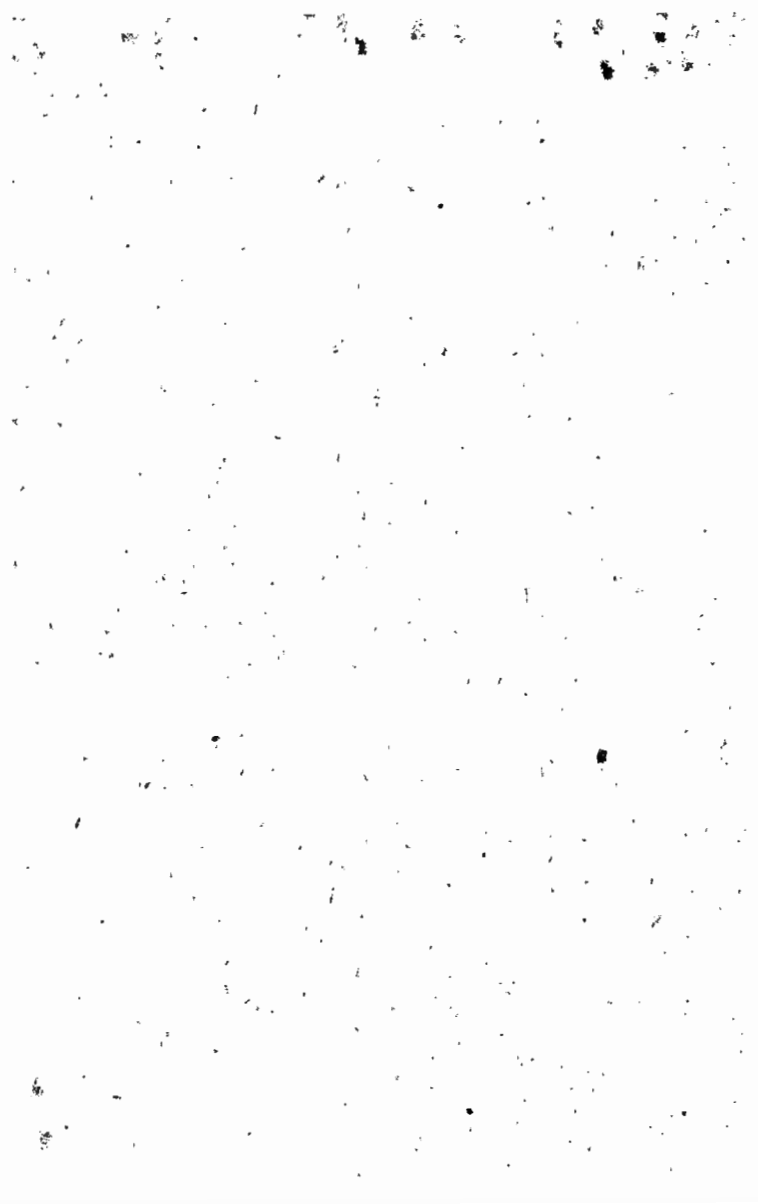
A assembléa provincial serviu apenas a Wanderley em 1841-42 de campo de primeiros ensaios. Até 1846 accumulando os mandatos provincial e geral reservava para a camara, na côrte, a acção verdadeiramente parlamentar.

NO GRANDE SCENARIO
O FRANCO ATIRADOR



Estreia parlamentar

- I — AMBIENTE POLITICO EM 1843. - QUEDA DO GABINETE 23 DE MARÇO DE 1841.
- II — EM FACE DO GABINETE HONORIO. - FRANCO ATIRADOR. - SYMPATHIA PELOS REBELDES.
- III — OS TRES GRANDES ESTREIANTES. - WANDERLEY, NABUCO, FERRAZ.



AINDA referviam no Rio Grande do Sul as paixões desordenadas da politica violenta; vinha re-bentar no parlamento a resaca das revoluções recentes de S. Paulo e Minas quando, ao findar de 1842, Wanderley entrava para a camara (1).

Deputado novo, ia ficar, sem commissão, dentro da turba-multa das bancadas, onde encontrava nomes feitos nos fastos politicos e outros que ensaiavam triumphos porvindouros: Souza Franco, Maciel Monteiro, Nabuco, Alvaro Barbalho, Carneiro da Cunha, Sinim-bú, Paulino (Uruguay), Rodrigues Torres (Itabora-hy), Euzebio, Baependy, Herculano Penna, Nebias, Pirapama...

(1) Afastado em maio do parlamento pela dissolução previa que servira de espoleta ás revoluções de São Paulo e Minas, voltava Wanderley diplomado supplente, como Ferraz. Ambos, porem, decretada a annullação de uma acta falsa de Pílão Arcado, foram reconhecidos deputados pela Bahia (sessão preparatoria de 28 de dezembro de 1842).

O satyrico poeta Pessoa da Silva deixaria umas quadras allusivas a essa eleição annullada:

“Em o anno de quarenta
 Por sua população
 Eleitores vinte e um
 Dera o Arcado Pílão

De vinte e um que então eram
 Cento e vinte hoje surdiram
 Isto prova que por lá
 Até os homens pariram”.

E vinham com elle, da Bahia — Gonçalves Martins, Luiz Antonio, Ernesto França, Antonio Rebouças, Ferraz...

Wanderley tomaria logo pé na assembléa em que ia brilhar. Queria ser ouvido: seguro de captar a attenção sympathica pela graça, certo de se impôr pela eloquencia. E aquelles que se lhe atravessassem aggressivos haviam de temel-o, pelo atrevimento da replica e pela mordacidade do sarcasmo.

Agitavam-n'ó nesse tempo os impetos e impulsos, que a custo refreava, dos 28 annos. Ainda não ganhara para o discurso a frieza calma do argumentador. E os arremços de seus apartes eram rajadas que a discussão lhe assoprava.

Na primeira occasião vem á tribuna, como num exercicio previo, para fallar ácerca de um requerimento em que pedia o adiamento da discussão da resposta á falla do throno. Queria esperar os relatorios dos ministros para, por elles esclarecido, decidir-se a uma attitude deante do governo. Mas aproveitava o momento para fazer declarações terminantes. Haviam dito serem inuteis aquelles esclarecimentos, porque a camara de nenhum modo deixaria de apoiar o ministerio, eleita que fôra debaixo das inspirações de sua politica, não tendo sido, por isso mesmo, reeleitos os membros da passada opposição. Protestava contra taes asserções: "altamente declaro que não devo a honra de sentar-me aqui ás recommendações de partido algum; que não fui eleito sob as inspirações dessa politica a que se allude e por consequencia nenhum compromisso tenho senão só a minha consciencia, e por ella me hei de guiar na decisão dos negocios que nos forem affectos, sem me importar saber se a camara im-

plícitamente approva a marcha actual dos negocios" (1).

Talvez viesse a fazer opposição, mas si tal occorresse não a confundissem e identificassem com a dos rebeldes de Minas e S. Paulo: "sempre reprovei, re-provo e reprovarei taes meios de opposição, quando a constituição e as leis me offerecem outros..."

Nem era pretensão sua provocar com o requerimento que apresentara uma manifestação politica da camara. Era cêdo para se metter em tão altas cavalarias: "não tenho outro interesse em que passe o adiamento, senão aquelle que um deputado deve tomar pelo bom andamento dos negocios publicos: quando o propuz foi porque o entendi util, sem que partisse de combinação alguma. As poucas relações que tenho, o isolamento mesmo em que vivo, não me permitem seguir senão minhas unicas inspirações".

Combatido por Paula Candido, D. Manoel, Carneiro de Campos, Maciel Monteiro, Euzebio, Rodrigues Torres, e apoiado por Peixoto de Britto, Pacheco, Barretto Pedrozo, Souza Martins, Souza Franco e Sinim-bú, teve o requerimento de Wanderley o destino previsto: regeitado por grande maioria. Mas seu autor se impuzera já á attenção da camara (2). Sente-se que

(1) Essa independencia de pelas de partido não era, então, rara. E é ella que dá ao historiador menos attento uma falsa idéa de versatilidade politica onde havia apenas franqueza de agir de livres atradores. Alves Branco sempre professara como sua primeira maxima politica essa liberdade de opiniões e essa isenção a grillhões de partidos (Vide Mello Mattos, *Paginas de Historia Constitucional*, pag. 107); Lisboa Serra na camara em 1853 (13 de junho) dizia ser incapaz de se fanatizar por qualquer principio a ponto de o considerar o unico meio de salvação do paiz; a voz imperiosa dos chefes não lhe dominava a reflexão, a gravidade do raciocínio; "não posso pertencer exclusivamente a nenhum partido".

(2) A impressão desse discurso em seus amigos era de grande satisfação: "Já li o teu debut, Jones, tu és hum grande", lhe escrevia Aprigio José de Souza (Bahia 18 de janeiro de 1843). Em 17 de Abril Aprigio voltava a escrever: "sel que passas muito bem, que és muito estimado, que brilha muito na camara. Essas noticias enchem-me de prazer e até de huma sorte de ufanía".

os politicos de mais largas aspirações o querem a seu lado. Euzebio procura logo namoral-o. Diverge do requerimento, mas lhe elogia a declaração de que qualquer opposição que contra o ministerio apparecesse na camara “não teria por fim dar alento a essa facção que, vencida na tribuna, vencida nas urnas eleitoraes, foi tambem derrotada no campo de Santa Luzia” (1).

II

Nesse comenos, mais cedo do que seria de supôr, o ministerio de 23 de março de 1841 (2) dava a sua demissão, e muitos dos que haviam combatido o adiamento proposto por Wanderley iriam de novo requerel-o e votal-o — até á resolução da crise. Por sua vez é Wanderley quem o vem impugnar.

Com a mudança ministerial a resposta á falla do throno perdia, para Wanderley, toda a significação. Referia-se a um gabinete extinto. E se os novos apoiadores do adiamento allegavam não ser conhecida ainda a politica do novo gabinete, replicava com o disvirtuamento das normas do regimen: “em verdade se o ministerio tivesse sido tirado do seio da camara, se

(1) Discurso de Euzebio, em 12 de janeiro de 1843. Quando, num caso de política provincial — eleições de Cachoeira e Sto. Estevão — Wanderley vem a bater-se com Rebouças, conta com o apoio de Euzebio. Sessões de 1 e 23 de janeiro.

(2) Ao retirar-se o ministerio de 23 de março de 1841 estava assim composto: imperio — Sapucahy; justiça — Uruguay; estrangeiros — Sepetiba; fazenda — Abrantes; marinha — Paranaguá (Villega Barbosa); guerra — José Clemente. O gabinete de 20 de Jan.º de 1843 que o substituiu, ao constituir-se era: imperio — Silva Mala; justiça — Honorio Hermeto Carneiro Leão depois Marquez de Paraná; fazenda — Joaquim Francisco Vianna; marinha — Rodrigues Torres (Itaborahy); guerra — Salvador José Maciel.

tivesse sido formado de um modo parlamentar, escusado seria querer-se agora conhecer a sua politica: nisto parece haver alguma razão. Mas, por outra parte, senhores será inteiramente desnecessario, porque quem não conhece o Sr. Honorio Hermeto Carneiro Leão? Quem não sabe a politica que ha de seguir o Sr. Honorio Hermeto Carneiro Leão?"

Honorio, novo ministro da justiça, solidario que era com a politica do gabinete demissionario, não merecia então sympathias de Wanderley, o qual desde logo se manifestaria em opposição ao novo governo, não fizessè delle parte Rodrigues Torres, como ministro da marinha. Neste depositava toda confiança e todas as esperanças, não demorando em se declarar "ministerial da marinha": "não fôra essa consideração e eu desde já diria mui claramente — não contem comigo" (1).

Foi nessa sessão de 23 de janeiro, depois de haverem fallado varios deputados, que o ex-ministro da justiça (Uruguay) veio explicar a mudança do ministerio, e dar a sua opinião sobre o adiamento.

Longos discursos politicos desenhavam o panorama da epoca, onde, nos longes do ultimo plano, fumegavam ainda os brazeiros do incendio revolucionario. Os acontecimentos de 1842 eram motivo principal da discussão. Wanderley não escaparia á attracção do grande assumpto.

Dando á sua oração (3 de fevereiro de 1843) o tom de advertencias e conselhos á nova administra-

(1) "Eu espero pois que o honrado ministro da marinha será um obstaculo ás tendencias do nobre ministro do justiça para seguir em tudo e por tudo os passos da administração transacta; eu espero que o nobre ministro da marinha sempre inflexivel e sincero nas suas opiniões, as não desmintu na actualidade".

ção, passou a apontar — como disse — as restingas e parceis em que encalhara a passada, pondo com cuidado balisas nesses perigosos lugares: “ha tanta gente que na cobertura da não do estado trata só de gabar, applaudir e extasiar-se com as bellas manobras dos que dirigem o leme, que não é muito que eu, e outros marinheiros novos, que não tomamos parte no *bota-fóra*, tenhamos os olhos fixos nas ondas e interrompamos a celeuma dos encomiastas, bradando de quando em quando: — Olá do leme, guarda o baixio!”

E foi mostrando na constituição os artigos transgredidos pelo ministeriõ demissionario.

Violara o governo as immunidades parlamentares, prendendo e deportando senadores e deputados, quando já nem havia rebellião: “sr. presidente, eu não conheço pessoalmente esses nobres senadores mas consta-me que dois delles (Abaeté e Vergueiro) não tomaram parte alguma na desordem e se tomaram foi mui secretamente. Contra um delles nem ha processo, e o outro consta-me até que prestou auxilios á legalidade. Diz-se, porem, que o terceiro estivera no meio dos rebeldes (Feijó); mas este estava tão achacado, estava em estado tal, que bastava o governo tel-o de olho, mesmo em S. Paulo, para lhe ser impossivel qualquer tentativa contra as leis, se porventura ainda a premeditasse. A desordem, porem, já estava acabada; supponhamos que existisse, ainda assim nunca podemos admittir como principio de governo principios contra a constituição. (apoiados). Não duvido que em muitas circumstancias seja necessario passar por cima das leis. Conheço (sem querer ser doutor ou lente

em revoluções) que ha duas maneiras de as fazer; ellas ou partem do povo ou do governo; quando partem do povo tomão os nomes de rebellião, sedição, motim, etc., sendo mal succedidas; e quando partem do governo tomão o nome de golpe de estado; mas em um e outro caso tão criminoso é o governo como o rebelde, tão criminoso é o governo que infringe a constituição no seu gabinete como o rebelde que a infringe apresentando-se no campo com as armas na mão..."

Como os governos tinham deveres quanto á conservação da sociedade, assim o povo os tinha de resistencia á oppressão: "admitta-se que o governo pode recorrer a medidas arbitrarías, saltar pela constituição em casos de necessidade, e estará estabelecida a dictadura irresponsavel (1); porquanto senhores, dado o direito dos golpes de estado, a duvida versará simplesmente sobre a oportunidade de seu emprego, e, dependendo a apreciação das circumstancias do juizo, mesmo da maior ou menor timidez de cada um, o erro ou o máo exito nunca será imputado á intenção, e por conseguinte desaparecerá o fraco freio do temor, que ainda contem os governos propensos ao arbitrio. Côn-

(1) Feijó em seu discurso de defesa ou confissão, perante o senado que o ia absolver, disse: "si o que fiz todos fizessem, se todos fossem fiéis aos juramentos prestados á Constituição e ao Estado, nunca haveria movimentos revolucionarios, porque os que ousassem lançar sobre ella mãos sacrilegas se achariam sós e cahiriam cobertos de maldições e depreso, quando não soffressem as penas da lei. Eu penso que se uma nação é tal que vê submissa a violação de suas instituições, é ella indigna de ser nação livre, é ja escrava, já não tem senhor, terá o primeiro que o queira ser. Entendo portanto que não é só direito e sim dever de todos os que presam os fóros e dignidade de cidadãos livres opor-se ás infracções da constituição de seu paiz, não só por todos os meios que lhe facultem a constituição e as leis, como tambem, faltando estes, por todos os outros que lhe restem... que para conseguir e consolidar as instituições em seu paiz é indispensavel nelle esse sentimento geral e instinctivo de resistencia á tyrannia, a qual existe toda vez que se viola a constituição".

senti que o governo exerça esse direito, e ao menor movimento elle fechará a constituição, nenhum caso fará da lei. . . .”

O ministerio transacto havia ordenado que deputados presidentes de provincias deixassem de vir á camara permanecendo em seus postos de governo; e influira desmedidamente não só na eleição como na escolha de senadores. Agira ainda contra a constituição ao fazer uma lei eleitoral, que tanto erám as instrucções baixadas, as quaes, embora portadoras de algumas vantagens, continham evidentes absorpções em beneficio do executivo: “sem uma boa lei de eleições não é possivel existir puro o systema representativo; todo elle depende da confecção desta lei; e é por isso mesmo que a não quero confiar ao governo” (1).

O acto da dissolução da camara anterior, não estando esta em sessão, fôra outrosim um grande erro (2) e maior ainda por alcançar o corpo eleitoral em cuja

(1) O ministerio de 23 de março de 1841, dissolvendo a camara antes de se ter ella constituido, accusando de fraudulentas as eleições, baixou o decreto de 4 de maio de 1842 instituindo novas instrucções para a eleição que se effectuou em outubro desse anno. Taes instrucções que Wanderley taxava de inconstitucionaes foram muito criticadas. Sobre estas instrucções lêr Belisario de Souza “O systema eleitoral no Brasil” e Tavares de Lyra — “Esboço Historico do Regimen Eleitoral do Brasil (1821-1921).

(2) Hesitava em criticar um acto do poder moderador, lembrava porem a referenda dos ministros: “reconheço que sendo o poder moderador privativamente delegado ao imperador é duvidoso se os ministros são por elle responsaveis; todavia não entro em duvida de que esta participação dos ministros pela referenda, as circumstancias de serem conselheiros da corôa, dão-me o direito ao menos de censural-os. Na hypothese de que vou occupar-me, senhores, observo que no decreto de dissolução se diz: tendo ouvido o conselho de estado, etc. Ora, o conselho de estado não só pode ser censurado como até responsabilizado pelos máos conselhos que dá; por consequencia me parece poder entrar na questão sem offender, nem venialmente, a quem não pode ser objecto de nossas discussões pela elevada posição em que o collocou a constituição do estado”.

reorganisação exercera o governo pressão para vencer: “não influa o governo nas eleições, não queira fazer eleitores a dedo, e nós veremos quando o poder moderador dissolver a camara dos deputados se os eleitores, não devendo a sua existencia a partido nenhum, não se portarão com toda a imparcialidade, não exprimirão sua opinião conscienciosamente”.

A consequencia de tantos erros, de bater em tantos cachopos, fôra o naufragio do ministerio que também era accusado pela concessão de condecorações e mercês, pela “especie de prostituição a que tinhão chegado as honras em nosso paiz”: “esse estado é tal que não se diz só que as distincções não distinguem, mas até se diz que muita gente traz cruz ao peito que nella devia estar pregada a muito tempo”. Haviam-se conferido honras, “não por serviços feitos ao estado, mas por aquelles que são feitos a pessoas. Vemos que se tem distribuido commendas, habitos, titulos, para fins eleitoraes; que se tem esbanjado essa melhor moeda das monarchias. E a consequencia é que se vae introduzindo de tal sorte o espirito de sordidez no character brasileiro que já ninguem se contenta mais com honras; se um ministro diz: — dou-lhe um habito, uma commenda, — responde-se-lhe logo: — mas o sr. ha de me dar tambem uma pensão! Aquillo em algum tempo servia para pagar certos serviços; hoje já não serve. Vemos homens que quando muito terão de 25 a 28 annos, que parece pelejaram nas grandes batalhas de Napoleão, porque já não tem logar onde pendurem as commendas os habitos, as fitas. Quando chega um estrangeiro e encontra uma personagem destas, pergunta logo: — quem é este homem? — Isto

é algum grande general, certamente (risadas); vae-se ver quem é... (hilaridade)".

As demissões dadas a Antonio Carlos e Martim Francisco dos logares de gentis homens da imperial camara (decreto de 12 de setembro de 1842), em virtude da revolução, merecem-lhe tambem violento ataque. "O ministerio se havia embrulhado no manto imperial"; os rebeldes não haviam visado a pessoa do imperador, este pois não se devia tornar instrumento de uma vingança do governo, chamando sobre si resentimentos: "vós que vos oppondes com armas ao ministerio, posto que não tenhaes dito uma só palavra que offendesse ao monarcha, não sois mais seus creados; vós, apezar de não terdes tomado parte na revolta, lá tendes amigos, mandae vossa chave! Senhores! Isto é decente? Qual é o homem que aceitará d'ora avante uma honra destas, se pôde vir um ministerio lançal-a cuspida em seu rosto? Para que hão de querer que haja resentimentos se o monarcha não offende nem é offendido por ninguem?"

Os ministros que assim se haviam mostrado prepotentes e odientos tinham-se esquecido de quão precario era o mando e instavel a politica em suas prevenções e em suas allianças.

Si não attenderam á lei deviam pelo meos seguir o "principio do medo": "temos sido testemunhas de tantas variações, temos presenciado tantas metamorphoses, tanta instabilidade de fortuna, que não devemos praticar nada que não seja de rigorosa justiça. Ahi está um exemplo no proprio senador Feijó: de-

portou sem forma de processo um individuo; era esse homem de nenhuma importancia; e veio a pagar na mesma moeda, e a soffrer na mesma provincia do Espirito Santo (apoiados). Vemos hoje ligas que hontem nos pareciam impossiveis: milita hoje no campo ministerial gente que a tres annos, se lhe perguntassem a possibilidade desta união, diria que nunca se realisaria! Outros que, no tempo do ex-imperador, eram liberaes bem chegados a republicanos, logo depois da abdicacão se tornaram campeões da restauração com absolutismo; estes mesmos homens outra vez liberaes, etc. etc. E o mais é que inimigós irreconciliaveis de hontem são hoje inseparaveis amigos... E' mister ter mais prudencia... aliás pode vir um dia em que aquelle que cometteu uma injustiça a soffra por seu turno, e então não terá direito de queixar-se; porque seus actos anteriores são sua propria condemnação”.

Aqui advertindo, alem descrevendo a realidade politica, de quando em quando Wanderley chamava a ironia a ajudal-o no discurso. Ao lembrar que nas desordens de S. Paulo e Minas nada apparecera de offensivo á pessoa inviolavel e sagrada do imperador, lançava este sarcasmo, que indo a quem tocava, tocava a todos: “hoje... a questão é de saber quem ha de ser mais monarchista. Um diz: tendes o imperador coacto, coartaes-lhe as attribuições que a constituição lhe confere, não sois verdadeiros monarchistas — sahi á força do governo! O outro lhe responde: vós é que coagis o imperador a não nos nomear livremente, quereis a anarchia, não sois monarchistas, sois republicanos! Ora, entendei-os lá neste jogo! O que todos querem não é difficil de saber...”

Politico novo, sem passado a ser recriminado e sem liames pessoases ou partidarios, nada lhe attenuava a censura ou lhe continha o desembaraço da franqueza. Podia espicaçar grandes e pequenos: — os do governo como os da opposição, e até de revez a corôa (1).

Gosava do privilegio raro do parlamentar que se sente só e livre. Fazia-se temido; e, pelo humour de que coloria o discurso, e pela cortezia natural com que esmaltava a oração — respeitado sem magua.

Si de Paulino motejava, pedindo para o deportar com o subsidio de deputado, ao alludir ao banimento de um dezembargador para a Europa, com ordenado, não poupava tambem os padres intolerantes: “reparo numa coincidencia, e é que estes principios, esta repugnancia ou desrespeito á immuidade dos representantes da nação, partem sempre de certos senhores que seguem a profissão ecclesiastica. Pensarão accaso que só a igreja gosa de immuidades?... Não será porrem de admirar isto se attendermos que a theologia nos presta argumento para tudo; antigamente os papas, com argumentos tirados della se arrogavam o direito de relevarem os subditos do juramento de fidelidade aos reis por motivo de herezia, etc. agora muda-se de rumo, releva-se o governo do juramento de fidelidade á constituição e ás leis.”

E se D. Manoel o aparteia dizendo ter mais medo da anarchia do que do absolutismo, atira-lhe com graça a farpa envenenada de allusão ferina: “pensa assim o nobre deputado porque está mais alto. Se eu

(1) “Não sei como um ministerio que tinha, segundo supponho, matoria das camaras, que acabava de prestar serviços ao palz, serviços que não contesto, não sei como se retira sem uma votação da camara que lhe fosse contraria, não sei como se fazem assim estas cousas atraz da cortina. Desejando a sua retirada, não a desejava, comtudo, por esta forma, que me parece toda contraria aos estylos”.

nascesse rei ou perto de rei (hilaridade) havia de gostar muito disto, porque, quem não desejará governar por si?..."

Ouviam-n'o todos com a attenção avida do imprevisto. O provinciano se impunha. Fazia rir e sangrar. Brandia a critica com o mesmo impeto á direita e á esquerda. E commovia, communicando ao discurso o tom humano e piedoso de indulto e solidariedade aos vencidos.

Não desfarçava effectivamente uma grande sympathia pelos rebeldes, ainda que se esforçasse por ser imparcial e frio. Nunca haveria de pugnar — dizia elle — pela impunidade de criminosos, nem increpava só o governo: "accuso agora principalmente as transgressões da parte deste, por ser d'elle que considero mais imminente o perigo, porque, senhores, os outros estão presos, e não preciso mais accusal-os, e os do governo de então ainda estão soltos (risadas). Sr. presidente, só pugno pelos principios; as administrações passam, os homens passam, e os principios ficão! Esta mesma administração de que fallo, torne ao poder e mude de rumo que achár-me-á nas suas fileiras" (1).

(1) Quando em fevereiro desse anno de 1843 foi solicitada licença á camara para a nomeação do general Andréa para presidir a provincia de Minas Geraes, Wanderley, como Sinimbú e Ferraz, discutiu o assumpto oppondo-se á licença ao futuro Barão de Caçapava. Demonstrou ahi mais uma vez seu interesse pelos rebeldes: "faria uma supplica ao nobre general: pediria que se lembrasse que vae governar um povo generoso e cheio de brío; que se lembrasse que a provincia de Minas se acha dividida em dous campos, em dous partidos contrarios; que se lembrasse que, depois das commoções politicas sempre ficam odios e resentimentos, e que muitos se acobertam com a legalidade, com a justiça e com a ordem publica para fartarem-se de vinganças por motivos particulares. Lembraria, alem disto, ao nobre general que vae achar em Minas, sujeitas a accusações e julgamento, pessoas de quem talvez seja inimigo. Eu

Argumenta então no sentido de provar não ter havido *rebellião*; que os revolucionarios de Minas e S. Paulo não podiam ser de tal figura criminal accusados. Não os justificava, mas se “acontecesse que qualquer cidadão soffresse uma punição injusta, apesar de ter comettido um crime, havia de defendel-o, havia de pugnar pela execução da lei, porque as garantias não são para aquelles que não precisam dellas, são para os criminosos... as garantias são estatuidas para que, a pretexto de punir o crime, não se venha a abusar da autoridade”.

Não era, entretanto, solidario com a revolução. Aos sentimentos de humanidade e justiça casava uma visceral incompatibilidade com todo appello á força e qualquer desobediencia legal como formas de acção politica. E' por isso que, a certo trêcho, quando Carneiro da Cunha o apartêa dizendo-lhe estar interpretando a intenção dos rebeldes e os justificando, replica trepidante e vehemente: “não me venha o nobre deputado com esses terrores, não sou daqueles que gostam de fazer o elogio da propria pessôa, principalmente porque não tenho precedentes, nem que me abonem, nem que me desacreditem, mas sigo a maxima — se queremos que digam bem de nós é preciso que não o digamos. Aquelle que anda com as bochechas muito inchadas: sou o patriota mais conhecido do Brasil, sou o homem mais honrado, de bem, etc. nem sempre acontece que o seja; espere o juizo de seus semelhantes”. Não lhe buscassem pois perscrutar intenções: “não quero fazer a historia da minha pequena vida para demonstrar ao nobre deputado que

lhe pediria que se despisse de toda e qualquer prevenção, que se considerasse homem novo, desconhecido na provincia” (sessão de 23 de fevereiro). Não era de um presidente energico que carecia Minas; era de quem allí derramasse balsamo.

nunca sympathisei nem sympathiso com a desordem; o que quero é a conservação da constituição e das leis. Si não houve rebellião, estão pois innocentes? Não”.

Empolgado pela benevolencia em relação aos rebeldes batidos e derrotados, reagia contra o que entendia ser prepotencia castigadora do governo.

Nas antesalas da camara, entre outros, era visto em conferencia com elle um jovem de rosto magro e olhos fundos que lhe fallava dos soffrimentos de seus parentes e amigos, e lhe demandava providencias, e lhe estimulava a acção parlamentar. Era Christiano Ottoni que postulava pelo irmão Theophilo, por seu pae, pela sorte dos vencidos.

Cimentava assim Wanderley, entre liberaes amizades de *re incerta*, que resistiriam a todas as asperas divergencias da politica (1).

A sua politica então seria a da brandura e a da conciliação: “não se persuada ninguem que quero um ministerio composto destas ou daquellas pessoas; não, sr. presidente, quero apenas homens pacificos, não quero guerreiros distinctos; quero homens que marchem com a constituição, que abafem as facções, mas

(1) “Na reacção que provocara a rebellião mineira de 1842, advogou as idéas de moderação, interessando-se pela sorte dos comprometidos, e dahi proveio a constante amizade, que sempre cultivou com os principaes chefes liberaes, embora em arraloes diversos” (Nota biographica do punho de Cotelge).

Numa carta escripta em 13 de março de 1879 dizia Christiano Ottoni a Cotelge: “tenho recebido de V. Ex. demonstrações de alguma estima, desde 1843 quando ia á camara pedir a sua protecção para os encarcerados de 1842...”

Na sua “Autobiographia” escreveu Christiano Ottoni: “Em 1843 tendo cahido os rebeldes e estando perseguidos meu pae, meus irmãos e meus amigos, agitel-me, auxiliei quanto pude a reacção em favor dos vencidos, quer escrevendo para a imprensa, qur prestando informações a alguns deputados e senadores que queriam protestar contra os abusos da victoria, que, em verdade, foram clamorosos”.

que saibam que o arbitrio não é meio de governo; quero um ministerio que não considere o Brasil dividido em conquistados e conquistadores; quero que o governo domine e não seja dominado pelos partidos; seja o governo quem fôr, estou prompto a ajudal-o com meu fraco voto”.

E se lhe pediam um programma, resumia-o: — a constituição, “tal qual sem uma virgula de mais ou de menos” (1).

Havia reformadores que lhe achavam defeitos e a queriam modificar. O ex-ministro da justiça, Paulino, por exemplo, dizia: “aproveitemo-nos da victoria, fortaleçamos o poder. (O Sr. Paulino — Sim, apoiado) e eu digo, não, não; pelo menos enquanto estivermos com medo, deixemos arrefecer os animos para, despidos de prevenções e odiosidades, entrarmos na discussão desta materia. Acaba-se de um combate; quasi todos ainda tremem, e já se cuida de fortalecer o poder? Vejo o poder tão fortalecido que assento que o perigo já não vem do lado da anarchia, e por isso quero a conservação de tudo, a conservação plena, mesmo a de alguma cousa que não preste. Os remendos, as reformas têm-nos trazido mais males que bens; descansemos, experimentemos o resultado, o effeito de certas leis; pois porque uma lei não serviu para hoje, não servirá para amanhã, para o futuro?”

“Sr. presidente, os nossos negocios andam infelizmente em continuada acção e reacção: quando predomina o sentimento democratico os nossos politicos levam-n’o até baterem nas portas da anarchia; quando

(1) Na sessão de 18 de agosto de 1846 diria Wanderley: “mesmo no caso de duvida ligo-me ao existente; não quererei tomar sob a minha responsabilidade uma mudança, sem que esteja intimamente convencido da utilidade della”.

predomina mais o sentimento monarchico, o de fortalecer o poder, vão, vão pelo arbitrario, até bem perto do absolutismo. De tudo se lança mão, da embriaguez do momento de triumpho, do medo, do terror que ainda predomina. Aproveitão-se, na extensão da palavra, da victoria! Estou prompto, mas depois de profundo exame; por ora não: — conservemos o que está”.

Clara e definida seria a sua posição ante o novo ministerio: “conte comnosco mas nas raias da constituição e das leis; conte comnosco para manter a ordem e a paz; mas não conte comnosco para fazer o que quizer quando transido de medo. Nós temos passado por crises peiores que esta, nunca os governos desesperaram da salvação publica; agora parece que se desespera dessa salvação, agora é que se figura o perigo mais imminente. Olhae para o Rio Grande; lá é que está o maior perigo...”

III

Tinha Wanderley conquistado as suas esporas de cavalleiro.

Onde poderia ter surgido um rapaz a cumprir o seu dever espectacular de estreia, recitando um discurso armado em recortes de preconcebidos effeitos rethoricos — mostrava-se o homem feito para as assembleas politicas, já na plena posse de suas armas tribunicias, manejando-as com o desembaraço dos veteranos, com os altos e baixos, a perfeição e os defeitos dos verdadeiros oradores parlamentares.

Nebias que em seguida lhe responde, chama-o já de "voz poderosa" (1). E Paulino e Souza Franco procuram aparar alguns dos golpes que andara desferindo em todas as direcções.

Aquelle jovem audaz — athleta moço que se movia na arena sem escudos, com a força viva e inquieta de seus musculos, acabara de dar á camara um bello espectáculo.

A presença, a voz, o gesto; a acolhida insinuante da physionomia; a saúde do sorriso e a ironia alternando com a gravidade despreoccupada e a naturalidade das sentenças; o descortino amplo e o meúdo apurar — tudo eram raios de sol que se decompunham em côres de iris sobre o luctador novato, impondo-o á attenção admirada da assembléa, feita então liça de grandes torneios.

Tambem Nabuco e Ferraz começavam por aquelle tempo.

O temperamento ponderoso, as qualidades de homem de gabinete, o espirito menos combatente que opinativo, o feitiço mais de magistrado que de politico não inspiravam a Nabuco a menor rebeldia ás peias partidarias, á obediencia, á disciplina que o estavam jungindo.

Em Wanderley, entretanto, e no Wanderley daquelle tempo, tudo era explosivo. Os seus pensamentos lhe andavam circulando visiveis á flôr da pelle; não conhecia reservas; pensava alto.

Nesses primordios de sua carreira revelava, por inteiro, o trabalho de adaptação, reajustamento de qualidades, com que nelle se ia construindo o homem de estado. Liberrimo em politica e em si mesmo, ora

(1) Royer Collard, depois de ouvir a estrela de Berryer dissera: "c'est plus q'un talent; c'est une pulssance".

estalam suas opiniões na indiscreção loquaz de sua idade, ora se patenteiam na reflexão profunda do estadista precoce. Atirando a todos os alvos, apurava-se, desenvolvia-se, refinava-se na publicidade dos debates.

O que em Nabuco, e em tantos mais, a submissão partidaria cobria com o véo de intimidades e silencios, nelle se processava *coram populi*.

Nos annaes se lhe acompanha a evolução: — a facundia se vae revestindo de austera clareza; a malicia, a zombaria, a subtileza, a fugacidade do humour se vão desatando e limando nos discursos; o comedimento pessoal, a renuncia á aggressividade se accentuam e fazem morrer os incidentes asperos iniciaes, que a sua cortezia modera, e afinal extingue; os conhecimentos se aprofundam e se solidificam...

Nelle e em Nabuco não só os temperamentos como as circumstancias contrastavam então vivas distincções. Wanderley era um franco atirador que fazia opposição — a situação a melhor para o inicio de uma carreira parlamentar: — a palavra livre, o adversario escolhido á vontade, o ataque facil, facilima a opinião irreverente, as qualidades pessoas a se revelarem nos combates singulares de quem não se alinhou nos pelotões dos partidos ou das facções, antes pode provocar ou aceitar duellos com quem queira, como queira e quando queira.

Ao passo que Nabuco, por tendencia e por disciplina, não sae do campo da critica ás leis e aos costumes, e vem trazer o resultado de seus estudos em projectos legislativos, Wanderley aventura-se logo nos mais perigosos debates politicos, atirando a luva das provocações aos grandes luctadores do parlamento.

Livre no ataque era também Ferraz, mais extenso, porém, e mais profundo. Tendo a fluência de Wanderley, faltava-lhe talvez a mesma instantaneidade, e carecia de certa dóse de ponderação, incompatível com a sua exagerada inquietude que então dava aos contemporâneos a impressão de "falta de juízo" (1). Dos tres, entretanto, afóra isso, é, para o leitor dos annaes, o mais completo pela segurança dos argumentos e

(1) Esse conceito sobre o Ferraz daquella epoca davam-n'o varios de seus contemporâneos. G. Martins ao tempo em que se identificava com elle na eleição senatorial alludia aos seus "estontamentos", numa carta a Wanderley; noutra, fazendo-lhe o elogio, dizia: "reputo-o talentoso e que ha de ainda occupar no palz as primeiras posições; não querendo dizer com isso que creio em seu tino indisputavel e na sua consequente conducta. Quaes são porém, os que teem uma e outra cousa", (22 de abril de 1856). Wanderley communicando a Penedo que Ferraz "andava fazendo o diabo conforme o louvavel costume" (carta de 14 de abril de 1856), recebia de Penedo esta expansão: "não comprehendendo que diabruras terá feito o nosso Ferraz, como me dizes, mas quando e porque não as faz elle? E acrescentarei, e com quem as não fará?" (carta de 4 de junho de 1856). Abrantes que o julgava com sangue de gallo da India para brigar, dizia numa carta a Wanderley: "O Ferraz pediu autorisação para mandar tres doidos da cidade do Rio Grande; e sabendo que eu havia dito, por occasião dessa vinda — que elle não queria rivaes na Provincia — tirou-se de seus cuidados e annunciou ao ministro do imperio que tinha resolvido mandar mais 12 doidos da cidade de Porto Alegre; e sem esperar autorisação fez logo embarcar tres, que aquí chegarão pelo Tocantins. Forçoso foi accellar-lhe os tres; mas foi-lhe ordem para não remetter mais nenhum. Veremos o que elle fará, pois é natural que também saiba desta vez da declaração que fiz — de não haver no Hospicio (que ja tem 337!) senão um quarto desocupado, que fica á espera do Presidente. He sabido que elle sahirá a pedradas daquella Provincia" (carta de 7 de novembro de 1858). "Lastimo — escrevia José Madureira a Wanderley — que o Ferraz esteja em opposição a um anilgo como Você e é pena que um homem de tanto talento e illustração não tenha juizo e tino politico" (carta de 4 de julho de 1855). A Wanderley também escrevia Tiberio Moncorvo (23 de Março de 1856): "E' um menino esse nosso collega, nem os annos lhe hão de dar um ceutil de juizo". Sampaio Vianna também escrevia a Wanderley: "... salvo se o homem (Ferraz) está convertido á razão e se com a idade tenha adquirido o juizo que confessava faltar-lhe. E assim parece ser porque ha dias veio fazer uma amavel visita, etc., ao meu visinho e compadre Montezuma, a quem não tirava sequer o chapéo nesses dois ultimos annos e nem no senado fallava já depois de ministro; por tal preço, Senhor, ... acabe o verso que me esqueceu" (carta de 21 de agosto de 1859); e ainda: "entretanto Ferraz por não estar sem briga, ainda em polemica com o Ottoni sob o anonymo; os escriptos do J. do Commercio com a

pela sciencia politico-administrativa de que usava sem esforço, meneando algarismos, estatisticas, relatorios, com a mesma destreza com que encarava homens ou definia doutrinas.

Eram assim diversos, e foram assim diferentes, então — Wanderley, Nabuco, Ferraz. Pouco mudariam, e pouco mudaria a politica nelles.

Ha porem uma afinação geral nos seus discursos, como nos dos que começavam por esse tempo: — certo commedimento, o pensamento sem adornos excessivos, a eloquencia despida de grandes verbalismos.

A leitura obrigada e repetida dos classicos latinos e portuguezes, a ouvida attenta da austera forma expositiva dos professores de Olinda e S. Paulo, dos mais famosos defensores no jury, de oradores mais antigos das assembléas provinciaes, e, no caso especial de Wanderley, a escuta de discipulo aos mestres da tribuna parlamentar quando frequentara as galerias em 1840, um anno de grandes emoções politicas — tudo eram circumstancias que preparavam aos discursadores daquelle tempo um modelo commum para a communicação oral. Destacava-se como excepção um Antonio Carlos; ainda o romantismo não justificara um José Bonifacio, o moço; um Ruy seria então inconcebivel.

Dentro daquelle molde mais singelo (em que se sentia a influencia ingleza, a imitação dos grandes de-

epigraphe de Sá de Miranda de que usou Ottoni, são delle, ou eu não conheço já estylos" (carta de 6 de abril de 1862). O proprio Ferraz confessava conhecer esse conceito que delle faziam. Na sessão de 2 de agosto de 1855 dizia elle na camara: "como homem politico já se me disse o que se diz de Burk, e o que o seu biographo tambem diz: — não tem juizo — mas porque? Porque não aproveitto esse tom macio, essas posições dubias para ir pouco a pouco galgando os degrãos da grande escada do poder. Mas, senhores, isso é só contra mim, eu contento-me com a minha sorte e preso muito a gloria da tribuna".

bates na camara dos communs) a oratoria permittia a manifestação mais desempedida das qualidades pessoases, características, de cada orador. O feitio accentuadamente litterario dos discursos, nas epochas que se seguiram, cobriam muitas vezes, ou desnaturavam, as expressões expontaneas e francas da individualidade do tribuno. Em Wanderley, por exêmplo, o leve manto verbal não impedia de se lhe ver a estructura do espirito. A sua estreia não foi só do orador, foi do politico que desde logo, tambem se revelou.

Um bom começo é, para o parlamentar, uma garantia de successo; é a metade do futuro.

Wanderley começara bem.

As sessões parlamentares de 1843 e 1844

- I — CRITICO E PALADINO DE PREROGATIVAS CONSTITUCIONAES.
- .II — FACE A FACE COM HONORIO. - NAMORO EPHEMERO. - QUEDA DE HONORIO.
- III — APOIO A MACAHE'. - AMNISTIA. - INDISTINCÇÃO DE PRINCIPIOS ENTRE OS PARTIDOS.



I

A Wanderley repugnava alistar-se nos grupos e facções em lucta. Não atinava com a separação dos principios e, se por então não aspirava o governo, regeitava a camisa de força dos partidos. Refractorio a toda peia, queria continuar desembaraçado de empeços.

Nesse desgarrado agir livre reбуçava-se o liberal, que, se por tendencia e utilidade era franco atirador, era pelo coração um defensor de regalias e direitos, solidario com fracos e vencidos.

Na sessão parlamentar de 1843 desempenhou o seu papel de critico — indo da analyse das eleições que queria verdadeiras e puras (da Bahia, do Pará, de Sergipe) até á reacção contra a absorpção do legislativo pelo governo. Um dia exclamava, como desçoçoado — “o melhor é reduzirmo-nos a uma commissão e abandonarmos toda direcção governativa”; e desistia de pedir informações sobre as prisões feitas em consequencia da suspensão das garantias, pois logo se diria que a administração fôra muito solícita pelo bem publico e muito energica, e seu requerimento seria regeitado “para fortalecer o poder” (13 de fevereiro de 1843).

A defender as prerogativas das camaras, ia, ás vezes, ao exagero.

Ellas já não traziam o governo sob a sua sujeição senão pelo delgado cabo das resoluções orçamentarias e dos exames de contas a que era chamado na discus-

são dos orçamentos. Deante dos ministerios estava o legislativo reduzido a quasi nullidade: "antigamente as camaras eram tudo, os governos sujeitavam-se a ellas até no que não era da sua competencia; mas hoje as camaras são nada, o governo é tudo... (1) não ouvimos senão — o governo exige — o governo pede — o governo quer", "não se profere uma palavra sem que surjão gritos de todos os lados: vós quereis augmentar os nossos males, arrastar-nos a precipicios; fazeis uma opposição desvairada; ides dar alento a essa outra opposição que lançou mão das armas!" Entretanto o principio de toda legislação era a desconfiança contra os agentes do poder, e tanto ou mais que o governo a camara era interessada pela ordem e pelo bem publico.

Vê-se que o critico, mesmo querendo ser imparcial, não se libertava de amplificações e superlativos pessimistas que a desconfiança e a antipathia pelo governo lhe inspiravam.

Não apoiaria prorrogação de orçamentos nem autorizações para operações de credito e emissão de papel moeda (2). Dava os meios legaes ao governo para acudir ás exigencias do estado, mas queria a discussão dos orçamentos, combatendo precedentes perigosos — "não ha nada que não se autorise com precedentes; tudo o que uma vez foi feito, o governo está

(1) Ao ouvir esta phrase Rodrigues Torres — aliás o ministro a quem Wanderley apoiava — não se contem e pede a palavra. Sendo advertido pelo presidente de que já não podia fallar, apartea: "parece-me que como ministro, quando se soltão proposições destas, poder-se-ia conceder a palavra".

(2) "Estando o governo munido com autorisação para fazer as despezas, adianta a renda do anno futuro e depois, quando estivermos no terceiro mez da sessão, vem-nos pedir um credito ás carreiras e declarar-nos que toda a discussão é prejudicial, toda demora fatal; que se não passar logo e logo os empregados não serão pagos, os bilhetes do thesouro não serão resgatados, todos os ramos da administração padecerão; e então, na deficiencia de outro qualquer recurso, tome papel e mais papel".

autorizado para fazer sempre. Quando um ministro ou qualquer outro agente tem a coragem de praticar um acto contrario á lei o acto consummado constitue direito" (3 de abril de 1843).

O censor sabia associar á severidade a facecia. Se, tão contrario ao emissionismo, lhe perguntassem qual o remedio que indicava, quaes os meios que aconselhava para evitar as emissões, fazia-se ingenuo com malicia, e respondia: "não sei; eu posso conhecer muito bem o que faz mal e não saber qual é o meio mais apropriado para remedio desse mal. Sei, por exemplo, quando uma casaca está ou não bem feita, entretanto não sou alfaiate, nem sei o concerto que deve ter; sei quando um sapato me aperta, mas não sei dar um ponto (risadas). Se os senhores que estão tão versados nos negocios não indicam meios, o que farei eu que, conforme calculo do sr. deputado da Bahia, não conto mais de tres mezes de idade?" (1).

Ao ardor com que se batia pelas prerogativas das assembléa provinciaes (2) não seria extranha a influencia do ambiente em que até então vivera. Tudo quanto era geral cabia ao parlamento nacional, com a sancção do poder moderador. A competencia das as-

(1) Nesta ultima referencia alludia a Rebouças em certa passagem de discurso que proferira antes. Rebouças, firmando na antiguidade a sua autoridade, dissera (sessão de 1.º de abril de 1843) — "eu, eu velho na politica, eu tanto velho quanto os mais velhos de todos, que comecei a bullir em 1817 (risadas) nasci em 1822, e appareci logo feito precursor das primicias de independencia da patria, como autoridade e poder governativo, como se diz que Minerva sahlu logo armada da cabeça de Jupiter!... (risadas). Achais que me não devo alguma cousa fiar em mim, que meus actos não devem autorisar minhas expressões; e vós que viveis a 10 annos, ha 9 annos, ha 7 annos, a 3 annos, ha mezes (risadas) quereis ser meus julzes inexoraveis...?"

(2) Insistiria nessa defesa das prerogativas provinciaes nas sessões de 27 de março de 1844, 7 de maio de 1846, e 13 de setembro de 1848.

sembléas provinciaes era a regra: fóra das limitações constitucionaes expressas tudo a ellas cabia regular. Não importava que mal agissem muitas vezes — “os abusos não excluem o direito”. E quantas vezes as camaras das provincias não suppriam deveres e obrigações do governo geral? A da Bahia era um exemplo. Com valiosos sacrificios compromettia as finanças locaes pelo bem do imperio.

Todo franco atirador, mesmo sem querer, se transforma num opposicionista sem disciplina. Quem lhe dá pasto á critica é quasi sempre o governo. Mas ainda assim, Wanderley rebelava-se contra os que o quizessem chamar de hostile, por systema ou por politica, aos ministros.

Parecia-lhe que, se o tomassem por opposicionista, suas opiniões perderiam o prestigio de julgamentos superiores, isentos de paixão: — “tem-se entendido que a opposição consiste em não dar tudo quanto o governo quer; tem-se entendido que a opposição é não se curvar a todas as exigencias da maioria e até levantar a voz contra a minima exigencia do governo é sem razão” (1).

Mas tambem era cioso de que o não julgassem exaltado, revolucionario. Contra as revoluções estaria sempre. Todas ellas acabavam prejudicando as liberdades publicas. Aquella que, havia pouco ensanguentara duas provincias, afinal resultara malefica — “um dos males que lastimo, produzidos por estas desordens é ter-nos posto na collisão em que estamos; é infelizmente

(1) Cruz Rios na sessão de 3 de abril de 1843 dizia: ouço falar em senhores da opposição, em senhores da opposição!... Eu julgo que nesta casa o unico que pode ter este nome é unidade muito insignificante; fui eu que disse que não dava meu voto ao ministerio”.

terem servido de pretexto para todas as transgressões, terem servido de fundamento a esse direito de necessidade, protector desses actos extra-legaes que a alguem parecem justos” e em relação aos quaes cessara a indagação da constitucionalidade e da legalidade, como se bastasse a da conveniencia (1).

II

A' maioria irritava essa critica liberrima, essa politica de dar no cravo e na ferradura, semelhante attitude de apoio hoje e de combate amanhã. Fernandes Chaves, por exemplo, apparentando desprezo por esses a que chamava de *marombistas*, desafiava a opposição a que se organisasse e disputasse o poder. “Ah! se não houvesse *marombistas* onde estaria a maioria?!”... — atalhava, com sarcasmo, Wanderley.

Mas o certo é que a “*maromba*” se ia definindo, e a minoria crescendo. Um dia é Ferraz que renuncia o lugar de 4.º secretario; noutro é Urbano que se integra entre os anti-ministeriaes. Desenvolvia-se o vigôr opposicionista contra o “governo *maromba*”

(1) Passando seus reproches do governo para a maioria, verberava a esta por querer abusar de seus direitos, supprimindo discussões e termos regimentaes que haviam sido instituidos justamente para contrabalançar a sua tendencia despotica. “Hoje ainda fallamos duas vezes; amanhã poderá a maioria emendar o regimento e conceder-nos apenas uma vez de fallar; depois de amanhã talvez se marque a extensão dos discursos, e não possamos senão fallar cinco minutos; porão sobre a mesma uma ampulheta, a qual apenas exprima o ultimo grão de areia, nos imponha silencio”.

Criticando definia opiniões e politica liberaes. Se, por exemplo, Itaborahy faz referencias aos inconvenientes de se procederem eleições em Minas e S. Paulo, ainda occupados por forças militares, perguntava: “mas que differença vae das eleições feitas em tempo de desordem ás que são feitas com as armas ainda quentes de f. go... quando tão grande numero de cidadãos estão foragidos, temidos ou presos?”

como o appellidava Carneiro da Cunha, emquanto a maioria, sem direcção, hesitava (1).

As votações estavam a indicar que, a não haver opportuna mão, poderia a opposição dominar. Isso sentio Honorio, a figura central do gabinete, que a 24 de abril, tres mezes depois de organizado o ministério, resolve comparecer á camara.

Não era apenas o orçamento de sua pasta que levava esse ministro á "cadeia velha"; era a necessidade de disciplinar e orientar a maioria, em risco de debandada.

Ao chegar a vez de Wanderley fallar, a discussão do orçamento da justiça dourar-se-ia de originalidade. E' que se iam defrontar a indisciplina irreverente, a malicia e a ironia desabusadas, a mobilidade vivaz de Wanderley — na agilidade mental de sua plena juventude, com a autoridade, a energia quasi truculenta, e o dominio masculino do futuro Marquez de Paraná — no inteiro vigor de sua maturidade politica. Ambos os duellistas se desvestiam de paixão, attentos mais aos golpes de espirito e ás segundas intenções profundas, que á mesma controversia politica que alli, naquelle recinto, os dividia.

Bem via Honorio que a attitude de Wanderley tinha muito de gymnastica intellectual, de exercicio, ou treinamento de parlamentar novo.

O experimentado ministro não sentia no irrequieto deputado o calor irritavel e irritante da hostilidade partidaria. Por isso mesmo affixava tolerancia, parecendo acolher com *sympathia* as picadas com que este o alfinetava.

(1) Faziam parte da opposição Cruz Rios, Ferraz, Carneiro da Cunha, Urbano, Dantas (de Alagoas). Rebouças ás vezes se manifesta contra o governo.

O estadista mineiro procurava assim render ao adversario que se ensaiava, attenuar-lhe, pela seducção, a energia da offensiva, e, se podesse, transformal-o em alliado definitivo.

Talvez não ficasse mal ao jovem *debater* a aproximação que se lhe offerecia, mas nem assim quiz elle perder a liberdade, nem quebrar o prestigio que lhe dava a coherencia com seu curto passado politico.

Tinha sido Honorio, como lhe soia, rispido com outros deputados. Wanderley, arrostando esses assomos, zumbe-lhe, antes alegre que ferino, umas ironicas prevenções. Desculpava-se de aventurar as suas reflexões e temia, sendo muito novato e pouco traquejado nas normas parlamentares, incorrer em censura do ministro que, como se vira, estava dando nova direcção ás discussões: "eu notei que v. ex., sr. presidente, não chamando á ordem, ante hontem, a um sr. deputado, s. ex. o sr. ministro pareceu chamal-o em seu discurso; por isso quizera que, quando escapasse a v. ex., sr. presidente, tão rigorista no regimento, o chamar-me á ordem, se della me desviar, s. ex. o sr. ministro me fizesse-ao menos um signal"...

A simulada humildade submissa era uma maneira de reagir contra os estylos dominadores do despotismo parlamentar do chefe do gabinete (1).

(1) Mais tarde, em 1853, Wanderley era o chefe da maioria governamental. Usava, então o deputado da Bahia muitas vezes do mesmo rigor censurante e autoritario contra que reagira em 1843. Sem a mesma leveza alegre, mas acre e brusco, na sessão de 4 de agosto de 1853, Augusto de Oliveira, irritado com os apartes de Wanderley, reclamava: "achava melhor, sr. presidente, que v. ex. cedesse o logar ao nobre deputado pela Bahia, na certeza de que eu havia de ser muito obediente ao nobre deputado quando estivesse nessa cadeira como o sou nesta occasião a v. ex. porque consagro a malor sympathia á sua pessoa e conheço que o nobre deputado é o primeiro potentado desta casa... Desejava que o nobre deputado me indicasse quaes as regras que devo seguir em qualquer

O jovem deputado achava melhor combater a tyrannia tribunicia de Honório, contrastando-a com a brandura com que fingidamente vestia queixas ou commentarios.

Assim, lá em certo ponto, criticava uma nomeação illegal: — “quando fallo na nomeação não tenho nada com o empregado que foi nomeado... fallo a respeito do acto; se este acto deve ser censurado, não é o nomeado que soffre a censura, é quem fez a nomeação; havia o sr. ministro de me nomear desemgador! O acto estava consumado; fallava-se muito por tres ou quatro dias da injustiça, depois... nem palavra... Ora isso que digo não é uma censura ao nobre ministro, é uma pergunta (risadas); apenas pergunto: em que s. ex. se fundou para esta nomeação? S. ex. não extranhe minha ignorancia...” (1).

Mal, porem, acabava de assim alegrar o debate retornava aos tons graves das convicções liberaes. Combatia, por exemplo, a idéa de Pereira da Silva (que lhe parecia antecipada notificação de algum projecto governamental) de ser preciso crear uma alçada especial para o julgamento dos crimes politicos: — “sendo os crimes politicos — exclamava — um ataque ao governo que o constitue de facto inimigo dos

discussão; é verdade que se fôr seguir os bons exemplos do nobre deputado, faria pelor do que estou procedendo agora; crelo que não trato a meus collegas com aquella dureza de que se serve, ás vezes, o nobre deputado que se considera nesta casa o decurião-mór em todas as discussões, chamando á ordem este ou aquelle sr. deputado.”

(1) Não perdia oportunidade de manifestar sua sympathia pelos rebeldes vencidos, embora contrario ás rebelliões: “não quero que o governo seja fraco na occasião da crise; não, seja forte, mas forte dentro da lei; mas depois de acabada a desordem estes actosinhos de vingança é o que não posso tolerar...” Referia-se á remoção do juiz de direito Costa Pinto que fora conservado por Paulino e que Honório acabava de mandar de uma das varas da córte para os confins do Maranhão, comarca do Brejo.

criminosos, e devendo ser a nomeação de tal alçada feita pelo governo, teremos um inimigo indicando os juizes que hão de julgar seus inimigos e isto equivale a querer-se que o governo seja juiz e parte conjunctamente”.

Mas logo descahia para o sarcasmo: “como o nobre deputado (Pereira da Silva) rodeou seu pensamento de tantas idéas dramaticas (risadas)... não pude comprehender o sentido e o alcance das suas palavras. Si não são idéas do ministerio eu acharia bom que o sr. ministro chamasse o nobre deputado... (Um sr. deputado — A’ ordem? (risadas)) porque em verdade a camara esteve muito desorganizada, não havia methodo nas discussões, mas logo que o nobre ministro entrou eu vi outra cousa (risadas), observei certa ordem, cada um a seus postos (risadas) e tudo mudou de tal sorte que bem se percebeu que ainda s. ex. faz falta nesta camara (apoiados. O sr. Pereira da Silva — Faz muita falta)... Si eu estou dizendo que o sr. ministro faz muita falta, como é que o nobre deputado quer me tomar esta gloria? (risadas)”.

O discurso de Wanderley ganhava interesse em alternar assim gravidade e sorriso. Ia voltar á seriedade impessoal: “alguem ha que dá sua confiança ao ministro, emquanto não tem factos contra elle; eu emquanto não sei bem de suas opiniões, suas tendencias, abstraio-me de comprometter meu voto”.

Reclamava declarações precisas, pois talvez pudesse apoiar o governo.

Quaes eram, por exemplo, as suas disposições a respeito das immunidades parlamentares? Entendia poder desrespeital-as, poder prender e deportar deputados em caso de rebellião ou invasão de inimigos, quando suspensas as garantias constitucionaes, no intervallo das sessões parlamentares? Acompanhava

nesse ponto a opinião pessoal de Honorio? Si assim fosse havia de se oppôr ao governo: "que cousa mais facil do que fingir a existencia de uma conspiração, de uma resistencia qualquer e descartar-se assim de algum rival ou vingar-se de algum inimigo? E que será feito dessa pouca independencia que ainda resta ao corpo legislativo?" (1).

Todos alli, deliciados embora pelo chiste que os fazia sorrir e admirados da coragem do orador, mediam a quanto este se arriscava; e de orelha fita estavam á espera das repulsas brutaes de Honorio. Viam, boquiabertos, porem que, ao emvez de repellil-as iracundo, não se desprazia, o ministro, daquellas provocações envoltas em galanices. Tamanha paciencia de ouvir, podia, entretanto estar encubando uma replica de duplicada violencia.

Todavia, ao responder, estadeou, surpreendentemente, o ministro sobrançeria e generosidade, pagando com indulgencias, appellos e chamamentos, os golpes que lhe desferira aquelle moço ousado: "sinto — disse Honorio — não merecer a sympathia do nobre deputado que, a meu ver, parece ter affectado um pouco de malignidade para com o ministerio. Toda a minha disposição é estar de accordo com elle..." E passou, com notavel e excepcional brandura, a ex-

(1) Honorio respondeu a Wanderley sobre immunidades parlamentares, dizendo haver exposto uma opinião pessoal; não consultara os collegas de ministerio. Não havia probabilidades de rebelião ou invasão com deputados ou senadores implicados, quizera, todavia, ratificar o seu modo de pensar. "Se houvesse rebelião ou invasão de inimigos e eu visse certos e determinados deputados ou senadores favorecendo a invasão eu julgarla de meu rigoroso dever pol-os na impossibilidade de fazer o mal (numerosos apoiados)". Entender-se-ia com seus collegas. Se prevalecesse sua opinião, executaria o combinado rigorosamente. Retirar-se-ia se não prevalecesse, ou si a camara lhe não aprovasse o procedimento.

plicar, ponto por ponto, os objectos da curiosidade critica de seu adversario. Via-se o cuidado de não susceptibilisar o aliado que buscava, o zelo, a contensão para nem sequer parecer que o combatia.

Essa deslisante suavidade era mais de notar em Honorio, quando não perdia elle, nesse mesmo discurso, a brusca severidade aggressiva do costume, com deputados da maioria.

Foi assim com Fernandes Vieira, quando este num aparte, arriscou-se a perguntar porque nomeara certo juiz, e o ministro, na resposta, cahiu a fundo, com uma estocada de estripar, sobre o pobre parlamentar estarecido: “as preferencias cuida que estão a meu cargo e não do nobre deputado... E' livre ao nobre deputado pensar o que eu devia fazer; se julgar que o caso é grave e que desmereci de seu conceito, eu acceito todas as consequencias... (Fernandes Vieira — Então não lhe posso dirigir apartes?...) Reconheço tanto este direito que estou respondendo a elle, dando uma especie de explicação. Tenho pois explicado”.

Foi assim com Pereira da Silva, a quem nada valeu imitar a todos os demais deputados da maioria, pondo as barbas de molho. Já estava assignalado para a censura. A Honorio pareceu natural que Wanderley julgasse haver aquelle deputado, ao fallar sobre tribunaes de excepção, exposto algum pensamento do governo. O equivoco era plausivel — dizia Honorio — pois elle mesmo, na vespera, ao ouvir um discurso de Pereira da Silva em que divergira do ministerio, acerca de uma certa gratificação, o julgara opposicionista. “Parece-me que posso ser ministerialista e ter uma ou outra opinião differente do ministerio” — atalhou o deputado surprehendido com aquelle safanão castigador. Mas Honorio insistiu — um

ministerialista podia divergir do governo em questões graves, naquellas em “que é preciso alheiar sua razão para não se separar”, não no caso de uma simples gratificação. Era um puxão d’orelhas. Pereira da Silva, desarvorado, não sabia o que dizer provocando a hilaridade da camara com esta declaração de collegial timido: “mas não me passei para a opposição, divergi nesta parte”.

Podia jactar-se Wanderley da amenidade de Honorio; mas bem estava palpando e sentindo, naquelles incidentes, como era perigoso o convite que ella envolvia. A disciplina no campo governamental apparecia demasiado aniquilante para quem era e desejava continuar livre.

A aspereza do chefe patenteava-se temerosa. Aquellas reprimendas publicas a tão pequenas manifestações de opinião, esboçadas por deputados da maioria, eram advertencias significativas.

Ainda quando idéas e attitudes não o separassem em muitos pontos do ministerio, Wanderley ponderava que mais valia permanecer franco atirador para ser requestado com indulgencia, do que transformar-se em ministerial para ser commandado com tamanho imperio. Foi, portanto, menos com desvanecimento do que com prevenção, que recebeu o semi-ironico convite do chefe do gabinete, o qual lembrava, muito a proposito, a declaração de Wanderley de apoio a Rodrigues Torres, o ministro da marinha: “estou prompto — dizia Honorio — a acceitar todos os bons conselhos dos senhores deputados, ainda mesmo daquelles que não sendo completamente ministeriaes são comtudo ministeriaes da marinha (risadas). Eu tenho o habito de não regeitar os bons conselhos

ainda dados por inimigos, quanto mais pelo nobre deputado que é quasi ministerial. (risadas)" (1).

Duraria pouco esse namoro entre o ministro dominador e o deputado independente. O ministerio Honorio (20 de janeiro de 1843) permaneceu no poder apenas um anno. Venceu-o a chamada facção aulica. O futuro Marquez de Paraná deixou o governo dramaticamente num incidente, de grande repercussão, com o imperador.

Já na outra sessão legislativa (1844) Wanderley viria encontrar no poder o gabinete Almeida Torres-Alves Branco, que governava desde 2 de Fevereiro. Ao abrirem-se as camaras evidenciava-se que o novo ministerio não contava nellas maioria. Wanderley afastado de Gonçalves Martins, constituia, com Ramiro de Assis Coelho e Moura Magalhães o grupo bahiano da minoria governamental. A sua adhesão ao ministerio se ia consolidar com a entrada de Galvão, de quem era amigo, para a pasta da justiça.

(1) Eunapio Deiró (Thimon), em "Estadistas e Parlamentares", alludiu a esse primeiro encontro parlamentar de Paraná com Cotegipe: "O Sr. Barão de Cotegipe appareceu muito moço no parlamento. Sua familia importante e influente no interior da Bahia nindistrou-lhe base para sua carreira. Elle conquistou as posições politicas com seus incontestaveis talentos; foi eleito representante da Bahia na primeira legislatura depois da revolução parlamentar da maioridade. Dissolvida a camara previamente veio reeleito na legislatura seguinte. A sua estréa na tribuna foi um triumpho; dizem os contemporaneos que alem das brilhantes qualidades, as quaes ainda hoje posshe, o orador era jovem, ardente, se apalxonava no debate. O deputado Wanderley travou serios combates com potentados politicos. A audacia do moço, o esplendor do talento, a rectidão e madureza do criterio, a consciencia do proprio valor, que não dissimulava, impuzeram aos ministros. Um pouco amestrado nas luctas da palavra, por se haver exercitado na tribuna da assembléa provincial da Bahia, o orador fallava com a competencia e seguridade de um provector e sem os recelos de um novato. Honorio finha o olhar certo e como era um character altivo e forte, amava a franqueza; deu o primeiro passo, explicou-se com o deputado a quem cercou da mais alta estima e consideração. Quem sabe se Honorio não tivera praticado esse acto, o Barão de Cotegipe, levado pelo gosto de fazer opposição, não se teria desviado da levado pelo gosto de fazer opposição, não se teria desviado da senda?"

III

Curta foi a sessão de 1844. De 3 a 24 de Maio, data da dissolução da camara, Wanderley tivera apenas tempo de debater com Euzebio sobre a amnistia e a vida dos partidos.

Euzebio, que, a principio, apoiara o gabinete de 2 de Fevereiro, manifestara-se em opposição, "desde que os ministros começaram a deslisar-se um pouco" e desde que suas suspeitas se haviam confirmado com a "celebre exposição de motivos que precedeu a amnistia" aos rebeldes de S. Paulo e Minas.

Naquelle estadista a firmeza das opiniões e o desassombro energico contrastavam com a brandura do estylo oratorio, a suavidade "quasi feminina" da eloquencia que o servia admiravelmente no parlamento.

Quando fallava ia Euzebio aos factos directa e logicamente; os argumentos vinham-lhe nús e fortes, mas a expressão ainda que precisa e incisiva era sempre gentil. Jamais se desviou, mesmo provocado, a incidentes pessoas. Não perdia o equilibrio das maneiras as mais refinadas, para atirar-se, nos impetos da replica, ás offensivas a adversarios ou suas idéas. Seguro e inabalavel na opinião que sabia, como poucos, justificar e sustentar; vigoroso, tenaz, inflexivel na acção — mesmo os adversarios estimavam ouvil-o.

Fôra ministerial. Era agora opposicionista. Não sabia senão ser decidido. Ia fazer ao gabinete criticas terminantes.

Na sessão de 15 de maio de 1844 profere um longo discurso de opposição. Se era favoravel á amnistia, contrario se mostrava áquella que se concedera. A imprensa a tinha reclamado como uma imposição.

Dera-se aos seus antecedentes uma grande publicidade. Todo o mundo della sabia; até a data em que seria publicada: — “os presos foram soltos irregularmente no mesmo dia, sem se esperar o julgamento da graça por conforme; os amigos estavam vestidos para irem cumprimental-os, só á espera da Alleluia; as iguarias já se estavam preparando para o banquete de applauso”. A amnistia tinha sido menos um acto de clemencia do que de *sympathia* pelos rebeldes. Havia um designio politico naquillo — “o pensamento do ministerio era chamar a si um partido que lhe não perencia”. Os ministros, levados pela intriga, abandonavam os conservadores para se lançarem aos braços dos adversarios.

Paulino não foi menos vehemente que Euzebio em seus ataques á amnistia.

Wanderley destacou-se para responder aos campeões conservadores. Alguem declarara — “sou opposicionista e sou opposicionista porque não gosto da politica ministerial”, pois elle retrucava, começando o o seu discurso: — “sou ministerial porque me agrada a politica do ministerio” (1). A amnistia, em vez de censura, era credora de elogio e gratidão: — “os estadistas e escriptores que se occuparam desta materia reconhecem que as amnistias são proveitosas, são de evidente necessidade, ou quando grande numero de individuos se acha compromettido nas dissensões civis e o mal de suas punições seria igual, senão maior, do

(1) No seu “Perfil biographico do Barão de Cotegipe” Fabiano allude a este discurso de Wanderley (22 de Maio de 1844) com grandes louvores. Com elle — “começara a revelar a tempera do homem politico..... teve rasgos de verdadeira eloquencia. Euzebio de Queiroz, sorpreso, recorreu ao silencio, deixando passar as torrentes do novel estadista que ora fazia rir, ora discutia com lucidez”.

que o mal que se quer punir, ou quando, por fraqueza ou sympathia dos tribunaes, os mais influentes ou directores escapam á expiação legal. Daqui tiro uma conclusão e é que não ha precisão de certeza de arrependimento para que taes graças sejam concedidas; o interesse publico que as reclama não perscruta as intenções, nem o póde fazer; não crêa hypocritas; estende o beneficio a todos, arrependidos ou não arrependidos; e os vigia depois, se assim convem..." Ninguem ignorava as terriveis comoções por que haviam passado as provincias de Minas e S. Paulo, onde grande parte das populações ficara compromettida e a lucta, despertara odios que não estavam ainda aplacados: "ora, considerae essa população continuando com a lucta moral, dividida e aterrorisada mutuamente; considerae as intrigas pessoas, as desaffeições particulares que se cobrirão com o manto da lei e da politica para tirar vindicta de seus inimigos e decidi, com a mão na consciencia, que a amnistia não foi util, proveitosa, reclamada por uma politica, imparcial e esclarecida! Accrescentae a isto a epoca em que nos achamos, os processos que seriam adrede organizados para agastar os contrarios no combate eleitoral, a agitação e o terror que se apoderariam de todos, os demais consecretarios de um tal estado de cousas, e então, então disse: a amnistia foi um mal!" Nenhum dos chamados cabeças tinha sido condemnado e os outros culpados não o seriam certamente: "supponde que os tribunaes não os absolvessem — a punição produziria algum bom resultado moral? Não: antes elles seriam lastimados, e até obteriam a cathegoria de martyres. Porem o bem pensado acto da amnistia tudo evitou: restituiu immensos cidadãos ao seio da sociedade; lançou as bases de um futura conciliação; tirou de entre a população este germen de persegui-

ções e restabeleceu, uniformisou a sorte dos comprometidos”.

Nem se dissesse que a amnistia fôra concedida em ocasião pouco azada: “senhores, não invocarei em meu favor razões de pessôas que se sentam de meu lado, invocarei o voto do nobre deputado relator da comissão (Euzebio) que não pôde ser suspeito de devoção a Santa Luzia. Elle disse que se tivesse a honra de ter assento nos conselhos da corôa (o que Deus não permita por algum tempo) (risadas) (1) elle aconselharia que a amnistia fosse concedida infallivelmente antes das eleições. A questão reduz-se pois a uma questão de tempo: mais um mez, menos um mez não pôde influir nella (apoiados); e se o honrado membro assim pensava e pensa — porque criminalo o ministerio pelo acto que elle proprio praticaria? Não ha nisto grande injustiça? Não ha contradicção? Aquillo que podia e devia ser infallivelmente concedido antes de 3 de junho, não o podia nem o devia ser em março para ter o seu devido effeito na epoca das eleições?

“Mas, continúa o honrado membro, (o nobre deputado ha de permittir que eu me ocupe mais com o seu discurso, porque é considerado o evangelho politico do partido em que se acha, está impresso e distribuido por todas as partes do Brasil, e apezar da desigualdade de forças fica-me ao menos a honra de tentar combatel-o) a amnistia não foi opportuna porque a imprensa a tinha collocado em uma posição que parecia mais impol-a, exigil-a do governo, do que pedil-a, e que muito desconhecia o poder da imprensa em paizes constitucionaes quem pensava que não tinham força as suas palavras nas questões que se agitavam”.

(1) Tres annos depois subia ao governo Euzebio, tendo Wanderley como um de seus mais prestantes auxiliares.

Wanderley destaca este argumento para exprimel-o numa tenaz de logica: "o honrado membro não viu em primeiro lugar que esta proposição se contradizia com a que antes tinha estabelecido? Porquanto o nobre deputado censura a amnistia por ser concedida, quando a imprensa bradava por ella, quando anteriormente dissera que infallivelmente a aconselharia antes das eleições. Supponha que a imprensa continuasse a bradar até essa epoca; concedel-a-ia? Não; se a concedesse segue-se que a imprensa não é obstaculo para o illustre deputado; e se não era para vós como devia ser para o governo (apoiados)? Em segundo lugar devia notar o nobre deputado que os partidos são habilissimos nos seus manejos e podia bem acontecer que os mesmos de seu lado, sabendo o seu modo de pensar, mandassem publicar artigos virulentos em favor da amnistia, e assim ficava sempre ella adiada, e, illudida, a boa fé do nobre deputado soffreria uma completa mystificação."

Euzebio dissera que o como, o modo, da concessão da amnistia havia sido revestido de taes circumstancias que demonstrava sympathisar o governo com os crimes politicos, com os compromettidos. Wanderley contestava: "por maior attenção que dêsse ás palavras do honrado membro, apezar da suavidade canora que o distingue, não me pude compenetrar da procedencia de suas razões. Quaes os factos ou indicios que apresentou para concluir que a administração sympathisava com os crimes politicos e cortejava os compromettidos nos movimentos de Minas e S. Paulo? Eu encararei suas razões e as apresentarei á camara, que vendo-as então despidas do colorido com que as adornou o illustre deputado, conhecerá que são frivolas.

“A primeira cousa que incutiu no animo do nobre deputado a persuassão de que a administração sympathisava com os compromettidos foi o pouco mysterio que guardou na concessão da amnistia, sendo (disse elle) o ministerio tão mysterioso que não podemos penetrar os seus actos senão por noticias das provincias. A segunda: que o decreto de amnistia tinha sido escripto em papel tarjado velin (risadas) distribuido na sala do docel e não sei que mais. A terceira: que no relatorio e no decreto de concessão da amnistia não se empregava a palavra — rebellião — o que indicava sympathia, ou quando nada, temor.

“Ora, o primeiro motivo, como eu disse, é frivolo, porque taes actos ao envez de mysterio requerem publicidade; a amnistia devia ser precedida de toda a discussão para que fosse depois com acerto deliberada...

“Outro motivo, sr. presidente, foi o tal papel e a distribuição. Ora, senhores, nunca pensei que fosse motivo de divisão politica o ser um decreto escripto em tal ou tal papel (risadas). Ficarei entendendo de hoje em diante que uma das causas de divisão politica, de opposição ao ministerio é que quando o governo manda publicar seus decretos fal-o em papel asseado, e os outros... (risadas).

“O terceiro indicio ou motivo foi a falta de emprego da palavra rebellião no decreto. Parece que esta questão é para os nobres deputados uma questão de vida ou morte. Pelo que li de um discurso de um honrado senador querem que se empregue a palavra rebellião, porque dizem que sua omissão poderá servir de pretexto para serem processados e responsabilizados os que suspenderam as garantias. Esse temor ou é fingido ou não tem fundamento.

“Porque não emprega-se a palavra — rebellião? Primeiramente porque os nossos tribunaes em ultima

instancia não decidiram esta questão, e em segundo lugar porque quando se trata de perdoar, de lançar o véo do esquecimento sobre erros passados, não é digno de quem perdôa lançal-os em rosto (apoiados). Se fosse mister apoiar-me em um exemplo muito forte, eu convidaria os nobres deputados para lerem um trecho do discurso da abertura do parlamento inglez no corrente anno. Ninguem ignora os acontecimentos da Irlanda e que alguns criminosos estavam até condemnados pelos tribunaes, entretanto vêde como a rainha se expressa a respeito delles: "abstenho-me de qualquer observação sobre os acontecimentos de que foi theatro a Irlanda". Eis aqui a reserva com que a corôa falla daquelles acontecimentos, apezar de já serem do dominio dos tribunaes; eis como se procede nesse paiz livre! E nós, pelo contrario, em o anno passado, antes dos tribunaes tomarem conhecimento do crime o qualificamos; e quando nos oppunhamos a essa qualificação (1) dizia-se que era preciso haver correspondencia á falla do throno; e quando se quer hoje essa correspondencia, recusa-se, teme-se, acha-se contradicção, sympathia pelo crime!... Quando os tribunaes estão julgando os réos da Inglaterra a rainha se exprime com a reserva que já notei, e no Brasil, depois de perdoado o crime é que se quer empregar a pala-

(1) No seu discurso de estreia em 3 de fevebreiro de 1843 Wanderley sustentara que em S. Paulo e Minas não houvera rebellião. Se queria a eliminação dessa palavra não desejava a impunidade dos criminosos, era até mais severo porque queria a punição sem distincção de cabeças de rebellião. Mas tambem queria a punição do governo: "aquelles que entendem que não houve rebellião entendem que o governo foi criminoso em suspender as garantias; e aquelles que querem absolver o governo não teem outro remedio senão dizer: houve rebellião; porque se nós tiramos esta palavra o governo não suspendeu bem as garantias". Passou a encarar as varias hypotheses legais da figura juridica da rebellião, para sustentar que os culpados de S. Paulo e Minas não eram passíveis das penas desse crime. Outro era o crime e outra a pena para os implicados nos acontecimentos de S. Paulo e Minas.

vra — rebellião, não como motivo politico mas apenas como um estygma”!

Para contestar a um argumentador forte como Euzebio havia Wanderley de recorrer assim á dialectica cerrada e á simplicidade convincente da logica, qualidades tribuniceas que lhe não faltavam. E como tambem lhe era nativo o humour; deixava que este se expandisse, saboreando-o. Assim, a certo trecho, vae buscar na sua bancada a Justiniano José da Rocha para salpical-o de ironia: — “ainda hontem o nobre deputado de Minas, éco da imprensa do partido anti-ministerialista, resumiu todos os artigos publicados desde 2 de fevereiro, e fez delles artigos de accusação contra o governo. Vamos notar quaes os pontos de separação que na sua opinião nos dividem do outro lado. O primeiro motivo que elle deu foi de um epigramma, foi... pois que o chamaram do partido, do club de Saquarema (apoiados e risos). Ora, senhores, pois isto algum dia foi motivo para que se constitúa um homem na opposição? Sei que a historia faz menção de grandes efeitos produzidos por pequenas causas e que talvez esta divisão entre nossos espiritos provenha de factos semelhantes. Conta-se, por exemplo, que uma das causas do começo da guerra que no reinado de Luiz XIV. abrasou a Europa, foi porque deu-lhe na cabeça criticar uma janella de certo edificio cuja construcção era dirigida pelo ministro Louvois. Não agradando a S. Ex. que o rei se mostrasse tão observador de suas obras procurou distrahir-o e empregal-o na contemplação de mais altos objectos. Tambem uns versinhos feitos por Frederico II contra a Marqueza de Pompadour e um epigramma ao Cardeal de Bernis contribuíram para a guerra e

deram em resultado a batalha de Rosback. E por isso, sr. presidente, a admiração que em mim produziu esta razão de opposição diminuiu depois de considerar nestes exemplos; e já agora não chamal-a-hei frivola...”

Grande era o desprezo que então votava Wanderley ás lindes divisorias dos partidos. Para elle não havia principios impessoaes a separarem os homens. Contestava a apreciação historica de Euzebio a respeito de conservadores e liberaes; nem lhe reconhecia razão na distincção entre uns e outros quanto á maneira de apreciar os actos do poder moderador. Affirmara o chefe conservador que seus correligionarios abstinham-se de examinar aquelles actos emquanto os ministeriaes não só os criticavam, como até a elles se oppunham de armas na mão.

“Aqui tambem claudicou o nobre deputado — contestava Wanderley — por que, sr. presidente, é elle proprio quem nos diz que o que valeu ao ministerio foi estar por detraz do imperador (apoiados), aliás elle havia de mostrar até onde chegaria a força de seu braço; e nisto arranca meia espada! (fazendo o signal correspondente) (risadas). O nobre deputado que assim se exprimiu disse que o topico relativo á amnistia era uma censura ao ministerio, e que não era maior porque estava a coberto com o imperador (O Sr. Euzebio de Queiroz — Eu não disse isto). Perdõe, eu vou lêr. E’ verdade que o nobre deputado disse isto com boas palavras, isto é, brandamente, como costuma, mas quem lêr não acreditará que o nobre deputado o fez com sua doçura de expressão; mas lendo desprevenido ha de dar-lhe o tom que vou dar (lendo o trecho do discurso do sr. Euzebio com voz alta e como enraivecido): “outra seria a linguagem

por nós offerecida á camara se tivessemos dcante de nós só o ministerio, mas elle teve a fortuna de achar-se nesta questão protegido pelo respeito que a opposição, quer na tribuna, quer fora della, consagra á augusta personagem, perante quem devem ser repetidas estas palavras". Entendeis, meus senhores? (apoiados) (O Sr. D. Manoel — Não pode ser mais expresso). Portanto o partido do nobre deputado se não se apoia aos actos do poder moderador, examina-os como os outros examinaram, censura-os como outros censuraram, e quem se attribúe o direito de censurar a tal ponto, dahi a outro não vae muito longe (apoiados). Se admittis um principio deveis seguir todas as suas consequencias".

E si, como dissera Euzebio, os liberaes promoviam o alargamento dos principios de liberdade, enquanto os conservadores desejavam incluil-os na ordem, isso era pouco claro, pois a liberdade não era incompativel com a ordem; mas muitas vezes podia haver ordem sem liberdade. E se ambos os partidos queriam liberdade e ordem, não havia onde achar razão para divergencia: porque nesse caso, tão profundas divisões? "Porque vos oppondes ao ministerio actual? São as taes pequenas causas que produzem grandes effeitos; é outra especie de copo d'agua que já derribou um ministerio em Inglaterra (e não repito o nome por temer pronuncial-o mal), é o tal epigramma do club Saquarema..."

Essa these da inexistencia de principios justificadores da separação dos politicos em partidos, era uma deducção dos factos e um reflexo das idéas pacifistas e de conciliação que enchiam então o espirito de Wanderley. E não podia deixar de ser opinião de livre atirador.

Quem não queria jungir-se a disciplinas, havia de ter naturalmente prevenção contra os partidos. Já no discurso de estreia, em 1843, elle definira essa tendencia e explanara essa critica: “acho muito máo que os nobres deputados queiram estabelecer entre nós uma barreira tal que não nos possamos depois reunir por um laço commum; acho contrario aos interesses publicos que os nobres deputados, sem que tenham demonstrado os seus principios, condemnem os dos outros; acho máo que os nobres deputados queiram perscrutar as intenções de cada um: porque não pensa como eu, porque não é do tamanho que eu sou não servê! Esta intolerancia dos nobres deputados faz-me lembrar esse celebre tyranno da antiguidade que, no requinte da crueldade, possuia um leito de ferro, sobre o qual estendia os pobres viajantes que lhe cahiam nas unhas. Se sua altura excedia o comprimento do leito, decepava-lhes as pernas; se eram pequenos, estirava-os á força de tormentos até ficarem iguaes á sua celebre medida. Assim querem praticar em relação á politica. Ha aqui uma bitola ministerial pela qual se regulam as opiniões; quando não estão bem exactas — puxam-n’as até tortural-as; se excedem esta bitola... ah! existe esta differença entre a bitola do tyranno e a bitola ministerial: por mais que os nobres deputados excedam ao comprimento, ninguem lhes toca nas pernas (risadas). Se se cortassem as dos que são ministeriaes demais... (risadas)”.

O opposicionista daquelle tempo, o ministerial de agora, reclamava sempre contra a divisão em partidos; não encontrava nestes differença de principios, mas apenas contrastes de attitudes, hostilidades por motivos de pessôas ou circumstancias. Não comprehendia mesmo, então, como o politico podia abdicar liberdade para se constituir elemento de corpos collectivos.

Só mais tarde se lhe inocularia o germen partidario.

As sessões parlamentares de 1845, 1846 e 1847

- I — JUIZ DE DIREITO. — O RECONCAVO E A SUA ARISTOCRACIA.
- II — SCISÃO COM OS LUZIAS DA BAHIA. — ENTRE DOIS FOGOS.
- III — MINISTERIAL FRIO.



SEM côr politica definida, o gabinete Almeida Torres inclinava-se aos liberaes por alguns de seus componentes, e por seus actos. A mesma coalisção que agregava os ministros repetia-se nas provincias entre os deputados pertencentes aos varios grupos que apoiavam o governo. Wanderley ia alliar-se aos luzias da Bahia — Luiz Antonio, Messias de Leão... e, dissolvida a camara em maio (1844), partia para a provincia a pleitear a eleição. Levava a nomeação de juiz de direito da comarca de S. Amaro (1).

O posto era alto e cubiçado; grande a sua significação partidaria. Fiadores da politica em suas comarcas, tanto respondiam os juizes pela ordem e pela justiça, quanto pelas eleições.

Em S. Amaro estava a mór parte da riqueza da provincia. Conciliar os proprietarios territoriaes, os senhores de engenho, em pról dos interesses do governo era missão delicada e ardua. Não n'a temia Wanderley que contava, na convivencia mais estreita e com o

(1) Decreto de 28 de junho. Wanderley foi nomeado juiz de direito de S. Amaro ao mesmo tempo que Ferraz o foi da côrte, Estevam Ribeiro de Rezende de S. Paulo, Francisco Marques de Araujo Góes da 1.ª vara da capital da Bahia, Francisco Gonçalves Martins (S. Lourenço) da 2.ª vara, Magalhães Castro de Jacobina, Antonio Gonçalves Martins (irmão de S. Lourenço) de Porto Seguro, Luiz Antonio Barbosa de Almeida de Rio de Contas, Diogo Pereira de Vasconcellos de Ouro Preto. (Vide Jornal do Commercio de 12 de julho de 1844).

trato politico mais directo, fazer da aristocracia do assucar um novo alicerce de seu prestigio, até então de base sertaneja.

A extrema sociabilidade de Wanderley amiudava o convivio com os barões do Reconcavo, magnatas de S. Amaro, S. Francisco e Cachoeira: ora pelas amplas casas nobres daquela cidade, onde alguns vinham passar o inverno e onde demoravam todos nas festas ruidosas de fevereiro; ora de solar em solar — fortes como castellos, uns; outros vastos e rodeados de varandas; quasi todos sombreados de esguias palmeiras reaes que de longe os annunciam, como atalaias.

la o novo juiz por aquelles engenhos, de tanto vulto em casas de meles e moendas e bagaços e purgas; tendaes, senzalas, estribarias e “estaleiros”; capellas a branquearem de entre o verde escuro dos pomares e o verde gaio dos bananaes; residencias e hortas de tanto apparato á vista que, quando Labatut atravessou aquelles campos, para o assedio da cidade do Salvador, vendo-lhes, de longe, as construcções, exclamava admirado: “parecem uns principados” (1).

Nalguns ia Wanderley encontrar antigos collegas de Olinda: Fiuza, Pacheco, Costa Pinto, Circundes de Carvalho...

Chegara o recém-nomeado áquellas plagas no tempo das chuvas, no forte do inverno, quando as estradas se coalham de tremedaes, as distancias como dupli-

(1) Vide o opusculo: “A lavoura na Bahia, por um veterano da independencia” — 1874.

cam, e as viagens e excursões, de tanto deleite no estio, convertem-se em penosos sacrificios.

Nenhum contraste mais vivo que o Reconcavo no verão e no inverno. A alegria de tantos engenhos moentes e correntes: encontros nas estradas, a cada passo, com viajantes e passeantes em luzidas "montadas"; burramas com borrachas de mel cincerrando em busca dos alambiques; carros de bois cantando e rangendo com caixas de assucar, em lenta marcha para os trapiches; festas em cada semana; visitas em cada dia; movimento; trabalho, — essa alegria campestre da colheita, do fabrico e do transporte: todas as familias em seus solares; todos os solares com suas funcções; — esses prazeres do verão bahiano transmudam-se em tristeza e melancolia, depois das chuvas de S. José, quando se planta o milho para o S. João e as buracicas amarellecem como tufos de ouro sobre a folhagem sombria; depois das "aguas mil" de abril e dos chuveiros das "onze mil virgens"; durante a friagem de junho a agosto.

Afundam então os atoleiros nos massapês lamosos; empolam-se os riachos em rios intransponiveis, enquanto os rios arrancando pontes e alagando baixadas se espraiam como lagos. Os caminhos desdobram-se alongados em mil voltas, evitando brejos, buscando meias encostas, fugindo a lameiros. Chove dias a fio; dias a fio toda gente se recolhe, como carangueijos ás luras. Mal apparecem signaes de vida nas rapidas estiadas. Cessa toda sociabilidade numa hibernação como a das lagartas no casulo.

Só de setembro em diante recomeça a alegria com a safra. Preparam-se os engenhos; inicia-se o córte das lenhas. Abrem-se os alçapões de onde sahem, como resfolegando ao sol, os balcões lavados a

seccar. Areiam-se as formas. Accende-se um dia a caldeira. Fumega a chaminé do "banguê". E a machina na experiencia, apitando, é como um grito festivo de vida, a acenar satisfação, num pennacho branco de vapôr.

Hoje, amanhã, dias seguidos, por aquellas redondezas, succedem-se então as "botadas" obrigadas a festas e banquetes. O "sobradinho" enfeita-se para os convidados, a quem cabe, após o padre, lançar ao lento enrolar das moendas polidas, as primeiras cannas — raspadas, brancas, enfeitadas de fitas e recortes multicôres. Escorre o primeiro caldo que é, dentro em pouco, o ferver da primeira "meladura", enquanto, o capellão, seguindo o crucifixo que leva o filho mais velho do senhor do engenho, vae aspergindo agua benta e latim, na benção dos picadeiros atestados de "cayena", "salangó" e "roxa"; da casa de bagaço vasia e varrida; do tendal ou casa de purgar, com fôrmas alinhadas que branquearão o assucar e despejarão, pingo a pingo, o estimado "mel de furo". Benze coxos de cachaça; taxas; fornalhas; a machina que arfa e bufa em respiros cadenciados, e tudo move parecendo um cavallo a galope; caldeiras e boeiros. Benze tudo.

Breve alveja, estendida como um amplo lençol, a bagaceira com seus moleques e escravas que espalham com forquilhas e tridentes os sobejos das moendas, e onde corre arrastado como um trenó entre neves, o couro que conduz os bagaços seccos ao deposito.

Tudo então é por aquelles engenhos — côr, movimento, ruido e cheiro.

Os cannaviaes crescidos e altos, promptos para moêr, ciciam ao vento, com as espigas dos milharaes de entremeio, menos amarellas que os rectangulos dos

“palheiros” que vão surgindo do desbaste dos côrtes. Manchas negras das queimadas esmaecem ao vento, cobrindo-se do tenue verde das folhinhas das “socas”.

As estradas de massapê, retilhadas pelos “rodeiros” de eixo alto, brilham lisas e duras e parecem sorrir aos “lindo-amor” que, naquellas abertas de campos e pastos, por portas de senhores e agregados e escravos, cantam a solicitação musical das “missas perdidas”: — uma imagenzinha entre rendas á frente sob um chapéo de sol, violões e harmonicás fanhosas, palmas estalando em accorde com o tinir de um prato raspado por uma faca de ponta. E pelos caminhos alegres desfilam os “romeiros” para Candeias: — sertanejos devotos descalços, com chapéos enfeitados de fitas, e “medidas” penduradas ao peito, os homens montados entre bruacas, as mulheres a pé, adiante.

Enchem aquelles ares almiscares variados, capazes de marcar na memoria olphativa lembranças que evocarão, entre saudades, scenas esquecidas — cheiro de dar agua á bocca dos meles a ferver; odôr guloso da casa de purgar onde parece que se respira assucar; faro azêdo dos bagaços da vespera; acre fedôr das caxaças apodrecendo; fumaça quente e suffocante das fornalhas; mixto de vapôr morno e graxa nauseosa que se evapora da machina a rodar; catinga de negros que chegam cannas nas moendas, de negros carreiros que vem vindo impertigados, orgulhosos, no taboleiro dos carros carregados, a encostar nos picadeiros, gritando “ôas” aos pobres bois de coice, picados com furor pelo ferrões de longas varas.

E emana dalli o incenso inebriante da natureza — assapeixes floridos embalsamando a canicula, coraneiras em flor rescendendo ao luar...

Com o verão e a safra veem bodas, jubilos, rego-
sijos; regressa a vida e a alegria aos cannaviaes do
Reconcavo e aos engenhos da Bahia (1).

Não ha ter mãos nos convites.

A tarefa partidaria de Wanderley e as funcções
de magistrado se entrecruzavam com a azafama dessas
excursões amaveis por engenhos de Argolos e Moni-
zes, Góes e Martins, Viannas e Moreiras de Pinho,
Chaves e Calmons, Pires de Albuquerque e Borges
de Barros; pelas collinas da Patatiba entrecortada de
rios e lagamaes; pelos valles do Jacuhype, do Po-

(1) Dr. José Ferrari no seu poema "Engenheida", Bahia — 1853
—, no qual, desenterradas dos montões de cascalho classico e my-
tologico, a narrativa e a poesia muito tecm de evocadoras, descreve
uma festa de "botada" num engenho do Iguape (do Barão de Be-
lem). O senhor de engenho expede cartas de convites a seus amigos.
Ha na casa senhoreal a azafama dos preparos para o farto brodio.
No dia festivo, mal se delinea a madrugada rompe o musical al-
voroto pela banda que de vespera viera da cidade:

"Alvorada de foguetes e ronqueiras
Longe echôa estrepitoso berro"

entre os toques metalicos e a pancadaria de bombos e tambores.

E entra a manhã ouvindo-se o cantar dos carros:

"Ha muito que insomnes os carreiros
Ao picadeiro vem carreando as cannas
Que no campo desde hontem se celfaram".

Os convidados que havlam chegado de vespera, recebem est'outros
que agora veem vindo em "palafrens soberbos", com "cavalleiras
damas — de roçagantes roupas", e

"... após e adeante escravos pagens
Que agaloados de prata e d'ouro
De duros pulsos cavalgam burros;"

Chega o padre. O sino replica na capella

"De folhas e folhagens odorosa".

Após a missa começa a benção de todo o engenho; e até,
symbolicamente, de longe, os campos e cannaviaes são aspergidos.
E afinal, enquanto retine a musica, são dadas ás moendas as pri-
meiras

"Grandes parallelas cannas
Vistasas e enfeitadas"

pelo padre sobre quem cahem chuveiros de flores, enquanto espou-
cam bombas e ressoam vivas. E começa a moagem.

juca, do Joanes, do Camorogipe, de "sobrado" em "sobrado" (1). Conviva requestado, com a palestra vivaz do politico, a critica do mundano malicioso, a narrativa curiosa do homem da cõrte, a graça picante do anecdotista — parceiro prompto ao jôgo, polkistã prompto á dança — conquistava votos para o governo, amizades para o resto da vida e apoios para a propria politica.

II

Mais do que pensava fõra obrigado a despender toda essa actividade captivante na campanha eleitoral em que se empenhava.

Depois do almoço solemne, pontilhado de brindes, a banda enche a casa de compassos de dança. Os convivas cada qual a seu modo, gosa o resto do dia, a tarde em festas. Uns, amadores de cavallos, vão de espora e chibatinha ás cavallariças "recheiadas de corceis briosos" analysar, gabar, comentar,

"finalmente em cavalgatas indo
..... lá se deixam ir a gosto
longinquos onde vel-os não podemos"

Outros, femeúdos, vão sorrateiros, com pretextos varios, espreitar creoulas e mulatas. Ainda outros caçadores, ensalam alguns tiros nem sempre fructuosos. Os conversadores deixam-se ficar a discutir. Os cortejadores de damas palestram lisonjeiros e vão de passeio ao Jardim com as senhoras. Voltam todos mais tarde, á grande mesa, á merenda regalada. E retornam ao engenho a assistir á moagem já bem começada.

Serve-se emfim, dia ainda, o jantar de apparatus, com brindes a não acabar, a tudo e a todos, ao amphitrião, a cada conviva, aos parentes, aos ausentes, á lavoura, aos patriotas, ao bello sexo.

A fartura de saudações carece de profusas libações. Ao fim o entusiasmo cresce. As taças e calices

"Se tocam, trocam, chelos se reviram".

E chega o momento dos brindes cantados:

"Gentis, sublimes canticos,
Improvisados se ouvem, de louvores".

E quando os brindes se acabam começam mais animadas, outras danças, que, entrando pela noite, vão terminar a festa.

(1) Em Pernambuco a casa de moradia do senhor de engenho chama-se "casa grande"; na Bahia, "sobrado".

Não se coadunavam com os melindres de alianças recentes o ar de direcção e a linguagem aberta que Wanderley ostentara, ao chegar á Bahia, nas primeiras conversações politicas. Aos liberaes aliados irritava a desenvoltura daquelle moço de 29 annos que se exprimia como de igual para igual, talvez como um chefe para seus commandados. "Logo que chegamos a esta provincia, — escrevia elle ao ministro Galvão — em diversas conferencias que tivemos, assentamos os meios mais convenientes de levar a effeito os nossos desejos; e nellas me expressei com aquella franqueza que julgo dever-se usar entre alliados sobre diversos pontos sujeitos a discussão. Ou que algumas palavras offendessem a susceptibilidade de meus companheiros (o que na occasião não demonstrarão) ou que vissem que as minhas vistas não fossem conciliaveis com as suas, principiarão a olhar-me com desconfiança desde esse momento, e a destruir toda e qualquer influencia que eu podia gosar por mim e por meus amigos."

Messias de Leão e Barbosa de Almeida, entre outros, passaram a hostilisa-lo. Seu nome foi riscado da lista do governo, seus amigos perseguidos. Considerado um inimigo "era motivo para uma demissão saber-se que tal ou tal era amigo do Wanderley". Não podia deixar de separar-se de taes alliados que assim se faziam adversarios. Acompanhou-o Cruz Rios (1).

(1) Numa chronica da Bahia, publicada no "Brasili" — o jornal de Justiniano José da Rocha (17 de setembro de 1844) dizia-se que o presidente Messias de Leão era governado por Couto, Rebouças e Souto, e que Hygino Pires Gomes se impunha. O governo combatia a eleição de Ferraz, Martins, Apriglio. "A inversão tem ferido amigos e inimigos: acaba o governo de excluir da sua chapa ao Wanderley e ao Rios; são hoje hostilizados com toda furia por seus amigos de hontem... Na chapa do governo o muito prestante dezembargador Junqueira e o Eduardo França tomaram os lugares do Rios e do

la tratar de si, fosse embora melindrosa a sua nova posição, a arder entre dois fogos. Ainda assim não faltaria aos compromissos que assumira com o ministerio. Bater-se-ia pelas eleições de Ramiro Coelho e Ernesto França, prejudicados, aliás, pelos desacertos do governo da provincia, que provocara a coligação de forças antes inconciliaveis. Ajudado de Pacheco e de Fiuza, daria, em S. Amaro, conta da mão. E da propria eleição cuidaria com elementos pessoases, arrostando a "força governativa".

Si o excluíam da lista, que apresentavam cerrada, "romperia alguma fileira, que nem todos teem a armadura tão forte que não possam ser feridos". Pois que o não soffriam e lhe buscavam aparar as azas, empecêr o vôo, separal-o do ministerio a que se allia-ra, — não o derrotariam!

E venceu, com Ramiro e Ernesto França na lucta eleitoral (1).

Wanderley. A nossa lista é a seguinte: Gonçalves Martins, Apriglio José de Souza, Ribeiro, Victor de Oliveira, Tosta e Paca. O Wanderley e o Rios uniram-se agora a ella".

(1) Mais tarde, na sessão da camara de 5 de agosto de 1852, respondendo a Barbosa de Almeida, que fallara na vespera, Wanderley referir-se-ia a esse episodio de sua vida politica: "não sei que utilidade resulta das continuadas recriminações sobre objectos passados que até já estão julgados ou devem estar julgados pelo senso publico, a não ser a perda de tempo. Parece que vivemos empregados somente no exame das eleições passadas, na esperança das eleições futuras; não ha uma só questão, por mais debatida que tenha sido, que não torne a ser trazida a terreiro. Tamanha insistencia não pôde nascer do espirito de rectidão e sim do desejo de inverter e escurecer os factos... Julgou o sr. deputado a quem respondo, dever invocar o meu testemunho, interpellando-me directamente para que eu declarasse se nas eleições de 1844 tinham apparecido perseguições, violencias, ou actos menos dignos, por parte da administração, porquanto, tendo-me reunido e deliberado com o illustre deputado e outros sobre materias eleitoraes, achava-me habilitado para informar das suas intenções e actos. Convem primeiro explicar essa circumstancia para que a camara não seja induzida em erro, acreditando que eu estivesse nessas eleições de accordo com o nobre deputado. (O Sr. Barbosa de Almeida — Com o governo). Não me atalhe o illustre deputado, porque não tenho que negar nenhum acto de minha vida. E' sabido que prestei o meu apolo ao ministerio de

III

Quando se veio a reunir, em fins de 1844 e principios de 1845, a nova camara era muito differente da que a precedera. As deputações vinham profundamente modificadas. Em S. Paulo ninguem se reelegera (1). Muitos deputados de valor haviam perdido

2 de fevereiro de 1844, quando se elle organisou; os meus discursos ahí correm os meus votos forão publicados. Outro qualquer deputado que não costume tomar parte nas discussões poderá negar um voto symbolico que der; eu não posso, nem, se pudesse, negaria, quanto mais estando escriptas as minhas opiniões. (O Sr. Barbosa de Almeida — Não lhe fiz accusação disso). Não tomo como accusação, quero só dar uma explicação. Apoiel como dizia, o ministerio de 2 de fevereiro; parti daqui para a Bahia e, com effeito, tive, por vezes, de reunir-me com o illustre deputado e com outros. Não posso nem devo declarar o que confidencialmente passou-se em taes reuniões; mas o que é publico é que, partindo eu para a minha comarca trinta dias depois de minha chegada á Bahia, circumstancias occorrerão pelas quaes eu e meu digno e sempre lembrado amigo Dr. José Alves da Cruz Rios nos separamos dos illustres deputados e levamos a nossa lealdade a ponto de o declararmos com muita antecedencia. (O Sr. Barbosa de Almeida — Não a mim) Participel-o, para que fizesse chegar ao conhecimento do presidente, ao então secretario do governo e meu illustre amigo o Sr. Couto, que, se estivesse presente, confirmaria as minhas palavras; participel-o ao ministerio na mesma occasião; e como tivesse recebido desse ministerio uma prova de confiança, pelo que lhe fui grato, e sempre lh'o serei, declarei que, se porventura era um obstaculo ás suas vistas no lugar que me tinha conferido, eu lhe participava em tempo, para que me retrasse delle. A minha scição com os illustres deputados e presidente da provincia, escrevi mesmo ao honrado deputado com quem entretinha relações de amizade, e se não recebeu a minha carta, segundo collijo do que ha pouco disse, sem duvida recebeu a noticia do occorrido, porque sendo nós amigos, e estando antes de conformidade, no collegio em que assistio e influo, não tive um só voto. (O Sr. Barbosa de Almeida — Não recebi participação alguma). Admitto. Ora, não sendo eu responsavel, nem podendo ser, por qualquer acto que se praticasse nas eleições de 1844, separando-me completamente dos illustres deputados como o meu testemunho servirá de defesa?"

Citou então remoções, como as de Figueredo Rocha e Tiberio; fraudes como as de Chique-Chique; demissões como as de Marcelino da Cunha e Manoel Caetano; o assedio da Villa da Purificação — combate, feridos e mortos.

(1) Diz Mello Moraes em seu opusculo — "O Brasil Social e Politico", que nessas eleições, presididas pelo gabinete Almeida Torres, "principlou a apparecer com mais franqueza a compressão

o mandato: Maciel Monteiro, Rego Barros, Sinimbú, Paulino, Euzebio, Baependy, Barretto Pedrozo, Nabuco, Nebias, alem de quantos subiram ao senado.

Delicada era a posição de Wanderley. Voltava resabiado, de relações politicas rôtas, com os ministeriaes da Bahia. Continuava, porem, unido ao governo, ainda mais por ser grato a Galvão, que o nomeára para a magistratura vitalicia. Esforçava-se por sustentar o ministerio, dava-lhe porem um apoio re-trahido e discreto; e discutindo com franqueza e liberdade as eleições, não prescindia de opinar, sem peias, em muito assumpto administrativo. Muitas vezes tinha impetos de formar com os opposicionistas declarados e tenazes como Gonçalves Martins e Ferraz.

Nem podia soffrer a prisão de deputado da maioria. Queria manter a liberdade de pensar, dizer, votar, agir, apoiar, reprovar.

Mas, em meio dos grupos politicos e dos partidos, das maiorias e minorias parlamentares, os que teem as regalias e a coragem de emancipados arcam com a irritação daquelles a quem cerceam e pesam os rigores e abdições da disciplina. Governistas e opposicionistas estão sempre promptos a atirar para a opposição ou para a maioria esses deputados sem liames e sem deveres partidarios.

Na sessão de 3 de abril de 1845, provocado por Alvares Machado, Wanderley fazia declarações altivas e peremptorias: "eu creio que não posso ser julgado senão por factos e não pela maneira por que cada um figura em sua imaginação. O honrado mem-

bro que tem visto meu comportamento nesta casa sabe que tenho quasi sempre votado com o governo; não sou ministerial como o honrado deputado e outros, mas nem por isso tenho negado meu apoio ao governo nas medidas propriamente governativas e de que precisa. Entendo que se pode ser governista sem seguir em tudo e por tudo aquillo que a maioria attribue ou cuida ser conforme aos desejos do governo. No apoio que a este presto reservo e sempre reservarei as minhas opiniões, a minha consciencia. Na occasião em que me quizer collocar na opposição não ha de ser o nobre deputado quem me ha de enviar para ella. Já me declarei francamente; creio que minhas opiniões, minhas proposições tem sido alguma cousa claras; e se alguma reserva guardo é porque tenho motivos sabidos de meus amigos... Tenho visto que não me é possível ser maiorista nesta casa da maneira que os nobres deputados querem; não, eu me tenho separado em muitas questões que se consideram do partido da maioria e continuarei a seguir o mesmo systema até hoje seguido... Persuadem-se os honrados membros que eu me devo declarar na opposição quando e como elles quizerem? Persuadem-se que tenho medo de me declarar na opposição quando julgar que o devo fazer?... O apoio que tenho dado ao governo não tem sido em consideração ás opiniões dos nobres deputados, mas ao mesmo governo... Seguirei nesta camara o que entender justo e conveniente; fallarei quando e como quizer, porque só a meus constituintes dou satisfação, e elles me julgarão" (1).

(1) Ferraz applaude estas declarações e Gonçalves Martins, seu tanto, mas com ironia: Wanderley não queria "escravidar demasiadamente seu pensamento, queria espernear algumas vezes".

Os acontecimentos, porem, se desenrolavam enfraquecendo o gabinete que dia a dia mingoava em seus sustentaculos parlamentares. Wanderley esfriava cada vez mais o seu quasi gelido ministerialismo. E quando se retirou Galvão, acompanhando a Ramiro Coelho (a parte bahiana do ministerio 2 de fevereiro) Wanderley sentiu-se inteiramente livre.

No restante da sessão de 1845 e na que se lhe seguiu opinava sobre assumptos administrativos, dava cunho governativo aos seus votos e na commissão de orçamento condicionava seus propositos de economia á concordancia com os ministros: "sem accordo do governo toda economia é illusoria (1)". Aparteava, discursava, mas os grandes debates não o inflammavam, nem o abalavam da calculada discreção que valorisava as suas intervenções. Mal sae á liça para defender Andréa, presidente da Bahia, dos ataques de Barros Pimentel, a proposito da suspensão de um batalhão de guardas nacionaes e do incidente com o poeta Pessoa da Silva na noite de 2 de julho no Theatro São João (2).

Naquella calma quietude espectante dos partidos e grupos que, na sessão de 1846, apoiavam com displicencia ao fraco gabinete que governava (5 de maio de 1846), Wanderley não sentia acicates politicos para agitar-se, debater.

Quando, porem, no-anno seguinte, operou-se a modificação ministerial com a retirada de Hollanda

(1) 13 de julho de 1846.

(2) 18 de julho. Na sessão de 29 Barros Pimentel replica. Rebouças tambem contesta Wanderley com vehemencia, na sessão de 31. Wanderley treplicou a Barros Pimentel.

Cavalcanti, a chamada de Maranguape para ministro da justiça e a transferencia de Fernandes Torres para a pasta da fazenda, o deputado orador regressou á tribuna.

Houvera uma alteração na politica; pedia explicações (1).

Tal curiosidade trazia um germen de opposição: "é preciso, com effeito, uma fé muito robusta para acreditar que o ministerio actual satisfará todas as exigencias do systema representativo (apoiados); é preciso uma fé ainda mais robusta para suppôr que o nobre ministro da fazenda (Fernandes Torres) se acha habilitado competentemente para defender todos os actos da administração passada (apoiados)".

Que o gabinete, pois, fizesse declarações positivas sobre a politica que se traçava. Ninguém podia, por exemplo, acreditar que Maranguape seguisse exactamente a politica do gabinete de 2 de fevereiro. Os seus precedentes, seus discursos, toda a sua vida politica protestavam contra tal hypothese.

A reorganisação ao emvez de revigorar, debilitara o gabinete. Os pernambucanos cassaram-lhe o apoio, bem é verdade que diminuidos no numero pela defecção de Muniz Tavares. Os debates inspirados na politica provincial crepitavam em discursos fortes e incidentes violentos.

Wanderley sóbe de novo á tribuna na sessão de 20 de maio (1847) esforçando-se por manter alto e impessoal o discurso. Se fôra, dizia elle, a escolha de França e Chichorro para senadores de Pernambuco a

(1) Sessão de 18 de maio de 1847.

determinante da retirada de Hollanda Cavalcanti (1), como declarara o ministro da guerra Santos Barreto, era preciso que o gabinete se definisse claramente nessa questão, essencialmente politica, tanto mais quando, no Brasil, o governo não podia augmentar o numero de senadores para obter maioria, como acontecia em paizes em que a corôa os escolhia livremente. Os demais ministros estavam solidarios, ou haviam divergido de Hollanda Cavalcanti? Porque não o apoiaram? Collocando-se na posição commoda de deixar cada um brigar por si, haviam provado que, "se existem ministros, certamente não existe ministerio".

Wanderley procurava assim tirar partido da falta de solidariedade entre os governantes, e com isso diminuir a força moral dos ministros que haviam permanecido; atirava-lhes um golpe de ironia: "se a retirada de um ministro foi causada pela escolha de dois senadores, não haveria quem pudesse dizer que a ficada dos ministros teve por causa a futura escolha de outros senadores?"

Definidas as forças parlamentares o ministerio sentia a sua fraqueza e evitava as discussões, talvez preparando a dissolução da camara. Já Limpo de Abreu alludira claramente a esse golpe possivel; "eu accusarei de nimiamente fraco, eu accusarei de desrespeitador das prerogativas da corôa a todo ministerio que, tendo accedido com a confiança da corôa a incumbencia de governar o paiz, se retirar, sem que ensaie todas as provas constitucionaes para se assegurar de qual é a opinião do paiz, para decidir entre o gabinete e a opinião das camaras".

(1) O imperador escolhera Chichorro e Ernesto França contra os quaes Hollanda Cavalcanti fortemente se batia.

Ora, na situação em que se encontravam os grupos políticos, nada adeantaria ao governo a dissolução — dizia Wanderley —. Houvesse, porem, de ser ou não dissolvido o parlamento, não recuaria elle Wanderley de sua posição contraria ao governo, de deputado sem partido, mas hostile ao ministerio: “ou pelo lado do temor, ou pelo lado dos principios e consequencias de nossa forma de governo, não podemos de modo algum recuar do posto que alguns deputados havemos tomado. Pela minha parte declaro muito solemnemente que não fiz compromisso com ninguem para me oppôr ao governo... não tenho compromisso com pessôa nenhuma e que faço opposição... como corpo franco. E saiba o paiz que o ministerio que substituir a este terá talvez, porem não pôde contar só por essa causa com meu voto...” (1).

Dois dias depois o ministerio se demittia. Apesar de não ter havido uma votação que isso expressasse positivamente, certificara-se não contar com sufficiente maioria. E sentira no peso, prestigio e vehemencia dos multiplos oradores contrarios que não podia governar. A alliança entre os liberaes historicos, os praieiros e os livre-atiradores como Wanderley, fortalecida pela deputação mineira que tentara a principio escorar o gabinete mas afinal resolvera retirar-lhe o apoio — bastara para a renuncia dos ministros (2).

(1) Gonçalves Martins segue-o na tribuna para discursar a favor do ministerio.

(2) A irritação dos saquaremas com a queda do gabinete de 5 de maio de 1846 escoou-se no celebre pamphleto — “A dissolução do gabinete 5 de maio ou a facção aulica” attribuido a Vasconcellos e a Paraná, mas ao que se sabe, escripto por Firmino Rodrigues da Silva. Os liberaes mais tarde invocariam essa “facção” como culpada de mutações de governo que não lhe agradavam. Antes que a queixa contra a corôa adoptasse a formula “poder pessoal” usara

Sobe então o gabinete Alves Branco (22 de maio de 1847) apoiado pelos praieiros, paulistas e mineiros e hostilizado pela patrulha que, chefiada por Gonçalves Martins, sustentaria a opposição.

A solidariedade de Wanderley ao novo governo ainda o não acorrentaria em ministerialismo disciplinado. Simples disposição voluntaria não admittia, de nenhum modo lhe diminuísse a independencia de juízos e a insubordinação de tribuna.

Si lhe reprochavam esse desligamento de partidos, esse vesos de se não incorporar ás facções, tal desapego aos grupos, tamanho desprezo por bandeiras — dava de hombros. Pois se essa emancipação lhe alargava, para seu gaudio, um amplo campo de opinião e critica, e lhe arejava em liberdade alegre a acção?! (1).

essa outra da "facção aulica" — ora a dominar o imperante, ora por elle dirigida. As futuras discussões de 1848 e as queixas contra Jobim; a "Circular" de Theophilo Ottoni; a biographia de Furtado por Tito Franco seriam os testemunhos liberaes contra a "facção aulica". O folheto de Firmino o depoimento conservador.

Salles Torres Homem incumbiu-se de dar resposta a este folheto, com outro entitulado: "A Opposição e a Corôa". Historiou a queda normal, politico-parlamentar, do gabinete 5 de maio, contestando qualquer influencia aulica nesse episodio. Fez o panegirico do ministerio 2 de fevereiro; elogiou as administrações financeira de Alves Branco e dos negocios exteriores de Limpo de Abreu; assignalou as divergencias entre Marcellino de Britto e Hollanda Cavalcanti. Lembrou que Hollanda Cavalcanti, preocupado com a politica de Pernambuco, levantara a idéa da conciliação dos partidos, conciliação essa que servia aos seus interesses regionaes e familiares. Salles Torres Homem — o futuro pregoeiro da conciliação — combate-a, neste pamphleto, longa e vigorosamente.

Sobre a queda do gabinete 5 de maio lêr: 'Paginas de Historia Constitucional', de Mello Mattos pags. 269 e seguintes.

(1) Nesse anno de 1847 no violento incidente pessoal com Campos Mello (junho de 1847) este só achou para atirar como represalia a Wanderley essa balda de desligamento de partidos.



A grande crise de 1848

I — A NOVA CAMARA. — QUEDA DE MACAHE'.

• II — GABINETE PAULA SOUZA. — A REVOLUÇÃO FRAN-
CEZA.

III — EXPECTATIVA DOS BAHIANOS. — DEMISSÃO DE
PINHEIRO DE VASCONCELLOS. — ROMPIMENTO
DOS BAHIANOS. — A FACÇÃO AULICA.

IV — ORGANISAÇÃO DO GABINETE OLINDA. — ADIA-
MENTO DA SESSÃO PARLAMENTAR.



1848 foi um anno de grandes crises.

Mais uma vez a vida politica nacional obedecia ao ritmo de acontecimentos europeus.

A nova camara ia agitar-se em scisões e asperos debates.

Não se abrija ainda a sessão parlamentar quando o gabinete Alvès Branco, que presidira ás eleições, cedeu o poder ao ministerio mixto e conciliante (8 de março de 1848) organizado por Macahé (1).

Embora apoiando o novo governo, Wanderley fazia questão de conservar os movimentos livres. Distinguido pela maioria que o elegera para a mesa, renuncia o posto de secretario, acceto a principio "por contemplação aos seus amigos".

A atmospheria politica começava a electrizar-se e até aquelle que tão ordeiro sempre se confessara, arrojou-se, em assomos de tribuna, a expressões de revolucionario, quando discutio as eleições do Maranhão, atacando a Franco de Sá: "a camara dos deputados fará

(1) Tinha o gabinete uma mais pronunciada cor liberal. Do ministerio anterior Macahé conservara Pimenta Bueno. Liberal era Limpo de Abreu, como tambem Dias de Carvalho e Antão que entrariam para o governo depois de abertas as camaras. Manoel Felizardo era de cor partidaria discutivel. O chronista desse tempo tem difficuldade em estremar as opiniões politico-partidarias. Eram frequentes as mutações, as allianças, as defeccões. O caracter mixto dos ministerios symbolisava a inconstancia e insegurança das opiniões partidarias individuais. Os liberaes, com Marinho á frente, apoiavam o gabinete Macahé.

um acto digno de si ordenando que o povo seja novamente consultado com plena liberdade e como querem as leis, porque se forem approvadas todas e quaesquer eleições o resultado será funestissimo. Então serão deputados aquelles que maiores violencias ou infamias cometterem; então o trabalho será obter um diploma, ainda que manchado seja com o sangue de seus semelhantes. Si a camara dos deputados, si os poderes do estado não puzerem um dique a semelhantes actos, será isso o mesmo que dizer ao povo — cuide de si —; e elle fará muito bem quando se vir perseguido, de fazer o que faz todo homem perseguido, isto é, reduzir a pó os seus tyrannos”.

Eram nervosismos ambientes, prenuncios da crise politica, os que aqueciam de tão excepçõaes calorias a eloquencia de Wanderley.

A resposta á falla do throno, redigida pelos liberaes ardentes — Rodrigues dos Santos, Pessoa de Mello e Christiano Ottoni, encerrava censuras ao gabinete.

Macahé acudia a interpellações sobre politica e successos de Pernambuco.

Nunes Machado, contendo “o seu genio” entrava num debate que não abandonaria tão cedo, a annunciar perigos, conspirações, rebelliões.

Na sessão de 24 de maio Wanderley profere um discurso politico.

Déra toda a sua adhesão ao gabinete de 2 de fevereiro, emquanto este se limitara a restituir a cada um o que lhe devia competir; mas desde que levava a destruição a um ponto que o proprio presidente do conselho reconhecera ser injustiça, o orador não compar-

tilhara mais os applausos que lhe foram dados e por isso adquirira na camara o titulo de *marombista*. “Felizmente estou justificado (apoiados) com a opinião do sr. presidente do conselho; o meu marombismo consiste em não querer excessos de parte nenhuma, em não querer hoje senão aquillo que hontem queria (apoiados), consiste em não julgar crime hoje o que hontem era virtude e vice-versa. Querer agora fazer do systema que era applicado a uma só eventualidade um systema permanente...”

Os gabinetes que succederam ao “2 de fevereiro” não haviam podido realisar a idéa primordial daquelle: — “foram levados pela torrente da destruição, e aquelles mesmo que quizeram pôr-lhe um dique, cahiram”.

Tal era a situação quando Macahé organisara o ministerio vigente com tendencias ao mesmo tempo liberaes e moderadas, como attestavam a entrada de Dias de Carvalho e Antão. A presença de Manoel Felizardo entre os ministros não era bastante para ser negado apoio ao governo. Nem os elementos que o combatiam poderiam organizar gabinete.

Confessando a sua solidariedade ao ministerio procurava Wanderley captar a da maioria expendendo conceitos de moderação e conciliação.

Concordia e paz eram indispensaveis para a defesa da ordem que parecia ameaçada: “reconheço como a primeira e mais urgente necessidade do paiz a tranquillidade publica (apoiados), e a essa tranquillidade, especialmente agora, eu sacrificio muitas e muitas de minhas convicções... desejava ver os nobres deputados que nesta occasião são adversos, reunidos, cedendo cada um a parte daquellas opiniões que pudesse ceder na actualidade, e concordes fizessemos aquelles melhoramentos de que necessita a nossa patria, de modo

que a tranquillidade publica fosse imperturbavel e não corresse os riscos desta divisão indefinida (é preciso confessal-o) de vencedores e vencidos... Tem-se dito e é uma verdade, que a organização official do nosso paiz se acha de modo que uma mudança ministerial traz consigo um susto, um panico geral em todas as provincias. A chegada de um vapor no norte é o mesmo que a apparição de um cometa; e porque? Porque o empregado publico que professa opiniões contrarias ás que dominam, não se julga seguro no seu emprego; porque a população vê a cada momento um acrescimo de oppressão para ella e não allivio; porque, emfim, parece que os governos se succedem para peor..."

Havia mister reformas, leis — "para que o voto livre se pronuncie tal qual deve ser pronunciado, para que a nação exprima a sua opinião", para se cohibirem excessos de autoridade e limitar-se o dominio dos governos. Como estava organizado o paiz "os meios de acção estavam de tal modo concentrados na autoridade publica que, triste do partido que não tivesse do seu lado a administração".

Nas provincias, onde era preciso circumscrever o arbitrio dos presidentes, cingindo-os á funcção de administradores, nas provincias, muitas vezes, os partidos eram obra das deputações por interesses ou motivos eleitoraes. Cumpria, porém, olhar mais alto. Os acontecimentos da Europa já haviam trazido muitas difficuldades e promettiam outras. "Como, pois, continuarmos neste estado de divisão?" Chamassem-se aos postos, mesmo de confiança "pessoas honestas, honradas e moderadas que não queiram proteger a uns em prejuizo de outros". Não havia senão crear tranquillidade para que os capitaes europeus, então fora-

gidos, nos viessem; tudo era incitar e augmentar a industria, evitadas reformas imprudentes.

Promovessem todos “conciliação, tolerância e justiça” para “fazer o paiz feliz e grande”.

Esse discurso de Wanderley, francamente governamental e conciliante, era um fraco tonico para o ministerio, que não tardaria em succumbir por uma manifestação da maioria da camara. A resposta á falla do throno veio a ser approvada por 50 votos contra 44. O gabinete, perdendo por seis votos, retirava-se (sessão de 2 de maio). Quatro dias depois Paula Souza organisava o seu ministerio exclusivamente liberal (1).

(1) Votaram contra a resposta, e, pois, a favor do ministerio Macahé: Wanderley, Apriglio, Fernandes Chaves, Pereira da Silva, Góes, Ferraz, Carrão, Gomes dos Santos, Taques, Jobim, Euzebio, Gonçalves Martins... A favor da resposta, e, pois, contra o ministerio: Souza Franco Furtado, Gomes de Menezes, Nunes Machado...

Marinho, o chefe mineiro liberal, na sessão de 21 de agosto de 1848, fazia estas interessantes declarações que mostram a posição dos luzias em face do gabinete Macahé e como cahio este ministerio: “Quando chegou de Minas constou-lhe que o sr. Visconde de Macahé seria chamado a organizar o gabinete, e desde esse momento não duvidou prestar o seu apolo para que o Visconde de Macahé organisasse. Entrou para esse ministerio um homem que o orador não esperava que entrasse em um gabinete organizado pelo sr. Visconde de Macahé. Este facto fez com que o orador se dfrigisse immediatamente ao Sr. Limpo de Abreu, a quem perguntou: — Os snrs. querem entregar-nos aos nossos adversarios? Deu-lhe o Sr. Limpo de Abreu explicações que o tranquillizaram... Encontrou-se com o Sr. Visconde de Macahé, antes da abertura da camara, e então o achou o mesmo homem de 1844; fallava a respeito de adversarios do orador como de adversarios seus e do gabinete; disse que a politica do gabinete era a politica a que o orador tinha adherido; tratava-se somente de uma ou outra modificação que não alterava por maneira alguma a politica. Constou-lhe certa nomeação para o norte; dirigiu logo uma carta ao sr. Limpo de Abreu, dizendo que aquella nomeação parecia desmentir o que elle havia asseverado ao orador, de que o ministerio ia seguir a politica Santa Luzia. O sr. Limpo de Abreu lhe deu ainda explicações a este respeito. Depois disto abriram-se as camaras, appareceu a nomeação da commissão da resposta á falla do throno e tratou-se do complemento do ministerio. Foi por occasião do complemento do ministerio que appareceram algumas duvidas, algumas difficuldades. Uma vez disse o sr. Visconde e Macahé aos seus companheiros — visto que não querem acreditar na sinceridade de nossas promessas, nós abandonaremos o ministerio. — Não façam isso, disse o orador, complete-se o ministerio, apresente suas propostas á camara, estabeleça

II

O programma do novo gabinete, — um vasto cartaz de reformas e concessões — reflectia á influencia dos acontecimentos que agitavam a Europa e baixavam sobre a politica brasileira uma pesada nuvem de advertencias e ameaças.

Numa carta a Arêas deixou Octaviano um instante das preoccupações do imperador ao ter noticia dos successos da França. Estava Pedro II no theatro quando soube haverem chegado jornaes com a narrativa da revolução contra Luiz Felipe. Mandou logo á casa de Octaviano buscar essas folhas, e, recebidas ellas, “um pouco alterado”, “retirou-se para dentro do theatro e foi lê-las; dizem que agitado” (carta de 14 de abril de 1848). (1).

a questão neste terreno. Depois disto foi o orador chamado pelo sr. ministro da marinha em casa do sr. Manoel Felizardo, em uma noite, para tratar das emendas á falla do throno. Achou o sr. Visconde de Macahé bastante mortificado com a resposta á falla do throno. Disse-lhe o orador que lhe parecia conveniente não fazer questão de gabinete com o voto de graças, accetal-o, e ao depois discutir as propostas. O sr. Visconde de Macahé respondeu então que isto não era possivel, que não sabia o motivo porque não queriam o ministerio, e disse — vamo-nos embora, e ao depois venha o que vier — Este venha o que vier — respondeu o orador, é que assusta. Pois bem, disse o sr. Visconde de Macahé — fique o sr. Limpo de Abreu. O sr. Limpo de Abreu declarou que tambem se retirava. Então, disse o orador — retirem-se todos, porque eu tambem me metterei em minha sachristia”.

(1) Na sessão de 26 de junho de 1851 Souza Franco dizia: “quando em 1848 a Europa toda revolta e o mundo todo abalado nos fez temer que o Brasil tambem soffresse, e que essas idéas desorganizadoras que abalavam o mundo chegassem até nós, entrando para o poder o ministerio de 31 de maio de 1848 era sua intenção restabelecer a autoridade pelos unicos meios por que a autoridade pôde ser restabelecida; era sua intenção satisfazer as necessidades da população na parte em que deversem ser satisfeitas, e reformando a legislação na parte em que era preciso; restituir aos povos os seus direitos e garantindo a liberdade individual e politica dos brasileiros salvar o paiz da parte que lhe podia caber na commoção que então era geral e ameaçava todo o mundo e quem sabe se ainda ameaça”.

Desde então a corôa formou o designio de, com um governo de liberaes, abrir valvulas que impedissem as repercussões que todos temiam.

Se Paula Souza era naturalmente timido, vinha para o governo, ainda mais, doente e cansado.

Desde o primeiro momento, baseando a sua politica no medo, mostrava fraqueza que a molestia aggravava; vinha de um longo e absoluto retrahimento, e só abandonara essa solidão, para chefiar o governo, por julgar que as circumstancias do paiz eram graves, e além dos males internos, de muito tempo accumulados, havia que temer — dizia elle em seu discurso de apresentação — a repercusão dos successos da Europa. As reformas das incompatibilidades e judiciaria lhe pareciam urgentes, inadiaveis; e tão profunda era essa convicção que se não fossem convertidas em lei naquella sessão legislativa, temia que a paz publica podesse perigar.

O passado intemerato do presidente do conselho, seu curriculum de patriota, attestado em sãs idéas forradas de sabedoria, carreavam respeito e esperança, mas taes demonstrações de timidez em suas palavras iniciais, desanimavam tristemente áquelles a quem deviam fazer vibrar confiantes. Não promettia commandando, — temia... pela ordem, pela monarchia, pelo Brasil. A camara ouviu um programma de apertos, receios e lastimas.

O chefe do governo, renunciando revolução, entregava-se quasi, em rendição antecipada: “do que eu estou intimamente convencido — epilogava elle — e creio que o estão igualmente todos os homens sensatos do Brasil, é que o unico penhor da nossa salvação é a con-

solidação monarchica representativa (muitos apoiados); uma dissidencia sobre a forma de governo julgo que seria a maior das infelicidades (apoiados), e estou persuadido que esta é a opinião da camara (muitos apoiados). Se esta persuasão pudesse ser destruida, nada mais me restava senão deplorar a sorte de meu paiz (com emoção): semelhante ao selvagem que, exausto de forças para lutar contra a torrente que o arrebatava, larga o remo e cruza os braços, esperando o momento em que se precipitará no abysmo, eu elevarei meus olhos para o céu, e, resignado soffrerei os males que não pude evitar".

Quando Paula Souza, depois desse discurso, desceu da tribuna, — precocemente valetudinario, exaggerando na apparencia a debilidade physica, o peito estreito sob vergados hombros — aquelle silencio que o cercava respeitoso, e que se fizera mais callado para que a camara lhe ouvisse a voz sumida, ao emvez de arrebentar nas acclamações do enthusiasmo e da fé, continuou numa pausa triste de dó. Ecoaram no recinto uns applausos, mas foram mais convencionaes que sinceros.

Aquelle campeão tenaz do liberalismo, tenaz e coherente, a quem precedia o renome de uma grande illustração, não subira ao posto de commando para agitar uma bandeira — estendera desconsolado "um manto de luto" — como notaria Carvalho Moreira ao reagir contra os acabrunhantes temores do chefe do governo.

Extremando os campos, constituindo ministerio de uma só côr, dando o dominio governamental exclusivo aos liberaes, Paula Souza, ainda appellando para o medo, ateava as paixões.

Os politicos se haviam desacostumado aos ministerios francamente partidarios.

A opposição desencadeou-se.

Os ministeriaes reagiram com energia igual.

Amiudaram-se os incidentes pessoases.

Feriram-se os debates sob uma escaldante temperatura de espiritos. As recriminações reciprocas revolviam o passado dos partidos, chispendo accusações e reprimendas.

Todos apontavam para o norte onde viam uma fogueira que qualquer daquellas fagulhas accenderia. Pois se lá estavam os partidos armados tanto de fuzis como de odios?...

E naquellas discussões, em que estrugia o "genio" de Nunes Machado (1) e a impetuosidade aggressiva de Fernandes Chaves, apregoavam-se annuncios e tragicas previsões das vindouras sangrentas luctas pernambucanas.

Já o programma de reformas do gabinete era um brazeiro de dissidios e disputas: — incompatibilidades, reforma eleitoral (circulos), reforma do conselho de estado, da guarda nacional, reforma judiciaria, lei de terras e colonisação. A tudo isso os praieiros juntavam um novo tição ardente, trazendo aos debates a nacionalisação do commercio a retalho (2).

• Não havia limites para a exaltação (3).

(1) Vide allusão que Nunes Machado faz ao seu proprio genio no discurso que preferiu na camara em 16 de maio de 1842.

(2) Na sessão de 28 de junho é apresentada uma emenda substitutiva a um projecto em discussão determinando ser privativo do cidadão brasileiro o commercio a retalho. Subscrevem-na Nunes Machado, Lopes Netto, Arruda Camara, Faria, Villela Tavares, Moraes Sarmento.

(3) Amostra da exaltação na camara dos deputados é o incidente de 12 de agosto de 1848 em que toma parte Fernandes Chaves.

A campanha de descredito contra José Clemente — provedor da Santa Casa, era um expediente partidario que fumegava jacobinismo, numa revivencia dos desabrimentos luzophobos de antes de 7 de abril. E o impeto verbal de Christiano Ottoni e José de Assis encontrava ecos e reflexos fóra da camara, nos incidentes de rua e nos comicios turbulentos em que apparecia como agitador Nunes Machado.

III

A deputação bahiana mantinha-se a principio reservada. E' que, na reacção partidaria que o governo operava, a Bahia estava sendo respeitada. Conservava-se na presidencia daquella provincia Pinheiro de Vasconcellos (Visconde de Monserrate) tolerante, imparcial, sympathico aos que lhe vinham apoiando a administração, desde os tempos do gabinete demissionario.

Assim conciliando os bahianos, o ministerio os tinha e mantinha pelo menos silenciosos. Breve, porém, vieram elles lançar novos combustiveis ao incendio das discussões.

A demissão de Pinheiro de Vasconcellos, substituido por Lisbõa Serra, incumbido de alli fazer a deruba e fundar o partido liberal, convidava-os á lucta.

Esta reviravolta do ministerio em relação á Bahia tivera, em muito, como determinante a intriga da "facção aulica".

Andavam no ar rumores de que essa "facção", com Jobim á frente, pretendia desmoralisar o ministerio, fazel-o cahir, mudar a situação politica. Sobranceiro a essas noticias, o deputado medico do paço não tinha a attitude discreta que havia mister para desmentil-as. Nunes Machado a ellas alludindo, dizia que, si apavoravam o commercio, nellas não acreditava o paiz. Não eram senão mexericos dos taes aulicos, contra os quaes se atirava raivoso: "tudo isso a que se dá o nome de entidade de reposteiro, todas essas imposturas e mentiras (apoiados) toda essa joanna, esses fornicôcos (risadas geraes) (1), frades, padres, parentes, adherentes, tudo isso são cascalhos (apoiados), são cousas que não existem, são miseraveis reptis, são piolhos de costura que se introduzem miseravelmente (numerosos apoiados, apartes e risadas)".

Fallava Aprigio um dia para repellir expressões, julgadas insultuosas, de Christiano Ottoni, quando a certo ponto exclamou: "sevandija não póde ser um homem que representa uma das primeiras provincias do Brasil sem apoio da politica".

Jobim, intervindo num aparte, ia provocar tumulto, reclamações de grande vehemencia, protestos contra seu exagerado louvor á deputação da Bahia: "é a parte mais respeitavel desta camara".

Não era só a irritação que uma allegada inferioridade accordava nas demais bancadas. Fallava Jobim tinha-se aquillo por uma insinuação de chamamento de bahianos para o novo gabinete de que os boatos cogitavam.

Tudo Jobim explicaria joco-serio ao responder a Nunes Machado: "quando o outro dia fallou nesta camara um snr. deputado por Pernambuco com aquelle

(1) Alteração maliclosa da expressão "fornicôco".

vigor, aquella eloquencia entusiastica que o distingue, acompanhada de ademanos, e de uma attitude que o apresenta aqui como divinamente inspirado, e que o orador quizera poder imitar, o objecto sobre que elle mais pareceu mostrar-se animado foi quando quiz combater uma idéa que um ou mais partidos teem querido espalhar, explorando essa rica mina das joannas, dos gabinetes, dos frades, dos fornicôcos (risadas), de certos predomínios, emfim, de que uma alta entidade se deixa levar. . .” Deputados ministeriaes havia que abriam reposteiros do paço e, como elle, da opposição, tambem os decerrava, achou dever contar um caso occorrido havia pouco: “apresentou-se o orador no palacio de S. Christovão, abriu um reposteiro, encontrou um grupo, cumprimentou-o e dirigiu-se para deante, voltou pouco depois; o recado tinha sido curto, nada mais houve. No dia seguinte (note a camara e o paiz esta circumstancia) no dia seguinte vindo o orador para a camara, disse-lhe um amigo: — olhe que dizem que Você anda conspirando contra o ministerio actual (risadas). Vem outro e diz-lhe: — dizem que Você vae todas as tardes a S. Christovão (risadas). O orador não deu maior importancia a estas historias. Pouco depois um outro amigo lhe diz: — Você não sabe que o Visconde de Macahé anda ageitando gente para entrar para o ministerio? Eu lhe respondi — o que me importa que entre para o ministerio o Visconde de Macahé? No dia seguinte apparece um artigo na *Gazeta Official* que diz: “adoecera o Sr. Paula Souza e logo a opposição aproveitou o ensejo para propalar boatos de inventados crimes, chegando a loucura de alguem ao ponto de andar a convidar ministros para a supposta nova combinação. . .” — Isto até aqui creio que toca ao sr. Visconde de Macahé (risadas). O que

se segue entende-se sem duvida commigo, refere-se ao que eu disse (continua a lêr) — “sabe o publico que a deputação da Bahia era nessa combinação a unica bem representada; a deputação da Bahia declarada logo a mais respeitavel da camara — por alguém que se diz andar por ahi com imposturas de valimento, promettendo fundar o que se tem chamado a — joanna dos saquaremas — e inculcando-se como já o fizera por occasião das eleições em uma provincia, ministro do imperio *in petto*”. — Ora o acontecimento do reposteiro teve logar na sexta-feira; no sabbado deu o orador o seu aparte, aparte sincero, de convicção, uma dessas *naïvités*, que muitas vezes lhe sahem da bocca involuntariamente, por força da sinceridade, porque desde que entrou para esta casa reconheceu na deputação da Bahia uma circumstancia que muito lhe agradou, e é que os membros daquella deputação tinham muita illustração, e uma independencia de character admiravel; e no seu entender fallavam sobre tudo com uma lucidez e imparcialidade raras. Isto mesmo tinha o orador dito ha muito tempo aos seus mais intimos amigos. — O caso é que este aparte causou um reboiço extraordinario na casa. O orador explicou o seu pensamento e crê que a camara fez bulha, mais porque vio remecherem-se tanto os sns. deputados de Pernambuco, do que pelo que tivesse ouvido... Isto succedeu no sabbado; mas no outro dia de manhã, domingo, appareceu no jornal official a demissão do presidente da Bahia, e o mesmo jornal explicou o facto da maneira que o orador vae lêr: “sabe-se que a deputação da Bahia tinha grande empenho na conservação do presidente do Sr. de Macahé, presidente que mantem naquella provincia uma já muito famosa panellinha! Pois bem, foi sobre este que cahiu a cajadada, e desmante-

lou-se a igrejinha, e mais o phantasma da crise, e mais a ridicularia das combinações ou antes das imposturas de reposteiro". Não, não era de crer que suspeitas tão pequenas dessem lugar a factos de tal importancia — mas os acontecimentos se encadeavam; a scena do reposteiro, o aparte, a nota official, o ataque de Nunes Machado, a demissão de Pinheiro de Vasconcellos (1).

Wanderley que até então se havia retrahido dos debates surgio na tribuna para reagir contra aquella empreitada partidaria em sua provincia. Se o governo atirava a demissão de Pinheiro Vasconcellos como uma provocação ou punição aos bahianos, se os buscava atemorisar, montando na Bahia uma outra ordem de cousas, plantando alli uma nova era politica, o deputado discreto e quasi silencioso despia-se de comedimento para vir formar, francamente, na minoria hostil ao ministerio.

Dera-se como razão de ser demittido o presidente da Bahia não seguir este a politica do gabinete. Mas qual seria esta politica?

"Os deputados da Bahia censuram o governo pela maneira por que administra o paiz; ahi está o acto de hostilidade, ahi está porque o governo quiz mostrar o seu vigôr, e que esses intrigantes, esses fornicôcos, (apoiados) não têm razão alguma em andar formando um supposto ministerio com a deputação da Bahia. Admira que na occasião em que se quer fazer comprehender que entre os poderes do estado nenhum obstaculo, nenhuma entidade existe, (2) se diga que

(1) Sessões de 19, 23 e 25 de agosto de 1848. Na sessão de 28 de agosto manifestam-se sobre a facção aulica Ferraz, Gonçalves Martins e Nunes Machado.

(2) Alludia ás palavras de Nunes Machado: — "o paiz não acredita neste mexerico, o paiz só reconhece os poderes estabelecidos

se pretende fazer predominar a intriga, que o ministerio cahia, ou que se tratava por este meio tortuoso de derrocal-o. Fiquem os nobres ministros tranquillos porque não somos tão myopes que acreditemos que uma pequena minoria seria sufficiente para os derrocar. Não é a minoria que os ha de derrocar, é a opinião publica (muitos apoiados da opposição); pode ser mesmo que caiam pelo jogo dos poderes do estado (muitos apoiados da opposição); o ministerio pode ser derrocado pelos seus proprios amigos (muitos apoiados da opposição), porque o puxão em sentido contrario. Uns querem a moderação, outros querem o excesso, outros, emfim, querem um ministerio que tenha tantas côres quantas são as provincias do imperio (muitos apoiados da opposição). (O Sr. Tosta: — E' um carro puxado por duas parellhas em sentidos oppostos). O ministerio neste estado de cousas não faz mais dô que a figura do medico de qualquer regimento (risadas). Quando tem de ser flagelado um soldado, o medico é immediatamente chamado, toma o pulso ao condemnado, e, emquanto diz que pôde ser castigado, toca a chibata; interrompe-se de quando em quando o castigo, e pergunta-se: — ainda pode soffrer? — Responde elle: — Ainda. E assim continua-se até que o medico diga: basta, o homem está a morrer! Assim tambem o ministerio está com o pulso das provincias nas mãos. Os honrados deputados administrão-lhes o castigo; e o governo diz: ainda pode, fogo! (risadas). Ainda pode, fogo! (risadas). Até que chegue o dia em que o doente morra ou que esses ministros

pela constituição. Tome o governo a sua posição constitucional; re-
pilla todas essas imposturas e mexericos... desmascare os impostores;
não consinta que se possa dizer que entre o governo e a vontade
irresponsavel, existe mais alguem" (sessão de 23 de agosto
de 1848).

sejam despedidos como não servindo para medicos deste regimento (muitas risadas e apoiados, muito bem, muito bem)".

Estava por dias ser mudado o medico do regimento.

A campanha que Nunes Machado, Christiano Ottoni e os liberaes ferventes faziam contra José Clemente explodio nas ruas da côrte, nos successos de 7, 8, e 9 de setembro, quando foi da eleição municipal. Sobre estes conflictos iam versar os debates, iniciados a 11 de setembro por Ferraz que, apresentando um requerimento de informações, dava azo ao governo explicar-se.

No correr da discussão e na votação desse requerimento ia testemunhar-se a fraqueza do ministerio na camara. A minoria reunindo já 35 votos hobreava quasi com os 39 ministeriaes. Começava o periodo preagonico do gabinete Paula Souza, assistido de incidentes, intervenções das galerias, debates calorosos, extrema exaltação parlamentar.

Wanderley com os demais bahianos havia perdido as ultimas reservas e desde o debate da demissão de Pinheiro de Vasconcellos fazia opposição apaixonada. Na votação do orçamento, dizia elle (13 de setembro) mostrara não ter o governo influencia alguma sobre a maioria; a consequencia era pois deixar o poder. "O gabinete actual, semelhante ao doente acomettido de intermittentes, tem energia por accessos, mas a fraqueza é o seu estado habitual; e por mais que os honrados ministros e aquelles que os ouvem tenham procurado mostrar que elles possuem a precisa energia, não são acreditados. E' com sentimento profundo que digo, porque desejaria ver no meu paiz um governo que ti-

vesse a confiança geral e principalmente nas circumstancias em que nos achamos..." (1).

Outras votações iam anemando o ministerio, sangrado em seus apoios parlamentares.

Da maioria se iam destacando votos isolados ou grupos de deputados. Moniz Barretto, Coelho Bastos, Peixoto de Brito, Eduardo França, França Leite, Nunes Machado votam contra requerimentos governistas; a elles se juntam Barcellos, que manifesta a sua desillusão em face do ministerio, e José de Assis, para quem o caminho a seguir pelo governo estava patente: "se o ministerio actual não tem a força necessaria para sustentar os principios do lado a que está unido em idéas, deve abandonar o campo... não entendo que o governo conservando delegados inteiramente do credo opposto possa merecer a confiança do lado que lhe tem dado apoio... se o governo tem a confiança da corôa e da legitima maioria desta camara conserve-se; mas se der prova de que não merece a confiança da corôa ou da maioria legitima, retire-se".

Desmoronava-se a maioria.

Debalde o ministro da justiça Campos Mello flanquea o debate procurando negar a significação politica daquellas votações, e, sem habilidade, justifical-as: "assim como a camara tem tido e continua a ter toda liberdade em suas deliberações, da mesma forma o gabinete a tem tido e continúa a ter, porque a não ser

(1) Ia Wanderley ao maximo, pois apezar de refractario á opposição á outrance, de negar pão e agua, sentia-se constrangido a votar contra o orçamento na sua totalidade (Carvalho Moreira o acompanha nessas declarações). Reclamava o cumprimento da palavra do governo relativamente ás franquias provinciaes, sendo uma burla um additivo orçamentario sobre nomeações pelos presidentes de provincia, pois se a estes dava a attribuição de nomear, reservava ao governo geral a de demittir.

assim, havia de reduzir-se a uma simples commissão do corpo legislativo". (1).

Afinal Urbano, apoiado por Nunes Machado, desmascara as baterias. (2). Atira directo a Campos Mello que fôra tardio e infeliz em exhibições de força e pruridos de liberdade. Os ministros deviam cumprir os seus deveres de honra; deviam demittir os funcionarios publicos que haviam sido accusados pela camara. E, revida solemne: "si o o governo não quer ser commissão da camara dos deputados, tambem a camara não quer ser commissão do governo".

Crescia a onda dos impacientes que pretendiam impôr ao ministerio mais decisão, mais energia, demissões, fidelidade aos liberaes, ou retirada, para dar lugar a outro ministerio da mesma politica, porém mais resolutu. Vivissimas eram taes exigencias na palavra de Nunes Machado, enquanto Christiano Ottoni, mais calmo, exgottava as derradeiras expressões concilian-tes. Pairava em muitos espiritos a convicção de que a corôa não tinha confiança no gabinete e que as demis-sões tão vibrantemente reclamadas não eram feitas porque o ministerio "não podia".

Em debates tão caracteristicamente politicos Wan-derley havia de ser tentado a intervir. Não resistiu.

(1) Urbano não soffre ouvir isso em silencio e subito, grita: "peço a palavra". Logo Rodrigues dos Santos, outro ministerial, consente num apoio condicional, vindo claramente perante a camara recriminar e accusar o gabinete por moroso no cumprimento de suas promessas e declarações. Apolado por Urbano dizia que o go-verno devia demittir os presidentes de provincia e empregados de confiança que contrarlassem a sua politica.

(2) Os prateiros de Pernambuco repetiam a politica de exigen-cias, extremada. Já em maio de 1847 devendo aquietar-se satis-feltos com as escolhas senatoriaes de Chlchorro e Ernesto França e com a consequente retirada de Hollanda Cavalcanti, rompen com o ministerio que afinal se retira. Agora ajudavam a derribar Paula Souza mas o que conseguem é um ministerio que lhes seria con-trario.

Defendeu a minoria de ter votos tergiversantes por estratégia, na mira de enfraquecer o gabinete, pois toda a questão estava circumscripta entre propugnadores do governo, que, independente da minoria, estavam "insurreccionados" contra o ministerio, quando até á vespera acompanhavam o governo com uma dedicação a toda prova.

Tirando partido do contraste entre o azedume dos maioristas descontentes ou dissidentes e a bonhomia calma dos da opposição, Wanderley explicou sarcástico os factos. Não suspeitassem de que qualquer fracção da minoria se quizesse approximar do governo, em certa votação que déra — "si membros da maioria se oppuseram ao ministerio por esse motivo façam as pazes novamente (apoiados, risadas); não queiram fazer de nós victimas expiatorias de sua conciliação". A opposição continuava firme em seu combate ao gabinete, não desejava allianças com a maioria: "por consequencia, é tempo de se reconciliarem (apoiados e risadas) para que não appareça essa divergencia. Mas se os snrs. deputados estão dispostos a se declararem em opposição, como já se declararam descontentes (que é o primeiro passo para a opposição) declaramos tambem que estamos no mesmo terreno, e que será aqui que nos havemos de encontrar na occasião em que quizerem derribar o ministerio... Vou portanto deixar que os senhores da maioria decidam a questão entre si com os senhores ministros (risadas), e que publicamente expliquem as razões para estarem descontentes, ou então, como julgo melhor, tratem deste negocio particularmente (apoiados e risadas), porque do contrario talvez vão tão adeante que não possam retroceder. Vamos encerrar esta discussão. Vejo que todos estão arrependidos de terem entrado nella, tan-

to em publico como em particular; encerremos a discussão. Expliquem-se camarariamente com os senhores ministros (risadas); elles darão as competentes explicações. Aproveitem este conselho que é de amigo (apoiados e risadas). Sigão o exemplo de um senhor deputado por Minas, que quando se tratou do ministerio do Sr. Fernandes Torres decidiu a questão com cartinhas (apoiados e risadas). Se se derão bem com a receita applicuem-n'a agora, porque a molestia é a mesma (apoiados e risadas)".

Bem via Wanderley que o "sem cabeça" — como chamavam ao ministerio desde que d'elle se afastara por doente o presidente do conselho Paula Souza — não resistiria por muito tempo. E naquellas ironias era perverso com os ministeriaes a quem lançava toda a culpa da mudança iminente, accusando-os de derrubadores da situação que até então apoiavam.

IV

A 29 de setembro subia ao poder o gabinete Olin-da-Monte Alegre, recebido na ponta das lanças pelos liberaes exaltados.

Theophilo Ottoni rompendo longo silencio a que se recolhera, surge na tribuna com um discurso solemne de opposição.

O ministerio que sahira — dizia elle — organisara-se de maneira que se enquadrava em suas censuras, formara-se contra suas convicções, suas idéas em relação ao funcionamento do regimen representativo, mas como muitos de seus amigos entendiam que aquelle gabinete resignatario poderia salvar o paiz, poderia re-

vogar leis que, segundo sua opinião, haviam tornado a constituição uma chimera e tinham anniquillado o systema representativo, cruzara os braços, dissera-lhes que salvassem o paiz e se resignara ao silencio.

Alludindo a sua resistencia de revolucionario e suas agruras de vencido, a phrase lhe havia de vir naturalmente, entre altiva e commovedora: "lançado fóra desta tribuna por um golpe de estado revolucionario qual a dissolução previa da camara de 1842 fui expiar nas masmorras (e disto me glorio) a fidelidade com que servi meus principios e minha consciencia".

Todo o seu discurso é uma série de supposições e alvitres, de deducções e consequencias, para provar ser o novo ministerio uma creação da facção aulica. E o nome de Jobim pontilha insistentemente a sua oração.

Fallando da retirada de Paula Souza não podia Theophilo Ottoni deixar de alludir ao caso da Bahia: "é sabido que pelas difficuldades das organisações ministeriaes, e por muitas circumstancias que agora é ocioso esquadrinhar, uma provincia havia onde o partido saquarema estava ainda arregimentado com seus chefes á frente, governando e dirigindo a provincia como nos bellos tempos do ministerio de 19 de setembro: fallo da provincia da Bahia. Este ministerio teve força para derrocar nesse seu quartel o partido saquarema; teve força para substituir a admnistração provincial apezar da viva opposição que os nobres deputados, hoje ministeriaes, lhe fizeram. O facto, pois, da mudança politica a respeito da provincia da Bahia, prova que o ministerio tinha toda a confiança de que constitucionalmente póde precisar para governar o paiz. Não foi, pois, por falta de confiança do corpo legislativo, nem da corda, que o ministerio se retirou do poder, foi porque esta facção aulica que se entro-

mette entre a corôa e o ministerio que dirige o paiz, como diziam os nobres deputados em 1844, se intrometteu entre a corôa e os ministros, é porque esta facção tinha em seu peito organizado o ministerio do sr. Visconde de Olinda, e estava já desassombrada desses sustos em virtude dos quaes capitulou com o sr. Paula Souza em 31 de maio" (1).

Wanderley para responder a Theophilo Ottoni, de novo volve aos debates, (2 de outubro de 1848): "sr. presidente, dizia a pouco na assemblea nacional da França um illustre deputado a quem eu de maneira alguma me posso comparar, que elle advogaria a causa do bom senso perante o tribunal das paixões. Eu tratarei de ver se posso advogar a causa da moderação e da concordia perante a agitação que me parece de alguma forma reinar nos espiritos". A essas suas palavras iniciaes surgem reclamações e o orador confirma: — sim, havia agitação, nas opiniões, nos animos. Não fôra facto de pequena importancia o que fizera "sahir de sua tenda um Achilles do parlamento", como Theophilo Ottoni. O gabinete demissionario cahira porque, promettendo umas tantas medidas com a comminação de deixar o poder se não as realisasse (reforma da guarda nacional, da lei de 3 de dezembro, lei de incompatibilidades) nenhuma todavia levava avante, acontecendo que as reformas da guarda nacional e da lei de 3 de dezembro nem ao menos uma discussão haviam soffrido na camara.

(1) Carvalho Moreira, testemunha e parte destes acontecimentos, pois foi valente combatente contra Paula Souza, escreveria mais tarde a Wanderley (carta de 21 de fev.^o de 1870): "não te lembras do ministerio Paula Souza por occasião da revolução da França em 1848? Passado o susto da edipe da monarchia, o magnanimo mudou de repente o ponto de apoio, e veio Euzebio, etc. Vide "Cartas do Imperador D. Pedro II ao Barão de Cotegipe", ordenadas e annotadas por Wanderley Pinho, pag. 159.

Taes factos; o fraccionamento constante da maioria; a falta de intelligencia entre seus membros, desgostaram Paula Souza que, deixando, com participação de doente, a direcção dos negocios, manifestava um grande descontentamento. Todos viam que elle não voltaria. Isso era para o ministerio um "principio de retirada", e os demais ministros, despojados do presidente do conselho, "em quem a a camara tinha principalmente depositado a sua confiança", nada realisaram. Não podiam, pois, continuar. Tinham que ser substituidos: — ou por um ministerio da mesma opinião, ou por outro de "qualquer outra opinião que existisse no paiz".

Ora, um novo ministerio liberal não podia ser organizado. Um gabinete de liberaes ardentes não lograria o apoio dos liberaes moderados. Não procurassem uma razão extranha para explicar a impossibilidade de uma reconstrucção ministerial tirada da maioria; essa razão estava na guerra civil que a esta dividira. "Se fosse licito revelar alguma cousa do que observamos nas sessões secretas, isto mais se confirmaria".

O ministerio que acabava de se constituir era composto de homens moderados que de nenhum modo se lançariam no caminho das reacções. Não deviam pois os liberaes recebê-lo com prevenção: "lembrem-se de que quasi sempre as reformas, quando são reclamadas pelas necessidades publicas, são realisadas por ministerios conservadores e que muitas vezes aquelles que primeiro aventam certas idéas e opiniões não são os mais habilitados para realisal-as; porque acontece que no ardor da lucta levam essas idéas ao ponto em que ellas se traduzem em utopias". O novo gabinete, acreditava, trataria de realisar algumas reformas das julgadas necessarias pelos liberaes. Esperassem pois, os

factos. Collaborassem nessas reformas: “estou fazendo um compromisso para os honrados membros m’o lançarem em rosto se eu faltar a elle”. Não se afastassem os liberaes das idéas de moderação, de justiça e de tolerancia; nem insistissem em allusões á facção aulica: “eu não posso, sr. presidente, por bem de meu paiz, deixar de recordar que nunca nesta casa uma só opinião emitti que pudesse fazer acreditar que existe semelhante facção... essa alcunhada facção ora entrega o poder aos nobres deputados e então não existe, ora o entrega a outros e então é poderosa”. Assim como o partido liberal fôra chamado ao poder pelo livre exercicio da attribuição imperial de escolher ministros, assim fôra o conservador; “deixassem de parte esses mexericos” e acceitassem os factos taes como eram e com suas causas reaes.

Nada pôde a calma conciliante dos vencedores contra a irritação vibratil dos vencidos. Os liberaes exaltados levavam o debate em torno da mudança de ministerio e de politica ao ponto de ignição.

Christiano Ottoni, Urbano e Nunes Machado eram os mais trepidantes nessas reacções de tribuna.

Urbano indignado com a nomeação do novo presidente de Pernambuco, na qual via uma hostilidade aos praieiros, mal podia repetir juras de ordeiro e respeitador da lei, abafando o fogo revolucionario que lhe ardia interiormente, e cujos clarões appareciam nas citações de phrases de Olinda sobre o direito de insurreição e resistencia e na caracterização dos tempos que corriam: “estamos na epoca em que os povos pelas armas estão conquistando as liberdades publicas”.

Nunes Machado, que, aliás iria morrer nas barricadas, tinha convicções pacifistas mais firmes, arrai-

gado aos meios legaes em sua bellicosidade politica. Dispunha-se a lutar contra o ministerio, mas "no campo que a constituição permittia, campo em que não recuaria, donde nunca sahiria, em que sempre havia combatido".

Os novos ministros, talvez para deixar que essas naturaes indignações se expandissem, evitavam comparecer á camara, apezar da insistencia com que os opposicionistas reclamavam o cumprimento desse dever, inscripto nas praxes do regimen.

Achou Wanderley dever voltar á tribuna.

Explicou a sua posição como delegado (chefe de policia da Bahia) do novo governo e reaffirmou os seus designios de concordia — "sigo a politica do actual gabinete, estou identificado com ella, porque entendo que ella promoverá o bem de meu paiz; logo, porém, que elle aberre e eu esteja tão cégo que o não veja, rogo aos nobres deputados que me advirtam, na certeza de que irei immediatamente collocar-me no meu posto". O governo seria moderado; não havia nomeado homens extremos para as provincias: — "tratemos de conciliar, de tranquillisar os animos, esperando os factos".

Nem se buscasse, com supposições e accusações anticipadas, "difficultar a marcha da moderação que o ministerio pretendia adoptar". Nada dessa guerra *à outrance* que os exaltados pareciam proclamar, nem a continuação "dessa divisão immensa que tem existido entre nós"; nada desses conselhos como os dera Ferraz, de serem os administradores os homens mais extremos dos partidos. Nada disso: "moderação e

muita moderação”. Os homens extremos nas provincias tinham odios a faltar e vinganças a tirar... Fossem escolhidos os moderados, que, fieis á politica do ministerio, cumprissem religiosamente as leis: — “a lei tem muita força e a moderação não exclúe a energia”.

As questões do não comparecimento dos ministros e da possível dissolução da camara davam azo a declarações, por assim dizer, officiaes. A dissolução immediata atingiria a dignidade da camara e do ministerio: “se o ministerio tivesse vindo á camara pedir quaesquer providencias que entendesse a bem dos interesses publicos e della dependenssem, e estas lhe fossem negadas, o ministerio devia retirar-se immediatamente ou aconselhar á corôa a dissolução da camara (Um deputado — a opinião da camara já é conhecida). A camara pode mudar de opinião pela força dos factos e da verdade; será difficil conseguil-o mas não é impossivel. Ha outra razão e é que não convem que o paiz esteja por longo espaço sem representação nacional e deve haver a maior presteza, quando é dissolvida uma camara, em que outra a substitúa. E quem sabe o que poderá acontecer? Se se mudar o ministerio, como pôde mudar qualquer dia, e fôr substituido por outro de idéas dos honrados deputados, já existe uma camara que o apoie sem ter se corrido os riscos inuteis de uma eleição... Se tem de realisar-se a dissolução, ao menos faça-se depois que o ministerio se tenha apresentado ás camaras, exigindo medidas para realisar seu pensamento, e estas lhe sejam negadas, ou convencer-se de que nada pode esperar”.

Os ministros, todavia, não se apresentavam, tanto accusados de temerem quanto de desprezarem a camara. Christiano Ottoni, então, num discurso violento,

manda á mesa uma moção contraria ao gabinete, cuja votação baldadamente Wanderley, invocando o regimento, procurou evitar.

Entre a approvação dessa manifestação de desconfiança da maioria e a leitura do decreto de adiamento da assembléa para 23 de abril de 1849, medearam apenas alguns momentos.

Iam-se desenrolar no paiz grandes acontecimentos.

As circumstancias excepcionaes daquelle momento politico, o estopim da reacção briosa contra a intervenção confessada na politica provincial, o resurgimento do espirito de partido pela constituição de um ministerio formado exclusivamente de elementos de uma mesma parcialidade, o curso mesmo dos debates e a força das combinações extra-tribuna, levavam Wanderley — ai delle! — nesse final de sessão parlamentar de 1848 a, com saudades das franquias de livre atirador, receber a armadura, o montante e o capacete de combatente conservador.

Era fatal essa evolução. Mais cedo ou mais tarde teria que se alistar homem de partido.

Tem-se dito, com razão: — aquelle que não quer ser de nenhum partido não raro, ou sempre, tem contra si todos os partidos.

Já lá se iam mais de cinco annos durante os quaes Wanderley fruira aquelles privilegios de fallar, opinar, propôr, apoiar, combater, ouvindo apenas as suas proprias razões, guiado tão só pelos rumos que a si mesmo se traçava. Podera com isso dar a medida de seu valor, crear respeito, sympathias, dedicações alguma corrente de espiritos.

Mas ser politico não é exhibir-se, censurar, criticar, negar, affirmar — é congregar, agir, construir.

A tribuna não pode ser para o parlamentar um fim, mas instrumento de trabalho.

Wanderley não deixaria de tudo isso ponderar. Nelle o orador livre teria por força que ceder ao homem de estado que para o ser realmente carecia de abrir mão daquellas regalias de que até então se mostrára tão cioso.

Medindo o raio de seu circulo pessoal, via que podia extendel-o, tanto em proveito de seu paiz como em proveito proprio.

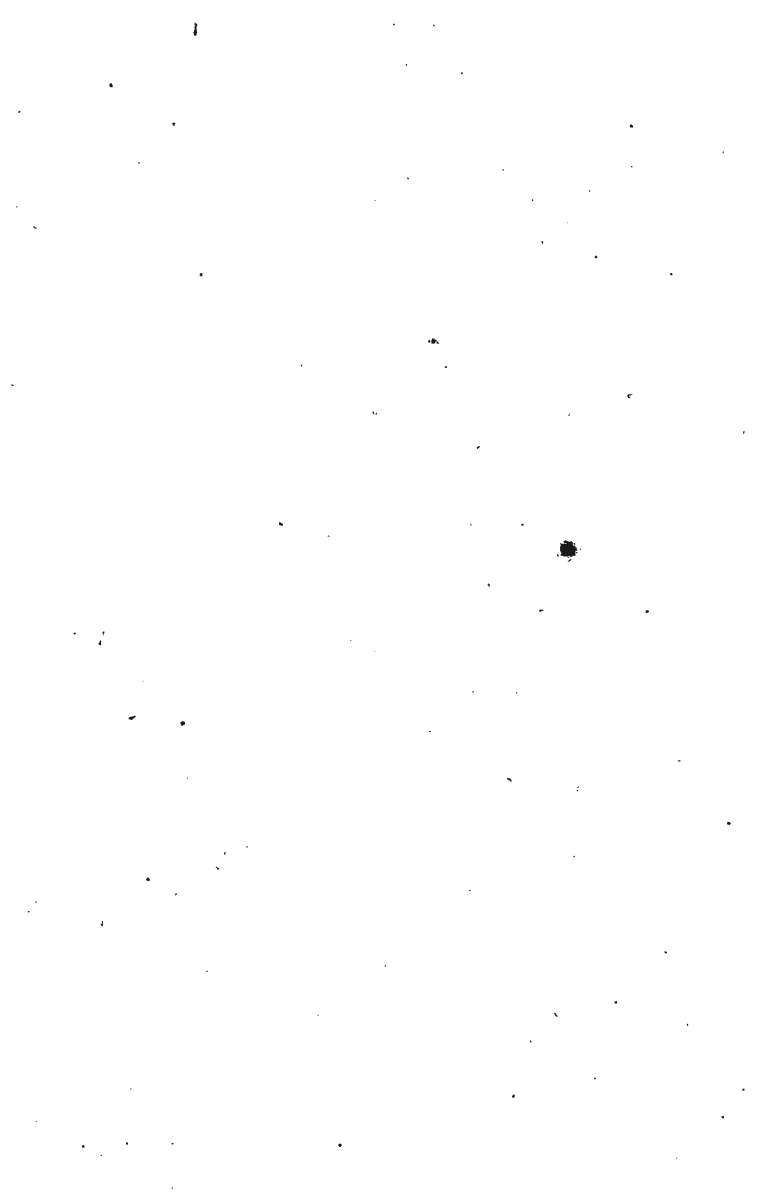
Demais no seu fôro intimo, percebia que a excessiva liberdade de movimentos pode levar a exa-geros de mobilidade, e estes darão a impressão de versatilidade que desconceitúa ás vezes e sempre desprestigia. E nessa introspecção não lhe escaparia que a critica e a censura puras e simples são funcções mais do jornalista que do parlamentar. O franco atirador é, afinal, um jornalista de tribuna.

Acabara de combater com vigor o ministerio que cahira. A situação que subia tivera a sua collabora-ção para chegar ao poder. Este lhe offerecera um posto de confiança.

O politico só se completa governando. Era tempo de iniciar sua carreira administrativa.

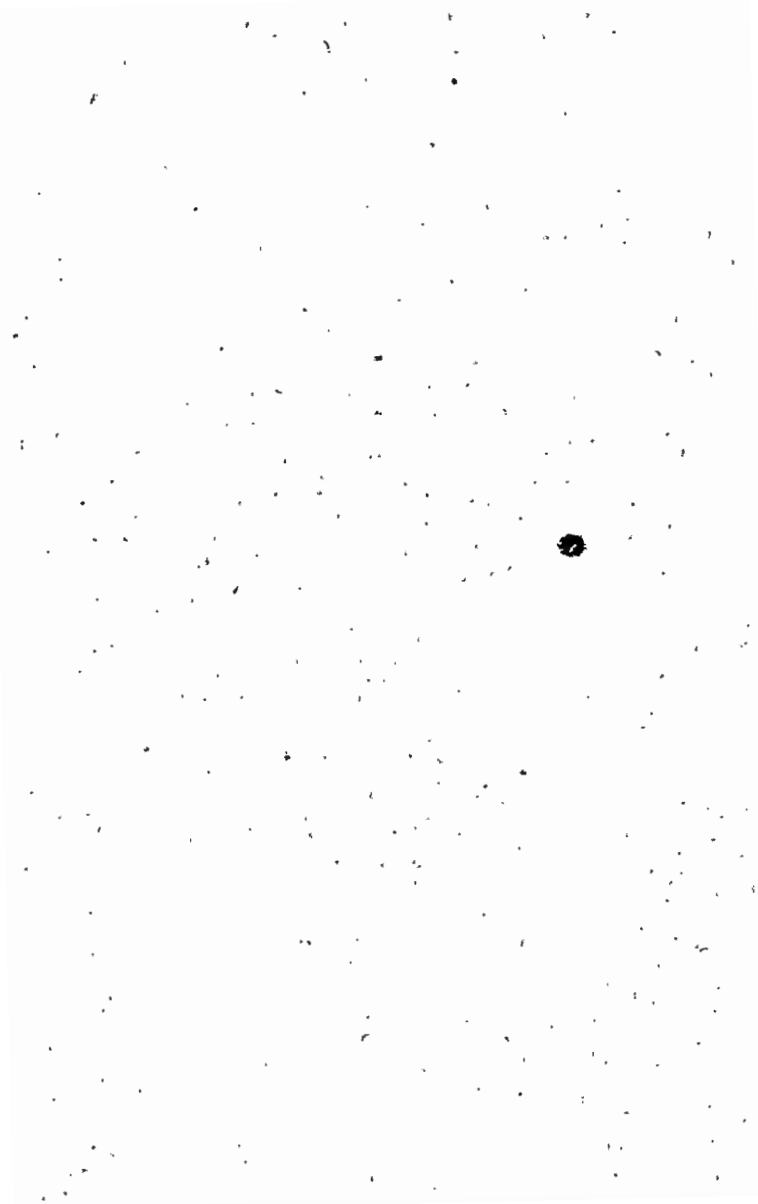
Acceitando a chefatura de policia da Bahia, Wanderley entrava para o partido conservador a que se dedicaria até o ultimo alento de sua longa existencia.

ESTADISTA QUE SE REVELA
CONSERVADOR QUE SE DEFINE



Chefe de Policia da Bahia

- I — CARACTER DA POLITICA BAHIANA.- DISCURSO DA "BIGORNA E DO MARTELLO". - PRESIDENCIA EPHEMERA DE LISBOA SERRA.**
- .II — REPERCUSSÕES DA REVOLUÇÃO PRAIEIRA.**
- III — AS ELEIÇÕES DE 1849. - A ECLOSÃO PARTIDARIA NA BAHIA.**
- IV — PREVENINDO REBELLIÕES DE ESCRAVOS E "MATA-MAROTOS".**
- V — CONTRA A MOEDA FALSA E O TRAFICO. - DESEMBARQUE DA "PONTINHA". - JUIZES CONTRA O GOVERNO. - AFRICANOS LIVRES.**



WANDERLEY começara a sua vida publica numa epoca em que a Bahia não tinha partidos nem chefes (1). Prevalecia o criterio do valôr pessoal, dos prestigios locais. Impoz-se pelo talento e pela influencia da familia. Veio, como os outros, á assembléa e á camara com opiniões livres, desligado de sujeições disciplinadoras, sem compromissos.

Esse caracter da politica provincial bahiana preponderou até 1848. Ainda neste anno Gonçalves Martins poderia dizer que a Bahia não tinha partidos porque os não queria, e não era justa a pretensão de se lh'os impôr. E Ferraz allegava esse facto como uma demonstração da altivez e da liberdade dos bahianos: "no Brasil quem faz as eleições é o governo, mas na provincia da Bahia assim não acontece... a Bahia repelle toda e qualquer imposição do governo para candidatos. Isto é prova de que na Bahia ha liberdade de voto e que a deputação da Bahia é a expressão da vontade da provincia" (2).

(1) Vide discurso na camara de Ferraz, 1.º de maio de 1848, de Gonçalves Martins, 31 de julho de 1848, de Lulz Antonio Barbosa de Almeida, em 19 de agosto de 1848; vide ainda Mello Moraes — "Brasil Social e Politico" pags. 16 a 20.

(2) Já em 30 de dezembro de 1844 dizia Ferraz: "A Bahia em todos os tempos se poz ao lado do opprimido", e, lembrando o caso de José Bonifacio, acrescentava: "seus habitantes são tão altivos que não se submettem a ordens de gabinete algum em materia de eleições".

Tambem Junqueira (o velho) dava na sessão de 29 de março de 1845 este testemunho: "a minha provincia é aquella que menos re-

Com a ascensão do gabinete Paula Souza, os liberaes, que não tinham grande força na provincia (1) encarregaram ao presidente Lisbôa Serra da organização alli do partido official luzia.

O gabinete conservara a principio na administração da provincia a Pinheiro Vasconcellos (Monserate), louvado por sua tolerancia e justiça, Em agosto de 1848, porém, os luzias bahianos, chefiados por Luiz Antonio Barbosa de Almeida, bateram-se pela substituição daquelle presidente (2). Um dos objectivos dessa mudança seria confiar a um administrador mais adheso á politica do gabinete a direcção da provincia.

cebe chapa e menos está disposta a isto, honra lhe seja feita". As affeições — dizia — é que principalmente governavam as eleições.

Wanderley na sessão de 20 de maio de 1847 declarava: "o governo até hoje não tem podido influir nas eleições da Bahia".

José Bento na sessão de 2 de setembro desse mesmo anno de 1847 dizia: "a Bahia, honra lhe seja feita, não accelta imposições do governo".

Igualmente Souza Franco (sessão de 25 de janeiro de 1850) referindo-se á Bahia chamava-a de "provincia que sempre repelliu a idéa de se lhe impôr candidatos, provincia que sempre tem conservado seus bríos, que nunca elegeu deputados, senão aquelles que ella queria... que nunca accetitou chapas".

Angelo Ramos (sessão de 13 de março de 1850) dizia: "a Bahia desde a epoca da independencia apresentou sempre a deputação de differentes opiniões, ou, na phrase do sr. Martins nesta casa, "mesclada".

Vide discurso de Ferreira Souto na camara, sessão de 5 de julho de 1850.

(1) Gonçalves Martins discursando na camara em 31 de julho de 1848 sustentava que, de 1831 a 1848 haviam dominado na Bahia as idéas saquaremas: "desde 1831 as idéas que se querem propagar ou que se quer dar pelas da maioria da nação e com que se quer governar o paiz não tem apoio na provincia da Bahia... desde 1831 até 1834 a vossa opinião (liberaes-luzias) foi combatida pela deputação da Bahia; de 1834 a 1838 a quasi unanimidade da deputação da Bahia combateu a vossa opinião; de 1838 a 1843 uma grande maioria da deputação da Bahia defendeu vossos adversarios; de 1843 a 1848 a patrulha compunha-se quasi toda de bahianos; e observae o que se passa em 1848 e vereis que a maioria da deputação da Bahia combate vossas doutrinas".

(2) Vide discurso na camara dos deputados, 10 de agosto de 1848.

Luiz Antonio, admittindo a tradição de independencia politica excepcional da Bahia, exclamava, depois de louvar o espirito e a organização de partidos: "si isto é uma verdade, como julgaes vós o estado da Bahia pela maneira por que o pintaes? Como vos julgaes autorisados para dizer que ninguem tem direito de dirigir o espirito publico, organisando, dando vida aos partidos?... Eu confio que o gabinete não promoverá o espirito de partido de familias; este sim, concordo, que longe de trazer bens, só produz males; mas o espirito de partido que chama os homens a um centro de opiniões, que é o apoio natural, legitimo, dos governos no systema representativo, o espirito de partido que faz com que os cidadãos tomem parte na marcha do governo, que lhe dá força, que sustenta suas idéas ou as repelle, o espirito de partido que desperta todos os cidadãos, que accende o patriotismo, acabando com o indiferentismo, que é o maior de todos os males na sociedades bem organisadas". Para dar alento a esse espirito não havia mister outra força senão a moral, bastando que o ministerio collocasse nas provincias delegados que se compenetrassem do seu pensamento.

Nem fossem de temer as luctas eleitoraes. Para combater tal receio ia servir-se de palavras de John Russel: — "os inculcados philosophos, as mulheres sentimentaes, os homens efeminados, fazem lamentações contra as nossas divisões politicas, contra as nossas eleições violentamente contestadas, mas os homens de espirito generoso sabem que é nesse arsenal onde se prepara a liberdade, a prosperidade da Inglaterra. E' no calor do fogo sobre a bigorna atroadora que a liberdade toma a sua forma, a sua tempera, a sua força".

Este discurso, que ficaria conhecido pela designação de "da bigorna e do martello", ia assignalar uma mudança radical na historia politica da Bahia.

Em resposta Gonçalves Martins, lembrando não haver ali predomínios ou politica da familia (1), ridicularisou a intimação de Luiz Antonio: "o nobre deputado julgando que eu me aterrava muito com alguma perturbação na provincia, com o fogo que o nobre deputado deseja que alli houvesse, concluiu desta maneira: "é no calor do fogo sobre a bigorna atroadora que a liberdade toma a sua forma, a sua tempera, a sua força". Quer o nobre deputado estabelecer ali a bigorna?... Vejo que vae se estabelecer esse grande combate na minha provincia. Eu convido aos meus patricios para que recebam o conflicto, entrem nelle com toda a moderação. Eu lhes peço e peço ao Todo Poderoso que lhes dê aquella graça que é necessaria para os soffrimentos. Se Deus não acode á provincia da Bahia, senhores, a bigorna do nobre deputado (risadas) vae fazer grandes estragos; o que será de nós?"

Mas ao terminar sua oração advertiu em tom de ameaça: "attente bem o governo que é facil destruir e difficil crear. Mande crear novos systemas na Bahia e espere pela lucta; não cuide que isto ha de acontecer com a facilidade que se pensa. Pernambuco é um exemplo".

Wanderley na sessão de 25 de agosto (1848) viera á tribuna para combater aquella empreitada partidaria do ministerio e as idéas de Luiz Antonio.

(1) Naquelle epoca, enquanto a politica na Bahia tinha esse caracter, em Pernambuco possuía uma feição nitida de predomínio de familia e luctas por abatel-o. Sobre o caracter olygarchico da politica pernambucana de então, lêr: "Justa apreciação do predomínio do partido praeiro de Pernambuco", Rio, 1847. Esse assumpto foi objecto de discussão nos jornaes "A Nação", e o "Correio do Brasil". "A Nação" dizia que Pernambuco era Ingovernavel. Os praeiros eram mais populares. O partido Guabirú se compunha de "uma só familia nas posições de influencia, de importancia e por isso combate os governos, extraga com a sua opposição

Que queria o ministerio com a nomeação de Lisboa Serra, e com a urgencia em mandal-o assim á Bahia? Plantar na provincia uma nova era, seguir uma nova politica, dar-lhe uma direcção que lhe trouxesse a felicidade gozada por outras provincias e que a Bahia não compartilhava?

Não, a realidade era diversa; a verdade dos propósitos do governo era, molestado com a opposição dos deputados bahianos, suffocar-lhes as vozes e evitar que a Bahia continuasse a ser uma excepção entre as demais provincias.

“E’ possivel que a liberdade tome a sua forma nessa bigorna e ad calor do fogo — este pensamento não é novo. Já um distincto membro da convenção franceza dizia que a liberdade tinha nascido do seio da tempestade, das dôres, semelhante ao mundo que sahio do chaos e ao homem que nasce chorando; mas esse virtuoso fanatico (risadas) que proferia essas palavras referia-se a uma sociedade em que tinha havido instituições feudaes; referia-se á liberdade que tinha sahido da lucta com o principio monarchico e sacerdotal; referia-se a todas as difficuldades que a revolução de 1789 tinha achado para implantar a liberdade no solo francez; mas entre nós, quando a liberdade está conquistada (muitos apoiados da opposição), quando devemos tratar de conserval-a em uma atmospherá mais branda, querer dar-lhe nova forma ao som da bigorna e ao calôr do fogo, não posso concordar com isto (muitos apoiados da opposição)”.

A Bahia não necessitava dessas bigornas porque estimava e professava a liberdade: “a provincia da Ba-

todos os presidentes que lhe desagradão”. O “Correio do Brasil” (4 de março de 1853) em defeza, salientava que Figueira de Mello e Nabuco não eram Cavalcantis, entre os 13 deputados só dois ou tres Cavalcantis havia, sendo um, Sebastião do Rego Barros de merito proprio.

hia não partilha de nenhum dos excessos dos partidos que se debatem no Brasil. A Bahia não é exclusivamente Sta. Luzia, nem exclusivamente Saquarema; a provincia da Bahia segue o systema da moderação, da tolerancia, da justiça (apoiados da opposição). Nenhum governo até hoje quiz fazer a conquista da Bahia senão o actual (muitos apoiados da opposição). Se a provincia da Bahia quasi sempre apresenta em opposição a maior parte da sua deputação, é porque não concorda com a marcha que levão os negocios, com os excessos que se praticão. O ministerio de 2 de fevereiro teve uma grande opinião em seu favor na provincia mas logo que a provincia da Bahia foi vendo que o ministerio não fazia os bens que promettera e que ia cahindo em excessos, mudou-se a opinião geral da provincia e hoje pode-se dizer que a provincia da Bahia é quasi na sua totalidade contraria ao que actualmente se pratica (muitos apoiados da opposição)".

Ferraz, então ministerial, sentio-se mal em entrar nesse debate. Adoptou o argumento terrorista para contrariar a Gonçalves Martins e Wanderley: "a Bahia estava em condições especiaes; receiavam-se até insurreições. Era necessaria uma politica especial".

E lá fôra Lisboa Serra formar na Bahia, ao calor official o partido liberal ministerial.

Mal teve tempo de esboçar essa tarefa. A sua ephemera administração durou apenas um mez.

Com a subida do gabinete Olinda-Monte-Alegre, genuinamente conservador, e para o qual entraram Itaborahy e Euzebio (gabinete 29 de setembro de 1848) mudaram-se as administrações provinciaes. Coube a

Gonçalves Martins a presidencia e a Wanderley a chefia da policia da Bahia (1).

Não haviam de recebê-los na provincia com muita cordialidade os alliados daquelles que, tão depressa, se viram afastados do poder: — os elementos de Alves Branco, Rebouças, Barbosa de Almeida, irritados com a queda da situação em que punham tanta esperança. Chegou o exagero da má vontade ao ponto de ser objecto de deliberação recusar-se posse ao novo presidente Gonçalves Martins (2).

(1) Decreto de 2 de outubro de 1848. Posse a 12 de outubro. "Soube da tua nomeação para chefe de policia dessa tua terra; não tenho de que dar-te parabens, porque nisso só vejo um sacrificio generoso de tua parte em beneficio de teus comprouviancos; a estes sim, é que eu queria felicitar por te terem a ti. Desejo, porem, que neste cargo sejas tão feliz e bem succedido como em todos quantos tens exercido. A gloria de um amigo, meu caro João, não só nos pertence, como que della podemos saborear ainda mais do que a propria, porque della fallamos e ouvimos fallar com mais franqueza, porque não nos embaraça o sentimento da modestia: a tua, pois, desejo-a de todo meu coração como partilha da muita amizade que te tenho. Bom é que estás prevenido para supportar o amargo envoltorio, em que se ella encerra"! (carta de Sinimbú a Wanderley, 28 de abril de 1848).

(2) Vide discurso de Wanderley na camara, sessão de 25 de julho de 1851. Gonçalves Martins em carta a Olinda, datada de 23 de outubro de 1848 descrevia essa recepção dos "luzias: — "A provincia gosa de socego, salvo os crimes aqui e alli perpetrados em consequencia da nossa moralidade e atrazada civilisação. Quanto á tranquillidade politica, creio poder asseverar que o Governo Imperial pode dormir tranquillo. Desejo ardentemente tirar esta minha patria do estado de torpór em que tem vivido e fazer desenvolver o seu genio industrioso, porem para isto se quer tempo e os homens prudentes não gostão de muita influencia ao principio; com vontade firme e perseverante e sobretudo com prudencia tudo se alcança deste povo que realmente he bom. Os parentes e amigos do Sr. Alves Branco e outros do Sr. Rebouças muito trabalhão para baralhar o estado quieto da provincia e fazer manifestar algum desgosto e de facto gritarão e escreverão muito... tudo irá cahindo no ridiculo que merece que he nesta terra o paradeiro das exagerações e orgulhosas pretensões. De Pernambuco tive a carta inclusa que teve a resposta constante do verso. De facto se alguma necessidade urgente se dêsse alli eu não ficaria expectador mudo". — Barbosa de Almeida espalhava boatos de mudança de gabinete. (carta de Gonçalves Martins a Olinda, 23 de outubro de 1848).

“Fomos logo aggedidos — escrevia Wanderley — pelos discipulos de Vulcano — que tinha tido por missão estabelecer nesta pacifica Provincia a *forja*, em que dêssem á liberdade nova *forma e tempera* mais robusta; os operarios estavam d’antemão dispostos, os folles preparados, a bigorna bem montada, os martellos encabados e as *serras* de dentes afiados: — sómente faltava o signal que era o encerramento das Camaras; quando (proh dolor) surgiuneste porto o “*Imperatriz*”. O desapontamento foi horrivel e risivel; reunio-se o conclave e assentou de romper logo as hostilidades com o auxilio dos 4:000\$000 que penso ahi recebeu o Serra, os quaes foram destribuidos pelos orgãos *conscienciosos* da opinião publica: entrou a Nação-Barbosa (são tantos que o povo assim os denomina) em acção; e tem ahi escripto em duas gazetas artigos violentos, e tanto mais quanto a população permanece fria”.

Lisbôa Serra que deixava uma passageira presidencia de trinta dias, promettera muito, creara popularidade, subscrevera actos de grande effeito, ainda inexequiveis, como os relativos a um banco emissor com lastro no valor de propriedades agricolas.

A nova administração devia contar com a má interpretação popular das medidas que era obrigada a tomar. Era preciso esclarecer a opinião e Martins e Wanderley providenciavam: “assentamos de — para fóra da provincia — a fim de não terem as outras uma idéa inexacta do estado desta, — dar direcção á imprensa (1): — ha uma folha diaria que explica os

(1) Já ao presidente João Duarte Lisboa Serra o ministro da justiça Campos Mello recommendara que procurasse dirigir a imprensa tornando-a instrumento de civilisação e de ordem. (Ver communicação datada de setembro de 1848 no Archivo Nacional). A direcção da imprensa era então uma das occupações dos governos geral e provincial. No programma traçado em 1853 para o gabinete Paraná dizia o imperador: “reorganisar-se a imprensa na Côte e tambem nas provincias, se fôr possivel”. Essa direcção da imprensa tanto importava em folhas subvencionadas que defendessem

actos do governo e defende a sua politica, e outra periodica que jogará as mesmas armas dos adversarios". Estes não reclamavam razões ou pretextos para seus ataques: "até hoje não se tem dado uma só demissão, e na policia não foi assignada nma só nomeação; tracto de conhecer o seu pessoal mais particularmente; e os *ferreiros* gritão terror, violencia, etc.! Pretendo proceder em tudo com a maior prudencia e moderação, e montar a policia com vistas da maior segurança e fins para que foi instituida". (carta de Wanderley ao ministro da justiça Euzebio ao assumir a chefatura de policia).

II

As circumstancias do momento davam ao posto de chefe de policia a maior importancia, pois a agitação nacional e a campanha por uma constituinte eram intensas, e não pequenos os receios de uma revolução. O exemplo da França animava os timidos. Já, ao assumir a chefatura Wanderley, haviam sido espalhados pela cidade proclamações — umas impressas, outras manuscriptas — republicanas, separatistas, de hostilidade á côrte oppressora.

os principios de ordem e o governo, como na reacção legal, processos judiciaes contra os excessos dos jornaes. O novo governo da Bahia promoveria á repressão da licença da imprensa. Em Cachoeira agia com energia Paranaguá, então juiz municipal e delegado de policia, ajudando a Wanderley. A este escrevia Euzebio (19 de nov.º de 1848) applaudindo as providencias contra os pasquins anarchicos — "que o diga o seu procedimento com os roncas da Caxoeira". Dois annos depois, Paranaguá escrevendo a Wanderley dava conta de sua acção contra "os taes liberaes". A Typographia Constitucional onde se editava o "Apostolo" tivera o director por elle pronunciado. Animando a publicação, naquella cidade, de jornaes saquaremas, sympathicos ao governo, taes como o "Nacional", não continha Paranaguá a sua indignação contra o desvairo da imprensa rubra: "sobe de ponto o cynismo desse infame papel que se intitula "Povo Cachoeirano", escripto com selvagem audacia, digna sem duvida de severa repressão" (cartas de Paranaguá a Wanderley, 28 de maio e 21 de dezembro de 1851).

Em todo caso a Bahia dava aos seus novos administradores um prospecto de certo modo tranquillizador; — bem perto, em Pernambuco, é que tudo era de temer.

Vinha alli azedando o fermento revolucionario.

A excitação das raivas populares encontrava acicates na resistencia dos proprietarios, negociantes, capitalistas, letrados, talvez nas vistas benevolas, e na tolerancia excusadora de Chichorro — o presidente praieiro.

A agitação tinha, não raro, feições de lucta de classes, de guerra do proletario ao capital. A nacionalisação do commercio era um estopim para os “mata-marôtos” como os que convulcionaram as ruas de Recife nos memoraveis dias 8, 9, e 10 de dezembro de 1847, e depois em 26 de julho de 1848. Neste ultimo conflicto, originado de um incidente no correr do qual um estudante do Lycêo fôra ferido por um portuguez, os designios politicos se caracterisaram no requerimento que os amotinados fizeram subir ás autoridades, pedindo a expulsão dos portuguezes e a convocação de uma constituinte. Foi nesse dia que o “republico” — Borges da Fonseca — surgiu ás janellas da prisão em que se encontrava, — demagogo encarcerado que coava entre grades a sua eloquencia agitadora — para aconselhar aos amotinados o incendio das casas dos “pés de chumbo”.

Nesse caldo de cultura cahiram os germens virulentissimos dos despeitos de partido quando, mudada a situação com a retirada do ministerio liberal Paula Souza, chegava a Pernambuco um novo presidente, delegado dos conservadores.

Nunes Machado partira da côrte, para soffrear a revolta. Mas foi vencido nesses propositos pelo pundonor e brio pessoal que o obrigaram a

contrariar a deliberação que o guiava. Foi um martyr da coherencia. Sacrificou-se á solidariedade com o passado e com os amigos. Suicidou-se.

A tragedia se desencadeou.

E a revolução praieira tingiu de sangue o torrão pernambucano (1).

Gonçalves Martins e Wanderley, com coragem talvez imprudente, mas uma grande confiança no espirito ordeiro do povo que governavam, despojaram-se da força militar de que dispunham. Em 24 horas a Bahia enviava ao presidente de Pernambuco, Herculano Penna, toda a tropa de linha, munições, artilheria, sob o commando de José Joaquim Coelho.

A guarda nacional substituiria a tropa que expedicionava (parte a 18 e está em Recife a 23 de novembro de 1848), em ajuda á legalidade ameaçada.

Esse soccorro, mandado com tanto desassombro e presteza, foi uma providencia da maior importancia naquelle momento. Euzebio escrevia a Wanderley: "muito estimei saber que não receiam ahi pela tran-

(1) Sinimbú era acre em seus julgamentos sobre a revolução praieira e os "Quixotes do Liberalismo de Pernambuco": "a revolução praieira é desordem, é exaltação, é sêde de dominio de feudatarios. Ha um presidente energico. E' preciso vencer a rebelião antes da reunião das camaras, ou o governo encontrará grandes temporaes parlamentares e é uma necessidade allás a dissolução, necessidade perigosa por fornecer pretextos aos anarquistas do Sul". Critica o manifesto: "tanto entusiasmo, tanta coragem e tanta dedicação por uma causa tão manifestamente falsa, mentirosa e ridicula"; — "que paixões rancorosas nutrem aquelles praieiros? João já te dêste ao trabalho de comparar quanta analogia ha entre aquella desordem e a de 1844 em Alagoas? Os mesmos pretextos, a mesma falsidade e a mesma exaltação. E que muita differença ha entre João Roma e Vicente de Paula? Um é feudatario de Jaculpe, o outro tambem quer sel-o de Catucá. Felizmente porem, para o imperio, e para os bons pernambucanos a comparação falha em outros pontos, nem o ministerio de 29 de set.^o é o de 2 de fev.^o, nem o presidente novamente mandado para Pernambuco é o corrompido do Jovem Senador! Tomara saber que o movimento se acha de todo suffocado; porque a contlnuar, considero embaraçada a situação do governo na reunião da camara, cuja dissolução é uma necessidade, mas uma necessidade perigosa, por fornecer pretexto aos anarchistas do sul" (carta de Sinimbú a Wanderley, 20 de janeiro de 1849).

quillidade publica e que entretanto se conservam em vigilancia. A partida tão prompta da força armada para Coelho foi um serviço importante, e tanto mais apreciado quando terem advinhado as nossas intenções de mandal-a para Pernambuco. Supposto o Pena em suas apressadas communicações não nos pedisse armamento, comtudo, conhecendo pela sua carta, e pelas communicações do Martins que havia alli necessidade, nos apressamos a remettel-o. Tambem tenho expedido ordens para irem para a Guarda Nacional dessa Provincia duzentas e tantas espingardas que existião compradas; se forem necessarias mais, irão mais, mas muito de proposito não quiz agora fazer compra. A respeito do Maranhão verá que não nos descuidamos e creio que a providencia tomada merecerá a sua inteira approvação”.

Os governantes da Bahia eram auxiliares directos dos de Pernambuco, e esteios do ministerio no norte: “ainda que muito me escreva o Tosta sobre Pernambuco e Martins sobre a Bahia, não desejo ainda assim que V. Ex. deixe de escrever-me e communicar-me tudo quanto souber e julgar conveniente a respeito de ambas as provincias... não posso despensal-o de escrever-me largamente sempre que isso lhe fôr possível... acredito com V. Ex. que toda a vigilancia, dedicação e energia he pouca, que a conspiração he intensa e o perigo poderia ser grande; mas não se dorme sobre a cratera do vulcão. Ha a este respeito tanta quanto vigilancia he possível” (carta de Euzebio a Wanderley, 6 de fevereiro de 1849).

A conspiração e as ameaças de perturbação da ordem occupavam a attenção e exigiam providencias dos governantes da Bahia. Mesmo depois do fracasso da revolução praieira temiam-se graves motins nesta

provincia até então pacifica (1). Wanderley, entretanto, não acreditava na *força material* da opposição da Bahia e seria talvez menos energico e precavido que Martins e Scara (commandante das armas) que até á artilheria dispunham em posições favoraveis, prevenindo o que dêsse e viêsse. O chefe de policia achava melhor desmoralisar os boatos e demonstrar destemor. Dizia-se que o Tenente Coronel Galvão, da guarda nacional reunia gente armada. Vae á casa de Galvão, tirando-lhe o prestigio, e fazendo “sentir á população que era impossivel qualquer desordem alli no sentido *Catucá*”.

Noticiava-se a explosão de um movimento revolucionario para o dia 18 de fevereiro de 1849, mas Wanderley sorria da matança annunciada. Para elle tudo se reduziria em aguas do entrudo, pois media bem o valor dos agitadores que não tinham plano algum, nem meios de realisar o que porventura formassem. Ria-se dos pasquins affixados que, convocando o povo ás armas, apontavam o *Marôto Martins* como disposto a entregar o Brasil aos portuguezes e aos africanos. E, sereno, tranquillisava a Euzebio: “em toda parte ha elementos de desordem, mas tanto quanto póde alcançar minha fraca previsão, nada receio. Mais medo tenho da secca horrivel que está assolando o sertão: — ventre vasio não tem lei” (cartas de Wanderley a Euzebio de 18 e 25 de fevereiro de 1849).

Todavia, attento e cuidadoso, Euzebio, da côrte, estimulava as prevenções diuturnas de seus agentes no norte: “foi bom que fizesse a tal visita ao Galvão de Itaparica; mostra-se que não ha medo, e tira-se-lhes

(1) Na sessão de 25 de junho de 1851, falando na camara, Wanderley fazia allusões á vontade de certos elementos da Bahia promoverem alli algum movimento que secundasse o de Pernambuco.

a vontade de inventarem existencia de reuniões, armamentos, etc. etc." (carta de Euzebio a Wanderley, 25 de fevereiro de 1849). Era preciso estar noite e dia a postos, sem se afastar um só momento da guarita: "o attentado de Urubú (1) é de natureza grave mas se não se complicar não se justificaria a sua ausencia da capital nas actuaes circumstancias, que não são risonhas" (2).

A actividade e energia dos delegados do governo na Bahia tranquillizavam a Euzebio: "no meio de tudo foi uma grande fortuna achar um Martins e um Wanderley para manter a Bahia na posição em que se acha".

Vencida a revolução praieira, desde 2 de fevereiro, pela bravura de Tosta, poude o gabinete sentir-se forte para affrontar as eleições. As camaras que haviam sido adiadas para abril de 1849, vieram a ser dissolvidas por decreto de 19 de fevereiro: "finalmente dissolveu-se a camara, como se se dissolvesse um ajuntamento de capoeiras, ninguem lhe deo importancia. Até as folhas mercantis trataram da materia como se fosse méro expediente. Agora resta o mais difficil... Com tal presidente e chefe de policia a derrota é impossivel ou os Bahianos não seriam dignos desse nome", escrevia Euzebio a Wanderley.

(1) "O Sertão he que está em miseravel estado pela repetição de crimes e audacia dos potentados. Um irmão do commandante superior do Urubú (que não podia ser conandante superior pela sua insignificancia) acaba de assassinal-o dentro da villa e de publico, estando todas as autoridades aterradas. Eu estou prompto a partir logo que o meu presidente determi~~na~~; mas elle entende que não se deve sacrificar o maior ao menor e julga por isso que a minha presença aqui he preferivel. Tomarão-se todas quantas medidas erão possiveis na occasião para auxillar-se as autoridades da-quella comarca" (carta de Wanderley a Euzebio, 18 fevereiro 1849).

(2) A politica era então a das armas e o governo continuava a enviar forças para o norte: "partem hoje 500 homens de flor para Pernambuco e acabão de chegar perto de 400 do sul. Os anarchists estão já muito esmorecidos" (carta de Euzebio a Wanderley, 25 de fevereiro 1849).

III

As eleições presididas por Gonçalves Martins iam levar pela primeira vez á camara uma deputação compacta de 14 deputados, uma chapa completa saquarema. Esse facto determinaria accusações ao presidente da provincia que antes tanto louvara a inexistencia de partidos na Bahia e tanto se rebellara contra a missão dada a Lisbôa Serra de alli fundar o partido luzia. A contradicção de Gonçalves Martins era, aliás, de algum modo, apparente, uma vez que o partido luzia sempre estivera em minoria na provincia e o gabinete liberal Paula Souza só ao apagar das luzes emprehendera a desmonta da politica de feição saquarema que alli detinha a opinião e as posições. O contraste, porém, entre o que haviam sustentado Wanderley e Gonçalves Martins e a nova deputação unanime era de facto chocante.

Wanderley bem advinhava a repercussão dessa unanimidade e cêdo a justificava. Em carta a Euzebio (26 de setembro de 1849), dizia: "estão decididas as nossas eleições e por um modo que muito nos honra, (1) e esmaga a opposição. Em outras provincias pode ella argumentar com esta ou aquella cir-

(1) Em 1849 Saraiva era juiz municipal em Jacobina e alli um dos cabalistas do governo. Em carta dalli, datada de 28 de set.º de 1849, dizia elle exultante a Wanderley: "dou os devidos parabens porque a chapa será batida e sem que houvesse compressão alguma. E' um triumpho glorioso, e maior seria se os candidatos... não desconfiassem desse triumpho e tratassem mais de segurar-se. Dora em deante haverá mais firmeza em chapa, pois já uma vez triumphou ella". Nesse anno de 1849 Saraiva pleiteava a eleição de deputado provincial e Wanderley récommendava seu nome para Barra, Campo Largo, Sta. Rita, Urubú, Cachoelra, Feira (cartas de 24 de abril e 28 de setembro de 1849).

cumstancia, mas aqui onde não houve reacção, onde, ao contrario, deixou-se-lhe mais do que convinha á prudencia, ser vencida e por uma maneira tão estrondosa, significa alguma cousa... Sei que no Rio não se esperava tanto e que se contava com alguma opposição da Bahia, e que até havia quem a desejasse no governo. Tambem eu desejo e conheço a necessidade de uma opposição; mas achava melhor que V. Ex. ou o governo a deixasse sahir em Minas e S. Paulo, onde he a dita senhora filha legitima e muito querida: a da Bahia he uma bastarda muito mal creada e enfesada, que não merece as honras de ser attendida, e tanto mais quando o seu principal protector a sustenta com o producto de *seu crime* (fallo do grande Hygino). Comtudo sempre lhe deixamos os supplentes; mas no Rio de Janeiro nem isso..."

Depois, na camara, insistiria: — era verdade nunca ter havido na Bahia uma deputação eleita num mesmo sentido politico; as eleições faziam-se "mais por affeições particulares do que por espirito politico", como que "camarariamente, em amizade"; os candidatos trocavam votos, e era depois, na camara, que se vinham definir. Acontecera porém que os luzias haviam provocado a organização das forças eleitoraes em partidos, estabelecendo "a linha divisoria em que se devia dar o combate eleitoral". E a provincia se pronunciara num pleito livre sem compressão, concentrando-se a votação segundo um mesmo principio politico. Por isso viera ao parlamento uma deputação compacta de saquaremas. E as escolhas estavam accordes com os antecedentes: dentre quatorze deputados que tinham sido eleitos, onze haviam tido assento na camara, nos tempos em que não existiam partidos. Os tres outros, independente de partidos seriam elei-

tos (1) (discursos de 13 de março de 1850 e 25 de julho de 1851).

A eclosão partidaria da Bahia tinha sido uma decorrência fatal das circumstancias. Já a politica pessoal e dispersiva se tornara impossivel. A acção official, esboçada pela presidencia liberal Lisbôa Serra, havia de extremar, como extremou, com a reacção saquarema, os campos politicos que logo depois mais se discriminaram, distanciando, em dois grupos destacados, os homens que até então oscillavam, aos ventos da fortuna, nos mares das escolhas pessoases.

A revolução praieira tivera grande repercussão na Bahia. O surto revolucionario alli, si não chegara ás vias de facto, motins, rebelliões, se expandira em columnas dos jornaes apaixonados, e os liberaes se coloriam nitidamente de seu rubro matiz partidario.

O ar ambiente da politica nacional excitava a actividade arregimentadora de Euzebio que se fazia pronunciar pelas provincias á fóra. Os governos haviam de ser energicos e contar com a disciplina de seus adeptos, quando lhes cabia vencer ou evitar revoluções. Formavam-se os partidos provinciaes.

(1) Dos eleitos eram antigos deputados — Gonçalves Martins, Wanderley, Tosta, Almeida Couto, Magalhães Castro, Pinto Pacca, Francisco Antonio Ribeiro, Apriglio de Souza, Góes Siqueira, Taques, Moura Magalhães, Entravam novos — José Augusto Chaves, Victor de Oliveira e Felix Ribeiro Rocha. Dos liberaes tomaram assento como supplentes — Barbosa de Almeida e Eduardo França, substituindo Gonçalves Martins quando este passou em 1851 a senador; Angelo Ramos substituiu em 1850 a Felix Ribeiro Rocha que nesse anno falleceu.

No pleito anterior Wanderley apolara com effiçencia a eleição de Moura Magalhães. Em carta este lhe agradece os favores politicos e bons officios: — “brillhou sobretudo a nossa Barra, de que ainda saudades conservo e bem profundas”. Da eleição senatorial de Jequintinhonha tambem foi baluarte. Este lhe é grato pela “heroica e generosa parte que tivera na sua brillantissima eleição” (carta de 14 de janeiro de 1850).

A Bahia resistente, solidaria com a autoridade central, representava naquelle momento um grande papel historico: atalaia ao norte, dique á agitação revolucionaria que desaguava de Pernambuco, antemural ao republicanismo anarchico de Borges da Fonseca.

A organização do partido saquarema naquella provincia foi um dos aspectos da reacção geral conservadora. Deixou de ser um facto local.

IV

Não paravam ahi, na vigilancia pela ordem ameaçada de revoluções, os cuidados e tarefas do chefe de policia. Tinha que estar attento a outros perigos tão graves.

A Bahia respirava ainda então a atmospheria oppressora das ameaças de insurreições de escravos. Além dos levantes parciais num ou noutro engenho, e das emboscadas e assassinatos de feitores, sérias rebelliões alli se tinham succedido.

Braços buscados para o trabalho, de momento, se podiam transformar em instrumentos de subversão social, de exterminio dos brancos. Nas senzalas dos engenhos, nos trapiches e residencias das cidades e villas, no Reconcavo, fixava-se uma grande população servil fermentando raivas, a cercar a capital e o governo.

Vinham de longe as revoltas de escravos. Aggravavam-se com o accumulo crescente de negros que no fim do seculo XVIII e principios do seguinte africanisava a cidade e seus arredores.

O predominio numerico (1) era um estimulo á licença: "os escravos nesta cidade não têm sujeição

(1) Com a abolição do trafico e com o trafico interprovincial que levaria grande parte da escravatura do norte para os cafezaes

alguma, — informava o governador Conde da Ponte — ...juntavão-se onde e como querião; dançavão e cantavão seus dissonoros batuques por toda a cidade a toda hora; nos arraiaes e festas erão elles sós os que senhoreavão do terreiro, interrompendo quaesquer outros toques ou cantos..." Na cidade os *tarefairos*, escravos que vinham trazer aos senhores uma certa quota do trabalho que livremente agenciavam, gosavam á vontade dos ocios nocturnos em "divertimentos e ajuntamentos".

O trafico intenso trazia geges, ussás, nagôs "naçoens as mais guerreiras da costa leste" em cerca de oito mil escravos por anno. Tornavam-se cada vez mais temiveis as rebelliões.

Naquelle anno de 1807, as providencias felizes do Conde da Ponte faziam abortar a insurreição dos ussás que viriam a rebellar-se em 1813.

Em 1814 reclama o corpo do commercio medidas acauteladoras. A ousadia dos negros crescia. Já até o governo lhes permittira batuques nos campos da Graça e do Barbalho. Alguns iam aos depositos de escravos recém-vindos aconselhar desobediencia e revolta.

E' nesse anno de 1814 que se dá o levante dominado, após sangrento combate, em S. Amaro do Ipitanga.

Em 1816, anno em que se publicou o decreto (24 de agosto) que estabelecia a pena de 150 açoites a todo escravo encontrado nas ruas depois de 9 horas da noite, estala a grande rebellião, com mortes e incen-

do sul a população negra da Bahia diminuiu enormemente. Vêr adiante o capitulo sobre o trafico interprovincial e as estatisticas que isso demonstram.

Em discurso na camara (28 de maio de 1851) Souza Franco affirmava que então perto da metade da população brasileira era de escravos e que no Rio de Janeiro (município neutro e provincia) estava um terço de todos os escravos do imperio, sendo esses negros metade da população livre.

dios, nos engenhos Caruassú, Guahyba e outros, para ser vencida em Quibaca pela coragem de Jeronymo Moniz Fiuza Barretto, chamado dahi em deante o "salvador do Reconcavo". Essa rebelião provocou a reunião de um conselho de officiaes de milicias, na Villa de S. Francisco, sob a presidencia do futuro Marquez de Barbacena, curioso congresso de senhores irritados contra escravos.

Em 1826 (11 de março) atacam os escravos as armações e as incendiam; em 25 de agosto e 10 de dezembro de novo se levantam (1).

Em 1828 são tres as insurreições, uma dellas desbaratada em Pirajá. Os grandes proprietarios solicitam providencias especiaes e se offerecem para, colligados, auxiliar o pagamento dos destacamentos.

Em 1829 sublevam-se õs escravos de 3 engenhos do Coronel José Maria de Pina e Mello, em Cotegipe. Ha mortes, um dos engenhos é incendiado, e afinal os negros submettidõs. O de 1830 fracassa em começo.

Em 1835 os malês, de sangue arabe, de uma altiva dignidade physica, attitudes distantes, reveladoras de sua indomabilidade, quasi todos mahometanos,

(1) Vide Braz do Amaral em notas a Accioly, "Memorias Historicas da Bahla", Vol. III, pag. 228 e IV pag. 347.

A abundancia de escravos não era tanto uma necessidade de braços para a lavoura como um luxo de proprietarios urbanos ou ruraes. Vide o Conde da Ponte, em seu officio de 1807. Vide Rodrigues de Brito na sua resposta datada do mesmo anno, "Cartas Economico-Políticas" ed. 1924).

Sobre levantantes de escravos na Bahia lêr estudos de Eduardo Caldas Britto, José Carlos Ferreira e Padre Etienne Ignace na Revista do Inst. Hist. da Bahia, ns. 29 e 33, e Nina Rodrigues "Os Africanos no Brasil" tambem o discurso de Gonçalves Martins na camara, 29 de abril de 1843 em que narra a revolta dos malês. Sobre esta rebelião lêr o romance de Pedro Calmon "Os Malês".

Sobre a procedencia dos escravos da Bahia, alem do livro citado de Nina Rodrigues, lêr o de Castelneau "Renseignements sur l'Afrique Centrale et sur une nation d'hommes a queue que s'y trouverait d'après le rapport des nègres du Soudan, esclaves a Bahia" — 1851. Traz noticias interessantes sobre negros letrados, de origem arabe, vocabularios, traços ethnicos, etc.

lendo e escrevendo em caracteres mouros, organizados com intelligencia, ameaçavam dominar a capital salva pela energia feliz de Gonçalves Martins, á custa de sangrentos recontros (1).

As rebelliões na Bahia, sobretudo a dos malês causaram uma grande impressão no paiz inteiro. Receia-se que algumas provincias tivessem a sorte de S. Domingos. No "Jornal do Commercio" de 29 de agosto de 1835, lêem-se estas expressões de desanimo: — "apparecem insurreições de escravos por todo o Brasil; a Bahia e o Maranhão estão á borda do precipicio, e o resto do Imperio ameaça ruina, ainda que mais remota". Por um momento a base economica da sociedade via-se na iminencia de subversão. A riqueza, o poder, a cultura, a sorte dos brancos sentiam-se em imminente risco. A força do numero mostrava o de que

(1) O levante de 1835 alarmou a Bahia. As precauções e os castigos mais severos se puzeram em pratica. Os negros rebeldes foram em grande numero condemnados á morte; outros á pena de mil açoites; muitos por seus donos vendidos para o sul. Medidas de excepção se tomaram; as garantias pessoasas suspensas, para que as autoridades pudessem varejar as casas e buscar os rebeldes ou negros conspiradores. A regencia baixou o decreto de 28 de março de 1835: "tendo em vista as urgentes circumstancias da Provincia da Bahia e a necessidade de exemplo para que extingam os elementos da insurreição de africanos que acaba de ter lugar na mesma provincia", determinando que as sentenças de morte proferidas pelo jury contra os negros culpados "fossem immediatamente executadas independentes de subirem ao poder moderador, depois de satisfeitos os mais recursos legaes". Na córte e na provincia do Rio temia-se a vinda de escravos rebeldes vendidos para serem afastados do local da revolta. A Regencia mandou executar o que consta do aviso de 4 de março de 1833 e baixou o aviso de 17 de março de 1835 pois não estando autorisada a prohibir o commercio licito de escravos de provincia a provincia, assim providenciava para não se subtrahirem os criminosos ás pesquisas das autoridades; e difficultava a importação de escravos vindos de uma provincia onde acabava de se dar uma insurreição. Em 14 de maio de 1835 eram executados no campo da Polvora 5 negros da ultima condemnação. Haviam sido tomadas as precauções para evitar as desordens esperadas nessa occasião (vide Diario da Bahia, 14 de maio de 1835 e Jornal do Commercio de 10 de junho de 1835).

era capaz sobre a disciplina. A ancia de riqueza cedia ante o temor do perigo. Da Bahia, tão avida de escravatura, vinha, entre outras representações da sua assembléa provincial (que reclamava autonomia financeira para as provincias) uma bem significativa da crise que padecia aquella provincia, do seu horror ao africano. Pediam os deputados provinciaes bahianos a fundação de uma colonia na costa d'Africa para onde se pudessem mandar todos os africanos que se libertassem ou fossem suspeitos; e pediam ainda se concluísse uma convenção com o Uruguay e provincias do Rio da Prata afim de ser evitada a importação de africanos para aquelles lugares; e tambem solicitavam se providenciasse para a cessação de todo e qualquer commercio entre os portos do Brasil e da Africa occidental e oriental á excepção da colonia do Cabo (1).

Tambem da provincia do Rio de Janeiro, tão grande nucleo de agglomeração de escravos como a Bahia, ou maior, ouviam-se, entre os appellos e pedidos de providencias, expressões de panico (2).

São dessa epoca avisos e leis tendentes a reduzir o escravo á submissão, e que davam autorisação legal á violencia dos senhores. Em 20 de maio de 1835 approva a camara a resolução de lei que punia com pena de morte os escravos ou escravas que matassem ou propinassem veneno, ferissem gravemente ou fizessem qualquer outra grave offensa physica a seu senhor, sua mulher, ascendentes e descendentes, ao admi-

(1) Vide annaes da camara dos deputados, sessão de 19 de junho de 1835.

(2) Na sua "Historia de Vassouras" Ignacio Raposo narra a rebellão de 300 escravos da fazenda Freguezia do Capitão-mór Manoel Francisco Xavier. Os escravos chefiados por Manoel Congo, que aclamaram rei, formaram um quilombo que foi extincto, após renhido combate.

nistrador, feitor e suas mulheres. Promovia essa lei a punição prompta e immediata. O jury seria extraordinariamente convocado e si impuzesse a pena de morte, dessa sentença não cabia "recurso algum".

Ao assumir a chefatura de policia Wanderley communicava ao ministro da justiça as suas apprehensões: "um outro objecto que me causa grandes cuidados he o numero espantoso de africanos que entope esta cidade (1). Mandeí fazer uma arrolamento de todos e propuz as medidas que me parecem acertadas, sendo desde já necessario que o Governo mande retirar para o Rio os africanos livres que existem no arsenal ou distribuir pelas embarcações de guerra, os quaes são uma continua origem de disturbios", e "um incentivo para a insurreição, visto como os que vieram até nas mesmas embarcações comparam sua sorte com a daquelles, e conhecem que as leis do paiz são em seu favor (2)".

(1) Em 1848 o Presidente Moura Magalhães não escondia os seus recelos: "esses perigosos hospedes com que nos mimosêa um commercio perigoso e deshumano augmentão cada día o perigo das Insurreições que para serem prevenidas ou suffocadas de prompto, quando infelizmente appareção, he mister a existencia de uma força sufficiente e disciplinada". São palavras de um officio seu ao ministro da justiça, datado de 9 de fevereiro de 1848, no qual pedia autorisação para enviar á Africa os africanos livres, que eram os mais perigosos e Insufladores de rebellões.

Ferraz (sessão da camara de 31 de julho de 1848), dizia haver na Bahia elementos de desordem, contrarios á propriedade e á parte mais illustrada da provincia. A assembléa provincial havia realisado sessões secretas para tratar disso.

(2) Nada mais impolitico, de facto, que conservar — uns escravos e outros livres — homens de igual raça e condição, trazidos todos para o eito. Estes estimulavam, com sua liberdade, aos anseios dos outros e aos movimentos de rebeldia por conquistal-a. Faziam-se esforços para a sua reexportação, a Regencia tentava sem successo convenções com paizes possuidores de colonias na Africa, e se via obrigada a dar cumprimento ao alvará de 26 de abril de 1818.

Só uma vigilancia sem descanso poupou ás autoridades a repressão de revoltas sérias (1).

A reacção nacionalista contra os portuguezes, de outro lado, levantando a bandeira do "commercio a retalho"; bradando nas ruas o grito de "mata marôto"; enchendo as columnas dos jornaes e pasquins de toda a sorte de ataques á "gente lusa tão vil"; fazendo de cada 2 de julho a ameaça de uma "St. Barthelemy" era um problema melindroso de ordem publica (2) que ia mais tarde obrigar Wanderley, já presidente da provincia, a actos de energia repressiva contra os amotinados no Theatro S. João.

(1) O recelo das Insurreições não deixaria por muito tempo de preoccupar os chefes de policia. De 1855 temos este trecho de carta escripta a Wanderley (19 de nov.º de 1855) pelo chefe de policia da Bahia, Liberato de Mattos. "no mez passado alguns escravos derão signaes de insubordinação e altivez para com seus senhores — entre estes os de Cardoso e Irmão — do Trapiche Julião — que formados usarão do direito de petição ante os senhores — fiz recolhel-os ao Aljube — em numero de 30 que forão todos castigados té mostrarem-se submissos — levarão uns cem açoites e outros pouco mais — domarão-se e forão restituídos aos senhores — tive por conveniente mandar proceder a visita nas casas dos Africanos libertos e que os senhores o mesmo fizessem nos aposentos de seus escravos — feita a diligencia em uma mesma hora em todos os lugares. Nada resultou que denotar pudesse o menor plano de insurreição".

(2) Em carta a Euzebio (18 de fev.º de 1849) Wanderley dando a sua impressão de descrença quanto aos motins politicos annunciados para aquelle dia, que era o do entrudo, tranquillo e inreceioso quanto á sedição, não despresava, entretanto, a possibilidade, a quasi certeza, de ataques a portuguezes: "só temo alguma bordoadá em portuguezes o que é difficil evltar onde ha tantos, em toda parte, e muitos em contacto continuado com a classe mais baixa".

Concordo com V. Ex. escrevia Muritiba (2 de nov.º de 1850) sobre o pouco fundamento dos receios dos Tios, mas julgo que não devemos dormir desde que se procura reviver esses odios que facilmente a população aceita por sonhadas vantagens que antevê na expulsão dos mercadores portuguezes. E' preciso contraminar essa mina que reputo muito perigosa. Entendo que a execução da saivelrada não foi bem calculada, e que isso deu lugar á idéa de retalho e ao consequente odio aos retalhistas. Póde ser que esteja enganado" (carta a Wanderley).

Escudar o portuguez contra a irritação da plebe, assoprada cada dia pelos jornaes, não era tarefa de somenos. A uma arma tornava-se difficil offerecer resistencia: a dos versos aggressivos, de tão grande effeito de instigação no animo popular:

“Vem essa gente-incivil
Nossa riqueza extorquir
E em breve quer assumir
Os direitos brasileiros!
Essa corja de brejeiros
D’entre nós deve sahir”.

Esse o diapasão das rimas com que se alimentavam odios e se extremavam paixões para toda a sorte de violencias:

“De novo captivos
Não pensem em tal,
Fóra marôtos
Para Portugal”.

O proprio conselho que fingia de moderação era um commando aggressivo:

“O luso despota insano
Não devemos provocar,
Mas se provocados somos
E’ crime retrogradar”. (1).

(1) Outro especimen da musa anti-portugueza:

“Si o luzitano menêa
O insulto torpe e vil
E’ inveja do progresso
Desta terra do Brasil”

Borges da Fonseca, o leader da xenophobia, escrevia: “é barbaro vêr os portuguezes senhores do Brasil, vel-os importando Africanos e moeda falsa, vel-os saqueando-nos, e nós Brasileiros, reduzidos á miseria...” (Carta a Nabuco, Apud “Um Estadista do Imperio”).

Um refrão em voga de cantiga jacobina definia os juizos desse tempo e era uma advertencia ponderosa. Os governantes podiam repetir, como uma synthese dos problemas de tranquillidade publica (1), um resumo de seus sobresaltos, este estribilho suggestivo:

“Qui bumba, qui bumba, qui bumba
Aoê!
A nossa desgraça é marôto e malê”.

V

As duas grandes campanhas de Wanderley — chefe de policia — foram a da moeda falsa e a do trafico.

O paiz, especialmente a Bahia, infestara-se de papel falsificado. Os culpados eram apontados pelas suspeitas da opinião publica — gente rica e poderosa como os traficantes, habil em dissimular os vestigios de seus crimes. O mal vinha de longe e a uma conjura de moedeiros falsos se attribuiria o mysterioso assassinato do presidente da provincia, Visconde de Camamú, em 1830.

(1) A execução da lei 586 de 6 de set.º de 1850 trouxe tambem aos chefes de policia Inquietações e receios. Por causa dessa lei houve serios motins em Parahyba, Ceará, Alagoás, Sergipe, Pernambuco. Numa carta datada de 5 de Janeiro de 1852 Paranaguá, que era delegado de policia em Cachoeira, escrevia a Wanderley: “o regulamento sobre registros de nascimentos e obitos tem abalado consideravelmente a população deste termo; é um clamor que se levanta, se generalisa, e acha echo em toda parte. Nos ultimos dias de Dez.º, nas diversas Freguezias e Capellas administrou-se o baptismo a um sem numero de creanças, todos querlam evitar o regulamento de 18 de Junho como uma cousa detestavel. No dia 31 de Dez.º foi tal a affluencia de meninos que concorrerão á matriz desta Cidade que o Parocho não podendo administrar o baptismo a todos, tomou apontamentos sobre muitos que baptisou no dia seguinte. Na Capella de Belem baptisou-se 75, na Feira da Conceição 40 e tantos, segundo tive occasião de presenciar, em S. Gonçalo baptisou-se um numero ainda maior... Suscitão-se duvidas umas sobre outras”.

Tal era o terror que infundia, na Bahia, a quadri-lha dos falsarios que o General Andréa, quando alli governara (novembro de 1844 a agosto de 1846), comunicara para a côrte, em officio reservado, que "só poderia acabar com ella homem de fóra da provincia e se safasse immediatamente".

Wanderley queria experimentar a força dos moedeiros. Disponha-se a quebrar o seu encanto. Havia de limpar a provincia.

Apenas toma posse da chefatura de policia escreve a Euzebio: "posso affiançar a V. Ex. que nesta grande e populosa cidade não havia a menor policia; os passadores de moeda falsa vagavão impunes; já pilhei uns dois e estou á cata dos principaes. Faltam-me porém os meios de manter a precisa vigilancia e torna-se urgente que V. Ex. ponha á disposição do presidente alguma quantia para gratificações ou premios aos agentes que forem empregados ou descobrirem as fabricas. Ha aqui 2 estrangeiros — o portuguez José Maria Candido Ribeiro e o hespanhol Luiz Antonio Dias que tenho motivos para suppôr que são os mais activos traficantes deste genero; ando-lhes na pista; mas sendo possivel que eu não possa obter as provas do crime ou que sejam absolvidos, quando processados, acho conveniente que o presidente esteja autorizado para expulsal-os do Imperio com que muito se lucrará".

Receiava, todavia, do exito de suas diligencias, tão difficil era deslindar as tramas dos criminosos attentos a tudo, e fazer um processo que pudesse desafiar a benignidade dos magistrados (1) "porque com

(1) O ministerio tinha na maior consideração esta campanha. Em carta de 1.º de novembro de 1848 escrevia Euzebio: "estimo que vá dando cabo dos falsos moedeiros e para fim tão justo estou na idéa de mandar pôr a sua disposição ou do Martins, que vale o mesmo, al-

a reprovada indulgencia dos nossos juizes são-me precisas provas reaes e incontestaveis para que se não zombe da acção da justiça”.

A acção de Wanderley nesse caso era tida em tão alta conta que o ministro da justiça, em aviso de 13 de março de 1849, ordenaria ao presidente da Bahia, fizesse constar ao chefe de policia que o seu “zelo e actividade manifestados assim na apprehensão de notas falsas como no descobrimento e prisão dos dois individuos fabricantes passadores della, mereceu todo o louvor por parte do governo”; e por decreto de 1.º de maio lhe seria conferido o officialato da ordem da rosa.

Si as glorias da repressão do commercio negreiro pertencem a Euzebio, certo não as colheria elle, não contasse com auxiliares que tambem energicamente resistiram á impopularidade coeva, e a todas as forças do trafico. Aos presidentes e aos chefes de policia, especialmente os das provincias de Pernambuco, Bahia e Rio — as mais procuradas para os desembarques de africanos — cabem alguns florões daquella corôa.

E não era tarefa para animos fracos enristar com tantos e tão poderosos elementos.

guma quantia que o habilite a prestar os bons serviços que sempre esperel de sua pessoa. Quanto aos dois extrangeiros se V. julgar conveniente a sua deportação faça uma proposta official ainda que reservada, e não terei duvida de solicitar essa medida”. Em 4 de fevereiro de 1851 Euzebio escrevia ainda a Wanderley: “os moedeiros falsos continuam: é difficil descobrir taes criminosos mas a perseverança vence tudo; continue com a mesma actividade e Deus fará o resto. Mande a lista dos extrangeiros em sua opinião deportandos, e creio que não haverá duvidas de autorisar, por qualquer dos dois motivos essa deportação. Bom é que venha officialmente”.

Tosta escrevia de Recife (11 de abril de 1849): “vi com prazer a bella nota de diligencias com que obstou a industria dos fabricantes de notas, tão habituados a emittirem-n’as ahi sem obstaculo: Deus o ajude a quebrar o encanto dos tratantes mandando-os expiar os crimes de que tanto proveito teem tirado”.

Ricos e considerados, alguns traficantes e especuladores militavam nos partidos e podiam influir nas eleições (1). A esse prestígio social, economico e politico se associava o dos senhores de engenho e fazendeiros, a grande classe da lavoura, então preponderante no paiz pelos capitães e pela cultura. Interessados na manutenção do trafico, como uma fonte de riquezas novas e como o salvatério das existentes, o aniquillamento de sua fortunas lhes parecia inevitavel, aos agricultores, no dia em que se estancasse aquelle manancial de braços. E grande parte delles estava acorrentada aos traficantes por empenhos, dividas e hypothecas (2).

O trafico encontrava, outrosim, todas as facilidades e cumplicidades do povo, que lhe era sympathico (3), por amor á aventura, pela paixão de burlar vi-

(1) Sobre os elementos favoraveis ao trafico julgados "maes fortes que o governo", ler J. Nabuco, op. cit. Vol. I, pag. pag. 244. Lér tambem a "Circular" de Theophilo Ottoni.

No opusculo que escreveu Nabuco de Araujo — "Justa Apreciação do Dominio Prateiro" — 1847 — se lê que alguns membros da familia Cavalcanti cujos engenhos eram situados no littoral pernambucano permittião o desembarque e o deposito de africanos nesses seus engenhos, aproveitando-se não só da situação dessas suas propriedades como "da impunidade que esses crimes acham nos tribunaes em razão da cumplicidade de uma grande parte da população e do favor com que era olhado pela sanccão moral do paiz". Havia tambem frequentes desembarques nos engenhos dos "prateiros".

(2) Uma grande intelligencia daquelle tempo, Apriglo de Souza, a quem a morte cortou cedo uma grande carreira politica, dizia á assembléa provincial da Bahia (5 de fevereiro de 1854): "cessou para sempre entre nós o trafico da Costa d'Africa. Dalli é que a lavoura se proveo de braços para se sustentar; é preciso substituir estes que não nos podem mais vir, sob pena de cahirem em fogo morto tantas fabricas ruraes que fazem a base da riqueza da provincia, e ficarem reduzidos á pobreza outros tantos proprietarios. E não sei mesmo se a lavoura da canna, que é a que mais avulta na nossa provincia, poderia encontrar substituto satisfactorio para os braços africanos ao menos conservando a natureza constitutiva com que existe hoje".

(3) Ainda em 15 de maio de 1854 o deputado Viriato dava esta testemunho da popularidade do trafico: "a opinião publica, em verdade, principia a criminalar o trafico de africanos, mas ainda ha alguém que victorie aquelle que introduz africanos no paiz, como motor do bem geral".

gilancias, e sobretudo por pudonor nacional, irritado contra os desbragamentos da pressão ingleza. Nas cercanias de Ilheos, em 1851, occorrendo um desembarque de escravos, ao chegarem estes á villa, os inglezes que lá se encontravam estiveram a pique de ser trucidados pela populaça que se reunia e armava, e os aggreteria, não tivessem elles mantido discreta e cautelosa attitude.

A moral commum tambem não apontava como criminosos aos negreiros, antes os tolerava, indulgente, e dava prévia absolvição ás corrupções frequentes de funcionarios que se acumpliciavam no contrabando.

A propria religião, com prelados e ordens possuidores de engenhos e escravos, interessados como os demais fazendeiros no trafico, não commovia os fieis contra a barbaridade desse commercio.

A conformidade dos corações aos horrores do trafico era uma estratificação secular na consciencia brasileira, que vinha desde os duros tempos da prêa ao indio: resgastes e entradas para a escravidão vermelha, com crueldades iguaes ás do trafico africano.

Negreiros ou resgatadores, traficantes ou capitães de entradas, a razia africana ou a descida de indios, o resgate cafre ou o resgate sertanista — tudo era dar na maloca com força, prender, sujeitar, laçar, acorrentar, capturar tanto prisioneiros quanto victoriosos, conduzir, separar, exilar, escravisar.

A conquista, com o exterminio ou a escravidão do indio, dilatava o territorio dominado pelo colono á custa da piedade humana, da vida e da liberdade do caboclo; o trafico africano com os mesmos horrores povoava com o escravo negro esse territorio desbravado, levando o poder economico do paiz além das fronteiras, civilisando-o pela riqueza fundada no regimen servil.

Os jesuitas que sempre aconselharam a substituição do escravo indio pelo escravo negro, documentaram a destruição do incola. Anchieta, ao alvorecer do Brasil, fallando dos indios da Bahia, levantava este brado commovido: "a gente que de vinte annos a esta parte é gastada nesta Bahia, parece cousa que se não póde crer, porque nunca ninguem cuidou que tanta gente se gastasse nunca, quanto mais em tão pouco tempo..." Só das igrejas dos padres 40.000 indios; descidos do Orobó mais de 20.000; mais as descidas parciaes aos 2.000 e 3.000 — todos juntos "chegam ou passam de 80.000 almas. Vão vêr agora os engenhos e fazendas da Bahia achal-os-hão cheios de negros de Guiné e mui poucos da terra; e se perguntarem por tanta gente dirão que morreu"!!! Mais tarde Antonio Vieira calculava em dois milhões os indios exterminados entre 1615 e 1652.

O trafico tinha, pois, por si tudo e todos — da moral aos costumes, dos interesses ao patriotismo, ricos e pobres, grandes e plebeus. Contra — só as leis, os tratados, os inglezes, as autoridades, o governo.

Levantavam-se vozes no parlamento para excusal-o. A reacção dos representantes nacionaes contra os excessos inglezes justificava indirectamente o commercio negreiro. O proprio Wanderley em discurso de 5 de julho de 1850 dizia na camara: "a questão do trafico não deve ser decidida tão facilmente como parece aos illustres deputados. Um contrabando como é o de africanos, que por muito tempo tem sido apoiado por quasi toda a população do imperio, se subtrahê ás indagações da policia, acha protectores até naquelles que reputão-n'o prejudicial ao progresso da nossa industria. Ouço gritar todos os dias que são infames

os que se empregão e favoreião o trafico; eu nunca proferirei esta injuria contra grande parte de nossa população. Senhores, o crime de introducção de africanos pôde ser infame por duas razões: ou por ser contrario às nossas leis, ou por ser contrario ás leis da natureza. Si é por ser contrario á natureza tão infame é quem importa africanos como aquelle que possúe escravos, qualquer que seja a sua origem, ou lugar de nascimento, porque todos os homens são iguaes perante a natureza: nascerão livres (muitos apoiados). Si é por ser contrario ás nossas leis, tão infame é quem os introduz como quem os tem, porque a lei tanto inhiibe uma como outra cousa. Depois, contra quem ides lançar o estigma de infames? Sobre a mais importante parte da nossa sociedade, sobre a lavoura que nos sustenta, sobre homens honrados e que talvez tenham esse unico defeito, nascido da educação e da necessidade. Sem tencionar defender os que introduzem ou traficão em escravos, quero sómente tirar esta conclusão: que a questão da escravatura entre nós é uma questão nacional (muitos apoiados) que deve ser debatida conforme os nossos interesses e não por sermos comprimidos por alguma força extranha (apoiados). Nunca prestarei o meu apoio a exigencias exageradas de governo estrangeiro..."

Euzebio no seu grande discurso de 16 de julho de 1852, assignalaria como eram infundadas as recriminações dos exaltados de um e outro partido accusando-os reciprocamente de protecção ao trafico (1).

(1) Antão em 1850 criminaava os conservadores de terem subido pela escada dos traficantes; Pacheco (28 de junho) denunciava aos liberaes que recebiam africanos livres e aos ministros desse partido que os offerciam; affirmava que os liberaes haviam dado força moral ao trafico, condecorando multos contrabandistas; accusava ve-

Este era um facto economico que tinha por si a opinião, durante o governo de todos os partidos: — “sejam francos, o trafico no Brasil prendia-se a interesses, ou, para melhor dizer, a presumidos interesses dos nossos agricultores; e em um paiz onde a agricultura tem tamanha força era natural que a opinião publica se manifestasse em favor do trafico... o que ha pois para admirar em que os nossos homens publicos se curvassem a essa lei da necessidade? O que ha para admirar em que nós todos, amigos ou inimigos do trafico, nos curvassemos a essa necessidade? Senhores, se isso fosse um crime, seria um crime geral do Brasil (apoiados) mas eu sustento que, quando em uma nação todos os partidos politicos occupam o poder, quando todos os seus homens politicos tem sido chamados a exercel-o, e todos elles são concordes em uma conducta é preciso que essa conducta seja apoiada em razões muito fortes; é impossivel que ella seja um crime (apoiados), e haveria temeridade em chamal-a um erro”.

Todavia, a crueldade do homem contra o homem havia chegado aos seus extremos tragicos no commercio de escravos da Africa para a America.

hementemente os luzias de quererem voltar ao poder, alentando a violencia dos inglezes: “será uma pagina vergonhosa da nossa historia essa que disser que quando o Brasil se via offendido, atacado, humilhado, naquillo que elle tem de mais nobre e brioso, na sua nacionalidade, a opposição se apresentou no pardoamento dando vulto ao objecto de que o estrangeiro se serve para nos offender e insultar (estrondosos apoiados). E a vista de um tão extranho proceder, não poderia o publico acreditar que os senhores da opposição querem subir ao poder pelas escadas dos inglezes? (muitos apoiados)”; achava que, como protesto, o governo devia attenuar ou cessar a perseguição ao trafico, emquanto os inglezes praticassem seus grandes desacatos á soberania brasileira...

Silveira da Motta dizia que, ao tempo dos liberaes, o vapor Paranapitanga tivera licença franca para transportar escravos.

No seculo XIX foi talvez a maior tragedia. A carnagem das batalhas napoleonicas; o terrivel drama da retirada da Russia; as grandes pestes — nada iguala em dramaticidade macabra á caça ao escravo n'África, á sua travessia ao Novo Mundo.

Era, primeiro, a lucta, o ataque, a defesa, a cila-da, o resgate, e a descida do sertão africano, acorrentados aquelles desgraçados em fileiras de 10, tangidos por "comboeiros" até os depositos do littoral, para o mercado. Vinha depois a venda por "tanganhões", o exame das "peças" — dentes, olhos, musculos; a repulsa aos velhos, aos doentes, aos fracos; a fixação dos preços, marcados os de encommenda com o ferrete do comprador.

A turba negra esperava então nos depositos o dia do embarque, amarrados os captivos dois a dois pelos tornozelos.

Ainda em 1853 o presidente da camara municipal de Loanda descrevia o que eram os entrepostos negreiros dessa colonia e de Benguela: negros "agglomerados nos quintaes dos moradores", "200, ás vezes 300 e 400 em cada quintal", "alli comendo, dormindo, satisfazendo todas as necessidades humanas, infectando as casas e a cidade com os mais putridos miasmas" que se misturavam com o fetido de sua preferida alimentação: o peixe, extendido, a seccar, sobre os muros e sobre os tectos de palha das "cubatas". Era alli que iam escolhel-os, apreçal-os, os mercadores, os "mafucs", esses "volantes", apressados e avidos, a viverem num eterno provisorio de cavadores de ouro africano, sem conforto, sem casa, sem mobilia, cheios de gula, ambição e crueldade (1).

(1) Carta de Ant.º Aug.º Teixeira de Vasconcellos, presidente da camara municipal de Loanda, ao ministro da marinha e ultramar Visconde de Anthogula, datada de 29 de ag.º de 1853, publicada no

E allí já começava a faina das molestias e da morte.

Vinha depois a travessia: — o empilhamento nos porões do palhabote — arrumação geometrica de homens nús como “colheres num estojo de faqueiro”; o mysterio de uma viagem atravez do mar enigmatico e apavorante, a engulir insaciavel, cada dia, o seu preferido; o pasmo do pavor permanente, cortado pela sarabanda macabra, no convez, ao compasso dos atabaques e dos berimbãos, e ao secco estalar das vergastadas; a impossibilidade de toda reacção, brutalizando ainda mais aquelles brutos, imbecilizados nos extremos do soffrimento.

A rota que singraram os navios negreiros das costas d’Africa aos coqueiraes americanos, ficou marcada no fundo do mar, escreveu alguém, pelos esqueletos dos que sobejaram naquellas travessias. E no ar rescendiam esteiras de fedôr, exhalado daquelles esquifes, tão forte que um official britanico affirmou que o sentira antes de avistar o negreiro, 5 milhas a favor do vento.

A Inglaterra, acordando, por motivos mais economicos que politicos e humanitarios, no coração de seus estadistas, uma serodia philantropia, ia accrescer, com a perseguição ao trafico, horrores a essa tragedia; a Grã Bretanha que se fazia libertadorá depois de explorar o commercio de escravos até as vespervas de se resolver a perseguil-o; os inglezes, com os rigores dos seus cruzeiros, tornavam ainda mais atrozes

Correio Mercantil e 9 e 11 de fev.º de 1854. Cita uma carta do commandante Wilnot a lord Palmerston de 9 de jan.º de 1853 que é de leitura Imperiosa nestes assumptos. Mostra Vasconcellos os males do trafico naquellas colonias africanas. Não havia agricultura, industria, civilisação. O trafico matava tudo. Citava-se o primeiro negociante que tivera uma mobilia. Os fardos de fazendas em torno da sala substituiam-n’as. Fartos lucros davam aos traficantes as feitorias de negros no Ambriz ou em Novo Redondo.

aquellas tristissimas scenas. Quanto mais vigilante e severa a repressão do trafico, mais desgraçados os miseros africanos.

As leis que fixavam as arqueações dos navios destinados ao transporte de escravos, antes da prohibição eram desobedecidas pela cobiça; cobiça e necessidade na resistencia á perseguição apertavam ainda mais os pobres negros afflictos, — carregamentos cada vez maiores, em navios cada vez menores.

A asphyxia, a paralysis, a hypocondria, o suicidio matavam tanto, nessas viagens d'África á America, como as epidemias, e a má qualidade e insufficiencia das rações de mantimentos e agua. Tremendas eram as devastações do escorbuto, da ophtalmia, da boubá, da dysenteria, da variola, a que vinha juntar-se o alijar precipitado de parte da carga para dar de velas mais ligeiro, na fuga ao apresamento dos inglezes, na evasão ás vigilancias brasileiras — apesar dos bordejos cautelosos, dos signaes dos socios em terra, das barcas de aviso que fingem botes de pescaria, das fumaças diurnas e fogueiras nocturnas nas costas e praias. E quantos africanos vinham ainda morrer nas precipitações dos desembarques em panico? E quantos chegavam aos depositos apenas para expirar?

Essas travessias eram antes viagens pelo Averno ou pelo Lethes.

Tanto fazia a calma como os temporaes. Quando o mar espelhava as velas dependuradas e inertes, e do brigue parado olhavam o horizonte longinquo os gajeiros inquietos, subia dos porões o gemido dos captivos, o estertor dos agonizantes, o tilintar das correntes. As horas de calma asphyxiante augmentavam a desolação das grandes esperas sem fim, quando não vinham os captivos dançar na coberta ao rhythm das

chicotadas. E quando os brandaes se retezavam e a ventania uivava pelos cordames, oscillando os mastaréos; e o brigue rangia e estalava ao impeto das rajadas; e a marinagem com esforço baixava pannos e sustinha adriças — o bramido da tempestade mal deixava ouvir, como um surdo ronco distante, o escarcéo da escravaria horrorizada — carga de homens nús, rolando e gritando ao embate das ondas, dentro dos porões molhados, quentes e putridos.

Quantas vezes parecia que a embarcação se ia desarvorar a um choque mais forte da vaga raivosa? Quantas outras a onda se erguia tão alta á prôa que o palhabote ia-lhe de arrôjo feito como para um mergulho enfiante do esporão na montanha liquida? Quantas o mar, pegando o barco de travez, guinava-o de bordo a bordo, descendo, descendo os mastros como a beijar as espumas, e a submersão figurava-se a todos como catastrophe inevitavel? Era então que as cadêas mais se apertavam; fechavam-se as escotilhas; travavam-se os portalós, para que o medo e a presença da morte não inspirasse o desespero das rebelliões. E quando a lufada cessava, a faina maior era a de lançar ao mar, outra vez bonançoso, a safra dos cadaveres que restavam da agitação da borrasca.

Martins e Wanderley, auxilliados pelos cruzeiros da estação naval, encontravam na repressão, trabalhos de Hercules.

Euzebio os advertia e estimulava com frequencia: "o trafico pôde augmentar muito as nossas actuaes complicações; cumpre reprimil-o com efficiencia. Os regulamentos para os julgamentos na primeira instancia vão por este vapor" (carta a Wanderley, 17 de outubro, 1850); "é necessario estar prevenido com os

traficantes; quanto mais constrictos, mais suspeitas devem inspirar. Os daqui, a acredital-os, ha muito que não traficação, entretanto os navios apprehendidos vão demonstrando a hypocrisia de alguns que nunca me enganarão, mas que enganarão a outros. Alerta com elles" (carta a Wanderley, 4 de fevereiro de 1851).

Costas e portos da Bahia estavam vigiados e defendidos, enquanto no Rio de Janeiro os Pinto da Fonseca tentavam seus desembarques. Tinha talvez razão Tosta em julgar os negreiros da sua provincia mais docéis ou menos ricos (1). Mas lá um dia se aventuravam.

Bordejavam os navios do cruzeiro nacional, iam e vinham os navios inglezes, mas a ousadia do interessé sempre tentava romper o cerco. O chefe de policia precisava dormir sobre as armas (2).

(1) Muritiba que entrara para o ministerio, em carta de 1.º de março de 1851 tambem informava: "Já V. Ex. deve ter noticia das apprehensões de... (?) e que correrá para a França o M. Pinto da Fonseca para não ficar na galola como era provavel sobre a tentativa que o demo levou para os profundos abysmos de mar, deixando-nos 450 cafres aos quaes a bexiga e a ophtalmia vão devorando. Dizem que tambem faz viagem o celebre administrador do theatro S. Pedro (José Bernardino de Sá), e alguns outros senhores que teem passado para a Europa fundos consideraveis. Deus os leve a salvamento apesar de tudo. Parece que os negreiros dessa não foram tão incommodos, porque foram mais docéis ou são menos ricos". A "Tentativa" a que se refere a carta era um navio de M. Pinto da Fonseca que encalhou na costa de Quissaman, ao norte de Macahé, sendo apresada a sua carga de escravos.

"O pelor é o mal que V. Ex. optimamente (?) indica. Já teria mandado o vapor se estivesse algum disponível: espero o Thetis para fazer seguir o Urania. Talvez fosse bom comprar e armar barcos de Valença, e baleeiras, e espalhar-as pelos diversos e conhecidos lugares e depositos" (carta de 2 de dezembro de 1850).

(2) Em officio de 17 de fevereiro de 1851 Wanderley communicava o apresamento do brigue "Thercza" que era evidente se empregava no trafico, posto que não trouxesse escravos, pois, antes de embarcal-os na Africa fugira á perseguição ingleza. Atravessara o Atlantico; arribara em Garcia Davilla, onde deixara marinheiros doentes, e não podendo entrar na Bahia fora aproar a Ilheos onde o abandonaram commandante e tripulação. O brigue, assim como o commandante e marinheiros, que haviam sido presos, tinham chegado á Bahia.

Em setembro de 1851, em Ilhéos, na ponta do Memoran, realiza-se um desembarque. Preside á diligencia contra os traficantes o juiz de direito local. São capturados 112 negros, alguns dos quaes fogem com tres cúmplices dos contrabandistas, para o interior. Outros haviam escapado em canôas e saveiros para o norte, para Barra do Rio de Contas, com o commandante e tripulação, enquanto, abertas as escotilhas pelos traficantes, o navio negreiro lentamente submergia (1).

Menos de um mez depois, outro desembarque.

Na noite de 29 de outubro de 1851, entre 9 e 10 horas, recebia Wanderley o aviso do encalhe de uma escuna suspeita de traficar. O commandante do hiate "Itapagipe", 1.º tenente Manoel Evaristo de Souza França, que deixara seus escaléres em perseguição á escuna, chegara ao porto com a noticia.

(1) Sobre esse desembarque e diligencias de apprehensão vêr no Archivo Nacional a correspondencia entre autoridades da Bahia e o ministro da justiça. — Ao avistarem a força que o juiz de Ilhéos commandava, fugiram em terra, tres homens brancos. Commandante e tripulação do negreiro evadiram-se pelo mar, e o navio foi por elles afundado. Chegados a Ilhéos os negros, appareceram inglezes, contra cuja intromissão na diligencia se insurgio o juiz com soberanceria, assim como o povo, que já se reunia atraz do collegio dos jesuitas para reagir caso os inglezes se tornassem arrogantes. Limitaram-se, porem, estes, a inspecção de longe os negros. — Wanderley officia ao delegado de Ilhéos mandando prender Francisco Balduino Ferreira, administrador da armação de baleias e João da Costa Junior suspeitos de principaes responsaveis pelo desembarque. Officia ao delegado da Barra do Rio de Contas para que fizesse a captura dos extraviados. — Os escravos estavam magros e nús, tendo sido preciso comprar-lhes calções. Em caminho morre um. Em Ilhéos o juiz é assediado por cidadãos que pedem um, dois, tres, negros; uns porque eram lavradores, outros por terem ajudado a captura. Esses pretendentes a escravos, descoroçoados, passavam a não auxiliar e até a dificultar o proseguimento das diligencias. As autoridades — delegados e juizes — sentiam-se coagidos pela opinião publica que em geral era favoravel ao trafico. Havia suspeitas de que parte dos escravos tivesse ido para o engenho de Fortunato Pereira Gallo, no Almada. Era inutil diligencia para allí captural-os. O sitio era longinquo e haveria denuncias. — Parte do carregamento desse navio pertencia a José Joaquim de Mattos que foi condemnado por Wanderley pelo crime de importação de escravos, em sentença datada de 6 de abril de 1852, a tres annos de prisão e multa correspondente á terça parte do tempo.

A meia noite partiu o chefe de policia, no vapor "Catharina", com o 1.º tenente da armada Ignacio Accioly de Vasconcellos, marinheiros e mais o alferes Braz Hermenegildo do Amaral com 40 praças de policia.

O vento sul soprava rijo, difficultando a sahida pela barra e a ancoragem junto á fazenda "Pontinha", onde encalhara o negreiro. Só pela manhã pôde saltar a pequena expedição na barra do Garcez.

Wanderley officia, dá ordens aos delegados e subdelegados visinhos, e começa a diligencia.

"Da Barra do Garcez á Pontinha, — narra elle — distam legoa e meia; durante o transito um quadro pungente e horrivel se offerecia aos olhos: muitos cadaveres de infelizes africanos jaziam nús e feridos ao longo da praia porque, na precipitação do desembarque, erão atirados ás ondas; e mal podendo sustentar-se pelos soffrimentos da viagem, forão victimas dellas! As proprias mães forão constringidas a força de golpes de azorrague a largar os filhos pequeninos e a vel-os perecer no mar, lançados por seus barbaros verdugos! Custaria a crer-se tamanha perversidade si ahí não estivessem algumas destas desgraçadas!... Mais de 40 cadaveres forão encontrados nas praias proximas ao desembarque, alguns nos mattos por onde se evadirão os africanos que puderão ser salvos; de sorte que calculo em não menos de 60 aquelles que pagaram com a vida a cobiça de seus verdugos. A' proporção que se augmenta a repressão crescem os horrores do trafico, desapparecendo os cuidados que dantes tomavão os traficantes pela commodidade e pela saúde dos passageiros; acontece como agora que centenaes delles vierão accumulados em uma pequena embarcação, faltos de mantimento e aguada, e dei-

tados sobre os toneis, sem que se armasse um bailéu ou segunda coberta, como era costume. Só penas mais severas poderão contestar tantas barbaridades”.

Corajosamente já 14 homens da tripulação do “Itapagipe”, que em dous escaléres haviam accossado a embarcação negreira, tinham-n’a apprehendido e a 45 africanos (1). Uma passiva resistencia de silencio, por conveniencia ou receio, acumpliciava os moradores do local com os traficantes. Wanderley não obtinha a menor informação sobre o destino dos negros desembarcados. Dividiu então a força por estradas differentes com ordem de varejar os mattos, e pernoitar no engenho de Hygino Pires Gomes, proprietario da fazenda onde encalhara a escuna. Amiudou ordens para S. Amaro do Catú e Jaguaripe; requisitou guardas nacionaes e partiu com o tenente Accioly para Jequiçá, onde desconfiava estivessem os africanos contrabandeados. Ahi fez seu posto de commando: “posição a mais favoravel para interceptar a fuga dos africanos e mais central para entender-me com as autoridades policiaes por cujos districtos unicamente poderão transitar os ditos africanos”. Só, sem uma ordenança, determina, officia, distribúe “positivos”, organisando o cerco pela costa, para Valença, para Nazareth, Lage, Areia, Jequié.

(1) Os traficantes da Bahia estimavam para seus desembarques as costas que ficam por traz de Itaparica. Entravam pela Barra Falsa. Em 1834 na presidencia de Pinheiro Vasconcellos apparecera fora da barra uma embarcação que dava indicios de trazer escravos. A's 10 horas da noite do dia 12 de maio fez-se de vella na barca n.º 2 o capitão tenente Jorge Brown em companhia do segundo-tenente Antonio Dias dos Santos Bellico, do primeiro tenente Marc-Ewing e do guarda-marinha Sequeira, com uma lancha e 17 praças. Em frente á Barra-Falsa pela madrugada de 13 avistaram um brigue barca que lçou a bandeira portuguesa. Depois de dez tiros de peça e alguns de mosquetaria o negreiro atravessou e Brown foi a seu bordo conduzindo-o para o porto do Morro de S. Paulo. Trazia o negreiro 230 escravos parecendo que ja largara em terra parte do seu carregamento. Tal era o estado do brigue que não poude viajar até á Bahia.

Ainda em Jequiçá hostilisa-o o silencio. Não alcança qualquer noticia, posto que a tripulação do negreiro alli tivesse estado. Nisto apparece Hygino.

Tinha Hygino Pires Gomes a audacia da opulencia e de uma firmada tradição de bravura e coragem — rico, poderoso, com altas relações, politico, um dos chefes da Sabinada em 1837 — com a legenda do combate dos Humildes, antigo collega de Wanderley na assembléa provincial. Seu neto — o autor da “Correspondencia Notas e Colloquios de Erasmo” — descrevendo-lhe o fausto, lembrava o prestigio “temeroso de galharda impavidez e generosa bravura” que lhe ficara da lucta revolucionaria. Nada intimida mais, entretanto, que enfrentar sem razão a quem a têm e cumpre deveres. Os indicios eram já certeza da cumplicidade do rico senhor de engenho. Wanderley fallar-lhe-ia de alto a baixo.

Hygino, a principio, não reage, — queixa-se: haviam varejado a sua propriedade, seus escravos estavam foragidos; receiosos da força publica. Nada se pretendia de seus escravos — responde-lhe Wanderley: fizesse-os recolher ao engenho se os não quizesse apprehendidos como, ou de envolta, com os africanos boçaes. As suspeitas de sua cumplicidade na occultação dos pretos novos augmentavam em certeza. Hygino então protesta; defende-se da accusação.

A 1.º de novembro uma das columnas encontra uma parte do contrabando a duas leguas do Rancho Velho, na estrada do sertão, buscando o littoral. Iam os pobres africanos desembarcados sob a escolta de mais de 30 homens armados, entre elles um sobrinho de Hygino, que offerecem resistencia ás intimações recebidas. Trocam-se tiros. Cahem mortos dous ne-

gros, é ferido um guarda nacional. Ao fim do conflicto são apprehendidos duzentos africanos boçaes, escravos, armas e animaes de Hygino (1).

Gonçalves Martins, da capital, providenciava. Manda mais soldados. Wanderley regressa de Jequiriçá, ao littoral. Encontram-se dispersos pelos matos mais 18 africanos; outros são entregues por camponezes, cujas casas haviam buscado. Aquelles que "podiam andar" são enviados á Estiva e de lá á capital.

Augmentava a força armada: soldados, guardas, e gente trazida pelos delegados. Cercam-se as mattas para onde havia sido conduzido o remanescente do contrabando.

Wanderley descreve as asperezas e os embaraços dessa ultima phase das diligencias: "a extensão das mattas, a chuva que não descontinua, a falta de pessoas praticas da localidade, difficultavam grandemente os esforços que com maior empenho se empregavam. Alguns vestigios forão achados que apesar dos soffrimentos da força, levarão os subdelegados de Valença e Jequiriçá a insistir em suas pesquisas. Derão-se buscas em varias fazendas e no centro da matta que estava em cerco; descobrirão-se ranchos que indicavão terem sido feitos ha pouco, porção de farinha e carne, e quatro cangalhas, o que mostrava a precipitação com que tinhão fugido as pessoas que alli se abrigavão. As noticias que chegavão-me de diversos pontos conduzirão-me a pensar que os africanos havião sido divididos em pequenos grupos, e procurado differentes direcções, para que algum escapasse ás nossas

(1) O termo de apprehensão dos 200 negros, que eram escoltados por gente de Hygino, foi lavrado sob a presidencia de Wanderley na fazenda S. Antonio das Flôres, districto de Prazeres, municipio de Jaguaripe a 2 de nov.º de 1851. E' o que informa outra narrativa. Acompanhamos a do officio de Wanderley.

diligencias. Constava que parte delles se evadira pela estrada de Arêa que vae ter a Maracás e Chapada (1) que outra retrocedera para a barra do Garcez, onde em canôas ou barcos poderia ganhar os termos de Maragogipe e Cachoeira, e que outra procuraria o sul e atravessaria o rio de Valença para o lado de Jequié. Despachei positivos aos delegados de Cachoeira e Maragogipe para que capturassem os africanos no caso de buscarem os seus districtos, e ao delegado e commandante do destacamento da Villa de S. Izabel do Paraguassú para apprehenderem os que lá fossem ter. Mandeí o 1.º tenente Accioly no vapor *Catharina* cruzar em lugar apropriado a interceptar a communição com todos os rios onde podião escapar-se os africanos; o que elle desempenhou satisfactoriamente, saltando até em terra, e batendo até os mattos com uma força de trinta praças, sem que colhesse favoravel resultado, talvez porque chegasse um pouco tarde e não houvesse a necessaria vigilancia da barca da alfandega, que está ancorada naquellas paragens”.

(1) Em todas as medidas legais os infractores buscam as malhas mais fracas para romper a rede das punições. Os traficantes procuravam escapar á lei Euzébio, conduzindo os africanos mal desembarcados para o interior. “Apenas desembarcados os africanos são para logo por caminhos impervios e por atalhos desconhecidos levados ao interior do paiz”. O governo nada podia fazer nestes casos dentro da lei de 4 de setembro de 1850, cuja acção era restricta ao littoral. Só mais tarde esse inconveniente veio a ser remediado pela lei de 5 de junho de 1854 a qual limitava a acção do jury em relação ao trafico, ampliava a competencia dos auditores de marinha, mesmo quando a perseguição dos delinquentes e escravos desembarcados fosse posterior ao acto do desembarque, e ainda alcançava como cúmplices maior numero de interessados no contrabando. O arbitrio das autoridades ficava accrescido, podendo ellas varejar engenhos e fazendas para a apprehensão de negros desembarcados em lugares distantes e em epochas afastadas. Os armadores, por sua vez, perdiam a segurança da impunidade quando desviavam suas embarcações para o commercio prohibido.

Vide discursos de Viriato e Pereira da Silva na sessão da camara de 15 de maio de 1854 em que se allude a uma possível recrudescencia do trafico, estando então a Inglaterra em guerra, e sendo por isso muito menos severos os seus cruzeiros.

Voltando a Jequiçá verificára Wanderley “ser quasi absolutamente impraticavel devassarem-se aquellas mattas no estado em que estavam. Tem aquellas que cercamos, sómente por alguns pontos, mais de 12 legoas em quadro, sem caminhos ou trilhos que as cortem; as chuvas têm inundado os campos, de sorte que os soldados andavão todos os dias descalços, molhados, dormindo sobre o chão humido das estradas, não tendo em todo esse tempo uma palhoça em que achassem abrigo. Mas persistindo, a despeito de tantos obstaculos, nas diligencias, pude conseguir que depois de 6 dias uma força de policia, dirigida pelo alferes Amaral e o 1.º tenente Accioly, apprehendesse 32 africanos, já fóra do cerco e na distancia de quasi duas legoas. Esta circumstancia confirmou-me na idéa de que o restante dos africanos tinha sido dividido em grupos e que a força era insufficiente para vigiar e varejar as mattas. Talvez que com mais prolongada demora se conseguisse mais algum resultado; porém os soffrimentos da força erão indiziveis, e têm tocado ao extremo; muitos soldados adoecião; uns ha 6 outros a 14 dias não cessavão de trabalhar expostos á chuva e ao sol; a mesma gente da terra, habituada áquellas fadigas, não estava em melhor estado; os rios crescião e inundavão por tal forma os campos, que mal pude passar a cavallo em logares por onde ha dous dias transitara a pé enxuto. Levamos 5 horas a vencer o espaço de uma legoa! Fui por isso forçado a abandonar á cubiça de seus oppressores esse resto de infelizes, muitos dos quaes terão perecido dentro dos mattos, a regular-se pelos que ultimamente apprehendi; que já extenuados não têm mais com que se sustentarem um só dia! Ao delegado de Valença enviei os homens que trouxera para coadjuvar-me, e determinei que proseguisse na diligencia pelo

lado de Jequié por onde constava terem atravessado alguns africanos. A actividade e energia de que esse delegado deu provas afiançam-me de que não será por falta de esforços seus, que nada tem até agora conseguido. Embarquei no porto da Estiva com a força que me acompanhava e 59 africanos, tendo a 3 remettido 204: a 13 cheguei a esta cidade depois de 15 dias de ausencia. O resultado final da diligencia foi o seguinte: 49 africanos, dos quaes morrerão 4 poucas horas depois, apprehendidos em acto de desembarque pela tripulação do hiate Itapagipe; 228 no districto dos Prazeres; 2 pelo delegado de Jaguaripe; 1 nos campos da Estiva e 1 entregue pelo capataz de Caixapregos. Total 312 com mais de 60 que morrerão afogados na occasião do desembarque e cento e tantos durante a viagem, segundo declaração os apprehendidos, vem a ser a perda dos carregadores em cerca de 500. E' mais que provavel que o restante escapo ás diligencias da policia tenha sido presa do roubo e de infallivel extravio. Assim, pois, a especulação só trará prejuizos áquelles que a empreehenderão; e Deus queira que isto os desanime e aos que os pretendem imitar. A escuna em que forão transportados sahio deste porto com bandeira sarda e é propriedade do italiano Salvi; o seu commandante era o hespanhol D. Benitez Derisan e o piloto o hespanhol Melchior Garcia, os quaes, assim como os marinheiros, não forão ainda capturados. Trato de instaurar os competentes processos tendo feito recolher á fortaleza de S. Pedro, Hygino Pires Gomes contra o qual apparecerão as provas que ficão expostas" (1).

(1) Officio de Wanderley a Gonçalves Martins de 18 de novembro de 1851 publicado no jornal "Correio da Tarde" de 5 de janeiro de 1852.

Da azafama e precipitação dessa diligencia, ha um vivo flagrante neste bilhete de Gonçalves Martins: "Amº. Snr. Wanderley — Volta o vapor com 20 praças de policia e 6 soldados de cavallaria; isto quer dizer que não deve voltar sem incendiar tudo e prender todos, custe o que custar. Vae alguma cousa para comer que pude apenas arranjar em uma hora neste Arsenal, para onde vim á noite; e mandei buscar 400\$000 em miúdos para lhe mandar; irá o que vier. Fiz sahir a lancha por mar como pedio e vae com um official do (?), segundo creio. Toda a diligencia para salvar a embarcação e mais prender os escravos e os cúmplices, seja quem fôr. Não (?) maior desafôro nem maior barbaridade. Tambem vão rações pelo vapor e pela lancha. Tenha paciencia, mais dois dias e muita destruição nos africanos. — Amº. e Coll. — G. Martins".

Preso Hygino, Wanderley o pronuncia: é, entretanto, despronunciado pela Relação (1). Euzebio pede copia do processo e determina serem ouvidos os desembargadores Junqueira e Candido Japi-Assú sobre o motivo em que se fundaram para reformar o despacho da pronuncia. Japi-Assú publica a sua resposta na qual se excusa de explicações, dada a independencia do poder judiciario. Submettido o caso ao conse-

(1) A Relação reagia em seus julgados contra a lei Euzebio. Já em 21 de outubro de 1850 Tosta (Muritiba) escrevia a Wanderley: "E viva a decisão sobre o "Maria Até Vê... Não vê o meu amigo como se vae já manifestando certa reacção contra a nossa lei sobre o trafico? Assim é nosso paiz com nossos eximios liberaes!" "Maria Até Vê" era um navio accusado de se empregar no trafico. Seus donos haviam sido despronunciados pela Relação, por falta de indícios. Posteriormente Gonçalves Martins o adquiriu, com mais outro navio, para os serviços do cruzeiro, e foi por isso accusado e censurado. Lêr os discursos de Angelo Ramos e Taques, na camara em 10 e 11 de Junho de 1851.

lho de estado opina este pela suspensão dos dois desembargadores, devendo ser responsabilizados perante o tribunal competente (21 de agosto de 1852).

A repressão era uma teia de complicações. Alcançando a gente de posses, com allianças politicas, havia de ser motivo de ataques e aggressões e accusações que governantes e opposicionistas se trocavam reciprocamente. Nas folhas da opposição da Bahia a prisão e o processo de Hygino eram apontados como uma perseguição politica, tal como no Rio de Janeiro o processo contra Joaquim Breves em razão de um desembarque na Marambaia. Por seu lado os jornaes do governo reconvinham ao libello de não haver diligencia na repressão, citando as apprehensões da Pontinha e da Marambaia como indices da cumplicidade da opposição com o trafico.

A politica, que então estava em muito na magistratura e fazia das Relações nucleos de partidarismo, era a inspiradora de arestos como o do tribunal de Pernambuco, no caso Serinhaem, e do da Bahia, nesse processo do desembarque da Pontinha.

Contra politica: — politica. O governo exercia coacção sobre os juizes por meio de aposentadoria e remoções (Pernambuco) e providencias punidoras com que ameaçava os desembargadores (Bahia) (1).

(1) A respeito da aposentadoria dos desembargadores de Pernambuco, quando Nabuco era ministro, teve Wanderley oportunidade de, no senado, apartear Pimenta Bueno que censurava aquelle acto do gabinete "conciliação", que acabava de se retirar do governo. Dizia Pimenta Bueno (sessão de 13 de junho 1857): "é preciso que o povo brasileiro tenha fé na constituição, que a reconheça por uma verdade, que não dependa da vontade do ministerio", quando Wanderley apartea: "é preciso tambem que o povo brasileiro tenha fé na justiça". E quando Pimenta Bueno exclamava: "o governo deve ser o primeiro a dar o exemplo de respeito á lei fundamental do estado", Wanderley interrompe "e os magistrados tambem".

O fumo de parcialidade que obscurecia o ambiente nem sempre permittia a serena claridade das sentenças. Muitos juizes ou serviam ou combatiam os governos. E os governos investiam fortes contra os magistrados quando estes os contrariavam. Passada a éra das revoluções, desmoralizada a politica das armas, o demagogismo e a democracia extremista recolhiam-se a seus ultimos reductos — á imprensa aggressiva e aos tribunaes facciosos. A Relação da Bahia hostilisava, ora em maioria, ora em minoria, as administrações provinciaes; mas hostilisava sempre. Era como uma camara revisora dos actos da presidencia. A sua benevolencia com os moedeiros falsos e traficantes, correndo o risco de infamar a memoria dos que absolviam criminosos e censuravam autoridades, era em grande parte paixão partidaria que o governo buscava abafar.

Nas questões do trafico os actos de energia governamental que castigavam ou intimidavam juizes constituíam testemunhos da sinceridade da representação dados aos inglezes, de que se receiavam sempre humilhações. As providencias ministeriaes, attingindo em cheio a independencia do poder judicial, simultaneamente prestigiavam a lei, incutiam severidade aos magistrados e davam satisfações á Inglaterra (1).

(1) A Inglaterra reprímia o trafico com grande violencia; desrespeitava a nossa soberania; humilhava-nos. Mas collaborava no trafico, exportando para o Brasil mercadorias que só serviam ao commercio negroiro e que, compradas pelos traficantes, eram conduzidas á Africa para seus resgates. O deputado Miranda, fallando na sessão de 10 de julho de 1850, dizia "vejamos se Lord Palmerston dá todas as providencias ao seu alcance para que nas fabricas inglezas não se fabriquem mercadorias com as denominações que mencionel (emenda de Rezende prohibindo a importação de "generos estrangeiros que costumam ser empregados no commercio da costa d'Africa") e expressamente para a costa d'Africa. E' realmente inqualificavel o acto daquelle que fornece aos inconsiderados ou mal intencionados os meios de ajudar o commettimento de um crime, para de-

Na camara (25 de junho de 1851) Wanderley occupou a tribuna para defender a administração da Bahia das accusações de Barbosa de Almeida e Souto, que diziam ser alli feito o contrabando negreiro com grande escandalo, vendendo-se africanos em publico e havendo até hospitaes para pretos novos. Segundo esses deputados semelhante estado de cousas trouxera em resultado as exigencias inglezas que em Novembro de 1850 haviam posto em collisão ou coacção o presidente Gonçalves Martins.

“Senhores, para que o illustre deputado e os outros senhores fallão nessas materias? Porque não havemos de abrir uma nova era? Porque não datamos esta era de 4 de setembro de 1850? Não fallemos mais de antecedentes, porque nem vós estães muito habilitados para isso, nem tendes razão para imputar a outros aquillo que em vosso tempo se fazia sem que lhe desseis remediõ (apoiados). (*O Snr. Souza Franco* — Então quer amnistia para um lado?) — Não — quero amnistia para os senhores e para todos. (*Os snrs. deputados da opposição*) — Nós não precisamos). — Bem; então retiro a expressão, não terão amnistia (risadas). Mas o certo é que dos mappas apresentados pelos inglezes, que sabem muito destas cousas, porque tem muito quem tenha cuidado de lhes contar o verdadeiro e o falso, vê-se que nos ultimos anos tem sido menor a importação de africanos, e creio não são sus-

pois ter o prazer de o perseguir e punir”. Em aparte, brada Wanderley, “ella (a Inglaterra) faz a guerra para vender o opio, quanto mais o contrabando”. Sobre a acção dos inglezes na questão do trafico, insinceridade da sua philantropia, razões economico-politicas da sua campanha contra o trafico, lêr Tito Franco de Almeida — “O Brasil e a Inglaterra ou o Trafico de Africanos”, Rio, 1868. E’ tambem instructivo o opusculo: “Epistola aos Inglezes Residentes no Imperio do Brasil” por George Pilkington, Rio, 1841. Em 1841 segundo este opusculo, calculavam-se em mil os escravos comprados annualmente por inglezes nas cidades e villas do Brasil. As companhias inglezas possuíam 2.500.

peitos esses senhores, porque elles enxergam sempre o peor; logo não houve na Bahia essa introdução escandalosa a que o illustre deputado se referiu...

“Ha um anachronismo no argumento do illustre deputado quando disse que o escandalo do contrabando foi causa das exigencias inglezas em novembro. Não estão ahi, senhores, os documentos officiaes que provam que as exigencias dos inglezes provinham de dizerem que duas embarcações e cinco portuguezes, que se achavam na Bahia pretendiam empregar-se ou se haviam empregado no contrabando dos africanos? E como procedeu a opposição nessa conjunctura?

“E’ curioso: certos opposicionistas, — não digo todos, porque faço justiça á opposição, em seu seio conta homens muito moderados, homens dignos; mas debaixo da capa de opposição escondem-se todos os descontentes do governo todos os matizes de opinião, e por isso mesmo dão-se factos menos dignos de approvação... Ao passo que o presidente da provincia defendia a honra da bandeira nacional e a dignidade do paiz, dizendo que não podia apprehender embarcações, umas porque tinham sido absolvidas pelos tribunaes, outras porque nunca se tinham empregado no trafico, ao passo que o presidente assim procedia, e que devia por isso merecer elogios, como se exprimia a opposição? Exclamava em seus orgãos na imprensa: — “não vos importeis, inglezes, com essa bandeira, que não é a do Brasil, é a dos traficantes; não receeis de offender a honra e a dignidade nacionaes, porque essa honra é a dos negreiros; o povo da Bahia não toma parte nas questões do presidente, e quando se levantar ha de ser contra esses portuguezes que são o apoio do governo (outra historieta), que são traficantes de pretos novos!”

“Quando, cessando essas diferenças, o presidente da provincia, em satisfação a um dever de civilidade, se dirigiu a algumas das embarcações inglezas para visitar seus commandantes, que por vezes o tinham ido cumprimentar em companhia de seu consul, a opposição mudou de tactica; bradava, “a dignidade nacional está offendida. O presidente foi-se rojar aos pés dos inglezes é uma vergonha, cubramos as faces!...”

“Assim, parece-me que o programma da opposição se reduz a espreitar a opinião do governo e seus agentes (apoiados) para se collocar na linha opposita, seja ella qual fôr (muitos apoiados). Por essa forma não se pode habilitar uma opposição para governar o paiz, sob pena de renegar todos os principios que emittiu em opposição; é preciso que as idéas sejam sempre governamentaes, que se não espossem essas paixões extremas, quasi sempre filhas do despeito ou mesquinhos interesses (apoiados).

“Apresente-se, depois da lei de 4 de setembro, um só caso de introducção de africanos na provincia da Bahia; o illustre deputado não é capaz de affirmar (*O Sr. Barbosa de Almeida* — Não posso; os periodicos é que o dizem). Os periodicos? Os periodicos dizem muita cousa. Ha muitos estadistas de polpa que acreditam que a quédia do ministerio actual só pode vir do estrangeiro, e por isso buscam fazer crer que o nosso governo está de má fé; que o contrabando continúa em larga escala e que o governo obra, não por exprimir a vontade nacional, sim impellido pela força; e por isso inventam os periodicos aquillo que nunca existiu. Escrevem: “hoje entrou em *certo ponto* (sem declarar o lugar) uma embarcação carregada de escravos”; dobra-se o periodico e põe-se por fóra: “Illmº. e Exmº. Snr. Ministro Inglez”. Quando não possam conseguir a demissão do ministerio, querem ao menos ver se con-

seguem a do presidente da Bahia. Accrescentam pois: "em tal ponto em que mora um amigo e compadre do presidente!"

"Havia de ser muito honroso para a opposição que os agentes inglezês exigissem a demissão de um presidente!... (O *Sr. Barbosa de Almeida* — Isto nunca se disse; não lhe esqueça o sr. João da Costa Junior). Para que cita nomes, para que compromette injustamente o pobre homem, pondo-o debaixo do cutello inglez? Eu poderia tambem citar nomes e descer a mais miudezas, porém preciso guardar as conveniencias (apoiados)...

"Digo que, quanto á accusação ou insinuação de que o presidente da Bahia tinha interesse em qualquer negociação de contrabando de africanos, e que por isso protegesse alguém, é falso e falsissimo (apoiados); é incapaz disso, incapaz, absolutamente incapaz (apoiados — O *Sr. Maciel Monteiro* — E' uma injuria atroz — O *Sr. Aprigio* — Pouco presa a honra propria quem assim ataca a alheia). Que um miseravel folliculario, sob a capa de anonymo, ou alguém cujo nome já viva coberto de infamia, se atreva a injuriar um homem publico, um presidente de provincia que tem dado tantas provas de sua honestidade, — passe; o desprezo será a melhor resposta. Mas que o illustre deputado, collocado tão alto, venha ser eco dessas insinuações — é de pasmar. Não lh'o posso perdoar; peço-lhe que se arrependa, que não contribua para este systema de descredito geral com que se procura nodoar os nossos homens politicos. Digamos antes, como é verdade, em honra de nosso paiz, que ha mais homens publicos honestos do que dizem esses miseraveis (apoiados). O que se segue deste systema de diffamação universal é que os estrangeiros nos desprezarão, quer este-

jam uns no poder, quer estejam outros. Elles dirão com razão: — “sois um povo corrompido, não mereceis nenhuma attenção; ahí estão os vossos governantes que são a vossa imagem...”

A missão repressora não parava em apprehender. Daquella diligencia levada a termo por Wanderley, ficava, por exemplo, ao governo a tarefa de alimentar, curar, dar destino a mais de 200 africanos boçaes, nús, miseraveis, extenuados, doentes. Depois da apprehensão abria-se o capitulo dos africanos livres o problema difficil da collocação de tantos homens (1), aos quaes a lei reconhecia liberdade, mas as contingencias, as circumstancias, os costumes, deviam igualar aos escravizados.

Não era possivel manter em deposito ocioso os escapos da inanição e das molestias. Uns iam para as obras publicas alimentados com desfarces de salarios, de facto obrigados a trabalhar como servos. Outros eram emprestados, cedidos para serviços domesticos ou agricolas — como desafogo para o estado que se

(1) Por certo que eram uma reduzida minoria, mas africanos livres eram restituídos á Costa d'África. No Jornal do Commercio de 23 de junho de 1834, ha noticia da reexportação de varios negros. Wanderley tentou servir-se dos negros que voltavam á Africa com habitos de alimentação modificados, para estabelecer para a Africa um commercio de productos nacionaes. Em 15 de dezembro de 1850 Euzebio escrevia a Wanderley; “emquanto ao consumo de nossas mercadorias pelos africanos transportados, pouco espero delles, maxime porque era necessario uma longa navegação, na qual não podemos ainda concorrer com inglezes e americanos que com pouco esforço substituem por productos seus os que daqui nós poderiamos enviar. Em todo caso sua tentativa é util”. Sobre africanos livres, seu deposito na casa de correção da corte, molestias e mortalidade, distribuição pelos serviços publicos ou a emprezas particulares, condições desta distribuição (recebimento das mulheres e creanças para evitar-se a separação das familias e pagamento das despesas feitas pelo governo desde a apprehensão até a real entrega) — vêr os importantissimos discursos de Euzebio nas sessões da camara de 1.º e 18 de agosto de 1851 e 16 de julho de 1852.

alliviava de despezas, trabalhos, responsabilidades. Destes *livres* muitos, ou quasi todos, em mistura com os captivos, escravisavam-se pelo tempo, para mais tarde se tornarem arma valiosa nos combates do abolicionismo.

Os philantropos e anti-esclavagistas inglezes não agiam de modo diverso. Os africanos apprehendidos em seus cruzeiros não eram restituídos ás malocas nataes, mas transportados ás Antilhas Britannicas e alli entregues aos colonos com o titulo de “aprendizes”, de facto escravos, por sete annos que se prorogavam.

Aquella diligencia; aquelles quinze dias de Jaguaripe e Jequiriçá, em contacto com os mais asperos aspectos do contrabando, vendo e palpando os maximos horrores de sua deshumanidade, inspiravam a Wanderley indignações novas. Já não poderia considerar o trafico com a frieza de quem encara só o phenomeno economico-politico. Scenas que lhe ficariam debuchadas na memoria para toda a vida: — cadaveres rolando nas praias; mães a engrolarem em nagô a saudade horrorisada dos filhinhos afogados na precipitação do desembarque; aquella corrida de negros, quasi a morrer, por estradas e mattas, debaixo de rijas intemperies, nús e famintos, tangidos pelos contrabandistas como bestas e acossados pelas autoridades e força publica que os queriam libertar e que elles ignoravam o que delles pretendiam; os depositos de africanos livres substituindo os antigos armazens de escravos, tudo eram scenas que levavam Wanderley a odiar o trafico. Já não poderia fallar da importação de escravos com a tranquillidade do observador que pensa e julga, como ainda havia um anno na camara. Já agora tambem sentia. Nin-

guent lhe ouviria mais uma só palavra de excusa para aquelle barbaro commercio; não daria treguas aos que o praticassem.

Em 1853 (23 de agosto) vamos encontral-o na camara vigiando, difficultando, a concessão de cartas de naturalisação a alguns estrangeiros, entre os quaes, dizia uma denuncia que recebera, havia contrabandistas de escravos. Confessava-se disposto a declarar o nome dos que o fossem, caso se viesse a verificar a procedencia da denuncia, pois os traficantes naturalizados, o que intentavam era evitar a expulsão do paiz, submettendo-se de preferencia, como brasileiros naturalizados, aos tribunaes nacionaes, que por sua benignidade, os deixariam escapar (1).

O exercicio da chefatura de policia mostrava a Wanderley, justamente o periodo mais cruel do trafico:

O proprio regimen servil, em engenhos e fazendas, era então mais duro.

Na decada de 1840-1850 eram ainda excepções os senhores como o Visconde da Pedra Branca a quem se refere o francez Cordier que, ao visitar a Bahia em 1847, narrava a modo de commovido e admirado, ter aquelle titular deixado de fazer uma viagem á Europa

(1) Ferraz replicava que era melhor o processo que a expulsão, onde havia muita injustiça. Ferraz, embora animado de sentimentos liberaes, mas sem a viva impressão pessoal que Wanderley recebera da selvageria negreira, ainda tinha (23 de agosto, 1853) palavras de excusa para o trafico: "talvez bem poucos serão os negociantes das nossas provincias e desta côrte que não entrassem em taes negociações (trafico). E não somente os negociantes, são tambem os proprietarios e fazendeiros; e se isto é um motivo de estygma, então, senhores, é necessario que toda a população se purifique antes, para que se estabeleça essa discussão odiosa".

por amor de seus escravos (1). A crueza era a regra. Havia que amansar os negros boçaes, obrigados a trabalhos desconhecidos. O rêlho e o cipó não descansavam. A amçaça, o receio ou a punição de rebelliões pediam castigos brutaes. Era, ainda o tempo da *acqui-sição* de escravatura em massa. Ainda não se iniciara, ou mal, a phase da *creação* de escravos, quando todos eram ladinos, grande numero e depois a maioria nascidos nas senzalas (muitos de pelles mais claras que as mães) e a escravidão, de um modo geral, ganhou brandura, humanisou-se.

Na historia da escravidão no Brasil ha distinguir essas duas phases — a acquisitiva e a de criação. A primeira mais barbara, levando aos engenhos uma superpopulação de negros, dando aos senhores uma tendencia incoercivel de multiplicar o numero de escravos. A segunda mais suave e generosa: o senhor a cuidar e educar o seu servo para tirar d'elle, mais civilisadamente, maior rendimento. O Marquez de Paraná num discurso na camara (26 de maio de 1855) assignalava bem essa distincção: "não é sabido por todos nós que na epoca em que os fazendeiros acreditavam que teriam sempre

(1) Rev. do Inst. Hist. da Bahia, Vol. 57. O autor do opusculo — "Reflexões sobre a emancipação em relação á lavoura patria e sobre a mesma lavoura", Bahia, 1871, cita alguns exemplos de philantropia e abolicionismo em senhores de escravos na Bahia. "Depois da independencia tambem ha bastantes annos, antes de se fallar em emancipação, a viuva, senhora do engenho Cotegipe, D. Maria Magdalena de Queiroz, deixou libertos todos os escravos de seu engenho em numero de cem... Desde muitos anos, quando ainda ninguem se lembrava da idéa de emancipação, antes muito da nossa independencia, uma senhora parenta do fallecido antigo Barão de Sto. Amaro, José Egidio, se não nos enganamos, tambem da familia do fallecido Barão do Itapicuru, libertou os seu escravos em numero de mais de oitenta". Caso semelhante a estes, mas já de outra epoca, é o do legado deixado por uma senhora, tambem da Bahia, para a libertação de cento e cincoenta escravos que possuia, como gratidão por terem des-empenhado a casa e a defendido de mais de 200 negros numa rebelião de escravos vizinhos (Jornal do Commercio, 4 de março de 1855).

onde buscar os braços que lhe faltassem cuidavam pouco da reproducção dos escravos, porque achavam sempre onde, com menos custo, com menos embaraços e com menos cuidados e menos despezas poderem prover-se disso que precisavam para suas lavouras?... Desde a epoca em que foi patente que o commercio de escravos seria extinto, cuidou-se mais desse objecto, e já ha muitas fazendas em que ha muita creação, onde se trata melhor dos escravos, se zela mais a sua saúde, e se tem bons hospitaes... hoje cuida-se muito mais dos escravos" (1).

Na Bahia, antes da abolição do trafico, a idéa de crear, ao emvez de comprar escravos, era proposito de philantropos. Um destes era Domingos Alves Branco Moniz Barretto, que já em 1837, na sua "Memoria sobre a abolição do commercio da escravatura" propunha que todas as escravas que provassem ter seis filhos fossem libertadas; a escrava que provasse viver em mancebia com o senhor fosse alforriada com todos os seus filhos; todo preto liberto que provasse ter dez filhos tivesse direito a uma gratificação.

(1) Na sessão de 27 de julho de 1871, o deputado Benjamin distinguia 3 phases da escravidão no Brasil, como no Imperio Romano. A primeira do *jus vitæ et necis*, o escravo equiparado a um animal; a dos nossos tempos coloniaes, durante a qual o escravo soffria os maes barbaros castigos e soffrimentos. Na segunda epoca, com a cessação do trafico, melhora-se o tratamento, a condição do escravo, moderam-se os seus castigos e elle vive feliz na sua desgraça. Em 1871, quando assim discursava aquelle deputado, segundo a sua opinião, a escravidão no palz passava da segunda para a tereira phase. Em Roma esta ultima phase fóra representada pelos escravos illustrados, litteratos, poetas, oradores, que participavam da vida politica no *forum*, defendendo o seu senhor ou secretario deste, sendo a escrava confidente da senhora. Foi a epoca da grande dissolução de costumes do Imperio Romano. Para isso marchava a sociedade brasileira: "o escravo começa a illustrar o seu espirito. Em alguns estabelecimentos ruraes aprende a ler e escrever; estuda as bellas artes. Tambem o seu physico já não é asqueroso, nauseabundo". Em breve o escravo seria o secretario do senhor, a escrava confidente da senhora; e a benevolencia e a condescendencia degeneravam os costumes que se tornavam dissolutos.

Só mais tarde a chronica nos depararia com um Sancho de Bittencourt que libertava todas as mulheres, suas escravas, que produziam cinco crias, segundo informa o autor do opusculo "Reflexões sobre a emancipação em relação á lavoura patria e sobre a mesma lavoura" (Bahia, 1871).

Occorria entre nós o mesmo que nos Estados Unidos onde, segundo assignala Dubois, grande era a crueldade da escravidão ao tempo do trafico intenso, quando a tactica dos proprietarios de escravos era exigir destes um trabalho tão excessivo que os extenuava e adquirir novos. Foi quando escassearam as offertas de escravos importados que um novo estado de cousas se estabeleceu, amenisando a condição dos negros.

Ha, porém, que observar a tendencia á brandura no trato com os servos, sobretudo com os que serviam na cidade ou nas casas dos senhores em trabalhos domesticos, aquelles a quem o dono mandava sem o intermedio de feitor. Nos meados do seculo XIX certos escravos e escravas eram como membros da familia, a elles se ligando os senhores por grande affecto. Numa carta de Nabuco a Wanderley, aquelle se excusa, ao tempo do ministerio da conciliação, de comparecer a uma cerimonia, por ter que ficar em casa, fazendo companhia á esposa, muito triste pela morte de uma escrava. Ao tempo da cholera morbus na Bahia, intimos de Wanderley lhe escreviam mostrando sentimento pela perda que este soffrera de dois escravos de estimação.

A perseguição ao trafico que fôra, a principio, para Wanderley, uma medida de governo, a que se dava como um dever do posto, passava a ser uma at-

titude de espirito, guiada por sentimentos de humanidade.

Em fevereiro de 1848, o então presidente da Bahia, Moura Magalhães, em officio reservado ao ministro da justiça, descrevera a força do trafico na Bahia, e revelara desanimo em perseguil-o: "não devo igualmente occultar a V. Ex. que a importação de africanos para esta provincia continua com grande escandalo (1) e quaesquer medidas que tome a autoridade para a reprimir ou são insufficientes ou illudidas. Desconheço mesmo quaes são os remedios apropriados a um mal tão funesto, quando vejo a população toda, com raras excepções, interessada nesse terrivel trafico".

Wanderley, entretanto, que oito mezes depois assumia a chefatura de policia, não recuou deante dessas impossibilidades; nem as comprehendia o seu animo combativo. Empenhou-se na lucta, que levaria avante como presidente da provincia. Já em 1852 a Bahia não importava um só africano e entrava pelo primeiro semestre de 1853 do mesmo modo (2).

Fôra elle um dos grandes repressôres do trafico.

(1) Henri Cordier, um francez que escreveu sobre a Bahia em 1847, (Rev. Inst. Hist. da Bahia, Vol. 157, pag. 546) dando noticia do apresamento pelos inglezes de um brigue que era então esperado com escravos, mas que fôra assim infeliz na sua empreza, accrescenta ter ouvido de um portuguez seu conhecido que nos arredores da capital bahiana assistira a varios desembarques "os quaes tinham sido tão numerosos este anno que os negros baixaram de preço". Segundo seu testemunho, naquelle anno de 1847, já haviam entrado na Bahla perto de 18.000 escravos, e se esperava numero ainda maior. Durante a estadia do "La Bayonaise", navio em que viajava Cordier, dois negreiros haviam conseguido desembarcar a sua carga na Ilha de Itaparica, em plena bahia de Todos os Santos.

(2) Officios de Wanderley ao ministro da justiça de 15 de janeiro e 1 de abril de 1853. "No anno que acaba de findar-se não se deu nesta provincia um só caso de desembarque de africanos; as ordens expedidas pelo governo para obstal-os são as mais severas e conto que serão estrictamente cumpridas. Os continuados cruzeiros em que estão os vasos que compõem a nossa estação, e a or-

Quando, passados quasi 40 annos, agonisava a instituição servil, um velho septuagenario, que resistia por conduzir a abolição da escravatura por caminhos de prudencia, podia invocar, provando a injustiça dos que o suspeitavam ou accusavam de escravocrata, a energica e corajosa acção com que perseguira os traficantes.

No celebre discurso de 12 de maio de 1888, no senado do imperio, o Barão de Cotegipe diria: "eu fui um dos executores (da lei Euzebio) como chefe de policia da minha provincia, e appello para os dessa epoca para que digam se a execução correspondeu ou não á intenção". E Dantas, nobremente erguia a voz para trazer um testemunho então valiosissimo, de exaltado abolicionista: "portou-se com a maior lealdade e energia na execução desta lei".

Na chefatura de policia revelara Wanderley novas qualidades de politico.

Até então só o parlamentar, o orador, o censor, o critico, o *leader*, se haviam nelle patenteado. O governante, o administrador de activa energia impavida, só nesse posto de mando pudera manifestar-se.

Data desse tempo uma como transfiguração de sua personalidade.

Alistando-se num partido; investindo-se de autoridade executiva; substituindo o dilettantismo ou o

ganisação da sexta companhia de policia destinada a guarnecer as comarcas do sul, tornaram mais arriscada qualquer especulação que intentem os aventureiros, os quaes fóra do imperlo não descançam. Não é possivel que em um littoral tão extenso, e em parte deserto, como o nosso, se evite absolutamente algum desembarque, mas posso affirmar-vos que a perseguição do contrabando e seus autores não falhará qualquer que seja o lugar em que aquelle e estes se abriguem". (Falla do presidente da provincia Wanderley á assembléa bahiana, em 1853).

messianismo das censuras, pelo realismo do governo, Wanderley se transformava. Começava a viver uma outra phase da vida.

As idéas, as convicções, iam soffrer a influencia corrosiva das conveniencias publicas, a acção contingente dos factos, das oportunidades uteis, dos episodios e dos incidentes sobre o homem que dirige e manda.

O politico despersonalisava-se. O idealista pragmatizava-se. O homem de estado fazia o seu noviciado.

Presidente da Bahia

- I — AGITAÇÕES E ELEIÇÕES. — RECEIOS E SUCCES-
SOS.
- II — MELHORAMENTOS E REFORMAS. — UMA GRAN-
DE ADMINISTRAÇÃO.
- III — SEGURANÇA PUBLICA. — UMA PAGINA SOBRE
O JURY. — A GUERRA DOS GUIMARÃES. — VIC-
TORIA SOBRE OS MOEDEIROS FALSOS.
- IV — UM GRANDE DEVOTADO A' INSTRUCCÃO PU-
BLICA.
- V — DIVERTINDO E EDUCANDO O POVO. — HOSPE-
DANDO MAGNATAS. — A PASSAGEM DE ROSAS
E MANOELITA.
- VI — OPTIMAS FINANÇAS.
- VII — DOIS GRAVES INCIDENTES.



EM 11 de maio de 1852 recompunha-se mais uma vez o gabinete 29 de setembro, com a retirada de Monte Alegre, Euzebio e Muritiba, substituídos por Gonçalves Martins, Souza Ramos e Zacarias.

Acceptando a pasta do imperio Gonçalves Martins deixava vaga a presidência da Bahia (1).

"A entrada do Martins — escrevia Wanderley a Penedo em 14 de julho — dará em resultado a minha entrada para a administração da provincia da Bahia, apesar de ser a derradeira provincia em que me viesse encetar semelhante carreira; mas julgão isso

(1) "Em 1852 foi nomeado Presidente da Bahia, e o modo por que desempenhou essa commissão ainda não foi esquecido. O corpo commercial mandou collocar o seu retrato no salão da Associação Commercial á par do Conde dos Arcos e do Visconde de Caravellas. O governo condecorou-o com a commenda da Rosa" (Notas biographicas do punho de Cotegipe, quando presidente do conselho). — Nomeado por decreto de 21 de agosto de 1852 só a 20 de setembro tomou posse Wanderley recebendo o governo do vice-presidente Alvaro Tiberio Moncorvo de Lima, para exercel-o até 1.º de maio de 1855, com interrupções nos periodos de sessão parlamentar. Tiberio o esteve substituinto, por esse motivo, de 18 de maio de 1853 a 1.º de outubro do mesmo anno, e de 1.º de junho a 19 de setembro de 1854.

A 2 de dezembro de 1854 Wanderley foi condecorado como commendador da ordem da Rosa. Foram igualmente agraciados então Zacarias, Tiberio, Innocencio Góes. O irmão de Wanderley, Ambrosio Machado Wanderley, foi agraciado como official da dita ordem da Rosa, acontecendo o mesmo a Sebastião do Rego Barros, Sinimbú, Diogo Pereira de Vasconcellos, Taques, Alvaro Barbalho.

Pouco depois de assumir a presidência da Bahia o governo lhe offerencia um accesso na carreira de magistrado. O ministro Souza Ramos, em carta de 20 de outubro de 1852 lhe dizia: "ponho á disposição de V. Ex. o lugar de Juiz dos Feltos, o melhor, sem duvida, dessa provincia, e só espero resposta sua para propol-o a S. M. o Imperador". A 21 de dezembro de 1852 era Wanderley nomeado juiz dos feltos da fazenda na capital da Bahia.

necessario, principalmente na epoca eleitoral, o que vem a ser o mesmo que comprometter-me o mais possivel. Que hei de fazer? Tentarei a experiencia. A opposição como que está esmorecida, e toda a briga será no campo governista”.

Viajando para assumir o novo posto levava o alforge cheio de apprehensões: “o tempo he o peor possivel e talvez sacrifique qualquer futuro administrativo. Appello para Deus e para minhas boas intenções”; receios que lhe eram tanto mais amargos quando o empolgava o espirito progressista, a ancia dos melhoramentos materiaes: “o movimento industrial vae graças a Deus ganhando forças entre nós, em breve teremos a navegação a vapor no Amazonas, estradas de ferro e até a navegação do rio S. Francisco. Si continuar essa tendencia dos espiritos teremos feixado a epoca das revoluções e aberto um futuro todo de prosperidades para o nosso bello paiz”! (1).

O ambiente que deparou na provincia aterrorisaria a quem fosse menos desassombrado: “encontrei os espiritos muito exaltados e cheguei a ter receios pela tranquillidade publica” (carta a Penedo). As calorias eleitoraes encandeciã as paixões desde os desembarcadores da relação (2), aos empregados das repartições e á população das ruas. Era mister fortalecer a autoridade, senão com actos de força, ao menos com a ameaça delles; ser valoroso com habilidade e energico sem prepotencia.

(1) Carta de bordo do navio Pay a Penedo, 17 de setembro de 1852.

(2) Uma das grandes forças adversas que incommodavam a Wanderley eram os desembarcadores, a relação, sempre politica, e ainda abespinhada por causa dos processos da moeda falsa e do trafico: “contei sempre com o desagrado da Relação. Cumpre ser geitoso com ella. Vejo o procedimento do Netto — será bom ainda chamal-o — custa muito corrigir esta gente!... (carta de Gonçalves Martins a Wanderley, 27 de setembro de 1852).

Do Rio, Gonçalves Martins, como um Mephistopheles gargalhante, lhe assoprava destemor em conselhos (1) nos quaes sommava arrôjo, malicia e humour ironico: "já estará descançado, terá recebido os foguetes do estylo e installou-se indispensavelmente no seu rico palacete. Deus o ajude e não me desampare. Receberá uma circular sobre eleições — he a politica que convem ostentar e cumprir quanto ser possa, não se ingerindo as autoridades nessas malditas. Felizmente a nossa terra é differente das outras e a policia pouco ou nada obra".

Em verdade na Bahia a chamma das paixões subia tão alto na epoca eleitoral quanto depressa amortecia e se apagava (2); mas a tarefa que se antolhava a Wanderley era temerosa: "não lhe invejo o trabalho nem os soffrimentos; porém coragem, e a elles, porque sem trabalhos não se ganham victorias. Os intrigantes, despeitosos e invejosos são muitos e eu tambem os tive em crescido numero — escrevia Gonçalves Martins —, receie porém mais da guerra surda do que daquella que fôr acompanhada de estrondo, de insultos, de injurias", "não se assuste com caretas; veja que os tufões ahi são mais ameaçadores e afinal, furados, na phrase dos navegantes, não dão senão alguma agoa, muitos coriscos e o barulho ou estampido do trovão. Grande tempestade apresentou o horizonte

(1) Cartas de Gonçalves Martins a Wanderley de 20 e 27 de setembro, 10, 14 e 26 de outubro, 10 e 25 de novembro e 24 de dezembro de 1852.

(2) Saralva num discurso na camara, na sessão de 27 de junho de 1853 alludia assim á Bahia e a sua politica ao tempo em que Wanderley era presidente: "passada a effervescencia dos interesses eleitoraes, nem se sabe quem é opposicionista ou governista, a não ser aquelles que se teem dado ao journalismo e que nelle expendem a sua opinião e a de seus amigos. Quando estaya fóra della e lia as gazetas, parecia-me que tudo estava pegando fogo, porem quando lá estive ultimamente, parecia-me que nem havia odios, politicos. Todos parecem contentes com a administração do actual presidente a quem reconhecem como pessoa de caracter moderado e principios liberaes".

bahiano á minha entrada na presidencia; hera tambem, como Você, nauta inexperto, ou noviço na administração; porém não me puz á capa ao menos! apitei á maruja, rinzei os pannos, colloquei-me no leme, a companhia a postos, e fiz a viagem!" E, lembrando a revolução praieira: "as vagas de um pampeiro visinho se fizeram sentir na pacifica Bahia, porém o navio estava acaudilhado e pôde prestar gente ao visinho que se achava no temporal. Si avistar de longe alguma grande tromba, como costumam apparecer aos que navegam o cabo da Boa Esperança, use do recurso que ahi empregão os navegantes; asseste artilharia e dê alguns tiros de polvora secca sobre o temeroso bicharôco".

Tudo eram principios de administração, — conceituava o mestre Martins —, irritação de esperanças mallogradas, symptomas da terrivel epoca das eleições. Excitava-se a população, especulava-se com a ordem publica para aterrar o governo ou forjar pretextos para justificar derrotas. Não passava isso de tactica contraproducente: "a grande massa dos homens sérios e mesmo sem partido, vendo roncar o trovão se colloca do lado da autoridade com receios do triumpho da anarchia". Aquelles excessos talvez constituissem para o novel presidente um grande bem: — "os proprios amigos já inclinados a se dividirem na partilha dos beneficios, amedrontados com o perigo commum tornam a estreitar as fileiras e se dispõem a renunciar suas exaggeradas pretensões, convencidos de que esta renuncia em crise despertará o reconhecimento e serão por outra forma indemnizados. Calcule tudo isto e aproveite a parte das boas exaggerações contrarias". Salpicava sorrindo uma pitada de ironia: "eu estou aconselhando a quem julgo mais matreiro,

com raça de caboclo; mas indio pratico e civilisado receio que não enterre em pouco tempo o mestre”.

Insistente, Martins injectava vigor no novo presidente da provincia: “tem razão em olhar com desconfiança para a populaça da capital; olho vivo com ella; porém saiba que se accomoda com qualquer providencia e ostentação de energia; esta deve haver em qualquer quadra; diga-se antes que se violenta a eleição, o que se contestará, do que se accuse de haver-se, com receios de semelhante accusação, posto em perigo a ordem publica”.

Temendo que em Wanderley superassem a habilitade e a sagacidade sobre a energia, amiúda instigações, exhortações, conselhos de força: propuzesse a demissão dos empregados anarchistas e insolentes e ganharia prestigio e seria sustentado (1); dêsse uma mostra de existencia do governo para poder responder pelo futuro.

Sem perder nunca de vista o interesse eleitoral, tanto suggeria Martins as boas maneiras, que dissipam

(1) A opposição começava dentro das repartições, mas Wanderley respeitava a opinião dos empregados. De longe Gonçalves Martins mettia-o em brios para reagir: “acerca da necessidade de demittir empregados Provinciaes anarchistas insolentes poderia dizer alguma cousa, porem temo ser suspeito. Sabe Você que meu systema neste particular foi o da maior moderação, com que nada ganhei e se encettasse carreira agora me teria felto mais temido e obrarla assim no melhor sentido administrativo. Mas se lhe dêr esse conselho se dirá que desejo ver chorada minha moderação e compromettida a do meu successor, embora se deva saber que a julgo como minha. Estas minhas reflexões fiz na conferencia especial quando lia sua carta. Portanto obre por seu natural instincto, e levado por sua estrella; não lhe falta sagacidade... Si dêr algumas demissões bem justificadas pela insolencia e conducta anarchica dos demittidos, ganhará força e aqui será sustentado” (Carta de G. Martins a Wanderley, 26 de outubro de 1852). “Não se contente com pedidos de demissões em cartas, nestas apenas desenvolva mais o objecto, porem faça-o por officios... e conclua que sem ellas e sem dar-se exemplo de que existe governo no paiz, não pôde responder pelo futuro mais ou menos remoto da provincia, descarregando com semelhante declaração sua consciencia. Eu cá estou para sustentar o que vier officialmente proposto”. (Carta de Gonçalves Martins a Wanderley, 24 de dezembro de 1852).

resentimentos, como a firmeza da acção governamental. Desvanecesse o administrador da Bahia excessivos escrúpulos de abstenção. A opinião do imperador lhe autorisava intervenções. “Não tenho susto por parte do Presidente da Bahia — 1.º porque sei que elle ha de fazer o seu dever, 2.º porque conheço minha terra onde se verifica com mais exactidão o adagio— de mais as vozes que as nozes. Empolas de sabão são as ameaças da opposição bahiana, que tem toda a tendencia a crescerem, se não as embaraçar qualquer aragem de energia, e disposição ostensiva de *fraper*. Não ha necessidade de mostrar-se hypocritamente tão imparcial em eleições e arredado das intrigas cabalísticas; o seguinte trecho de uma carta que recebi hontem (segunda) acerca de uma minha ao Ribeiro (1) o socegará por esse lado: “Foi bem escrever no sentido que fez, ao Ribeiro; o presidente de uma provincia não pode deixar de dirigir as eleições mesmo para que ellas não se tornem nocivas”.

Si as noticias sobre as eleições, que se avisinham, alternam esperanças com receios, o ministro conselheiro as aproveita para esporear o intervencionismo de Wanderley: “meu feitor me escreve ás vezes contando mil calamidades e arremata com dizer — no mais tudo vae bem, graças a Deus, etc. Tambem Você me conta desgraças em tal Freguezia, em tal, em tal, aquella, esta, o collegio tal, etc., etc., etc., *a excepção destes creio que tudo correrá em paz*”.

E afinal, quando chegam as communicações dos resultados, Martins afia o sarcasmo: “conheço de todas as cartas recebidas o exaltamento da população e a prudencia com que o presidente quiz marchar;

(1) Francisco Antonio Ribeiro presidente de Pernambuco de 9 de março de 1852 a 23 de abril de 1853. A carta cujo trecho G. Martins cita é de Pedro II.

não houve desordem, mas os amigos inertes do governo se deixarão derrotar! Tudo avalio e compreendo. -- Não creio, porém, perdida a batalha... Acharam (os ministros) que Você tinha perdido a eleição nas diversas Freguezias porque se quiz conservar na posição commoda da imparcialidade que é o desideratum dos novatos na administração e que aspiram a uma reputação *sem mancha* e catonica".

Defendendo com resguardos essa reputação nascente de administrador; Wanderley soube dosar tolerancia e energia, e desta usou mais em ostentação que em acção. Da côrte vinham-lhe tropas e navios de guerra (1); e só com mostrar-se disposto a reprimir, aplacou as veleidades da sedição, e os perigos dos motins. Dispensou navios quando se sentiu respeitado (2).

(1) "O Sr. Ministro da Guerra vae mandar-lhe uns 200 soldados; o da marinha a pedida corveta, o da justiça o figurino e o chefe d'estado maior; e se assim fôr o que mais quer? Autoridade fica com força sufficiente, para prevenir desordens que aliás não apparecerão, como crelo piamente" (Carta de G. Martins a Wanderley, 10 de outubro de 1852).

(2) O novo presidente julgava prudente a acção de presença de forças que tirassem aos agitadores a disposição de desordens. "Tinha mandado já demorar, té 14, o S. Salvador para levar 150 homens de Tropa; porem o Zacarias prefere mandar o Amazonas, e Eu adopto isto porque he mais uma força que se lhe manda, e uma prova repetida de que o Governo está disposto sempre a taes providencias; pouco avançará o S. Salvador, esperando que sala o outro até 15" (carta de G. Martins a Wanderley, 10 de outubro de 1852). "Ahi vae o Amazonas com a tropa de que se pôde dispôr; he de crêr que esta demonstração baste para provar aos desordeiros, que o governo está disposto á energia. O Amazonas tem ordem de regressar logo, mas crelo que depois da chegada ahi de outros vasos de guerra, naturalmente este regresso não terá inconveniente, e se o tiver, obre como fôr mais acertado e de vantagem á tranquillidade da Província" (carta de G. Martins a Wanderley, 14 de outubro de 1852). "A esta hora estará com uma esquadra e reforços de terra e nos termos de desafiar a iras dos Japiassús" (carta de G. Martins a Wanderley, 26 de outubro de 1852). "Mandou-se buscar um batalhão no Rio Grande para lhe mandar. Proponha a reforma do Evallisto, allegando a conveniencia de dar (?) ao batalhão que he dos mais importantes" (carta de G. Martins a Wanderley, 24 de dezembro de 1852).

(2) "Veio com effeito o Amazonas; devla ter ficado e o Presidente poupar esta bravata de coragem. Sei que nessa terra as trovoadas são somente de estrondo, ou dão poucos coriscos; porem

Perdeu eleições onde devia perder. Mas no final triumphou o governo; como em todas as provincias (1).

II

Até 1848 as administrações na Bahia haviam sido quasi dedicadas á ordem publica. Foi Gonçalves Martins (1849-1852) quem inaugurou o novo molde admi-

não hera urgente a volta do Amazonas, e diz o adagio — saber temer para saber precaver” (carta de G. Martins a Wanderley, 10 nov.º 1852).

(1) “A Stoltz fez aqui fiasco no dia 2 de Dez.º e Vmcê ahí no dia 7! Tenha paciencia e não fique de dôr de peito. Achei que ainda se fez muito para disputar a batalha...” (carta de G. Martins a Wanderley, 14 de dez.º de 1852)! “Dou-lhe os parabens pelo resultado da nossa eleição que não offerecerá mais perigo. O Chaves desta vez tomou pela fraqueza o lugar do Couto!” (idem, 24 de dez.º de 1852). Essas eleições levavam uma unanimidade á camara. Wanderley della temia, e previa com segurança: “qual o effeito dessa immensa força? He que talvez dentro de um ou dois mezes teremos modificação ou mudança de ministerio, posto que no sentido da maioria. Desconfio muito de que o Paulino será um dos que se retirem por canção...” (carta de Wanderley a Penedo, 20 de dez.º de 1852). E foi assim: a unanimidade trouxe a scisão e o “partido parlamentar”; veio o canção de Paulino, e mais a retirada do ministerio, não dois, mas quatro mezes depois de abertas as camaras.

Nessas eleições Wanderley foi um dos grandes patrocinadores da candidatura de Saraiva. Paranaguá desistira da sua e em data de 5 de julho de 1852 escrevera de Cachoeira a Saraiva que se encontrava presidindo a provincia do Piahy: “resolvi definitivamente a resignar a minha candidatura pela Bahia e convergir os meus pequenos meios para o bom exito da tua; escrevi ao Cons.º Martins e ao Wanderley, como já te communiquei, e tive a satisfação de receber de ambos respostas satisfactorias. O Wanderley dice-me que tendo o governo te arredado da carreira da magistratura não seria justo que te feixasse as portas da politica, que pois a tua entrada na chapa era muito provavel, e que a minha retirada era mais uma razão para que ella se realisasse, mormente se se dêsse uma hypothese que suppunha verificar-se i. e. a desistencia de um e a separação de outro”.

Em agosto Wanderley communicava a Paranaguá que Saraiva entraria na chapa, seria um dos 14. Os novos seriam Saraiva, Zacarias, Torquato d’Utra, Mendes, Fluzza e Ferraz. “O Chaves ainda hesita e no caso de retirar-se talvez entre o Dantinhas” (carta de Paranaguá a Saraiva, no Inst. Hist. Brasileiro).

Finda a eleição Saraiva mostrou-se reconhecido a Wanderley. Do Piahy a este escreveu: “vou agradecer-lhe pessoalmente, mas o prazer que isso me causa me obriga a fazel-o desde já” (carta de 24 de janeiro de 1853).

nistrativo, anteriormente ensaiado por Andréa (1844-1846) e que Wanderley ia desenvolver (1).

Nos quinze annos que se vão de 1840 a 1855 seria a administração Wanderley a que mais despenderia em obras publicas.

Transformava-se a capital com os calçamentos e nivelamentos, alguns já iniciados por Martins e Tiberio; deseccavam-se pantanos, abriam-se ou melhoravam-se ladeiras; terminava-se o arco da rua da Valla communicando os bairros de Nazareth e Barbalho; reformava-se a Casa de Prisão com Trabalho; restaurava-se o Passeio Publico que cahira em total ruina e o theatro S. João que não chegara a ser acabado; contractava-se e se iniciava o serviço de agua encanada.

Bem é que que contou para obras que correram por conta dos cofres geraes com a cooperação de dois grandes ministros: Gonçalves Martins e Pedreira.

O interior da provincia não era esquecido. Uma ponte de ferro fabricada no estabelecimento da Ponta d'Areia é novidade experimentada com successo em S. Amaro, na estrada de Jericó, como a estrada dos Carros objecto da sua attenção administrativa. Outra novidade é uma fonte artesiana naquelle municipio. Em Cachoeira abre-se a ladeira para Muritiba e restaura-se a do Capoeirussú. Nas estradas de Candeal a Taperá, de S. José de Itaporocas a Coité, do Empedra-

(1) Wanderley defendendo a administração do Gen. Andréa, futuro barão de Caçapava, salientava que "a Bahia estava num estado de inercia tal que era preciso uma força enorme para dar-lhe algum movimento". Disciplinara, Andréa, ao funcconalismo publico; organisara o serviço de obras publicas que era "uma especie de chuchadeira em que arrematantes e administradores tratavão de receber o dinheiro e não darem em tempo as obras a que se obrigavão"; iniciara obras de grande importancia — "as duas estradas que vão de Valença a Camamu ao Rio Pardo em Minas já estão abertas na extensão de algumas leguas"; uma colonia militar em Mucury; melhoramentos na estrada que vae da Bahia ao rio S. Francisco e dahi ao Piahy... (camara, sessão de 27 de julho de 1846).

do, de Chique-Chique á Feira, de Orobó a Lenções e a Andarahy, e na ladeira das Boiadas entre Rio de Contas e Caeteté trabalha-se activamente.

Restaria em cada comarca, cidade ou villa, no litoral ou no sertão, a marca de seu zelo presidencial: em Itaparica um caes; nos rios Joanes e S. Francisco (em Urubú) barcas de passagem; sobre o rio Pojuca uma ponte; outra com alçapão de passagem sobre o rio Una em Valença. Restaurou as cadeias das Villas da Barra, Rio de Contas, Caeteté, Cachoeira e Nova da Rainha. Iniciou obras nas casas das camaras de S. Amaro, Porto Seguro, Sta. Cruz, Belmonte, Cannavieiras...

As vias de communição reputava-as Wanderley a maior necessidade da provincia. Na sua "falla" de 1855 traça um plano geral de estradas: *as arterias principaes de communição da capital com os pontos extremos da provincia*: 1.^a — Capital-Itapicurú-Geremoabo — até o S. Francisco em Pambú; 2.^a — Capital-Feira-Joazeiro; 3.^a — Capital-Feira-Chique-Chique; 4.^a — S. Felix-Sta. Izabel-Rio de Contas-Caeteté-Urubú; e *as grandes estradas pela importancia da producção ribeirinha*: 1.^a — S. Amaro-Subahé-Oliveira-Feira; 2.^a — S. Amaro-Rio Fundo-Bom Jardim — até alcançar a estrada Feira-Inhambupe; 3.^a — Villa de S. Francisco-Catú; 4.^a — Maragogipe-S. Felipe; 5.^a — Nazareth-S. Miguel.

E' da sua administração o contracto com Pedroso de Albuquerque para a navegação a vapor entre Caravellas e Maceió, secundando o já celebrado com o governo geral (1).

(1) Durante a sua administração a Companhia Bomfim, que fazia a navegação no interior da bahia de Todos os Santos e para

Não podia elle comprehender como o commercio da parte de Minas banhada pelo Jequitinhonha se fizesse com o Rio de Janeiro, por longos caminhos em costas de animaes, ao emvez de se dirigir á Bahia pelas aguas desse grande rio. Crescera a população daquelle região mineira;urgia facilitar as communicações garantindo o livre transito do rio que se havia tornado perigoso, transformadas as suas margens em asylo de facinoras e malfeitoses. Se as febres tudo difficultavam, alguns melhoramentos iniciados iam progredindo: picadas, desobstrucções, abertura do canal Poasú. Os resultados se desenhavam de tal geito animadores que promovia a medição de terrenos, visando encaminhar para alli a colonisação (1), emquanto mais ao sul surgiam grandes esperanças com a empresa de Theophilo Ottoni no Mucury.

os portos mais proximos a ella, triplica o numero de vapores ao mesmo tempo que Pedrozo encommenda dois grandes vapores. Considerando a Bahia uma provincia essencialmente maritima preoccupavam-n'o — portos, rios, pesca. Regulamento de praticagem e balisamento, e excavação de portos; excavação dos rios Sergy e Jaguaripe eram cogitações que diligenciava em pôr por obra. Conseguiu montar uma atalaia em Cannavielras, fazer o balisamento do porto de Sta. Cruz em Itaparica, collocar boias na Gambôa e Barra Falsa, vêr montado o pharol do Morro de S. Paulo.

(1) Deve-se, por assim dizer, a Wanderley a fundação de Cachoeirinha no Jequitinhonha. Foi elle quem recommendou ao eng.º Innocencio Pedernelras levantasse "uma capella que sirva de nucleo a uma povoação na Cachoeirinha, onde os viajantes encontrem recursos promptos" (Fallá de 1854). Promoveu a creação de uma repartição especial de terras na provincia: "A' vista do que V. Ex. me diz relativamente á creação da Repartição Especial de terras nessa provincia, será a questão nova e brevemente considerada" (carta de Pedreira (Bom Retiro) a Wanderley, 13 de fev.º 1855). Numa carta ao ministro Pedreira dando seu parecer sobre a reforma do contracto com Pedroso, que pretendia uma subvenção para fazer a navegação do Jequitinhonha, dizia Wanderley: "entendo que uma tal carreira sendo toda uma vantagem da companhia não pode o governo contribuir com quantia alguma, antes deverá ser tomada em consideração para se lhe impôr algum onus. Para que V. Ex. ajuize do movimento commercial do Jequitinhonha chamo a sua attenção para o relatorio do engenheiro encarregado de melhorar a navegação do dito rio, relatorio que vem annexo ao que apresentei este anno por occasião da abertura da Assembléa Provincial" (carta de junho de 1855).

Si assim procurava alargar os limites economicos da provincia que administrava, antevia futuras questões de fronteiras com Minas, logo que se fossem povoando as mattas incultas que separavam as duas provincias. Suggestia, por isso, o estudo e fixação das lindes que, só 80 annos depois haveriam de ser definitivamente estabelecidas.

Attendia Wanderley não só aos melhoramentos materiaes, á navegação, ás estradas mas ainda a tudo o que se relacionasse com o povoamento das terras inhabitadas, e com a melhoria das condições moraes do povo.

A colonisação européa, "sem a qual o paiz retrogradaria em civilisação", se lhe afigurava como o salvaterio ao mal crescente da falta de braços. Era preciso não perder tempo, "porquanto em dez annos a nossa agricultura estará reduzida a metade dos braços que possui". Emquanto, porém, esperava os resultados de contractos de parceria nas fazendas do sul do paiz, dos ensaios de Vergueiro, e a solução da crise creada com a opposição surgida na Allemanha contra a emigração teuta, volvia-se para os *coolies*, buscando imitar o que faziam os inglezes em algumas de suas colonias.

Os chins deviam ser buscados ao mesmo tempo que os colonos europeus que difficilmente se encaminhariam para a lavoura de cannas em ponto grande. Ao lado destes, que se empregariam em trabalhos por conta propria, cumpria procurar jornaleiros que substituíssem os escravos que iam faltando. E os chins tinham para isso todas as condições — "parcos, economicos, soffredores e affeitos a rudes trabalhos". De-

via a provincia dar um premio por colono importado ou associar-se n'alguma companhia de immigração.

As colonias de europeus na Bahia tinham fracasado. Isso impressionava a Wanderley que investigou as causas desses insuccessos, num inquerito que annexou á sua falla de 1855, do qual se conclue que a má escolha das localidades e em certos casos a pessima selecção dos colonos, fôram os motivos de não prosperarem os nucleos fundados. Para ter uma boa immigração européa era preciso fazer adeantamentos aos primeiros colonos e fixal-os em "terras ferteis e collocadas em posição de facilitarem as relações commerciaes com a capital".

E' certamente para a colonisação de nacionaes que solicita seis leguas de terras ás margens do Jequitinhonha e do Pardo.

Entretanto não descurava do amparo e catechese dos indios, protecção governamental que era de dar-se aos verdadeiros donos do Brasil. Essa preocupação administrativa decahia, aliás, de importancia com a precipitada extincção do selvicola.

O maior nucelo de população aborigene era o sul da provincia, onde apenas estavam recenseados 5.178 camacans, catulés e botocudos.

Sem regatear preferencias pela catechese religiosa, especialmente dos capuchinhos estrangeiros, monges dedicados a esse perigoso e inconversavel apostolado, ("emquanto os nossos vivem na maior parte em ociosidade"), cumpria o dever de administrador, diligenciando domesticar os indios, mas com algum scepticismo: — ...si é que esta raça desgraçada não está condemnada a extinguir-se ao contacto da civilisação".

Todavia áquelles caboclos que já se haviam integrado nos costumes policiados extendia o manto da

liberdade e da igualdade, preconizando a extincção da maior parte das aldêas, para conservarem-se apenas as de catechumenos: "não é possível nem util que se conservem os descendentes dos indios em uma perpetua tutela que os mantem em lastimoso estado de inferioridade em relação a outros cidadãos da mesma condição e educação. Onde ha villas fundadas convem que as terras formem patrimonio das camaras" (1).

O administrador da Bahia havia de estar attento, como uma sentinella, contra novas invasões da febre amarella. A vigilancia do porto e o isolamento dos doentes se impunham como obrigação quotidiana. Wanderley encarava esses assumptos com resolução.

O surto daquella molestia, na Bahia, tivera lugar em 1849, importada de Nova Orleans pelo brigue americano "Brasil". A epidemia então assustara, calculando-se que, em 1849 e 1850, matara na capital e seus suburbios 1.600 pessoas e 549 no Reconcavo e interior. Desde então o mal não havia abandonado inteiramente a cidade do Salvador. Não existiam estatisticas medicas, salvo a que se colhia dos registros do hospital da cidade e esta dava, para o anno de 1851, 121 doentes, dos quaes 18 haviam fallecido. Dahi, concluia Wanderley que maior havia sido o terror panico produzido pela epidemia do que seu damno real, diagnosticando-se como febre amarella casos de febre ordinaria do paiz. Mas já que os navios continuavam a trazer doentes daquelle apavorante mal e geralmente

(1) Não podia, entretanto, evitar a caça, a batida a malocas, como a que fez o major Pedernelras com 40 homens a uma rancharia em plena matta, onde deixaram os fugitivos num espeque a cabeça de um civilisado que haviam morto dias antes. Eram lances da lucta velha, desse entremear da brandura seductora dos religiosos com a fereza defensiva ou aggressiva dos colonos, que se viam muitas vezes expostos "à furia de um inimigo astucioso, barbaro e vingativo".

não largavam sem deixar na Bahia mortos ou enfermos, instituiu a visita medica a bordo e a criação de um hospital de isolamento, com a ajuda do governo geral (um credito de 10:000\$000) numa chacara em Monteserrate, onde tambem enterravam-se amarilicos, estabelecimento que foi de grande utilidade por occasião da nova epidemia que irrompeu durante sua administração.

A variola era outro espantallo para os presidentes.

A repugnancia popular á vaccina apoiava-se em accidentes da preparação do *serum*, tal como o acontecido com Abilio Cesar Borges — o futuro Barão de Macahubas — que no sertão bahiano encontrou-se na triste situação de propagador da variola por meio de vaccina mal manipulada que lhe haviam enviado.

Por isso, enquanto diligenciava remover os enterramentos do centro da cidade, activando as obras do cemiterio, publicava um regulamento (21 de fevereiro de 1855) sobre a vaccinação.

Impressionado com o numero de pedintes ociosos ou invalidos promoveu a criação de um asylo de mendicidade, entretendo correspondencia com os agentes diplomaticos e consulares brasileiros nos Estados Unidos sobre os estabelecimentos modelares daquelle paiz que desejava imitar na Bahia.

III

Todos esses problemas administrativos não podiam ser encaminhados ou resolvidos pelo presidente da provincia se este não dedicasse diuturna e energica attenção ao da ordem e segurança publicas.

A Bahia pudera escapar á agitação revolucionaria que havia perturbado tantas provincias. Déra seu sangue para o retorno da paz e fazia-se surda, dizia Wanderley, ás “predicas imprudentes e insensatas de alguns utopistas e ambiciosos” que não serviam senão para realçar a “lealdade do character bahiano”. Passavam-se as eleições sem desordens, “apezar das malevolas incitações de uma imprensa desenfreiada” que promovia uma “facticia agitação contra o governo como um inimigo tenaz da liberdade e dos mais caros direitos dos cidadãos”. Inefficaz nos seus propositos, não era ella de desprezar, tal “a insistencia criminosa com que o jornalismo de certa côr politica ataca e solapa as bases do systema que felizmente nos rege”.

“A imprensa, escrevia ainda Wanderley em sua falla de 1855, que nos paizes cultos esclarece e guia a opinião, constituiu-se entre nós, com o proprio descredito, o pelourinho das reputações e o algoz do sacrario das famílias. Se houvesse um inimigo das garantias sociaes acharia por certo seus melhores cúmplices nos incansaveis apóstolos dessa licença demoralisadora que se arreja com o manto de liberdade”. Felizmente já calando no espirito publico que a autoridade não era adversa ao povo, sendo ao contrario, barreira “as incitações com que sempre alguns mal intencionados, prevalecendo-se de não apagados prejuizos ou ciume natural do povo pela manutenção das instituições livres, procuram perturbar a ordem e tranquillidade publica”.

Demagogicos e aggressivos os jornaes chegavam em suas campanhas politicas ou em seus ataques ao elemento portuguez e aos ricos, aos extremos da diffamação e das allusões as mais pungentes á vida intima das famílias. Os “Alabamas”, os “Guayacu-

rús”, as “Marmotas”, eram menos que jornaes — pasquins. As reputações as mais respeitaveis e consagradas pela consideração publica foram nelles aggreddas com o insulto e a calumnia.

Tinha chegado a tal ponto o desbragamento da imprensa que era mister muita força de character nos que se dedicavam á causa publica, arriscando-se a toda a sorte de injurias. Um jornal, no Rio, estampava que um ministro levava sua esposa para o leito imperial; outro, em Pernambuco, annunciava em leilão as filhas innocentes de um presidente de provincia, indicando no annuncio as qualidades que tinham e para que deveriam servir; ao probro Chichorro chamariam ladrão e a outro presidente de provincia accusavam de incestuoso com sua propria filha (1). Wanderley via-se aggreddo por sua campanha contra a moeda falsa, por sua campanha pela estrada de ferro do S. Francisco, pela sua energia administrativa. Tambem lhe entraram pela familia attribuindo-lhe filiação illegitima (2).

Deante de taes excessos e licenças os governos não se mantinham impassiveis. Invocando a defesa da

(1) Vide Souza Bandeira “Reforma Eleitoral Eleição Directa” 1862.

(2) Ultimamente o Sr. Baptista Pereira repetiu palavras de Ruy Barbosa que diz serein allusão a essa imputação com que os inimigos de Wanderley procuravam magual-o. Um desses era justamente o pae de Ruy, João Barbosa de Oliveira, do grupo “Nação” ou “Guayacurú”. Ruy, tão pessoal como o pae nas suas campanhas politicas, quiz renovar a aggressão esquecida. Sem querer endossal-a, Baptista Pereira admitté a limpeza de sangue do pae de Wanderley para duvidar do de sua genitora, uma Mariani. Ora, nem Wanderley se chamava João Mauricio Mariani Wanderley, nem tinha com os Mariani senão parentesco colateral. Seus irmãos, filhos do segundo casal do capitão-mór Wanderley, é que eram filhos de uma Mariani. E os Mariani sempre foram reputados uma das melhores familias do sertão bahiano. Tambem a allusão que diz ter sido feita por Zacarias no criticar a expressão “a par da dedicação”, não pôde ter fundamento. Essa phrase se encontra nos annaes do senado, sessão de 16 de Julho de 1868, pag. 234, e não pôde referir-se a Wanderley que não fazia parte da commissão de resposta á falla do throno e nada tinha com a sua discussão.

autoridade, a prevenção contra sedições, resistencia a perigosas propagandas e policia de costumes, tanto se orientavam para a repressão quanto para a aquisição ou subvenção de órgãos de publicidade que os defendessem e aos principios de ordem. Wanderley aos "Guaycurús" e "Marcos Mandinga", oppunha "A Epoca" (1), dirigida por Xavier Pinheiro, e o "Esbarra" que pelo nome bem mostra ser um antemural ás ousadias dos aggressores. Da côrte lhe vinham instrucções e estimulos. Nabuco consultava: "julgo conveniente organizar e dirigir a imprensa governista: como e por que meio? Deve Você dizer-nos". (carta de Nabuco, 8 de outubro de 1853). E remettia as subvenções: "já expedi ordens sobre os 2:000\$000 para a imprensa, quanto aos outros dois, convem que oficialmente peças approvação" (carta de Nabuco, 13 de fevereiro de 1855).

Já quando chefe de policia, sob a orientação de Euzebio, e tendo como auxiliar o juiz municipal e delegado de policia Paranaguá, fôra Wanderley severo em processar os jornaes sediciosos, calumniosos e insultuosos que em Cachoeira se publicavam. Presidente de provincia, é afinal, a lucta com a imprensa facciosa e desenfreada que o leva a demittir Fernandes

(1) "A Epoca" appareceu em outubro de 1854. No anno seguinte Wanderley comettia a sua direcção a Pereira Franco. Parece que seu proprietario era França Guerra. Em 15 de junho de 1855 Xavier Pinheiro que acabara de publicar o Epitome de Historia do Brasil, em carta a Wanderley, pedia o auxilio do governo; e Wanderley respondendo accrescentava: "não desampare a "Epoca" pois conhecemos por experiencia quanto é sensivel a falta de um jornal que explique e defenda os actos do governo".

Em 1854 publicavam-se na Bahia os seguintes jornaes: "Jornal da Bahia", "Correio Mercantil", "O Seculo" (opposicionista), "A Justiça" (governista), "Noticiador Catholico", "A Verdade Evangelica", "O Guayacurú", "O Noticiador", "A Marmota", "O Genio do Brasil", "O Brasil Marittimo", "O Prisma", "O Academico".

Em 1849 o director do "Seculo" era Barbosa de Oliveira.

da Cunha de promotor da comarca da capital, em 1854.

Si a segurança individual no interior da provincia era ainda, ao tempo da sua administração, precaria, ao ponto de dois terços dos crimes submettidos ao jury serem contra as pessoas, varias e fortes eram as causas. Em suas fallas Wanderley as enumerava: — “a falta de instrucção e de applicação ao trabalho, a carencia de uma educação fortemente religiosa, a facilidade com que em uma provincia extensa e despovoadá, em relação ao seu grandê territorio, os criminosos escapam á acção da justiça, o inveterado uso de armas defesas, que he quasi geral no centro, a fraqueza das prisões, a perniciosa inclinação que se observa em proteger-se o crime por uma mal entendida compaixão ou por desejo de dar-se mostra de poderio e influencia, o receio de afrontar os máos, quando os cidadãos em muitos lugares só podem contar com seus recursos pessoas para defender-se das aggressões dos perversos, a impossibilidade, emfim, de manter-se uma força de policia em todas as localidades onde ella se torna necessaria, contribuem para que ainda por muito tempo tenhamos que lastimar a continuação desta falta de segurança”.

Juntava-se a isso “a defeituosa organização judiciaria, ainda aggravada pela interferencia da magistratura na politica, que a distrae de suas habituaes occupações, e entrega a justiça a mãos leigas e inexperientes”. Alguns termos viviam em abandono. A villa de Monte Santo, por exemplo, desde a promulgação do codigo de processo (3 de dezembro de 1841), tivera a sua primeira sessão de jury no anno de 1849, e na de

Pambú, desde 1848, havia sete annos, não se reuniam jurados.

E que funcionasse o tribunal popular... Pouco adeantaria. "De que serve prender e processar os culpados — perguntava Wanderley — se tão facil é a sua absolvição? O espirito mal entendido de patronato faz da justiça uma loteria, em que, (com poucas excepções) só aos desgraçados cabem os numeros brancos. E como assim não ha de succeder se o tribunal que os julga é um tribunal irresponsavel ante a lei, e mesmo ante a opinião, porque é um tribunal anonymo? Um juiz encanecido na pratica de processar e julgar, esclarecido e recto, medita na solidão da noite, e treme de ter errado quando lavra uma sentença contra a vida, a liberdade, ou propriedade, de seu semelhante: um jurado, qualificado antes pelo rendimento do que pela sua illustração e bom senso, sae de ouvir discursos apaixonados, e as mais das vezes sophisticos ou falsos, para deliberar em poucos minutos, impressionado pelas lagrimas, instigado por considerações pessoaes, e até aguilhoado pela fome! Em alguns logares sabe-se previamente qual é o advogado que, defendendo, sempre consegue a absolvição de seu cliente: em outro é um poderoso que dita a sentença do juiz; em outros finalmente, é o terror do réo e seus parentes que arreda as testemunhas e inflúe no julgamento. Não é uma satyra que faço; é uma verdade que o dever me constringe a proferir. E não havendo punição poderão os crimes deixar de reproduzir-se?... Quererei, por isso, a extincção do jury? Quero primeiro a sua reforma com uma melhor qualificação de juizes; se isto não bastar, sim, quererei a sua extincção, porque as leis devem ser adaptadas aos costumes e illustração dos povos; instituições de luxo não as desejo nem as comprehendo. Se o jury é uma garantia

indispensavel aos paizes constitucionaes, subisista para os crimes politicos, e para os da imprensa, e ficarão salvas todas as susceptibilidades populares; mas não sei que tenha a ganhar a liberdade com a impunidade de assassinos, incendiarios e ladrões". (Falla de 1855).

Elle por si não dava treguas a assassinos e ladrões.

A perseguição que vinha mantendo desde 1849, como chefe de policia, contra Antonio José Guimarães tem tragico epilogo na sua presidencia.

Um sério rompimento estalara, desde 1848, entre Antonio José Guimarães e seu irmão José Antonio de Araujo Guimarães da villa de Urubú, ambos alli advogados e apaixonados emulos. José Antonio parecia mais favorecido e havia obtido o commando superior da guarda nacional da comarca e os primeiros lugares de supplente de juiz municipal e delegado. As hostilidades entre os dois irmãos não chegavam ás vias de facto. Foi, porém, alli residir, vindo de Jacobina, um primo de ambos, recém-nomeado collecto das rendas geraes. Tomou este primo, Nincandio Albino Lopes, o partido de Antonio. Surgiram vociferações, processos por injurias contra Nicandio, afinal condemnado e preso. Outro processo visava inutilisar Antonio Guimarães, acusado de tentativa de tirar por força, da prisão, um seu amigo. Pronunciado Antonio Guimarães, fuge da villa, para não ser preso. Um dia, em principios de 1849, de subito o fugitivo ataca a villa com mais de cem sequazes. As principaes autoridades estavam ausentes. Antonio Guimarães solta os presos, mata o subdelegado supplente José Bonifacio Bezerra, ataca a casa do irmão, onde este reunira amigos e "peitos largos" ou jagun-

ços para sua defesa. Fere-se um combate de trinta horas, com perdas de parte a parte. Afinal José Guimarães, capitula; rende-se, entregando-se “á generosidade do irmão victorioso, que, não obstante seus rogos e os da familia, que implorava misericordia e compaixão, rodeando-o com seus corpos e santas imagens” é morto, e com elle um filho, e ainda o tabelião da villa, e mais 15 pessoas (1).

Essa horrivel chacina preocupava então a Gonçalves Martins e Wanderley e era reputado, pelo ministro Euzebio, attentado de grave natureza (2).

Antonio Guimarães, porém, burlou os esforços para sua captura, correndo pelos sertões, impune e triumphante das diligencias da policia.

Passando á presidencia Wanderley intensificou a perseguição. Parecia-lhe morosa a força publica, não podendo “alcançar homens habituados aos mattos e que facilmente se confundem com o restante da população”. Faziam-se grandes despezas sem esperanças de resultado. Pediu então Wanderley authorisação para “organisar uma força de paizanos que exclusivamente se empregasse na perseguição” de Antonio Guimarães e seus cúmplices. Contava com essa medida alcançar “a cessação do escandalo de vêr-se um homem, sem outra importancia mais que a sua mal-

6.

(1) Vide Falla de Gonçalves Martins presidente da Bahia — 1849. Outras providencias de pacificação sertaneja eram as que visavam a prisão do capuchinho italiano Frei Caetano (1853-1854) que, embora suspenso de ordens, continuava a pregar no sertão, promovendo desordens e commettendo toda a casta de crimes, impressionando com sua habilidade a população ignorante e fanatica.

(2) Em 19 de junho de 1849 Euzebio havia escripto a Wanderley, então chefe de policia: “julgo excusado recommendar-lhe toda a diligencia para ver se se vão prendendo e punindo os autores desses grandes attentados do interior: he necessario ver capturados, pelo menos os taes de Urubú”. Sobre desordens e delictos no interior da provincia lêr o discurso de Wanderley em defesa de sua administração atacada por Souto, seu antecessor na chefatura de policia, na sessão da camara, de 5 de julho de 1850.

dade, zombar das leis e dos esforços das autoridades" (Falla de 1853).

O cerco se foi tornando tão apertado que Guimarães se passou para Goyaz, onde encontrou a morte quando (1854 ou principios de 1855), em Arraiaes, resistia ás autoridades daquella provincia, que o perseguiam.

Contra José Joaquim de Almeida, chefe de bandidos da Serrinha, abre tambem viva campanha para "desmoralisar e annullar as potestades do sertão", como lhe dizia Nabuco, ou para "decepar essas papoulas do crime" como elle proprio se exprimia.

Pambú era um covil, "asylo invulneravel dos criminosos das provincias visinhas", de Pernambuco e Alagôas, que alli se acoutavam; Wanderley e seu chefe de policia, só em 1854, capturaram nesse termo 22 réos de morte. E podiam annunciar, no anno seguinte, a pacificação daquella localidade.

Affrontava maguas de amigos e de gente de prol com as medidas que suggeria em torno dos assassinatos do commandante superior da Feira de Sant'Anna, Pedro dos Santos Vital, e do coronel de S. Amaro, Antonio Lourenço de Araujo (irmão do Barão de Segy).

A recente descoberta das minas de diamantes em Lenções, originando a agglomeração de aventureiros, multiplicava os crimes, na região das Lavras; surgiam ataques e contra-ataques aos garimpos, a desafiarem a energia do governo, que entretanto conseguia pacificar a região.

Amargosa assaltada pelos indios da Pedra Branca obrigava a presidencia a enviar para alli numerosa expedição e a providencias militares e policiaes, auxilia-

das, entre outros, pelo delegado da Cachoeira, o futuro Marquez de Paranaguá.

E continuava a azafama da lucta com traficantes de escravos e moedeiros falsos, alcançando contra estes uma grande victoria.

O segredo desse successo contra os falsarios, deveu-o Wanderley, em muito, ao auxilio de um delles: — José Maria Candido Ribeiro.

Preso, arrependido, e conhecedor de todos os culpados e de todos os meandros da falsificação, auxiliou, aconselhou, suggeriu, denunciou. Ribeiro promettera, a troco de indulgencia para com elle, indicar os demais criminosos, as fabricas, os interessados. Pronunciado, esperava, todavia; não desejava antecipar esses serviços quando poderia ser annullado o seu processo pela relação para a qual recorrera. Não se queria comprometter antes de tempo. Quando, porém, a sua pronuncia foi confirmada e se soube condemnado, ao arrependimento juntou a ancia de melhorar de situação, com a commutação que lhe promettiam, e passou a servir á policia com toda efficacia (carta de Wanderley a Euzebio, 15 de abril de 1849).

Que lhe importavam, a Wanderley, as censuras por alliar a autoridade a um criminoso, para perseguir outros? O immediato interesse policial era descobrir fabricas e falsificadores. Si um destes se mostrava penitente e offerencia os seus prestimos, inegalaveis, porque sabia de processos e traças e esconderijos e cúmplices, arrostaria todas as criticas.

Medida a sinceridade do constricto, confiou nella, acceitou a collaboração de Ribeiro, facilitando-lhe as diligencias; e afinal, já presidente da provincia, triumphou.

Seguia, aliás, o exemplo de Euzebio que tambem fizera do ladrão fiel, quando, chefe de policia da côrte,

tivera a ajuda efficaz de Cego Landim, em campanha semelhante contra outros moedeiros.

Seis longos annos durou a lucta de Wanderley, a principio como chefe de policia e depois como presidente, com os falsarios. Durante essa campanha não cessava elle de receber o estimulo dos ministros, a lhe mostrarem a importancia do combate em que era preciso perseverar até terminar victorioso, não lhe faltando, entre as aggressões e ataques dos criminosos ricos, o louvor congratulatorio das mais altas personagens. Com uma nova condecoração o galardeou o governo e alta distincção lhe fizeram os negociantes bahianos, inaugurando-lhe um grande retrato no edificio da Associação Commercial.

“Felicito-o cordealmente pelo seu 2 de Dezembro contra os moedeiros falsos, — escrevia Abrantes em 11 de janeiro de 1854, — fez o mais relevante serviço ao paiz. Resta que ajude o Innocencio a restabelecer completamente o *imperio* da lei. Fulminem todos os autores e cumplices sem attenção e qualidade e posição social: um grande exemplo é necessario”.

E Saraiva: “dou a V. Ex. os parabens pela boa colheita que fez de passadores de moeda falsa, e foi isso um grande serviço prestado á Bahia que nesse ponto ha sido a mais infeliz de todas as provincias porque tem sido ella escolhida para as fabricas de papel falso”.

E Nabuco: “Primo e Amigo do C., recebe um apertado abraço e mil parabens pela famosa diligencia de moeda-falsa que muita glória te dá, não só pela sua importancia, como tambem pelo tento e segredo com que foi planejada... Convem agora toda a perseverança e inflexibilidade para que sejam punidos os autores do crime que, como por aqui consta, tem muita protecção; muito confio em que te esforçarás para que

seja perfeita e consumada a tua obra. Conta com todo o nosso apoio" (carta de 1.º de janeiro de 1854).

Pedreira, aos parabens pelo "brilhante exito" juntava uma palavra de apprehensão: "assim coadjuvem os tribunaes" (carta de 10 de janeiro de 1854), enquanto Paranhos polvilhava as congratulações de algum egoismo de ministro fatigado: "estimo que continues a fustigar os traficantes e moedeiros falsos para honra e prosperidade da nossa patria, para dispensa dos nossos cruzeiros e para allivio do Nabuco e do Limpo de Abreu que me atormentam sobre o primeiro objecto" (carta de 21 de janeiro de 1854).

De todos o mais entusiasta, porém, é Sinimbú: "mas podês ignorar quanto prazer senti por ver teu nome na lista dos agraciados?... ver brilhar as estrellas destinadas ao merito sobre coração tão puro e patriotico como o teu; e quiz a Providencia que realçasse mais em ti essa gloria quando a distincção honrosa do Monarcha precedeu um acto teu, que dando-te incontestavel direito a ella collocou teu nome no rol dos mais dignos magistrados... Vejo-te mettido em grande campanha: prasa ao Céu que a corrupção não seja tanta que, no caminho em que vaes, te venha a faltar o indispensavel apoio da razão publica, condição tão essencial ao triumpho da justiça; e que assim faças á tua Provincia o assignalado serviço de acabar com esses ladrões; ou ao menos pôr termo ao escandalo com que furtavão!" (carta de 19 de junho de 1854).

Não receiava sem fundamento o ministro Pedreira. O triumpho obtido pela astucia e energia das autoridades contra os falsarios ia quasi annullar-se ante a protecção que estes encontraram na relação da Bahia.

Paraná advinhava esse perigo e em carta de 21 de janeiro de 1854 advertia a Wanderley: "V. Ex. não deverá descuidar-se de tomar as providencias que forem necessarias, no caso de que algum dos compromettidos consiga ser absolvido nos Tribunaes dessa cidade. O caso deve ser trazido até a revista, si, o que não é de esperar, houver alguma injusta absolvição".

Aquelle tribunal soltou os presos por habeas-corpus (1854) (1), chamando sobre si as severidades do ministerio, disposto a lançar sobre os desembargadores bahianos o guante da violencia castigadora que outrora haviam experimentado outros juizes, e ainda recentemente, alguns de Pernambuco.

Mas não pararam ahi certos membros do tribunal da Bahia.

Desviando dos criminosos para as autoridades a sua energia punitiva vieram a absolver, em 1856, alguns falsarios, determinando que se instaurasse processo contra Innocencio Góes (Barão de Araujo Góes), chefe de policia por ocasião da segunda diligencia. Semelhante aresto escandalisaria Sinimbú, então presidente da Bahia que, em carta a Nabuco, se mostrava indignado contra o tribunal que queria "que o Wanderley e o Innocencio Góes fossem occupar na tarimba da correcção os lugares... dos moedeiros falsos".

(1) Em carta de 11 de fevereiro de 1854 Nabuco, então ministro da justiça, escrevia a Wanderley: "vejo o que me dizes sobre a omnipotencia e desembaraço dos incultos desembargadores da Bahia e certo fiquei pasmado de ver a nova jurisprudencia pela qual foi o habeas-corpus concedido aos dois moedeiros falsos: convem que mandando extrahir, remettas a decisão do habeas-corpus e peças uma intervenção affirm de que alguma cousa se obre a respeito, sendo cabível" "Se o gabinete Paraná houvesse durado mais tempo tudo faz crer que Nabuco teria desfechado o mesmo golpe (aposentadoria de magistrados) sobre a Relação da Bahia" (J. Nabuco, Um Est. do Imp., II, pag. 11).

Por pouco aquelles desembargadores responsabilisaram tambem a Wanderley, já então ministro da marinha (1).

Nada significava a absolvição dos criminosos: estes estavam condemnados pela opinião publica e pelas provas, e já reduzidos á inactividade na falsificação (2); nada importavam os botes dos juizes contra as autoridades que elles mesmos iriam reconhecer in-

(1) "Já debes ter tido quem te refira o procedimento da Relação acerca dos moedeiros Tupinambá, Viare, etc. — escrevia Tibério Moncorvo a Wanderley — espero ancioso o accordam que deve ser publicado amanhã para se vêr tão bem se és responsabilisado, como entendia Netto, analysando na Relação o teu relatório". (carta de 29 de agosto de 1856).

"Não é meu proposito crear e augmentar zangas e indisposições porem não devo occultar-lhe que seu nome também foi muito... (?) tido por Netto, e algum outro, sendo necessario que o Martins chamasse-os á ordem, etc... Em tudo isso o principio da autoridade soffre o mais possivel. E de quantos espinhos não será ainda mais rodeada a cadeira de Chefe de Policia da Bahia? Quem com a actual Relação pela frente occupará de bom grado aquella cadeira? Ainda recordo-me da — não pronuncia — do Hygino, do habeas-corpus do J. Adrião e de outros muitos factos. Agora querem absolver Tupinambá e outros, e para divertirem talvez a attenção fazem responsabilisar autoridade. Eu estimaria que com a sua responsabilidade, começasse uma epoca de regeneração para o paiz" (carta de Innocencio Góes a Wanderley 28 de agosto de 1856).

"Já escrevi-lhe communicando o que houve na sessão de 23 do passado. Seu nome sahiu á baila, e o do Chichorro, quanto ao meu não se falla, etc. O Netto, segundo ouvi, disse que o Ministro da Marinha devia ser o primeiro responsabilisado. E que tal? Tinha muito que vêr. Na conferencia ante-hontem foi assignado o accordão, porem modificaram-n'o essencialmente, segundo ouvi, determinando-se que o Procurdaor da Corá e Procurador examinassem o processo e promovessem a responsabilidade de quem nella tivesse incorrido... Em consequencia do abalo e admiração que isso causou, recuarão os Desembargadores de alguma forma" (carta de Innocencio Góes a Wanderley, 1.º de setembro de 1856).

A 14 de outubro Wanderley escrevia a Innocencio Góes: "li a sua e minha defeza. Obrigado pela parte que me toca. Foi completa a refutação e não sei com que cara ficarão os infames que querem rebaixar todos ao nivel delles!"

(2) Os moedeiros, tendo Wanderley deixado a presidencia da Bahia, voltaram a agir. Mas os grandes baluartes da fraude estavam destruidos. Este trecho de carta, datada de 19 de novembro de 1855, dirigida por Liberato de Mattos, chefe de policia, a Wanderley, ministro da marinha, mostra como era preciso agir com o maximo segredo e cuidado: "os moedeiros falsos estão em obra e alguma cousa já tenho feito em ordem a habilitar-me a agarral-os em flagrante: logo que leia estas linhas trace-as".

nocentes (Innocencio Góes foi absolvido por unanimidade pela propria Relação, em 9 de maio de 1857); pouco significavam referencias de desembargadores ao nome de Wanderley, que elles não ousavam mandar responsabilisar; nem havia lamentar que o ministerio não levasse avante o proposito de aposentar e remover os magistrados culpados daquelle escandalo — estava extirpada, da Bahia, a praga dos moedeiros.

IV

A administração de Wanderley na Bahia destacou-se pelo zelo com que se desvelou pela instrucção.

Attribuia elle á ignorancia do povo grandes males politicos e sociaes. Menos feliz por desconhecer seus interesses, o povo ignaro fazia-se “instrumento cego dos perturbadores da ordem e do socego publicos”. Wanderley encontrava na educação popular o remedio ás inquietações que perturbavam a evolução nacional: “se a marcha dos acontecimentos ou a irritação dos partidos produzem alguma agitação no paiz, os erros do povo ignorante e a superstição offerecem pretexto aos agitadores para darem incremento á desordem”.

Assumindo a presidencia da Bahia julgava insufficiente o aparelhamento escolar existente: — aulas de latim em diversas cidades e villas, e na capital o Lyceu com o curso de bacharel em letras. Notava a falta de escolas profissionaes de artes e officios. “Os jovens — escrevia elle — que não tendo bastante fortuna nem talentos para seguirem a litteratura ou as sciencias, possuem comtudo meios de tomar a nobre carreira da industria, não devem ficar circumscriptos á instrucção

primaria elementar; precisam escolas medias, onde recebam algum desenvolvimento intellectual e moral em relação á sua condição, para que não sejam induzidos a seguir as humanidades, ou as faculdades scientificas, espiritos mediocres, com o perigo de adquirirem gostos e habitos incompativeis com a condição modesta com que se deveriam contentar se não fossem obrigados a sahir da esphera que a natureza lhes tem traçado”.

Para remediar essa falta, preconisava a criação na capital e nas cidades de S. Amaro e Cachoeira, de escolas medias, a exemplo da Prussia, ou de instrucção primaria superior, como as denominavam as leis francezas, “onde, além das materias de instrucção primaria elementar, ensinam-se elementos de geometria pratica a qual fornece os primeiros dados das profissões industriaes; noções de physica e historia natural que nos familiarisam com os phenomenos da natureza; elementos de musica, que dão á alma uma verdadeira cultura interior; geographia que nos ensina as divisões da terra que habitamos; historia pela qual deixamos de ser extranhos ao destino dos homens que nos precederam, principalmente a da nossa patria, que nos identifica com ella”. Em taes cursos pretendia fazer um ensaio que habilitasse a fundação de esolas industriaes de que a seu ver tanto carecia a provincia.

Mas para bem organizar a instrucção publica era preciso dar estabilidade ao professor, : “a consideração que merece o magisterio exige que o professor tenha segurança no seu emprego, para que a elle se dedique exclusivamente”. De outro lado havia mister medidas energicas para a punição dos mestres que abandonavam as escolas afim de cuidar de outros interesses. Reclamava attribuições de remover, suspender e demittir os desleixados.

A primeira nomeação devia ser feita depois do candidato a professor haver servido, em determinado estagio, como ajudante ou substituto, nas escolas da capital ou interior.

A remuneração dos mestres havia a accrescer uma gratificação proporcional ao numero de alumnos que frequentassem as aulas e ao dos que sahisses promptos em pouco tempo: "porque se os ordenados igualavam a retribuição dos soffríveis e dos bons, a gratificação os distinguiria, premiando os que se desvelassem no cumprimento de seus deveres e o mostrassem pelo resultado de seus trabalhos proveitosos á mocidade confiada a seu zelo".

Era necessario crear uma caixa de economias ou monte-pio para os professores, assim como lhes augmentar os ordenados em proporção aos bons serviços, divididas as escolas em duas classes, com maior ordenado as de primeira, para accesso aos professores que mais se distinguissem.

E suggeria uma lei que tornasse o ensino obrigatorio, e estabelecesse multas aos que não mandassem ás escolas filhos e tutelados.

Pretendia ainda Wanderley construir edificios escolares, abandonadas as casas particulares aproveitadas, que não tinham "salas adaptadas á ordem que se deve seguir no ensino, á classificação dos alumnos e á salubridade que muito cumpre attender em taes estabelecimentos".

Dispunha-se a ensaiar os jardins de infancia — escolas para meninas e meninos de 4 a 8 annos, regidas por mulheres.

Durante a sua administração a provincia consumia com a instrucção um quarto da renda annual. Julgava pouco; propunha que se obrigassem as municipalidades a determinada quota para attenderem-se a

certas despesas, taes como casa e mobiliario escolar, estimando essas taxas como "um meio de ir interessando as communas no progresso da instrucção e de augmentar as vantagens dos professores". Para isso crearia um imposto que, se dêsse sobras, serviria para estipendiarem-se novas cadeiras e o fornecimento de papel e outros objectos aos alumnos pobres, e mesmo roupa, fiscalizada a applicação desse imposto por conselhos de instrucção nas comarcas e municipalidades.

Creou a Directoria Geral de Estudos, providencia a que attribuia, com o melhoramento do pessoal e a maior fiscalisação, o desenvolvimento que tomara a instrucção, aliás attestado por algarismos impressionadores (1).

Afadigava-se em adoptar as ultimas novidades em materia de ensino.

Castilho Antonio fazia então, com um enthusiasmo de apostolo, a propaganda do seu methodo de leitura instantanea. Wanderley o estudou e assentou de trazer para a provincia que presidia os beneficios preconizados pelo seu autor, pretendendo enviar a Portugal um professor bahiano que alli se fosse especialisar no novo methodo para o qual tinha palavras optimistas: "o nome do autor é já uma garantia de que tal invento não é uma dessas utopias tão communs no seculo em que vivemos. Tenho lido o que se tem publicado a esse respeito e creio que o methodo Castilho é uma verdade provada, mas que para ser bem desenvolvido precisa ser praticamente

(1) Em 1853 havia 184 aulas ou escolas de primeiras letras; já em 1855 Wanderley via elevado esse numero a 200. Por sua vez a frequencia escolar que era em 1853 de 6.894 alumnos, passou, em 1855, a 9.229, numa differença a mais de 2.335 alumnos, ou seja um acrescimo de mais de 33 %. O augmento total da frequencia escolar nas aulas pagas pela provincia, de 1853 a 1855, fôra — de 7.461 para 9.865 alumnos, mais 2.404 ou sejam pouco menos de 33 %.

estudado e applicado por mui intelligentes professores, que muita vez ver-se-hão na necessidade de modificar o ensino segundo a idade e indole dos alumnos. Essa observação constante, essa continuada contenção das faculdades intellectuaes do lente excluem a rotina dos outros methodos, e exigem talentos não communs. Ahi é que enxergo a difficuldade para a generalisação do novo systema, que por isso mesmo devera de ser cuidadosamente observado”.

Não ficou no proposito, e, como Castilho tivesse vindo ao Rio, para ahi enviou professores da provincia, entre os quaes Felipe José Alberto, que foram estudar com o genial cégo o methodo de sua invenção.

Quando em maio de 1855 Wanderley chegou ao Rio para a sessão legislativa, recebeu de Castilho uma carta (1) em que lhe agradecia “o empenho por-

(1) Tambem a 22 de nov.º José Feliciano de Castilho convidava Wanderley a assistir a ultima lição que daria um dos professores bahianos que tinham vindo acompanhar as lições de Castilho Antonio. Esse professor, Felipe José Alberto, abriu na córte um curso de leitura repentina e obtivera “os mais assombrosos resultados, pois, tomado o termo medio de 75 horas de trabalho util, se acham (as creanças) n’um grande adiantamento, que, só visto, pode acreditar-se”. Aquelle professor leccionava acompanhado dos que haviam sido comissionados pelas provincias do Piauhy, Rio Grande do Sul, Alagoas, Goyaz. Euzebio, então Inspector da Instrução publica, comparando ao curso, verificava resultados, alem dos que esperava. O professor Antonio Gentil Ibirapitanga ensaiou com successo esse methodo na Bahia. Castilho quando esteve na Bahia deixou a esse professor o seguinte attestado: “Visitei pela segunda vez a aula da leitura e escripta repentina do inexcédível professor o Sr. A. Gentil Ibirapitanga e folgo de poder dar-lhe um peculiar testemunho da admiração que me excitaram os seus trabalhos, o seu nobre character, o seu desinteresse, a sua perseverança”. Felipe José Alberto de volta do Rio, instituiu (11 de fev.º) uma aula pratica daquelle methodo e fez solemne demonstração dos resultados obtidos a 21 de abril de 1856. (Correio da Tarde, 8 e 15 de maio de 1856). O presidente da Bahia, Alvaro Tiberio Moncorvo de Lima, depois de assistir taes demonstrações manifestara-se contrario á generalisação do methodo por anti-economico. Abilio Cesar Borges, director dos estudos na Bahia, era francamente favoravel. (Fallá do presidente Tiberio, 1856, e relatorio annexo de Abilio). Sobre Castilho e a adopção do seu processo de leitura instantanea entre nós, vêr os jornaes da epoca: “O Brado do Amazonas” de 25 de março de 1853, o “Correio Mercantil” de 1.º de set.º de 1853, o “Jornal do Commercio” de 25 de junho de 1853.

que se diffundisse a instrucção primaria pelo methodo que a experiencia tinha já comprovado como efficacissimo”, e lhe pedia deixasse os professores da Bahia que haviam vindo seguir o seu curso normal, e que já possuíam completamente a theoria do novo ensino, demorem-se um pouco mais “para que possam ir propagal-o por lá tão segura e futurosamente como V. Ex. deseja”.

Lançou tambem suas vistas á Bibliotheca Publica que encontrara mal installada e em decadencia. Custava a crêr que durante um anno, excepção feita de doze brochuras bahianas e da Flora Brasileira de Martius, nenhum livro tivesse sido adquirido para augmentar os 11.886 volumes que aquelle estabelecimento então possuia. Diminutissima era a frequencia de leitores.

Na expressão de Wanderley aquella repartição ao emvez de testemunhar a illustração da provincia, depunha contra a incuria dos governantes; e para não se deixar alcançar pela accusação que assim fazia, pediu verbas, nomeou um director dedicado, o conselheiro Gaspar José Lisbôa (1) e teve a ventura de verificar em breve espaço que duplicara o numero de leitores, e só em dois annos as estantes se encheram, accrescidas de mais de 2.000 livros. Faltou-lhe tempo para realisar a construcção do edificio que planeara.

(1) Gaspar da Silva Lisbôa escrevia em Junho de 1856, dando noticias da Bibliotheca Publica “que tanto interesse mereceu de V. Ex. durante a sua esclarecida administração desta Provincia”. Estava concluido o longo e minucioso inventario dos livros e se ia fazer catalogo geral. A Maciel Monteiro dera Wanderley a commissão de comprar livros para a Bibliotheca Publica da Bahia (cartas de Maciel Monteiro a Wanderley, 29 de janeiro e 3 de abril de 1854).

V

Todos os sectores da cultura preocupavam aquelle administrador. Obedecendo á moda do tempo, julgava Wanderley o theatro uma maneira suave de educar e um expediente politico capaz de evitar maleficas excitações da plebe. Um dia dissera elle na camara que o theatro lyrico "abrandava os corações".

Não parou em restaurar ou terminar o Theatro S. João — providenciou directamente para que não faltassem a seu proscenio cantores e actores de fama. Si o maestro Antogini não cumpre um contracto firmado com a presidencia, convoca em palacio brasileiros e estrangeiros de bom gosto e posses e promove a fundação de uma associação emprezaria, com o capital de 50:000\$000 em acções de 200\$000 e 100\$000.

Schino, Marinho e Vianna ficam á frente da empreza a que o presidente ajuda e anima, diligenciando, com a collaboração de amigos na côrte, contractar artistas que alli representavam: a Zecchini, o Laboceta, o Gentili, o Tatti (1). Não tardou a bailarina Baderna,

(1) "Mandel communicar a Mme. Zecchini por intermedio de pessoa que a favor della me fallou, o delicado acolhimento que tivera na Bahia a sua proposta, não me esquecendo de accrescentar que o devia inteiramente attribuir á influencia do Exm.º Presidente. Direi de passagem que este meu additamento teve por base, não só a convicção da verdade, como ainda o proposito de facilitar a cultura de relações que provavelmente se hão de estabelecer, dado que se realisse, como presumo, o projecto da maviosa prima dona. Depende unicamente, segundo estou informado, da solução da directoria do Provisorio sobre o novo contracto que ultimamente mandou propor á dita artista, e que ella declarou que accetteria, admittidas certas modificações... Sinto que a Parca lhe levasse o tenor da companhia... Aqui temos actualmente o Laboceta, o Gentill, Tati (tenor e barytono) e Dordonl, vindo á pouco do Rio da Prata... O terceiro, Tati, tem tambem contracto ainda por catorze mezes. Mas apezar disto, a pedido meu, não duvida propôr á Directoria a recisão do seu contracto, se a Bahia lhe offerecer alguma vantagem. As condições com que elle deixa as praias de Nyctherol são: contracto por dois annos, mensalidade

que tanto successo acabara de alcançar no Rio, em vir maravilhar os bahianos.

O esforço de Wanderley para desenvolver o gosto esthetico na provincia casava-se a seus habitos de elegancia (1). Vexava-o o estado de quasi ruina a que chegara o velho palacio. Ia restaural-o, remobilial-o. Pedia verba e autorisação para alugar no arrabalde da Barra, uma casa para a residencia provisoria do presidente.

E' que queria bem cumprir uma outra obrigação de seu cargo.

Um presidente a beira-mar, num porto de escala obrigada como o da Bahia, tinha realmente uma função a mais — a de hospedeiro de viajantes illustres. Os vapores demoravam então alli longas horas. A apparelhagem de embarques e desembarques, tão rudimentar como os serviços chamados de estiva, agua e mantimentos, exigia estadias prolongadas. E o desconforto de bordo pedia aos passageiros commodidades de cama e mesa, em terra. A grande sociabilidade de Wanderley se expandia em deveres de polidez presidencial, albergando a politicos do norte, a amigos de Europa ou para a Europa, que lhe alegravam o palacio de solteirão.

Um dia era Picot — o francez-brasileiro, latinista, professor e jornalista, consultor particular de tantos grandes homens de seu tempo — nas expansões da intimidade a mais estreita.

de 600\$ um beneficio livre de despezas, passagem paga. Veja pois se isto convem ao empresario da Bahia... O que lhe peço, porem, é o maior segredo no negocio, porque Tati terá de soffrer se a directoria aqui tiver noticia dessas suas pretensões" (carta de J. P. Azevedo Peçanha a Wanderley, 14 de novembro de 1854).

(1) Ferrari no poema "Engenheta" descreve um baile official ao tempo de Wanderley presidente da Bahia.

Outra vez era o filho do presidente do conselho, Paraná, que iria no velho mundo fazer propaganda dos seus finos charutos de ponta dourada, tão bons que Maciel Monteiro, então ministro do Brasil em Lisbôa, pediu-lhe uma remessa para presentear ao rei D. Luiz, que muito os saboreara (1).

Já antes tinha sido esse mesmo Maciel Monteiro, galã requintado em finezas, que não tardaria em mandar noticias de diplomata novel e novel palaciano de uma côrte differente. Encantava o *dandy* pernambucano a convivencia de um rei sympathico. Mas quem lhe marcara a impressão mais forte, "indefinivel", fôra a imperatriz viuva D. Amelia de Leuchtemberg e Bragança: "nada ha no mundo capaz de abalar a sympathia e commandar o respeito que a associação que Nella se nota de tanta magestade, tanta virtude, tanto heroismo e tanto infortunio!" E juntava a essas informações mundanas a dos confrontos que o orgulhavam: "dir-lhe-hei, meu caro amigo, ao ouvido e para que aqui se não saiba, que os talentos Brasileiros em materia diplomatica e financeira estão mui acima das capacidades portuguezas" (Lisboa, 29 de janeiro de 1854).

Lá um dia, certo navio que passa pelo porto bahiano, não traz a Wanderley o sorriso de algum amigo, mas uma grande curiosidade que a compostura do cargo difficilmente refrêa: a de contemplar um dictador que singra para o exilio, e a belleza, tocada de legenda, de Manoelita Rosas.

(1) "Gostou muito El Rei de alguns charutos dessa provincia (ponta dourada) que o filho do Honorio aqui me trouxe e que fôra presente de V. Ex. e eu contando com a sua amizade abalancel-me a prometter-lhe algumas caixas. Compromissos taes reclamam prompto desempenho e por isso recorrô a V. Ex. para valer-me remettendo-me na proxima occasião a quantidade que lhe fôr possivel" (carta de Maciel Monteiro, 3 de abril de 1854).

Foi a 4 de maio de 1852 que o vapor inglez "Conflict" ancorou no porto da Bahia.

Nas vinte e quatro horas em que alli demorou os inglezes oppunham toda sorte de difficuldades á entrada a bordo, receiosos, talvez, de algum desacato de tantos curiosos ao tyranno que sempre estimulara o odio dos brasileiros (1). Dos saveiros que se approximavam via-se, na amurada o vulto gracioso de Manoelita, envolvida a cabeça num véo escarlate, mirando a cidade que lhe mostrava um official de bordo. Durante a viagem o seu espirito, o seu humour, que mal cedia, ás vezes, á tristeza e ao pranto, encantara passageiros e officialidade, e "captivara a quantos a viram", emquanto Rosas, a mão ainda em bandas de curativos do ferimento recebido quando fugia, com o torço agasalhado num collette encarnado, ora sucumbia, abatido, ante a desdita e a derrota, ora se exaltava com a esperanza de regresso, confiado no futuro, nas scisões entre os victoriosos, no complexo das ambições que deixava no Prata e não tardariam a se inflamar. Dois gaúchos, fortes, de amplos bigodes, chapéos de copa baixa e bameia larga, jaquetas de saragoça, colletes côr de sangue acompanhavam os amos decahidos ao exilio europeu.

(1) Dá testemunho dos recelos de Rosas de ser desacatado, agredido, e talvez morto no Brasil, esta passagem de um livro argentino: "El debate (no parlamento inglez) se prolongó acaloradamente y el primer ministro, duque de Northumberland, formuló la seguinte declaracion final: Que no se habia dado ordem a la escuadra estacionada en el Rio de la Plata de intervenir en favor de Rosas ni de honrarle; pero si que todos los almirantes británicos la tenian en general para salvar la vida en todos los casos como aquel en que se halló el general Rosas; que no pudiendo éste llegar a tiempo para tomar uno de los paquetes de la linea del Brasil a Inglaterra Y NO CONSIDERANDO SEGURA SU VIDA SI PERMANECIA ALGUN TIEMPO EN EL BRASIL, se le condujo en el "Conflict", y si en eso se hubiera obrado mal, él, en su caracter de primer ministro se constituia en responsable de todo ello". (Carlos Iburguren, "Juan Manoel Rosas", p. 360, Buneos Ayres, 1933).

A nota chromatica do grupo era esse vermelho de guerra. Manoelita, que aproveita a demora do navio para supprir-se de vestidos, tão desprovida estava, recusa as sedas que trouxessem as côres do partido de Urquiza.

Ella e o pae contemplaram de longe a Bahia que não se enfureceu contra o tyranno, antes lhe respeitou a adversidade. Não espoucou um foguete, não se ergueu uma aclamação acintosa, não silvou uma assoada (1).

VI

Ao deixar a presidencia da provincia para aceitar a pasta de ministro de estado, Wanderley poderia vangloriar-se de que, antes d'elle, a não serem Gonçalves Martins e o Conde dos Arcos, este ainda nos tempos coloniaes, nenhum outro administrador da Bahia tivera tão benefica acção, tanta actividade energica.

E quanto construiu, o conseguiu sem empenhar o credito do thesouro, sem tomar emprestimos, sem crear *deficits*, e diminuindo impostos (2).

(1) Em 1853 (31 de março) aporta á Bahia o Principe Duque Paulo Alexandre de Wurtemberg que se vae hospedar na casa do consul americano Guillner. Nas suas notas de viagem refere a visita que, mal desembarcado, lhe foi fazer o presidente "van der Ley" e a com que o distinguiu, no dia do seu embarque (2 de Maio de 1853) para o Rio de Janeiro, assim como os offercimentos desta autoridade.

(2) Wanderley propugnava alterações tributarias taes como a diminuição do imposto sobre gado de consumo. A falta de importação de charque tinha encarecido de tal sorte o gado que aquella taxa era insupportavel peso aos lavradores: "ou ha de abaixar-se a imposição sobre a carne verde, para augmentar-se o seu consumo ou pedir-se instantemente a assembléa geral que diminúa os direitos de importação sobre o charque estrangeiro, pois nada mais injusto do que sobrecarregar-se todas as industrias em favor de uma: seja esta

As arrecadações cresciam e davam saldos. A situação que descrevia nas suas fallas devia alegrar a seus successores: “o estado das finanças provinciaes em nada é desanimador, continuando a ser, como teem sido, administradas com zelo. Si ellas não nos permitem apprehender muitos melhoramentos de que necessitamos, chegam para fazer face a todos os encargos votados no orçamento e deixam-nos sobras que vão sendo applicadas a obras publicas”. A provincia nada devia. Seu credito estava intacto. “Cumpre, porém, que tenhamos muito tento com as despezas pessoases que são de ordinario a chaga de todos os orçamentos, porque não ha meio de arredar aquelles que uma vez ahi se aninharam”.

Emquanto governou a Bahia Wanderley não repousou — mas ainda assim muito lhe restou por fazer do que imaginara e projectara. Grandes eram seus designios.

A theoria das suas aspirações desenhava-lhe um panorama de realidades radiosas: — o sertão rico e povoado; o S. Francisco e seus afluentes regorgitantes de vapores a subir e descer, pejados, rapidos, fumegantes; as provincias de Minas, Goyaz, Piauhy, Pernambuco, dentro da bacia do grande rio, tributarias da estrada de ferro, a renderem preito e vassalagem á suzerania economica da Bahia, cujo porto voltaria a ser a capital da metade do Brasil.

protegida por outra forma, mas nunca privando-se do alimento diario aos nossos trabalhadores e classe pobre” (Fallas de 1855).

Isentou elle muitos productos do imposto de exportação; aboliu o imposto de miunças ou melo dizimo sobre muitos artigos, contribuição essa mais vexatoria do que rendosa. Bateu-se por impostos modicos sobre as industrias nascentes como a dos charutos, e aconselhava a abolição dos impostos que excitavam clamores e eram de difficil arrecadação e pequeno proveito, como o relativo ás cadeiras de arruar e carruagens particulares.

Estremecia de anciedade; não queria perder um só minuto. Saneava o interior da provincia do banditismo; reagia contra as luctas feudaes do sertão; defendia o porto da importação das epidemias; transformava e enfeitava a capital; cortava a provincia de estradas, multiplicava os navios; educava o povo; ensaiava a colonisação; diligenciava estancar a emigração dos braços da lavoura; adoptava na administração os ultimos progressos e descobertas; estimulava uma entrada economica pelo Jequitinhonha para integrar na sua provincia um pedaço de Minas e para a Bahia chamava as mercadorias de Sergipe e Alagôas.

Sonhava a grande Bahia...

E realisou uma grande administração...

VII

Durante a presidencia da Bahia a carreira politica de Wanderley perigou em dois graves incidentes.

De um pode elle sahir, atravez enormes riscos pessoases, com a reputação firmada de homem corajoso e de autoridade energica — o episodio do panno de bocca do Theatro S. João. No outro — um desigual duelo epistolar com Paraná — evidenciaria a sua arte de se portar com altivez sem chegar aos extremos do rompimento, aplacando os furores de um chefe assomado com as expressões da reacção e da magua de agredido, de mistura com a demonstração logica da sem razão de seu aspero censor.

Havia jornaes bahianos dedicados, em todas as columnas, a um unico assumpto — o ataque geral e pes-

soal ao portuguez, o ridiculo contra o *maroto*, o artigo candente, a denuncia maliciosa, o verso ironico ou aggressivo, as incitações ao desforço pessoal.

Ainda era uma aspiração a nacionalisação do commercio a retalho, objectivo facil de ser comprehendido pela populaça e de interessar-lhe a ambição, o despeito contra a riqueza, a irritação contra o "ladrão da venda" com quem os elementos pobres da sociedade entravam em relações todas as manhãs no mercado.

Por aquelle tempo e pelòs annos além, as festas de 2 de julho seriam para os administradores e chefes de policia crises pejudadas de perigos e, não raro, os enthusiasmos populares acabavam em desacatos aos "pés de chumbo" e em arrombamentos, apedrejamentos, espancamentos e linchamentos.

E tudo — a menor apparencia, era motivo para explosões de irritado nativismo.

Tal estado de espirito do povo daria alento a certa exploração de elementos pouco sympathicos aos presidente da provincia.

Tinha Wanderley restaurado, ou melhor, terminado a construcção do Theatro S. João. Puzera em concorrência a pintura de scenarios e pannos de bocca e se ausentara para a sessão legislativa. Quando voltou a reassumir a presidencia, quasi ás vespervas do espectáculo inaugural pela companhia lyrica que mandara contractar na Italia, com o tenor Antogini, veio encontrar sérios prenuncios de um grande conflicto. Elle mesmo os narra em carta (22 de setembro de 1854) ao presidente do conselho, o Visconde de Paraná: "a 18 do corrente aqui cheguei e a 19 reassumi a administração da Provincia, que encontrei em paz. Estava, porém na *ordem do dia* uma questão de hyssope, que tenho acanhamento de expôr a V. Ex., porque dar-lheha muito má idéa do estado de civilisação da minha

terra". Na forma do edital de concorrência, um dos pannos de bocca devia representar scena da historia do Brasil. O artista pintara o desembarque de Thomé de Souza, recebido por Caramurú á frente dos indios, que depondo os arcos, se prostavam admirados. Surgiram explorações dos "patriotas" que não perdem nunca a esperança de promover desordens, especulando com a ignorancia de uns em prejuizo de outros. Escrevem e proclamão que a scena é um insulto á nacionalidade, porque estão os Brasileiros (Tupinambás) curvados ante os portuguezes; que foi muito de proposito escolhida para indicar ao povo o plano de absolutismo que o Governo quer proclamar; por conseguinte, tem-se dado *rendez-vous* no theatro para promoverem uma assuada, e, segundo as suas proporções, rasgarem o panno, queimal-o, etc. Custou-me muito acreditar — escrevia ainda Wanderley a Paraná — em semelhante parto de loucura, mas não posso duvidar de que explore-se essa mina! Se a minha perspicacia tivesse chegado para prever isto teria mandado o Thomé de Souza para a sepultura em que descança a trezentos annos; mas na vespera da abertura do theatro, retirar o panno é a meu vêr crear difficuldades futuras, porque hoje não querem aquella scena, amanhã quererão deitar abaixo os monumentos que ainda conservam os nomes dos reis portuguezes, e depois apparecerá outro motivo, como succedeu com a revolução de 7 de Novembro de 37 que, principiando pela demolição do Pelourinho, foi seguida esta pela vandálica destruição do cemiterio e desfechou com a presidencia do ... (?) e predominio do Sabino. Tenciono pois experimentar a ousadia desses meus senhores; e depois de mostrar-lhes que os não temo — arredarei esse pé de cantiga. Fazel-o desde já seria fraqueza, e a fraqueza nos governantes é a sua morte certa.

“Espero que V. Ex. depois de rir-se, dir-me-ha se obrei bem ou mal, na certeza de que o negocio vae se tornando mais serio do que eu pensava. A acção da imprensa na Provincia tem produzido pessimos effeitos: as folhas anarchicas da Côrte e daqui são muito lidas, e não ha para se lhes oppôr senão grande indiferença! Este estado de cousas merece a attenção do Governo, porquanto tambem em politica — o principiis obsta — é do homem prudente”.

No dia seguinte (23 de setembro de 1854) occorria o incidente.

A curiosidade de uma estreia e da inauguração do theatro renovado foram maiores que o temor do anunciado motim; e o theatro se encheu, tanto de ouvintes avidos das harmonias e vozes, como dos que alli tinham ido dispostos ao tumulto.

Um certo mal estar, uns receios inquietos, dominavam os espectadores.

A espaços, pelos corredores e pela platéa, viam-se agentes da policia que, si promettiam manter a ordem, estavam como que confirmando a noticia de haver quem tentasse turbal-a.

Fechando de alto a baixo o palco, cahia estirado, ás vezes suavemente deslocado por algum arfar da brisa que vinha dos bastidores, o panno de bocca, com seus tulinambás reverentes, e um Thomé de Souza rubicundo, com pelote e tafetás.

Todos ou quasi todos hesitam e temem, mas o silencio da sala não se altera: Cada qual relanceia o olhar ao camarote do fundo, onde se sentam o presidente e seu chefe de policia. Nisso a orchestra rompe a *ouverture*; o panno sobe suavemente; começa o espectáculo sem o menor incidente.

Volta a tranquillidade; passara o perigo. Todas as phisionomias transluzem desafogo. Nos entreactos

não desce o panno malsinado, e já ninguém pensa nos conflictos annunciados. Uns dizem que o governo capitulara; outros louvam a prudencia do governo. E, pelos corredores, no terraço lateral que bota para o mar, no salão que dá sobre o varandim e mira a barra, a palestra se expande em commentarios, e não falta assumpto aos namorados.

Chega, porém, o espectáculo ao seu final. As damas cobrem-se de seus chales, os hombros decotados se agasalham em mantos leves, estalam, pulando e crescendo, os chapéos de pasta dos cavalheiros, nos aprestos da sahida. Nisto, da platéa, brada uma voz — “panno á scena!” E’ o capitão João José Alves (1), exaltado brigão, capaz de toda violencia, que assim lança o pregão do motim de que se fazia arauto.

Apressa-se toda a gente em meio panico, emquanto os que promoviam a desordem são contidos, no recinto illuminado, pela presença da força. Do seu camarote Wanderley, o chefe de policia Innocencio Góes e sua pequena côrte, assistem e esperam. Retira-se Alves. Descem as ultimas familias; saem os ultimos espectadores; partem raras séges; afastam-se, ginguando aos hombros de lacaios fardados, as numerosas ca-deirinhas.

E’ quando pisa a calçada, sob os arcos do vestibulo, Wanderley e sua comitiva. Rebôa, então, a assuada, silva um começo de vaia, bradam protestos, como os de Alves “abaixo o panno”, e cahem, em direcção ao theatro, vestibulo e salão, algumas pedras. Uma destas alcança um moço que palestrava com o major

(1) João José Alves era desabusado e dado a scenas violentas. Quando da epidemia da cholera-morbus, prestando soccorros no enterramento de cadaveres, estadeia seu destemor. Por occasião de um prestito de 2 de Julho desacata ao presidente Tiberio. Na eleição de 1856 (primeira eleição por circulos) arrebatava a urna do collegio da Sé e inutilisa os papeis, annullando o pleito. E’ preso e processado.

Argolo, commandante do corpo de policia (1) que logo ordena dissolver-se o grupo; uma outra fêre no rosto um soldado da guarda estacionada á entrada.

Corre sangue; e correm os militares carregando sobre os apupadores e apedrejadores que se dispersam fugindo, escapando por entre as familias que se retiram apressadas e espavoridas. Alguns cahem presos.

Wanderley, que estacara, espera o fim do tumulto. Busca, depois, o palacio. Vendera uma crise séria que lhe poderia ter sido fatal.

Acabada a refrega considerava que bem fizera em não evitar o conflicto e em affrontar os amotinadores. Se cedesse estaria perdido. A autoridade recuando, era como se tivesse sido supplantada. Demagôgos, luzophobos, desordeiros, junto a militares indisciplinados (2),

(1) Era commandante da policia o heroico futuro Visconde de Itaparica. Wanderley tinha faro em escolher seus auxiliares. Bellegarde, ministro da guerra, recusara-lhe, a principio, esse official, por uma razão muito honrosa; á sua fé de officio: "He-me impossivel poder concordar com esta mudança por ser o major Argollo um dos officiaes de Artilharia que mais prestimo tem, e esta arma necessita muito de instrucção. Veja, pois, V. Ex., algum outro official de que se possa dispôr que com o maior gosto darel" (carta a Wanderley, 26 de novembro de 1853). Wanderley insiste e afinal Bellegarde concede, mas com clúmes e condições: "Tenho o gosto de mandar agora as ordens para que o major Argolo tome conta do Commando do Corpo de Policia sob a Presidencia de V. Ex. Devo, porem, prevenir a V. Ex. que pelas razões que tive a honra de prevenir a V. Ex. na minha passada carta, quando necessite do mesmo major terei de fazel-o retirar; mas conto que isto não acontecerá antes de anno" (carta a Wanderley, 21 de dezembro de 1853).

A narrativa do incidente é calcada nas communicações officiaes existentes no archivo nacional e em communicados publicados nos jornaes da occasião. José Alvares do Amaral em seu Resumo Chronologico (Rev. Inst. Hist. da Bahia, Vol. 47, pag. 455) conta o episodio como se o motim occorresse dentro do theatro.

(2) O momento era anarchico. Os militares soffriam então de accessos intermittentes de salvação nacional e facciosismo politico. A disciplina se affrouxava até nos soldados, apezar do regimen da chibata. Os perigos por esse lado não eram de ser desprezados. Os administradores haviam de estar attentos. Wanderley recebia amígdadas cartas do ministro da guerra pedindo informações sobre actos de indisciplina, sobre a força moral dos commandantes das tropas, sobre incidentes de quartel. Em 23 de novembro de 1852 Manoel Fellzardo escrevia: "Existindo ahi alguns officiaes patriotas, e que são prejudiciaes á segurança publica, peço a V. Ex. tenha a bondade de mandar-me em particular ou d'officio, conforme melhor julgar, os

estimulados pela primeira e incruenta victoria, cresceriam em imposições e desrespeitos. Demais, era do gosto de Wanderley desafiar, lutar, resistir. Até então nunca pelejára senão para vencer. O habito do triumpho fazia de cada escaramuça a previsão de um exito, e nada é mais caro a um homem de energia e acção, que abater uma difficuldade.

Uma vez demonstrado que não temia, fez Wanderley recolher o panno que nunca mais appareceu em scena. E o publico continuou a gozar das novas e cultas diversões que lhe offerencia o galante presidente.

Não se sahiria menos bem do bate-barbas com o presidente do conselho.

O estylo epistolar de Paraná governante, ao dirigir-se a amigos e delegados de sua confiança, era o do mando crú e da franqueza rispida. A Caxias no Rio Grande, em 1844, endereçava censuras que roçavam ao insulto. A um desse "sermões" respondia, certa vez, o pacificador do Rio Grande, para se defender da accusação de "falta de lealdade".

nomes delles para os retirar da Bahia". Dizia-se que officiaes do segundo batalhão de artilharia, aquartelado na capital bahiana sympathisavam ou eram solidarios com os amotinadores do theatro. Conforme as circumstancias o conflicto popular transformar-se-lia num pronunciamento da tropa. Wanderley teve disso denuncia assim como de que havia quem tentasse romper o seu retrato posto pelo commercio na Associação Commercial. O que ha de certo é que escrevia a 5 de outubro ao presidente do conselho; "julgo muito conveniente que reservadamente o sr. ministro da guerra tome suas providencias para trocar o segundo batalhão de artilharia por outro de mais confiança; mas que as cousas sejam dispostas de modo que somente se conheça a ordem de remoção, quando aqui aportar o batalhão que deve substituir o 2.º. O coronel é honrado; porem é fraco e metteu-se-lhe na cabeça abolir os castigos corporaes! A comparação com o que se passa em outros corpos é odiosa e offende a disciplina. Tomem-se a tempo as cautelas precisas, para não haver depois tardio arrependimento... Esta é a opinião do commandante das armas com quem tenho conferenciado". Nessa carta refere-se Wanderley ao recolhimento á córte de um official reformado, "doudo, capaz de tudo e que está sendo impellido a desatinos por homens que me desajam até arrancar a vida".

Era caustico. Feijó quasi a morrer, gemendo com os sinapismos que lhe applicavam os medicos, pedia que o livrassem dos "Honorios" (1).

Mas a rudeza a mais grosseira é muitas vezes relevada se é expansão de um temperamento rustico e não maligno proposito de ferir e offender. Ainda insistente na replica, na treplica, alongando o debate para ter, não só a razão, mas tambem a ultima palavra, Paraná achava meios de lançar anesthesicos ás chagas que sarjava com a sua impetuosidade, com as demasias em que tão facilmente ardia a sua descomposta ira.

Quem bem conhecesse o presidente do conselho jamais por defastio lhe provocaria a ferocidade da polemica e a censura selvagem, pois, uma vez esporeada, não havia ter redea á sua colera.

Uma indiscreção de Nabuco ia levar Wanderley a um debate epistolar, em que houve de dosar amor proprio e ponderação, energia e calma, para não ir até um formal rompimento.

Mal chegado á Bahia, a reassumir a presidencia da provincia, já sob o novo ministerio da conciliação, escreveu Wanderley a Paraná sobre desdobramento das varas da justiça na comarca de Cachoeira, e sobre candidatos que tinha e recommendava. Presumia que Paraná tivesse sido instado para dar um juizado na Cachoeira a um filho de Monserrate, e pedia por isso que o deixassem dispôr as cousas de modo a attender a todas as conveniencias, dando um outro termo ao bacharel Ricardo Pinheiro de Vasconcellos (2). Era na-

(1) Carta de Caxias a Osorio, publicada por Vilhena de Moraes no *Jornal do Brasil* de 7 de maio de 1930.

(2) Já antes da retirada do gabinete Itaborahy, antes da constituição do ministerio da conciliação, Wanderley recebia de Monserrate carta datada de 7 de agosto de 1853, em que fazia este pedido: "Como sou informado que talvez haja despachos de magistratura, depois do

tural que isso desejasse e solicitasse. O gabinete anterior o consultava sobre nomeações na magistratura na provincia (1).

Paraná, que de facto queria servir a Monserrate, a quem devia obsequios politicos, respondeu pondo logo a questão no terreno das prerogativas do ministerio e dos presidentes de provincia. Deduzira das palavras de Wanderley que este tinha mais benevolencia para com outros candidatos e receiava que, attendido Pinheiro de Vasconcellos de preferencia aos outros, perdesse em força moral "talvez porque assim se notará que o ministerio tambem tem seus afilhados". Parecia-lhe infundado o receio. As nomeações de juizes sem proposta ou assentimento do presidente da provincia não diminuiam a força moral deste. "O que o presidente pode razoavelmente desejar e exigir mesmo, é que se não nomeie pessoas hostis" e o bacharel Ricardo não lh'o era. "O ministerio verá na maior parte dos casos pelos olhos de V. Ex., porém não quer nem deseja abdicar por tal sorte a sua autoridade que não possa em certos casos decidir-se pelas suas convicções". (2).

Replicou Wanderley justificando a sua pretensão. Não queria que o governo só visse pelos olhos do presidente da Bahia, porém, "não podendo o governo ter

Incerramento das camaras, e que, a respeito dos da Bahia, V. Ex. deverá ser ouvido, vou rogar-lhe o favor de influir para que meu filho Ricardo Pinheiro de Vasconcellos (no caso de que V. Ex. o ache com a necessaria aptidão) seja um dos contemplados para um dos logares desta Cidade ou da Villa de S. Francisco, ou qualquer outra..."

(1) "A nomeação do juiz municipal da villa do Conde para Ilheos teve lugar porque o Sr. Martins assim entendêo conveniente e eu ignorava que V. Ex. já tivesse nomeado outro bacharel para este ultimo lugar. Reconheço que ha inconveniente em apparecerem essas nomeações encontradas, acho razão nas observações que V. Ex. fez, e asseguro-lhe que d'agora em diante esperarei suas nomeações para as confirmar" (Carta de Souza Ramos, ministro da justiça, a Wanderley, presidente da Bahia, 26 de outubro de 1852).

(2) Carta de Paraná a Wanderley, 11 de outubro de 1853.

certas convicções senão por informações, deveria a seu ver, preferir as do seu delegado, se tinha nelle confiança, condição sem a qual não concebia que alguém quizesse carregar com a cruz de uma presidencia". Paraná treplica, destacando esta phrase para notar a "nimia sensibilidade" de Wanderley e demonstrar, com exemplos de suas presidencias no Rio de Janeiro e Pernambuco, que as nomeações de magistrados á revelia dos presidentes de provincia não enfraqueciam o prestigio destes. Não tinha razão o presidente da Bahia quando se mostrava "evidentemente chocado em seu melindre" com o que lhe dissera na primeira carta. E, crescendo o diapasão: "sem duvida eu admitto que certas presidencias sejam cruz difficil de carregar, porém V. Ex. ha de certamente admittir que o ministerio é cruz pesada, e tão pesada que V. Ex. não quiz trocal-a pela que carrega! E pensa V. Ex. ou concebe, que alguém queira carregar com a cruz de uma Presidencia do Conselho quando os chamados Delegados do Ministerio pareçam querer tirar-lhe a liberdade de acção de tal sorte?... Concebe V. Ex, que pudesse haver dignidade na minha posição se me fosse necessario dar satisfação por motivos semelhantes a todos os Presidentes de Provincia? Julga V. Ex, que eu vim ha pouco da Turquia, e que por isso não possa ter certas convicções a respeito dos negocios do Brasil ou do pessoal com que se pode contar para os empregos, sem em todos os casos pedir e receber informações? E pensa que as informações são ordens?"

A expansão de Paraná era desabrida; era um ataque azêdo e fundo. Ia até á suspeita de pouca firmeza ou apoio tergiversante em seu delegado na Bahia: "meu caro Snr. Wanderley, com franqueza lhe digo que não sei concordar sua carta e suas opiniões com o franco

apoio que me prometteu. Eu contei com esse apoio porque me foi formalmente promettido nos termos os mais efficazes e significativos". Conhecia Wanderley o programma do ministerio, o acceitara, mas escrevia Paraná — parecia "arrependido das promessas que fez, se não procura pretextos para formular queixas que expliquem um comportamento futuro, se não prepara divergencias, então, meu amigo, não sei interpretar uma carta que me dirigio em 20 de outubro e nem aquella que dirigio ao Nabuco na mesma data".

Ha tão pouca logica, é tão pouco consequente a aspereza irritada de Paraná contra a ponderação e o melindre de Wanderley que bem se adivinha outra scentelha para tal explosão de amor proprio. Nabuco é que accendera o estopin, mostrando a Paraná uma carta, que Wanderley não escrevera para ser presente ao presidente do conselho, expansão de intimidade de collega que a indiscreção do ministro da justiça transformara numa especie de provocação ao chefe do gabinete, já de si ouriçado em zelos de autoridade.

Dissera Wanderley a Nabuco, fallando daquella nomeação de Ricardo Vasconcellos: "façam porém V. V. Excias, o que entenderem, porque o governo por *obra do Espirito Santo* sabe mais do que quem está *vendo e apalpando*. O que digo é que não estou prompto para servir de *pau de cabelleira* e que ou tenho ou não tenho confiança do governo. Parece-me que V. V. Excias. andam *procurando bulha* com todos? Snr. Nabuco, cuidado! Nem com tanta sêde ao póte".

E' de imaginar a colera de que se possuiu Paraná lendo esse topico, quiçá maliciosamente posto por Nabuco sob seus olhos. A irritação, os ataques que dirigiu ao presidente da Bahia tinham essa justificativa; no seu habito de destacar trechos para os commentar, encon-

trava agora o presidente do conselho, para os glosar, motes que obrigavam Wanderley a explicações (1).

Lança-se então ao seu delegado na Bahia em verdadeira furia. Recrimina; esmiuça; faz questão de cada expressão; não esquece sequer os gryphos e sublinhados; anatomisa as locuções para interpretal-as e repetil-as, uma por uma. Quem quizesse um testemunho do espirito de rusga e de autoritarismo de Paraná não teria melhor que nessa carta de 31 de outubro de 1853: "V. Ex. não deve extranhar que eu visse esta carta e mesmo copiasse o trecho acima; porquanto sendo ella toda politica, e versando o dito trecho sobre negocio em que tive a iniciativa, naturalmente o seu contexto não podia, vista a lealdade do Snr. Nabuco, ficar por mim ignorado. Assim tambem não deve V. Ex. extranhar que eu diga alguma cousa a proposito de semelhante trecho, a que dei causa.

"Não duvidarei admittir que seja por obra e graça do *Espirito Santo* que o governo saiba mais do *que quem está vendo e apalpando*, e não duvidarei sublinhar essas palavras, como V. Ex. o fez; porém espero que me conceda, que tambem é por obra do *Espirito Santo* que o Presidente dessa Provincia sabe mais que que os delegados e juizes municipaes em seus termos, e os juizes de direito em suas comarcas; apesar de que estes possam *ver e apalpar* de mais perto os negocios de seus municipios e comarcas. Tambem espero que me conceda que seja igualmente por obra do *Espirito Santo* que o Presidente da Bahia é reputado

(1) O procedimento de Nabuco era quasi inexplicavel. Fraca era a desculpa que allegava: "Estás muito prevenido com teu Primo: dou-te fiança de que mostrel a carta ao Visconde de Paraná não para indispôr-te, senão para fazer conhecer teu pensamento que he de grande peso ao menos para mim; e certo o dito Visconde he muito teu amigo e dá mostras de que vales muito para elle. Deixemo-nos destas cousas". (Carta de Nabuco a Wanderley, 26 de novembro de 1853).

ver e apalpar melhor os negocios de sua provincia do que muitos outros deputados d'ella, que recommendão e abonão para certos empregos candidatos que o presidente não recommenda nem abona. . . Espero ainda que V. Ex. me conceda estabelecer que é doutrina velha, e não nova, aquella que admite a sciencia dos governos como superior a de seus delegados, e que para admittir essa sciencia não é necessario invocar o Espirito Santo, basta que se invoque o senso commun. Fico certo de que V. Ex., não está prompto a servir de *páu de cabelleira*; mas devo declarar, que se eu supporto as cabelleiras que se me deitão com geito e bom modo, não tenho disposição alguma para augmentar aquellas que se me quer impôr de viva força, e de alguma sorte procurando ameaçar-me ou assustar-me. Discutamos com franqueza e liberdade este negocio de *pau de cabelleira*. E' o governo imperial que quer fazer ao Presidente da Bahia *páu de cabelleira*, ou o Presidente da Bahia que quer fazer o ministerio seu *páu de cabelleira*. . .”

A certo trecho como que se suspende o furor de Paraná, ha uma pausa de armisticio, mas logo refferve a gana dominadora: “não receio o juizo dos imparciaes e nem mesmo o de V. Ex. quando estiver mais acalmado e como não quero senão falar a verdade a meus amigos, em cujo meio considero ainda o Sr. Wanderley, apezar das suas tiradas aggressivas. . .”

Não deixa sem resposta uma só palavra: “V. Ex. diz que lhe parece que nós andamos procurando bulhas com todos, e portanto como represalia ao menos deve permittir que lhe diga que parece ser V. Ex. quem quer procurar aquellas comnosco”.

Dizia bem: — represalia. Seus argumentos são revides; suas respostas são desforras. Para que estas sejam mais fortes, interpreta as expressões de Wan-

derley como um ataque formal ao ministerio: "V. Ex. não condemna o ministerio sómente pela nomeação do Pinheiro de Vasconcellos mas por outras razões; e bom seria que V. Ex. fosse mais explicito e franco para nos dizer em que pontos temos divergido dos principios do programma que apresentamos e que eu reputo como um quasi contracto feito com aquelles que prestarão sua adhesão ao ministerio. Posso asseverar a V. Ex. que nem eu nem o Sr. Nabuco, nem nenhum membro do ministerio *tem acodido ao póte com grande sêde*. . . Na Bahia, por exemplo, o Sr. Nabuco e o Sr. Pedreira teem homologado quasi todas as propostas e mesmo pedidos particulares do respectivo presidente; talvez que a V. Ex. se pudesse com mais razão arguir por sêde, quando põe o dilema — Tenho *ou não tenho a confiança do governo?* E porque? Porque um juiz de orphãos se pretendia nomear sem a indicação do Sr. Wanderley! . . . Tenho concluido".

Era uma fuzilaria, diríamos melhor uma rajada de metralhadoras. A leitura dessa carta tontearia o mais calmo dos homens. Pedia rompimento. Essa consequencia acudio a Paraná quando a relêo e, antes de assignal-a, cahio na conta que fôra excessivo.

Não queria separar-se de Wanderley, mas sim impôr-se a seu delegado, prohibir em começo as expansões do presidente da Bahia e firmar as prerogativas, o dominio, do ministerio sobre seus auxiliares. Não queria perder um da ordem de Wanderley. Por isso já finda a carta, aspergio-a de um pouco de balsamo, a que não deixou, todavia, de juntar novas gottas corrosivas: "espero que V. Ex. ao finalisar a leitura desta carta, fique persuadido de que tudo quanto lhe digo é sem a menor intenção de chocar o seu melindre, mas simplesmente como uma queixa franca de um amigo que lhe pede que não se esqueça nem de si, nem do mi-

nisterio; que só procura justificar-se e remover a divergencia que V. Ex, parece querer estabelecer, exaggerando a confiança de um modo, que nem um outro presidente exige, e que em principio não admittirei em caso nenhum, ainda que fosse preciso renunciar o cargo de presidente do conselho; o que estou longe de admittir, porque ainda quero crêr que não é seriamente que V. Ex nos diz cousas tão desagradaveis". (1).

(1) Na Bahia, o presidente Tiberio, que alli substituiu Wanderley, recebeu de Paraná tão aere censura a respeito de providencias sobre a epidemia da cholera, que escrevia: "se com a recepção de uma carta que tive do Sr. Paraná não entreguel logo a presidencia ao Madureira é porque não quiz ter de que accusar-me para contigo que aqui me puzeste e a cuja amizade devo uma dedicacão como só uma tive" (carta a Wanderley, 4 de outubro de 1855); "ainda hoje, João, confesso-te que me amarga a bocca quando me lembro da carta em que o Sr. Paraná..." (carta a Wanderley, 12 de outubro de 1855). Em Pernambuco Paraná tratava com o mesmo rigôr a José Bento (Visconde do Bom Conselho), a respeito do trafico. Em 14 de janeiro de 1856 escreveu José Bento: "o Sr. Paraná diminuiu-me a força moral com a sua sarabanda que tem servido de thema aos meus inimigos" (carta a Wanderley). Francisco Mariani não deixou a presidencia de Goyaz, da qual pedira demissão, sem receber uma carta de aspera censura de Paraná (4 de março de 1854).

O diapasão da linguagem de Paraná para com seus delegados resôa nitido nestas cartas de Caxias a elle dirigidas, publicadas por Vilhena de Moraes: "permitta V. Ex. que eu principie antes de me defender da accusação que me faz de falta de lealdade, a me quelxar de sua injustiça. Parece Incrível, meu amigo, que V. Ex. que me conhece de perto desde 1831, e que me vio servir desde essa epoca, sempre pelo caminho da honra e da lealdade, se lembrasse por um momento que eu seria capaz de, não sei porque, deixar de cumprir meus deveres, apresentando todos os papéis achados nas canastras do Neto que pudessem dar alguma luz sobre as machinações dos revolucionarios no Brasil! Por acaso já V. Ex. se esqueceo que fui eu quem bati os partidos exaltados e o Caramurú, nessa Côrte, que prendi o Feijó em S. Paulo, Ottoni, José Pedro Ferreira, em Minas, e Tobias mesmo já nesta provincia... pois quem não temeu comprometter-se com semelhante gente, quando o governo estava vacillante e mesmo não se sabia com certeza qual seria o desfecho das desordens que appareçião nas provincias em côres tão negras, temeria depois da ordem estabelecida em quasi todo o Brasil e cheio de favores dados pelo governo do Imperador, comprometter-se com dois ou tres senadores de menor importancia qualquer delles que os acima citados! Não é possivel, meu amigo, V. Ex. sem o pensar me fez uma offensa que muito me tem magoado" (Carta de Caxias a Paraná, Jaguary, 8 de fevereiro de 1844).

"Quando appellidei as cartas de V. Ex. de sermões, não quiz com isso dizer que ellas me desgostavam, expliquei-me talvez mal e usel de uma phrase um pouco rastelra, porem eu quiz com isso fazer

Com que surpresa, magoa, impaciencia iracunda de amor proprio affectado não recebeo Wanderley essa tremenda carta? Teria impetos de responder-a abandonando a presidencia da provincia. Entretanto conhecia o genio de Paraná e bem via que a sua acrimoniosa excitação, provocada pela indiscreção de Nabuco, tinha algum fundamento. Faltaria ao demais, ao rompimento (e o politico tinha que pensar nisso), dramaticidade que interessasse ao publico; seria um assomo digno mas numa disputa meúda, de bastidores. E o encantavam tanto as esperanças na Bahia... Era tão do geito de Paraná, contra todos, aquella aspereza, — antes maneira rude de expressão que proposito de magoar... Demais, não fôra o proprio Paraná quem lançara pontes, com phrases concilian-tes?

Conteve os impetos da reacção e acudiu numa resposta que tivesse tanto de altivez quanto de tacto; que justificasse com energia, embora não aggravasse o incidente e a separação. Mas, para que Paraná não se persuadisse de que se agarrava ao posto, á custa do brio, disse logo que se aprestava a renuncial-o: "Tenho presente a carta de V. Ex. com data de 31 do passado e da primeira leitura que della fiz resultou-me tão penivel impressão, que assentei ser melhor cortar uma discussão, de que não colheremos nenhuma utilidade. Não porque eu não tenha razões para contestar algumas das asserções de V. Ex., mas porque o tom de azedume que ressumbrava na primeira carta de V. Ex augmenta-se

saber a V. Ex. que a tinha lido com devoção, e, creia V. Ex, mesmo que uma ou outra vez me extranhasse algum procedimento meu, eu longe de scandalisar, me confesso muito agradecido, tomando tudo quanto V. Ex. me diz, como prova de amizade. Dispense V. Ex. por quem é, a rudeza de um pobre soldado e não tome a expressão de que usei senão como prova de franqueza, dizendo talvez mais do que devia". (carta de Caxias a Paraná).

nesta, e torna-me de alguma forma *coacto*, principalmente quando V. Ex. já parece enxergar nas minhas palavras pretextos para um rompimento, em que nunca pensei, ou arrependimento que nunca tive, da promessa que espontaneamente fiz a V. Ex., como uma fraca retribuição da consideração que lhe mereci, e de que não me esquecerei. Conheço perfeitamente quaes os meus deveres para com o ministerio, e crendo merecer-lhe confiança julgo-me com algum direito de dizer-lhe francamente a minha opinião, sem que ella seja interpretada de modo que não se conforme com a lealdade que sei guardar. Quando não me agradasse o complexo da marcha do ministerio sei bem o que me cumpria fazer, e o faria com a dignidade que se deve observar entre amigos, e não prorompendo em loucas ameaças, como V. Ex. parece enxergar no trecho da carta ao Nabuco. E ameaçar a quem e porque, Snr. Visconde? Não me supponha por quem é tão faltoso de sizo! Para mostrar que V. Ex. leu-me com prevenção explicar-lhe-ei esse trecho, que tanto estomagou a V. Ex., apesar de que elle *não fosse escripto para ser communicado a ninguem*, e que dirigido a um ministro encerrava em si a resposta a qualquer occulta intenção, que alguém quizesse nelle descobrir. *Nem com tanta sêde ao pote, Snr. Nabuco, sentido!* O tom de gracejo, que eu empregava, o desalinho com que escrevia deverião arredar a suspeita dessa supposta ameaça, principalmente fallando ao Snr. Nabuco, com quem antes de minha partida do Rio eu havia conversado sobre as desconfianças, que eu via irem produzindo certos actos de reparação para com os adversarios do Ministerio transacto. Então observava eu que não era a natureza de taes actos em si, que eu suppunha — dava causa a essas desconfianças, e sim a pressa com que erão feitos. Eis ao que se referia o — *nem*

com tanta sêde ao póte — sentido! — porque eu estava notando, que muitos antigos opposicionistas, ao passo que recebem favores do Governo, conservam-se numa certa reserva — *sem se comprometterem*, ganhando posições e deixando ao corpo do partido a que pertencem a crença de que o Ministerio chegava-se para elles, e não elles para o Ministerio (1). Amigo muito desinteressado da politica que tantos beneficios tem feito ao paiz, e particularmente dos membros de gabinete, com que militei contra nossos partidarios descontentes, corria-me a obrigação de dizer-lhes — sentido! Estaria em erro nos meus temores; mas nunca o piloto censurou o marinheiro que na hora do quarto lhe dá annuncio da mais pequena cerração que apparece no horizonte... A que fica pois reduzida a interpretação de V. Ex.! Será a minha explicação uma banal desculpa? Não farei a V. Ex. a injustiça de attribuir-lhe semelhante pensamento, que me seria injurioso além de imerecido. Appello para o futuro, se eu persistir nesta vida de que vivo mui aborrecido, e desgostoso, porque tem-se-me arrefecido aquelle enthusiasmo natural em um *principiante*. Creia-me, Snr. Visconde, que uma das provas que lhe posso dar, de que sou lembrado e agradecido, é continuar *por algum tempo* na posição em que estou. Dir-lhe hei mesmo que tal é a força dos compromissos que contrahi, que V. Ex. pode abusar de qualquer vantagem que tenha sobre mim, sem que o publico reconheça differença no meu modo de proceder; mas tão bem consentirá, que eu avalie até que ponto poderei ser de alguma utilidade á Provincia que

(1) Em carta a Penedo, datada de 20 de outubro de 1853, alludia Wanderley a essa "tanta sêde ao póte". Escrevia elle: "Vão apparecendo suas desconfianças do nosso lado por causa de certas nomeações; mas ahí não enxergo outro mal, sinão emporcalhar quem as recebe, pois que conciliação de barriga não a entendo. Emfim estás fóra desta podriqueira (na phrase do Pacca) e não te queixes".

administro (1) — sem merecimento — e que falle ao governo com accento de verdade, de quem deseja vel-o acertar e adquirir novos titulos á gratidão publica. Assim comprehendendo os deveres de alliado e delegado do mesmo governo. Facil me seria responder aos argumentos de V. Ex. sobre a theoria da confiança, que entendemos por diverso modo e mostrar que os exemplos que V. Ex. cita vêm em meu apoio; mas já disse que não desejo proseguir nesta discussão, e tenho-me alongado demais. Reservemo-nos para na applicação vermos quem está enganado. O melhor meio de nunca apparecerem desconfianças, é sermos francos e partirmos do principio, de que em tudo procedemos de boa fé sem pensamento occulto e só com vistas no maior bem da *terra que nos vio nascer*" (2).

Para outro estaria encerrado o incidente, mas Paraná queria e havia ficar com a ultima palavra. Ia analysar a nova carta de Wanderley; separar-lhe as phrases; contar-lhe as folhas. E se agora busca sobretudo justificar-se e chamar a si o alliado que se magoara, ainda recrimina.

Não tivera o menor azedume na sua primeira carta, escrevia Paraná. Si Wanderley insistisse em assim julgar, appellaria para o juizo de algum amigo comum desprevenido e desapaixonado. Aceita a explicação mas de má vontade: "é possivel que V. Ex., escrevendo as phrases que notei na carta que dirigio ao Sr. Nabuco tivesse a intenção que agora manifesta; mas se algum dia quizer relêr a dita carta (que conser-

(1) Da resolução em que estava Wanderley de dentro de pouco tempo deixar a presidencia da Bahia, dá testemunho este trecho de carta escripta a Penedo com data de 20 de outubro de 1853: "No ultimo do passado cheguei do Rio, e continuo no meu trabalho presidencial — até daqui a pouco tempo, porque ando desgostoso com esta vida de galé e quero descançar alguns mezes ao menos."

(2) Esta carta tem a data de 18 de novembro de 1853.

vo) estou certo que concordará que não seria facil a qualquer o penetral-a". Manifesta-se afinal, em franca conciliação: "não nego aos meus amigos o direito de me dizerem toda a verdade, e de discutirem commigo franca e livremente todas as medidas do governo, e todas as nomeações; não o negaria a outros, como o poderia negar ao Snr. Wanderley; por quem tenho sympathia e deferencia? Se pois a minha segunda carta foi escripta não com acrimonia, mas com ressentimento, foi por me parecerem mal correspondidos todos os meus sentimentos á seu respeito; foi porque V. Ex. não discutio, nem demonstrou; (conservo as cartas como prova) exigio e condemnou, porque entendo que apalpava, e que nós não podiamos julgar sem apalpar. Porém de uma vez para sempre deixemos de semelhantes querellas; não gastemos com ellas o nosso precioso tempo. Tenha V. Ex. a bondade de admittir em principio o direito de iniciativa do governo, quando elle por qualquer motivo se julgar instruido sobre os negocios, ou sobre o pessoal conveniente á sua Provincia, e esteja certo de que desejamos sempre obter sobre ambos os casos informações de V. Ex., que serão devidamente apreciadas e attendidas, salvo na presença de muito boas razões.

"Espero que desta vez fique rota toda a discussão do negocio que até agora nos tem occupado, e absorvido toda a attenção, e que V. Ex. me continúe a escrever, quer para me orientar e aconselhar a respeito do que poderemos fazer em pró da prosperidade, industria e civilisação de sua provincia, ou do Imperio, quer para apontar os actos do ministerio, cujas tendencias lhe parecerem más, e indicar os remedios convenientes".

Sellara de vez a questão. Acabava prestigiando o amigo offendido e alçando o delegado do ministerio

que havia ficado evidentemente diminuído, deante das anteriores cartas, na sua autoridade perante o presidente do conselho (1).

Todavia, ao procurar uma phrase final para ainda justificar-se, achou meios de accrescentar uma accusação: "toda discussão me é agradável quando apoiada em boas razões; todo pedido me acha bem disposto quando se formula como tal; toda a exaggeração provoca resistencia" (2).

No fundo esse conflicto era um encontro de duas individualidades semelhantes no espirito de mando, ainda que diversas no modo, nas maneiras.

Wanderley soffria mal obedecer. Nunca obedecera. Fizera até então sua vida politica franco e livre de attitudes, liberto de peias. O posto de governo que occupava lhe dava impressão de que podia e devia exercel-o com direcção e arbitrio proprios. Enganava-se.

Paraná, de outro lado, só admittia uma restricção ao seu dominio — a que elle mesmo se traçasse ou a que expontaneamente se conformasse. A sua reacção era prompta, instinctiva, physiologica, como um movimento reflexo. Tomara attitudes e palavras de Wanderley como "exageração", e "resistira".

Em Wanderley, uma pontasinha de rusticidade que de quando em quando afflorava em discursos, notas ou palestras diplomaticas eram excessos de energia e não appellos á grosseiria a que era naturalmente infenso.

(1) Afinal em parte foi attendido Wanderley. Nabuco em carta de 22 de nov.º de 1853 lhe participava: "as vagas de Juiz Municipal e de Orphãos da Caxoeira estão separadas como Você propoz, sendo nomeado para a primeira o Junqueira e para a 2.ª o Dr. Ricardo Pinheiro de Vasconcellos; o decreto ainda não está assignado. Como era possivel foi o seu desejo satisfeito; aquelle seria nomeado para esta se a vara de Juiz Municipal não devesse estar annexa á delegacia, e esta não dependesse de confiança do presidente: Junqueira fica bem porque o ordenado d'elle hade por virtude da nova lei do orçamento ser augmentado".

(2) Carta de Paraná a Wanderley, 13 de dez.º de 1853.

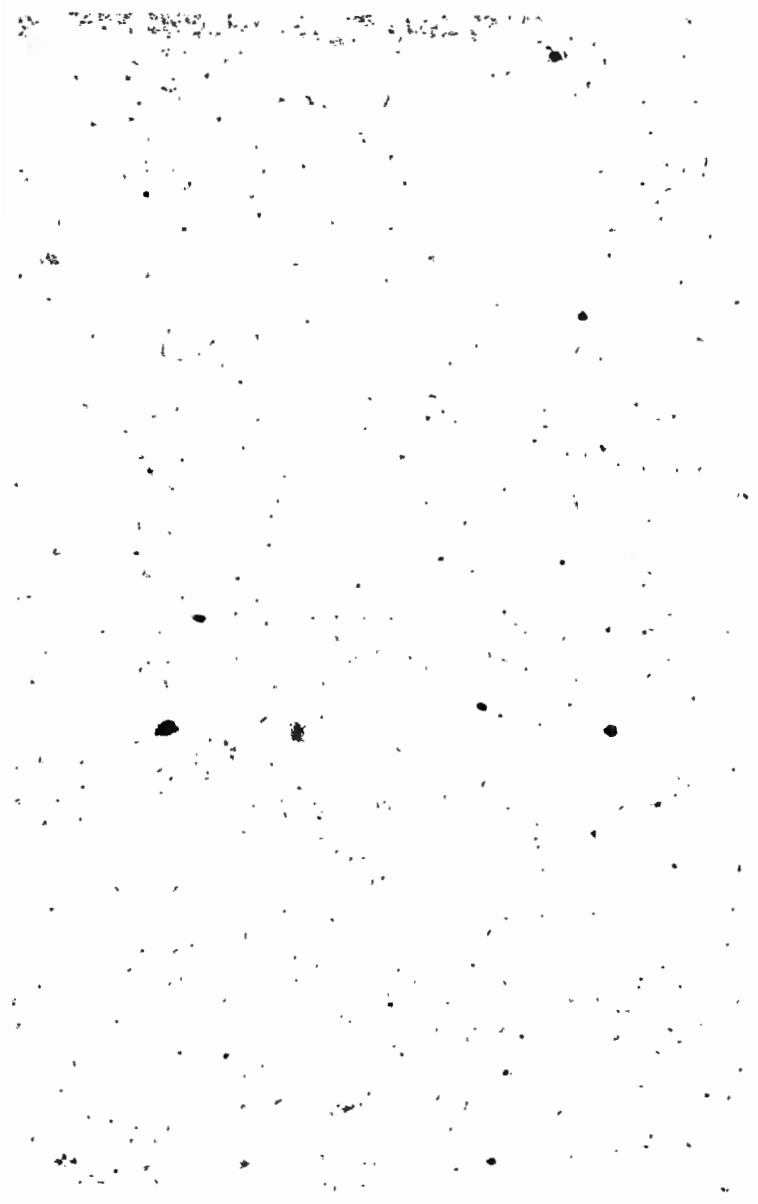
Já em Paraná a energia comprazia-se de violenta, ame-drontante. Se o bahiano a usava na defensiva e para manifestar destemor, o mineiro alardeava-a como arma offensiva, para se fazer temer.

Annos depois, em 1871, o presidente Battle do Uruguay, observava a Araujo Gondim que Wanderley "tinha muito do Carneiro Leão, com a differença, porém, de trato mais ameno" (1).

(1) Carta de Eduardo Deschamps a Wanderley, Montevideo, 19 de out.º de 1871. Araujo Gondim tambem escrevia a Wanderley em 18 de nov.º de 1871, de Montevideo: "... e para isto muito temo que será preciso que V. Ex. diga-lhe ao ouvido (de Quintana) pelo estylo do Marquez de Paraná, com o qual, menos na forma, o sr. Battle disse-me que V. Ex. tinha muitos pontos de analogia..."

Estrada de Ferro do S. Francisco

- I — EVOLUÇÃO DOS ESPIRITOS EM RELAÇÃO A'S ESTRADAS DE FERRO.
- II — ACCÇÃO COMO PRESIDENTE DA BAHIA.
- III — Ó DUELLO ENTRE PERNAMBUCANOS E BAHIANOS PARA ALCANÇAR O S. FRANCISCO. - AS DISCUSSÕES PARLAMENTARES.
- IV — CONTRACTO ALVES BRANCO MONIZ BARRETO. - ADDITIVO PROVINCIAL DE 2% Á GARANTIA DE JUROS GERAL.
- V — LUCTA EM LONDRES PELOS CAPITAES. - ACCÇÃO DE SERGIO DE MACEDO CONTRA A ESTRADA DE FERRO BAHIANA. - SERGIO DE MACEDO E' RETIRADO DE LONDRES.
- VI — A OFFENSIVA DE SERGIO DE MACEDO PELA IMPRENSA.
- VII — DESVELOES PELA "FILHA QUERIDA".



NO campo dos melhoramentos materiaes todos os problemas se apresentavam em certo momento ao espirito de Wanderley como sêcundarios, comparados ao das estradas de ferro.

Não era dos que descreiam ou receiavam (1). Talvez fosse dos que esperavam demais ou se illudiam. Perdera até a primeira moderação ponderosa com que se manifestara na camara, em 1851 (12 de agosto). Então temia a pressa e preconisava calma; as estradas de ferro trariam ao paiz todo o bem, mas, além de commerciaes, politicas, a sua construcção devia obedecer a estudos e orçamentos prévios, fixados os pontos de partida, passagem e chegada, de accôrdo com um plano geral, nacional, combatido o regionalismo das iniciativas parciaes. Não se concedessem empresas com garantia de juros pelo longo prazo de 90 annos, pois ao fim de 41 o capital estaria resgatado e o contractante assegurado de um lucro certo de 5 % sobre importancia já reembolsada; passassem ás estradas, construidas pelo regimen da garantia, á propriedade do estado ao fim de 40 ou 46 annos; e viessem á approvaçào

(1) Sobre a descrença e pessimismo, relativamente ás estradas de ferro, especialmente da parte de Paraná, Bernardo Pereira de Vasconcellos, Itaborahy, lêr Christiano Ottoni: "Autobiographia, pag. 100; Alberto de Faria: Mauá, 1.^a Ed., pags. 164-165 e 184. A evolução de Paraná está documentada nos annaes da camara dos deputados, sessões de 18 e 23 de maio de 1855.

do parlamento as concessões, os contractos, os traçados (1).

Na acção se lhe transformariam taes opiniões.

Tambem as circumstancias mudavam.

Promulgara-se a lei da estrada Pedro II; fixára-se o principio de garantia de juros em longo prazo. Não se admittira o plano geral; ao contrario, dominavam a ancia regional e o afan da urgencia. A emulação provincial recriminava entre Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Quem antes soffreava impaciencia e precipitação, ia bracejar agora, no turbilhão da corrente, por tomar a dianteira.

Mais do que nunca a politica e a opinião dos politicos eram inconstantes e varias. E' que o paiz evoluia então com celeridade. Folhear os annaes é testemunhar em um por um daquelles homens mundança de juizos muitas vezes contradictorios.

Em relação ás estradas de ferro os conceitos modificavam-se ainda com os progressos desse invento, até então inapplicado no Brasil.

Paraná, tão pessimista como Bernardo de Vasconcellos e Itaboraahy, e que confessava haver sido dos mais retardatarios, adepto dos caminhos macadamizados, diria á camara (21 de maio de 1855) a sua conversão. Ao tempo em que fôra reservado, dizia elle, "a potencia da locomotiva não era a mesma; não se tinha achado ainda os meios de vencer uma certa declividade; entendia-se que os caminhos de ferro deviam ser quasi planos e que, quando havia alguma declividade, as despesas de locomoção tornavam-se demasiadamen-

(1) Apresenta então emenda ao projecto que se discutia: "os prazos dos privilegios não excederão de 40 annos e os contractos ficam dependentes da approvação do corpo legislativo."

te caras; além disso não se tinha ainda descoberto o meio de se fazerem voltas tão curtas em tão pequeno raio” como as que já se traçavam. Não era mais possível “resistir, por fórma alguma, á pressão dos desejos de todo o paiz”.

Tambem Wanderley mudára. Tudo agora para elle era ir depressa e adiante; não perder um instante, não desprezar uma providencia, para ligar pelos trilhos de ferro a bahia de Todos os Santos ao rio São Francisco.

A época era de precipitações. A lei da garantia de juros é de 25 de junho em 1852; pois já a 7 de agosto tal garantia é concedida para as 20 leguas da estrada de Pernambuco e ainda neste mez se discute a sua approvação. Wanderley classificando esta estrada de provincial, como caracterisara um anno antes a do Rio de Janeiro, defende-a, entretanto. E' que já havia passado em lei o principio de que o cofre geral devia contribuir para semelhantes obras. Encarando a face nova das circumstancias, fazia-se elle pregoeiro da equidade: “nada mais queremos do que a igualdade na distribuição dos beneficios que a União fizer a todo o imperio” (camara, 16 de agosto de 1852). Pouco importava a inquietação do “leader” dos fluminenses, Sayão Lobato, receioso de que a competencia das outras, embaraçasse a construcção da estrada do Rio.

II

Desde os seus começos as questões relativas ás estradas de ferro obedeceram, no paiz a criterios regionalistas. Gonçalves Martins, quando ministro do

imperio, a principio accusado pelos fluminenses, que lhe reprochavam o interesse pela estrada de Pernambuco e as delongas para com a do Rio, seria depois atacado pelos pernambucanos porque demorava ou dificultava a estrada da sua provincia, em beneficio da da Bahia. E os mesmos fluminenses descendo de provincialismo a municipalismo, ciuamavam-se, entre si, por causa das estradas "Pedro II" e "Mauá".

Wanderley dizia certa feita a Sayão Lobato, quando este se batia pelo traçado da estrada Pedro II: "o illustre deputado diz isto porque tem em mente que a estrada deve passar por Vassouras, Parahyba do Sul, e não sei por onde; mas eu que não olho para Vassouras e para Parahyba do Sul, que olho para o Brasil:..." (camara, 12 de agosto de 1851).

la olhar tambem para a Bahia.

Mal tomã posse do governo dessa provincia atira-se á questão com um inabalavel animo de a resolver.

Encontrara uma lei provincial: concessão de privilegio por quarenta annos a certa empresa local — a Junta da Lavoura — para abertura de uma *estrada de madeira ferrada* até Joazeiro, em bases que a tornavam inexequivel. Apressou-se em chamar a attenção da assembléa: "reparae, senhores, — dizia elle aos deputados provinciaes, — que, a não medirdes vossas vistas pelos meios pecuniarios de que podeis dispôr, o vosso louvavel desejo de beneficiar a provincia lhe será fatal". E accrescentava: "a lei de 26 de julho de 1852 garante 5 % do capital empregado na construcção de estradas de ferro e essa garantia he maior e mais proficua não só pelos recursos dos cofres geraes, mas tambem pelo credito de que goza o governo em paizes estrangeiros; se ella não bastar para intro-

duzir entre nós as estradas de ferro, não será por certo a vossa lei que o conseguirá”.

Taes criticas, bem o sabia, lhê haviam de custar accusações e dissabores: “mais commodo ser-me-ia evitar desaffeições e a pecha de atrazar em vez de promover o bem da provincia, assignando um contracto que estou intimamente convencido nunca seria executado, se os negocios publicos, principalmente os que affectam o credito da administração, não devessem ser tratados com seriedade e circumspecção”.

Essas palavras eram o toque de avançar para uma grande campanha. A concessionaria local que se deslembrara já de seu privilegio, certamente conhecendo aquella opinião do novo presidente, pretendera forçar a mão pedindo-lhe, logo que assumira o governo, dia e hora para a celebração do contracto que nem sequer fôra discutido e minutado. Wanderley recusou-se e, na sua falla á assembléa provincial explicou: “sem capitaes estrangeiros não são por emquanto realizaveis entre nós obras que demandam milhares de contos; e se a companhia de que me occupo entende que pôde por-se á frente da empresa, melhor será que trate de solicitar do governo imperial um privilegio com a garantia de juros; e então autorizareis quando muito a presidencia a tomar por conta da provincia certo numero de acções”... “esperemos, nada precipitemos. O bem fôra de sação equivale quasi sempre a um mal certo. Lembremo-nos que á testa da repartição do imperio está o illustrado ministro (Gonçalves Martins) que tanto se tem distinguido pelos beneficios que tem feito a esta provincia e ao imperio; elle não se esquecerá de facilitar tão grandê melhoramento á sua provincia natal, quando outras o tem recebido” (Falla de 1853).

III

Poucos mezes depois deflagra nas camaras a dissidencia que se chamou "partido parlamentar", chefiada pela deputação de Pernambuco. Queixas e ataques ao governo feriam especialmente ao ministro do imperio Martins. Os pernambucanos ás suas magoas politicas juntavam incriminações por motivo da estrada de ferro.

Quando na camara na sessão de 22 de julho de 1853, o representante bahiano Aprigio de Souza, justificou e apresentou um projecto, assignado por 40 deputados, de concessão de uma estrada de ferro da Bahia á margem do rio São Francisco o azedume dos pernambucanos cresceu de ponto.

A questão tomou o aspecto de desafio. Olinda apresentou no senado um projecto que autorizava a modificação no contracto da concessão pernambucana, estendendo a linha para além das 20 leguas iniciaes até o rio São Francisco, sem garantia de juros, porém, para o trecho accrescido.

Já agora o projecto dos 40 não podia passar, uma vez que concedia esta garantia para toda a estrada bahiana, até o S. Francisco. A desigualdade seria chocante. Tosta (Muritiba) procurando vencer o impasse, atravessou então no projecto de Olinda uma emenda additiva, equiparadora das duas estradas. Concedia tambem á Bahia uma estrada até ao rio São Francisco, com garantia de juros apenas para as primeiras 20 leguas.

A discussão desse additivo ia provocar um interessantissimo debate.

Quando fôra sancionada a lei de 26 de junho de 1852, logo se apresentaram os irmãos Mornay, apoia-

dos pela deputação de Pernambuco, para contractar uma estrada de ferro, do Recife a um ponto á margem do São Francisco.

Gonçalves Martins, ministro do imperio, allegando não saber o governo qual o melhor ponto naquelle rio, onde a estrada devesse terminar, qual o traçado mais curto, e o menos dispendioso, e tendo em vista o interesse local de Pernambuco, restringio o projecto, limitou o contracto a 20 legoas, de Recife a Agoa Preta, muito longe do S. Francisco. No fundo o futuro Visconde de S. Lourenço, inspirava-se em seu vibrante sentimento regionalista. Conhecendo o projecto, pre-existente na Bahia desde 1847 (1), de fazer a ligação com o rio S. Francisco de Joazeiro á Bahia, buscava assim evitar que a linha de Pernambuco prejudicasse á bahiana.

Os pernambucanos, satisfeitos ou não, conformaram-se com o contracto apenas de 20 leguas até Agoa Preta. A ligação ao S. Francisco ficava para ulterio-

(1) Desde 1847 a Junta da Lavoura requerera na Bahia estudos dessa estrada Joazeiro-Bahia e o engenheiro polaco André Przewodowsky fôra, nesse anno, delles incumbido. Partio em outuoro de 1847 e regressou em 1848 com uma informação (18 de março de 1848) na qual avallou a distancia a percorrer da Bahia a Joazeiro em 100 leguas portuguezas, opinando por que a estrada partisse de Cachoeira, por melhor servir á zona então de grande commercio da Chapada Diamantina e desviar-se de 120 leguas de terreno mais desigual entre a capital da Bahia e o Itapicurú, evitando os tres passos mais difficeis nas ladeiras de Camoragipe e Dendezeiros e a travessia do rio Itapurú" (Vide Correio Mercantil, 24 de agosto de 1853).

O engenheiro Przewodowsky publicou o seu relatorio em 1848.

Os engenheiros inglezes sob a chefia de Vignolles que depois fizeram os estudos para a estrada da Bahia confirmaram as difficuldades para a construcção de uma estrada de ferro nos terrenos mais proximos ao littoral da Bahia. No relatorio de Bom Retiro, ministro do Imperio, em 1855 se lê: "os engenheiros reconhecerão grandes difficuldades a superar nas primeiras 20 leguas... a presença de taes difficuldades faz levar as despesas a cerca de um milhão e oitocentas mil libras, quantia por certo muito superior á que se calculava".

Os estudos de Vignolles e Firmo José de Mello foram revistos e refeitos pelo engenheiro da estrada de ferro Pedro II, Lane (Relatorio de Bom Retiro, 1855).

res dêliberações. Deviam ser esperados os estudos a que então Halfeld procedia naquelle rio.

Mornay, entretanto, depois de verificar que para levantar dinheiro para a empreza precisava de offerer aos capitalistas britannicos as promessas do S. Francisco, voltara á carga pedindo a concessão supplementar de Agoa Preta ao grande rio, secção para a qual dispensava a garantia de juros.

Recusou ainda S. Lourenço. Seria mostrar o governo preferencia pela ligação pernambucana, sem ter elementos para julgar qual a mais conveniente. Era de prudencia esperar as informações de Londres sobre a empreza da estrada do Rio de Janeiro a Minas. Como, porém, os pernambucanos allegassem que se estava em fim de sessão parlamentar, combinou o ministro que se desse autorização ao governo o qual assim, della munido, decidiria opportunamente.

Foi dessa combinação que surgiu a proposta de Olinda. "Daqui resultou despertar-se o interesse local, o desejo de melhorar tambem a parte do territorio que mais nos interessa, o que não é reprovado — dizia Gonçalves Martins em discurso no senado em 12 de agosto de 1853. — Os bahianos que aguardavam os exames do governo, disseram: se esses exames não são precisos para o contracto da linha pernambucana, nós que os temos executado em maior gráo queremos que nos seja permittido contractar semelhantemente". E, subscripto por mais de 40 deputados Aprigio apresentara á camara o projecto de concessão de estrada da Bahia á margem do S. Francisco.

O additivo de Tosta, embora procurando conciliar e equiparar, inflammaria os debates.

Na sessão de 1 de agosto D. Manoel os inicia. Não havia um plano; ignoravam-se quaes as despesas com que se oneraria o thesouro, além das que já iam custar as estradas do Rio a Minas e a de Pernambuco. Era preciso buscar um calmante á febre das estradas de ferro que tanto contribuíra para a crise commercial que, em 1846-1847, abalara a França, toda a Europa e até os Estados Unidos. Anunciava-se uma grave conjunctura com a cessação do trafico: impunham-se economias. Não era possível construir tres estradas ao mesmo tempo. Até de operarios se careceria. O additivo Tosta era um “desabafo para prejudicar o contracto Mornay”, uma manobra de tactica parlamentar. E fomentando a discordia politica narrava: Olin-da que combatera a lei geral de estradas de ferro, desde que essa passara apresentara o projecto de Pernambuco: o governo não gostara, mas, para não desagradar á deputação de Pernambuco que o apoiava, não embaraçara a approvação do projecto; em 1853, porém, haviam mudado as coizas e o additivo era uma hostilidade disfarçada aos reprobos pernambucanos. Requeria o adiamento do additivo.

Gonçalves Martins respondeu logo em seguida: ficasse restabelecida a equidade, votasse o senado todas as autorizações; o governo contractaria as que fossem mais convenientes. Se porém eram necessarios exames previos fossem adiados ambos os projectos, mantido o contracto das 20 leguas até Agua Preta. Ou ficar nessas 20 leguas ou não repellir a pretenção da Bahia. “Com tanto mais razão assim me pronuncio — terminava elle — quando seria facil provar o melhor acerto da linha do Joazeiro, que terá talvez metade da extensão, além de outras vantagens especiaes (1).

(1) Wanderley era da mesma opinião. Numa carta dirigida para a Bahia, a alguem (John Morgan?) que pretendia construir a estrada

O discurso que immediatamente depois profere Olinda é recriminante. Accusa a Gonçalves Martins de pretender adiar a empresa de Pernambuco, increpação a que o ministro do imperio pedia provas e factos, tirando de si toda a coparticipação do projecto dos 40 deputados. Inflammado do espirito regionalista, o antigo regente não se demora em censurar em Gonçalves Martins a comparação que fizera entre as duas linhas, a pernambucana e a bahiana — parecendo querer excluir uma por outra, quando ambas podiam ser construidas. Fallasse francamente o ministro; seria desleal se acceitasse uma autorização, deliberado a não executal-a. Ambas as estradas chegariam ao S. Francisco depois de longos annos e alli encontrariam elementos de manutenção. Porque levantar essa questão de provincias? Puzessem-se embora todas as difficuldades, a estrada se havia de fazer.

Gonçalves Martins insistia: não criara difficuldades á estrada de Pernambuco, combateria, sim, a concessão de favores para toda a linha até ao S. Francisco, não só em Pernambuco como na Bahia. Affigurava-se-lhe, no momento, difficil, senão impossivel, obter capi-

de ferro em bases não accordes com a lei de junho de 1852, Wanderley aconselhava a organizar companhia que requeresse o privilegio naquella conformidade e dava noticia do projecto ou additivo de garantia de juros para 20 leguas de estrada. Escrevia elle "os ciuimes d'aldeia não nos permittem levar além as concessões que desejavamos fazer a uma tal empresa. Pernambuco empenha-se para que se conceda o mesmo privilegio a Mornay, "prolongando a linha de Agua Preta até o Rio S. Francisco, e o governo não tem força ou não quer comprometter-se dando preferencia a esta ou aquella. Collocadas ambas em igualdade de condições é para mim fóra de questão que a da Bahia será preferida pela menor distancia, facilidade do terreno, etc." Mostrava-se disposto, como presidente da provincia, a "acrescentar as garantias concedidas pelo Governo Geral" na certeza de que chegando a estrada ao S. Francisco "daria tantos lucros que todo o compromettimento da Provincia reduzir-se-hia a uma simples promessa de garantia", "a estrada que primeiro fór ter ao Rio S. Francisco será a unica que ligará todas as provincias centraes com o litoral". Animava o pretendente e lhe pedia não esquecesse de promover illuminação a gaz na Bahia, que daria um dividendo infallivel.

taes para uma estrada de 160 a 180 leguas, sem garantia de juros. As communicações com o S. Francisco deviam esperar por estudos. Considerações de ordem politica é que o tinham levado a contractar com Mornay sem certos esclarecimentos que julgava necessarios. Não alimentava rivalidades provinciaes, mas era certo que a Bahia tinha precedencia, tivera a idéa e a estudara antes de Pernambuco.

Não evitaria Gonçalves Martins, ainda assim tão equanime em palavras e attitudes, a pecha de regionalista — e de facto era de um bahianismo exaltado. Mas no momento as queixas dos pernambucanos contra os bahianos tinham tambem e em muito o character partidario. A politica em Pernambuco sempre fôra extremada e não estava longe de ser animada do espirito de clan, de predominio de familia. A luta da Praia não fôra senão uma reacção com character popular contra uma como plutocracia; o dominio dos Cavalcantis e Rego Barros, e dos portuguezes ricos (nacionalisação do commercio).. Essa revolução fôra vencida em favor dos Cavalcantis que mesmo assim continuavam descontentes. Salvo Honorio, nenhum dos presidentes mandados a Pernambuco depois da victoria satisfizera á facção Cavalcanti. Porventura os vencedores exigiam dos administradores reacções desaconselháveis; quiçá esses presidentes não tinham habilidade para, conciliadores e energicos, não susceptibilisarem os sentimentos partidarios dos conservadores locais.

Hollanda Cavalcanti achou meios de, a respeito do additivo Tosta, abrir-se num desabafo. Em seus ataques ia do governo e do ministro Gonçalves Martins até á propria Bahia e aos bahianos. O seu provincialismo que roçava com o separatismo tem aspectos aggressivos, como o character pessoal de sua politica: feições irritadas de melindres de familia sensibilizados.

Depois de seriar as grandes questões economicas do paiz: 1.º, as apropriações, a fiscalisação e distribuição das terras; 2.º, o estabelecimento dos bancos; 3.º, as estradas de ferro; depois de lembrar que a lei de terras erradamente tentara resolver a primeira questão e estava havia tres annos sem execução e de fazer outras considerações de character geral, como assignalar os beneficios da mudança da capital para o interior, Hollanda Cavalcanti inicia a sua offensiva. Tinham os pernambucanos razão de desconfiar da amisade que o ministro do imperio alardeava: os factos mostravam que lhes era antes um inimigo. E lembrando o character bellicoso dos seus patricios — “desde os primeiros estabelecimentos europeus ali ou conservavam armas no braço ou em pontaria para disputar as liberdades publicas sem prejuizo da lealdade”, chega ao mais forte das suas accusações. Após os funestos acontecimentos de 1849 a presidencia de Pernambuco, fôra confiada a bahianos, homens novos, que ali haviam ido fazer tirocinio sem desvanecer as prevenções origens daquelles acontecimentos. “Pois não havia bahianos notaveis que fossem mandados para Pernambuco?... não se venha aqui fallar na familia Cavalcanti :esta familia se deve estar desgostosa é do menoscabo em que sua provincia é tida, do estado melancolico em que vê a sua terra e não por si, porque felizmente tem muita consideração no paiz e mesmo nesta casa; não é posições que querem porque as têm, mas desgraçadamente não podem nelas prestar serviços ao paiz porque ha contra elles uma desconfiança...” Não só a estrada de ferro como outros melhoramentos de Pernambuco, o porto, por exemplo, eram difficultados.

Elle ia de frente disputar á Bahia a estrada de ferro. Cedesse Gonçalves Martins de seu provincialismo e encarasse a estrada de Pernambuco como

mais facil e vantajosa apesar de mais longa. Desde que o ministro não podia ceder ás instancias de todas ás provincias fosse "um pouco modesto, satisfizesse aquella que era possivel e não quizesse a da sua provincia".

Mas termina, paradoxalmente, por prometter o voto ao additivo Tosta, mesmo que prejudicasse a Pernambuco.

O debate continuaria cada vez mais curioso. Formavam-se duas correntes. Uns, como Olinda e Abrantes, achavam que as duas estradas nem se excluiam nem se prejudicavam, outros, como Montezuma e D. Manoel, que não podiam coexistir.

Contestando a D. Manoel dizia Abrantes que as estradas de ferro, ao em vez de aggravarem a crise que se desenhava, a attenuariam. A protecção á agricultura não se devia fazer pela diminuição de impostos mas pela facilidade de transportes. Por isso se oppuzera (na sessão passada) á reduccão dos impostos de exportação. Parecera-lhe que Gonçalves Martins dava primazia á estrada da Bahia sobre a de Pernambuco; pelo menos affirmara que aquella era menos extensa. Era contra tal preferencia; contra ella votaria sempre. A construcção deveria ser simultanea. Não se buscassem adiamentos. A epoca era prospera, devia-se aproveitar a occasião. O paiz tinha credito viessem capitães para os melhoramentos.

"Cessou — dizia Abrantes — o supprimento de braços africanos, louvado Deus; a mingua de braços nacionaes é evidente; o decrescimento da popuação africana que trabalha é patente, por causas que não cabe averiguar agora; o supprimento de braços estrangeiros que vulgarmente se designa por — colonização — não me parece realizavel no paiz emquanto se não modi-

ficarem certas circumstancias materiaes e moraes; espero firmemente que esta modificação se verifique em um periodo que talvez não exceda de um quarto de seculo; mas por ora direi que a colonização espontanea, aquella que traz capitaes para o paiz, que podia ser efficaz, não é ainda possivel, e a outra colonização subsidiada, quer por contractos de parceria, quer por outros meios, permitta-me o senado que eu declare, não tenho confiança nella". O futuro do paiz estava na navegação do Amazonas, do Itapicurú, do Mucury; na ligação ferroviaria do valle do S. Francisco com os portos de Recife e Bahia; do Valle do Parahyba com o porto do Rio de Janeiro; do valle do Paraná com o porto de Paranaguá. Tudo era secundario em face das communicações ferroviarias e fluviaes, a ligação dos valles interiores com o littoral. Dêsem-lhe transportes e bancos e a pequena lavoura se desenvolveria. Fôra Gonçalves Martins pessimista quanto á organização de empresa, na Europa, para uma estrada até o S. Francisco. Havia confiança no futuro. As companhias que se organisavam em Londres tinham essa confiança e não se queriam limitar a Agoa Preta, mas ir mais longe: taes empresas "um dia hão de colher as immensas vantagens da communicação do valle do S. Francisco que não tem 600 legoas de margens para serem povoadas, mas que parece se podem duplicar e elevar a 1.200 leguas e que quando se nos afigura a sua cultura e população como que a imaginação se perde, tal é a immensidade da producção possivel naquelles valles".

Ninguem duvidasse de que as margens do S. Francisco, assim alli chegassem as estradas de ferro, sê povoariam: "não é de esperar que o colono, se já allemão ou italiano, hungaro ou inglez, logo que possa levar commodamente sua familia e pequenos

capitães a qualquer ponto dessas margens procurará estabelecer-se nellas? Não é natural que a familia ahi estabelecida empregando o trabalho dos filhos funde uma pequena fazenda e a faça prosperar em breves annos? Imagine-se a massa de producção, senhores, que esse imenso valle pode trazer ao oceano, aos mercados do littoral! E então, poder-se-ha dizer que um terreno de tanta fertilidade, que tanto promette, não seja sufficiente para alimentar as duas estradas que partirem do Joazeiro, uma para a Bahia outra para o Recife? Digo, mais, ha de alimentar ramaes que liguem o valle do S. Francisco com o valle do Parnahyba”.

Não prevalecesse a impugnação de inexisterem estudos previos, um systema. Não se os exigira para as estradas Rio-Minas, Recife-Agoa Preta e quanto á estrada da Bahia havia os feitos por um engenheiro polaco a cerca de 4 ou 5 annos... Se o senado não adiar as outras estradas não devia adiar estas. Na Europa, os estudos eram faceis, as cartas geographicas perfectas, mas; “entre nós pôde o engenheiro mais habil da Europa, pode uma corporação de agrimensores escolhidos e derramados por toda a superficie do paiz apresentar trabalhos sufficientes para habilitar o governo ou o corpo legislativo a formar esse systema? Não. E então o que nos é licito fazer? Tratar já e já de começar com os grandes troncos dos caminhos de ferro: esses grandes troncos são as estradas que ligam os portos do littoral com os pontos mais visinhos...”

Protestava contra qualquer rivalidade entre Pernambuco e Bahia, possivelmente fomentada por Gonçalves Martins — “pela minha parte declaro solenemente ao senado que sou tão bahiano como pernambucano, em ambas as provincias tenho iguaes afeições

e direi, mesmo, iguaes interesses". Sustentava o additivo Tosta com todas as suas forças, porque era justo e accudia aos interesses materiaes do paiz.

D. Manoel e Montezuma iam contestar a Abrantes. Aquelle chamava de gigantesco e inexequivel o plano de Calmon. Preferiria as estradas de rodagem simples e boas. Um systema de estradas de ferro que ligasse todas as provincias era um sonho que se não realizaria em dois ou tres seculos. A colonização não era consequencia da estrada de ferro. A immigração de allemães e inglezes nos Estados Unidos, antes das estradas de ferro, desmentia aquella assertiva. Montezuma, sustentando a opinião de que uma estrada prejudicava a outra, pretendia fossem ambas ellas autorizadas e lançadas na praça de Londres; o interesse dos capitalistas, e não o patriotismo, é que havia de decidir qual a melhor e a exequivel. Aliás, o optimismo de Abrantes se lhe affigurava... romantico.

Approvado no senado e, afinal, sem debates, na camara, o additivo Tosta (26 de agosto de 1853), ficavam equiparadas as estradas de Pernambuco e Bahia pela lei commum que tomou a data de 3 de outubro de 1853.

Ia iniciar-se nova phase da emulação provincial, na corrida por alcançar o valle do São Francisco.

IV

A 6 de setembro de 1853 subia ao poder o gabinete Paraná. Gonçalves Martins era substituido na pasta do imperio por Pedreira, o futuro Visconde do Bom Retiro, que em dezembro (19 de dezembro de

1853), contracta com o bahiano Joaquim Francisco Alves Branco Moniz Barretto, a construção de 20 leguas de estrada de ferro, na Bahia, com a concessão da garantia de juros de 5 %.

Wanderley estava certo de que a ligação ferroviária do grande rio com o littoral tinha de ser feita na Bahia; havia uma superioridade incontestavel, dada a distancia de menos de um terço que offerecia a linha que na Bahia se iniciasse, em relação á que partisse de qualquer outro ponto do littoral. Demais, possuía a Bahia encravadas em seu teritorio ás duas margens do rio S. Francisco, na extensão de mais de 160 leguas em cada uma e nos importantes afluentes — rio Grande, rio Preto, Corrente, Carinhanha e outros, povoados por uma população livre de cerca de 100 mil almas. A provincia devia fazer os maiores sacrificios para prolongar a estrada, além das 20 leguas garantidas pelo governo geral, até o rio S. Francisco. Era esse — dizia ele — um dever de todo bahiano, de todo brasileiro amigo de seu paiz. Era mistér interessar o thesouro provincial na empresa.

A lei 450, de concessão provincial inexequivel, devia ser revogada. O plano que offerecia, na sua falla de 1854, era o seguinte: "1.º, a provincia tomaria um numero de acções da companhia no valor de 2.000:000\$000 ou mais em toda a linha, e entraria com a quota correspondente ás acções tomadas, á proporção das chamadas geraes. 2.º — Na extensão das vinte leguas garantidas pelo governo geral não receberia a provincia premio de suas acções, senão quando o dividendo excedesse a 6 %, revertendo em beneficio da companhia os juros das acções provinciaes. 3.º — Na parte da estrada não garantida não cobraria igualmente a provincia juros das acções sem que o dividendo chegasse a 5 %. 4.º — Logo que os dividendos subis-

sem de 6 % na secção das vinte leguas e de 5 % no restante, metade do rendimento provincial formaria um fundo de reserva, que ou serviria para auxiliar a construcção de alguns ramaes da estrada, ou seria empregado em compra de acções da companhia, e a outra metade entraria nos cofres publicos como renda. 5.º — concederia como parte do contracto um privilegio para a navegação por vapor nos rios exclusivamente pertencentes á provincia, como são o rio Grande, com 50 leguas de curso livre navegavel por grandes barcas de vapor, Correntes, com 20, e o rio Preto, com 30, sendo a navegação ao sahir do S. Francisco livre, por nos não competir conceder igual favor nas suas aguas. 6.º — Afiançaria á companhia todo o apoio, já da força publica, quando ella fosse mistér para garantia da conservação das obras contra qualquer tentativa de destruição, já para policia dos caminhos; em summa, toda a protecção e facilidade no seu giro e administração. Esses favores deveriam ser concedidos unicamente ao empresario ou companhia que tivesse direito ao privilegio geral, para que não succedesse que um viesse embaraçar o outro (1)".

Os esforços de Wanderley por levar avante a grande empresa iam entretanto, encontrar na assembléa provincial uma surprehendente opposição.

Foi depois de longos debates, mais de 65 dias de continuas discussões durante as quaes empregaram-se todos os recursos protelatorios e de obstrucção, que chegou a ser approvada a revogação solicitada, da lei

(1) Em longa carta, datada de 27 de março de 1854, o ministro Pedreira (Bom Retiro) criticou este plano de Wanderley, aconselhando-o a preferir a garantia supplementar de juros pelos cofres provinciaes, garantia essa, afinal, adoptada, em substituição á parceria a princípio suggerida por Wanderley.

provincial 450 assim como, em substituição ao plano que offerecera Wanderley, a concessão da garantia provincial supplementar de 2 % de juros.

A politica se apropriara do assumpto. A imprensa o debatia em ataques muitas vezes pessoases. *Leaders* apaixonados dessa opposição na assembléa foram João Barbosa de Oliveira, Fernandes da Cunha, e seu sogro o desembargador Leonel Netto; paladinos da defesa dos favores á estrada de ferro Aprigio, Dantas, Junqueira Senior.

Ao fim dessa tremenda campanha era sanccionada a lei provincial (n. 500 de 15 de maio de 1854) (1) em virtude da qual, quinze dias depois se firmava o contracto provincial com Alves Branco Moniz Barretto para o prolongamento da estrada de ferro até o São Francisco ficando a questão do ponto de partida para ser

(1) Dava-se ao contractante a garantia de 1 ½ % de juros additionaes aos 5 % concedidos pelo governo geral; a estrada partiria do littoral da provincia até ao rio São Francisco; teria a provincia direito á metade dos lucros ou dividendos da companhia logo que estes excedessem de 8 %, deduzida a parte que pertencesse ao governo geral; esse lucro da provincia, a indemnização dos juros garantidos já pagos e o excesso constituiriam fundo especial para, com juros accumulados se fazer face a futuros e eventuaes pagamentos dos juros garantidos; quando esse fundo se elevasse a quantia, cujo juro bastasse ao pagamento da garantia, a provincia receberia apenas metade do que lhe deveria caber como renda, e a outra metade pertenceria á companhia; elevação da garantia de 1 ½ % para 2 % se dentro de dois annos contados da assignatura do contracto a companhia começasse os trabalhos da estrada. E outras clausulas menos importantes.

Na sessão de 8 de junho de 1855, da camara dos deputados, apresentava Wanderley, com L. A. Barbosa, Agular e Paes Barretto, o seguinte projecto: "Art.º 1.º — a garantia de juros adicional concedida pelas assembléas provinciaes ás companhias organisadas ou que se organisarem, para construcção de estradas de ferro, será proporcional á que o governo geral tem concedido ou houver de conceder. Para esse fim o mesmo governo entender-se-á com os governos provinciaes, regularisando os respectivos contractos — tanto no que diz respeito ao tempo, modo e pagamento dos ditos juros, como a percepção dos lucros estipulados."

resolvida depois dos estudos: ou da capital, para o que Wanderley parecia propender, ou da Villa de S. Francisco, ponto preferido por G. Martins, ou de Cachoeira, ou ainda de Santo Amaro, conforme outros propunham.

V

Com esse accrescimo de garantia de juros a estrada bahiana ganhava em possibilidades de realisação, sobre a de Pernambuco. Poderia agora apparecer no mercado monetario de Londres com uma não pequena vantagem. Mas os pernambucanos não dormiam. José Bento da Cunha Figueiredo — futuro visconde do Bom Conselho — compatricio de Wanderley, ambos nascidos ás margens do São Francisco, na mesma villa da Barra, José Bento, então presidente de Pernambuco, se apressou em convocar a assembléa desta provincia para votar uma concessão semelhante á que liberalisara á sua estrada a assembléa da Bahia.

Em breve as duas empresas buscariam com iguaes promessas e garantias os capitaes inglezes de que necessitavam. A pernambucana teria porém o apoio e a protecção do ministro brasileiro na Inglaterra — Sergio Teixeira de Macedo, que ia hostilizar apaixonadamente a estrada da Bahia.

Fosse sentimento por não ter sido a elle entregue a organização da empresa bahiana, ou fructo de mal-entendidos com os concessionarios e seus representan-

tes em Londres, — certo é que Sergio de Macedo antipathisou com a estrada da Bahia e lhe criou os maiores obstaculos, entre os quaes fazer contra ella propaganda pela imprensa.

Reservando-se, na questão das estradas de ferro, o direito de opinar e agir a despeito da orientação do governo, tendia a fazer prevalecer o seu ponto de vista com energia e tenacidade. A Bahia dever-lhe-ia em muito, por isso, os tropeços que encontrou na aspiração que, naquelle momento, empolgava inteiramente o espirito de seus filhos.

Desde o primeiro momento o ministro em Londres suggere difficuldades e promove adiamentos. Combate a concessão da garantia suplementar de 2 % feita pela provincia como inconstitucional e como arruinadora do credito publico, pela desproporção que estabelecia entre o interesse dos titulos de emprestimos publicos (4 1/2 %) e as acções das companhias de estradas de ferro (5 % e 7 %). Quando em junho de 1854 o representante do concessionario Marcellino José Coelho, lhe pediu assegurasse aos capitalistas inglezes, como ministro brasileiro, a existencia das concessões de que se achava munido, Sergio de Macedo recusou-se, levantando a sua contestação quanto á constitucionalidade do favor provincial dos 2 %, ante o disposto no artigo 20 do Acto Adicional.

Tiveram os concessionarios que esperar fosse essa duvida communicada para o Rio de Janeiro ao governo e que este ouvisse o conselho de estado e respondesse a Sergio, aliás desvanecendo-lhe os receios.

Não parou ahi Sergio de Macedo. Voltou a levantar novas objecções por não conter e contracto a clau-

sula de reversão da estrada para o governo, ao fim dos 90 annos de concessão.

Haviam-se escoado oito mezes. Nesse interim Sergio entabolava as negociações relativas á estrada de Pernambuco. Verificara que uma das clausulas do contracto de Mornay com o governo imperial podia ser interpretada de modo a tornar illusoria a garantia dos 5 %, e, para a exclusão ou esclarecimento dessa clausula, negociava com os capitalistas interessadas na estrada de Pernambuco compensações, uma das quaes a limitação da garantia complementar-provincial de juros ao prazo de 20 annos. Agora que voltava a tratar da estrada da Bahia promovia novo adiantamento, officinando ao ministro do imperio: “cumpre que eu tenha meios de fazer para a Bahia o que estou fazendo para Pernambuco, e ao mesmo tempo evitar que a *ancia* de ter a estrada de ferro, o *enthusiasmo* ou quaesquer outros motivos venhão impossibilitarnos de fazer áquella provincia esse serviço”. Era necessario que o governo da Bahia alterasse o seu trato ou autorizasse a alteração uma vez que a clausula firmada pelo de Pernambuco tambem existia no contracto da Bahia.

A má vontade de Sergio de Macedo para com a empresa da Bahia ia das palavras aos factos. Pensando daquella maneira deixara o representante do concessionario bahiano entabolar as suas negociações com os capitalistas inglezes sem lhes fazer as ponderações que estava apresentando aos contractantes de Pernambuco. E só quando aquelle representante e o dos interessadas inglezes — os Srs. Coelho e Green —, já com todos os trabalhos feitos e todas as combinações acertadas, communicaram-lhe que

iam lançar as acções, é que Sergio de Macedo revelou a interpretação por elle dada a uma clausula do contracto, inutilizando tudo o que se concluire até então.

Perdia a Bahia a melhor das oportunidades, pois havia baixado a taxa de juros em Londres, orçando, por 3 ½ %, o que garantia pleno successo á empresa.

Nisso Sergio de Macedo é surprehendido (julho de 1855) com a sua retirada de Londres. O governo desaprovava-lhe a acção nos negocios das estradas de ferro do Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia, e mandava para Londres Carvalho Moreira, — o futuro Barão de Penedo, que áquelle tempo era ministro do Brasil nos Estados Unidos.

A Carvalho Moreira escrevia o presidente do conselho, Paraná, em 15 de outubro de 1855: "com effeito a remoção de V. Ex. para o posto que ora occupa é a maior prova de confiança que o governo imperial lhe podia dar, visto como a ingerencia dessa legação nos negocios financeiros faz exigir que, além da capacidade diplomatica tenha o ministro grande zelo pelos interesses do paiz e incontestavel probidade. Darei mais uma prova dessa grande confiança na pessoa de V. Ex. communicando-lhe que, posto a causa immediata da remoção do Sr. Macedo fosse haver elle celebrado o contracto para a construcção da estrada de ferro (para o que não estava autorizado) com estipulações e clausulas exorbitantes, que, segundo a opinião do engenheiro inglez Lane, contractado pelo mesmo Sr. Macedo para o serviço do Governo do Brasil, não assegurem a boa execução dessa estrada; comtudo não foi esse o unico motivo que teve o ministerio para

propôr a remoção. Desejamos que o ministro do Brasil nos diga francamente o que entender a respeito dos negocios que têm de passar por suas mãos; mas não queremos que esqueça de que é representante do governo imperial e se faça representante do governo da rainha ou dos nossos agentes financeiros e nem podemos supportar o excessivo amor proprio e vaidade com que o Sr. Macedo entendia que os negocios da estrada de ferro de Pernambuco e da Bahia se deviam decidir aqui, não segundo nossas opiniões e as necessidades publicas por nós avaliadas, mas segundo as suas vistas e opiniões”.

VI

Em novembro de 1855 Sergio de Macedo chega ao Rio.

Achava pouco o que já perdera a empresa em prazos e oportunidades: ia-se empenhar numa campanha de desmoralisação da estrada de ferro da Bahia.

Como o *Correio Mercantil*, jornal do concessionario, alludisse ás difficuldades pelo ex-ministro em Londres oppostas, publicou Sergio de Macedo, depois de solicitar e obter esclarecimentos da redacção, uma série de artigos no “*Jornal do Commercio*”, revelando intimidades dos negocios, estampando correspondencias officiaes, e opinando com tal pessimismo que o pensamento de inutilisar a empresa da Bahia resalta de cada linha de seus escriptos. “Não sympathisei nunca com semelhante empresa” — confessava elle. Chamava-a de calamidade para a provincia da Bahia, que haveria de pagar durante 90 annos a garantia de juros liberalisada, numa despesa de cerca de 320 contos annuaes, pa-

ra ter uma estrada que, abandonando a zona rica e de cultura, se dirigia para o interior em busca de um "imaginario El Dorado que suppunha ia achar nas margens navegaveis do S. Francisco". Ajuntava argumentos; buscava, para rebatel-as as expressões dos que elogiavam a empresa, taes como o consul inglez na Bahia John Morgan Junior na memoria que publicara; descia a analyses minudentes de percurso, despesas, pontos de partida, sempre inspirado do espirito de combate e destruição.

Descrevendo a rivalidade entre Pernambuco e Bahia tinha grandes indulgencias para com aquella provincia: "era muito natural que os deputados da Bahia vissem aquella concessão pernambucana com algum receio de que para Pernambuco e não para a Bahia tivessem de dirigir-se as produções daquelles paizes. Os allemães dizem que o Rheno desemboca na algibeira dos hollandezes. Tratava-se pois de saber se o S. Francisco desembocaria na algibeira dos bahianos ou na dos pernambucanos". Não negava a superioridade geographica de communicação Bahia-S. Francisco mas allegava superioridade do terreno pernambucano: "a Bahia tem um excellent ancoradouro e fica mais perto do ponto do rio São Francisco a que se deve levar a estrada. Pernambuco tem um mau porto e fica longe desse ponto do rio, mas o terreno é melhor para a estrada".

O problema se quizera resolver por entusiasmo, dizia ainda, por emulação e até por pundonor regional. Tornara-se uma empresa das paixões politicas e não das conveniencias politicas. E quasi a personalisar a accusação, adoçando-a embora de allusões amaveis, como essa de ser a Bahia a provincia de onde sahiam "em maior numero os talentos brilhantes que adornavam as nossas assembléas deliberativas e que

tinham governado o estado”; amenisando-a em resalvas excusantes como a de terem tido aquelles a quem censurava “motivos nobres e honrosos enthusiasmos pelo bem do paiz” e de estar tão seguro como de si mesmo quanto á “probidade e inteireza delles” — o ataque de Sergio ia directo a Wanderley quando chamava as decisões do poder provincial de disvirtuadoras dos fins da lei geral sobre estradas de ferro (1).

Wanderley tão apaixonado e vibrante de impaciencia pela solução da questão irritava-se com essa attitude de Sergio de Macedo.

Sem quebrar as attenções de cavalheiro azedava o animo de Wanderley ver a sua maior aspiração de administrador hostilisada com tamanho impeto e desabrimento pelo ex-ministro em Londres. Confiava

(1) Sergio de Macedo e Wanderley se criavam empiricamente, um pela paixão pessimista de quem critica com animo hostil, outro inflammado pelo enthusiasmo que desenha miragens, axionias contrarios... Para Macedo nunca a estrada daria renda para remunerar o capital e a provincia teria que pagar sempre a garantia de juros suplementar que era um peso excessivo para o orçamento da Bahia, Wanderley ao contrario tinha tal certeza do esplendor economico do valle do S. Francisco e das communicações interiores de sua navegação, que esperava ser a garantia simplesmente nominal. Não hesitaria por isso em concedel-a maior.

Wanderley tinha por si a unanimidade, se podemos dizer, dos espiritos. Sergio de Macedo não acharia talvez uma voz que ecoasse o seu pessimismo. Haviam de decorrer mais de 10 annos até que, logo abafada por Cotegipe e Dantas com a repetição das antigas é sempre audazes esperanças, se levantasse no senado a voz de Jobim, sarcastico, neste aparte: “vamos ao rio S. Francisco buscar sezões e melancias; é o que lá mais abunda” (senado, 1.º de julho de 1867).

No decenio de 50 a 60 certo todos lançavam as vistas gulosas de riquezas para o longinquo S. Francisco — Cotegipe, Abrantes, Jequitinhonha, Gonçalves Martins, Saraiva, Dantas, Theophilo Ottoni, Mello Franco, Junqueira, Paranaguá.

Será que a desillusão do S. Francisco fosse devida a uma causa posterior? Não é curial a hypothese do desenvolvimento do palludismo allí, mal a que não se referem os documentos — relatorios, pareceres, discursos parlamentares, narrações de viajantes — que podiam ser então invocados e citados? Essa influencia do palludismo, sua apparição e desenvolvimento nas margens do S. Francisco desafiavam pesquizas.

agora na diligencia de Carvalho Moreira e esperava que os ultimos obices fossem afastados.

Mas cada dia surgiam escolhos novos.

A principio eram os ajustes de contas, que se estendiam de março a novembro de 1856, sobre despesas preliminares, a pagar a Green e a Vignoles; depois a falta de dinheiro no mercado de Londres, como uma das consequencias da guerra da Criméa; ora interesses de agiotagem que perturbavam a acção de Carvalho Moreira; ora a elevação da taxa de juros naquella praça. E o lançamento alli das acções da empresa, foi sendo adiado de novembro de 1856 a janeiro de 1858. Acompanhar a correspondencia de Wanderley com Carvalho Moreira e com Pedreira é conhecer essas vicissitudes, revezes, esperanças, adiamentos!

VII

Chamando á estrada sua "filha querida" Wanderley a acariciava com mimos paternos. Se chegam os engenheiros inglezes e começam os estudos, devaneia: "quando eu vir o primeiro carril assentado aqui ao São Francisco dou por bem pagas as descomposturas que por essa causa tenho levado (quem o crêra?) porque será a aurora da regeneração da provincia".

Tanto o maguava a opposição que encontrava como em compensação o exaltavam as esperanças, a certeza, de estar promovendo o maior dos benefícios á sua terra: "que mal fadada estrada a da Bahia! Hei de vel-a começada e não hei de crer... Tu não fazes idéa do que soffri para dotar a minha provincia com este melhoramento! Passei até nos infames jornaes da minha provincia, como *socio* de Barretto! Vê se não

terei desejo ardente de tirar a unica vingança digna de mim, e que é ouvir as benções daquelles que hão de tirar proveito dessa obra magnifica pelo seu futuro e importancia. Quizera ter esperanças de ainda visitar o Rio São Francisco transportando-me em um wagon, com a rapidez do vento!" (carta a Carvalho Moreira, 12 de janeiro de 1857).

Aquellas compensações, o começo destas alegrias elle já sentia ao assistir os bahianos festejarem a noticia de haver sido afinal organisada a empresa constructora: "não ha hoje graças a Deus duas opiniões nesta Provincia a respeito de uma obra que nos abre um futuro grandioso, e tal foi o entusiasmo da população, que a cidade se tem illuminado por tres noites! São glorias para ti cujo nome anda em todas as bocas, e para o teu compadre que arrostou as maiores opposições para dotar a Provincia com este melhora-mento. Por elle arrisquei até o proprio credito — mas acho-me pago — vendo os meus contrarios cantar a palinodia" (carta a Carvalho Moreira, 11 de maio de 1858).

Entre os que a cantavam estava Fernandes da Cunha, agora um dos promotores das manifestações de regosijo publico.

O optimismo de Wanderley teimava em esperar do São Francisco; de seus affluentes, com mais de quinhentas legoas de livre navegação; da fertilidade magnifica daquelles valles — riquezas immensas. O seu entusiasmo sorria, antevendo um "futuro de incalculaveis lucros á companhia e ao imperio, logo que os productos inutilizados pela carestia actual do transporte possam chegar ao littoral para serem consumidos ou exportados por diminutos preços". Trens cheios de algodão... cheios de trigo... A imaginação avida de progresso, a ancia de descortinar um futuro de riqueza

e felicidade para a zona onde decorrera a sua infancia, o afan da libertação economica do seu sertão, levavam-n'o ao devaneio: "o pensamento perde-se ao considerar todo o proveito que se pode tirar da construcção dessa linha ferrea na qual de futuro virão entroncar-se por meio do rio São Francisco outras que partão das provincias confinantes" (Falla de 1854).

Correria o tempo: aquelle ideal de Wanderley lenta, lentamente, buscava a realização. Quando em 1880 se abriu ao trafego a primeira secção do prolongamento além de Alagoinhas, em marcha para o São Francisco, do fundo das trevas da cegueira que lhe escurecia a vida desde 1857, quando em Londres se esforçava por organizar a companhia constructora, o velho empresario Alves Branco Moniz Barretto, dictava á filha esta carta commovedora: "Amigo e Sr. João — O dia de hoje apesar de todo nublado e chuvoso deve ser para nós de grande festa nacional por termos recebido a noticia da inauguração da primeira estação do prolongamento da estrada de ferro de Alagoinhas a Serrinha. Aquelles que como nós tanto se interessavam pela realização dessa empresa, hoje folgarão sabendo que a Bahia já conta 37 legoas de via ferrea para o interior. Naquella epoca, 53, 54, muito o ajudarão alguns homens que hoje são seus adversarios politicos; lembra-me referir o nome de Dantas. Nesta occasião não esquecerei o nome do Aprigio que tanto nos ajudou. Receba pois um abraço do empresario já que elle não pode pela sua idade e cegueira, ir pessoalmente dal-o, convencido como está que a Você se deve este grande melhoramento que hoje possui a nossa boa terra. Tenha saude, recommende-me a seus filhos, os quaes vierão ao mundo e me encontrarão

cego, porém amigo sincero de seu pae. — Amigo sincero e admirador — *Barretto*, 19 de Novembro de 1880. Rua do Larrache, 73. Um abraço da secretária — *Micota'*.

Nem o estadista nem o empresario ouviram o martellar no ultimo dormente, em Joazeiro, o cravo final, symbolo de uma nova era para o sertão e para a Bahia.

Quando as locomotivas avistaram o São Francisco assustando os barqueiros dos seus "paquetes", já Wanderley não existia.

Foi feliz em morrer com o seu sonho. O São Francisco não chegara a desmentil-o e ainda corria murmurando promessas.

Se a sua mente, no instante extremo, voltou-se ás primeiras impressões da meninice, reviu na memoria, o seu rio e adivinhou, mais uma vez para os vindouros as fulgurações radiosas do Eldorado... Grandezas que estão por vir... Mas virão.

O Censor e o Legislador

- I — MINISTERIAL QUE NÃO PERDE AS LIBERDADES DE FRANCO ATIRADOR. — CRITICA A'S "CARRETIHAS" DE EUZEBIO.
- .II — PROJECTOS E EMENDAS.
- III — CASAMENTO CIVIL.
- IV — PROVINCIA DO RIO S. FRANCISCO.
- V — PROJECTOS ABOLICIONISTAS. — ABOLIÇÃO DO TRAFICO INTERPROVINCIAL.



ALISTANDO-SE afinal nas fileiras saquaremas Wanderley não abdicou a sua liberdade de critica nem quiz perder de todo os velhos habitos de franco atirador.

Chefe de policia e presidente da Bahia, um dos deputados de melhor quilate entre os ministeriaes, não se conformava em calar opiniões, mesmo que estas não fossem accordes com as do governo. Ainda quando veio a chefiar a maioria, não permittio que a disciplina o manietasse.

Na sessão de 1850 vamos encontral-o na tribuna (21 de março, 11 e 17 de abril) a criticar e impugnar algumas das "carretilhas" de Euzebio, projectos destacados (1) sobre a antiguidade dos juizes para o accesso, e sobre a remoção de magistrados.

(1) Respondendo a Wanderley, Euzebio justificava esse expediente parlamentar dos projectos fraccionados: "em geral tenho observado que as leis que formam um systema completo, que necessariamente devem compôr-se de muitos artigos, que devem conter muitas disposições, encontram difficuldades que eu tive em vista remover. Não é minha intenção condemnar as leis systematicas que se assemelham aos codigos. Estou persuadido que, quando se trata de estabelecer um systema novo, é indispensavel uma lei semelhante; mas quando trata-se unicamente de corrigir o que existe, acho mais vantagem em offerecer destacadamente cada uma das idéas que se quer introduzir como melhoramento ou alteração... Na discussão, a attenção concentrando-se unicamente sobre uma idéa alcança muito mais, pode encaral-a por todos os lados; entretanto que se essa idéa fosse acompanhada de outras que dependessem della, poderia ser necessario: ou sacrificar uma idéa vantajosa por causa de outra má, ou vice-versa, approvar idéas menos boas, por irem apadrinhadas por outras uteis".

Euzebio, na primeira dessas "carretilhas" ensaiava uma lei que ajudasse a tirar da politica os magistrados, estimulando-os a permanecer no exercicio da judicatura pelas vantagens que offerencia para o accesso com a antiguidade contada só pelo tempo de effectivo exercicio no emprego.

Wanderley atacava o projecto por incompleto, pois só se referia aos juizes de direito, excluidos os desembargadores. Não sendo claro se Euzebio pretendia estabelecer a antiguidade como condição unica ao accesso, declarava-se terminantemente contrario a tal criterio (1). E no que havia de incitação aos juizes, a se não distrahirem das suas funcções judicarias, seduzidos pelos postos politicos, achava a providencia temporaria e inocua pois, preenchido o tempo bastante ao direito ao accesso, o magistrado buscaria a politica, justamente para obter este accesso, para alcançar preferencia nas nomeações ou promoções. E tal incentivo devia ser extendido a todas as castas de funcionarios (2).

Juiz de direito era Wanderley e é nessa qualidade que se externa com altivez contra um dos artigos do projecto que fixava o prazo de um anno para entrar a lei em execução, exceptuando de seus effectos os magistrados que eram então deputados. Taes disposições pareciam a elle um suborno, maneira bus-

(1) Allás Wanderley julgava necessaria uma lei sobre antiguidades. Em 1843 (sessão de 26 de abril) accusara o ministerio de então de nomear desembargadores extranumerarios, sem respeitar antiguidades. Constava-lhe que havendo uma lista de juizes mais antigos, feita pelo supremo tribunal de justiça, "os senhores ministros tem a sua lista particular, de sorte que, pela antiguidade devia ser nomeado fulano, mas pela lista do ministro é sicrano; é por isso que ouço muitos senhores dizerem: pela antiguidade estou muito abaixo, não serei desembargador estes 20 annos, mas pela lista do sr. ministro estou perto" (risadas).

(2) Wanderley apresenta emenda nesse sentido e, ao retirala, promette trazer depois um projecto.

cada por Euzebio para captar os votos dos juizes deputados, concessão que seria transformada em mais uma accusação alem das muitas de que eram elles alvo. Repellissem estes tal favor, dizia Wanderley, mantendo o proprio decoro; "mostrando que nós não nos subtrahimos ás consequencias da lei que acabamos de votar para todos e que nenhum de nós pretende se pre-va-lecer da dilação que parece conceder para della se aproveitar em beneficio proprio" (1).

Tal era o molde parlamentar do ministerialismo de Wanderley: solidario embora, com a politica, acompanhando o governo nas questões essenciaes, não se sentia inhibido de atacar projectos e idéas dos ministros.

(1) Euzebio defendendo o seu projecto dizia que, visando crear interesses na effectiva residencia e exercicio dos juizes em suas comarcas, faria a nova lei surgir uma magistratura mais illustrada, mais lida na jurisprudencia, nas sciencias juridicas: "é sabido que até hoje mal o magistrado se torna notavel por seus talentos immediatamente ou o governo se lembra de aproveitá-lo em carreira diversa da magistratura ou o povo o elege para vir representá-lo nas camaras, ou é distraído por immensas causas que a legislação tem como que accumulado para desviar o magistrado do exercicio do seu emprego". Todos sentiam que se devia afastar quanto fosse possível a magistratura das luctas politicas. Não daria elle, Euzebio, o seu voto a um projecto de incompatibilidades, que tornassem impossivel ao magistrado a entrada na carreira politica. Entendia que todas as classes deviam concorrer com algum contingente para a representação nacional. Mas era preciso providenciar para que a magistratura, cuja distração de suas occupações habituaes trazia consequencias muito funestas ao paiz, concorresse para o corpo legislativo com menor numero de juizes legisladores: "não cremos embaraços legaes cujo resultado seria humilhar uma classe que deve, pelo contrario, ser cercada de todos os respeitos e attenções; devemos, porem, fazer sentir a todos aquelles que não tiverem a esperança de, consagrando-se á politica, fazer nella uma carreira especial, e que não tiverem a consciencia de possuirem certas habilitações que lhes permittão nessa carreira um futuro mais elevado, muito brilhante, devemos fazer-lhes sentir que acharão vantagem em se não dedicarem á carreira politica, em permanecerem na carreira da magistratura".

Naquelle anno de 1850 havia no paiz 68 desembargadores e 140 juizes de direito. Dos juizes de direito 34 eram deputados geraes. Tambem deputados eram 8 desembargadores. Eram senadores 5 desembargadores e 1 juiz de direito.

Essa maneira excepcional de ser politico partidario impossibilitaria — é claro — a regularidade do governo parlamentar uma vez adoptada, com tamanha liberdade, por todos os deputados. Isso sentindo, Wanderley um dia (17 de abril de 1850) atalhava os reparos de maioristas e minoristas ao affirmar que tal franqueza de opinião não demonstrava desconfiança ou opposição politica. O ministerio não podia fazer questão da approvação integral de seus projectos. Se assim agisse em assumptos de méra organização administrativa, collocar-se-ia “num terreno falso e poria em collisão os principios de seus amigos politicos, com o desejo que teem de sustental-o”. Cada um podia livremente enunciar seus pensamentos.

A respeito do projecto relativo á classificação de comarcas e ás remoções de magistrados, dizia claras as suas objecções, procurando limitar o arbitrio dos governos e combatendo o abuso com que tanto se feria a independencia do poder judiciario: “o correctivo que se procura para todos os males que pôde causar o magistrado na sua comarca é sempre a remoção; e, para que nenhum caso possivel escape, deixa-se o magistrado á mercê da intelligencia que o governo quizer dar á conveniencia da remoção. Eu preferiria especificar os casos das remoções, embora nos arriscassemos a esquecer algum; o inconveniente que dahi resultaria seria muito menor do que o do amplo arbitrio que se conserva. As leis não podem prevenir todos os inconvenientes que quasi sempre apparecem na execução; mas nem por isso ainda ninguem avançou que ellas devam somente conter theses que devam ser pelo arbitrio applicadas conforme as necessidades do momento; seria este o melhor meio de justificar todos

os abusos, e cercear todas as garantias.” E, perguntava: “somente encarais o mal pelo lado da magistratura? Da parte do governo não pode provir grande mal, abuso algum das remoções?” Quantas vezes estas eram causadas por intrigas politicas e exigencias de pessoas preponderantes, descontentes porque os magistrados não se prestavam ás suas paixões e caprichos? Ao emvez de melhorar esse estado de cousas o projecto o aggravava: “deposita-se nas mãos do governo a remoção como equivalente de toda e qualquer pena que possa soffrer o magistrado; crê-se que as leis de responsabilidade não podem ter vigor, e que por isto nas remoções se acha o remedio a todos os males da magistratura. Se, por exemplo, o magistrado fôr venal — será removido. E eu digo: deve ser punido... Se o magistrado fôr de curta intelligencia — removido. Como se elle em outra comarca fosse melhor exercer o seu emprego. Se o magistrado fôr cachetico — removido. De sorte que a remoção é a panacéa que se applica a todas as molestias phisicas ou moraes da magistratura” (1).

Certamente Euzebio sabia contrariar esses e outros argumentos do seu oppositor com a mestria clara de sua eloquencia expositiva. E nem se maguava com as attitudes do correligionario, cujas opiniões respeitava.

Mas Wanderley nem mesmo a censuras politicas se poupava. Assim fossem cabíveis. No incidente da prisão de Pedro Ivo, que originara tantos ataques a Gonçal-

(1) Wanderley attribua ás remoções a tendencia dos juizes para a politica: “si o magistrado contasse com a fixidez no logar não teria ambição alguma extranha á sua carreira”. Emenda o projecto de Euzebio no sentido de limitar o arbitrio governamental, especificando os casos de remoção, abolindo o direlto dos presidentes de provincia de pedir a remoção de juizes, prescrevendo que esta seria temporaria, fixado seu prazo, e sempre para a mesma provincia, ou para alguma das visinhas.

ves Martins, elle se sentia inteiramente ligado ao presidente da Bahia a quem auxiliava como chefe de policia: "uma censura feita a um meu amigo, julgo-a superior a uma feita a mim"; e não trepidava em taxar de precipitada (3 de maio de 1850) a concessão da amnistia depois de recusada por Pedro Ivo, fazendo comparações entre o procedimento de Honorio em Pernambuco, e o de Gonçalves Martins na Bahia, entre o deste presidente e o de Pimenta Bueno no Rio Grande do Sul, em relação ao Barão de Jacuhy (1).

Não havia conveniencias governamentaes nem disciplinas politicas capazes de emudecerem a franqueza de Wanderley. Quando discordava não silenciava.

Sobre o projecto concernente a terras devolutas e colonisação, que se converteria na lei 601 de 18 de setembro de 1850, manifesta (30 de agosto de 1850) receios e divergencias, propondo sem ser attendido aliás, o adiamento da discussão para a seguinte sessão legislativa. Embora accorde com os objectivos, tinha duvidas quanto aos meios; previa embarços e conflictos na execução da lei, pois iria "bolir com o mais pequenino habitante do centro do Brasil" onde as questões de terras "quasi sempre se traduzem em bacamartadas... por causa da incerteza dos limites".

No anno seguinte o projecto governamental que censura e critica, é o relativo aos terrenos diamantiferos.

E, ainda sem buscar feril-os, para ser franco não respeitava melindres.

(1) Este discurso de Wanderley é muito interessante em seus conceitos sobre o crime politico e pela narrativa das circumstancias favoraveis a Gonçalves Martins. É peça essencial daquelle incidente, um dos mais curiosos da chronica politica da epoca.

Nascera o herdeiro do throno, o principesinho que não vingaria. Alvares Machado requer uma commissão de 36 deputados para levar a felicitação da camara ao imperador. Wanderley rebella-se victoriosamente, contra a alteração das praxes relativas ao numero dos commissionados.

Esse seu cuidado de defender a tradição nas regras da cortezia parlamentar, tanto assim se manifesta ácerca do nascimento de um principe quanto em relação á morte de um grande politico. Quando falleceu Bernardo Pereira de Vasconcellos, Mendes de Almeida propoz á camara luto por tres dias e suspensão da sessão. Wanderley (12 de maio de 1850) levantou-se para combater (embora prestasse todas as homenagens ao grande morto) o excepcional da proposta: — "a maneira por que se quer saltar por cima dos estylos até hoje seguidos não pode ser desculpada pela dôr que todos sentimos".

Mas dentro dessa liberdade de julgar e votar, o sentido, o rumo parlamentar era governamental, de igual resguardo ás liberdades publicas e ao principio de autoridade.

Na sessão de 29 de agosto de 1851, no discurso de defesa do projecto relativo ao julgamento de crimes militares em tempo de guerra, toma seu lugar nas trincheiras ministeriaes e enfrenta a opposição directamente.

O assumpto tinha sido objecto de declamações que procuravam impressionar a opinião. Para os que o combatiam, o projecto alem de inconstitucional, era barbaro, cobria o Brasil de commissões militares; armava os paes contra os filhos e irmãos contra irmãos; inaugurava o reinado de despotismo no Brasil.

Invocando as leis vigentes, os costumes, os exemplos da historia, Wanderley sustentou bravamente a chamada "lei do sangue", que era apenas uma lei de garantias para o caso de guerra. O seu discurso é peça notavel pela dialectica, clareza, vehemencia tribunica, promptidão vivaz de replica aos aparteantes.

Não foram pois cortezia e gentileza, senão expressões sinceras, as palavras com que, depois de se recolher da tribuna Wanderley, Euzebio, que se lhe seguiu na defesa do projecto, exordiou a sua oração, "a camara não esperará, depois do brilhante discurso que acaba de ouvir, que eu tenha por fim acompanhar o nobre deputado na sustentação do projecto contra os ataques que lhe foram dirigidos; se tal fosse meu proposito, seria necessario dar tempo aos illustres membros da opposição para se levantarem da derrota que acabam de soffrer no campo da razão, para que eu podesse encontrar argumentos a combater".

Difficil é acompanhar o censor e o fiscal — livre e energico — em todos os seus juizos e glosas, reprehensões, satiras e libellos — quer estivesse ao lado dos que governavam, quer exercesse a syndicancia invectiva-dora de politico em opposição.

Era severo nas economias, a reagir contra a criação de lugares e concessão de pensões; sempre attento a orçamentos e creditos. Mas, se negava verba para novos musicos cantores da capella imperial (1), não queria discutir os gastos com o funeral do principe

(1) "Eu antes quero que se pague caro na occasião... não sei a razão mas o que entra uma vez para o orçamento não sae mais. O caso está em qualquer sujeito lhe pôr o pé — acabou-se. Não ha forças humanas que o lancem fóra delle".

herdeiro: “ou nós devemos neste caso approvar ou regeitar sem exame; não vou numa occasião destas procurar o preço das taboas para o tumulo ou caixão do principe imperial. Se houve quem desgraçadamente abusasse desta triste circumstancia para ganhar indignamente uma pequena quantia, recaia sobre esse a vergonha do facto...”

Ser economico não é despender ou gastar menos, mas gastar bem.

Não regatearia nickéis para que o Jardim Botânico preenchesse suas finalidades, antes scientificas que meramente recreativas; e tambem não apertaria a bolsa nacional para que os palacios das presidencias das provincias se apresentassem com a decencia propria a sédes de governo. E opinava pelo augmento de vencimentos dos professores da Academia de Bellas Artes — “se queremos ter certos estabelecimentos, é preciso tel-os em pé que nos fação honra; senão será melhor supprimil-os. Não sei como se pôde manter um habil professor com 300\$000, menos do que um mestre de primeiras letras...”

Fosse o funcionario bem remunerado, mas dêsse ao estado todo o seu esforço. Nada de accumulações: “o primeiro cirurgião do hospital da Côrte, que é o sr. Candido Borges Monteiro, pessoa a quem respeito pelo que ouço de suas boas qualidades — é lente da academia de medicina, medico do paço, deputado provincial, e membro da camara municipal. Quantas vezes irá ao hospital militar?”

As suas reprimendas careciam de moderação quando julgava o mal merecedor de castigos. Se um jornalista publicava na sua folha um apanhado falso, fraudulento, das sessões, aconselha a mesa a prohibir a entrada desse jornalista no recinto da camara; e se

certa feita o presidente pede silencio reclamando contra o sussurro que não deixava ouvir a voz do orador, alvitra, energico: — “qual! Emquanto V. Ex. não designar por seus nomes cada um dos conversadores, não conseguirá nada”.

Omnimoda e universal a sua censura tanto se occupava com a posição em que deviam os ministros fallar á camara, quanto com o estado das prisões de escravos e accomodações dos africanos livres; quanto, ainda, com o abuso de se occuparem os deputados com interesses privados de postulantes: “hão de ser prorogadas as camaras, porque os afilhados não dão tempo a que se trate daquillo de que devemos tratar! Quando ha lei que previne todos esses casos, estamos todos os dias dispensando nella, em favor de individuos que não tem outro merito senão os padriños que os protegem”.

O latego com que castigava os costumes era muitas vezes o sarcasmo. A respeito da imprensa atirava ao recinto da camara este epigramma (sessão de 25 de julho de 1850): “as gazetas publicam tantas falsidades que ás vezes é um titulo de gloria ser injuriado pelos jornaes. Parece-me ás vezes que qualquer individuo que é maltratado pelos jornaes, é, só por esse facto, bom porque os máos tem muito cuidado em que seus nomes não sejam mencionados nas folhas, e elles mesmos escrevem algum elogiosinho que mandão imprimir”.

Satirisava a guarda nacional, fonte de muita despesa inutil, provocada pelo abuso de presidentes de provincia que ao sahirem da governança não deixavam vago um só posto, o que levava o novo presi-

dente, por politica ou por não ter confiança em certos commandantes, a crear novos batalhões: “num lugar em que antigamente havia um batalhão — hoje existe commando superior. No interior, principalmente, este abuso tem chegado a tal ponto que se pôde chamar a qualquer homem que se encontra — sr. capitão, sr. coronel, sem medo de errar; não ha mais soldados, todos são officiaes... Cada um coronel tem seus cornetas — que nunca viram cornetas; tem um tambor — que nunca viu tambor; que servem apenas para seus ordenanças. E toda essa gente vence soldo”.

La direito á raiz dos assumptos e a expunha ao sol da critica.

Tratava-se, um dia, do arrendamento da fabrica de ferro de S. João de Ypanema; — veio á tribuna oppôr-se. Era um estabelecimento que devia ser dirigido pelo governo, mesmo não dando renda; não fôra fundado com vistas em lucro mas para que o paiz tivesse uma usina modelo no genero. Tempo viria em que grandes vantagens daquella fabrica seriam colhidas: — “demais, se a fabrica passar a uma direcção particular, quando se houver de nol-a entregar no fim do arrendamento, em que estado de deterioramento a não receberemos? Talvez que venhamos a perdela de todo. Se ha receio de patronato e empenho na administração da fabrica, muito mais devemos temer o patronato e o empenho quando ella tiver de ser arrendada... O arrendamento dos bens do estado nunca pode ser vantajoso ao mesmo estado”.

Censurava sem ciumes a preferencia dada á côrte, ao municipio neutro, na distribuição dos favores e serviços custeados pelos cofres geraes — “a assembléa geral com os poucos recursos que tem tido para applicar a obras publicas tem sido mais generosa com

o municipio neutro do que com o Brasil todo". Nem se repetisse, pois não era exacto, que o Rio de Janeiro por si só valia tanto ou mais que o resto do paiz; nem se allegasse que suas rendas subiam a mais de metade da receita geral: "a capital do imperio e mesmo a provincia do Rio de Janeiro não são por certo as consumidoras de todos os generos que entram na sua alfandega. Houvesse um meio artificial, qualquer que elle fosse, de isolar a população da provincia do Rio de Janeiro de toda a relação com a população das outras provincias do imperio e vêr-se-ia que as rendas da alfandega do Rio de Janeiro haviam de cahir talvez a uma quinta parte do que são hoje". Embora algumas dessas provincias tivessem alfandegas particulares, a do Rio tambem o era de Minas Geraes, Matto Grosso, Espirito Santo, S. Paulo e até Rio Grande do Sul. "O Rio de Janeiro vale muito, reconheço isto e desejo que valha ainda mais; não sou daquelles que teem zelo da prosperidade de qualquer ponto do imperio, porque primeiro que tudo sou brasileiro; mas creio que devemos repellir essas e outras expressões afim de que não se ajunte mais uma rivalidade ás muitas que já infelizmente existem no imperio".

Mas não visava só a razão ou utilidade das resoluções parlamentares, nem corrigir defeitos communs. Deixava-se levar pela emoção patriótica: "sou algum tanto cioso do titulo de cidadão brasileiro — dizia, ao discutir-se uma naturalisação — e não desejo dal-o a qualquer pessoa... se houvesse um brasileiro que por qualquer motivo se considerasse cidadão estrangeiro e depois quizesse ser declarado no gôso de direitos de cidadão brasileiro, eu negar-lhe-ia o meu voto".

II

Se á censura se limitasse pouco resultaria da sua acção parlamentar.

Não reprehendia e fiscalisava apenas; fazia obra de legislador.

Em projectos, indicações, emendas manifesta-se o ecletismo opportunisto da sua politica que tanto tem de liberal-progressista como de conservadora-reaccionaria.

Para elle a lei, o governo, são expressões de necessidades e circumstancias. Cabe ao legislador, ao homem de estado, tanto reprimir e resistir como estimular e avançar; e nem ha de ser sectario de doutrinas ou realisador de idéas abstractas. Condicionando suas iniciativas a esse criterio inspirava-se sempre de um forte espirito nacional e constructor.

Não esquece, decerto, a Bahia, nem descuida aqui ou alli, num projecto ou numa emenda, dos interesses locais de seus eleitores. A estrada de ferro do S. Francisco, por exemplo, si tem larga projecção nacional, é um ideal de seu sertão, como a navegação do Paraguassú. As creações de collegios eleitoraes (19 de julho de 1847); as subvenções para o hospital e a matriz de sua villa natal da Barra (17 de junho de 1850 — 2 de agosto de 1852); a isenção dos direitos de importação para o material destinado ao serviço de aguas da capital bahiana (7 de julho de 1852); as obras do palacio archiepiscopal ali (30 de julho de 1847); a cessão da antiga casa da moeda á provincia da Bahia (6 de julho de 1854); a integração ao bispado da Bahia de freguezias annexadas a outras dioceses (27 de junho de 1853) são pegadas de representante provincial.

Os seus objectivos de deputado nacional não se enquadram, porem, nessa moldura; alargam-se em mais vastas cogitações.

Obedecem a directivas de *organisação* seus projectos sobre aposentadorias de funcionarios publicos (28 de fevereiro de 1845) (1); da criação do montepio militar (22 de agosto de 1851); da fundação definitiva do archivo publico (1 de maio de 1847); da equiparação dos casos de remoção dos juizes municipaes aos dos juizes de direito (28 de maio de 1852, 6 e 8 de junho de 1853) (2).

Accode ás necessidades da *repressão e da disciplina* ao promover, a applicação das penas criminaes do imperio aos brasileiros que houvessem commettido delicto em paiz estrangeiro e se refugiassem em

(1) O projecto sobre aposentadorias dispõe só dever esta ser conferida em caso de impossibilidade absoluta physica ou moral legalmente verificada, sendo a pensão proporcional aos annos de serviço; crea a gratificação adicional para os empregados de mais de 30 annos de serviços; fixa a maneira de contar o tempo; veda accumulção de pensão com vencimentos; limita e regula os casos de aposentadoria, forçada, difficultando-a e cercando de garantias, de defesa, o empregado; institue a contribuição do empregado para formar um fundo capitalisado em apolices.

Esse mesmo criterio de cooperação, mutualidade, emancipação e economia para o thesouro presidia ao seu projecto sobre montepio militar.

(2) Este projecto foi combatido pelos deputados Aguiar, Pacheco, Araujo Lima, Gomes Ribeiro, Ignacio Barbosa e defendido por Viriato e Vasconcellos (sessões de 7 de junho de 1852, 6, 7, e 8 de junho, 12, 13 e 15 de julho de 1853). Um dos argumentos contrarios á proposição era o de que ella fortalecia o arbitrio do governo. Na sessão de 6 de junho de 1853, Wanderley defendeu-a, invocando a necessaria igualdade entre maglstrados deante da lei, e das conveniencias publicas. Tinham os juizes municipaes larga somma de autoridade, tanta, quasi, quanta a dos juizes de direito, e se estes, vitalicios pela constituição, podiam ser removidos nos casos da lei, nada justificava que o não podessem ser aquelles. Não se augmentava o arbitrio do governo — se o limitava aos casos da lei referente aos juizes de direito. Os governos removiam livremente os municipaes, apenas Euzebio baixara um decreto estatuindo a inamovibilidade dentro de quatro annos, mas era um decreto revogavel por outro decreto.

territorio nacional (10 de maio de 1850) (1); em punir estrangeiros que constringidos por ordem do governo a sahir do territorio do imperio a elle regressassem sem permissão do mesmo governo (6 de junho de 1850); em diminuir as penas aos crimes de uso de armas defesas, tumultos, motins, assuadas (5 de julho de 1850) visando subtrahir ao julgamento do jury taes delictos (2).

(1) Foi discutido este projecto nas sessões de 7 de junho de 1852, 23 e 31 de maio, 2, 3, e 5 de junho de 1854. Tomaram parte nas discussões — Taques, Bandeira de Mello, D. Francisco, Magalhães Castro, Ferreira de Agular, Nebias, Paranaguá, Costa Agular, Nabuco (ministro da justiça), Siqueira de Queiroz, Corrêa das Neves, Ferraz, Paula Fonseca, Viriato, Silveira da Motta. Depois de transformado duas vezes em substitutivos (23 de maio de 1854) veio a ser convertido em lei. Na sessão de 7 de junho de 1852 Wanderley o defendeu. Lembrava o tempo em que o apresentara e o que então visava; não se tratava de um principio geral de direito criminal ligado ao direito das gentes, mas de prevenir um mal que trazia grandes complicações ao paiz. Recordava incursões de brasileiros no territorio do Uruguay onde commettiam crimes recolhendo-se, depois, a territorio brasileiro, sem que houvesse lei alguma que os punisse. Não querendo apresentar um projecto especial sobre taes factos de fronteira, redigiu o projecto em termos geraes — “para que esses individuos que fossem commetter os crimes de furto, ferimentos e outros de igual categoria, nesse estado e nos visinhos pudessem ser punidos pelas leis do imperio, o que não succede pela legislação actual”. Fundava o seu projecto num “principio de moral universal e é que o crime onde quer que fosse cometido devia ser punido”. Distingua bem: — “para o caso em que o subdito estrangeiro cometta crimes no territorio do estado a que pertence e se refugie no estado visinho ou em qualquer outro, temos o remedio da extradicação; mas para o caso em que o criminoso se refugie no estado donde é cidadão, não ha remedio algum, nem no direito das gentes, nem na legislação do nosso paiz, e o projecto previne este caso”. (Vide J. Nabuco, op. cit. I pag. 273).

(2) Este projecto foi discutido nas sessões de 27 de maio e 5 de junho de 1852, atacado por Barbosa de Almeida. Defendeu-o Wanderley: — os seus intuitos eram liberaes; pela legislação em vigor taes crimes vinham a ser julgados pelo jury, que, não se reunindo regularmente, obrigava os réos, que não tivessem melos de se aflançar, a permanecerem presos 6 mezes, um anno, antes do julgamento de um crime que devia ser punido com 6 mezes de prisão. Visava o projecto tornar a punição certa e efficaz, sendo o innocente immediatamente absolvido e o culpado punido. Atenuava-se a iniquidade em relação aos pobres, miseraveis que não podiam dar fiança e que tinham de conservar-se presos, antes de julgados, nas horrveis prisões existentes: “acaso ignora o illustre deputado o que são as nossas cadêas? Sabe o que é o horror de uma prisão da natureza das que possuilmos, antes que o réo seja convencido, antes que seja punido na conformidade da lei, somente porque é suspeito ou indiciado de crime?” Wanderley

Objectiva em outras suas proposições *fomento economico e estimulo progressista* — como na isenção do imposto de 5 % sobre a venda de embarcações nacionaes quando estas sahissesem do estaleiro sem terem

diz que estimaria ver ampliada a providencia proposta a outros crimes, e Pacheco apartêa promettendo apresentar emenda nesse sentido em terceira discussão. Essa emenda substitutiva, redigida pelos dois e por elles subscripta, alterava as penas de varios crimes (sessão de 19 de junho de 1852). Na sessão de 28 de julho, voltou o assumpto a ser discutido, fallando contra Barbosa de Almeida e Moraes Sarmiento; na sessão de 30 de julho igualmente; na sessão de 31 de julho falla Ignacio Barbosa favoravelmente, ainda com restricções e criticas, e Wanderley se lhe segue na tribuna proferindo um discurso de grande lucidez sobre o direito penal da epoca, rebatendo ponto por ponto as objecções apresentadas ao substitutivo que subscrevera com Pacheco. O substitutivo Pacheco-Wanderley é approved em 3.ª discussão pela camara na sessão de 2 de agosto de 1852. São do discurso de Wanderley em 31 de julho estes conceitos: — “qual a escala, a não ser o arbitrio de cada um, arbitrio mais ou menos illustrado, pela qual se deve medir qualquer crime em relação a outro?”; “attendamos que em nosso paiz o uso das armas é uma especie de moda; que não é por uma perversidade natural que a maior parte dos homens do centro anda carregada de armas, e que bastará uma fraca pena, se fôr certa e immediata, para ir-se extinguindo este abuso tão prejudicial á segurança individual”. O projecto subtrahia á influencia de aggravantes e attenuantes o crime de damno, graduando a pena pelo valor desse damno. Um deputado impugnava esse ponto: podia ser o crime commettido “por meio de incendio, inundação ou veneno”. Wanderley replicava — “o que importa que um homem mate uma gallinha com veneno ou dando-lhe uma bordoadada? Será justo que no primeiro caso soffra quatro annos de prisão e no segundo um mez? A sociedade não perde uma vez que o individuo que commetteu esse acto tenha uma punição que esteja em relação ao damno e o indemnise. Se, por exemplo, um individuo deita abaixo uma cerca usando do machado ou a destróe com fogo, o que importa á sociedade que este pequeno damno seja commettido por esta forma ou por outra? Com uma pena em relação ao mal e com a reparação do damno está a sociedade satisfeita. Querer com uma balança achar para cada crime o peso justamente necessario para sua punição é um impossivel moral”; “não vejo razão para se punir com uma pena mais grave... o crime de furto que é commettido contra a fazenda publica do que aquelle que é commettido contra os particulares. Que razão juridica, que razão de interesse publico ou de utilidade, que é a base de todas as leis, pode haver em se punir mais gravemente um homem que furta uma pedra destinada a calçar as ruas ou uma viga de alguma obra publica, ou gados de uma fazenda nacional, do que aquelle que furta os mesmos objectos de um particular?... Um homem que vive no deserto, em uma fazenda por esses matos, corre muito mais perigo quando se lhe furta qualquer objecto, ou está mais arriscado do que a fazenda publica que tem agentes demais para a vigiarem; o damno causado é muito maior ao particular, cujos bens são limitados, do que á fazenda publica, cujo damno recabe sobre todos”.

ainda navegado por conta de alguém (31 de maio de 1850); isenção da fazenda provincial da incidencia de qualquer imposto geral (4 de agosto de 1853); redução progressiva dos direitos de exportação, de preferencia os sobre o assucar, algodão e productos de industria fabril até sua completa extincção (4 de agosto de 1853) (1).

Busca tambem a *direcção da economia, defendendo a unidade nacional* com a prohibição do trafico interprovincial (11 de agosto de 1854) e a revogação de impostos interprovinciaes (12 de abril de 1850) (2).

(1) Na sessão de 12 de julho de 1855 propõe "redução dos direitos em ouro pagos pela companhia de Morro Velho — 1 e ½ % em cada anno até que a mesma companhia fique collocada no pé em que se acha a mineração nacional".

(2) Ao entrar em primeira discussão este projecto (na sessão de 23 de maio de 1850) levantam-se contra elle os pernambucanos, pois a revogação visava uma lei da provincia de Pernambuco. Ha certo calor regionalista nos debates. Fallam Paes Barretto, Carneiro da Cunha, Figueira de Mello, Moraes Sarmento, Nabuco, Vianna, Joaquim Villella, Azambuja, Maciel Monteiro, Pereira da Silva, Souza Franco, Paula Baptista, D. Manoel. Na sessão seguinte manifestam-se Dias de Carvalho, Paranaguá, Henriques — para ser adiado o assumpto e remettido o projecto ás commissões. Naquelle primeira sessão Wanderley saltou á liça para defender o seu projecto: — "quando todos os paizes da Europa, posto que independentes, procurão nas suas relações commerciaes a unidade, queremos nós, membros de um mesmo estado, procurar a divisão e o systema de direitos differenciaes!" Lavava a testada da Bahia, onde não havia lei tributaria sobre objectos importados de outras provincias: "se houvesse, o primeiro voto para revogal-a seria o meu. Não temos alli esse mesquinho espirito de provincialismo e rivalidade". Cita um caso de represalia bahiana, tentada na assembléa provincial, contra a imposição, pelo Rio Grande do Sul, de uma pesada taxa de 40 % sobre aguardente da Bahia. Pretendeu-se tributar um tostão sobre arroba de charque riograndense, o que daria 80:000\$000 á provincia da Bahia — "mas a assembléa provincial de minha provincia, que tem sido muito escrupulosa para não praticar actos que sejam contrarios ao acto additional, recuou, esperou que a assembléa geral tomasse providencias para livrar a Bahia desse vexame, ou que a assembléa provincial do Rio Grande do Sul reconhecesse o seu erro e nos tratasse como irmãos. O que succederia se fossemos continuando desta forma?"

Carneiro da Cunha na sessão de 2 de julho de 1852 apresentou um projecto de ordem geral inhibindo as provincias de impôr tributos nos generos de producção das outras provincias, annullando as leis provinciaes já existentes.

Ora propugna *medidas sociaes e de direito civil*: casamento civil, emancipação do casamento de peias e dependencias religiosas, criação do registro civil de nascimentos, baptismo, casamentos e obitos (7 de agosto de 1847); ora a *expansão da politica civilisadora no paiz* — criação da provincia do rio S. Francisco (13 e 19 de julho de 1850); estrada de ferro da Bahia ao S. Francisco (22 de julho de 1853); navegação do Paraguassú, de Cachoeira até Sta. Isabel do Paraguassú (18 de agosto de 1852); (1) ora ainda a *protecção ás letras e ao ensino* — impressão pelo governo dos compendios elaborados pelos lentes das faculdades (22 de maio de 1847) (2).

Areja as suas propostas de *espírito humanitario*, prescrevendo a obrigação dos senhores alimentarem e manterem os escravos invalidos, vedando que os escravos mendiguem (11 de agosto de 1854); accudindo as provincias delles carentes, com soccorros dos cofres geraes (24 de julho de 1846).

Não esquece a *ordem e disciplina parlamentares*, promovendo disposições regimentaes que obrigassem qualquer resolução a passar por tres discussões (18

(1) Emenda additiva a um projecto sobre estradas de ferro de Pernambuco e Minas; concessão de privilegio para a navegação do Paraguassú de Cachoeira a Santa Izabel. A concessionaria teria direito a uma legua em quadra de terras devolutas, se as houvesse, á margem dos rios a que se estendesse o privilegio, sendo obrigada a povoal-as de colonos importados, **prohibido alli o trabalho de escravos**; era dada a subvencção de 10 contos annuaes nos dez primeiros annos ou emprestimo, sem juros, de 100 contos, a ser amortizado cinco annos após sua realisacção. Subscrevem essa emenda — Wanderley, Aprigio, Taques, Góes Siqueira, Magalhães Castro, Pinto Pacca. Chovem sobre ella outras para a navegação de rios em S. Paulo e Minas. Sos-sobrou a idéa de Wanderley e seus companheiros de deputação da Bahia, que Aprigio defendeu da tribuna. Depois de ser discutida por Mello Franco, Souza Franco, Silveira da Motta (18 de Agosto de 1852) passou a constituir projecto em separado.

(2) Na sessão de 15 de julho de 1848 é apresentada a seguinte emenda: "Na rubrica dos cursos juridicos inclusive a quantia de dez-otto contos de réis para a conclusão do novo edificio do curso juridico de Olinda — Wanderley — T. Ramalho".

de março e 6 de junho de 1846; votação secreta nos casos e assumptos de interesse particular (24 de janeiro de 1850) (1); classificação de emendas e suas votações (10 de maio de 1850); prohibição de cauda orçamentaria e de enxertos de assumptos extranhos na lei de fixação de forças (2 de setembro de 1853).

Nem se deslembra da *repressão á verbiagem dos deputados* — prohibindo discursos mais longos que de uma hora e abolindo a discussão á resposta á falla do throno (2 de setembro de 1853) (2).

Ha um grande equilibrio, exequibilidade, senso de realidade e descortino em todos os seus projectos. Alguns, todavia, por ousados demais para sua epoca, provocam reacções. Certa vez, com agastamento, dizia-se “curado da mania de apresentar projectos” (sessão de 6 junho de 1853).

III

O projecto de casamento civil foi uma audacia de tolerancia religiosa e liberdade espiritual que não podia ir avante naquella epoca. Não chegou a ser discutido.

Um requerimento ultramontano o provocara. Em agosto de 1846 agitou-se a camara em dias consecutivos, na discussão da “questão religiosa de Petro-

(1) Vide annaes da camara sessões de 24, 25 e 28 de janeiro de 1850. A indicação de Wanderley soffreu grande discussão. Foram-lhe contrarios D. Manoel, Souza Franco, Zacarias, fallando a favor Rezende, Nebias, Souza Ramos, Wanderley, defendendo na sessão de 25 a sua proposta, dizia: “uma votação na qual não pôde influir consideração alguma senão a consciencia da propria vontade, será sem duvida muito mais livre do que aquella que fôr feita com publicidade... o escrutinio secreto é uma garantia de liberdade”.

(2) Em 1845 apresentara uma indicação para que houvesse no recinto tribunas donde o orador fosse ouvido.

polis" (1), isto é, acerca do exercicio publico alli do culto protestante, sobre o casamento entre catholicos e protestantes, sem a autorisação ecclesiastica e a presença do parochio, e o ensino de meninos catholicos por mestres protestantes.

Justificara o deputado Silva (14 de agosto) seu requerimento quando Wanderley, movido como por uma mola, numa reacção quasi instinctiva, levantou-se para combatel-o, reagindo contra o espirito de intolerancia que se pretendia crear que "nem está nos nossos costumes, — dizia, — nem convem que esteja nas nossas leis" . . . Fossem livres os cultos, e mesmo publicos os não catholicos. A questão que se levantava trazia os mais funestos resultados pela idéa que se podesse fazer em paizes estrangeiros de que os diversos cultos não eram permittidos no imperio, não gozavam de protecção.

Sustentando o direito dos protestantes de Petropolis de exercerem sem segredo o seu culto exclamava: "admira-me, senhores, a rapidez com que se regressa para certas idéas! A maçonaria pode ter suas casas publicas; todas as outras associações teem suas casas publicas, e um culto christão, só porque não é catholico, apostolico, romano, não póde ser exercido publicamente; deve ser exercido de tal maneira que nem se conheça a casa! Isto é contra a constituição, é contra todas as conveniencias sociaes, é contra a razão, é absurdo".

Verberava, como catholico, que filhos de catholicos fossem doutrinados em outras religiões, mas não

(1) Sobre esta "questão" lêr Joaquim Nabuco "Um Estadista do Imperio" Vol. I pag. 293. São interessantes os debates na camara, nas quaes tomaram parte D. Manoel, Nunes Machado, Souza e Oliveira, Marinho, Souza Franco, Mendes da Cunha, nas sessões de 18, 19, 26 e 27 de agosto de 1846.

admittia o cerceamento do direito dos paes de confiarem a quem quizessem a instrucção de seus filhos, fosse qual fosse a religião dos mestres.

O requerimento na parte referente ao casamento merecia seu apoio porque desejava dados para propôr uma medida proficua. "Até agora, — dizia —, a parte civil do casamento não se acha determinada em uma lei especial" sujeitos todos os efeitos do matrimonio ao ecclesiastico, "vicio que o legislador não devia deixar subsistir por muito tempo". Não era prudente que este se intromettesse nas questões religiosas mas era perigosa a dependencia que assignalava: "determinem os snrs. bispos, ou aquelles que teem autoridade, que tal ou tal casamento é nullo segundo a religião, mas determinemos nós que o casamento feito por um contracto civil produza os efeitos civis, segundo a lei; isto para a paz das familias e o socego dellas".

Taes idéas e taes palavras, ditas com tanto desasombro, estarreciam os espiritos os mais liberaes. Nunes Machado aparteia admirado: "isto está bom", para ouvir a replica energica e firme de Wanderley: "fallo como entendo; se não está bom para o nobre deputado está bom para minha consciencia. Talvez não esteja bom para algum ultramontano".

Promettera. Um anno depois (1 de agosto de 1847) offerencia á camara o seu projecto (1) em que determinava a precedencia e obrigação essencial de

(1) No anno seguinte (12 de agosto de 1848) Carvalho Moreira e Wanderley apresentam um novo projecto.

A' pag. 293 do Vol. I do seu citado livro, Joaquim Nabuco diz erradamente que o estado deficiente da legislação do paiz ácerca dos casamentos mixtos fôra, "pela primeira vez", posto em grande evidencia pela consulta da secção de justiça do conselho de estado de 27 de abril de 1854. Os debates relativos ao requerimento Silva em agosto de 1846, o projecto de Wanderley em 1847 e o projecto Car-

actos de estado civil ao casamento religioso para a validade legal deste, tanto em relação aos esposos como aos filhos. Definia esses actos: editaes; registro privativo; o contracto, perante quatro testemunhas, cuja copia seria enviada ao parochou ou ministro do culto; equiparação de todas as religiões, quanto ás formalidades e effeitos civis do casamento; emancipação do casamento de qualquer dependencia canonica.

Firmando essa independencia estatuiu, num dos artigos, uma vez satisfeitas as solemnidades creadas: "no caso de qualquer nullidade do matrimonio, por falta de qualquer formalidade religiosa, todos os direitos dos esposos ou filhos serão os mesmos quanto ao civil, como se tal nullidade não existisse".

Instituia tambem o registro civil de nascimentos, baptismos e obitos, sem ingerencia das autoridades religiosas.

IV

Outro projecto destinado a perecer foi o da criação da provincia do Rio S. Francisco.

O sangue de sertanejo lhe fervia no coração. Os olhos maravilhados de futuro se estavam voltando de continuo para o S. Francisco: — o fertil valle povoado e rico; o grande rio e seus affluentes cortados e recortados de rapidos vapores; ligada a bacia central,

valho Moreira-Wanderley um anno depois, desmentem aquella affirmativa. Tambem á pag. 289 accrescenta J. Nabuco que o projecto redigido por seu pae fôra "o primeiro sobre casamento civil que tenha sido elaborado pelo governo". Dado o silencio sobre aquelles dois projectos citados, pode-se ser induzido a crêr que o de Nabuco fôra realmente o primeiro sobre casamento civil. Nada vale o fetichismo da prioridade. Este registro visa apenas restabelecer a chronologia nesta magna questão. Ainda sobre o assumpto lêr J. Nabuco, op. cit. Vol. II, pag. 27.

pela estrada de ferro, ao porto da Bahia; a nova provincia com a sua villa da Barra por capital.

A 13 de julho de 1850 apresentava Wanderley com alguns deputados pela Bahia e José Bento, da deputação pernambucana, este projecto: "A assembléa geral legislativa decreta: Art.º 1.º — E' creada uma provincia com a denominação — do rio S. Francisco — a qual será composta das comarcas de Paranguá, da provincia do Piauhy, de Urubú, Barra, dos termos de Pilão Arcado, Sento Sé e Joazeiro, da provincia da Bahia, dos termos de Paracatú, de S. Romão e Januaría da provincia de Minas.

Art.º 2.º — A villa de Urubú, da comarca do mesmo nome, é elevada á categoria de cidade da — União — e servirá de cápital á provincia.

Art. 3.º — A assembléa legislativa da provincia será composta de 20 membros.

Art.º 4.º — A nova provincia dará tres deputados á assembléa geral.

Art.º 5.º — O governo é autorizado a crear as repartições, a expedir os regulamentos necessarios, alterando como convier a legislação em vigôr, e a fazer as despesas exigidas por esta criação.

Art.º 6.º — Ficão revogadas as leis e disposições em contrario.

Paço da camara dos deputados, em 13 de julho de 1850 — J. M. Wanderley, J. B. da Cunha Figueiredo, B. A. de M. Taques, J. de Góes Siqueira, M. J. Bahia, José Antonio de Magalhães Castro, com restricções".

O problema da divisão territorial do paiz preocupava os homens publicos, mas o regionalismo oppunha embargos aos desmembramentos.

Os mineiros vetavam mutilações do vasto território de sua provincia (1). Contra a proposição de Wanderley allegavam, sobretudo, as distancias de Paracatú a Urubú, villa esta designada como capital da nova provincia, porque Wanderley, evitando a seu projecto a impugnação de conveniencia pessoal, não quizera indicar a Barra, seu torrão natal, na esperança ou certeza de alguma emenda no correr da discussão (2).

(1) Fallando á camara na sessão de 19 de agosto de 1853 o deputado por S. Paulo Pacheco dava testemunho de que o projecto de Wanderley não fôra approvado por opposição bairrista dos mineiros.

(2) Burton — "Exploration of the Highlands of the Brasil", Vol. II, pag. 322 diz que a idéa da criação da provincia do S. Francisco tendo por capital a villa da Barra fôra lançada em 1825 pelo Cel. José Joaquim de Almeida, aquelle mesmo que encontramos no principio do capitulo I deste livro em luctas politicas com o pae de Wanderley. O autor inglez narra os ciumes locais entre Januaria, Carinbanha, Barra e Joazeiro que todas queriam ser capital, e não é lisongeiro em seus julgamentos em relação á villa da Barra. Tambem falla com amarga antipathia desta villa e de sua pretensão de ser capital da provincia projectada, Accioli, num relatório publicado na Rev. do Arch. Mineiro. Paranaçu era um dos que se batiam pela villa da Barra como capital da nova provincia. Em carta a Wanderley, de 12 de junho de 1851, datada da Bahia, onde era deputado provincial, escrevia: no Correio Mercantil de 4 deste mez pronunciei-me pela elevação da Villa da Barra á cathegoria de cidade. O projecto ficou adiado á espera de informações exigidas na conformidade do regimento. Quiz fazer sentir a importancia da quella Villa, tão vantajosamente collocada á margem do S. Francisco, afim de que na criação da nova provincia não seja esquecido um dos melhores centros administrativos que se lhe pode marcar. E a não ser este logar designado como séde do governo da nova Provincia do Rio S. Francisco a parte que se pretende tirar do Piauhly soffre consideravelmente e não quer de modo algum pertencer á nova provincia, segundo me communicam as pessoas mais consideradas daquella parte da referida provincia. Sinto não me achar na camara, pois algum direito supponho ter de fazer ouvir-me". Na sessão de 27 de maio de 1851 foi lida na camara dos deputados uma representação da villa da Barra em que pedia ser a dita villa escolhida para capital da nova provincia. James H. Wells em seu livro "Three Thousand Miles Through Brasil" — Londres — 1886 — pag. 43, vol. 2.º, falla em "Sitio do Melo" uma das villas apontadas para capital da provincia do S. Francisco. Propunbam-se tambem Januaria, Bomjardim, Urubú, Cidade da Barra, Xiquexique, Joazeiro. Ao parecer de Wells, Bomjardim offerecia melhores condições que as outras. A cidade da Barra tinha muito boa situação commercial, mas muito baixa, sujeita a innundações, parecia estar fóra de escolha, porem o seu poderoso e influente filho o Barão de Cotegipe provavelmente exercia seu poder impedindo a criação da provincia, salvo se sua cidade natal fosse a capital.

Rompeu o debate contra o projecto o deputado mineiro Luiz Antonio Barbosa, impugnando-o (sessão de 20 de agosto de 1851) como inconveniente, pelo menos quanto á parte em que se referia ao territorio mineiro. As comarcas que de Minas se desmembravam nada lucravam em ter por capital uma villa do sertão da Bahia, em lugar da capital que então possuíam. O projecto, que lhe parecia "ferir gravemente os interesses da provincia de Minas", delineava o territorio da futura provincia em uma tira pelo interior de Minas e não apresentava conveniencias administrativas nem politicas. Emquanto não houvesse um plano geral de divisão de provincias não concordaria Barbosa, apoiado por Mello Franco e outros deputados mineiros, em "separação alguma do territorio mineiro para outras provincias"; a taes projectos faria a guerra que podesse.

A opposição de Barbosa baseava-se nas susceptibilidades regionaes, no espirito de bairrismo: "não ha de ser com o meu voto que de forma alguma hei de consentir que se desfalque a provincia de que sou representante, para desta forma fazel-a perder a importancia que actualmente tem no imperio. Já que a provincia de Minas a tantos outros respeito acha-se desfavorecida, conservemos-lhe ao menos a posição que lhe dão a extensão de seu territorio, o numero e a homogeneidade de seus habitantes". Talvez votasse pela criação de uma nova provincia com desmembramento de territorio de Minas: "se fosse escolhido como centro uma povoação mineira", como por exemplo, Paracatú (1). Dividissem a Bahia os bahianos, os mineiros dividiriam Minas. Requeria o adiamento.

(1) Tambem Mello Franco impugnou o projecto por falta de esclarecimentos e o criticou quanto ás distancias de Paracatú a Urubú, e á inclusão da comarca de Paracatú na nova provincia.

Em maio do anno seguinte foi lido na camara dos deputados um

Wanderley se lhe segue na tribuna: "sou filho do rio S. Francisco; posso portanto dizer alguma coisa das suas necessidades e das vantajosas condições que possúe para constituir uma provincia, com proveito do estado, que não é senão o bem estar dos habitantes daquelles logares". Opondo-se ao adiamento, embora pedisse informações ás autoridades sobre a conveniencia dos limites da provincia (1), protestava contra os exaggeros de bairrismo de Barbosa: "cuidava eu até agora que as creações de provincias ou as divisões territoriaes tinham por fim a utilidade dos po-

officio da camara de Paracatú pedindo a criação de uma provincia com a denominação de "provincia do Rio Paracatú".

Sobre o projecto de Wanderley deu o coronel Conrado Jacob Niemeyer o seguinte parecer: "Julgo á vista da Carta Geral do Imperio, e das parciaes da Bahia e Piauhy, que a nova provincia de S. Francisco ficará soffrivelmente organisada, e limitada compondo-se da Comarca de Parnagoá, na provincia do Piauhy, da de S. Francisco (actualmente pertencendo á provincia da Bahia), extendendo-a um pouco mais a limitar com a provincia de Pernambuco pelo rio das Salinas, e pela margem direita do rio S. Francisco a começar no rio Salitre a ganhar a serra da Chapada e seguindo esta pela divisa das aguas do grande rio em todos os seus affluentes a ganhar o rio Verde. Desta sorte fica limitada a nova provincia com divisas naturaes pelas provincias de Minas Geraes, Goyaz, Maranhão, Pernambuco e Bahia e facilmente o ficará com a de Piauhy. — Rio 22 de Junho de 1857 — Conrado Jacob de Niemeyer".

(1) Em 1853 Wanderley era presidente da Bahia e respondia á camara dando as informações pedidas. Consultara os juizes das comarcas e as camaras das villas. Urubú e Carinhonha disputavam a honra e vantagem de capital da nova provincia. Dizia Wanderley na sua informação: "o termo de Paracatú seja excluido da nova provincia; que se conservem os outros do projecto, incluindo-lhe o termo de Formigas, parte do qual fica á margem do rio S. Francisco, muito mais perto da Villa de Urubú designada no projecto para capital do que de Ouro Preto, e a Comarca de Bôavista e a villa de Pambú, segundo indica o juiz de direito da comarca do Rio S. Francisco. E adopto em tudo o mais, o projecto, sem fazer questão do ponto em que deva ser fundada a capital, por competir a sua designação á respectiva assembléa provincial; mas parece que está fóra de controversia a vantagem do estabelecimento de um centro do poder administrativo em uma população que fique á margem do grande rio S. Francisco, equidistante dos differentes termos, que estando nas raias de diversas provincias não recebem o impulso que o governo pode e deve dar ao seu progresso, com aquella força que é necessaria a um paiz que apenas começa a desenvolver os elementos de grandeza que tem o solo fertil com que foi dotado pela natureza..." (Fevereiro 1854. No "Livro de Côte", do Archivo Publico da Bahia).

vos; mas agora vejo o inverso; vejo que tem por fim a utilidade de certos e determinados individuos, que pretendem influir por qualquer motivo nessas localidades. Posso felizmente fallar, posso combater o illustre deputado neste terreno com proveito, porque sendo representante da provincia da Bahia, não tendo menos amor a ella do que o illustre deputado tem á sua provincia, desejando que ella mantenha aquella preponderancia e importancia de que actualmente goza entre as demais provincias do imperio, comtudo propuz que della se desmembrasse o duplo ou o triplo do territorio que pelo projecto é tirado da provincia de Minas”.

A utilidade do projecto — exclamava — era evidente: “o rio de S. Francisco está collocado em tal posição que fica quasi em igual distancia das provincias da Bahia, Minas, Goyaz, Pernambuco, e Ceará, e em menos de um a dois mezes não podem chegar das capitães de qualquer dessas provincias providencias administrativas aos pontos indicados e comprehendidos no projecto. A comarca do rio de S. Francisco, donde sou natural, pertenceu a Minas, a Pernambuco e hoje pertence á Bahia, donde fica mais visinha, e entretanto dista della 160 leguas, isto é a cabeça da comarca, porque de outras localidades dista 200 leguas e mais, como são das extremas da villa de Campo Largo e Santa Ritta. Pergunto ao illustre deputado se é possivel que aquelles povos sejam bem administrados, ficando numa tal distancia da capital”.

Havia alli população para se formar uma provincia de segunda ordem — maior que as do Rio Grande do Norte e Espirito Santo, maior talvez que as de Sergipe e Alagoas. Só as tres comarcas desmembradas da Bahia — Sento Sé, rio de S. Francisco e Urubú — compunham-se de 12 villas e 14 freguezias,

com nunca menos de 80.000 habitantes. Só a freguezia de Pilão Arcado tinha pela estatística de 1838 mais de 13.000.

Parnaguá fazia todo o seu commercio para a Bahia. Januaría e S. Romão não tinham a menor relação com a capital mineira (Taques aparteia: "no Ouro Preto não se sabe o nome da villa de Januaría").

Hesitava sobre a annexação de Paracatú. Era assumpto a decidir-se na segunda discussão.

"Para que a provincia se constitua o que é necessario é que haja utilidade para os povos que habitão nas margens do rio de S. Francisco; se esta fôr reconhecida pelo corpo legislativo, não obstante a guerra que o illustre deputado promette fazer ao projecto, elle ha de passar. Entendo que nós não podemos fazer uma divisão geral, que devemos ir fazendo as divisões á medida que as necessidades dos povos a reclamarem."

No Brasil seria impossivel uma divisão como fizera a França com seu territorio, todo povoado e geographicamente conhecido em plantas e mappas. No Brasil as grandes zonas despovoadas difficultavam o problema: "de que servirá uma grande provincia com uma grande extensão se entretanto não tiver população? Eu não votarei por uma divisão destas; mas onde se reconhecer que ha população necessaria para se constituir uma provincia, não duvidarei votar, embora seja uma medida parcial".

Se havia defeitos nos limites apontados á nova provincia, facil era a alteração delles para melhor. E se o territorio proposto tinha a configuração estreita e longa, é que se procurava approximar as povoações distantes "pelo grande meio da communicação fluvial".

V

Occupado em prevenir rebelliões, reprimir e punir o trafico, tutelar africanos livres — como chefe de policia e presidente da Bahia, e ainda como juiz da comarca de maior agglomeração de escravatura, Wanderley entrava em contacto mais directo com o instituto da escravidão, tanto nos espectaculos brutaes da sua deshumanidade, como pela observação mais perfeita da sua contingencia economica, no paiz.

Na infancia e na mocidade mal vira escravos raros nas fazendas sertanejas, onde a vida pastoril era, intensa ás senzalas. O sertão tem poucos negros. No S. Francisco a sua porcentagem é pequenissima. No inventario paterno arrolaria Wanderley, num monte-mór de algum vulto, apenas cincoenta e um escravos. Estudante, deputado e governante, acompanharm-n'o, nas cidades, dois serviçaes mais amigos que submissos, com regalias de liberdade que lhes amenizavam, em impressões de felicidade, a dura condição servil. A philantropia, moderada pela visão economica de governante, viria a ser estimulada, em Wanderley, pelas scenas que assistio de 1849 a 1854. No que escreveu como chefe de policia e presidente (1) ressuma piedade pelo negro, compaixão misturada, aliás, de comprehensão da realidade e da previsão dos destinos nacionaes. Esses sentimentos e descortinos inspiraram os projectos que apresentou á camara em 11 de agosto de 1854.

(1) Na sua Falla de 1853, referindo-se ao grande numero de suicídios de africanos escravos, Wanderley escrevia: "escuso fazer reflexões sobre a causa que leva esses desgraçados a attentarem contra seus proprios dias: he mais um legado da escravidão..."

O trafico africano cessara justamente numa epoca de grande florescimento economico, quando avultava a necessidade de braços.

Em largas zonas meridionaes do paiz derrubavam-se as mattas e fundavam-se novas fazendas. O café firmava o seu dominio como cultura remuneradora.

Aquelle excesso de escravatura, que tanto impressionava a governantes e governados da Bahia no principio do seculo, desaparecia; sangrado o norte na sua população servil pela exportação de negros para o sul. Mal tentavam as provincias septentrionaes reter, nos seus territorios, esses trabalhadores que eram riqueza. A pesada taxa por escravo sahido dos portos era uma medida sem efficacia da assembléa bahiana (1). Expedientes semelhantes em outras provincias pouco valiam.

O exodo se processava em grande escala calculados em cerca de 6.000 os escravos que desciam annualmente das provincias do norte (2). Só num anno (1853) a Bahia mandara para o sul mais de 2.000 escravos.

Perdia o norte riqueza, prosperidade; perdia em civilisação que no trabalho do negro se baseava.

(1) Esse imposto, mantido e augmentado não impedio a continuacão da emigracão de escravos. Em 1853 é elle de 80\$000 por escravo; de 1854 a 1861 de 100\$000; de 1862 a 1863 de 200\$000; de 1864 a 1868 de 154\$000; de 1868 a 1874 de 200\$000.

(2) Tavares Bastos affirmava que de 1850 a 1864 haviam entrado no porto do Rio de Janeiro, vindos do norte, 42.000 escravos. "O sul enriquece a custa do norte" accrescentava elle a essa sua nota (Manuscripto na B. N. — I, 6, 1, 2, 8). Silveira da Motta em discurso no senado a 17 de maio de 1861 citava uma estatística que organisara, dia por dia, e pela qual verificava que 36.000 escravos haviam entrado no porto do Rio de Janeiro, vindos do norte, entre 1850 e 1861, isso sem comprehender os encaminhados para o littoral de S. Paulo e Rio Grande do Sul e pelo sertão. Alencar Araripe dizia em discurso na camara, na sessão de 18 de julho de 1871 que no decennio de 1845 a 1855 o Ceará vendera para o sul 10.000 escravos e que nesse mesmo espaço de tempo para mais de 30.000 recebera a provincia do Rio de Janeiro, comprados ás provincias do norte.

E todos os horrores do antigo trafico se repetiam, continuavam, nesse outro de provincia a provincia.

Como Lincoln, que guardara para estimulo de seus propositos libertadores a lembrança de uma viagem pelo Mississipi abaixo, num vapor com escravos acorrentados, vendidos para o sul, Wanderley, em cada ida ao Rio, nos paquetes nacionaes, augmentava a sua aversão ao trafico negreiro interprovincial, de norte a sul.

Vinha a cafila espalhada pelo vapor, agglomerada nos convezes, desnuda, promiscua, immoral, imunda. A's vezes recrutas completavam o elenco daquelles espectaculos, tão dolorosos quantos asquerosos. Junto aos pequenos "beliches" dos passageiros, vinham á noite deitar-se pelo chão escravos cobertos de sujos andrajos. E a piedade dos viajantes ali os tolerava, condoidos daquelles a quem não restara lugar no convez, "juncado de corpos quasi nus, uns sobre os outros, que rolavam dia e noite, sem terem onde se abrigar do sol e da chuva". O almiscar que exhalava, a nudez mal protegida de tangas e trapos, o ar de soffrimento ou o desembaraço animal da sensualidade daquella carga humana arrepiavam os menos sensiveis (1).

Wanderley, comiserado pelos soffrimentos dos escravos, e dedicado aos interesses economicos de sua provincia e de todo o norte, apresentou á camara, em 11 de agosto de 1854, dois grandes projectos.

O primeiro, baseando-se sobretudo em razões economico-regionaes, melhorava a sorte dos captivos dif-

(1) Ler descripção dos horrores dessas viagens nos discursos dos deputados Ferraz (sessões de 8 e 20 de agosto de 1853) e Correia das Neves (sessão de 11 de agosto de 1853).

ficultando-lhes as separações nas famílias, e apressava, de algum modo, a extincção da escravidão:

“Art. 1.º — Fica prohibido, sob penas da lei n. 581, de 4 de Setembro de 1850, o commercio e transporte de escravos de umas para outras provincias do Imperio. Exceptuam-se os que viajarem em companhia dos respectivos senhores, em numero marcado em regulamento do governo.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrario.” (1).

O segundo era todo humanidade e philanthropia:

“Art. 1.º — A alforria concedida aos escravos que não puderem alimentar-se pelo producto de seu trabalho, em consequencia de velhice, doença prolongada ou incuravel, não isenta os senhores da obrigação de alimentar-os, salvo falta absoluta de meios.

Art. 2.º — Os escravos que mendigarem com consentimento dos senhores serão por esse facto considerados livres, inda que não estejam no caso do artigo antecedente.

Art. 3.º — Os juizes de orphãos compellirão os senhores de que trata o art. 1.º a alimentarem os mantenidos, ou a lhes concederem uma pensão alimenticia, se forem recolhidos aos estabelecimentos de cari-

(1) No anno seguinte appareceram novas propostas visando extinguir ou difficultar o trafico interprovincial. Paula Candido apresentou um additivo ao orçamento, criando uma taxa de 100\$000 sobre escravos importados, pela côrte, das provincias maritimas (28 de julho de 1855), tendo-o retirado por pretender o governo adoptar uma medida geral.

Ferraz propoz uma emenda ao contracto com a companhia de vapores do norte, prohibindo-os de receber escravos como passageiros, salvo os que acompanhassem seus senhores em numero limitado (8 de agosto de 1855).

dade; e passarão carta ao escravos de que trata o art. 2.º

Art. 4.º — Ficam revogadas quaesquer disposições em contrario". (1).

Ao entrar em discussão aquelle, relativo ao trafico interprovincial, atacou-o com vehemencia Silveira da Motta (sessão de 22 de agosto): pelo lado juridico — como inconstitucional, por *matar o direito de propriedade*; pelo lado politico — por dar ao cruzeiro inglez, mediante a applicação da lei de 4 de setembro de 1850, aos traficantes interprovinciaes, novos pretextos para as violencias britannicas á soberania nacional; quanto á moral — por ser deficiente. "Abolir-se o direito de propriedade ou restringil-o, — dizia Silveira da Motta, — contrariarem-se todos os principios economicos; arriscar-se o nosso commercio de cabotagem á equiparação com o commercio de contrabando da costa d'Africa; sujeitarem-se os nossos navios costeiros á legislação excepcional de 1831 e 1850, só em vista de accomodar uma idéa philanthropica, é coisa a que não posso dar o meu assentimento... Os americanos passam por muito philanthropicos... entretanto cuidam muito de conservar a sua escravatura: ainda não estabeleceram em nenhum estado do sul da confederação, aonde ha escravos, limitação alguma ao direito de propriedade sobre os escravos; este direito é garantido aos senhores até ao ponto de poderem ven-

(1) Domingos Alves Branco Moniz Barreto na sua "Memoria sobre a abolição do commercio da escravatura" (1837) propunha se decretasse uma lei que ordenasse — "todo escravo que legalmente provar no julzo dos captivos ou das liberdades que morria á fome, andava nú ou não era cuidado na enfermidade ficasse por isso liberto."

der os pequenos filhos dos escravos, separando-os das mães." (1)

Fortemente impugnado foi, também, o projecto pelo deputado Viriato (sessão de 30 de agosto) que, repisando, com novos argumentos, a questão do desrespeito á propriedade, apreciou-o pelos seus inconvenientes economicos de modo singular: "desde que o preço dos escravos principiou a subir, pela maior procura delles no sul do Brasil, os valores de grande porção da riqueza publica do norte dobraram. O escravo que era vendido por 500\$000 chegou ao preço de 1:000\$000. Subindo o preço dos escravos, dobrou essa especie de riqueza no norte. Eu pergunto aos honrados deputados que me fazem opposição, qual é a causa efficiente dessas frequentes vendas de escravos do norte para o sul? Certamente é o principio de interesse, regulador invariavel de todos os actos da criação e da producção da riqueza. Os agentes da producção agricola no norte pensam que os capitães empregados em escravos não são consumidos productivamente, e então preferem mudar de industria e os alienam. Se elles podessem com utilidade usar de seus escravos na agricultura, se desse uso podesse haver uma renda proporcional ao capital empregado, certa-

(1) Silveira da Motta viria mais tarde a sustentar as idéas de Wanderley, renegando os argumentos com que as combatera. Na sessão do senado de 17 de maio de 1861, quando se discutia um projecto relativo á venda de escravos, a separação dos conjuges entre si, e dos filhos do pae ou mãe. Discursou longamente alludindo á crueldade destas separações; ao grande exodo de escravos do norte para o sul; mencionando algarismos das entradas dos escravos do norte no porto do Rio de Janeiro, a grande descida dos da Bahia, pelo sertão, pelo rio S. Francisco, para serem trocados por bestas nas feiras de Sorocaba; referindo o facto de muitos senhores de escravos trazerem-n'os como moeda, transportando-os como seus serviçaes, para vendellos nos mercados do sul, e com o seu producto occorrer a despezas ou realisar negocios; lembrando a inefficacia das taxas impostas pelas assembleas provinciaes, que não haviam impedido que o norte se despovasse de sua escravatura.

mente não os alienariam. Ora o que vae ser o projecto, se passar como lei? Vae fazer diminuir a procura dos escravos no norte; vae fazer diminuir a fortuna publica naquella parte do imperio. O que farão os lavradores que não acham bom emprego dos seus escravos applicados na agricultura? Continuarão a alienal-os, porque vêem que não produzem aquillo que devem produzir, e esta alienação não será tão vantajosa pela baixa dos valores. E esses lavradores, por uma lei nossa, perdem a metade de suas fortunas! O agricultor do norte, por causas conhecidas de todos e que agora não enumero, acha-se onerado de dividas, empenhado; tem, por ora, um preço avantajado para a sua propriedade, para a venda de seus escravos, e queremos tornar mais lastimosa a sua sorte, reduzindo suas fortunas, consequencia necessaria das medidas do projecto!... Mas que faremos de nossas terras do norte? (dizem-me alguns nobres deputados que me ouvem); terras sem braços, porque, a continuar essa exportação de escravos que existe, o norte ficará sem escravos? Certamente, por algum tempo, as nossas terras do norte ficarão incultas; passaremos por uma crise porque não é possível o contrario. Triste necessidade produzida pelos erros do passado. Mas não ha medida alguma legislativa que possa arredar inteiramente essa crise que está diante de nós, e de perto nos ameaça. Mas, senhores, depois dessa crise teremos innumerous bens; teremos abundancia de braços livres, eu vos afianço, porque logo que principiarmos a sentir mais fortemente a falta de braços escravos, procuraremos fazer a colonização em maior escala... Senhores, eu sou filho do Maranhão e tenho lá alguma fortuna, e quando vejo esses vapores cheios de escravos que nos chegam do norte fico satisfeito, intimamente persuadido que

assim mais brevemente se fará sentir a necessidade de activar, de desenvolver a colonização...”

Já o deputado Araujo Lima replicara (sessão de 25 de agosto) a Silveira da Motta em defesa da proposta de Wanderley, quando este se levantou (sessão de 1 de setembro), para sustentar as suas idéas.

Encarou a questão da constitucionalidade; mostrou como eram legaes as limitações á propriedade em proveito da sociedade; citou a desapropriação, para accrescentar: “alem disto existem leis que, no interesse do publico, equiparam a propriedade movel á propriedade de raiz v. g. existe uma lei, a do privilegio á lavoura, que determina que os escravos, bois, machinas, etc., que servem para a cultura da canna e fabrico do assucar, gozem do privilegio de incorporação ao fundo das terras. Se ha uma lei que declara que um bem movel terá as mesmas qualidades e isenções dos bens de raiz, como se pôde acoimar de inconstitucional um projecto que estabelece disposições quasi identicas?”

Enlevado nos propositos philanthropicos, alguns de seus argumentos e expressões iam chocar fortemente as idéas do tempo: “ora, senhores, se isso dá-se na propriedade considerada em geral, o que acontecerá quando tratar-se de uma propriedade que se funda no abuso? (apoiados). A sociedade não terá o direito de limitar esse abuso, de fazer com que elle seja menos prejudicial á mesma sociedades? (apoiados). Se nós entendessemos que deviamos acabar com a escravatura entre nós, haveria alguém que se nos devesse oppôr, e a quizesse perpetuar porque assim feriamos

o direito de propriedade? (muitos apoiados, proseguem os apartes). Como, pois, entende-se que é inconstitucional fazer-se cessar o commercio de escravos de provincia a provincia? (apartes).

“Posso usar e abusar de minha propriedade, é uma das consequencias della, diz-me o illustre deputado por Matto Grosso (o Snr. Viriato: apoiado). Podeis abusar, sim, da vossa propriedade em geral; mas da propriedade sobre o homem não podeis abusar (muitos apoiados); se entenderdes que podeis abusar a ponto de destruil-a, esse abuso poder-vos ha levar tambem á força (apoiados). Signifique o que quizer a palavra abuso; o que estou mostrando é que os possuidores dessa propriedade especial ou *sui generis* (1) têm certas restricções que fazem com que todos os argumentos que os illustres deputados apresentarem, fundados no direito de propriedade, desapareçam...”

(1) Pode-se bem calcular a evolução do conceito da escravidão no espirito de Wanderley comparando as expressões desse seu discurso de 1854 com os apartes que déra dois annos antes (4 de junho de 1852) ao deputado Silva Guimarães, quando este justificava na tribuna o projecto, que apresentara, de libertação dos nascituros. Falla Silva Guimarães do direito de liberdade “apenas desconhecido por nós por termos doptado a posse os escravos, com o seu *servus res, non persona*”. Wanderley a isso aparteia: — “Esse homem não está na ordem” (Vozes — Isso só em sessão secreta). Adiante dizia Silva Guimarães: “os ambiciosos e egoistas que possuem escravos como tropas de bestas de carga sem duvida gritarão contra esta salutar disposição do meu projecto; mas eu perguntarei a estes sordidos avarentos, inimigos da civilização e da humanidade...” Wanderley aparteia: “é bom falar-se nisso quando não se tem escravos. O nobre deputado quantos tem?... Supponho que os não tem, porque segundo suas idéas, se os teve, já os deve ter forrado todos.” Silva Guimarães a isso accode: — “por eu ter essas idéas não se segue dahi que eu não tenha escravos...” Como Silva Guimarães continuasse a justificar seu projecto e declarasse: — “e que direitos tendes vós para chamar escravos aos filhos destas (vossas escravas)? (Viva reclamação). Fostes buscal-os á Costa d’Africa com sacrificio de vossa bolsa, com algum encommodo de vossas pessoas? (Ordem, ordem).” — O presidente o interrompe; Silva Guimarães reclama; Santos Almeida aconselha uma sessão secreta, e Wanderley, com muitos apoiados, aparteia: — “é inconvenientissima a apresentação de taes razões.” Silva Guimarães insiste entre reclamações e apartes até que o presidente lhe cassa a palavra, Wanderley provoca risadas dizendo: — “temos um novo quacker.”

Taes phrases de quasi abolicionista, tão ousado conceito da escravidão, haviam de causar sensação, pouco propicia, aliás, á approvação do projecto. Atacava o orador menos o trafico interprovincial do que a propria instituição servil: “vê-se mais (e é um horror, senhores) crianças arrancadas das mães, maridos separados das mulheres, os paes dos filhos! Ide á rua Direita, esse *novo* Valongo, e ficareis indignados e compungidos com o espectáculo de tantas miserias! E isso passa-se na côrte do imperio!

“Não é tudo, senhores, já, como consequencia, vae apparecendo no norte uma outra especulação, que é a de reduzir á escravidão pessoas livres... (1). Homens a quem estão confiados esses desgraçados meninos de cor parda ou preta têm-nos vendido; outros empregam violencia para roubar crianças ou vendel-as! (2). Factos destes têm succedido na minha provincia... Eu mesmo, senhores, que não propendo muito para o sentimentalismo, confesso que irrito-me, que horroriso-me, quando considero em todas as consequencias deste trafico tão barbaro, tão inhumano, e direi ainda mais barbaro, mais inhumano do que era o trafico da costa d’Africa (numerosos apartes)”.

(1) “O juiz municipal de Pilão Arcado, Dr. Villaboin, apprehendeu uma familia composta de 19 pessoas que seguia rio São Francisco abaixo para ser vendida como captiva! O preço por que se paga hoje um escravo desafia essas brincadeiras, que hão de continuar aqui e em outras provincias, enquanto não fôr prohibido um tal commercio. Neste ponto acho-me de accordo com o projecto que o Sr. Wanderley propoz na camara temporaria. O decreto ultimamente publicado sobre passaportes de escravos em nada obstará aos multos abusos que scandalizam...” (Jornal do Commercio de 4 de março de 1855, chronica da Bahia, datada de 26 de fevereiro). O decreto referido é o 1.530, de 10 de Janeiro de 1855.

(2) “Ha dias houve na cidade de Santo Amaro (Bahia) um roubo de nova especie: estavam dormindo em sua casa dois meninos: um delles foi roubado para ser vendido como escravo. Os perpetradores desse crime infame facilmente conseguiram perpetrar-o; entraram pelos quintaes, puzeram uma mordaca á bocca desse menino, que apenas contaria 14 annos de idade, e deixando a mãe inconsolavel aos gritos, retiraram-se a salvo! (Correio do Brasil, 23 de fevereiro de 1853).

la deixando assim Wanderley, nessas descrições, um rastro de emoção e piedade nas chronicas da escravidão, para logo chegar ao cerne do discurso, onde o philantropo cede ao homem de estado e a compaixão se cala para que se manifestem as previsões do estadista.

Toda ou quasi toda a producção do imperio — salientava o orador — era resultado do trabalho escravo, trabalho esse que no norte, com o assucar, era menos productivo que no sul, com o café. Era esta desproporção economica que determinava a impossibilidade dos agricultores do norte competirem com os do sul na aquisição dos braços necessarios ás suas propriedades. Minuciava a emigração dos escravos de uma para a outra região do paiz: “Verdade é que, até hoje, quasi nenhum dos grandes lavradores do norte tem disposto de seus escravos, porque perderião os capitaes fixos empregados na cultura; porém, senhores, notae que os braços vão diminuindo no norte, por effeito da mortalidade, na proporção pelo menos de 5 % annualmente, e que os lavradores afinal haverão de ir buscar o recurso ou supprimento nos escravos da cidade, ou entre os pequenos lavradores, cuja cultura pôde ser feita por braços livres; tirae-lhe esse recurso e poderei dizer-vos que o norte terá dentro em poucos annos de ver-se reduzido a creador de bois! (muitos apoiados, ouvem-se apartes).

“Se reconheceis, dizem-me, que a cultura no sul é mais productiva, então o projecto offende os principios de economia social, porque prohibe que os braços procurem emprego nos lugares onde dão mais lucro... Senhores, desconheço esses argumentos, e admiro-me que haja quem se esqueça dos interesses de seus irmãos para só cuidar de augmentar os proprios! Pois, senhores, deveras quereis que só duas ou tres provin-

cias regorgitem de riquezas e que as demais provincias fiquem reduzidas a miseros irlandezes? (muitos apoiados, vivas reclamações). Extranho modo de argumentar daquelle que desconhece os altos interesses politicos do imperio, e só olha e dirige-se pela maior ou menor producção... E' verdade, senhores, que vós tereis uma maior producção, enriquecereis ainda mais, tirando todos os braços escravos ao norte, mas tereis tambem um outro prazer: o de ver acabar-se a producção e a riqueza do norte! (apoiados. *O Sr. Oliveira Bello* — Ninguem terá prazer nisso. *O Sr. Silveira da Motta* — O que eu não concebo é que o norte ponha a sua esperança somente nos negros. *Um deputado* — E para que os querem no sul? *O Sr. Mendes* — E para que mandão buscar as creanças até de 8 e 10 anos. Proseguem os apartes). — Sr. presidente, não é da minha intenção tornar esta discussão violenta, mas não está em minhas mãos deixar de alterar-me quando trato de um objecto em que vejo empenhada a sorte de todas as provincias do norte (muitos apoiados). Com effeito, exclamou o illustre deputado por Minas Geraes, a primeira vista infunde terror porque as provincias do norte vão perdendo os braços que ora empregão no trabalho; mas esse mal é todo apparente ou transitorio, o futuro que se me antolha é brilhante, a colonisação affluirá para aquellas afortunadas provincias, o trabalho escravo será substituído pelo de braços livres... Sr. presidente, eu não sei onde o illustre deputado foi beber a sua tão profunda convicção. Não a compartilho; ao contrario penso que não teremos colonisação no norte sem que tenhamos colonisação no sul (apoiados). A colonisação, senhores, pequena, como a temos, vae-se encaminhando de preferencia para o sul (apoiados); o seu clima mais approximado áquelle com que está habi-

tuado o colono europeu; a sua maior riqueza, e por conseguinte os maiores adiantamentos que podem fazer os proprietarios do sul para attrahir a colonisação, mesmo a circumstancia de estar a côrte no sul fazem com que a immigração procure, como tem procurado, essa parte do imperio, e só depois do sul estar repleto de colonos é que alguns procurarão o norte; o norte não tem clima tão apropriado aos europeus; não é tão conhecido como o sul, além de que tem sido mais desacreditado (apoiados), por conseguinte a corrente de immigração ha-de primeiro procurar o sul. Mas vós que quereis supprir de braços escravos o sul causareis um damno geral; não tereis colonisação ou não vos esforçareis por obtel-a enquanto tiverdes o mercado de escravos no norte, e deixareis o norte empobrecido, sem escravos e sem meios com que possa promover a colonisação (muitos apoiados, ouvem-se apartes). Senhores, tornem-se as provincias do norte mais pobres e o futuro do Brasil está desgraçado. Cesando a escravidão no norte como consequencia dos continuados supprimentos feitos ao sul, quer a immigração européa afflúa para alli, quer não, os resultados politicos para o imperio serão graves e perigosissimos... A consequencia de uma mudança radical nas condições do trabalho das provincias será o antagonismo politico entre as provincias do sul e as provincias do norte, porque estas, logo que não tiverem escravos, se empenharão para que os não haja no sul (apoiados); as provincias do sul quererão o contrario, e veriamos saltar deste choque de interesses entre nós os mesmos perigos que tem ameaçado a União dos Estados Unidos da America...

“Senhores, os factos que se reproduzem diariamente aos nossos olhos fallão mais alto que os discurs-

dos dos illustres deputados. Horroriso-me quando vejo os vapores brasileiros com bandeira nacional e flamula de guerra empregados em carregar escravos do norte para o sul (1). Desde o principio do anno até o mez de Agosto 2.700 escravos tem sido importados na capital do imperio vindos das provincias do norte... O anno passado sahiram só pela provincia da Bahia dous mil e oitenta e tantos escravos... Pode-se calcular, Sr. presidente, que o transporte de escravos do norte para o sul nunca será menor annualmente de 6.000 escravos.

“Note-se que esse resultado não é devido exclusivamente ás necessidades economicas, é tambem devido a uma forte associação e á combinação de novos traficantes quasi iguaes aos que negociavão para a Africa (muitos apoiados) (2).

“Essa emigração constante de braços escravos do norte para o sul do imperio ha-de trazer a falta de producção e a infelicidade daquellas provincias, por-

(1) Christie dá noticia de que em 1857 fôra demittido do commando de um navio de guerra um official de marinha que fizera a bordo de sua náó o transporte de escravos de um porto do norte para o sul.

Ha uma nota de Tavares Bastos, sem data, que diz: “Commercio interprovincial de escravos — Os vapores da Companhia de Paquetes o fazem. Alias tem privilegios de navio de guerra! Sob a bandeira do Estado e com subvenção delle, commercia-se em escravos”. (Manuscripto, — B. N. I, 28, 9, 1). Numa nota ao ministro de estrangeiros, datada de 8 de Janeiro de 1858, Mr. Scarlett dizia que nas regiões do norte havia interesse em retêr os escravos, pois seriam as que por ultimo substituiriam o trabalhador negro pelo branco, e aconselhava uma lei prohibitiva do transporte de escravos das provincias onde tivessem nascido. Como primeiro passo devia ser vedado que navios subsidiados pelo governo, transportando suas malas e tropas ou commandados por officiaes brasileiros da imperial marinha como o Imperatriz e outros, transportassem escravos de uma para outra provincia.

(2) Bom negocio na Bahia era comprar escravos e despachal-os para o sul. Num dos numeros do jornal “O Commercio”, da Bahia do anno de 1844, lê-se este annuncio: “José Francisco Novis tem ordem de comprar escravos, com vicio ou sem elle, para fóra da terra; quem os tiver dirija-se á sua casa, á rua Direita da Misericordia n. 44”.

que a producção augmenta a riqueza e esta é que civilisa um povo, o torna mais brando e o faz feliz...”

Nesse discurso, que tanto se alteava nas grandes cogitações nacionaes, nas previsões do futuro e da unidade politica do paiz, o que havia de regional, de provincial, o orador repartia com todo o norte prejudicado. Fazia-se echo ao clamor quasi unanime dos lavradores das provincias septentrionaes. Mas seus objectivos eram geraes; a felicidade commum e equilibrada dos elementos componentes do paiz, a unidade nacional: — “não entendo que os argumentos tirados da sciencia economica sejam os unicos que se devão trazer por deante em materia desta ordem; se a maior ou menor producção fosse o fim principal do legislador censuravel teria sido o governo britannico por ter despendido centenas e centenas de milhões para soccorrer á Irlanda, porque seria mais conveniente que seus habitantes procurassem emprego mais lucrativo em outros paizes, sem serem tão pesados á mãe-patria; mas não, senhores, o estadista não é um especulador que busca sómente a maior producção, o estadista tem em mira outros interesses mais momentosos, outros pensamentos mais nobres e elevados; o estadista no que sobretudo se empenha é em conseguir a felicidade do povo que governa e não pode promover o bem-estar e a felicidade de uns, cavando, a ruina e fazendo a infelicidade de outros”.

Não lograram esses projectos approvação. O ambiente da epoca não podia receber bem taes proposições, enfraquecedoras do instituto servil. Tudo quanto dizia com a escravidão apavorava os homens pu-

blicos que agiam e opinavam com prudencia e circumspecção. O conselho de estado, ainda em 1852, reputava um perigo legislar-se sobre relações entre escravos e senhores no caso de, denunciado por aquelles, haver sido o senhor posteriormente absolvido: "por convir nada alterar a respeito da escravidão entre nós, conservando-se tal qual se acha e por evitar a discussão no corpo legislativo sobre quaesquer novas medidas a respeito de escravos, quando já se tinha feito quanto se podia fazer e convinha fazer na effectiva repressão do trafico" (1).

Wanderley affrontava todos esses receios e mais ainda o egoismo e as conveniencias das provincias meridionaes, mas não contava, certamente, com a opposição ou scepticismo adiador do ministerio, do qual era, aliás, delegado de confiança na presidencia da Bahia.

No anno seguinte nas sessões de 21 e 26 de maio de 1855 o presidente do conselho, Paraná, sepultava os projectos de Wanderley em declarações que transudam os interesses da provincia do Rio de Janeiro, a grande importadora dos escravos do norte.

Julgava Paraná (21 de maio de 1855) que taes escravos eram vadios, porque os bons, os trabalhadores, não os vendiam os seus proprietarios. A necessidade de braços no sul era tal que se compravam mesmo escravos malvados, de más qualidades, que os seus antigos senhores não haviam podido aturar, pelo alto preço de um conto e quinhentos; e quando o negro era morigerado e de habilidade reconhecida subia a dois contos e mais. Calculava Paraná que, dados os juros de 8 e 9 % sobre o capital para essas acquisi-

(1) Sobre as idéas da epoca lér J. Nabuco — Um Estadista do Imperio. Vol. I, pag. 247.

ções, melhor seria aos fazendeiros do Rio pagar salario annual a colonos ou trabalhadores livres. Se a alta dos preços convidava ao norte a mandar para o sul os seus escravos, a consequencia seria que, alli, a falta de trabalhadores determinaria a elevação dos salarios até que, por isso mesmo, a remessa de escravos cessasse, estabelecendo-se o equilibrio. O sul não tendo onde ir buscar novos escravos encontraria trabalhadores entre os colonos, entre os livres (1).

O choque dos interesses economicos regionaes impedia a realisação das idéas de Wanderley; mas uma força occulta, e então vigorosa, fazia propender as circumstancias para a sua adopção.

A prohibição do trafico interprovincial era já de algum tempo, um dos alvos abolicionistas dos inglezes, um dos estribilhos das insistencias britannicas junto aos ministerios. Christie em seu livro "Notes on Brasil" transcreve um officio do consul inglez em Pernambuco, datado de 6 de maio de 1852, em que suggeria a intervenção ingleza no sentido de acabar o trafico interprovincial, cujos horrores descreve, iguaes aos do trafico africano: — "the same forced transportation from country, for from Pará to Rio Grande do Sul is as distant and all respects as great a banishment as from the coast of Africa to Brasil, without ever poor excuse of ameliorating the condition of the negro, made use of by the Africo Brazilian slavers; the same disruption of natural ties of parent, child, brother, or sister, — the same eternal separation from

(1) O ministro Pedreira (Bom Retiro) Interpellado por Nebias sobre o projecto de Wanderley respondia (sessão de 27 de julho de 1855) por uma evasiva que era quasi um voto contrario — o projecto não estava em discussão.

these and from friends; indeed my Lord; most painful scenes are witnessed here at the departure of almost every steamer, and it could scarcely be termed an improper interference of Her Majesty's government to use its friendly offices with this, with view of putting a stop to this heartless trafic; and it would test the sincerity of its anti-slavery professions". (pag. 207).

Nesse anno de 1852 Lord Malmesbury dava instrucções ao ministro britannico no Rio de Janeiro para agir contra tal especie de trafico.

E em 1854 insistia o governo inglez pela sua abolição, mediante resoluções legislativas.

Em data de 10 de abril de 1854 Abaeté remettera a Wanderley, presidente da Bahia, a traducção da nota que a 8 lhe fôra enviada pelo ministro inglez, reportando-se ás informações de Mr. Morgan, consul inglez na Bahia sobre o trafico interprovincial. Dizia a nota: "depois de alguns annos de residencia no Brasil o negro boçal fica comparativamente civilisado. Em tempo casa-se elle e tem uma familia, e como o resto do genero humano, deve suppor-se que tem sentimento de affecto para com sua prole. Chega um negociante de escravos do mercado do Rio de Janeiro, compra de senhores, necessitados ou avarentos todos os escravos que pode achar, e as mais das vezes é causa de separação de um pae e de uma mulher e seus filhos, e vice-versa, sendo o desgraçado africano talvez de novo vendido no logar de seu ultimo destino a algum peor senhor ou a algum outro especulador sem principios. Esse commercio que por honra do nome brasileiro parece não ser exercido por brasileiros, mas simplesmente por portuezes, é protegido pela lei; tive ordem, pois, do Conde de Clarendon, Principal Secretario de Estado dos Nego-

cios Extrangeiros de S. M. Britanica, para chamar a attenção de V. Ex. para a crueldade do systema que elle envolve em si, como acima fica exemplificado e para suggerir-lhe que a elle se ponha um termo por alguma medida legislativa. Ouso esperar que o governo imperial que tem dado tantas provas de intenções tão humanas e energicas a respeito da abolição do trafico de escravos não se ha de negar a abraçar esta suggestão do meu governo para a repressão de um trafico não menos cruel talvez que o proprio trafico de escravos. — Henry B. Howard” (1).

Muitas vezes a acção dos inglezes contra o trafico interprovincial (descripta no capitulo VIII do livro de Christie), ia do conselho, e da insistencia, ás vias materiaes. Em 1851, por exemplo, um lavrador paulista de Jacarehy — Gomes Leitão, fôra á Bahia, onde adquirira cerca de cem escravos ladinos, que, depois de apresentados ás autoridades policiaes, e obtidos os necessarios passaportes, embarcou no brigue nacional “Piratinin” para o Rio, a serem depois conduzidos para São Paulo. O cruzeiro inglez apprehendeu aquelle brigue e os escravos que depositou na presinganga britannica “Crescent”, levando a embarcação como presa.

A essa pressão ingleza o projecto de Wanderley ia dever a sua quasi resurreição (2). Seria elle uma

(1) Logo que Wanderley apresentou seus projectos Howard enviou a Lord Clarendon um officio com data de 12 de agosto de 1854 narrando as idéas contidas nas proposições, louvando-as e dando seu testemunho relativamente aos abusos que se queriam cohibidos. Lêr Christie — “Notes on Brasil” — 1865 — Londres — pags. 97, 218 e 219.

(2) E’ notavel o erro em que incorreu Euclides da Cunha naquella sua magistral synthese “Da Independencia á Republica”, estampada em “A Margem da Historia”. Euclides, depois de chamar a Wanderley de “fervente autor da lei libertadora de 5 de junho de

das leis approvadas na sessão de 1857, se tão cedo se não retirasse o gabinete Paraná-Caxias.

Em 1856 Mr Scarlett insistia, por ordem de Clarendon, com Paranhos, de quem são estas expressões em carta a Nabuco: "diz-se que ha maior deshumanidade neste trafico, que assim alimenta o espirito, do que com elle se parece e as leis condemnam. Não podemos fazer alguma coisa em nosso proprio interesse, visto que o norte vae ficando sem braços, e que ao mesmo tempo nos livre dessas importunações do Foreign Office? O trafico, meu caro collega, ha de ser por muito tempo a alavanca ingleza contra nós. Tiremos a essa alavanca o maior numero de pontos de apoio que nos fôr possível tirar". E Nabuco respondia: "nenhuma duvida tenho hoje (*hoje* — signal de que as tivera antes) de propor a medida legislativa ou de fazer adoptar o projecto do nosso collega Wanderley que existe na camara se nisso assentarmos".

Mas Paranhos e Nabuco, em maio de 1857 deixavam o ministerio; Wanderley não só abandonava o governo como se afastava da politica por longos annos.

O seu projecto ficou a dormir permanentemente o somno dos archivos. Não o pode acordar o senador Silveira da Motta, convertido ás suas idéas, discusando, em 1 de maio de 1861, nem o despertou daquelle le-

1854", diz que o Marquez de Paraná "completou por fim a lei destructiva do trafico, com a de Wanderley, que prohibia o commercio interprovincial de escravos". Os projectos de Wanderley não chegaram a ser approvados e foram apresentados em 11 de agosto de 1854. Aliás, Euclides commette outros erros, um dos quaes o de escrever que, eclipsando os grandes nomes, surgiam na camara, em 1843, Maciel Monteiro, Abrantes, Euzebio, Nabuco. Abrantes já era um antigo e senador. Nem, como affirma Euclides, Rebouças era o unico representante da phalange liberal decahida na camara de 1843. A lei de 5 de junho de 1854 é a que ampliou a acção punitiva dos auditores de marinha nos casos de desembarque de escravos.

thargo Teixeira Junior que o reeditou no que, na sessão de 3 de maio de 1877, apresentou ao senado (1).

O trafico interprovincial não foi prohibido. Continuou a descida dos escravos de norte para sul. E Wanderley manteria até seus ultimos dias a idéa obcesiva da unidade politica do paiz atravez sua unidade economica, pela distribuição compensadora do trabalho e da riqueza nas duas grandes regiões brasileiras. A grave questão do antagonismo economico entre o norte e sul, é que o levaria acima de tudo, a sua attitude em 1887-1888 contra a abolição radical, desacompanhada de medidas economico-sociaes que attenuassem o golpe, supportado sobretudo pelo norte. Respondendo a Antonio Prado na sessão do senado de 19 de outubro de 1887 e lembrando que o senador paulista estabelecera um prazo dentro do qual São Paulo se prepararia para a abolição, accentuava a diversidade entre as provincias: "as circumstancias são

(1) Na sessão de 3 de maio de 1877, Teixeira Junior, em rapido discurso, assignalava o exodo que continuava, da escravatura do norte para o sul e lembrava a previsão da commissão da camara incumbida de dar parecer sobre a reforma do estado servil em 1870, de que dentro em pouco o norte ficaria sem braços para sua lavoura, preconizada a necessidade de ser prohibido o commercio e transporte de umas para outras provincias. Dizia Teixeira Junior: "... continuou a progredir a torrente de importação dos estados do norte, dando em resultado a diminuição das forças productivas daquellas provincias e creando-se um inconveniente social e politico do mais transcendente alcance. Este funesto resultado é evidente; desde que se atende ás emergencias que podem resultar de ficar uma só parte do imperio compromettida em uma instituição condemnada pela moral e hoje pela lei". Teixeira Junior entendia que de boa politica era "conservar-se a escravidão no estado em que a deixou a lei de 28 de setembro de 1871, sem que se alienassem de umas para outras provincias os escravos então existentes". Lembrava o projecto de Wanderley que taxou de "honroso á alta previsão do distincto estadista que o elaborou" e que se era necessario havia 23 annos o era muito mais como complemento da lei de 24 de setembro. Havia um grande trafico de escravos de provincia a provincia — "centenas de individuos se occupam deste commercio".

identicas? os generos que ellas produzem podem supportar tanto quanto os de São Paulo a concurrencia estrangeira? O café que é computado em 4 quintos de toda a producção do mundo, não está nas mesmas condições que o assucar combatido por todos os lados, não só pela producção das colonias, não só pelo cultivo da beterraba na Europa, como tambem por meio de leis prohibitivas, na importação. Ao passo que o café nos Estados Unidos é recebido livre de direitos; sobre o assucar pesam extraordinarios. Na Allemanha se dá o mesmo, e ainda ultimamente o alcool tem sido tributado de forma a tornar impossivel tambem que os productos estrangeiros possam concorrer com a industria allemã. Ora, nessas circumstancias disse S. Ex.: "não nos podemos regular pelo passo do retardatario!". Não, senhores, não é o passo do retardatario que vos deve regular, mas, sim, a sorte de vossos irmãos... somos uma familia de irmãos... Nós não precisamos que nos ajudeis não digo a manter uma tal ou qual prosperidade, mas o indispensavel para nos sustentar; precisamos que nos deis algum tempo para chegar á meta; e respondem-nos os poderosos, os que têm mais força: "Não precisamos de mais demora em caminho, temos meios de nos transportar; ficae e chora e a vossa sorte!!".

Mas, nem Wanderley, nem qualquer dos que lhe apoiavam ou contestavam as idéas, em 1854, nenhum delles vira o aspecto da distribuição ethnica, no problema da unidade brasileira.

Retidos os negros no norte, enquanto o sul recebesse os colonos brancos, a differenciação racial entre as duas regiões do paiz tornar-se-hia em pouco tempo um perigo para aquella integridade. A vinda de levas

de africanos para a mesma zona que recebia, e continuaria a receber, colonos europeus, ao passo que diminuiu o accumulo da população negra ao septentrião, foi, sob o ponto de vista ethnico, uma occurrencia providencial.

Continuou esse exodo do norte para o sul; accentuou-se, a desproporção economica entre esses dois tratos do territorio nacional; a população escrava do norte diminuiu ainda pela epidemia da cholera em 1855, que alli devastou as senzalas, especialmente as da Bahia. A immigração européa se dirigiu, como previra Wanderley, quasi exclusivamente para o sul. O sul crescia, enriquecia, modificava com os habitos e habilidades do trabalhador europeu os seus costumes, e, se recebia aquella constante injeccção de sangue negro, recebia tambem italianos e allemães. O norte ficava, entretanto, limitado ao crescimento natural da população autochtone e á immigração estrangeira, especialmente a iberica, espontanea, continua, porém, reduzida.

Não cessou a descida dos negros tal como a avalanche dos caboclos sertanejos. A emigração dos nortistas de todos os matizes perdurou. A attracção do café se accentuou, exercendo-se ainda atravez o oceano, até o Mediterraneo, a carrear da Europa uma multidão de immigrants. O caudal mestiço-brasileiro descia a desaguar onde affluia a corrente germanica, e, dos brancos, seu tanto mestiços, do sul europeu.

Onde havia maior riqueza ahi maior affluxo de escravos. A tinta africana da população nortista se rarefazia para vir tingir mais carregadamente os cafezaes do sul.

Em 1851, uma estatistica dava para o norte do Brasil — Bahia acima, uma população de 3.703.000

habitantes, dos quaes 967.000 escravos para o sul uma população de 2.180.000 habitantes, dos quaes 850.000 escravos; para o centro (Minas e Matto Grosso) 1.300.000 habitantes, sendo 301.000 captivos. Ora, annualmente nada menos de 6.000 captivos vinham do norte para o sul. A Bahia, por exemplo, que em 1851 tinha 500.000 escravos, em 1874 os via reduzidos a 173.639. Diminuiu de mais de dois terços sua população negra, encaminhada para o Sul, especialmente para o Rio de Janeiro e para S. Paulo.

Admittindo que a descida de escravos continuasse na mesma proporção assignalada por Tavares Bastos (3.000 annualmente — o que é uma média baixa) e como a emigração servil, de norte para sul não se estancou até a abolição, ou quasi, verifica-se que, de 1851, anno da estatistica citada, até 1880, desceram do norte para o sul 87.000 negros. E como as entradas de africanos depois de 1851 foram minimas, e, por assim dizer, iguaes no norte e no sul, a situação que era, em 1851: norte 967.000 escravos; sul 850.000, passou a ser: norte 880.000; sul 937.000. Inverteu-se a anterior proporção (1).

Foi o café que, chamando o negro do norte, adensou-o no scenario meridional, onde se foi misturar com as grandes levas de europeus que ali chegavam.

Não fosse essa corrente demographica norte-sul e uma viva differenciação ethnica ter-se-hia pronunciado entre as duas regiões brasileiras.

O problema da raça escapava á cogitação dos nossos homens do imperio e foi letra morta para os estadistas da republica. E', entretanto, dos que jogam com o que ha de mais serio para o brasileiro — a unida-

(1) Não se levou em conta nesse calculo a grande sangria da cholera na escravatura no norte.

de nacional. O antagonismo económico receiado por Wanderley é minguido perigo deante do antagonismo ethnico, que aliás é consequencia daquelle.

Um dia uma determinante economica — como foi o surto da borracha que levou á Amazonia brasileiros de todos os estados e fez de Placido de Castro — um gaúcho — o heroe do Acre; um dia uma determinante economica, antes mesmo do refluxo da superpopulação meridional advinhado por Wanderley, attrahirá para o norte as ondas da immigração européa e uma corrente ascendente que juntas quebrarão as semelhenças raciaes que já hoje se vão accentuando. E o Brasil continuará a ser, no norte e no sul, ethnicamente igual e uno.



NOS CONSELHOS DA COROA



Antecedentes — A “Conciliação”

- I — A SESSÃO PARLAMENTAR DE 1853. O “PARTIDO PARLAMENTAR”. — A “CONCILIAÇÃO” NOS DEBATES DA CAMARA.
- II — O GRANDE DISCURSO DE WANDERLEY SOBRE A CONCILIAÇÃO.
- III — A “CONCILIAÇÃO” NOS DEBATES SENATORIAES. — ORGANISAÇÃO DO GABINETE PARANÁ. — O “PENSAMENTO AUGUSTO”. — PROGRAMMAS DO IMPERADOR E DE PARANÁ. — WANDERLEY RECUSA UMA PASTA.



EM 1849 a derrota praieira incutia nos liberaes desanimo e levava os conservadores á saciedade e ao canção.

Justiniano José da Rocha — um contemporaneo daquella epoca, assignala o triennio de 1852 a 1855 como o do “arrefecimento das paixões, quietação do presente, anciedade do futuro, periodo de transacção” (1).

Em 1852, e sobretudo em 1853, a pressão conciliadora vinha de ambos os partidos. O imperador, sem negar que ella fosse “pensamento augusto”, nas notas que escreveu no livro de Tito Franco dá repetidamente como sua origem “a lucta prolongada dos partidos”, o “canção dos partidos que se tornaram moderados”.

O liberal perdera aquelle *élan* guerreiro com que se agitara nas rebeliões. Vencido em S. Paulo, em Minas e finalmente em Pernambuco, renunciava o appello ás armas, enfraquecido, decomposto, sem harmonia; apesar de suas glorias passadas, parecia extincto.

A lucta cessara; restava o “lethargo de todas as paixões politicas, a descrença nos poucos principios

(1) “Acção, Reacção, Transacção”. A conciliação como programma de governo vinha desde 1844 com o ministerio 2 de fevereiro. Mas podia remontar-se a 1841, com a organização do gabinete de 23 de março em que entraram Aureliano e Paranaguá corifeus da maioridade e os saquaremas Sapucahy, Abrantes, Uruguay e José Clemente. O gabinete de 2 de fevereiro de 1844 encontrara já arrefecido o “espirito coercitivo” do ministerio anterior.

que haviam servido de norma e de programma ás diversas opiniões; a opposição tinha desaparecido da imprensa e da tribuna e deixara o lugar á calma e á indiferença": — assim pintou aquelles tempos José de Alencar (1).

Desde 1848 afastados do poder não se sentiam os liberaes com forças de aspiral-o, e; ao iniciar-se a sessão parlamentar de 1853, não logravam na camara, unanimemente conservadora, uma só representação. Mais tarde as chamadas de supplentes é que levariam á tribuna da opposição Pacheco e Ribeiro de Andradá, deputados por S. Paulo.

Uma grande cabeça do partido luzia enchia-se então do designio de congraçamento. Salles Torres Homem, perdido já o impeto verrineiro de Timandro, pregava, no "Correio Mercantil", a conciliação (2), invocando os precedentes europeus dos gabinetes de *coalisão*, para aconselhar á corôa a não se conformar com um papel passivo na politica nacional, a não reinar apenas.

Ao mesmo tempo, desde o gabinete Olinda-Montalegre (29 de setembro de 1848), sobretudo depois da sua modificação, quando Itaborahy passara a pre-

(1) "O Marquez de Paraná" — Traços Biographicos — Rio, 1856.

(2) Salles Torres Homem reuniu tres artigos que publicou no "Correio Mercantil" num folheto: "Pensamentos acerca da Conciliação dos Partidos // por // S. T. H. // Collecção de Artigos Publicados no Correio Mercantil de Fevereiro de 1853 // Rio, 1853". No primeiro artigo invoca precedentes recentes (1846) da politica de Inglaterra, relativos a ministerios de *coalisão*. Continua no segundo a fazer considerações doutrinarias sobre a conveniencia da conciliação. No terceiro responde á imprensa ministerial, isto é, ao "Correio do Brasil", sustentando contra este que o principe devia fazer alguma cousa mais que reinar, não se devia limitar, em politica, a um papel passivo. Annos antes Salles Torres Homem, em seu opusculo "A Opposição e a Corôa", publicado sob o anonymo em 1847, defendera opinião opposta. Combatia elle nesse folheto a "conciliação dos partidos", idéa levantada pelo periodico "Tempo", escripto sob a immediata direcção de Hollanda Cavalcanti.

sidente do conselho (11 de maio de 1852) as tendências eram de conciliação; “ao menos quanto aos indivíduos” — informa-nos Justiniano José da Rocha (1).

Nas provincias as fronteiras politicas se diluiam em confusão. Em S. Paulo os *saquaremas*, ao mando de Montalegre, convertiam Pacheco em *luzia*, com a sua exclusão da chapa e a eleição senatorial de Pimenta Bueno; em Pernambuco os presidentes conservadores eram accusados de preferir os liberaes, e até de entrar com elles em conchavos.

De tal modo se attenuava o espirito de partido que ninguem increpava de apostasia a conversão de Limpo de Abreu, Pedreira e Paranhos ao credo conservador.

E todos queriam a conciliação.

Todos, inclusive o imperador, já então com o tino politico que lhe davam os 28 annos de idade e a experiencia de 13 de reinado; senhor de si; liberto da facção aulica, se é que ella alguma vez existiu; seguro de já haver dado ao paiz o espectáculo da propria vontade; desassombrado de que ainda o julgassem fraco. Para elle a conciliação representava a paz, o encerramento definitivo da epoca das rebelliões, a tranquillidade interna para seus designios fortes na politica americana, propositos alentados com os recentes successos da guerra contra Rosas. E lhe sorria tambem o dominio mais completo sobre os partidos.

A idéa andava no ar; a palavra em todas as bocas.

(1) Em relação a Itaborahy o deputado Pacheco dava testemunho, da tribuna da camara, (sessão de 29 de julho de 1853) de que “lançara mão de homens da opposição”. Sayão Lobato fallando na sessão de 2 de julho de 1855 assignalava que o gabinete 29 de setembro, desembaraçado de uma opposição acintosa e muitas vezes facciosa do partido liberal, passou a ser imparcial nas nomeações “especialmente no ramo da administração das finanças”.

A sessão parlamentar de 1853, apesar desse ambiente pacifista e da unanimidade conservadora, não correria tranquilla para o gabinete que Itaborahy chefiava (1).

A' quasi totalidade da deputação de Pernambuco juntavam-se Jaguaribe e Araujo Lima - do Ceará, Bezerra Cavalcanti - do Rio Grande do Norte, Castello Branco - de Alagôas, Nebias - maguado com a sua demissão de presidente de S. Paulo, Brusque - do Rio Grande do Sul - para formar a *oposição parlamentar*, dissidencia brava que contava oradores do tope de Figueira de Mello, Paula Baptista, Augusto de Oliveira, Pinto de Campos, Bezerra Cavalcanti, Castello Branco, Bandeira de Mello.

Itaborahy sentiu, ao abrirem-se as camaras os avisos da borrasca. Tentou obstal-a com um golpe de energia: convocou os deputados á sua secretaria (2) para lhes declarar que acceitava e queria apoio — porem decidido e franco. Provocava os queixosos a se definirem.

Só logrou precipitar com isso o pronunciamento parlamentar, augmentando-lhe o azedume e a irritação. Como resposta reuniram-se os descontentes na

(1) "O Souza Franco não sahlu reeleito. Ha pois uma camara unanime, não se podendo contar com uma opposição partidaria, mas sim com uma fracção de independentes que não podem sujeitar-se ao eterno dominio do Felizardo, Martins e Souza Ramos. Se o Euzebio assumir o poder he provavel que as cousas se consolidem; se não haverá grande fraccionamento no partido dominante", (carta de Octaviano a Carvalho Moreira, 16 de março de 1853).

(2) Na sessão da camara de 8 de junho de 1853, Rodrigues Torres (Itaborahy) caracterisava a opposição como visando unicamente a mudança de ministros. Refere-se á reunião que fizera dos deputados: "procurava-se propaiar a opinião que a camara estava dividida em grupos, sem pensamento commum" o que enfraqueceria o gabinete e desacreditaria a camara, — produziria a anarchia. Na reunião pediu aos deputados presentes "procurassem organizar maioria não neste ou naquelle sentido, mas uma maioria que concorresse para a organização de um gabinete ao qual dêsse decidido apoio". Não declarara que não queria discussão, pedira sim "francamente nesta occasião solemne declarassem se davam ou não davam seu apoio ao gabinete".

residencia de Fernandes Chaves e constituíram o *partido parlamentar*, que na primeira escaramuça — um encerramento de discussão á resposta á fala do throno — mostraria o seu valor numerico (22 votos contra 69) muito menor que o impeto e combatividade de seus *leaders*.

O vigor do ataque estava na razão das maguas provinciaes, tanto mais fortes quanto eram locaes e pessoaes as suas inspirações (1). Aggredia a opposição a certos ministros, poupando outros. Ao do imperio, Gonçalves Martins, directamente visado pelos pernambucanos, não respeitavam sequer a probidade pessoal asseada pelas arremetidas de Figueira de Mello. Zacarias, ministro da marinha, era outro alvo predilecto.

E tomavam os *parlamentares* para uma de suas armas a conciliação — estribilho oratorio de todos os discursos, assim da minoria como da maioria. Todos a queriam, mas cada um a defendia a seu modo. Emquanto a dissidencia accusava o ministerio de a não desejar nem praticar, o governo a seus contrarios arguia de a impedirem.

Ferraz confessava apoio ao gabinete na esperança de que se realisasse a conciliação, que para elle era

(1) "Então lembraste do que me disseste ha dois annos? Esta politica ha de morrer de congestão, como morreu a de 1848. Em 1848 tivemos praia etc. que se denominavam ardentes: em 1853 temos nova praia, etc. que se denomina parlamentar. As scenas repetem-se mas penso que o desfecho não será igual se no ministerio houver a minima dôce de juizo: — salvo se Deus lh'o tirar para perdê-lo, o que bem merece á vista de tantas cousas que tem feito, especialmente excluir-me da deputação" (carta de Rodrigues dos Santos a Wanderley, S. Paulo, 21 de junho de 1853), "Dizes-me que a scisão dos parlamentares não terá tão máo desfecho se o ministerio tiver juizo e os politicos das provincias o tiverem. Ora, sou politico de provincia e muito desejava que me julgassem ajuzado; porem espero em que convirás em que não se pôde ser mais do que temos nós sido" (carta Idem, 29 de julho de 1853).

“chamar a um centro e accordo essas opiniões moderadas que muita vez a injustiça ou circumstancias muito pequeninas alongão de nós”. Confiava na harmonisação do ministerio com a dissidencia: o gabinete ia reconstituir-se, devia aproveitar a occasião (1).

Saraiva, tambem ministerial, demonstrando a sem razão do combate dos “parlamentares” ao governo, afinava com Ferraz nos propositos conciliadores: “até agora, senhores, os partidos politicos se achavão tão extremados que nem querião ouvir fallar em idéas de conciliação; e apertavão o governo de tal forma que muitas vezes elle tinha necessidade de ser intolerante para com a opinião politica que o hostilisava. Mas hoje são os proprios partidos que apregoam a necessidade de conciliação”. Devia a camara estudal-a e debatel-a, convidando o ministerio a realisal-a ou a deixar o governo. Aliás o gabinete sempre fôra conciliador; seguira a politica que “respeita todos os direi-

(1) Sessão de 6 de junho. Era notavel que os parlamentares reclamassem a conciliação geral, quando scindiam o partido inspirados por ciúmes, queixas, exclusivismo local. Ferraz tinha ainda esperanças de que ministeriaes e dissidentes se harmonisassem. Nesse discurso define antecipadamente a conciliação que se viria a fazer: concordia entre elementos saqueremas recentemente desavindos, “combição prudente que possa chamar em torno de si os nossos amigos das provincias do Ceará e de Pernambuco”, uma vez que o ministerio tinha que se recompor. Ferraz dá as razões porque os pernambucanos romperam: a falta de consideração com Pernambuco, falta de promoção de seus melhoramentos materiaes, falta de recompensa aos que expuzeram vida e fortuna para sustentar as instituições naquella provincia. Augusto de Oliveira apartela allegando tambem “uma hostilidade feita ao partido por meio da imprensa”. A maioria censurava nos dissidentes o apoio que haviam dado ao ministerio, até o ultimo dia da legislatura de 1852, a contrastar com a opposição que manifestaram logo no começo da nova legislatura. Na sessão de 9 de junho Zacarias investe, azedo, contra os parlamentares e directamente contra os pernambucanos: “estaes sincera e decididamente resolvidos a abraçar a conciliação dos partidos na vossa provincia? Querels adoptar uma conciliação que dê em resultado collocar na ordem das influencias as capacidades do partido adverso, não só o Sr. Mendes da Cunha, cujos talentos inculcaes (e eu sou o primeiro a reconhecer) o Sr. Urbano (apolados repetidos, reclamações, cruzão-se muitos apartes).” A conciliação seria, assim, em Pernambuco, um bello exemplo, allí “onde os partidos são tão extremados, direi mesmo encarniçados”.

tos, acata todos os interesses legítimos e dá ao mérito daquelles que têm opiniões políticas diversas o apreço que deve merecer, evitando o excesso dos partidos, e a exacerbação dos odios políticos". Não lhe repugnava, a Saraiva, uma *conciliação* nos princípios, aos quaes ligava pouco apreço, pois os partidos, dizia, "se separam mais por nossas brigas do que pela sua natureza inconciliavel". Inepcia seria, porém, pretender fizesse o governo chapas para deputados compostas de liberaes e saquaremas. Isso só lhe crearia uma maioria hostil. Já elle agia conciliatoriamente, e era accusado "tanto por excesso como por falta de *saquaremismo*", com o risco de perder o apoio de aliados valorosos.

Francisco Antonio Ribeiro, que deixara a presidencia de Pernambuco e era fortemente atacado pelos "parlamentares", levantava-se também das bancadas da maioria para aconselhar ao governo a continuar a sua politica de "moderação e justiça", pondo-se acima das pretenções desregradadas dos partidos, afim de poder realisar a conciliação, nada mais que a "execução das leis, a distribuição da justiça, guardando-se o direito a quem o tiver, seja de que lado fôr". Quebrasse o governo o circulo de ferro que as dissensões produzem porquanto o "circulo das aspirações, das ambições legítimas, têm um diametro immenso, cujas extremidades estão nos talentos e virtude".

Desde 8 de junho o chefe do governo, Itaborahy, fizera declarações positivas. Depois de manifestar magua por assistir a divergencia e de defender Manoel Felizardo, accrescentava: "allegou-se para provar a incapacidade do actual gabinete, que não temos sabido conciliar os interesses de todos os cidadãos,

nem os de todas as opiniões politicas... Ignoro, declaro-o com ingenuidade, os meios de conciliar o antagonismo das opiniões politicas". A culpa seria de todos os ministerios onde houvesse regimen representativo. "Não me consta que haja algum paiz no mundo regido pelo systema representativo cujos gabinetes tenham sabido conciliar os interesses de todos os cidadãos e o antagonismo de todas as opiniões politicas. Vejo em todos elles, e em todas as epocas, uma opposição mais ou menos vehemente, mais ou menos numerosa". O governo tinha "procurado administrar com justiça e moderação, conseguindo por este modo acalmar as paixões politicas, substituil-as pela reflexão e convencer os partidos que é pelos meios que offerecem as instituições, e não recorrendo ás armas ou actos illegaes, que podem fazer predominar suas opiniões e conseguir dirigir os negocios do estado. Temos-nos abtido de traçar um circulo de ferro em torno da administração e dos empregados publicos, e de declarar que não pode entrar para dentro delle quem não pautar suas opiniões pelas dos ministros e de seus amigos politicos. Para os empregos publicos temos attendido mais á intelligencia e á probidade do que ás opiniões politicas, seguindo assim o programma a que nos compromettemos desde o dia 29 de Setembro de 1848".

Taes eram as manifestações conciliatorias do lado ministerial.

Os dissidentes, entretanto, atacavam o governo por não ter moderação e justiça, nem mesmo com os seus alliados, e de não querer a conciliação.

Pinto de Campos desejava-a promovida pelo governo e não pelos partidos: "o que podem elles fazer

mormente no estado de prostração em que se acham, sem acção propria, porque o governo a tem destruido? Para fundar sympathias politicas é necessario emprego de meios e concessões de que somente o governo pode dispôr”.

Jaguaribe affirmava que a “oposição parlamentar” era a que mais anhelava essa conciliação tão fallada. Desde que os liberaes se haviam moderado, desistindo da propaganda por uma constituinte, que era o que mais repugnava aos conservadores, “a conciliação podia operar-se muito naturalmente, sem nada mais ser preciso do que a fiel observancia de todos os seus deveres pelo governo” (1).

E governistas e dissidentes se perguntavam, sem resposta: quaes os principios partidarios a se modificarem, quaes as concessões reciprocas dos partidos?

Nabuco quieto e calado, em meio á agitação dos companheiros da deputação pernambucana, não entrava em taes debates.

Precisava, porem, justificar a sua posição de ministerial, destacado de entre os seus comprovinciaños; e o magno assumpto — a conciliação — o atra-

(1) Barbosa da Cunha classificava a conciliação-fusão de utopia pouco digna de estadistas ou homens que raciocinassem. Appelava para a necessidade dos partidos, que não se poderiam conciliar sem transigencias e reciprocos sacrificios. Desde que não havia renegação de principios, a transigencia se faria em torno das pessoas dos adversarios aos quaes se dariam empregos, posições officiaes; mas isso seria transformar os amigos em antagonistas sem converter estes em amigos. Não se enganassem; o partido liberal não estava morto e o conservador se enfraquecia em divisões. Si os liberaes não tinham representação na camara, por culpa do systema eleitoral, espreitavam os erros e as dissidencias dos conservadores. E se subissem ao poder grande abalo soffreria a sociedade. (sessão de 6 de julho).

Vide discursos na camara de Paula Baptista a 3 e 27 de junho, Araujo Lima a 10 de junho, Lisbôa Serra a 13 de junho. Este se dizia sem crença em principios politicos absolutos; incapaz de se alistar num partido para obedecer a um chefe. Para Lisbôa Serra a conciliação por que propugnava não era a “junção anomala e in-

hia á tribuna. Foi a 6 de julho que proferiu o grande discurso conhecido como "a ponte de ouro", lançada entre a maioria e o gabinete (que elle apoiava) e a "oposição parlamentar".

Não havia um *casus-belli*, não havia razões para aquelle rompimento — dizia Nabuco — o governo estudaria e apreciaria as circumstancias especiaes de Pernambuco; confiassem no novo presidente, José Bento — mandado para aquella provincia. Os seus actos tirariam a limpo a politica do ministerio (1).

Após accusar o ex-presidente Ribeiro de haver feito em Pernambuco politica contra os conservadores, conclue: "dou meu apoio ao actual gabinete, senão por outros motivos, ao menos porque elle é uma necessidade da situação."

Nesse discurso Nabuco definia a sua noção de conciliação: "si é possível, como eu entendo, sem desdizer os principios caracteristicos do partido conservador, sem fazer a menor transacção sobre o principio de autoridade que é o primeiro dos nossos principios; se é possível, digo, fazer alguma concessão ao espirito de reforma para chamar a nós os homens honestos, intelligentes e moderados do partido adverso, eu estôu prompto para concorrer com o meu voto para esse grande fim".

forme de massas discordes e heterogeneas que se repellião, mas a fusão racional de principios quasi identicos e que já não podem constituir bandeiras differentes; mas o esquecimento de antigos odios; mas o abraço fraternal das summidades do paiz só e unicamente no interesse do paiz e da causa constitucional". Vide tambem discurso de Nebias a 28 de junho em resposta a Saraiva. Pimenta de Magalhães recriminava aos dissidentes o não terem posto em pratica a conciliação harmonisando-se na provincia com seus adversarios.

(1) No seu discurso de 8 de junho Itaborahy se explicara com Nebias e com os dissidentes pernambucanos, fazendo a resenha e o elogio dos presidentes mandados a Pernambuco, aos quaes o ministerio fizera recommendações conciliatorias. Tambem defendera o governo da accusação de falta de consideração para com os deputados, nos pedidos para as provincias.

Fizessem-se pois concessões "no sentido que o progresso e a experiencia reclamam", "para que mesmo o orgulho e o amor proprio não se embaraçassem ante a idéa da apostasia". Os liberaes não seriam desertores mas adhesos ao "novo principio", aproximados aos conservadores "pela modificação das idéas". Mas que os partidos e seus antagonismos subsistissem. Numa fusão de partidos e principios, si ella se dêsse, os conservadores seriam absorvidos pelos liberaes.

Cumpria ao governo e não aos partidos a iniciativa: "si a idéa é boa, o governo não deve consentir que outros se aproveitem della em seu prejuizo, não se deve deixar surprehender e dirigir pelos acontecimentos, mas deve ir á frente e dirigil-os".

II

Tres dias depois sóbe á tribuna Wanderley.

A certeza da propria superioridade lhe communicava autoridade; e lhe crescia o prestigio. Era elle o guia, o orientador, o chefe da maioria. Si sua direcção era suave, pela alegre sympathia insinuante, não deixava muitas vezes de ser aspera e forte. Nessas occasiões alguns dissidentes mal soffriam as impacencias do "decurião-mór". Tinha Wanderley, todavia, que redobrar em habilidade e brandura, especialmente com os pernambucanos irritados, na sua emulação com os bahianos, por serem os presidentes de que se queixavam (1), salvo Souza Ramos, filhos da Bahia

(1) Esses presidentes ao mesmo tempo que desagradavam aos conservadores daquella provincia, eram louvados pelos liberaes. No anno anterior Souza Franco referindo-se aos presidentes de Pernambuco após a revolução prairieira, dissera; "é sabido que a politica de Pernambuco variou muito durante os ultimos tres annos;

(Tosta, Ribeiro, Victor de Oliveira) e pela rivalidade entre as duas provincias do norte a respeito de estradas de ferro.

Assistira aquelles debates em discreto silencio, com o cuidado de quem fugia de extremar resentimentos e augmentar maguas de amigos, na esperannça, na quasi certeza, de uma reconciliação proxima. Reprimia impetos, calava franquezas, soffreava controversias. Mal uma vez, ao calor dos debates, lhe escapa uma intervenção, algum aparte. Num destes, a Paula Baptista, diria, antecipando a sua opinião: "a conciliação para a eleição de partidos politicos oppostos é impossivel no governo constitucional".

Queria antes aconselhar, ponderar, que discutir; retardara a resposta para dal-a a todos, collectiva, impessoal, mais moderada e mais indulgente. Bem via que para chamar á cordialidade aquelles que divergiam e restaurar a unanimidade conservadora, mais prestigio que elle só teria Euzebio: — nem mesmo Maciel Monteiro ou Rego Barros ou Vasconcellos (1). E nos adiamentos e nas conversas pelas bancadas ia lançando oleo áquellas revôltas vagas.

Não podia, comtudo, differir indefinidamente seu pronunciamento. Confiava, para alcançar objectivos de concordia, naquellas qualidades que os contempo-

houve a politica severa, durissima... do Sr. Tosta; o sr. Honorio seguiu uma politica a principio branda, e com visos de conciliadora, e depois dura e severa. Seguiu-se-lhe o nobre ministro da justiça (Souza Ramos) e eu sou um dos que se recordam com alguma satisfação que elle procurou suavisar os males da provincia, procurou dar alguma garantia aos perseguidos. (Souza Ramos — Era essa a politica do governo geral). Sendo substituido pelo Sr. Victor de Oliveira. Foi este tão bom presidente da provincia de Pernambuco que sahi d'elle coberto de elogios, sem que se tivesse apartado das idéas do partido, mas somente pelo, seu espirito de justiça, tão pouco exigentes são os liberaes pernambucanos. Agora dizem que o Sr. Ribeiro recrudescer um pouco..." (discurso na camara, 17 de maio de 1852).

(1) Vide *Jornal do Commercio*, 20 de Maio de 1853.

raneos lhe registavam, affirmando não haver na camara “um talento mais arguto, uma phrase mais suave, uma voz mais sympathica” (1).

Evitara manifestar-se — disse elle — pois os combatentes eram legionarios da mesma bandeira, trazendo as mesmas armas e divisas; os dissidentes que agora atacavam o ministerio eram “aquelles mesmos campeões que, para o defenderem, comnosco corriam ao combate”. Receiando-lhes a exagerada susceptibilidade, demorara a estudar, a examinar, as razões dos dissidentes.

Accusavam o governo de interferir nas eleições e queixavam-se da hypertrophia do poder executivo. Si a razão desses abusos estava na lei — cumpria-lhes propor a sua reforma, si nos factos deviam estes ser articulados.

Um poder executivo forte não era um mal: “arris-camo-nos muito a errar quando queremos sem mais cuidado applicar ao nosso paiz os principios que regem outros, cujas instituições não são identicas ás nossas. Reconheço que em um paiz democratico como os Estados Unidos da America, onde a população tem tanto ciúme dos seus direitos, e tanto sabe exercel-os por si mesma, qualquer augmento nas attribuições do executivo torna-se um perigo, e direi mesmo uma desnecessidade; reconheço tambem que em outros paizes monarchicos, onde ha muitas instituições, permitta-se-me a expressão, muitas comportas, para obstar as idéas exaggeradas de reformas e as ondas revolucionarias, antes que ellas possam chegar ao pé do principio dominante e cardeal, o poder possa ser mais fraco, porque acha nessas instituições a sua defesa, ou antes a

(1) *Jornal do Commercio*, cit. por J. Nabuco, *Op. Cit.* Vol. I, pag. 158.

defesa da sociedade". Na Inglaterra, por exemplo, havia um poder judiciario vigorosamente constituido; uma camara de pares fundada no principio hereditario; nas leis civeis a propriedade impedida de ser retalhada ao infinito conservava a influencia e o esplendor das grandes familias. "Nesse paiz qualquer echo de reforma, qualquer principio perigoso que possa atacar a sociedade, acha immensa resistencia... Mas entre nós o que vêdes? A menor questão, a menor idéa anarchica vae-se quebrar aos pés do principio monarchico. O mesmo senado que foi estabelecido como uma das garantias deste principio já uma vez quasi que desapareceu ao sopro da revolução. No nosso paiz, portanto, nenhum obstaculo serio existe para defender o principio cardeal do nosso systema, aquelle principio de que depende a salvação do Brasil, o principio monarchico. Como quereis pois, enfraquecer um poder que é a unica arma que este principio tem para defender-se?..." (1).

A argumentação logica e as ponderações sisudas enfeitava-as com arrebiques de ironia.

Os "parlamentares" queixavam-se de não ser tratados pelos ministros com a consideração devida.

(1) E' notavel a conformidade entre estas opiniões de Wanderley e as que expoz muito recentemente o grande escriptor francez André Siegfried no seu livro "Amerique Latine", Siegfried, depois de accentuar a tendencia americana aos governos fortes, e ao personalismo de commando dos presidentes, em muito pouco controlado pelas instituições attenuadoras de sua autoridade, dá como razão disso o facto de que "num organismo social novo, os problemas que se apresentam, brutaes e simples, requerem a decisão rapida de um executivo energico". E accentua a falta de cohesão social dos paizes da America Latina: "entre um executivo, escreve elle, independente pelo facto de sua propria força, e a massa do povo, geralmente inorganica, não ha elementos intermediarios, sobre os quaes uma autoridade sã se possa normalmente fundar. Em redor do governo ha um vacuo moral, pendant do vacuo geografico. O estado não pode, com effeito, apoiar-se nem sobre uma aristocracia abastada, em declinio, nem sobre os representantes do capital estrangeiro, que são extranhos á vida nacional. Ha ausencia de instituições com vida propria. Agrupamentos soclaes fortes por uma longa tradição fazem grande falta ainda..."

Aconselhava então aos descontentes, como deputado já experimentado: “persuadimo-nos, quando somos eleitos nas provincias, que vindo á côrte teremos uma grandissima influencia em todos os negocios, que talvez não se mude um empregado, nem se nomee um outro para a provincia a que pertencemos sem que o ministerio peça-nos de alguma forma licença (risadas). Persuadimo-nos mesmo... (*Um deputado* — Só se foi V. Ex.) é o que me succedeu (risadas); estou falando a meu respeito, por isso continuo. Pensamos que o facto de sermos deputados nos constitue no direito de entrar em todos os segredos das secretarias; não nos contentamos em ir esmerilhar o que nellas se passa, mas esperamos que os ministros nol-o venham declarar. Quando, porem, chegamos á realidade das cousas, reconhecemos, bem como nas sociedades secretas, que nada ha que tanto desafie nossa curiosidade; rimo-nos della. Acreditaes que não tendes influencia nos negocios publicos, na persuasão de que no silencio do gabinete estão-se tratando negocios importantissimos. Não, senhores, fazei como eu, que felizmente já me desenganei, já não tenho dessas velleidades, leio os jornaes, e por elles conheço a marcha dos negocios (risadas)... Estas idéas nós as trazemos para as camaras e quando vemos que nellas não temos de tratar senão daquillo de que se trata com toda a publicidade, das leis annuas, das leis de força, do orçamento, etc. ficamos espantados de que a nossa influencia não vá alem...” Dahi, talvez, a persuasão de que a camara não tinha ingerencia nos negocios. O ministerio é que não podia ir a reboque.

Tal desejo de predominio das camaras — ponderava agora a sério — era uma retrogradação: “houve tempo em que o poder executivo não podia dar um

passo sem o beneplacito, sem o querer dos deputados, as camaras tinham uma influencia tal sobre a organização, conservação, marcha dos ministerios, que um ministro assemelhava-se mais a um creado do corpo legislativo do que a um membro de um poder independente. E' porventura para desejar que volvamos a essas epochas?... Esses tempos, á excepção de uma ou outra administração, forão aquelles em que o paiz menos prosperou".

Appellava para a disciplina: "quando os partidos se disciplinão, quando confião nos seus chefes, quando estes são os que dirigem, então, senhores, o paiz marcha com passos mais seguros e mais rapidos na carreira da prosperidade e da civilisação".

Se a opposição de um, dois ou tres deputados por S. Paulo se justificava de um modo muito honroso (1), só censuras cabiam á opposição tardia dos "parlamentares" por actos passados e quando o presidente nomeado para Pernambuco estava agradando e demonstrava a politica do gabinete.

Defendendo Victor de Oliveira, á caricatura que Pinto de Campos desenhara — "character assomado, espirito frivolo, coração recto", oppunha este louvor: "um espirito recto, um coração justo, um character severo".

E chega, afinal, ao magno assumpto: — "sr. presidente, tem-se ainda por mais de uma vez lançado em rosto ao governo o não ter elle chamado á concórdia, á conciliação, todos os brasileiros, e continuar a formar um circulo de ferro fóra do qual não ha salvação, fóra do qual ninguem tem meios de gosar das vantagens que a sociedade brasileira offerece... Senhores, se quando se pronuncia a palavra conciliação

(1) Alludia a Nebias e Pacheco.

quer-se dizer que todos os brasileiros devem ter iguaes direitos aos cargos e vantagens sociaes, segundo a constituição determina; quer-se dizer que o governo deve nomear para os empregos os que forem mais habilitados pelos seus talentos e virtudes, bem estou com essa conciliação, sempre a desejei e, se o governo não a pratica, eu o censuro por isto.

“Se, porem, quer-se dizer que nos empregos de confiança e representação politica devem ser admittidos aquelles que não vão de accordo com os principios professados pelo governo, direi que é uma traição, e não conciliação (apoiados). Si se deseja que o ministerio, por exemplo, componha-se de um e de outro partido, componha-se de tantos membros de um partido e tantos de outro, direi que é tornar impossivel a marcha dos negocios publicos (apoiados).

“Reconheço que para a solução de uma ou outra questão, para uma situação dada, a conciliação, ou antes a transacção, póde ser util, como actualmente observamos em Inglaterra; mas, na marcha regular e normal do systema representativo, propalar como uma politica aquella que deve ter no ministerio e na representação dos cargos politicos tantos de um partido e tantos de outro, não é comprehendere o systema representativo.

“Si com a conciliação se quer dizer modificar os principios, então declarae-nos quaes são esses principios que quereis modificar para assim conciliarmonos; e, senhores, quando tiverdes conseguido modificar os principios de certo numero de membros de um e outro partido, ficae certos de que um partido novo se ha de constituir em opposição áquelles que se conciliarem (apoiados).

“O que devemos pois desejar é que os nossos partidos encarreirem a senda legal, a estrada constitu-

cional (apoiados). Deixae que os homens moderados de um e outro partido, em que os mais exaltados possam confiar, e a opinião publica tambem, deixae que esses homens governem, quando fôr tempo, quando a isso forem chamados pela marcha ordinaria dos negocios, deixae que elles realizem suas idéas e seus planos, quando isso fôr de utilidade publica; não queiraes formar uma amalgama incomprehensivel, uma esphinge (apoiados).

“Não é esta uma idéa nova; os partidos são um pouco... direi atilados; para conhecerem a fraqueza da armadura do partido adverso seguem diversos systemas de guerra, segundo as phases porque vae passando a politica que combatem: primeiramente uma opposição de principios, depois vão-se modificando, até que chega o tempo em que pregão conciliação. E' o que succedeu com o partido actual quando estava no poder a opposição (falto da opposição liberal, não da opposição parlamentar que então não existia). Em 1848 tambem o partido pregou muito a conciliação mas conciliação que tornou-se em logração, quando subiu ao poder (apoiados). E' justamente o que ha de succeder, a realisar-se a nova politica de conciliação, que chamarei tambem de logração. (Uma voz — Se fôr de pessoas). Se fôr de pessoas, bem entendido: os principios não sei que se modifiquem por conciliação.

“Mas ainda que seja este um dos distinctivos da opposição actual, hão de permittir que eu não receba (reconheça?) principio cardeal da mesma opposição; porque, senhores, se observo o que se passa no senado, vejo que os chefes do partido parlamentar apregoão com todas a suas forças a conciliação; mas se ergo as vistas para a opposição da camara dos snrs. deputados, noto que os honrados membros, ou ao me-

nos muitos delles, dizem que a conciliação não é possível em suas provincias, porque a opposição liberal, esteve, está e continúa a estar na mesma posição, não querendo avançar para elles. Como pois a opposição parlamentar chegará a realisar o seu programma logo que suba ao poder? Necessariamente tornar-se-ão inuteis todos esses esforços que fazem para a queda do governo actual.

“Ha tambem um engano e muito sensível nestas idéas; os illustres deputados creem que a conciliação faz-se com palavras; que basta dizer que se querem conciliar para que todos esses diversos matizes da opposição tambem se conciliem com elles. Incorrem em um engano manifesto. Não reputemos a opinião da opposição (alludia ao partido liberal) pelo que diz um ou outro de seus membros mais moderados (apoiados). A verdadeira força da opposição não quer conciliação alguma no sentido em que os illustres deputados a desejam. (Alguns snrs. deputados: — Apoiado, já tem dito). Quer sim realisar as suas idéas subindo ao poder com toda a força que deve ter uma opinião que aspira a governar. E nisto, senhores, entendo, que a opposição tem razão (apoiados); mal farão aquelles de seus membros que pela sua moderação, experiencia dos negocios, della se destacarem, porque são seus chefes naturaes.

“Devemos notar que nem mesmo essa opposição moderada, nem mesmo essas cabeças pensantes a quem me referi, querem conciliação com os illustres deputados: os seus escriptos são bem expressos (apoiados). Isto prova que o governo não tem praticado actos oppressivos contra a opposição.”

Era claro e terminante. Conciliassem-se os elementos desavindos dos saquaremas. Fossem os parti-

dos tolerantes e calmos. Respeitasse o governo as competencias e as chamasse aos postos da administração, sem perquirir opiniões politicas, salvo quando se tratasse de cargos politicos e de confiança. Mantivessem-se os partidos com suas idéas, seus principios, suas organizações, para que tivesse plena realidade no paiz o regimen representativo.

Este discurso afinava com o de Nabuco (1). Não era uma resposta era um desdobramento, uma explicação, um commentario. Apenas num ponto divergiam. Em certo trecho, o unico em que allude ao "ponte de ouro" do deputado pernambucano, Wanderley dizia: "se a maioria queria saber a razão porque a opposição divergia do governo não era para reduzi-la ao silencio nem insultal-a, antes no desejo de conciliação e para que não se accusasse aos deputados, como fizera um illustre deputado por Pernambuco (Nabuco) de contribuir para o scepticismo politico que vae lavrando por todos os póros da sociedade... Nem eu supponho que haja esse scepticismo na opinião politica, quer de um, quer de outro partido do imperio. Ha epocas de agitação; ha epocas de movimento; ha epocas de tranquillidade, e ha como que uma epoca de marasmo ou de somno dos partidos (apoiados). E Deus nos defenda de que continuasse sempre a mesma epoca de agitação como acontece no tempo das eleições (apoiados). Senhores, as eleições estão feitas, os partidos descansam, e devem descan-

(1) Joaquim Nabuco no seu citado livro, volume I paginas 158-159 diz: "para fazer face á opposição parlamentar e diminuir a impressão do discurso de Nabuco, o governo recorre á palavra sempre prompta de seu leader, Wanderley... Wanderley combate a conciliação. Dessa vez a sua sagacidade trahiu-o, em pouco tempo elle será presidente e ministro da conciliação". O cotejo dos dois discursos mostra o engano de Joaquim Nabuco. Ambos os oradores combateram a conciliação-fusão, e apoiaram a conciliação-tolerancia. Nabuco é menos preciso, Wanderley mais incisivo e decidido.

çar para preparar suas armas afim de estarem promptos quando tiverem de entrar em nova lucta; isto em vez de ser um mal considero um bem, como uma prova de civilisação (apoiados).”

Termina Wanderley a sua oração com um largo elogio ao ministerio. Depois da independencia nenhum se lhe avantajara em serviços ao paiz (1): “já hoje senhores, com ufania o digo, pode-se ter orgulho em ser brasileiro; o ministerio de 29 de setembro de 1848 tem bem merecido da patria”.

Wanderley escolhera a oportunidade precisa.

Já os “parlamentares” respiravam desanimo; por isso mesmo ouvem com acatamento, senão com sympathia, esse discurso que marca a cumiada dos debates.

(1) Anteriormente Wanderley expressara de modo vehemente a sua admiracão pela obra dos conservadores. Na sessão de 5 de agosto de 1852 elle fazia o elogio da legislatura e do ministerio salientando as differenças entre 1848 e 1852: “notae as complicações em que estava o imperio pelo lado do sul; todos vós vistes como a propria monarchia era ameaçada como uma planta exotica na America; hoje não só ella se acha mais segura e radleada, não só ella não é atacada e insultada como o era pelos nossos visinhos, como até á nossa sombra veem elles buscar abrigo contra as tempestades politicas. Notae o futuro que se abre para a nossa riqueza commercial nesses caudalosos rios que estão hoje patentes á nevegacão; observae que esta legislatura, com o apoio, com as medidas com que habilitou o governo tem elevado o credito do paiz tanto no interior como no exterior, a um grão a que elle nunca chegou, a que talvez não chegassem as esperanças dos mais exaggerados no anno de 1848; notae tambem que esta mesma legislatura é que dotou o Brasil com a legislação que regula as relações commerciaes, falta que todos sentiam... Notae que esta mesma legislatura é que encetou o grande melhoramento das estradas de ferro no que auguro o mais prospero futuro para o nosso paiz; notae tambem que foi esta legislatura que, de accordo com o governo, soube encarar e superar as immensas difficuldades da repressão do trafico, que soube arrancar com mão segura e sem compaixão, esse cancro que nos corroia as entranhas; recordae-vos da posição em que esta questão collocou o Brasil ameaçado então até na sua propria independencia e hoje respetado...”

Sobre os serviços do ministerio de 29 de setembro e confronto com os do gabinete da conciliação, vide Joaquim Nabuco, Um Estadista do Imperio, Volume I, pagina 389.

Dahi em deante serenam as discussões.

As grandes vozes da dissidencia nem mais apartêm — Rego Barros, Seara, Sá e Albuquerque. Os que discursam cingem-se ás criticas ao orçamento, limando os espinhos opposicionistas. Quasi não ha referencia á conciliação. O campo da critica partidaria fica inteiro ao talento do liberal Pacheco: diuturno, energico, independente, vibrante. Somente a provocação de Zacarias irrita ainda uma vez os debates.

Assim, emquanto no senado Paraná e Abaeté definiam attitudes, Nabuco e Wanderley traçavam na camara temporaria os limites da conciliação. Percebe-se nas orações desses quatro *leaders* conservadores uma afinação previa, um diapason commum, — menos expressão individual de opiniões semelhantes do que acorde, concertado sob a batuta daquelles grandes regentes saquaremas.

III

A opposiçãõ a Itaborahy no senado se era pequena em numero, compunha-se de elementos de valor.

A' eloquencia experiente e erudita de Montezuma juntava-se a aggressividade pessoal e irritada de D. Manoel. Si Hollanda Cavalcanti declarava não ser nem da maioria nem da minoria, e que com elle não contassem para derrubar uns ministros para que outros viessem fazer o mesmo, era veemente e tenaz, ás vezes bilioso, em seu combate ao projecto dos bancos e á politica externa do gabinete, os dois alvos preferidos para a pontaria opposicionista. Vergueiro era tambem ferino no ataque.

A Fernandes Chaves, o chefe do "partido parlamentar", uniam-se Costa Ferreira e Abrantes, este, aliás, silencioso. A tal pelotão dava uma vez ou outra brados de animação Olinda que, não entrando inteiramente na lide, atirava a meio corpo seus golpes de montante á couraça ministerial, defendida por outros tantos, iguaes em armas: os ministros Itaboraahy, Paulino e Gonçalves Martins, o ex-ministro Souza Ramos e mais Paraná e Limpo de Abreu e Pimenta Bueno.

A conciliação naquelles debates senatoriaes era pedra de funda que trazia arestas agudas, facetadas de proposito para ferir o prestigio do gabinete. A allusão repetida de D. Manoel ás "reiteradãs recommendações do throno" quanto á moderação e justiça era uma referencia evidente ao "pensamento augusto".

Já ninguem se illudia sobre a força dos propositos imperiaes e a opposição fazia jogo habil procurando lançar a corôa contra o gabinete.

A constituição do ministerio — de poucos deputados — e a retirada de Souza Ramos para occupar uma cadeira no senado, impunham uma reorganisação que devia ser feita sob inspiração conciliatoria.

Cada qual, entretanto, como na camara, entendia a seu modo a conciliação.

D. Manoel ia ás do cabo. Não havia logar para os governos energicos; passara a éra das revoltas; nem ao menos se temiam as propagandas perigosas; o paiz estava em paz; a opposição liberal "descançava em socego ou estava aniquilada"; já "os partidos se iam chegando a um acordo mesmo sobre reformas importantes" e a imprensa partidaria diluia muitas de suas divergencias. Devia o governo hastear a bandeira branca da conciliação, organisando um ministerio

“composto de igual numero de notabilidades dos dois partidos”.

Fernandes Chaves era menos positivo e mais vago. Para elle a conciliação era “cessar a divisão existente, chamarem-se aos negocios todos os homens honestos e justos dos differentes partidos, não considerar uns como abençoados e outros como amaldiçoados, por isso que todos teem o mesmo rei, a mesma grey, a mesma patria.” O governo devia fortificar-se com a alliança dos bons cidadãos de todos os lados politicos. Si o partido liberal modificara suas doutrinas, partilhava as idéas da ordem e se achava em perfeita calma, porque não aproveitar o governo taes circumstancias chamando a si os homens honestos desse partido? E não era só accetal-os, era procural-os; ao governo cãbia fazer os primeiros avanços de paz e concordia.

Abaeté combatia o alvitre de um ministerio de ambos os partidos. Suas antigas opiniões, as idéas do ministerio Macahé de que fizera parte, eram trazidas ao debate. D. Manoel allegara que aquelle gabinete fôra o primeiro a arvorar a bandeira da justiça e tolerancia. Levantando a luva, Abaeté lembrava que, ao proclamar em 1848 tal politica explicara não depender ella da vontade dos ministros, mas de medidas legislativas apropriadas, algumas das quaes foram apresentadas ás camaras. A conciliação actual devia ser a das medidas legislativas tendentes a garantir direitos e interesses dos diversos partidos: — mas a opposição declarasse quaes essas medidas. Nada de allegações e propositos indeterminados. O paiz tinha o direito de

saber quaes os principios e objectivos do novo partido parlamentar.

Essa falta de programma, a preocupação das pessoas, os ataques recriminantes, eram, aliás, a balda da "oposição parlamentar", cuja acção, voltada sempre para o passado, era mais uma constante e repetida queixa do que uma campanha politica que visasse o futuro.

Foi na sessão de 2 de junho que se manifestou Paraná: "os antigos partidos politicos do paiz entravam como que em decadencia"; a opposição liberal se tinha, por assim dizer, eclipsado; muitas das suas notabilidades silenciavam, outras haviam feito tamanhas modificações em suas opiniões que já não aspiravam "o progresso violento e revolucionario que podia conduzir o paiz á desordem". Tal havia sido essa evolução que não era de admirar muitos dos seus membros se acharem concordes com o partido a que eram antes oppostos. De outro lado dera-se no partido conservador um "resfriamento proporcionado". "Desta decadencia dos partidos, exclamava, devem resultar novas transformações".

Sibilino, resguardando-se para a funcção que advinhava, talvez já para ella apalavrado; sem querer melindrar a "oposição parlamentar" que lhe não regateava elogios; confiante em poder reconciliar os dissidentes, parecia desculpar nos "parlamentares" a falta de um programma. Mas os advertia da sua fraqueza pelas divergencias que manifestavam, e os intimidava com a formação de um partido que lhes seria contrario: "apparece um partido parlamentar na oppo-

sição; é natural que a esse partido tenha de corresponder outro partido ministerial com idéas mais ou menos oppostas ás daquelle. Mas o partido parlamentar é de poucos dias, está no seu trabalho de formação, ainda não tem talvez assentado todos os pontos que devem fazer parte do seu programma politico; por consequencia não é de admirar que ainda appareçam divergencias entre as notabilidades que o compõem". E claramente declarava: a fusão dos partidos num só nem era possível, nem util.

Souza Ramos que acabava de deixar o ministério, picado das farpas que lhe atiravam vigorosos os pernambucanos, mais bradava um revide do que definia uma situação. Commentando o discurso de Paraná, contestava a decadencia dos partidos. O que havia era "civilisação dos partidos" que se aproximavam, deixando o liberal "as exagerações de sua opinião" e o conservador "tanta animosidade contra o progresso". Isso era o resultado da politica do governo.

Queria uma conciliação com os liberaes, excluidos os dissidentes conservadores: "deve o governo perseverar cada vez com mais fervor nesta politica, caminhar mesmo para o antigo partido progressista, com passos mais largos do que elle para o da ordem, para ver se quanto antes se encontrão e se confundem todos os talentos, illustrações e virtudes do paiz, para promoverem sua prosperidade. E como não pode haver governo representativo sem opposição, componha-se esta não dos desperdicios de um só partido mas dos de todos (1); componha-se a opposição dos ho-

(1) Estas expressões "disperdicios do partido" irritaram immensamente aos membros da "opposiçào parlamentar" do "partido parlamentar" na camara. Vêr os discursos na camara.

mens exaggerados de uma e outra opinião; porque a reunião de todos em um só partido não é possível”.

Emquanto as duas camaras se enchiam desses debates que malhavam o prestigio do ministerio, contava este os seus dias. Era um gabinete que, já antes daquella crise, ao recompôr-se, não se robustecera. A retirada de elementos como Montalegre e Euzebio e Tosta, ainda bem substituidos por Souza Ramos, Gonçalves Martins e Zacarias, havia debilitado o governo. E si a conciliação se impunha, sentia-se fraquissimo para tental-a. Pois se não conseguia agremiar sequer os saquaremas?!...

Quando Luiz Antonio Barbosa substituiu na pasta da justiça Souza Ramos (14 de junho de 1853), ratificando o dedicado apoio dos mineiros, fôra alentar os ultimos instantes de um ministerio moribundo (1).

Todavia o gabinete atravessava a sessão. Em agosto os ataques na camara parecem môderar; votam-se os orçamentos, e o governo, com uma maioria numerosa e fiel, podia apparentar força. Ha critica nos debates — já não ha paixão. Poder-se-ia considerar a crise resolvida antes a favor do que contra o ministerio. Os “parlamentares” pareciam temer uma conciliação, *contra elles*, com os liberaes. Souza Ramos no senado isso insinuara. Pacheco dava que pensar.

(1) “O ministerio continúa, com a modificação apenas da entrada do Barbosa, de Minas, em vez do Souza Ramos. Apesar do apoio franco das deputações mineira e bahiana, sente-se que he apenas um ministerio tolerado pela inercia das outras deputações e mantido pelo receio da ascenção de outra politica. A minha posição he de não fazer-lhe guerra, mas de vel-o expirar sem desprazer... Wanderley está constituído chefe da maioria, e he o elemento bahiano que a opposição parlamentar acceptaria em um novo gabinete” (carta de Octaviano a Carvalho Moreira, 14 de julho de 1853).

E' de Octaviano este registro: "o ministerio atravessa a sessão com grande maioria e com muitas descomposturas, mas teve a fortuna de contar a seu lado, não como amigos mas como aliados, todos os homens importantes. Todavia corre surdamente que haverá modificação, sahindo o Martins e o Felizardo. O Torres (Itaborahy) é o homem da situação, porque captou toda a confiança do Alto Eleitor. Elle disporá das pastas a seu bel prazer." (carta a Penedo, 11 de Agosto de 1853). E Wanderley dá estas impressões: "vim tarde tomar assento na camara, e isso mesmo por causa da scisão que appareceu no partido. Felizmente o ministerio não fugiu ante as caretas dos pernambucanos, e se tem sustentado com uma maioria *certa e disciplinada*, o que he melhor que uma *unanimidade vascillante*. Estamos no fim da sessão e á excepção da criação do Banco Nacional nada temos feito, empregando-se o tempo em recriminações e porcas injurias, de sorte que ainda hoje entra o orçamento em terceira discussão! Terás lido as discussões que vão se rebaixando a ponto de animarem os *partidaristas do systema napoleonico*. Si enojam estas cousas ao menos não nos devem fazer esmorecer, porque os corpos politicos tambem padecem suas enfermidades periodicamente" (carta a Penedo, 13 de agosto de 1853).

Ainda a 2 de setembro a opposição tentava um golpe em certa votação e Wanderley, aparando-o, conseguia um pronunciamento da camara pro-ministerio, por grande maioria; no emtanto, já a 6 Paraná organisava o seu gabinete.

Houvera razões não ostensivas para a retirada de Itaborahy que disfarçava a realidade ao allegar canção, o pedido de demissão de ministros (Uruguay e

Felizardo), a difficuldade de nova recomposição e a conveniencia de certos assumptos urgentes da pasta dos estrangeiros serem tratados pelos novos ministros. Evidentemente a pressão conciliatoria comprimira o ministerio demissionario.

Os "parlamentares", em seus louvores a Paraná pareciam indical-o para a pacificação entre os saquaremas. Os debates como que impunham uma modificação na politica do gabinete. Si o imperador desejava a concordia entre conservadores e liberaes havia de estimar preliminarmente a extincção da desharmônia no seio dos saquaremas.

Ao escolher os companheiros, Paraná lançou vistas indistinctamente a ministeriaes e "parlamentares".

O seu immediato proposito era fazer a conciliação no partido conservador — constituindo um gabinete com elementos da maioria que apoiara Itaboraay, e dissidentes "parlamentares". De entre estes convidou para o novo governo Abrantes e Rego Barros e de entre os ministeriaes Wanderley (1) e Lisboa Serra. As recusas o levaram a lançar mão de outros conservadores. Limpo de Abreu, Pedreira, Paranhos já antes se haviam convertido ao credo saquarema.

Wanderley preferira continuar como presidente da Bahia.

(1) Paraná insistiu pela entrada de Wanderley para o ministerio e este interpoz os bons officios de Gonçalves Martins para dissuadir o organisador do gabinete. Els um bilhete de Martins a que Wanderley poz a nota a lapis: "Era meu pedido para não fazer parte do ministerio": "Exm.º — Hontem á noite depois que Você sahio daqui, chegou o Paraná, ainda estando presentes os outros hossos amigos. Fallei com elle e com instancia. Agora lhe escrevo essa que mandará levar pelo portador. Seu amigo Gonçalves Martins".

Diz Pereira da Silva nas "Memorias de Meu Tempo" (Vol. I pag. 239) que Rego Barros indicado por Paraná para ministro da guerra fôra recusado pela corôa.

Insistia Paraná, ao apresentar o ministerio, na impossibilidade da fusão dos partidos; frizava que o gabinete trazia as côres do partido conservador: "o systema representativo não pode existir sem que haja partidos politicos"; o ministerio promoveria a conciliação imprimindo á politica "aquelle character de moderação que é consentaneo com as opiniões que professamos, que são opiniões conservadoras".

"Tem-se algumas vezes dito nesta casa que nenhum ministerio pode bem administrar o paiz sem que tenha no seu programma a conciliação. A palavra é boa e nós não a condemnamos absolutamente, porem... se a conciliação consiste na extincção dos partidos promettel-a seria propormo-nos a conseguir uma utopia, porquanto para que o systema representativo existisse sem partidos politicos fôra preciso que estivesse falseado e que se dêsse uma verdadeira compressão, e a isso não estamos resolvidos".

A compressão seria a da corôa com um partido aulico. Paraná punha assim limites constitucionaes ao *pensamento augusto*, pelo qual não revelava entusiasmo: "o modo porque entendemos dever promover a conciliação será imprimindo na nossa politica... moderação... e procurando reprimir os crimes que muitas vezes pretendem apadrinhar-se com o espirito de partido".

Seguia com esses principios as pegadas do gabinete anterior, disposto, porem, a abolir desavenças entre os conservadores, ouvindo as queixas dos *parlamentares*, contra os presidentes de provincias: "é possivel que algumas vezes os seus delegados (do ministerio anterior) se deslissassem das regras por elle prescriptas e pois, sr. presidente, instituiremos um exame sobre as administrações das provincias e procuraremos reparar os erros que se tiverem commettido".

Com os liberaes a conciliação era apenas debuxada: "estimaremos muito e acolheremos com grande satisfação toda e qualquer adhesão; a ninguem repelliremos; a todos accitamos". Não buscava; esperava as adhesões. Mas não pretendessem postos politicos: "em todos os empregos que tiverem influencia politica preferiremos aquelles candidatos que adherirem á nossa politica, e que melhor exprimam o nosso pensamento. Em todos os outros empregos buscaremos o merito onde quer que elle se ache" (1).

Provocado a novas explicações por Montezuma que chamara a politica do gabinete ao emvez de conciliação — de "humilhação" (sessão de 15 de setembro), respondeu Paraná que o programma que acabava de formular não apresentaria em 1832 e 1833, ou em 1843. As suas antigas opiniões já estavam modificadas pela experiencia; as necessidades nationaes eram diversas; as paixões estavam acalmadas; o paiz parecia achar-se em um estado de quietação. Houvera progresso; elle proprio se aproximara de muitas das opiniões dos seus adversarios; viessem estes como já caminhava para elles. Largo campo para entendimentos politicos com os liberaes offerencia no seu programma administrativo. (2).

(1) Discursos de 10 e 11 de setembro de 1853, no senado.

(2) "Haja uma marcha reciproca de um para outro lado, continuava Paraná. O governo está prompto a encontrar-se não só com o nobre senador pela Bahia como com todos os outros brasileiros. Mas parece que S. Ex. quer apenas que o governo marche para chegar a seu ponto". Já, aliás, (sessão de 12 de setembro) fôra bem frizante em anteriores declarações: "o gabinete nada tem com o tempo passado, os seus membros não se consideram nem como luzias nem como saquaremas, estão todos de accordo em administrar o paiz segundo suas necessidades actuaes. Portanto aquelles que apolam e compartilham o pensamento do ministerio são ministerialistas, qualquer que tenha sido ou seja o seu partido; e os que não compartilham esse pensamento, não sendo os mais aptos para executal-os, não podem ser nomeados para os empregos politicos".

Taes eram os aspectos publicos e visiveis, as feições parlamentares da conciliação. Mas a politica tem tambem a face occulta, a zona de penumbra, onde se processam as verdadeiras causas dos acontecimentos.

Que combinações se haviam conjurado Paraná e os liberaes? Até onde ia e qual, ao certo, o "pensamento augusto", a vontade imperial, já então imperiosa?

Da parte de Pedro II ficaram felizmente as instrucções de seu punho a Paraná, ao inaugurar-se o ministerio (1).

Nesse documento, sob todos os titulos valiosissimo, patentea-se o poder pessoal na phase de suas affirmações; em luta ainda; não soberanamente estabelecido, mas receioso das contestações e resistencias partidarias; inseguro da conformidade dos ministros: por isso mesmo exaggerado nas suas expressões.

Paraná voltava ao governo depois de quasi dez annos, desde quando, num assomo, atirara as pastas aos degraus do throno, para se recolher com o seu partido ao ostracismo, não sem dizer ao parlamento, descobrindo e áccusando a corôa, que se não quizera submeter ás influencias aulicas. Amárgava ainda o impe-

(1) Na secção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional.

Pedro II porventura imitava o gesto da rainha Victoria um anno antes. A imperante ingleza em 1852 entregou a Palmerston um memorandum que foi lido no parlamento por lord Russel e no qual definia direitos da corôa: — "A rainha exige prelliminarmente que lord Palmersaon (era o chefe do gabinete) diga claramente o que propõe em cada caso, afim de que a corôa saiba distinctamente ao que vae dar a sancção real. Em seguida, dada a sancção real a qualquer medida a corôa exige que esta medida não seja de modo algum, arbitrariamente alterada ou modificada pelo ministro. A rainha quer ser informada do que se passa entre o chefe do gabinete e os ministros estrangeiros antes de serem tomadas decisões importantes sobre suas notas; quer receber os despachos em tempo conveniente; quer receber os documentos que tem necessidade de sua approvação a tempo de poder bem conhecer o seu conteudo antes da sua expedição" (Apud. "L'Angleterre Politique et Sociale" por Auguste Laugel — 1873, pag. 197).

rador um resaiço de amor-proprio offendido. Não esquecerá. Si a idade aconselhava agora a Paraná outra prudencia, para não repetir a scena, ou não pretender dominar o rei com ameaças, este tambem já não era o jovem quasi imberbe a que o estadista mineiro procurara tomar o pulso, tres annos depois da maioridade. Prevenido, Pedro II escudava-se agora com advertencias, balisando o ambito das prerogativas e da politica imperiaes, restringindo o circulo da acção ministerial. Estendeu deante de Paraná o seu programma, onde ha phrases que ostentam o desempenho de quem, se não desafia, alardêa firmeza.

“O ministro que se desculpar com o meu nome será demittido” — eis uma locução bellicosa, antes um revide que uma norma, projectil que sibila directo ao peito de Paraná.

“Nada se revelará do que se passar em despacho” — outro cartel á confiança, á lealdade, e á discreção dos ministros. *“Nem se lavrarão os decretos antes da decisão em conselho, salvo se no 1.º caso se tiver nisto mesmo assentado e no 2.º o negocio não admittir demora”*: — um marco ás lindes do poder real. Como que o aggredido de Timandro lhe ouvira o conselho de não apenas reinar: queria governar.

“Todas as decisões que não forem d’expediente serão tomadas em despacho; comtudo o Presidente do Conselho ou os Ministros respectivos poderão tractar commigo individualmente de qualquer negocio”: — era a absorpção de todo o governo, a censura universal da administração pela corôa.

O imperador firmava nesse documento uma especie de regulamento das suas relações com o governo, assegurando-se a mais vigilante minudencia em todos os assumptos, abrindo por inteiro as pastas mi-

nisteriaes á sua curiosidade, garantindo-se de a tudo presidir, em tudo opinar, influir em cada resolução: *"todos os recursos de graças deverão subir á minha presença acompanhados das peças principaes do processo e circumstanciado relatorio do juiz"*; *"a correspondencia entre os presidentes de provincia e o governo, sobretudo o que fôr relativo á boa marcha d'administração será toda por officio"*; *"a correspondencia com as legações que exigir qualquer decisão d'importancia e se esta admittir demora virá ao meu conhecimento antes de me ser apresentada para resolver; tambem desejarei ler a que tiver qualquer interesse"*. Attenuava o arbitrio dos ministros, alargando a influencia do conselho de estado que: *"deverá ser consultado em todos os assumptos importantes, quando o segredo e a urgencia delles o permittir, ouvidas ou não as secções. A secção de justiça consultará sobre todos os recursos de graça"*.

Num papel assim forte o "pensamento augusto" havia de ser dito sem ambages. E lá está definida a conciliação exactamente como a promettera Paraná no parlamento: — *"nomeações dos lugares politicos ou que possam influir na politica recahirão em homens do partido, pôdendo eu regeital-as e lembral-as unicamente. As outras só poderão esses mesmos obter em igualdade de circumstancias"*. E para as provincias a conciliação seria identica á que já vinha sendo praticada pelo ministerio que se retirara: *"continuará a mesma politica a respeito das provincias, sobranceira aos partidos"*.

Essa era a conciliação imperial no seu aspecto estrictamente partidario-pessoal. Quanto aos principios, ás concessões liberaes, ás medidas administrativas, Pedro II enumerava um catalogo longo, num program-

ma vasto, na sua quasi totalidade repetido por Paraná no senado, ás vezes com as mesmas expressões: — eleição directa e por circulos; reforma do conselho de estado; reforma da instrucção primaria e secundaria; reforma das camaras municipaes; execução da lei de terras e criação de nucleos coloniaes; lei de pensões e aposentadorias; regulamento do censo e das obras publicas; exgottos na côrte; navegação do S. Francisco e outros rios e da costa; arrasamento dos muros do Castello e de St.º Antonio e mais melhoramentos; repressão energica ao trafico; reforma judiciaria; instrucção do clero; obra do caes da alfandega; tarifas baseadas sobre os principios de uma bem entendida liberdade de commercio; lei de recrutamento; conselho naval; obra do dique; reorganização da imprensa na côrte e nas provincias se fôr possivel; reforma do regimento do senado.

Em Paraná escasseavam qualidades para pacificação e concordia, — tarefa antes de habilidade que de vontade. Não era de contar que mãos tão asperas podessem tecer a fina trama conciliatoria.

Feito para dominar e lutar, não era a elle que caberia o cedêr indulgente da fraternidade, a leveza das transigencias, a destreza astuciosa da seducção politica com que se capta a adhesão dos contrarios. Se lhe sobravam impavidez, audacia, energia, aggressividade fervente, faltavam-lhe serenidade, cautela, calma.

Dirigida por elle, por elle chefiada, tudo indicava que a conciliação seria "imposição". Obrigaría os conservadores a acceital-a, os dissidentes a volverem á disciplina, e, buscando aqui ou alli os liberaes, ha-

via de obter-lhes a collaboração, mais pela attracção da firmeza do que pelo feitiço dos chamamentos do poder.

Illustração em nada excepcional; palavra sem grandes encantos; rudeza acerba de convivio; estadista que se fez pela actividade que aproveita os minutos, pela combatividade que não despreza os menores desafios, pela vontade que quer tudo fazer, não esmorece nunca e, ao emvez, redobra de energias ao estímulo das difficuldades, — Paraná era todo espinhos e asperezas. A dureza, a agrestia, a mesma impolidez eram nelle cou-raça innata e lanças de combate.

Quando já se ganhou autoridade para usal-as, estas armas dão quasi sempre o triumpho, ainda que envenenem as allianças de despeitos, temores e anti-pathias, ou instilem nos adversarios a peçonha das inimizades.

Em homens, porem, dessa psychologia bellicosa, ha reservas immensas de olvido.

Ninguem que delle fallasse esquecia-lhe a "rispi-da rabugem e a irascibilidade facil", defeito que vinha muito dos sobejos de suas qualidades. Essa mesma certeza intima dos seus direitos de dirigir e não ser contrariado — mando que nem respeitava a força perpetua do sceptro — suppria nos debates as suas insufficiencias de talento verbal. Si a contestação vinha forte; se o aparte lhe esporeava o discurso — a imaginação, naturalmente fugaz e ausente, a phrase desornada, a escorar-se em moletas e pausas, e a propria voz nasalada e estridente transfiguravam-se ao choque da reacção. Firmado então na logica que não lhe faltava, e na memoria, boa companheira, ia buscar triumphos de tribuna onde antes se desdobrava monotonico e inexpressivo, um discurso de amanuense.

E' que a sua eloquencia só se accendia na irritação. Mas, tambem, estimulado da necessidade politica, conseguia reprimir as exorbitancias de seu genio, e delle distillava; martyrisando-se embora, alguma insistencia suave para retêr o alliado ou grangear o adversario.

E' que parecendo não o têr, possuia coração capaz de reconciliações definitivas.

Volvendo agora, pela ultima vez, ao poder, trazia uma legenda: o prestigio de muitas audacias de acção e de outras tantas de palavra.

Todos lhe procuravam as cicatrizes de tantos duellos; lembravam as cutiladas que marcara em muito combatente de todas as facções. Dizia-se que a moessa que fizera um dia no broquel imperial levára dez annos para desapparecer. Parecia um herôe de aventuras politicas.

Isso lhe augmentava a fascinação da força, — iman de quem trazia um passado de vinte annos de escaramuças e combates.

Aquelles que o conheciam mais de perto, e de mais tempo, temiam-lhe todavia a convivencia e o commando. Talvez um tanto por isso Abrantes e Rego Barros e Wanderley recusaram as pastas que lhes offercera (1). Talvez por isso os liberaes receberam o seu ministerio com reservas.

Um objectivo pacificador depende menos de idéas e programmas do que de pessoas. Os luzias em seus discursos na camara e no senado haviam de dis-

(1) Não querendo entrar para o ministerio, Wanderley podia, na intimidade, apreciar a organização com critica displicente: "antes que recebas esta deveas saber da mudança do ministerio, dissol-

cutir os ministros, procurando, num ou noutro, o fiador de mais confiança para as promessas do gabinete.

Uns, como D. Manoel e Ribeiro de Andrada, com ironia ou não, abriam largo credito ás reminiscencias liberaes de Limpo de Abreu, Paranhos e Pedreira: — aquelle, diziam, fôra um dos chefes luzias até 1848 e os liberaes tudo haviam feito para a sua elevação; Paranhos até em 1850 estava em campo opposto aos conservadores e fôra escolhido pelos liberaes para postos administrativos no Rio de Janeiro e deputado, ainda no verdor dos annos; Pedreira occupara altos cargos no dominio do partido do progresso.

Outros, como Pacheco, ainda a mascar os despeitos e maguas da politica provincial de S. Paulo, nada confiavam em Nabuco. Na sua expectativa Pacheco punha uma forte dose de segurança no chefe do gabinete, o qual, pelo prestigio e preponderancia sobre seus correligionarios, impunha respeito, era homem de energia, “o unico que podia saltar por cima de todas as considerações pessoas e partidarias, para fazer a felicidade de sua patria se assim o quizesse”, e, imitando o exemplo de Robert Peel, tirar ao programma dos adversarios tudo quanto lhe parecesse util e exequivel para o bem do paiz.

Organisado o gabinete a sessão parlamentar duraria ainda menos de um mez, conduzidos com habilitade debates e votações.

vido pelo Paulino não sei bem porque: talvez que não quizesse ver seu nome declinar depois de ter subido tão alto no conceito universal. Honorio reunio uns meninos e é hoje um verdadeiro primeiro ministro. Del parabens á minha fortuna por ter escapado a semelhante honraria...” (carta a Carv.º Moreira, 20 de out.º de 1853).

Na camara desfez-se a "oposição parlamentar"; na votação dos orçamentos a unanimidade conservadora alli se consolidou. Apenas dois votos liberaes contrariaram o governo.

No senado o chefe dos "parlamentares" trancou-se em silencio, enquanto Montezuma e D. Manoel faziam ainda negaças, opinando com independencia para acabarem por votar com o governo. Só Costa Ferreira, menos cordato, censura Paraná por sua linguagem imperiosa em relação ás camaras.

Na grande questão do emprestimo ao Uruguay o novo ministerio conta no senado com o apoio dos ministros demissionarios e com os votos de quasi todos os senadores liberaes (1). As nomeações para presidencias de provincias por outro lado, sellavam a concordia, a "conciliação", entre os conservadores: aos ex-ministros Zacarias e Luiz Antonio Barbosa couberam as presidencias do Paraná e Rio de Janeiro. Grandes figuras do ephemero partido "parlamentar" foram despachadas: partia a presidir o Pará Sebastião do Rego Barros; Bandeira de Mello ia governar o Piahy.

Ao encerrarem-se as camaras, vinte dias depois da ascensão do novo gabinete, Paraná podia dizer que alcançara já a harmonia entre os conservadores e a moderação e benevolencia dos liberaes.

Salles Torres Homem, o grande pregoeiro da conciliação, collaborava no seu governo desde o primeiro dia. Quem redige a circular (2) aos presidentes de

(1) Paraná agia com tacto. Para obter a approvação dos orçamentos declara necessitar da opposição e apresenta uma emenda sobre additivos que satisfaz nos liberaes. Esse lance leva D. Manoel a dizer que o presidente do conselho offerecera uma transacção; caminhava para a opposição e esta caminhava para S. Ex.: "só falta haver o encontro para ter logar o amplexo" (sessão de 16 de setembro, Jornal do Commercio de 18 de setembro 1853).

(2) Um rascunho dessa circular, na letra de Salles Torres Homem, está guardado na secção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional.

provincia, definindo a orientação politica do gabinete é o futuro Visconde de Inhomerim, que não tarda em ser nomeado director do thesouro.

O terreno partidario nivelava-se. A chamma das paixões amortecia. Desfazia-se o fumo dos combates parlamentares, e um amplo descortino se desdobrava ante a vontade e a operosidade de Paraná. O ministerio da conciliação podia iniciar a sua grande obra.

Ministro da Marinha

- I — APOIO FRIO AO GOVERNO. — SUBSTITUIÇÃO DE ABAETE' E BELLEGARDE.
- II — OPPOSIÇÃO DE FERRAZ. — INFLUENCIA DA SITUAÇÃO INTERNACIONAL E DO TRAFICO SOBRE A ESQUADRA.
- III — FRACASSO DA MISSÃO PEDRO FERREIRA. — PREPAROS PARA UMA EXPEDIÇÃO GUERREIRA AO PARAGUAY.
- IV — NOVOS NAVIOS. — POLITICA NAVAL DE ALTO MAR E NOS RIOS. — A HELICE. — SERVIÇO DE BOMBEIROS. — MELHORAMENTOS E REFORMAS.
- V — CONSELHO NAVAL. — INCIDENTE COM ZACARIAS



COM mais habilidade e brandura do que era de contar, realisava Paraná, na vida dos partidos, a politica que se traçara: "continúa a durar a lua de mel do ministerio Paraná, escrevia Octaviano, e creio que tem ainda de atravessar mais alguns periodos, como toda lua que encontra sóes que lhe emprestem luz. Demais o paiz estava cançado; as luctas haviam enfraquecido os partidos; a energia partidaria do Euzebio havia acabado com as aspirações dos caudilhos liberaes. Estes suspiravam por alguma pinguela que os fizesse passar para o campo do festim. O Paraná tem-lhes dado alguns madeiros que, atirados por cima do abysmo, os tem salvado. Ergo rosas". (1.)

A conciliação pessoal aplainava o terreno partidario; a de programmas, de principios, seria tentada, ainda nesse anno de 1854, (2) com a reforma que não iria adiante, da lei de 3 de dezembro, e se corporificaria, mais tarde (1855), na lei das incompatibilidades e dos circulos.

Wanderley, a quem tão mal impressionara o primeiro açodamento conciliatorio, observava essa evolu-

(1) Carta a Penedo, 13 de fevereiro de 1854. Octaviano falando depois na camara na sessão de 28 de junho de 1855, testemunhava o "cansaço do paiz, a inanición dos partidos" em 1853. Wanderley tambem escrevia a Penedo em 22 de março de 1854: "a politica interna está em apathia e nada ha de interesse".

(2) Ao fim de 1854 "a politica é a conciliação um pouco mais modificada pela experiencia" (carta de Wanderley a Penedo — 6 novembro 1854).

ção da politica do gabinete. A pequena opposição na camara consolidava a maioria, disciplinada por Paraná com firmeza e energia. "Mal se desgarrá um membro da maioria para a opposição o nobre presidente do conselho dirige-se a elle, exige, invoca todos os principios da amizade a mais antiga para que não se aparte das suas fileiras; e se acaso esse membro resiste a tudo e apresenta-se no posto que procura... mal delle..." — caricaturava Ferraz (1).

Wanderley, nessa maioria, dá ao governo, durante a sessão de 1854, um apoio frio. Retrae-se insistentemente das discussões. Em toda a sessão apenas discursa para sustentar o seu projecto sobre trafico interprovincial de escravos e para opinar a respeito das reclamações de Lord Cochrane, aliás contra a opinião do ministro da marinha — Paranhos. Aqui ou alli raramente intervem com apartes sobre as incompatibilidades politicas da magistratura, e contractos e favores ás companhias de navegação.

Ferem-se os grandes debates e no entanto se obstina no silencio. Assiste, quieto e mudo, ao duello parlamentar entre Paraná e Ferraz, á longa discussão das reformas judiciaria e hypothecaria, sobre a criação de novas provincias. Rolam no recinto os échos da erudição eloquentissima de Ferraz; sibila cortante ou ribomba com fragor a aggressividade de Paraná; o humour de tarimba de Seara e o chiste chaliceador de Paula Candido alegam a camara em sorrisos; chispa a susceptibilidade reactiva de Augusto de Oliveira; Nabuco desdobra com harmonia estudada a phrase escorreita para vestir os argumentos construidos nas vigalias do estudo; Pedreira relata com clareza minuciosa de funcionario as questões

(1) Discurso na camara a 22 de maio de 1855.

de seu ministerio; Paranhos, vivaz e facundo, escudado em talento, inflammado como um paladino, defende a honra das mathematicas e o brio da sciencia; a gentileza feminil de Octaviano canta, encantando como um trinado, em meio de azedumes e dissidios; fallam seus amigos da Bahia — Taques, Fiuza, Dutra Rocha, mas Wanderley a tudo escuta quedo e immovel, da sua bancada .

Cançara a sua voz? Perdera o impeto antigo? Ou seria queixa intima, não bastante para o rompimento, mas sufficiente para o amúo?

Paraná, vehemente e aspero, esqueciã depressa. Afagava assim, insistente, o animo de Wanderley, delindo-lhe as ultimas susceptibilidades, apagando vestigios daquella dura polemica epistolar. Por sua vez este acertava, na convivencia e collaboração parlamentares, a maneira de marchar com o chefe do gabinete, evitando novos conflictos, sem abdicar vontade, opinião, liberdade.

Soavam isotonas com o diapasão de Paraná certas qualidades que Wanderley revelara na presidencia da Bahia: a paixão dos melhoramentos materiaes, a energia activa em realisar empresas de adeantamento, a firmeza nas providencias de repressão e de ordem, e mais aquella especie de desafio que era a attitude governamental de ambos. Nelle estava um ministro como o quizera o organisador do gabinete; como ainda o queria.

A opposição visava, para o mais forte de seus ataques, a Bellegarde e a Abaeté, ministro da guerra e de estrangeiros. O fracasso da missão Pedro Ferreira ao Paraguay desgostara immenso a Abae-

té que, já cançado, acompanha Bellegarde quando este insiste em retirar-se. O gabinete que parecia periclitante ia revigorar-se com a reorganisação. Paranhos passa da marinha a estrangeiros; Caxias e Wanderley injectam no governo sangue novo.

Lucrava o governo substituindo Bellegarde pelo Marquez de Caxias. Faltava áquelle a noção de partido, que sobrava neste — mais politico, então, que militar, conhecedor dos homens e tão sensato quanto cordato. E ganhava em transferir para a secretaria de estrangeiros Paranhos que já tomara gosto pela intriga diplomatica. O feitio pessoal do futuro Visconde do Rio Branco condizia bem com a pasta. Equilibrado, rhythmado, attico, estheta, nelle havia mais cuidado, cautela, segurança, maciez, acuidade do que ambição, que lhe era apenas uma forçada audacia da necessidade. Não lhe faltava energia, mas esta não explodia nunca. Seu motor era de ar comprimido. Activo e diuturno, vencia mais pela frequencia das pequenas pancadas do que pelos golpes decisivos.

Na diplomacia dá gosto comparar seus processos com os de Wanderley, que um dia lhe reprochava certa tibieza das notas aos ministros acreditados: “V. Ex. *que me accusa de fraco* não me deve recusar esses meios que dão muita força ás notas diplomaticas. Ajude-me V. Ex. e verá que não sou incapaz de desempenhar-lhe as barbas”, escrevia um dia Paranhos pedindo ao novo ministro da marinha navios para a Amazonia (carta de 6 de dezembro de 1855).

Wanderley que já se ensaiava então, e viria a ser um diplomata *frondeur*, tinha por deleite, ao contrario de Paranhos, como que bravatear as questões, dava-se ao gosto polemico do negociador vigoroso que

se embriaga em attitudes ou palavras fortes, emquanto o outro confiava tudo á tenacidade branda da razão.

Cedendo á insistencia de Paraná, Wanderley acceita (14 de junho de 1855) a pasta da marinha, deixando, com alguma tristeza, a administração da Bahia confiada a Tiberio Moncorvo, seu grande e fiel amigo.

O ministerio agora o attrahia. Tomara gosto pela administração; queria experimental-a no campo mais amplo, nacional. Seduzia-o a acção progressista do gabinete. E reconditas inspirações augmentavam-lhe o intimo desejo de atar ao *bouquet* de noivado a carta de senador do imperio, mais facil de ser alcançada da imminencia ministerial (1).

(1) "Sabes que fui obrigado a especar o ministerio — escrevia Wanderley a Penedo — e não me arrependo de o ter feito, desde que foi indispensavel a minha entrada. Seria melhor, de certo, gente nova, mas não havia escolha e supponho que caminharemos sem mais tropeços internos" (carta de 13 de agosto de 1855). Em 14 de outubro de 1855 escrevia novamente a Penedo: "creio ter te dito alguma cousa do que levou-me a acceitar uma pasta que havia regeitado em tempos melhores. Tudo conspira para que a minha passagem seja ingloria, principalmente o flagello do cholera que nos devasta e estanca as fontes da nossa riqueza".

Em maio e junho de 1855 os boatos (na Bahia) eram de retirada do gabinete Paraná. Nisto ha reorganisação. A noticia chega á Bahia no dia 2 de julho. Dantas exulta: "em vez da queda ministerial que era por cá esperada por muitos, veio a reorganisação, e tão habil e praticamente feita que a muitos esmoreceu. Vejo da sua presada carta de 26, que bem longe estava V. Ex. de pensar em ser ministro... Alegro-me e dou a mim mesmo os parabens, como seu amigo, e como bahiano dou e recebo iguaes parabens visto como no actual ministro da marinha vê-se o mesmo homem que como Presidente e Deputado Geral tem sempre propugnado pelos interesses da Bahia. Ninguem ha que desconheça o motivo da opposição tão vehemente do Angelo; todos sabem que elle appetee a senatoria. Entendo, porem, que um amigo tem considerações a guardar, tem principios invariaveis a seguir! E' natural que mais adeante elle conheça a melhor a posição que deve tomar". (carta de Manoel Dantas, 6 de julho de 1855).

De muito se adivinhava essa pasta para Wanderley. Era a pasta dos ministros novatos. Em janeiro, (31) de 1854, lhe escrevia Pa-

II

Ferraz que se tornara o *leader* da opposição é a primeira voz, ainda colorida de encomios e cortezias, que se levanta contra o novo ministro. Antes da modificação ministerial, dizia elle, a maioria, na qual brilhava como uma estrella refulgente Wanderley, era fria e esquivada, tão muda como Pedreira que "só forçado tomava parte nas discussões". O ministerio ganhava agora um talento transcendente, um homem pratico e a maioria se animava: "mas é desse lado que se devota pelas affeições, pela amizade, pelos interesses das suas provincias". A disfarçar os espinhos do ataque entre petalas e perfumes, chama a Wanderley de "jurisconsulto eminente, homem de vistas largas" com "toda a capacidade para bem dirigir a repartição, tacto fino, perspicacia, inteireza", e lança um remoque: seria na marinha um neophito, devendo passar por um noviciado, fatal, aos interesses nacionaes. Mistura sinceridade com estudada malignidade ao manifestar receio de que a entrada de seu amigo para o ministerio não o prejudicasse: "não sei se é prevenção que eu tenho, não sei se é a historia do nosso paiz, a chronica de todos os dias da nossa politica, que me faz vacillante sobre os destinos do meu nobre amigo; não sei; supponho, sr. presidente, que nós de certo circulo, nós moços, não somos azados para os negocios publicos, para a alta direcção do estado". Havia quatro ou cinco politicos com os quaes parecia não ser possivel aos moços servir bem: — "não sei se isto é exacto; desejava que o meu nobre amigo com a sua

ranhos: "eu tanto conheço a sua idoneidade para as cousas da marinha, que o propuz de Montevideo para inspector geral da mesma. Como as cousas sahiram de outro modo..."

intelligencia e força de vontade tambem nos mostrasse que sabe querer”.

Era clara a insinuação, a maliciosa prophesia de um conflicto, que elle julgava inevitavel, entre o novo ministro e o chefe do gabinete.

Wanderley aparou esses golpes com elegancia. Preveniu a seu oppositor que debalde procuraria separal-o daquelles cuja alliança acabava de estreitar: “as relações de amizade que me ligão ao illustre deputado, coagem-me de alguma forma. Entretanto, previno-o desde já de que, desejando ardentemente manter sempre as mesmas relações com o illustre deputado, não só nesta como em quaesquer outras questões, peço-lhe licença para, na qualidade de ministro da corôa, declinar de qualquer favor seu. E o convido a que se pronuncie com a mais plena liberdade” (sessão da camara, 19 de junho de 1855) (1).

Neophito, de facto, nos assumptos da pasta, não se pejava o novo ministro em communicar aos technicós navaes, aos officiaes superiores, os receios da sua inex-

(1) A attitude de Ferraz maguou em extremo a Wanderley. Mais tarde, quando da eleição senatorial, elle alludia, em carta a Penedo (14 de outubro de 1855), a essa opposição do futuro Visconde de Uruguayana: “admiras-te que o Ferraz te lançasse uma indirecta? Foi elle o primeiro (11) que me atacou quando entrei para o ministerio, ainda que depois viesse ás boas por interesse de sua pretendida eleição de senador pela Bahia onde ha duas vagas”. E’ a esta hostilidade de Ferraz que alludia Gabriel Rodrigues dos Santos em carta a Wanderley de 19 de junho de 1855. Depois de o felicitar pela entrada para o ministerio, acrescentava: “agora nessas terras move-diças onde estás pisando, não podes contar com tempo sufficiente para mostrar tua grande aptidão, e alem disso terás que soffrer esses amargores — dos maiores que pode soffrer o homem politico — a guerra dos amigos; e alem disso estás rodeado de espinhos, alguns dos quaes envenenados não sei por quem, como esses do Paraguay”. Todos os amigos communs lamentavam o rompimento, a opposição de Ferraz a Wanderley. Da Bahia escrevia Fluzza: “tenho acompanhado as discussões. Lastimo que o nosso amigo e collega Ferraz se achasse tão mal postado que, com a tua entrada no ministerio não pudesse retirar e prestar-te como era dever de toda a deputação bahiana o mais franco e leal apolo: a imprudencia com que elle se declarou... passado em opposição he causa disso

perencia, confessando-se um *intruso*. Estudava, porém. Lia a obra de Dupin e a do Conde Bonet Willaunez, mal sahida do prelo. Em breve se assenhoreava de todos os problemas da administração de marinha e com acelerada energia realisadora lhes encaminhava ou acertava as soluções.

A situação internacional influa nas menores deliberações sobre a esquadra, aquisições de navios, seus typos, sua distribuição e movimentação.

E não só. Ainda ás funcções normaes da frota naval accrescia, então, o policiamento dos mares, nos cruzeiros contra o trafico, que "consumia as reservas, arruinava a saúde das equipagens, não permittia se lhes dar a precisa instrucção e disciplina, e ainda estragava os navios e difficultava a renovação do material".

A repressão do trafico, que tanto occupara o chefe de policia e o presidente da Bahia, continuaria a entreter o ministro na lucta com o contrabando negroiro que ameaçava recrudecer. Os especuladores do commercio de escravos, suppondo o governo dis-

e de elle ter de empregar seu bello talento em uma opposição mal pensada a amigos de quem elle se não devia nunca separar" (carta a Wanderley, 29 de junho de 1855). E Picot: "já sel que nem a tua entrada para o ministerlo acalmou o Ferraz: todavia espero ainda a bem delle, que no que disser respeito á marinha conservar-se-ha pelo menos mudo". (carta a Wanderley, 3 de agosto de 1855).

Antes de Wanderley entrar para o ministerio, Ferraz, que havia rompido com Paraná, esforçava-se por chamar áquelle amigo para a opposição. Com data de 9 de novembro de 1854 escrevia elle a Wanderley que estava na presidencia da Bahia; "deves confiar na fé punica desta gente que escrevendo ao Cansação e em boa harmonia com elle procurarão e Instarão com o Coelho para ll-o substituir, e isto ainda em 24 de Agosto? Elles te temem mas não te gostão, excepto um ou outro em particular. Sahiste commendador; mas... Grande despeito lavra entre os agraciados... O Condeixa arranjou todos os seus correspondentes, o Honorio todos os seus capachos... Não achei charutos de entre actos, mas vão trabucos... — Teu Silva Ferraz".

trahido com as complicações externas, tentavam renovar-o.

Nabuco, ministro da justiça, criva ao da marinha de bilhetes e cartas. Requisita navios; pede transporte de correspondencia official; esperta o cruzeiro; communica denuncias e participações; combina a acção conjuncta da marinha e da policia confiada a Sinimbu.

Havia o ministro da marinha de mantêr exhaustiva actividade diurna e nocturna, extendendo a vigilancia de Pernambuco ao Rio Grande, e ainda ter toda attenção presa aos inglezes, suas ousadias, seu intoleravel e irritante intervencionismo.

Se a alguns presidentes facilitavam a repressão as costas asperas da provincia, sem portos faceis nem enseadas accessiveis, como a Tosta o littoral do Rio Grande (1); outros, como José Bento, em Pernambuco, amargavam a desdita de um desembarque, tal o de Serinhaem, mal perseguido e afinal não punido.

A parte maritima da vigilancia era precaria: o ambito vastissimo, as nãos do governo muita vez menos rapidas que os barcos negreiros: "na verdade é bem pouco agradavel a tarefa de sustentar cruzeiros com meia duzia de *calhambeques*, entretanto é forçoso fazel-o a não querer que os Snrs. Inglezes se tornem cada vez mais exigentes e insolentes" escrevia Tosta a Wanderley (22 de novembro de 1855).

A diligencia ministerial e a dedicacão dos officiaes de marinha e da maruja não bastavam. Um dos mais activos chefes do cruzeiro, Bernardo Antonio Loureiro, escrevia a Wanderley ministro: "apresento a V. Ex a expressão do meu reconhecimento por haver se Digna-

(1) Muritiba tremia, e se desdobra em diligencias. Visava sobretudo Tamandahy onde era mais provavel um desembarque. Concertavam Wanderley e Muritiba o vapor "Fluminense" e o presidente do Rio Grande estimaria que o ministro da marinha lhe mandasse outra embarcação. (carta de Muritiba a Wanderley, 24 de dezembro de 1855).

do S. M. Imperial Condecorar com o habito da ordem de Christo, dando assim apreço ao pequeno serviço por mim prestado na repressão do trafico, e que de bom grado acostumei-me a prestar e talvez com igual (sic) exito se me fosse dado commandar um bom vapor que reunisse ao pequeno calado d'agoa (seis pés afim de poder entrar em todos os pequenos portos desta Estação), uma marcha não inferior a oito milhas horarias, porque na verdade, Exm.^o Snr. no navio que commando não faria a apprehensão que fiz se o Mary E. Smith não estivesse fundeado, falta d'agua e com o panno e apparelho em máo estado; e tanto isto é assim que tem sido grande o meu desgosto quando vejo até sumacas ordinarias evitarem a caça que lhes dou, o que me tem feito ficar velho antes de tempo, por que soffro isto ha quasi seis annos; alem de que é natural que o official, que como eu commanda ha tanto tempo, e já tem commandado outras embarcações de guerra, deseje melhorar de navio, por isso que um máo vaso desacredita aos seus officiaes, por melhores e mais zelosos que sejam". (carta de 9 de junho de 1856).

Esta apprehensão do palhaboté negreiro americano "Mary E. Smith" com perto de 400 escravos nas immediações da barra de S. Matheus, pelo brigue-escuna "Olinda" commandado por Loureiro (1) constituiu uma grande satisfação para o ministerio. Para-

(1) Sobre esta tentativa de desembarque escrevia a Wanderley Liberato de Mattos, chefe de policia na Bahia: "dou-lhe parte que hontem ás cinco horas da tarde entrou aprisionado pelo barco de guerra sob o commando do Loureiro um palhabote americano com africanos em numero de perto de 400, — foi pegado na linha de respeito junto a S. Matheus e ainda não chegou. O Collatino foi quem veio no commando do palhabote apresado. Estou com essa massada" (carta de 30 de janeiro de 1856). "Os malditos traficantes deram-me uma tarefa bem pesada e enfadonha — tenho lidado com os infelizes africanos e me visto na obrigação de passar dias inteiros em uma enfermaria com 80 cholericos, daqueles infelizes que teem servido de pasto a este flagello e ao escorbuto de que vierão ata-

nhos exultava em carta a Penedo (14 de fevereiro de 1856): "a brilhante apprehensão da "Exma. Mary E. Smith" offerece um grande argumento para mostrar a Lord Clarendon que o bill não é preciso para a repressão do trafico no Brasil; que pelo contrario é o unico obstaculo a que essa causa se torne inteira e entusiastamente popular". Foi um successo notavel que alegrou a Wanderley e compensou seu tanto os desgostos do governo com o contrabando de Serinhaem (1).

Para remedear consequencias deste desembarque em Pernambuco Wanderley arriscou em censuras estimulantes a cordialidade fraterna que o unia a José Bento — presidente daquela provincia. "Então tem causado *especie* a minha reserva ou demora em contar os pormenores do contrabando negroiro — escrevia o futuro Visconde de Bom Conselho (30 de novembro de 1855). E achas razão nisso? He porque são faltos de fé. A poltrona ministerial faz os homens desconfiados. Sr. João não me percas a *ingenuidade* de sertanejo... conserva a sinceridade de nossos paes...! Pois havia eu no laberyntho em que me achei e quando procurava ainda sondal-o, aventurar proposições mal seguras, contando unicamente com o segredo das cartas, e ditos ao ouvido?!... Bastava pois eu assegurar, que estava de posse do fio

cados. — Você sabe o que são taes processos, felizmente a maior massada está flnda — o da presa está a ser sentenciado e o summarlo crime a receber pronuncia — logo que officie o promotor" (carta de 19 de fevereiro de 1856).

(1) Do Rio Grande Tosta (Muritiba), quando foi desse episodio, escrevera a Wanderley (22 de novembro de 1855): "o maldito desembarque de Africanos, tentado e effectuado em Pernambuco, é bem desagradavel. Ahi estão de novo os reclamações dos humanissimos envenenadores dos chins, e suaves conquistadores da Criméa, agora orgulhosos pela queda de Sebastopol. Não invejo ao seu collega d'Extrangeiros os bellos trechos que tem de ler nas polidas notas do Agente da Rainha Victoria. Lá está a mostra no Consul de Pernambuco".

do novello, para que Vmcê, e os seus collegas, que me conhecem, devessem estar descansados, e esperarem com paciencia as ulteriores communicações. Pois ellas já lá forão e provarão que o compromettimento de gente grada não me fez hesitar um só momento. Já tinha incumbido a captura da tripulação do Palhabote ao Wandenkolk, e ao Elisiario antes e muito antes de receber a tua carta; pensei como pensas”.

Em carta de 14 de janeiro de 1856 José Bento voltava ao assumpto em resposta a nova carta de Wanderley: “estimo muito que não duvides de *minha energia* na questão de Seriaen; e espero ainda atar o fio partido não obstante a falta de auxilio que sinto da parte do Governo. (O Sr. Paraná deu-me um auxilio grande, diminuindo-me a força moral com a sua sarabanda, que tem servido de thema aos meus inimigos...) O negocio negreiro hade com effeito dar-me agoa pela barba, como dizes; mas no fim de contas espero ficar o mesmo homem, que sempre me conheceste; excepto se *as pastas* tirão o conhecimento. Acompanha esse negocio para me fazeres justiça, e defender-me sem ser necessario sophismas. Sr. João, estou muito aborrecido...! Adeus, teu amgº obr.º — José”.

As questões negreiras pesavam sobre os governantes; eram ainda a preocupação magna de todos os ministros.

III

Simultaneamente o fracasso, previsto por Wanderley (1), da missão Pedro Ferreira ao Paraguay,

(1) “Não tiveste tanta razão quanta pensas ter a respeito do Paraguay. Não gostavas do chefe, nem eu tão pouco; mas a tua desconfiança não se limitava a isto; recelavas pela sorte das nos-

activava preparativos bellicos para uma nova expedição aos rios.

Em julho de 1855 Wanderley recebia do seu collega ministro de estrangeiros, Paranhos, esta communição confidencial e reservadissima: "S. M. o Imperador, como V. Ex. sabe, Houve por bem não ratificar o Tratado de Amizade, Commercio e Navegação, e a Convenção, adicional, que em 27 de Abril do corrente anno celebrara na Cidade de Assumpção, Capital da Republica do Paraguay, o seu Plenipotenciario, o Chefe de Esquadra Pedro Ferreira de Oliveira.

"Essas estipulações erão inadmissiveis, porque desconhecião o direito perfeito que pelo Tratado de 25 de Dezembro de 1850 tem o Brasil á livre navegação do rio Paraguay, e porque erão condicionaes, sendo que a troca das ratificações ficou dependente do futuro ajuste sobre a questão de limites.

"S. M. o Imperador Ordenou que, communicando-se por este Ministerio ao Governo da Republica do Paraguay aquella deliberação, se lhe declarasse ao mes-

sas armas e eu não. Pergunto: se a expedição tivesse tido outro chefe, Greenfell ou Marques Lisboa, o resultado era o mesmo? Julgo que não. E neste particular tens culpa no cartorio. Eu me explico. Se tivesses entrado para o ministerio em 53 de certo que, com a tua invencivel repugnancia, Pedro Ferreira não era nomeado. Farias questão: Ou tu ou elle. E' provavel que terlas vencido. Ergo..." (carta de Picot a Wanderley, 3 de agosto de 1855).

"Por aqui não ha novidade. Estou ancioso por noticias do Paraguay, onde já deve estar o Pedro Ferreira. Não temo a resistencia material. Conheço praticamente o que valem os nossos antigos titús do Rio da Prata. Recelo que Lopez se retire para o interior e ahi, acuado, diga estar coacto. O contra para este expediente foi prescripto... Tenho convicção plena de que o ministerio fez o que devia e do melhor modo possivel... O Pedro Ferreira, como sabes, tem perspicacia e suas instrucções são precisas, claras e previdentes, quanto era possivel" (carta de Paranhos a Wanderley, 1.º de fevereiro de 1855).

Sobre os navios commandados por Pedro Ferreira e possibilidade de terem efficiencia bellica, subindo o rio na occasião em que se realisou a expedição, vêr discursos de D. Manoel no senado em julho de 1855.

mo tempo que o Governo do mesmo Augusto Senhor não desiste do direito perfeito que pelo Tratado de 25 de Dezembro de 1850 tem os subditos e navios Brasileiros de transitar pelas aguas do rio Paraguay, sem dependencia de novos ajustes.

“O Governo Imperial exige uma resposta prompta e explicita do Governo da Republica sobre o reconhecimento e respeito daquelle direito, e sollicita que por parte da mesma Republica se envie um Agente á Côrte do Rio de Janeiro para regular, por um novo tratado, o commercio, navegação e limites entre os dous Paizes, como se acha estipulado no artigo 15 do mencionado Tratado de 25 de Dezembro de 1850.

“Apezar da justiça com que o Governo Imperial reclama desde já a observancia do seu direito á livre navegação do Rio Paraguay, e dos termos amigaveis, posto que graves, com que sollicita a negociação nesta Côrte do ajuste de limites, e dos outros á que se refere o mencionado artigo 15 do Tratado de 1850, é para receiar que o Presidente da Republica do Paraguay, não só se recuse a esta sollicitação, como persista em desconhecer o direito do Brazil ao livre transito de sua bandeira pelas aguas do Rio Paraguay.

“Dada esta hypothese, o Governo Imperial deve estar preparado para usar daquelle seu direito, fazendo subir alguns navios até as nossas possessões no rio Paraguay, e para defender por agua, e por terra, aquella parte das fronteiras do Imperio.

“A execução deste pensamento do Governo Imperial depende principalmente do Ministerio á cargo de V. Ex., e do Ministerio da Guerra.

“A expedição que na prevista conjuntura terá de subir o Paraná e o Paraguay deve ser composta de vasos apropriados, pelo seu tirante d'agua, para essa navegação, e de força sufficiente para vencer a resis-

tencia que o Governo da Republica do Paraguay se atreva a oppôr-lhes em seu pacifico transito.

“Tres vapores, pelo menos, que não demandem mais de seis pés d’agua, e duas de nossas pequenas canhoneiras de vela devem entrar na composição da indicada flotilha, providas do combustivel necessario para subir até a povoação de Coimbra ou de Albuquerque, onde farão junção com a força fluvial da Provincia de Matto Grosso, estacionando nessas aguas á disposição do respectivo Presidente, e até ulterior ordem do Governo Imperial.

“A epocha em que a expedição terá de subir o Paraná, se for preciso, será determinada pelas enchentes desse rio e do Paraguay, que ordinariamente tem lugar nos mezes de Dezembro a principios de Abril.

“Com antecedencia deve ella estar preparada e dispostos todos os meios para a sua viagem até á Assumpção e á fronteira de Matto Grosso.

“Em Coimbra, Albuquerque, ou algum outro ponto da mesma fronteira deverá haver combustivel de lenha, munições de guerra e navaes, e os supprimentos necessarios para pagamento e sustento das guarnições dos navios que ali tem de estacionar.

“O Ministerio da Guerra proverá á defesa do nosso territorio por terra, e de modo que as duas forças se correspondão e auxiliem.

“No varadouro entre os rios Ivinheima e Anhune se collocará um forte destacamento que com o estabelecido na povoação de Miranda ronde, policie e defenda nossa fronteira até á margem direita do Rio Apa, e o seu galho mais ao Sul.

“Conforme o curso das circumstancias, e os meios de que effectivamente possa dispôr o Presidente da Provincia de Matto Grosso, ser-lhe-ha ou não orde-

nado pelo Governo Imperial que leve a effeito a occupação de Fecho dos Morros, e sua fortificação, que neste caso terá de ser defendida pela flotilha, e pela força de terra que guarnecer o dito ponto, ou lhe ficar mais proxima.

“Tendo assim communicado a V. Ex. todo o plano que o Governo Imperial tenciona pôr em execução, para a defesa da sua fronteira e sustentação de seu direito á navegação do Rio Paraguay, compete a V. Ex. dispôr os meios que estão ao alcance do Ministerio da Marinha, e pela fôrma que em sua sabedoria julgar mais conveniente”.

Os aprestos militares eram francos preparos para a guerra. Ao ministro Caxias dirigia Paranhos estoutro officio confidencial e resevadissimo:

“Tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex. a copia inclusa de uma communicação confidencial reservadissima que nesta mesma data dirijo a S. Ex. o Snr. Ministro da Marinha.

“Como V. Ex. verá, essa communicação contem o pensamento do Gabinete de S. M. o Imperador relativamente ás questões pendentes entre o Imperio e a Republica do Paraguay.

“Se o Governo dessa Republica não vier promptamente a um accordo pacifico, pelo menos sobre o nosso direito ao livre transito pelas aguas do Rio Paraguay, será forçoso que usemos deste direito a despeito de qualquer resistencia que elle tente oppôr-nos, fazendo subir alguns vasos de guerra até a fronteira de Matto-Grosso.

“Em qualquer hypothese, e especialmente nessa de uma desintelligencia entre os dous Governos, por que

o do Paraguay persista em negar-nos o livre exercicio do direito que temos em virtude do artigo 3.º do Tratado de 25 de Dezembro de 1850, é de mister prover por terra á segurança e defesa do territorio do Imperio na parte confinante com a dita Republica.

“Cabe a V. Ex. dotar a Presidencia de Matto Grosso com os recursos militares, e dar-lhe todas as ordens e instrucções necessarias para esse fim.

“Aquella fronteira deve ser guardada e policiada, de modo a impedir que o Governo do Paraguay extenda a sua possessão além da margem esquerda do Rio Apa, e do seu galho mais ao sul.

“Pode ser preciso occupar, fortificar e guarnecer a posição do Fecho dos Morros.

“As circumstancias em que essa occupação deve ser levada a effeito não podem ser desde já previstas. O Governo Imperial a autorizará quando a julgue conveniente. Releva, porem, que esse Delegado de S. M. o Imperador esteja habilitado com o pessoal e material necessarios para a execução de tão importante medida.

“Se tivermos de forçar a passagem do Rio Paraguay, como é de receiar, attenta a obstinação do Presidente da Republica do Paraguay, não devemos contar somente com o emprego de uma expedição naval.

“Parece provavel a necessidade de uma operação por terra, cuja força deve partir, no todo ou em parte, da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, e atravessar o territorio que se disputão a Confederação Argentina e o Paraguay, até ao ponto da margem esquerda do Paraná em que deva passar para o outro lado.

“A execução deste plano, como V. Ex. sabe, dependerá do estado de nossas relações com o Governo da Confederação Argentina.

“Seja ou não preciso mandar uma expedição por terra, convirá que o simulemos, collocando algumas forças em S. Borja, ou em outro ponto da fronteira do Uruguay, quando se approxime a epocha da subida da nossa expedição naval.

“As providencias para Matto-Grosso são urgentissimas. A reunião de forças na Provincia de S. Pedro do rio Grande do Sul, se V. Ex. a julgar desde já necessaria, deverá ser feita de modo que não demonstremos disposições hostis, ao mesmo tempo que vamos tentar uma solução pacifica.

“São estas as informações que no desempenho das ordens de S. M. o Imperador julguei de meu dever levar ao conhecimento de V. Ex., que as attenderá como em seu illustrado juizo e consummada experiencia tiver por mais acertado”.

As noticias que chegavam do Prata eram inquietantes.

A versão mais insistente era de que o Paraguay proseguia na fortificação do rio, adquiria uma frota fluvial; armava-se (1).

(1) “Em additamento ao meu Aviso Reservado de 11 do corrente, tenho a honra de participar a V. Ex. que o Consul Geral do Brasil no Paraguay communicou á esta Repartição que corria na Assumpção o boato de que o governo da Republica havia comprado o vapor inglez “Menay” que navegava entre Buenos Ayres e Montevideo, assim como o vapor brasileiro “União”. Tambem consta por communicações daquelle nosso agente que o Presidente Lopes esperava cinco machinas dessas que participou o nosso ministro em Londres terem sahido das fabricas inglezas, e que os cascos dos barcos para que são destinados, tinham de ser construidos no Pa-

A probabilidade da guerra se accentuava.

De Lamare que, de Montevideo, amiudava as suas informações (agosto e setembro de 1855), suggeria boas avenças com Urquiza se o Brasil se abalançasse á pelega, enquanto Wanderley, em suas respostas, apparentava calma, embora lamentando que a cholera prendesse os braços ao governo e o obrigasse a despezas imprevistas, e ainda o trafico distrahisse todos os navios disponiveis, impedindo o ministro de augmentar a frota da estação naval de Montevideo. O cuidado do futuro trazia inquietude: — “já por cá sabemos dos *preparativos paraguayos*; se a questão se prolongar as finanças daquelle *grande estado* devem soffrer uma horrivel brecha. O futuro dirá para o que serve tudo isso” (carta a de Lamare, 12 de janeiro de 1856).

A diplomacia ia alcançar o que a peste, — a cholera — não permittio que as armas tentassem (1).

Concluidos os tratados com a Argentina e o Paraguay, podia ser procrastinada a compra de armamentos (2) para a marinha brasileira.

raguay. Em Maio ultimo trabalhava-se na Assumpção com muito afinco na contrucção de dois desses barcos. O Agente Diplomatico do Brasil em Buenos Ayres participou-me em 31 de Agosto que no dia 29 do mesmo mez chegara do Paraguay áquelle porto o Vapor de Guerra “Taquary”, e segundo ouvira tinha elle all ido em busca de um Navio que trazia uma daquellas machinas” (officio reservado de Paranhos a Wanderley, 20 de setembro de 1855).

Em carta de 5 de janeiro de 1856 Joaquim Raimundo de Lamare commandante da divisão naval em Montevideo communicava a Wanderley: “fui tambem informado de haver chegado a Buenos Ayres, no brigue Britannia, para o Paraguay, 16 canhões com todo o carretame, 3.247 projectis, entre balas e bombas, e armamento de fogo portatl”.

(1) “Fazem V. V. Exclaus muito bem em udiar a tal expedição; alem da epidemia, não nos seria facil obter a passagem do Paraná” — escrevia Muritiba a Wanderley, a 22 de novembro de 1855).

(2) “Fizemos os nossos tratados com a Confederação e o Paraguay; faltão as ratificações que não tenho razão de desconfiar aejão negadas. Não cuida pois, por ora, de bombardeiras e outras

IV

Wanderley procurava fugir á regra quasi invariavel, na administração brasileira de, somente sob a pressão da ameaça de conflictos immediatos ou pelas necessidades da guerra declarada, providenciarse sobre armamentos; não quiz abandonar desígnios de renovar a frota de guerra e augmentar a sua força e significação politica.

Por muito tempo, assignalava elle, o principal theatro para as actividades da marinha seria ao longo das costas e no interior dos nossos rios e nos dos paizes visinhos. O material adquirido devia corresponder a esse campo de acção.

A grande canhoneira a vapor "Paraguassú" que encommenda como modelo para a marinha de guerra fluvial, havia de ser de rodas, de madeira, (por ser difficil reparar as de ferro em Matto Grosso), calar o maximo de seis pés de agua com viveres para trinta dias e carvão para oito: "porque não ha meio de que ella se abasteça de carvão tendo de subir o Paraguay a Matto Grosso".

diabruras com que me não entendo. Sou homem das artes da paz; e faço votos para que seja universal". (carta de Wanderley a Pennedo, 14 de abril de 1856).

"Estimei muito a noticia que V. Ex. me dá do desfecho da negociação com o Paraguay e felicito a V. Ex. por havel-o obtido. Felizmente sahimos da má posição em que nos collocou o Sr. Pedro Ferreira. Crelo porem que Lopes cedeu com medo de Urquiza, e porque está complicado com Americanos e Francezes. Reservou a questão de limites que é a mais telmosa. Já nos deu a medida de sua lealdade e logo que cessem as difficuldades que ora o cercão, ha de fazer das suas. He porem de crer que o nosso governo se vá preparando com os meios necessarios para em tempo fazel-o andar direito. Estou muito lembrado ainda do que Urquiza nos fez em outras epochas, e duvido muito que mudasse completamente esse gaúcho. Vejo alem disso que por aqui andam muito satisfeitos com elle" (carta do Visconde de Uruguay a Paranhos, Paris, 3 de junho de 1856).

La ás minimas particularidades. Não se descuidassem os officiaes, que acompanhavam na Inglaterra a construcção, do armamento meúdo — o mais moderno e aperfeiçoado; e tivessem muito em vista o destino do navio — a navegação dos rios, especialmente os da provincia de Matto Grosso e passagem pelos Paraná e Paraguay (instrucções ao 1.º tenente M. A. da Rocha Faria, 11 de set.º de 1855). A artilheria que lhe parecer a principio dever ser de 58, recommendava fosse de 68 e 32, calibres estes que iam prevalecendo nos novos armamentos e era sua tenção adoptar na marinha, renovando os dispositivos, aproveitadas as peças antigas em certos navios, fortificações e rios.

Tal canhoneira, do typo do "Salamander" e do "Nix" que o governo inglez acabava de trocar com a Prussia pela fragata "Thetis", teria que exceder, segundo as instrucções aos armadores, em força e solidez aos seus paradigmas, com 4 peças de 68 e 2 de 32. Valeria por duas "Yapurá", outra canhoneira tambem construida ao tempo da sua administração.

Estreitos seriam, todavia, os horizontes da marinha nacional se se limitassem a costas e rios. O novo ministro propunha-se a melhorar a frota de alto mar, mandando construir na Inglaterra duas fragatas a helices, — projecto que foi obrigado a abandonar, devido ao preço a que haviam subido, na Europa, as construcções navaes.

A preferencia dada aos navios de pouco calado, dizia elle, não se devia tornar em "culpavel providencia e no abandono da nobre aspiração de figurarmos um dia entre as nações maritimas e de podermos resguardar os nossos interesses e direitos, fazendo apparecer o nosso pavilhão em mares extranhos e

longinquos". Aquellas fragatas com que contava dotar a frota de guerra seriam ao demais escolas de disciplina e instrucção para officialidade e equipagem: "só a bordo dos grandes vasos de guerra e em longas viagens é que se aprende a commandar e obedecer, e adquire-se aquella solidez, vigôr e instrucção indispensaveis aos homens do mar" (1).

Si as fragatas deviam ser movidas a helice é que Wanderley tinha por esse invento um febril enthusiasmo. "Caberá aqui — escrevia elle no seu relatorio de 1856 — examinar em que proporção convem admittir navios de vapor na organização do nosso material naval, se este problema não parecesse já resolvido pela ultima guerra; a helice reunio as qualidades distinctas dos navios a vela e a vapor e operou uma total revolução em todo o antigo sistema de guerra maritima e mesmo dos exercitos de terra; as esquadras são hoje verdadeiras pontes lançadas sobre os mares; á presteza reúnem a certeza de seus movimentos e evoluções. Si o vapor é mais dispendioso compensa esse inconveniente pelo emprego de uma menor força para conseguir o fim, que não conseguirá um maior numero de navios a vela. Entre nós não pôde este principio ser applicado em toda a sua extensão por estarmos ainda infelizmente na dependencia do estrangeiro para construcção de machinas, aquisição de pessoal para seu meneio e suprimento de combustivel, e falta-nos meios para os reparos de que quasi sempre necessitão os navios a vapor".

Sempre disposto a augmentar a esquadra, cogitava tambem, terminada a guerra da Criméa, em

(1) Relatorio da marinha de 1856; carta a de Lamare de 12 de fevereiro de 1856.

adquirir algum navio, tornado desnecessario ao serviço da Inglaterra (carta a Penedo, 14 de maio de 1856); procurava annexar á marinha o palhabote negreiro americano "Mary E. Smith" apprehendido pelo cruzeiro na barra de S. Matheus; e para dar que fazer aos arsenaes, iniciava a construcção de duas corvetas (1) tendo incorporado á esquadra, ao tempo da sua administração, a corveta "D. Izabel" (2).

Mas navios novos pediam diques para reparos e concertos. Chama da Inglaterra ao Rio o engenheiro Law para planear e orçar um ou mais diques e mesmo assistir á construcção do do Rio de Janeiro.

Irradiando attenção a todos os assumptos de sua pasta pretendia avocar, na Bahia, o forte do Mar á marinha, removendo-se dalli o perigoso deposito de polvora, para serem alojados os menores aprendizes marinheiros. E cuidava installar no arsenal daquella provincia um guindaste e machinas para as officinas.

Não quiz limitar a sua attenção e diligencia aos melhoramentos exclusiva e directamente ligados á marinha. O serviço de extincção de incendios na côrte era feito, então, por postos de bombeiros installados nos arsenaes de marinha e guerra, repartição de obras

(1) "Tanto concordo na conveniencia da construcção das corvetas que mandel pôr nos estaleiros duas da força que designas. Era mister dar que fazer aos nossos arsenaes" (carta de Wanderley a Penedo, 13 de agosto de 1856).

Para os arsenaes procurava adoptar os ultmos inventos, taes como os guindastes e os diques mechanicos.

(2) A corveta "D. Izabel" foi lançada ao mar na Bahia, em 19 de março de 1855.

publicas e casa de correcção. Impressionava a Wanderley que uma cidade da importancia da do Rio de Janeiro tivesse nesse sector da assistencia publica organização tão rudimentar. Dispoz-se a reformar a parte que competia á marinha como uma inovação e um exemplo, "para ver se começamos a ter cousa que preste neste ramo tão importante para esta cidade". Mandou vir da Europa bombeiros especializados, adquiriu e importou bombas e escadas, fundando, por assim dizer, o serviço de extincção de incendios do Rio de Janeiro (1).

(1) Em fevereiro de 1856 escrevia Wanderley a Penedo pedindo engajassem por tres annos dois officiaes ou operarios praticos que entendessem de gymnastica e que viessem ser iniciadores e mestres do novo serviço. Preferia que taes engajados fossem francezes "pois os Snrs. inglezes são pouco maleaveis e gostam muito do *grog*" (carta de 13 de fevereiro de 1856). Pedia não só homens technicos como material — "duas bombas de força montadas em carretas de facil mobilidade com as mangueiras precisas, duas escadas que possam alcançar os telhados das casas de 2 e 3 andares, tambem montadas sobre rodas, tendo mangas de salvção adherentes, alem de bombas portateis para navios, material semelhante ao usado nas marinhas ingleza e franceza" (carta de 12 de junho a Penedo).

"As informações sobre os bombeiros muito me satisfizerão e espero o material para ver se começamos a ter cousa que preste neste ramo tão importante para esta cidade" (carta de Wanderley a Penedo, 12 de julho de 1856).

"... serviço de bombeiros que espero estabelecer no Arsenal com alguma regularidade para que sirva ao menos de exemplo ao que deverá ser elle nuna cidade já tão importante como o Rio de Janeiro" (carta de Wanderley ao 1.º Tenente Joaquim Maria de Almeida Portugal, 12 de junho de 1856).

"As bombas de fogo estão concluidas e aquellas que não vão pelo Paraguassú vão pelo brigue "Nautilus". Ellas forão experimentadas em minha presença e satisfizerão-me muito, atrando 140 galloens d'agua a uma altura de 120 pés em um minuto, sendo o diametro da boqueira de $\frac{3}{4}$ de pollegada, e ellas movidas por 26 homens. Os bombeiros, Exmo Sr., como já disse a V. Ex. são homens muito habéis e capazes de montar o estabelecimento no mesmo pé emi que aqui trabalham, alem disso são homens praticos e conhecedores do fabrico das bombas. Eu tenho orgulho em ter podido obter dous homens como estes, não só porque assim satisfaço a V. Ex. como tambem ao Exmo. Snr. Conselheiro Carvalho Moreira" (carta de Joaquim de Almeida Portugal a Wanderley, Londres, 8 de julho de 1856).

E onde a economia sommava-se á excellencia do serviço não demorava em promovel-a. Muito poupou, com a fundação da enfermaria ou hospital naval em Montevideo.

As praças da marinha pertencentes á divisão naval alli estacionada eram tratadas num hospital particular do Dr. Azambuja. “Digão o que quizerem, não propendo nada para esse methodo que põe em collisão o bom tratamento dos doentes com os interesses de semelhantes casas” — escrevia Wanderley a de Lamare (12 de agosto de 1855). — “Não somos tão ricos que esbanjemos assim os dinheiros que podem ser mais utilmente empregados”. E breve exultava com os bons resultados de sua criação (1.º de dezembro de 1855). Noronha Feital mandava de Montevideo estes testemunhos: “a despeza he actualmente igual á metade da que outrora se fazia. Todos receiam grandes despezas; graças a V. Ex. os marinheiros são bem tratados e sob a disciplina militar, e com poupança dos dinheiros publicos. Foi um bom triumpho” (carta de 10 de janeiro de 1856).

Economia e fiscalisação aguçavam critica, prevenção e providencia. A’s vezes na sua correspondencia expande-se. A De Lamare dizia certa feita (12 de outubro de 1856): “não sei o que teem nossos navios quando se recolhem ao Rio, que não dispensam o *hospital* atraz da Ilha das Cobras, onde demorão-se dias e mezes. E’ ahi que jaz o *Tonelero*. Si a minha ordem lá o tivesse apanhado estou que de nada precisaria”; e a Penedo, ministro em Londres: “vejo o que dizes dos officiaes que ahi estudão. Deus permitta que elles se aproveitem dos sacrificios que o estado.

faz para educal-os e venham com animo de melhorar e não de criticar” (carta de 14 de janeiro de 1856).

Animava-o também um universal espirito de reforma. A da secretaria, a do quartel general, a das intendencias e arsenaes não teve tempo de realizar. Disponha-se a remodelar a academia de marinha, onde a “instrucção theorica era deficiente e a pratica quasi nulla” (1) e a fundar uma escola de pilotos.

A’ bibliotheca da marinha voltava também suas vistas e, para dar-lhe uma funcção mais pratica, promoveria a fundação de uma especie de deposito ou archivo, onde empregados habilitados, reunissem as instrucções, os relatorios de viagens, e os mais documentos uteis á historia da marinha nascente, as cartas maritimas mais aperfeiçoadas, todos os planos e modelos das construcções e obras da marinha, annexada ainda á bibliotheca uma escola de instrucção superior para officiaes, onde adquirissem conhecimentos da administração da marinha, do direito das gentes, commercial e maritimo, regulamentos consulares e dos portos maritimos, “conhecimentos indispensaveis principalmente áquelles que, em paizes estrangeiros podem por sua ignorancia comprometter os interesses, a honra e a segurança do imperio”.

Outro problema lhe desafiava cuidados — o da marinhagem, então aggravado pela cholera que devas-

(1) Augmentar o numero de series annuaes do curso ou exigir novos preparatorios, dotal-a de melhor casa, de gabinete de physica e chimica, de machina a vapor para o estudo pratico dos alumnos, eram providencias que se impunham. O corpo docente era de ser augmentado, modificadas as condições de admissão dos lentes, então dependentes do arbitrio do governo. E cumpria revêr os regulamentos disciplinares.

tava tanto as tripulações quanto os nucleos fornecedores de homens do mar, e pela guerra na Europa a impedir ou dificultar o engajamento de estrangeiros, mercenarios de que ainda muito carecíamos (1).

A escassez da população marítima, a aversão então commum aos serviços do mar e sobretudo a paga insufficiente em relação á marinha mercante creavam para a de guerra, constantes crises de marinheiros, e estimulavam as deserções desta para aquella, ao contrario do que devera succeder.

O augmento do soldo seria grande remedio, mas não unico. Cumpria "enobrecer mais o serviço da armada, fazendo-se melhor escolha dos recrutas que lhe são destinados; distribuir por algumas provincias marítimas o recrutamento em maior proporção para a marinha do que para o exercito; promover a educação dos aprendizes menores o melhor viveiro de nossas equipagens, convertendo assim em instrumento de grandeza os que abandonados a si proprios, selo-iam do crime, ou victimas da miseria; obrigar os navios mercantes a trazerem a seu bordo em cada viagem um certo numero de moços ou aprendizes e finalmente adoptar medidas indirectas em favor do commercio e da navegação".

Não era ainda possivel a nacionalisação das equipagens da marinha mercante e de guerra, umas e outras compostas em grande parte de estrangeiros e de escravos, occorrença altamente prejudicial aos inte-

(1) Em carta de 14 de março de 1850 pedia Wanderley a Penedo o engajamento de 100 marinheiros inglezes por 2 a 5 annos. Em 13 de agosto insistia: "aprovo a sua resolução sobre os 100 marinheiros, os quaes grande falta me fazem. Não será possível obter-se ahi mais alguns?"

resses do paiz: “se ha objecto essencial á segurança e á defeza de um estado é que a força que tenha de defendel-o seja nacional”. Acontecia o mesmo, aliás, nos Estados Unidos, França e Inglaterra, apesar de nesses paizes ser abundantissima a população maritima. Para nacionalisar-se o commercio maritimo deviam-se proteger as populações littoraneas, propondo e tomando medidas que desenvolvessem e augmentassem o trafego de longo curso, da grande e pequena cabotagem; promover a pesca e amparar efficazmente as profissões maritimas, de modo que o lucro convidasse ao emprego de maior numero de braços. Eram objectivos ainda de remota realisação. O que cumpria no momento era não afugentar os estrangeiros-marinheiros, difficilmente substituiveis, para que se não augmentassem os embarços do já tão caro transporte por mar de umas para outras provincias (discurso na camara, 19 de julho de 1855).

O aparelho compressor de insubordinações e delictos das tripulações lhe parecia tambem carecedor de reformas. Uma lei que regulasse a disciplina a bordo dos navios mercantes se estava a impôr, para tirar dos tribunaes communs o processo e julgamento de grande parte dos crimes cometidos no mar.

“A marinha mercante, — escrevia no relatorio de 1856 — se ainda não é, deverá ser no futuro a base do nosso poder naval. A indisciplina das equipagens pode trazer graves perigos aos passageiros e perdas aos armadores. As relações entre os capitães e seus subordinados não estão definidas, senão por usos impotentes e caducos; e se é conveniente assegurar a legitima autoridade daquelles, não o é menos amparar

a estes contra castigos arbitrarios e excessivos, que a irreflexão, a ignorancia, a brutalidade e as paixões do momento lhes poderiam inflingir. A lei deve ser a base da autoridade do superior e da obediencia do subordinado. O Codigo de Commercio nos titulos 3.º, 4.º e 5.º da parte 2.ª contem algumas disposições dispersas relativas aos direitos e deveres reciprocos dos capitães e tripulações, mas legalisa no art. 408 o arbitrio dos castigos, e nelle e em outros subsequentes firma o principio da competencia dos tribunaes comuns para julgamento dos crimes commettidos a bordo, mesmo contra a disciplina. Daqui resulta ou que estes crimes são punidos pelos capitães a despeito da lei, o que é uma immoralidade, ou que ficam impunes pelos incommodos, perda de tempo ou de interesses que trarião, se os réos fossem entregues ás justiças ordinarias. A vida do mar é uma vida toda excepcional. As menores faltas commettidas a bordo se não são promptamente reprimidas, ou se não houver certeza de sua punição, podem acarretar funestas consequencias. As leis ordinarias não previnem a mór parte de semelhantes faltas e crimes; a sua applicação equivale, portanto, á impunidade. Não será difficil com os elementos que temos no tribunal do commercio e nas capitancias organizar sem dispendio os tribunaes especiaes, que conheção desses crimes, podendo-se commetter ao jury os de mais gravidade”.

V

A grande innovação com que deixaria assignalada a sua administração na historia da marinha é o conselho naval.

Em 1838 a idéa se corporificara num projecto que, approvedo na camara, encalhara no senado desde 1847. Os ministros manifestavam-se favoraveis ao plano, sempre adiado em sua execução.

Wanderley toma a peito o assumpto. Apresenta uma grande emenda e obtem-lhe a approvação no senado e na camara, ainda combatida por Zacarias vigorosa e acrimoniosamente.

Um dos que haviam preconisado a necessidade do conselho naval, e como ministro adoptara o projecto de 1838, embora não o reconhecesse perfeito, fôra Zacarias. Entretanto, enciumado pela felicidade de Wanderley, que alcançara remover do senado o projecto com a emenda, abriu campanha na camara. Desde então rompe com o ministro seu velho amigo e discípulo.

No correr de um discurso (8 de agosto de 1855) fez Zacarias certa pergunta sobre o projecto; Wanderley julgou avisado não a responder; insistiu e Wanderley manteve-se calado para accudir ás observações de seu compatriocio noutra sessão (11 de agosto). Este, porem, no dia seguinte, começou o seu discurso com um ataque pessoal: — “alguem notou, sr. presidente, fez-me sentir na attitude que o nobre ministro tem tomado nesta discussão, um certo *desdem*; mas eu declaro que de tal não dei fé, estando bem persuadido de que não entrou no pensamento do nobre ministro a intenção de offender a alguém, tanto mais quanto o seu *desdem* não pôde dar força á emenda nem emendar os defeitos que nella abundão. Vou, portanto, responder ao nobre ministro com a maior calma, como exige o assumpto e só depois de haver dito o que me occorrer contra a sua emenda, tocarei na sua attitude”.

Depois de discutir longamente o projecto voltou-se para Wanderley: "uma palavra emfim sobre a attitude do nobre ministro na presente discussão. Eu já declarei que não vi ahi desdem nem insulto. O nobre ministro habituado ás luctas parlamentares não viria jamais dar o triste exemplo de faltar ao respeito aos oradores desta camara que ousão impugnar suas idéas, e quando o fizesse, alem de que o seu insulto seria uma offensa, primeiro á camara que a qualquer de seus membros, eu que neste debate seria o offendido, saberia repellir com dignidade a mais leve offensa que me fizesse, porque se tenho tido necessidade de entrar em discussão com o nobre ministro não preciso todavia de suas disposições benevolas. Do que eu preciso, sr. presidente, é da benevolencia da camara a quem me confesso infinitamente grato pela bondade com que se digna tratar-me e pela attenção com que sem impacientar-se ouve os meus toscos discursos, compensação para mim mais do que sobeja, do desdem e grotesca attitude de quem quer que seja".

Wanderley pede immediatamente a palavra e começa: "é singular, senhores, que o illustre deputado, que esteve presente quando tive a honra de dirigir-me á camara não dêsse fé na attitude que nessa occasião guardei e prestasse tamanha confiança aos commentarios daquelles que lh'a fizeram sentir.

"Quando não fosse, sr. presidente, pelo respeito, que devo ao corpo legislativo e á posição que occupo nos conselhos da corôa, a minha educação repelliria essas attitudes a que o illustre deputado appellidou de grotescas e que mais propriamente podem ser exprobadas a outro que não a mim. Não respondo a este ponto do discurso do illustre deputado; não lhe tenho faltado com a consideração devida a um representante da nação, e se o contrario entende tambem não estou

disposto a dar-lhe satisfação por offensas imaginarias. Sei que o nobre deputado não procura a minha benevolencia, e nem, indubitavelmente, della precisa; estamos completamente pagos”.

E passou a responder á critica á emenda.

A lei n.º 874 de 23 de agosto de 1856 (1) que creou o conselho naval restaria como uma conquista de Wanderley. Dando a esse conselho attribuições de iniciativa, definia-o: “uma machina para ajudar o ministro e não para contrariar o ministro”.

(1) O assumpto era seu tanto, e muito, daquelles tres bahianos — Wanderley, Zacarias e Paranhos. Emquanto Zacarias se desmandava em criticas e opposição, Paranhos (que deixara apenas de ser ministro da marinha) ajudava Wanderley com suggestões, indicações, lembranças, livros.

Ministro da Fazenda

- I — A RONDA DA MORTE - PARANA' SUCCUMBE.
- II — UMA ADMINISTRAÇÃO FELIZ. SALDO ENTRE DEFICITS. - IDEAS E PROPOSITOS.
- III — INCIDENTE COM TORRES HOMEM.
- IV — NARCOTICOS A BORGES DA FONSECA.



CHEGAVAM-LHE faceis as posições, mas pesavam no coração de Wanderley maguas profundas.

E' naquella quadra dos rapidos surtos que lhe escasseiam as grandes affeições. Morre-lhe José Thomaz dos Santos Almeida, a cuja longa agonia assiste, preso dias e dias junto a seu leito, como se quizesse deter a morte que tão cedo lhe levava aquelle a quem dedicava sentimentos fraternaes (1); um dia lá se vae Aprigio de Souza diminuindo-lhe o patrimonio das amizades de infancia, passamento lamentado pelos contemporaneos como uma grande perda (2); desap-

(1) A 27 de novembro de 1855 o Barão do Rio Vermelho escrevia a Wanderley: "Vou tomar parte sensivel na justa magoa por que passou V com a perda de seu extremado amigo o Snr. Dr Santos Almeida, victima do cholera, perdendo V o seu dedicado e sincero amigo, diguo sem duvida de todo merecimento. Soube do copioso pranto que V derramou sobre sua lousa, sensibilizando a todos quantos presenciaram este extremo de amigo. Portanto felicito-me por ter V no numero dos meus amigos, porque são estas as qualidades que de coração aprecio, reconhecendo a excellente alma de que é dotado".

José Thomaz era desde 1845 deputado pelo Maranhão.

(2) "Meu caro Wanderley — Ainda não me passou a tristissima impressão que me deixou a noticia que me mandaste do fallecimento do nosso amigo Aprigio. E' uma das perdas mais consideraveis que o partido da ordem poderia soffrer. Sua falta não será supprida. Jamais se encontrarão reunidas em uma só pessoa tanto talento, tanta illustração, tanto desinteresse pessoal, tanta dedicação. Agora todo mundo será obrigado a confessar isso. Eu que sempre o soube distinguir, que constantemente lhe dei o devido apreço, que fui seu amigo — sinto quer como amigo, quer como politico, quanto é possível sentir-se o vacuo immenso que sua morte nos deixa" (carta de Pedreira, de 13 de fevereiro de 1855).

parece-lhe a madrasta e prima; e a cholera lhe leva os antigos escravos Reginalda e Antonio que o acompanhavam havia tantos annos.

E, como se morressem, afastam-se da sua convivencia e de sua estima, Ferraz e Zacarias.

A morte e a politica marcavam-lhe a senda triumphal dessas cruces funerarias, desses marcos de affeições extinctas.

E as saudades da Bahia, onde deixara metade d'alma, ainda mais o entristeciam.

Na sua casa de ministro solteiro ao principiar da Ladeira da Gloria, misturava-se-lhe a alegria natural e espontanea a essa melancolia, que os trinados dos passaros alinhados na varanda acompanhavam como de uma musica de scismas. A morte andava de ronda ostensiva — a cholera devastava a sua provincia, o Brasil; ella e a febre amarella enlutavam a côrte.

Houve tempo em que a febre deu de devastar os vendeiros do mercado fronteiro. De manhã chegava elle á janella do quarto que olhava para Nitheroy e a barra. A enseada larga vinha beber, numa curva funda, beirando a montanha, até o mercado, onde começava o caes; mais longe, no meio do mar, emergia Villegaignon, alegre em sua bordadura de espumas. Espalhava um vago olhar por tudo aquillo, ensombrando o panorama de suas preocupações presagas. A saúde se resentia de tantos esforços, e um presentimento, logo dissuadido, entenebrecia-o ao ver, cada manhã, fechada mais uma loja, cujo taberneiro, robusto italiano ou portuguez, ainda na vespera alli apregoava pechisbeques e vigor.

Nos paços do governo a morte escolhia o mais perto do imperador.

O fallecimento do presidente do conselho ia transferir a actividade administrativa de Wanderley da pasta da marinha para a da fazenda (1).

Empenhava-se justamente Paraná na obtenção de creditos e deliberações administrativas, quando cahiu enfermo. Do seu leito, entre dores e febres, inquietava-se com a marcha dos negocios. Não abdicava da direcção administrativa, porventura revoltado contra a doença que lhe embaraçava a vontade e o prostrava fraco deante de tantos, humilhado por não poder, como sempre, mandar e dirigir sem contraste.

Os seus companheiros sentiam que a vida do chefe do governo correria perigo se á molestia accrescessem maiores preoccupações. Buscavam evital-as ou pelo menos attenual-as. Eis um bilhete de Paranhos: "Wanderley, O nosso Marquez não passou bem a noite, reconhece o medico que a molestia pode aggravar-se de um momento para outro. Hoje haverá conferencia pedida pelo Dr. Paula Candido, delle com os Drs. Costa e Valladão. Os amigos e parentes do Marquez estão persuadidos (e conto-me entre os deste

(1) "Durante a enfermidade do Marquez de Paraná foi nomeado para exercer interinamente a pasta da fazenda e por morte daquelle estadista passou a exercel-a effectivamente. Para avalliar-se o modo porque desempenhou as funcções de tão delicado cargo para elle absolutamente novo, basta notar que, satisfeltas todas as despezas e encargos do exercicio, deixou um saldo real de 11.000 contos, que foi depois bem mal empregado, pela administração que se seguiu. Desde a morte de Paraná o gabinete resolveu continuar somente até a reunião das camaras, por ter de realisar-se a eleição geral pela nova lei, denominada dos circulos. Com effeito assim succedeu, organisando-se um gabinete que foi conhecido por gabinete do equilibrio, presidido pelo marquez de Olinda" (Notas biographicas do punho de Cotegipe, quando presidente do conselho).

parecer) de que o estado dos negocios no Senado influe muito sobre o doente, pelo genio que todos lhe conhecem. Seria do melhor effeito se lhe pudesse annunciar dentro de poucos dias que o orçamento e credito estão votados, O orçamento principalmente com o additivo de impostos. Pondere Você aos amigos do Marquez estas circumstancias que eu estou certo que elles farão quanto esteja de sua parte, até para obter alguma generosidade da parte dos adversarios" (26 de agosto de 1856).

As contrariedades, eram inevitaveis. A acreditar-mos em Pereira da Silva, uma dellas, talvez a ultima, fôra a surpresa do ministro enfermo ante a preferencia do imperador por Wanderley para substituil-o interinamente na pasta da fazenda.

Magoaria a Paraná saber despresada pela corôa a indicação que fizera de Paranhos.

E dez dias depois fallecia o presidente do conselho Marquez de Paraná.

A interinidade de pouco mais de um mez transformar-se-ia em effectividade: em 8 de outubro de 1856 Wanderley deixou a pasta da marinha pela da fazenda.

II

A epoca era favoravel para que o curto tempo da gestão lhe não prejudicasse o proveito.

Como a importação e a exportação, cresciam as rendas publicas e, a despeito dos grandes gastos a que obrigava os cofres nacionaes a epidemia, entregaria a seu successor uma situação folgada: — em Londres depositos sufficientes para todos os pagamentos

do primeiro semestre de 1857 e para a maior parte das do segundo, na caixa de amortização numerario para satisfazer os dividendos em julho; em dia todas as despesas do estado, e saldos, que subiam a mais de 9.500:000\$000, não só no thesouro como em algumas thesourarias.

Diminuiu a divida externa, em 1856, de £ 142.800 (reduzida a £ 5.493.100), emquanto o credito do estado, na Europa, se assignalava pela alta cotação dos titulos brasileiros, — fructo da “pontualidade com que temos satisfeito os nossos empenhos, ainda nas epochas as mais difficultosas” (relatorio de 1857).

Podia pois ser optimista, manifestando-se contra o augmento de impostos; não receiando, como Paraná, a diminuição da renda por effeito da nova tarifa das alfandegas, que punha em execução (dec. 1914 de 28 de março de 1857); preconizando a applicação do producto dos 2 % additionaes aos impostos de exportação exclusivamente ás vias de communicação das differentes provincias na proporção da quota em que cada uma concorresse (1).

O imposto fixo, junto ao proporcional *ad valorem*; a creação do imposto de patente e a suppressão do da dizima da chancellaria; reacção mais energica contra os impostos taxados pelas provincias sobre a importação e a exportação — taes eram seus objectivos fiscaes.

Partidario de uma politica financeira prudente, mostrava-se receioso da creação de bancos de emissão.

“A minha administração financeira vae correndo sem apparato, porem com segurança, — escrevia a Penedo — e conto, se Deos me ajudar, entrega-la sem

(1) Continuou as obras da alfandega da côrte e da Bahia. Queria a discriminação do contencioso administrativo do judiciario, pedindo a approvação do projecto de 18 de junho de 1851 da camara.

embaraços ao meu successor. Tenho muito medo de reformas neste ponto" (carta a Penedo, 15 de dezembro de 1856).

Teve Wanderley a fortuna de deixar o thesouro com grande saldo, quando desde o exercicio de 1852-53, ultimo anno da administração Itaborahy, os *deficits* vinham sendo continuados, e se iriam succeder nos exercicios posteriores ao de 1856-57.

Os algarismos de Castro Carreira em sua "Historia Financeira" e os de Tito Franco no seu livro "A Grande Politica" não são identicos. Tito Franco, que é um accusador das finanças conservadoras, compoz o seguinte quadro de saldos e deficits no decennio 1849-1859:

| | | | |
|--------------------------|---------------|---|---|
| 1848-49 - deficit - | 2.126 contos | - | <div style="display: inline-block; vertical-align: middle;"> { Abaeté Dias de Carvalho Paula Souza Olinda Itaborahy </div> |
| 1849-50 - deficit - | 749 contos | - | Itaborahy |
| 1850-51 - deficit - | 527 contos | - | Itaborahy |
| 1851-52 - deficit - | 5.042 contos | - | Itaborahy |
| 1852-53 - <i>saldo</i> - | 6.449 contos | - | Itaborahy |
| 1853-54 - deficit - | 281 contos | - | Paraná |
| 1854-55 - deficit - | 1.996 contos | - | Paraná |
| 1855-56 - deficit - | 922 contos | - | Paraná-Wanderley |
| 1856-57 - <i>saldo</i> - | 10.829 contos | - | Wanderley |
| 1857-58 - deficit - | 616 contos | - | Souza Franco |
| 1858-59 - deficit - | 7.988 contos | - | Souza Franco - Inhomirim |
| 1859-60 - deficit - | 2.250 contos | - | Ferraz. |

Foi sobretudo ao augmento da receita que deveu tamanho successo. Mas tambem á segurança e equilibrio no gastar, pois que as rendas publicas foram ainda maiores na administração Souza Franco (1857-

58) e entretanto voltou a vigorar o deficit. São ainda de Tito Franco estes numeros relativo á receita de 1853 a 1858.

| | | | | | |
|---------|---|--------|--------|---|------------------------------|
| 1853-54 | - | 37.048 | contos | - | Paraná |
| 1854-55 | - | 38.546 | contos | - | Paraná |
| 1855-56 | - | 41.942 | contos | - | Paraná-Wanderley |
| 1856-57 | - | 52.756 | contos | - | Wanderley |
| 1857-58 | - | 53.411 | contos | - | Souza Franco |
| 1858-59 | - | 59.428 | contos | - | Souza Franco - Inhomerim (1) |

III

De sua passagem pela pasta da fazenda ficou a Wanderley a recordação desagradavel do incidente em que Salles Torres Homem procurou tomar-lhe o pulso, ou mesmo, fazel-o retirar-se do ministerio.

Ao tempo de Paraná ministro, o futuro Visconde de Inhomerim, director das rendas e conselheiro do tribunal do thesouro, nomeado ao subir o gabinete num dos primeiros actos da conciliação partidaria, — gozava de confiança e liberdade. Ferraz, no desabrimento de sua opposição, atacara Paraná co-

(1) Na sessão de 23 de maio de 1871 Paranhos (Visconde do Rio Branco) defendendo os conservadores, accusados por Souza Franco de esbanjadores, dizia que o saldo deixado por Wanderley ("até o ultimo dia de abril") fôra de 12.062:000\$000, e que Souza Franco immediatamente pedira (7 de julho de 1857) á camara autorisação para depositar no Banco do Brasil e suas caixas filiares, em contas correntes, sommas disponiveis que encontrara. Paranhos citou algarisimos como dos deficits e da despeza de cada exercicio, que não combinam com os transcripts no texto.

Em carta de 6 de janeiro de 1851, Tosta (Muritiba) fazia esta critica á administração financeira de Souza Franco, comparando-a com a de Wanderley: "O economico Souza Franco gastou no exercicio de 57-58 mais de 54 mil contos, isto é, o que ninguem ainda havia gasto. Felizmente para o palz, e apezar da diminuição da renda d'importação, o total do anno excedeu a todas as previsões: chegou a 52 mil contos, isso em virtude das medidas tomadas no ministerio de 6 de Setembro, inquis para magna fuiste"

mo despota que governava as outras pastas, deixando, entretanto, a sua abandonada a um *kitchen-cabinet*, de que certamente o mestre *cook* era Salles Torres Homem.

Assumindo-a Wanderley não soffria Salles Torres Homem a diligencia omnimoda do novo ministro, que, limitado á sua pasta, queria geril-a deveras. Julgou-se Salles forte demais, na sua reconciliação recente com o throno, para propôr ao imperador: ou elle ou eu.

Mas, para vencer no incidente violento, Wanderley tinha por si a razão e tinha... a sympathia de Pedro II. Nesse primeiro ministerio a amenidade respeitosa, a *aisance* alegre da conversa, o desvelo minudente e militante, a promptidão fiel dos informes captaram-lhe a estima do jovem imperante (1).

O caso deixou-o narrado elle proprio: "reunido o Tribunal (do thesouro, a 29 de dezembro de 1856) ás 11 ½ do dia tomou a palavra o Cons.^o Torres e disse que tinha lido no jornal a nomeação de varios empregados da sua directoria e isto com estranhesa porque ninguem estava mais habilitado que os respectivos directores para darem informações; e que não podendo o ministro colher informações senão de alguem arriscava-se a errar e assim desauthorava os chefes. Que este era o costume do Snr. Marquez finado, etc. etc. Perguntei a quem se dirigia a sua extranhesa, ou queixa; declarou que a mim. Então observei-lhe que tinha feito muito mal em escolher a reunião do Tribunal para fazer as suas observações, e muito

(1) Numa carta a Nabuco Bom Retiro dizia "este final está pessimo. No theatro só comparecemos fazendo a côrte a S. Magestade dois ministros, eu e o Sr. Wanderley" (carta de 4 de maio de 1857, apud. "Um Estadista do Imperio" Vol. I, pag. 409). A propria escolha de Wanderley para substituir na pasta da fazenda a Paraná enfermo demonstra a sympathia que então merecia do imperador.

mais na forma por que o fizera, com acrimonia e falta de respeito; que isto o extranhava eu. Que houvesse outrosim de declarar em que tinham sido injustas as nomeações. Retorquio que não accitava o eu usar da palavra extranhar; e repetindo eu que a empregara de proposito, como seu superior, tornou ainda que a regeitava. Puz termo á questão e calei-me.”

Calou-se, para não levar avante um incidente em que a respeitabilidade do ministro soia perder: bate barbas sem proveito, discussão pessoal que não acabaria sem colera. Silenciou, mas não deu o incidente por findo. Chegando á casa escreveu ao Marquez de Caxias que substitua na presidencia do conselho ao finado Marquez do Paraná: “Illm.º e Exm.º Snr. Marquez de Caxias — Acaba de dar-se comigo um facto, que não posso prescindir de levar ao conhecimento de V. Ex. pelas consequencias que d'elle devem necessariamente resultar, ao menos em relação a mim.

“Eis o caso

Vendo eu que as cousas chegariam a ponto que me constrangessem a praticar ou soffrer o que não seria conveniente, calei-me. Note V. Ex. que a scena representada pelo director das rendas parecia preparada porque principiou a fallar em voz alta de modo a poder ser ouvido pelas pessoas de sua repartição que estivessem junto á porta que deita para a sala do tribunal, (e desconfio que alli se achava alguém), quando eu de proposito abaixava a voz nas poucas palavras que lhe dirigi. Por fortuna não perdi por um só instante o meu sangue frio, e até ahi mesmo tomei nota por escripto do occorrido porque immediatamente previ que em outro logar (que não aquelle) deveria ser decidida a questão.

“Assim provocado e desacatado em pleno tribunal, é minha íntima convicção que sendo-me *impossível* servir no ministerio da fazenda com o Cons.º Torres Homem, não por mim individualmente que lhe perdaria e lhe perdôo, mas pelo bem do serviço publico e pela dignidade do cargo que immerecidamente occupo, nenhum outro recurso me resta senão ou pedir respeitosamente a minha demissão a S. M. ou a exoneração do director geral das rendas.

“E’ este o arbitrio que tenho a honra de propor a V. Ex. na qualidade de presidente do conselho de ministros; e que espero V. Ex. se digne de levar á Augusta Presença, de S. M. I., sendo por certo preferivel o primeiro. Excuso recommendar a V. Ex. que não apresente a S. M. a questão logo nestes termos extremos, apesar de que seja essa a minha resolução, da qual, sinto dizel-o, nenhuma consideração far-meha mudar porque é filha do dever friamente pesado e não de exaltamento de mesquinha paixão”.

Emquanto esta carta chegava a Caxias, a S. Christovão se dirigia Salles Torres Homem. Ouvio-o o imperador e escreveu este bilhete: “Snr. Wanderley — Acaba de estar commigo o Salles Torres Homem, e desejo saber o que se passou hoje no tribunal do thesouro, e qual o processo que se tem seguido a respeito das promoções no thesouro. — D. Pedro 2.º”.

Wanderley immediatamente respondeu: “Logo que findou a sessão do Tribunal do thesouro escrevi ao Snr. Marquez de Caxias, narrando-lhe o que se passara e indo de tarde a Andarahy conferenciar com o mesmo Snr. Marquez tive a honra de receber em caminho a carta de V. M., a que me apresso de responder, cumprindo assim suas ordens”. Narra o facto e continúa: “Confesso a V. M. que em tantos annos de vida publica ainda não soffri de empregado algum a

agressão que soffri do Snr. Salles, e tanto mais injusta quanto sempre o tractei com a mais perfeita distincção. Não fui logo dar parte a V. M. desta desagradavel occurrencia, porque necessitava antes entender-me com os meus collegas, o que farei amanhã. Naturalmente o director das rendas cahiu em si, e adiantou-se em ir expôr a V. M. o caso. Talvez que elle esperasse levar-me a algum excesso; felizmente não o conseqüo. Agora quanto ao processo das promoções, sendo estas communs a todas as repartições, menos á secretaria, são indistinctamente passados os empregados de uma para as outras, segundo suas antiguidades e merecimento. Foi essa a marcha que segui para com as diversas directorias, não sendo a de rendas a menos aquinhoada. Mas o director das rendas tinha empenho em que fossem promovidos o 1.º escripturario Sebastião Ferreira Soares e o 4.º J. C. M. A.; aquelle acha-se em 6.º logar na classe dos 1.º escripturarios e é um homem de quem o proprio director disse-me cousas que o farião preterir, inda que mais antigo fosse; este é o ultimo (30) dos de sua classe, com 3 mezes apenas de antiguidade, accrescendo que fôra demittido em Pernambuco pelo finado Marquez, por achar-se envolvido em um crime de letras falsas. Onde pois a injustiça que pratiquei? E quando assim fosse, estarei acaso sujeito ás reprehensões do director das rendas? Rogo humildemente a V. M. que me releve qualquer expressão menos cabida; a pressa com que desejo obedecer a V. M. priva-me de corrigi-las.”

No dia seguinte foi Caxias conferenciar com o imperador, e sem detença escreveu a Wanderley: “Meu Collega e amigo — O Imperador não vacillou e disse-me que annuia á demissão do homem; portanto pode amanhã propôr. Elle quiz ver a carta que V. Ex. me havia escripto, e julgou que toda a razão estava de

sua parte. Procurou com muito geito saber de mim se havia alguma indisposição da parte de V. Ex. para com o Salles, mas eu procurei provar que nenhuma havia e que mesmo por isso he que V. Ex. se surpreendeu com o procedimento d'elle. Athé amanhã, e vá mais cedo para conversarmos antes do despacho. — Sou am.º e coll. M. de Caxias.”

30 de Dezembro de 1856”.

Ao findar o anno de 1856 Salles Torres Homem era demittido de director das rendas.

IV

A's tarefas administrativas das duas pastas (1) sommava Wanderley as politicas. Destas, uma das mais importantes, que toma a si, é a da redução de Borges da Fonseca.

Collabora no trabalho de seducção e convicção de Nabuco para fazer calar o “Republico”, inutilizando os extremos demagogicos do grande agitador.

Nabuco usava os recursos da politica e do interesse. Wanderley valia-se da brandura, da assistencia e insistencia amigas; appellava para os sentimentos de confiante cordialidade.

Borges da Fonseca misturava em suas cartas esses sentimentos a uma altivez quasi aggressiva, não sem deslembraar suas ambições. “Tenha a bondade de di-

(1) A solidariedade ministerial forçava a collaboração de uns ministros em assumptos das pastas dos outros. Pedreira era o que mais inquietava Wanderley com pedidos de pareceres sobre contractos de navegação mercante, contractos para serviços de exgottos, regulamentos de transportes de immigrants etc.

zer ao portador para quando se marcou a eleição senatorial da Parahyba, porque muito me convem saber" — escrevia elle a Wanderley (6 de dezembro de 1855) a quem pedia favores: hoje uma licença para o filho tirar madeiras, logo-um lugar de almoxarife, ou indulgencia para um desertado da marinha..

Mas a inquietude e a rebeldia innatas assopravam-lhe o crepitar dos protestos e ameaças. Reage ao que lhe parece prepotencia — exaspera-se, brada. Manda um dia esta prevenção commovida, num despejo de indignação vibrante: "tudo precipitam... os despaxos para deputados são de completa ruina para a monarchia. O espirito publico não está morto, e mais se acende com as immoralidades, que por cá se estão praticando: erram os que acreditam demasiado em sua fortaleza: os grandes também estão sujeitos aos decretos da providencia. O Costa Pinto (1) é um louco; a tudo compromette; o governo imperial está perdendo com elle. Louco, só cura de guerrear-me, para o que não recua deante de immoralidade alguma: vou para o Recife e lá tudo publicarei. Amo-o e se me não ouvisse assim, escrevendo-lhe esta ultima carta, julgaria desmerecida a minha lealdade. Adeus, De V. Ex. muito grato amigo e Cr.º — Ant.º Borges da Fonseca". (carta de 12 de set.º 1856).

Noutra carta pedia para a Parahyba uma politica igual á de Pernambuco — então reinaria nas duas provincias, em todo o norte, o socego. Deixassem correr livres as eleições. E, não se illudissem: "lastimo a cegueira dos que não veem o progresso do espirito separatista que só a mim encontra em opposição nes-

(1) Presidente da provincia da Parahyba. A Sergio de Macêdo, presidente de Pernambuco, Borges da Fonseca elogiava.

tas paragens; porque a minha republica não compreende a divisão deste grande imperio".

Ligando sua causa á da patria, á da ordem, alliava a uma noticia uma ameaça: "a opinião é minha; só a baioneta me poderá excluir. Minhas disposições são as melhores e as mais pacificas — não me façam sair do meio em que me sentei. Acredite na profunda amizade que lhe tem o seu" (carta de 23 de agosto de 1856).

Era uma fera bravia que a brandura domadora de Wanderley afagava. Por instincto, por sympathia, por politica, o ministro alimentava a estima enthusiastica do republicano, que ás vezes se rende quasi terno: "de quando em quando em meio de meus peniveis trabalhos, me aparece um bem que me anima: a carta de V. Ex. de 6 de Março me foi muito grata; aceitei-a como uma prova dos bons sentimentos de V. Ex. que se não deixa ir pelas vaidades das posições officiaes; e quando nesta ultima quadra seja unica aquisição a da affeição de V. Ex. muito tenho ganho".

Wanderley recommenda a Costa Pinto o "Republico" que só respira ancias por sua eleição: "si... deixam a eleição livre e se não se impõe a minha exclusão, pode ser que me tenha o imperador manietado (1)... si não houver em Novembro muita prudencia a revolução será inevitavel; lhe falo como amigo" (carta de 12 de abril de 1856, da Parahiba).

Queima os narcoticos da amizade, buscando adormecer o revolucionario tradicional que fermentara a alma em revoltas desde 1824, desde o 7 de Abril até

(1) Em 1869 (ver Diario da Pernambuco de 27 de dezembro) Borges da Fonseca declarou-se-lhe "monarchista pessoal", pois com Pedro II seria possível alcançar as reformas por que se batia. Quando o imperador em viagem para os Estados Unidos tocou em Recife em 1876 Borges da Fonseca foi a bordo visitá-lo.



á revolução praieira (1). Era de respeitar e temer o perigo daquella agitação tempestuosa, daquella actividade anarchica; "antes mil *Republicos* nas provincias que um só no Rio", escrevia Wanderley a Nabuco.

Ambos buscavam, pelo agrado, chamar á ordem o homem da desordem, amortecer no rebelde a trepidação combativa. Nabuco, em 1854 não conseguira refreal-o, sendo afinal acusado de deslealdade (2). Wanderley experimentava em 1856 outros modos de convencer, começando por impedir perseguições a Bento Ponteiro — o grande amigo do agitador.

Mas os pulmões daquelle tribuno, embebidos dos miasmas da adversidade, queimavam celere o oxygenio de paz que lhe inhalavam a amizade e a attracção politica de Wanderley; e logo voltavam a respirar no ambiente de indisciplina e aggressividade, violencia e rebeldia.

Fóra da inquietude e do combate só havia, para Borges da Fonseca a asphyxia.

(1) No Jornal do Commercio de 27 de dezembro de 1832 se lê: "Praça da Bahia, 8 de Dezembro — O celebre Antonio Borges da Fonseca, redactor do "Republico" foi demittido pelo presidente do Conselho do emprego e commissão de secretario do governo e conselho da provincia da Parahyba, sendo accusado do crime de concussão por Henrique da Silveira Rabello, foi pronunciado pelo Juiz de Paz e a pronuncia foi sustentada pelo Ouvidor da Comarca".

(2) J. Nabuco — Um Est. do Imp., I, pags. 379 a 388.

Eleição Senatorial

- I — ENTRE NABUCO E WANDERLEY. — A ESPERA DE EDADE.
- II — A PESTE QUE AJUDA. — A EPIDEMIA DA CHOLERA EM 1855. — ATAQUES DE JEQUITINHONHA E DE D. MANOEL.
- III — O PAREO FERRAZ — WANDERLEY — GONÇALVES MARTINS. — LUA DE MEL POLITICA.



I

AO ceder, afinal, entrando para o ministerio Paraná-conciliação, Wanderley levava um calculo intimo de suas ambições. Dourava-lhe o horizonte do futuro o rosicler da senatoria.

Assim o entenderam amigos. "Com que afinal metteste a mão na combuca...? — escrevia, do Recife, José Bento — ora só te darei os parabens se filiares a senatoria" (1).

Haveria mesmo um compromisso tacito; si não fôra expresso. Paraná e seus ministros conheciam-lhe os desejos, manifestados desde mezes antes, ao se abrir a vaga pelo fallecimento de Pedra Branca.

Isso occorrera em fins de março de 1855, quando ainda na presidencia da Bahia. Se lhe faltava o requisito da idade era certo que já teria completado os quarent'annos quando fosse occasião da escolha ou mesmo da eleição. As demoras burocraticas haviam de favorecel-o.

(1) Carta de José Bento da Cunha Figueredo a Wanderley, 26 de julho de 1855. Da Bahia lhe escrevia o Barão do Rio Vermelho "considero muito o peso de que Você está sobrecarregado, se elle (o imperador) dêr apreço a tam grande sacrificio é mais um triumpho para supplantar os seus invejosos na candidatura" (carta de 5 de julho de 1855). Tambem da Europa Picot entrevia na accetção da pasta de ministro um passo avançado para a senatoria: "Meu caro João — Até que enfim (palavras de tua carta de 12 de Junho) estás ministro! Aquillo mesmo que regeitaste em 1853, accetteste em 55. Parece-me lobrigar o motivo de tua mudança de opinião, e dou-te razão. Deus queira que as circumstancias te ajudem! Sei para o que prestas e confio que farás bom ministerio, sem que me metta medo a opposição que se levantou na Camara" (carta de 3 de agosto de 1855).

Da Bahia insinuara a propria candidatura, ou melhor, a notificara a Pedreira, ministro do imperio. A 10 de abril escrevia-lhe Pedreira: "fico inteirado do que me diz a respeito da eleição de senador. Não pode ser para Você objecto de duvida que tendo, como tem, amigos no ministerio, que o sabem apreciar, e tendo especialmente no do Imperio um amigo dedicado o mais que é possível — deixemos de apreciar a realisação de seus desejos. Apreciamol-a, e apreciamol-a sinceramente. Assim farei tudo o que estiver na minha parte em seu favor. Entretanto, com a maior franqueza lhe digo, nada me animo ainda a declarar-lhe por parte do Ministerio, alem do que o nosso amigo Sr. Paraná fixou em conversa que teve comigo de mandar-lhe dizer e creio que o fará por este vapor. Sexta-feira estará reunido o ministerio e ahi proporei a questão e como verdadeiro e leal amigo lhe transmittirei tudo o que se assentar sobre a epoca da eleição". E dias depois: "ainda não pedimos a S. M. I. as ordens para a eleição de Senador. Parece-me que isto quando outra cousa não demonstre, demonstrará ao menos que não temos pressa. Pela minha parte não a tenho, decididamente... espero-te ancioso. A tua presença combinará e facilitará mais as cousas".

A Wanderley não satisfazião estas cartas. Nellas entrevia certa reserva que talvez proviesse da candidatura de Nabuco (1). Já este lhe escrevera: "vi a noticia que me dá de te apresentares como can-

(1) "Já temos noticia da morte do Pedra Branca, que chegou bem a tempo, quando ias completar o teu quadragesimo, e tambem sabe-se que és um dos aspirantes á gorda herança. Deus te fada bem. Mas diz-me: não terás que recejar concorrência do Exm.º Sr. Ministro da Justiça, que par droit de conquête deve ser o preferido, e par droit de naissance está muito mais habilitado para ser livre e expontoneamente eleito pela Bahia, do que estava o grande Silveira da Motta para fazer igual honraria á misera Goyaz? Pela minha parte confesso-te que fico assustado" (carta de Francisco Maranhã, Barra, 20 de abril de 1855).

didato na elleição de Senador que deve ahi haver para preencher-se a vaga que deixa o Visconde de Pedra Branca. Dize-me agora — não me dás licença para concorrer contigo? — Ser-me-á impossivel ser eleito? Nenhuma occasião mais azada se me pode offerecer para restituir-me á minha terra natal do que esta que se me offerece, assim teria eu uma posição segura e não precaria e emprestada como hoje tenho. Seja como fôr quero o teu conselho e protecção porque não me apresentarei sem que me o prestes. O que dizes? Entretanto, segredo” (carta de 8 de abril de 1855). (1).

Ancioso por jogo franco Wanderley provoca expansões de Pedreira, que lhe replica (carta de 27 de abril de 1855): “creio que não me entedeste a respeito da tua candidatura; e que de minhas palavras inferiste algum pensamento occulto. Seria isto clamorosa injustiça; sou teu amigo sincero, sempre o fui — sou-te grato — conto com a tua amizade — reconheço o teu merecimento e em taes circumstancias nunca poderia deixar de ser por mim muito bem acolhida qualquer idéa em favor de teu futuro. Mais do que isto não podia nem devia adeantar — mas o que disse pareceu-me bastante para tranquillisar-te a nosso respeito. A outra candidatura a que te referes não ha de causar-te embaraços. O meu collega é o homem

(1) Numa carta a Penedo datada de 13 de abril de 1855 dizia Octaviano: “Ah! meu Moreira! Agora vae o João Wanderley conhecer o que he esta gente, por que se tem sacrificado. Morreu o Pedra Branca e o João se apresentou: mas o Nabuco que só agora se lembrou de ser bahiano, declarou-se tambem candidato contra o João! O que dará isto? Meu sogro, o Barretto, que veio a dias da Bahia, diz-me que se Wanderley crear conflicto, o Nabuco he derrotado. No emtanto os Joões pedirão demissão; Wanderley e o Cansação. He segredo ainda, mas ambos me escreverão nesse sentido, visto que na córte tenho sido para elles o que já fui para o Machado — procurador, defensor, amigo na imprensa e fóra della. O Euzébio está hoje com maior popularidade do que nunca. Se houver crise, julgo que será elle o novo chefe, e que os seus escolhidos serão Wanderley, Cansação, Sebastião do Rego”.

prudente e sensato que sabes. Ouvio-te por escripto, ha de ouvir-te quando chegares e nada ha de fazer que prejudique a sua posição a menos que arrisque os seus precedentes. Tu o conheces bem e sabes fazer-lhe justiça. Nada pois careço dizer-te a tal respeito. As ordens ainda não vão por este vapor”.

Desfaziam-se as primeiras nuvens: o ministerio não se precipitava em marcar a eleição e ainda quando Nabuco se candidatasse não o prejudicaria.

A 1.º de maio Wanderley passa a presidencia da Bahia a seu substituto Alvaro Tiberio Moncorvo de Lima e parte para a côrte.

O ambiente politico da provincia tomava-se de nervosismo. Tiberio escrevia: “anda não convoquei a nova Assembléa Provincial; mas o farei agora em Junho, antes que de lá cheguem as ordens para a senatoria. O teu competidor Ferraz é de quem mais se falla, porque de lá não cessa de trabalhar empregando todas as suas relações, e aquellas de que ahi póde dispôr, de maneira que está tudo inundado de cartas. Toma, porem, sentido por lá pelo Paço que em resultado todos esses esforços não lhe darão a precedencia na lista ” (carta de Tiberio a Wanderley, 31 de maio de 1855).

Tudo corria suavemente: com um ministro plenamente interessado na sua candidatura, tinha um presidente de provincia dedicado á sua eleição. A pasta que acceitara havia de trazer-lhe a sympathia do imperante para as garantias da escolha. E Nabuco assistira (1).

(1) “Depois da resolução sensata de Nabuco contava eu que fosses muito bem recebido, e não me surprehendeu pois o acolhimento que tens encontrado” (carta de Tiberio a Wanderley, 31 de maio de 1855).

O tempo era seu unico embaraço. Não lhe seria agradável que a eleição se realisasse antes de 23 de outubro; só nessa data completaria os quarent'annos. As delongas na fixação da data do pleito iam-n'ó contentando.

Nisso occorre nova vaga com a morte de Alves Branco. Iam agora as eleições ser communs, para as duas cadeiras.

II

A esse tempo era a Bahia castigada pela maior de suas tragedias.

Nos ultimos dias de julho aporta ás praias do Rio Vermelho a grande peste da cholera.

Viera do Pará. Não haviam valido quarentenas e cuidados dos presidentes Wanderley e Tiberio. Trouxe-a o vapor "Imperatriz", entrado no porto a 20 de julho. Dizima cerca da metade dos habitantes do Rio Vermelho, lançando ao exodo a outra metade. Os medicos hesitam e se contradizem. A maioria acompanha Wucherer, Patterson, Antonio José Alves, Malaquias, que affirmam tratar-se da cholera. Cabral e Aranha chefiam a corrente dos que julgam ser a molestia a mesma de annos anteriores em igual epoca. A congregação da escola de medecina discute durante tres dias, como os theologos em Bysancio, enquanto Tiberio age, pessimista e prudente; e trabalha a commissão de hygiene. Outras commissões se formam.

A peste não vem com pés de lã. Planta, pesadamente, a pata sinistra. Numa noite no Rio Vermelho ao sahirem da igreja caem 30 doentes e alguns não demoram em morrer. Invade celere a cidade. Confrangem ao presidente Tiberio os espectaculos de miseria

e dôr que apenas começavam e já eram tremendos; mas não esmorece.

Augmentam os doentes; cresce a mortalidade a vinte por cento. Improvisam-se albergues e hospitaes. Não havia quinze dias e já se contavam 400 casos e 100 mortos! A epidemia atravessa o mar e a bahia, e começa a ceifar em Cachoeira — são 20, são 50 casos. Aparece em Nazareth; lá vão medicos e providencias.

Agora é um immenso polvo a estender tentaculos. Chegam noticias que acabrunham de Cachoeira, de S. Amaro, S. Francisco, Maragogipe, Jaguaripe, Itaparica, Nagé, Paramirim, Iguape. Era todo o Reconcavo, a maior população da provincia, sua maior riqueza. Em Cachoeira a morte hombra com o contagio: “foi tal a desgraça que houve um desamparo completo não havendo lá hoje senão quem não tem meios de fugir”. Já a 16 de agosto jazem alli 500 defunctos. S. Felix se despovôa, depois de extraordinaria perda; e Muritiba lucha com o mal. Os senhores dos engenhos do Iguape os abandonam. Começa a fome. Escasseam os medicos e mingnam os medicamentos. O governo lança mão do heroismo impavido e abnegado da juventude e distribue os estudantes de medecina. Falta força para conter a população faminta e evitar os roubos. A administração pede remedios para o Rio e para Pernambuco.

Correm de toda parte fugitivos, como se a cholera os não seguisse na sombra. Agglomeram-se na capital os emigrantes de todos os cantos e já ali ha dias de mais de cem cadaveres; sessenta é a media diaria.

Em S. Amaro chega a tragedia ao auge. Fiuza (futuro Barão de Bomjardim) escrevia chorando; “Meu Wanderley quanta gente tem sido ceifada! Quantos amigos temos perdido! Dentre estes o Olegario viu

morrer a mulher, a filha casada em Cachoeira, que tinha vindo passear em casa d'elle, a outra filha casada com o Raymundo, todos os escravos de casa e do alambique, e por fim, conduzindo a neta recém-nascida á Bahia, ahi atacado do mal, de desesperado se recusou a todos os remedios e deu alma ao creador!... Maridos largaram as mulheres, paes a filhos e athé filhos a mães nas angustias do maior soffrimento. S. Amaro, segundo o que dizem soffreu a perda de 3.000 pessoas sendo uma povoação de 7 a 8.000! No Reconcavo engenhos ha, como Mussurunga, Botelho e Conde que dizem não ter ficado com um só escravo!" (carta de 20 de setembro de 1855).

A escravatura desaparecia. O Visconde de Barbal perdera em S. Pedro 35, outros 60 e 80, Pedro Moniz 138.

E a peste passa de negros a senhores (1). Vae descendo a Valença, a Taperoá. Não ha mais policia na capital. Mandam-se a Cachoeira, a S. Amaro imperiaes marinheiros; lança-se mão da tropa de linha. Ha medicos egoistas que não querem largar clinica e commodos ou desfarçam nesses interesses o medo que os géla. Não restam mais estudantes a enviar aonde são reclamados; tres delles se haviam sacrificado como martyres. Morrem tambem irmãs de caridade. So-

(1) Morre de cholera o pae do conde de Subahé, a mulher de Pedro Moniz, futuro Barão do Rio de Contas, a mãe de Muritiba. Muritiba era então presidente do Rio Grande do Sul que tambem foi flagellado pela cholera. Alli morreu de epidemia o chefe de policia Vieira — "victima da sua dedicação". São de uma carta de Muritiba a Wanderley (24 de dezembro de 1855) estas palavras: "São como sempre mul judiciosas as observações que V. Ex. faz sobre a invasão do horrivel mal. Não ha duvida que cada qual se julga com direito de obter soccorros dos cofres publicos e de tirar delles interesse por esta tristissima occorrença. Nesta provincia (Rio Grande do Sul) isso é um axioma que para ser combatido necessita-se de ter muita força de animo. Já eu passo aqui por pouco previdente por não haver adoptado esse principio na extensão que desejão, apesar de não ter sido mesquinho em prestar soccorros, como V. Ex. verá da carta que agora escrevo a S. Ex. do Imperio".

bram cadaveres e ninguem os quer enterrar, na certeza do contagio e da morte. Já esse serviço consumira africanos livres, imperiaes marinheiros, praças de policia. Não valem canceiras e dedicações; casam-se as criticas aos crimes. De Nazareth, onde se extinguem agora 30 por dia, veem appellos desesperados por coveiros.

Vae entrando a cholera até Riachão do Jacuhype.

Mantida aberta a escola de medecina para aproveitar os serviços dos alumnos, fecha-se afinal, por falta de estudantes. Convoca-se um batalhão da guarda nacional que aquartela sob o commando de Theodoro Teixeira Gomes. Abrem-se cemiterios; em pouco se empola, repleto de corpos, o novo de Massaranduba (1). Na capital a média diaria de mortos passa a 100! O panico domina os medicos: "poucos foram os que se prestaram ás comissões mais arduas, de maneira que tenho lançado mão dos do exercito e da armada; agora, porem, que já estes me faltam, usarei de rigôr com os que tiverem alguma posição official, bem que conte ter que supportar mais uma guerra — escrevia Tiberio. A tudo, porem, estou resignado. Dos do exercito, um desobedeceu e mandei que preso fosse enviado ao destino que lhe foi marcado e já se acha em S. Amaro; outrotanto farei com outro, tambem mi-

(1) Trechos de uma carta que pinta ao vivo a situação: "Não sei se amanhã estarei vivo... As caldeiras do vapor não esfriam porque todos os dias se mandam socorros, medicos, estudantes de medecina que vão sendo derramados por todas as povoações... O Pedro Moniz perdeu a senhora e no engenho de Egas, da Victoria, a morte faz terriveis extragos. Em Cachoeira não ha quem enterre corpos; os paes, os maridos, os filhos abandonão tudo ao explrar, e até chegam a fechar as portas deixando dentro os cadaveres... os academicos impavidos... a fome principia... familias inteiras em S. Felix ficaram extintas... chegou hontem o vapor de Caxoeira, e as noticias são as peiores. No Iguape principia a assolar e acabar familias inteiras. Hua irmã de Caridade que foi para Caxoeira succumbio em poucas horas. A emigração para aqui é extraordinaria... venham medicos" (carta de Lourenço de Souza Marques a Wanderley, 20 de agosto de 1855).

litar, que me consta não haver hoje seguido, como lhe foi hontem determinado. A pouco demitti o Eloy vaccinador porque não partiu á mesma cidade e mandei suspender os vencimentos do Francisco Meirelles, do Lycêo, que obrou da mesma maneira, allegando cada um delles molestias em suas familias. Os da Eschola de Medicina, oppondo sua clinica, só querem servir aqui na cidade, tendo já dois se recusado a dias, o Sampaio e o Freitas, tendo partido o Freitas e o Queiroz”.

Espalha-se o morticinio sertão a dentro, littoral em fóra, até Feira de Sant’Anna e Tapera, e Abbadia e Maracás; e chega até á Barra do Rio de Contas.

Em S. Amaro, no mais forte da crise, Dantas, então juiz municipal e delegado, esmorece, allega doença e abandona a cidade (1); o capitão Silveira que o substitúe na delegacia é victima da peste que tambem sacrifica, aureolando-o do martyrio, a Bettamio.

A 29 de agosto havia naquella cidade uma montanha de cadaveres insepultos e os doentes achavam-se á mingua de toda ajuda e qualquer assistencia. Quando nesse dia aportou alli um vapor com ambulancia remetida pelo governo, mal poderam ser desembarcados os remedios, tal a “alluvião de emigrados que disputavam lugar no vapor apenas ancorado”.

Foi aquelle o ponto mais assolado pelo cataclysmo. Bettamio ao conhecer semelhantes transes, não sof-

(1) Chegando a S. Amaro o chefe de policia e não encontrando Dantas, sendo horrivel a situação da cidade chela de cadaveres e a população estando em grande panico, demitte-o de delegado, lugar que accumulava com o de juiz municipal. Dantas defendeu-se em cartas a Wanderley, em discurso na assembléa provincial e pela imprensa.

Tambem Junqueira foi accusado de abandonar Cachoeira onde era autoridade judiciaria.

freu quedar-se inerte. Tendo noticias de que toda uma população estava sendo devastada sem socorro, offereceu-se ao presidente para os serviços de maior risco. "Foi um heroe e um martyr, — escreveria, depois, Tiberio. Elle, ao partir para S. Amaro, me disse: "Sr. Presidente, fique certo de que vou trabalhar sem descanço; vou tomar a dianteira aos trabalhos mais arriscados; não me lembrarei de minha vida, nada exijo em recompensa de meus sacrificios se os puder vencer, mas se succumbir, V. Ex. e o governo olhem para meus filhos".

O vapor que o levou a S. Amaro encontrava cadaveres a descerem, boiando no rio. Com o buril da realidade simples Bettamio debuxava esta agua forte de sua chegada ás 7 horas da noite de 29 de agosto de 1855: "o delegado Dantas não estava presente. Achei tudo na maior anarchia; não tivemos quem desembarcar nossa bagagem porque tudo corria. Os Drs. Bahia e Adduci affirmam-me que ha 200 cadaveres por sepultar... Supponho que o vapor não poderá conter todos os que se precipitão para a emigração".

Na manhã seguinte cuidou Bettamio de enterrar e queimar corpos "que jaziam pelas ruas, obstruiam a entrada do cemiterio e estiravão uma consideravel extensão pela parte de dentro daquelle campo. Para os enterrar serão precisas cem enxadas; onde as achar? Montei-me a cavallo ás 6 horas na direcção do engenho Jericó onde estava residindo o Dr. Ayres, pedindo-lhe alguns escravos, carros e lenha. Com effeito, fez esse digno cavalheiro o que poude; deu o resto dos seus escravos — mas eram, Exm.º Snr., apenas 3!!! Marchei em companhia desse honrado amigo para o engenho do Barão de Itapicurú, ... mostrei ao Barão

as circumstancias em que nos achavamos e o risco a que estavamos expostos se aquella grande massa de materia animal entrasse em decomposição, que aliás já estava adeantada"... Pedio-lhe Bettamio escravos e o Barão nobremente respondeu "que elle ficava mal com a sua consciencia se obrigasse seus escravos a um trabalho que elle considerava uma morte certa; que ia propôr-lhes a liberdade se elles espontaneamente quizessem empreehender aquelle serviço e se escapassem". Reuniu a escravatura; eram mais de cem; somente dois se apresentaram!!!

E afinal para aquella lugubre e pesada tarefa da incineração marchava Bettamio apenas com quatro carroças de lenha e cinco escravos. Não havia um só soldado que o ajudasse. Restava apenas um official que, com medo das penas disciplinares, não fugira.

A camara municipal abandonara o posto. O hospital, em lugar de doentes, continha mais de trinta defuntos. Os sacerdotes tambem haviam desertado: "ainda não vi um só padre; o unico consolo que achão os moribundos he das boas e respeitaveis Irmãs de caridade". E, ainda exausto de um dia tremendo, Bettamio communicava: "são 7 horas da noite quando estou de volta de incinerar cento e cincoenta cadaveres; poucos me restam: talvez uns 50 ou 60" (carta de 31 de agosto de 1855).

No dia seguinte, alem do trabalho medico, novas incinerações... e o contagio e a peste. Quatro dias após jazia morto um martyr.

Demorava, alastrando-se, a cholera. Se aqui amainava era para crescer alem. E ainda em janeiro e abril de 1856 a epidemia matava na Bahia.

Quando saciada desaparece, afinal, da provincia, tinha exterminado em poucos mezes mais de 29.000 bahianos (1).

Dentro desse inferno ninguém pensava em politica (2). As eleições não podiam deixar de ser adiadas. Realisaram-se a 10 de fevereiro de 1856. Desde outubro Wanderley completara os 40 annos (3). Alguem diria com malicia e inveja que até a peste o tinha ajudado a subir.

Soffria elle pelos que soffriam, lamentava tantos que o cataclysmo levara, carpia a assolação de sua provincia. Seu coração sensível chorava. Suas esperanças e ambições, as anciedades pela eleição se entenebreciam de lutos e lagrimas. E ainda amargava as injustiças da opinião, as iniquidades da politica que despojavam a Tiberio, seu amigo e baluarte, de sym-

(1) Na capital morrem 7.987; em S. Amaro 6.933; em Cachoeira 5.738; em Maragogipe 2.700; em Nazareth 2.062, em Villa de S. Francisco 1.167, etc.

(2) "Passaram as incompatibilidades e os círculos no senado; entretanto ninguém aqui trata disso!" (carta de Pereira Franco a Wanderley, 20 de agosto de 1855); "não sei se a presidencia espacará as eleições; achava isto necessario, em todo o caso eu estarei prompto (carta de Fluzza, 23 de agosto de 1855); "não sei se teremos eleições, porque o estado actual é horrível, ninguém se reunirá; a este respeito V. Ex. pense maduramente" (carta de Lourenço S. Marques, 5 de setembro de 1855); "o cholera fez tudo esquecer na nossa Bahia: durante quatro mezes não se fallou em eleições" (carta de Sampaio Vianna, 17 de dezembro de 1855); "a sua senatoria vae bem, e só peço a Deus que melhore as cousas de S. Amaro affirm de ir bastante gente para lhe dar votos: — o repiquete lambeu-nos já quatro escravos" (carta de Torquato Dutra, 3 de janeiro de 1856).

(3) A demora em fixar-se a data da eleição e o facto de se ter esta realisado só depois de 23 de outubro de 1855, quando Wanderley completou quarenta annos, originou o reproche que lhe faziam de mimoso da fortuna por quem as urnas esperaram alcançasse a idade legal. Jequitinhonha no senado allegou isso, tendo o ministro do imperio Pedreira respondido. Um dia Wanderley resolveu liquidar o caso com cabaes explicações numa discussão com Zacarias que figura nos annaes do senado, sessões de 25 de junho de 1867, 13 de junho de 1869 e 15 de junho 1869.

pathias, por causa das providencias a que a crise excepcional o obrigara.

Mas nada poderia pôr em duvida a sua victoria nas urnas. Em agosto escrevia a Penedo: — “tenho por certa a eleição. Achas que é cedo para que eu entre na Siberia? Estou cansado de tantas eleições, e das cousas incertas de nossa terra, é esta a menos incerta; e as occasiões não são tantas para que percamos as que se offerecem”.

Os adversarios de Wanderley e os do ministerio cedo atiravam calhãos á estrada senatorial. D. Manoel com aquella aggressividade irritada, que era tão sua, traz, desde julho, para a tribuna do senado as aspirações do ministro da marinha como já o fizera Montezuma. Dellas tirava um libello opposicionista, confrontando, com ferina malignidade, a situação de pretendente de Wanderley e a triumphante de Caxias: “o sr. ministro da guerra acha-se em tal posição que pôde desembainhar a espada e cortar largo; a sua posição está feita, elle não precisa de clientela. Mas os ministros que não estão nestas circumstancias precisam caminhar mais pausadamente, attender aos empenhos das potestades do dia, porque estas potestades teem grande influencia nos destinos dos ministros. Não poderão ter influencia no sr. Marquez de Caxias, que tem a sua posição feita, e que, se lhe forem com algum pedido a que não deva attender, dirá logo: não admitto patronato, nem dou mãos exemplos. Mas aquelles que estão começando a sua vida, um que tem aspiração a uma cadeira nesta casa, outro que aspira a um bispado no thesouro... Nesta casa já se diz ou se deu a entender que um dos ministros actuaes era

candidato ao lugar de senador pela provincia da Bahia”.

A allusão era por demais descabellada — o ataque tão directo e pessoal que o aggreddido acudiu com uma replica immediata: “declaro ao nobre senador que não sei nem conheço quaes são estas potestades de que dependão os ministerios, a não ser a corôa e as camaras (apoiados). Emquanto a confiança de uma e o apoio das outras não faltar ao ministerio elle não receia nem pode receiar dessas potestades a que o nobre senador alludiu (apoiados). Pela minha parte declaro que sou muito moderno para conhecer semelhante poder occulto, e tenho consciencia de que nunca me sujeitarei a poderes que não sejam os legaes, os estabelecidos pela constituição. Quanto ás pretensões ou ambições eu as tenho como todos os homens politicos do paiz, como as teve e as tem naturalmente o nobre senador, e creio que estas pretensões podem ser obtidas com dignidade, com toda a honradez (apoiados). Estes são os meios mais proprios de conseguilas e não por meio de patronatos, de abusos e de outros que deshonram e perdem o homem publico. Se o nobre senador conseguiu com honra, como eu creio que conseguiu, a posição que hoje occupa, não queira negar a outros o direito de poderem chegar ao mesmo logar trilhando o mesmo caminho. Disse mais o nobre senador que a posição do ministro da guerra estava feita e as dos outros não, e pois aquelle havia de proceder com mais independencia. Eu não sei o que sejam posições feitas. Entendo que a independencia de posição em relação aos actos, de que o nobre senador fallou, está no proprio character (apoiados). Posições ha feitas que todavia não bastão para que aquelle que as occupa pratique actos dignos de louvor, e muitas vezes essas altas posições são deshonor-

radas por quem as conseguiu (apoiados). O nobre senador devia-se pois referir ao character e procedimento dos homens publicos e não as posições; as posições não valem senão quando honradas pelos individuos”.

III

Tremenda foi a cabala. Dividiam-se as forças politicas bahianas em facções disputando a cabeça da lista. O pareo Wanderley-Ferraz empolgou a provincia.

Preso ao ministerio e á discreção que este posto lhe impunha; a lutar com o desembaraço e a actividade de Ferraz que dirigia pessoalmente a sua eleição, Wanderley desdobrava-se na cõrte, onde lhe choviam cartas da provincia cheias de noticias, suggestões, enredos. Seus amigos na Bahia batiam-se com denõdo. A lucta era sèria sobretudo na capital, onde o esforço de Ferraz se juntava ao de Gonçalves Martins, ajudado dos liberaes Barbosa e França e de quantos desaffectedos fizera Wanderley na sua presidencia e na chefia de policia, posições que, se lhe haviam consolidado o prestigio politico, lhe tinham grangeado não poucas hostilidades. — “Mais uma prova de que governou bem” lhe dizia um amigo. As suas campanhas contra os ricos da moeda falsa e os poderosos do trafico sommavam glorias com inimizadas, e estas catavam-lhe palavras e opiniões para popularisal-o.

Lembravam, por exemplo, os seus conceitos sobre a questão do commercio a retalho. Era essa a nota que então vibravam as cordas de emotividade popu-

lar; o refrão dos que cantavam serenatas á *sympathia* das massas.

Wanderley jamais se impressionara com tal campanha. Embora declarando desejar ardentemente que o commercio do paiz fosse occupação do maior numero de brasileiros, fosse "industria propriamente dos brasileiros e por excepção dos estrangeiros", chasqueava dos exageros da "nacionalisação", citando na camara um caso occorrido em Pernambuco, onde era grande a exaltação: "dirigio-se certo individuo a um advogado e lhe perguntou a que genero de commercio devia de preferencia dedicar-se, se conviria mais um armazem ou uma loja de fazendas (risadas). — Conforme o capital de que o snr. possa dispôr ou as suas habilitações commerciaes. — Não senhor para mim é indifferente. Posso ter uma cousa ou outra, porque como se trata de lançar fóra todos os negociantes estrangeiros, eu a meu gosto tomo conta de uma loja de fazendas ou de um armazem de molhados (riso prolongado). Ora assim é que eu não quero a nacionalisação do commercio (apoiados e risadas), não quero que haja pessoas que vão escolher aquillo de que querem tomar conta sem licença de seu dono (muitos apoiados e risadas)" (19 de julho de 1855).

Ferraz que buscara o apoio de Wanderley para a sua candidatura, acceitou o de Gonçalves Martins, com o intuito de disputar a seu amigo a primazia da lista. Essa emulação originaria intrigas que quasi separam os dois num rompimento, evitado pela franqueza de desabafos epistolares.

Gonçalves Martins com a sua opposição no senado á lei dos circulos e o bafejo dado á opposição de Ferraz ao ministerio, fizera renascer uma prevenção

amortecida contra Paraná, prevenção que surgira desde o episodio da prisão de Pedro Ivo, quando o presidente do conselho governava a provincia de Pernambuco. O patrocínio que dava agora á candidatura de Ferraz era ao mesmo tempo: um cheque ao ascendente politico que assumia na provincia Wanderley; uma demonstração de força elcitoral e um gladio atirado a Paraná.

Era Gonçalves Martins desses politicos que dirigem por qualidades, por vocação, por prestigio — e por gôso.

Opinar, influir, organisar, chefiar eram-lhe disposições innatas e attitudes instinctivas.

O retrahimento, o isolamento, a espera, a conformidade, o silencio, a obediencia seriam para elle grilhões que agitaria insoffrido.

E quando mandava queria ter a certeza de que todos sabiam ser elle quem governava.

Tinha o espirito de constructor e a vontade de organisador — mas que ninguem ignorasse que era elle quem totalmente agia ou chefiava.

Buscava o merito; animava-o; trazia-o como alliado, tanto para ter a vantagem e o deleite de auxiliares de pulso, como para poder dizer um dia que alentara triumphos nascentes e creara aguias.

Graphando em suas cartas a palavra *Eu* com maiuscula, á maneira ingleza, compunha um symbolo; e symbolica de sua psychologia era a frequente referencia aq “velho Martins” com que a si mesmo alludia a miúdo.

Não seria por certo, egolatra; mas era egocentrico.

O seu bairrismo exaltado, o seu bahianismo quasi hostile eram ampliações concentricas dessa irradiação pessoal. Os acontecimentos girassem em torno delle e em torno da Bahia e dos bahianos que eram *seus*.

Se não reclamava cultos não soffria abandonos; e, parecendo dar pouco apreço á reverencia, sentia que lh'a não tributassem. Tinha a franqueza, a ironia, o sarcasmo, a opinião desabusada — para dispersar; e o ciúme reclamador, a assiduidade activa, a dedicação diuturna e minudente da amizade — para congregar.

Febril em tudo — na acção, no julgamento, na expressão — seus juizos eram tão leves, como inteira a sua franqueza. Uma tal ou qual versatilidade não lhe vinha senão disso mesmo, pois havia de ser inconstante como os homens, quem lhes dizia tudo a toda hora e com igual facilidade guerreava e esquecia; quem tão pouco demorava em imaginar e resolver quanto era presto em executar e agir.

Mas tinha tenacidade para acabar, ambição para abranger, e descortino para estender longe dominio e evidencia.

Tanto nos partidos e no governo, como na vida particular, tudo para elle era absorver, dirigir, emprehender.

A sua gestão como ministro (maio de 1852 a setembro de 1853) fôra das mais notaveis pela orientação progressista e pela nervosa operosidade. Numa carta a Wanderley exaltava-se como num tresvairo, encantado do que então fazia. Começavam as viagens da nova companhia de vapores do Amazonas e o ministro propulsor desses melhoramentos exultava como louco: “continúo a fabricar empresas collossaes, e quando largar a administração, ou o Brasil fará inveja aos Estados Unidos ou terá bancarrota. Vou ficando com a cabeça um mappa-mundi! não ha regato nesses longinquos continentes que não nasçam ou corram nesta cachola geographica ou topographica!” (carta de 17 de novembro de 1852).

Essa paixão pelas empresas, mesmo com o risco de bancarrotas, não o abandona quando deixa o governo e vae na Bahia desdobrar-se, com coragem, em seu novo engenho central de S. Lourenço, que o arruinaria, e companhias de navegação, e explorações de madeiras — numa ancia trepidante de crear, ensinar, enriquecer.

Foi um Mauá fracassado.

Mas teve a felicidade de se poder orgulhar de grandes serviços ao seu paiz e á sua provincia.

Gonçalves Martins negou sempre, mas era innegavel, que o seu patrocínio a Ferraz visava em muito, senão abater, attenuar o ascendente de Wanderley que se levantava deante d'elle como um chefe. Já nas camaras timbrava em acentuar, por attitudes e palavras, que o não peavam solidariedades com o ministro da marinha (1). Chegando á provincia, desavem-se com Tiberio, confirmado no posto de presidente da provincia por indicação sua e de Wanderley. Enciúma-se porque Tiberio não o consulta. Tudo censura por occasião da epidemia da cholera, julgando necessaria a demissão daquelle presidente, que aliás prestava grandes serviços. Wanderley não quer desmoralisar injustamente o governante, nem negar apoio ao amigo — prestigia Tiberio e pede a Martins que o aconselhe. Este, porem, replica, accusando o presidente de se cercar dos seus e dos desaffectedos de Wanderley. Sentia-se suspeito ao governo.

As emulações e enredos da quadra eleitoral extremavam a divergencia. A correspondencia dessa epoca

(1) Quando Wanderley accellou a pasta da marinha o unico amigo a quem consultou foi Gonçalves Martins, que, entretanto, não tardou em esboçar uma opposição ao gabinete, combatendo no senado á lei dos circulos e provocando a scisão na deputação bahiana.

é um emaranhado de factos, allusões, noticias, que separam cada vez mais Gonçalves Martins e Ferraz do ministro da marinha.

Muitas vezes ha intriga sem haver intrigantes. Cada um sente os acontecimentos de accordo com suas prevenções, suas tendencias. A apreciação das circumstancias, e dos actos alheios, não foge a essa contingencia, a essa deformação inconsciente. Ora, ás vespers de uma eleição, os factos, ao demais, se desenrolam com uma tal celeridade que prohibem a ponderação para os julgamentos perfectos.

Os amigos do ministro bahiano participavam-lhe, cada um a seu modo, os dia a dia da campanha. Era preciso deixar esfriar a impressão de cada communicado para chegar a uma media de realidade. Alcançada esta, Wanderley ia franco e direito ao ajuste de contas — pois não sabia nem guardar reservas de resabiado, nem fechar-se preparando represalias, nem agir no segredo trahidor, mas ás escancarar.

Franças até a rudeza aggressiva são as cartas que se trocam — elle e Gonçalves Martins — e bem revelam a psychologia comparada desses que viverão constantemente ás rugas, mas que no fundo nunca poderiam deixar de ser amigos.

Embriagado da acção, do antegosto do successo de uma campanha em que se esforçava; excitado ao contacto popular; estimulado das necessidades da cabala Gonçalves Martins esquecia agravos.

E os que o não acompanhavam censuravam-lhe as novas allianças. "Liga Monstro", chamavam á união do antigo presidente da provincia, sob cujo governo fôra o prestigioso potentado preso como traficante, com Hygino Pires Gomes, e ainda com o desembargador Netto e João Barbosa de Oliveira.

A sua actividade na propaganda de Ferraz não tinha limites: — “o Martins pede como cego” — dizia um amigo de Wanderley.

A eleição corre tranquilla e as noticias da victoria chegam a Wanderley em borbotões — sempre o primeiro votado, salvo em poucos collegios do sul onde os naturaes da região — Madureira e Zacarias — tambem candidatos, alcançam primazia. Estava eleito, na cabeça da lista, brilhantemente eleito.

Era um grande triumpho. Mas, se por um lado puzera á prova dedicações e uma estima publica assignalada, por outro estremecera velhas amizades.

Já a pasta de ministro lhe custara a quasi inimidade de Zacarias que fôra seu intimo (1). Agora a cadeira do senado deixara-lhe frios e hostis Gonçalves Martins e Ferraz. A uma natureza affectiva como a sua, doeriam esses espinhos das suas corôas de gloria politica.

Wanderley, porem, dando o desconto do temperamento do “Angelo”, dispunha-se á reconciliação, saudoso de uma cordialidade que nascera na infancia e durava já 20 annos. A um amigo commum, diligente em reapproximal-os, respondia: “sei o que são intrigas eleitoraes, e já ellas me não fazem moッサ. Si pois, houver alguma frieza entre amigos não será de certo por minha culpa” (carta a Francisco Antonio Filgueiras, 10 de março de 1856).

(1) Apesar do incidente na camara Wanderley apoia a eleição senatorial de Zacarias que entraria tambem na lista sextupla. Era o seu candidato preferido. Pinheiro de Vasconcellos e Madureira vi-nham depois. Wanderley recommenda a seus amigos politicos e In-fluencias eleitoraes o nome de Zacarias. Os parentes de Wanderley, no sertão, patrocinam este nome, inclusive Abillo Cesar Borges (fu-turo Barão de Macahubas) casado com uma sobrinha de Wanderley.

Queria deixar nos humbraes do senado todos os resentimentos, purificando-se daquellas escorias. E voltava a Gonçalves Martins, áquella amizade com disputa — “amour en querelles” — que sempre os uniu e desuniu.

A “Siberia” era a bemaventurança politica. O goso naquellas eminencias, após uma carreira instantanea, exigia indulgencias e amnistias. Si pudesse transformaria então todos os adversarios em amigos. A eleição com unanimidade em quasi todos os collegios era uma consagração que dispunha o espirito a todos os esquecimentos e perdões.

O senado representava, para um politico do imperio, tudo. A vitaliciedade era uma garantia perpetua contra o olvido, o obscurecimento, a derrota, o fracasso. A salvo da versatilidade da fortuna não dependia o senador, até a morte, das circumstancias favoraveis ou adversas para ter uma situação, uma tribuna.

Empenhado nesse maximo das aspirações politicas, era natural a impaciencia de Wanderley.

Um dia, na camara, já lá iam longos annos (7 de janeiro de 1843), glosara o remoque de Rebouças que promettia apresentar um projecto considerando os presidentes de provincia deputados de direito, com um epigramma semelhante: emendaria o artigo acrescentando — “os ministros de estado sejam tambem senadores de direito”. Agora ministro, desconfiava desse *direito*, sofrego pela escolha: “daqui a 15 dias poderei estar senador!... Estou com vontade (acreditas?) que se decida esta questão — por causa das duvidas” — escrevia a Penedo (14 de abril de 1856).

Quem poderia sentir-se seguro da preferencia imperial, quem della podia garantir-se? Pois Paraná não

ia amargar a escolha de Ferraz com preterição de Pinheiro de Vasconcellos? (1).

Veio afinal a anciada carta imperial (2).

As dez horas da manhã de 8 de Maio de 1856 prestava Wanderley o compromisso de senador do imperio... para toda a vida (3). Nesse momento de plenitude o mais jovem dos senadores buscou em vão penetrar o futuro. E relanceou o olhar pelo recinto, por aquellas bancadas. Via alli grandes figuras da historia do paiz. Quantas luctas e combates, como os que elle acabava de batalhar, haviam levado aquelles homens a essas cumiadas?!...

Bem lhe recordavam as sensiveis cicatrizes, ainda recentes, como é cruel a politica e como chegam dolorosas as compensações que offerece.

Victorias alimentadas de decepções!?!...

Insensivelmente borbulhava-lhe á tona da memoria todo o seu passado, no que lhe dava orgulho e no que lhe pungia em maguas.

Uma especie de lua de mel politica ia deleital-o. De cada canto surgiam palavras de amizade e alegria.

(1) Vide Pereira da Silva "Memorias de Meu Tempo" I, pag. 256 e Joaquim Nabuco "Um Estadista do Imperio" I pag. 295.

(2) Communica-a Pedreira, não sem galanteria: "Meu caro Wanderley — Sahl de minha casa com destino para a tua afim de ir em pessoa entregar-te a Carta Imperial e dar-te novo abraço muito apertado. Parei, porem, em casa do Sr. Paranhos e elle e o Sr. Marquez, por causa ainda da redacção da Falla, puzeram embargos, tomando a responsabilidade da falta de delicadeza e fazendo-me ficar aqui. Não querendo demorar a reinessa, mando-a pelo portador. Desculpa-me, pois. Sempre teu do coração — L. Pedreira" (2 de maio):

(3) "Acho-me entre velhos, tendo sido escolhido senador conjuntamente com o Ferraz. E' a unica vantagem que tenho colhido da velhice" (carta a Penedo, 14 de maio de 1856). "Supponho que o nosso Cansação irá presidir a Bahia; o que lhe assegurará o lugar de senador. São tres da mesma casa que entram para a casa dos velhos no mesmo anno! Quando fazes os teus quarenta? Pretendes morrer por lá?" (carta de Wanderley a Carvalho Moreira (Penedo) 12 de junho de 1856).

O Visconde de Uruguay juntava expressões de experiência: “he a melhor aposentadoria com acesso que pode ter um deputado, que assim se retira honrosamente do cançado e aborrecido campo eleitoral. Estou que V. Ex. não ha de ter saudades das emoções da urna, como dizia o nosso amigo e collega Sr. Marquez de Abrantes. Eu nunca as tive. Agora o que lhe desejo é que seja senador por muito tempo”. E Gonçalves Martins envolvia os seus emboras em mordacidade: “apenas com 40 annos, se é que os tem, ter assento no senado e nestes tempos de olho aberto, um matuto da Villa da Barra, que percorreu rapidamente todos os degraus da escala social!! Compare este seu vôo ao meu passo ordinario, atravessando as revoluções e encetando ainda a carreira politica quando não havia gente?!... (carta de Gonçalves Martins a Wanderley, 25 de maio de 1856).

Fôra, de facto, um vôo. Em 15 annos uma carreira politica completa! Podia confessar-se a um amigo: “sim, sou feliz” (1).

(1) Deputado provincial de 1840 a 1846; deputado geral de 1842 a 1856; juiz de direito de S. Amaro em 1844; chefe de policia de 1848 a 1852; juiz dos feltos da fazenda da capital da Bahia em 1852; presidente da provincia de 1852 a 1855; ministro de estado de 1855 a 1857; senador em 1856 — raros tiveram um arremesso propulsor capaz de taes avanços, por assim dizer instantaneos.

A Lei dos Circulos

- I — CONCILIAÇÃO DE PESSOAS E DE PRINCIPIOS.
- A REFORMA JUDICIARIA E A "BANDEIRA DE VASSOURAS".
- II — DISCUSSÃO NO SENADO E NA CAMARA DAS INCOMPATIBILIDADES E DOS CIRCULOS.
- III — A IMPOSIÇÃO DE PARANA'.
- IV — A ATTITUDE DE WANDERLEY.



I

A “conciliação” processava-se com os melhores effeitos de pacificação pessoal, mas não satisfazia ás consciencias, aos principios ou idéas dos partidos. Paraná bem percebia essa brecha na muralha de sua politica.

Ja já por dois annos governava elle, quando, a 1.º de junho de 1855, o deputado paulista Pacheco dizia na camara: “confesso que, pelo que diz respeito aos homens a politica do actual ministerio tem sido menos oppressiva do que a anterior. O governo procurou até certo ponto acalmar a irritação dos partidos, chamando mesmo para empregos de não confiança a alguns dos homens que até então se consideravam proscriptos. Mas esta politica a que se chamou conciliadora, esta politica moderada que a corôa tem nas fallas de abertura do corpo legislativo annuciado, tem sido insufficiente, tem girado em mesquinhas proporções e não é possivel que homens da opposição que presem sua honra, e queiram o bem do paiz, prestem o seu apoio a um governo que se limita a dar gosos materiaes a estes ou aquelles individuos. E’ preciso alguma cousa de mais nobre, de mais elevado; é preciso ir ás cousas, ás idéas, sendo a meu vêr toda conciliação impossivel, não tendo por base a garantia do voto”.

Justiniano José da Rocha, por sua vez, no celebre opusculo “Acção, reacção, transacção” — prodigio de

synthese e de clareza eloquente, traçava ao gabinete o rumo democratico. O governo se devia desarmar de quanto lhe fôra dado, renunciar ao arbitrio que supprime a liberdade individual e subjuga a nação militarizada, para restituir ao povo o que era do povo. Evitar-se-iam, e só assim, novas explosões e reacções democraticas. “Se, porém, perder-se o ensejo; se os annos de 1855 e 1856 correrem tão infecundos para a grande causa da transacção como correram os annos que lhes precederam; se o poder comprehender tão mal o seu dever com a patria, que continue exagerando cada vez mais as suas conquistas, então...”

Com esses receios ou ameaças tinha Justiniano da Rocha os olhos fixos nos “dias fataes da eleição de 1856” que se approximavam.

Ora, ao expôr no senado o programma do gabinete, precisara Paraná — não ter ainda fixada a sua opinião sobre se a lei eleitoral era ou não sufficiente para garantir toda a liberdade do voto; procuraria illustrar-se pela experiencia. Promoveria a reforma se a sentisse necessaria: “se no paiz se formar uma opinião que queira mudar a base das eleições adoptando a eleição directa e por circulos, não duvidaremos acoroçoar essa opinião para se levar a effeito esse pensamento” (1).

Isso fôra em 1853; o tempo corria. Paraná observava ainda o sentimento publico, que aliás se não pronunciava com calor, nem pela imprensa nem no parlamento (2).

(1) Um dos itens do programma do Imperador era: “reformas electoraes (eleição directa e por circulos)”.

(2) “Nunca, em quadra alguma, o paiz se apresentou tão calmo e frio a respeito de innovações politicas como se acha actualmente; a feição característica da quadra actual é a applicação quasi exclu-

A sessão de 1854 fôra, em synthese, — no campo politico — infeliz. O ministerio perdera prestigio, enfraquecido com a questão da reforma judiciaria. As idéas de Nabuco, antes mesmo de apresentadas á camara, eram alvo da opposição de muitos de seus amigos. Wanderley, presidente da Bahia, mal lhe chega a consulta do ministro da justiça, mostra-se prevenido: “recebi o projecto de reforma e vou examinal-o: é uma revolução completa e eu tenho medo de revoluções”.

Nas conferencias e pareceres ministeriaes esse projecto perdera a tal ponto substancia, tanto se desfigurara, que quando Nabuco o apresentou, era já um plano “mutilado, incompleto, sacrificado ás exigencias politicas”, como elle proprio testemunhou.

Ainda assim essa reforma judiciaria trouxe uma grande crise para o governo, forçado, afinal, a alijal-a, e a adiar indefinidamente a sua discussão no senado.

O projecto primitivo de Nabuco esposava a idéa, tambem defendida pelo imperador, (1) das incompatibilidades para os juizes, forçando-os á opção entre a judicatura e o posto electivo. Entretanto, ao ser apresentado á camara, os dispositivos incompatibilisadores haviam sido eliminados. E' que impressionara a Paraná “o interesse parlamentar, o voto dos deputados magistrados” (2).

siva aos melhoramentos materiaes; é por outro lado uma especie de scepticismo pelo que diz respeito á estimação do pessoal”, dizia Sayão Lobato na camara a 25 de agosto de 1855.

O deputado Araujo Lima affirmava a desnecessidade da reforma. Tão calma era a paz politica e tão accentuada a tendencia aos melhoramentos materiaes, que o projecto não passava de um ensaio, uma theoria que se queria applicar por desenfado, um exercicio da imitação de loucuras e innovações francezas: “o abutre das innovações continúa a devorar-nos as entranhas”.

(1) Vide carta de Pedreira a Nabuco, apud. J. Nabuco, op. cit. I, 190.

(2) J. Nabuco, op. cit. I pag. 191.

A despeito dessa transigencia levantou-se na camara uma rija opugnação que ameaçou a sorte de Nabuco, quiçá do ministerio, e mal consentio uma approvação custosa da reforma. Suggestivas no correr das discussões, em emenda acceita, senão provocada, por Nabuco, as incompatibilidades despertaram ceulema que afinal as sepultou num "destaque" opportunistas.

Fóra da camara um vibrante movimento de opinião surgira e irradiara, tendo á frente a "bandeira de Vassouras", a crescer num veto capaz de influir para o abandono a que foi relegado o projecto no senado.

Paraná e seu ministerio sahiram daquella discussão evidentemente diminuidos. E a politica cahiu numa especie de marasmo.

As idéas liberaes que encontravam então terreno proprio á sua realisação tambem pareciam dormentes.

Talvez os que devessem estimulal-as defender e propagar, narcotizados pela conciliação, adiassem-n'as displicentes ou contentados.

Por esse lado nada premia ao gabinete a cumprir aquella vaga promessa inicial de reforma eleitoral. Nem as condições que estabelecera o presidente do conselho se haviam verificado.

Foi, pois, surprehendente, e desafiava a perspicacia dos commentadores, a resolução subita de Paraná, quasi ao fim da sessão de 1855, de resuscitar, no senado, um projecto de incompatibilidades e circulos que alli jazia desde 1848.

Inopinadamente o governo pulava de um a outro extremo: de um projecto na essencia, ou apparente-

mente, reaccionario (reforma judiciaria) para outro, aparentemente, ou na essencia, liberal.

As eleições de 1856 não tardavam. O ministerio teria de presidil-as. Paraná, adepto dos circulos e das incompatibilidades, deliberara realisar o pleito sob um novo regimen legal. Sonhava com a gloria, que imaginara grande, de uma reforma, cuja benemerencia calculava immensa. Haviam de ver que sua politica não era só a conciliação pessoal e opportunistica, não se atinha aos mesquinhos limites das accomodações, das aposentações e das nomeações. Faria obra capaz de desafiar o futuro. Sua tarefa não era a de amortecer e corromper. Queria dar uma demonstração impressionante. Julgou, com acerto ou paradoxo, que, a uma camara em vespersas de terminar o praso da legislatura, a deputados inquietos pela reeleição, talvez fosse mais facil arrancar uma lei eleitoral que abalaria nos seus alicerces os costumes politicos vigentes e destruiria as "machinas" que ao parlamento haviam trazido quasi todos aquelles mesmos legisladores.

Certo é que o desafio ia ser ousado, a imposição audaciosa, tanto mais quanto a idéa dos circulos vinha casada á das incompatibilidades que, ainda no anno anterior, tivera de ser abandonada.

II

Paraná encontrou no senado viva opposição, desde o parecer de Euzebio, Olinda e Maranguape, que julgavam o projecto, além de inconstitucional, inconveniente.

O debate em plenario começou a 16 de julho de 1855. Ia ser dos mais solemnes.

Discutem-se primeiro os artigos relativos ás incompatibilidades.

Contrario a ellas era Euzebio, fossem as directas, fossem as indirectas com penas cominadas. A magistratura déra na vida politica fartas provas de independencia. “Qual tem sido entre nós, — perguntava elle — a opposição parlamentar qualquer que seja a politica dominante, que não tenha contado em seu seio varios e distinctos membros da magistratura?” E nem se allegasse a pressão exercida nas comarcas pelos magistrados — “qual é na occasião das eleições a opinião que os candidatos procuram saber: a do juiz de direito ou a do governo?” Si a falta que faziam os juizes afastados de suas comarcas pelo exercicio de mandatos politicos era argumento ponderavel, estava sendo exaggerado pelos propugnadores das incompatibilidades. A camara era composta de 113 deputados dos quaes apenas 23 juizes capazes de fazer falta em seus postos. Entre estes estavam Wanderley, Paes Barretto e Nabuco que não haviam sido afastados de seus cargos pelas eleições, e que não estariam no juizado se não tivessem sido eleitos. Eram homens cujo merito lhes dava outras occupações, taes como as de presidente de provincia ou ministro. Os que se ausentavam de suas comarcas reduziam-se a 18, sobre um total de 184 juizes em todo o paiz.

As incompatibilidades não haviam vingado em qualquer das situações, tanto liberaes quanto conservadoras; contra as incompatibilidades tinham votado grandes elementos do partido luzia. A opinião politica lhes era hostile. Essa idéa não tivera successo nem mesmo sob a acção do panico de 1848, quando a crise européa prenunciava grandes perigos revolucionarios nas suas repercussões no Brasil; quando as opiniões innovadoras, até então timidias e moderadas, passaram

a pedir tudo: — reforma do senado, fusão, reforma eleitoral e parlamentar, revisão dos tratados, commercio a retalho nacionalizado, impostos proteccionistas ou prohibitivos. Nem mesmo em tal ambiente, no qual a coherencia dos homens cedia (1) receiosa, as incompatibilidades puderam vingar, soffrendo forte combate na camara para encalhar no senado onde agora resurgiam.

Emquanto Jequitinhonha contava aos dedos os juizes senadores (vinte e dois num total de cinquenta e poucos senadores), D. Manoel elogiava o valor dos magistrados politicos entre os quaes Nabuco, Taques, Wanderley; (2) e Gonçalves Martins oppunha ás estatisticas de juizes-parlamentares, as de professores deputados e senadores, proporcionalmente em numero muito mais elevado que aquelles.

Vergueiro, por seu lado, defendia as incompatibilidades, invocando razões historico-sociaes. Fizera o paiz progresso espantoso no seu desenvolvimento intellectual. Antes de 1808 não existia uma só imprensa

(1) Euzebio não fazia dessa variabilidade motivo de ataque: “não quero com isso fazer censura de incoherencia a ninguem; nestas questões muito graves, nestas questões constitucionaes o tempo e sobretudo a experiencia podem produzir grandes modificações nas mais profundas convicções; as circumstancias actúam muito sobre o espirito; os caracteres politicos mais firmes e illustrados não deixam de pagar esse tributo á humanidade; as circumstancias em que nos achamos podem alem disso obrigar-nos, por um calculo de prudencia ou politica, podem mesmo sem modificar nossas opiniões impôr-nos o dever de alguma concessão; e se o motivo nasce do interesse publico e não dos particulares não sei que essas modificações sejam deshonrosas”.

Euzebio lembrava que em 1848 como elle haviam votado contra as incompatibilidades Saldanha Marinho, Lopes Netto, Aprigio, Taques, Gonçalves Martins, Góes, Tosta, Pedreira, Paulino, Fernandes Chaves, Wanderley...

(2) “Não é o snr. juiz dos feitos da fazenda da Bahia, actual ministro da marinha, um dos ornamentos daquella camara?”

no Brasil; em 1821, só duas: uma no Rio e a "Edade de Ouro" na Bahia. As poucas escolas ensinavam só grammatica e rethorica, e "uma cousa chamada "philosophia". Não havia gente indonea para um governo constitucional representativo. Mas, como então o governo era do quero e mando, a falta de instrução não se fazia muito sentir. Veio a independencia e o systema constitucional, a exigirem nos homens de governo conhecimentos, habilitações. "Na magistratura é que havia mais illustração, e em todos os tempos houve isso, o clero e a magistratura sempre tiveram alguma illustração". A principio grande era a falta de magistrados, tanto que em 1833 o governo tivera necessidade de demorar a execução do codigo do processo porque este exigia, a respeito dos juizes, um anno de pratica, e era necessario esperar que se formasse a primeira turma de bachareis, nas academias, para serem nomeados juizes de fóra e assim se habilitarem a juizes de direito. Era visto que, quando isso occorria, impossivel seria prescrever incompatibilidades politicas aos magistrados. As circumstancias, porém, em 1855 eram outras, e a opinião forçava a adopção das incompatibilidades: "o escandalo tem augmentado muito, o clamor é geral". Ninguem temesse que os grandes oradores e estadistas magistrados desaparecessem da scena, forçados pelas incompatibilidades. Elles continuariam politicos.

Pindaré contestava de outro modo o argumento da perda dos grandes oradores e grandes politicos magistrados: "disse-se que nessa classe (a dos magistrados) tem apparecido grandes oradores, grandes homens. E' verdade; não o nego. Mas quando me lembro que em 1831 appareceu um homem que não tinha diploma, e que, entretanto, se batia com todo o denodo, que serviu de mestre a alguns dos nossos

grandes politicos de hoje, e a quem se obedecia então, digo que não farão falta esses oradores-juizes... Fallo de Evaristo. E diploma não tinha tambem Rebouças; nem o sempre chorado Paula Souza, mas batiam-se cara a cara com muitos homens que tinham diplomas e muitas vezes os fizeram morder a terra”.

Paraná quando chegou a sua vez de fallar evitou essas minucias de discussão e compoz a sua resposta nos termos geraes, adubando-a de tempero conciliante. O projecto não bania os magistrados; não prescrevia incompatibilidades directas. “Qualquer projecto — dizia elle — que nas circumstancias actuaes do paiz, no estado de sua illustração quizesse excluir absolutamente os magistrados das camaras legislativas, seria inconveniente”, além de ser anti-constitucional. A sua opinião era a mesma que esposara em 1848.

Quando o projecto passou á camara tambem alli encontraram as incompatibilidades forte impugnação. Zacarias, Figueira de Mello, Diogo Teixeira de Macedo, no parecer inicial julgavam-n’as inconstitucionaes. Sayão Lobato, quasi a repetir a formula de Souza Ramos no senado — “não basta que os magistrados não possam ser deputados, mas que os deputados não possam ser magistrados”, assignalava que o projecto afastando dos postos electivos os funcionarios, transformava os mandatos de deputados em degrãos para os pretendentes alcançarem os lugares de funcionarios (1). E esses preten-

(1) Corrêa das Neves achava o projecto incompleto e injusto reclamando iguaes incompatibilidades para os promotores e inspectores d’alfandega. No anno anterior (1854) dizia Figueira de Mello na

dentes, ajuntava Zacarias, seriam muito mais humildes e dependentes do que os que já tinham posição: "pergunto eu á camara: quem se mostrará mais docil aos acenos do governo, um juiz de direito que a tempos goza de seu emprego e tem na sociedade uma posição segura e independente ou um aspirante á vara de juiz de direito?... ..no caso de uma repulsa do voto contrario do magistrado não póde o governo hostilisa-lo sem tornar conhecida do publico a causa da perseguição, entretanto que o aspirante pode ser impunemente torturado em suas aspirações e repellido mesmo no ultimo momento sem estrepito, sem offensa de direitos perfeitamente adquiridos". A ser logica a lei devia prohibir que os legisladores pudessem aceitar titulos, condecorações, nomeações do governo (1).

O ataque de Araujo Lima é vibrante, cerrado. Para elle, com as incompatibilidades, perderia o parlamento em illustração e nada ganhavam os costumes electoraes. A's vezes seu discurso se ouriça dos desabrimientos da verrina: "quem é que cobre as localidades com os seus delegados e subdelegados, com a guarda nacional, com a força publica, para dar a direcção

camara: "porventura o juiz municipal, o juiz de direito e o desembargador faltam mais ás suas obrigações quando são deputados do que o inspector da thesouraria, o alto empregado do thesouro, os professores e lentes ,o militar?" Devia-se fazer a experiencia das incompatibilidades geraes "para ver se a nação é mais bem servida, tendo no parlamento agricultores e commerciantes, que hoje estão inteiramente alheios aos negocios da administração, que não teem pratica nem conhecimento destes negocios".

(1) Esse mesmo argumento expendia Bandeira de Mello desdobrando-o: "não teremos no parlamento juizes antigos despachados antes das eleições, mas teremos no parlamento juizes de direito modernos despachados á posteriori, isto é, depois das eleições, depois de terem assento nesta casa." Taes juizes teriam de se afastar de suas comarcas para continuarem a tomar parte nas sessões legislativas. Praticamente o projecto não impediria a acção partidaria dos juizes, mas sim que os juizes coadjuvassem na feitura das leis.

que quer á votação do povo? E' o governo ou o magistrado? — Quem é que traz constantemente pendente sobre a cabeça do povo a espada de Damocles — a prisão e o recrutamento? E' o governo ou o magistrado? — Quem é que manda suas bayonetas para vedar o povo de votar livremente? E' o governo ou o magistrado? — Quem manda fazer fogo sobre a população que quer votar livremente? E' o governo ou o magistrado?" (1).

Estas perguntas resoavam no recinto, arrancando applausos. A torrente da convicção crescia naquella sequencia de interrogações que affirmavam. Mendes de Almeida tenta lançar um dique ao caudal rethorico e inquire tambem: "e quem deixa de processar a toda essa gente que faz taes desordens?" — Ousada intervenção, aliás, porque contra taes abusos os magistrados locaes nada podiam.

Araujo Lima não abandona os pinceis; o seu discurso é uma grande tela onde vae colorindo costumes do tempo: "senhores, eu tenho assistido eleições, presenciado os mais escandalosos abusos. ... A immoralidade politica tem-se infiltrado por todos os polos da sociedade brasileira... O magistrado tem

(1) O designio de cercear a força do governo em relação ás eleições vinha de longe. Vasconcellos ao discutir no senado a reforma eleitoral de Paula Souza dizia, a seis de junho de 1848: "quem é hoje o subornador-mór do imperio? E' o governo. Poderão dizer-me que não, mas eu tenho por testemunha o paiz todo. Quem transtorna as eleições, quem priva os cidadãos do seu livre voto, quem faz que appareção nas camaras os que se dizem representantes do paiz? E' o governo; isso é inquestionavel. Entretanto que providencia se dá aqui contra a intervenção do governo nas eleições?" Vasconcellos queria garantias contra as aggressões que "o governo tem feito ao paiz em seus mais importantes direitos". Entendia que a reforma eleitoral de nada valia sem a da lei de tres de dezembro a da guarda nacional. Segundo seu parecer a reforma eleitoral e as incompatibilidades tornavam o governo invencivel "dictador supremo remove todos os concurrentes das eleições"; "os concurrentes mais poderosos, os juizes de direito, por exemplo, que são aquelles que, pela perpetuidade de seus cargos, pelos privilegios de que gozam, menos terror temem das medidas do governo, os juizes de direito ficam fóra do combate".

muitas vezes necessidade de adherir a uma opinião politica por bem seu, para conservação da sua dignidade, para não ser exposto ao desrespeito, ao insulto, daquelles a quem contraria com seus actos. Lá se foi tempo em que a autoridade tinha a seu favor o respeito, a consideração de todas as classes; hoje qualquer sargento de policia, qualquer agente do executivo, provoca, desrespeita e ameaça o magistrado! Como quereis que o magistrado não busque na sua comarca alliados a bem de sua propria segurança? Como o arredaes com vossa lei das posições politicas?... Quando não peça votos para si os procurará para um protector, para um amigo, que trate de seus interesses”.

Toda a reacção levantada contra os magistrados politicos não tinha fundamento, a experiencia lhes era favoravel: “não são magistrados politicos as intelligencias mais elevadas, os caracteres mais bellos do nosso paiz — os Paulinos, Euzebios, Nabucos, Wanderleys...?” “Os magistrados politicos tem grandes motivos para serem mais honestos possiveis. Só por uma conducta toda nobre podem elles acarrear os respeitos e veneração de seus concidadãos e tem a sua honestidade sob a sancção implacavel de seus adversarios politicos” (1).

A nova lei baixando o nivel moral da magistratura ia della afugentar os talentos, os homens de valor: “disseminados os magistrados por toda a inculta-

(1) Na sessão de 18 de julho de 1854 o deputado Fluza (futuro Barão de Bomjardim) allegava, contra as incompatibilidades, ser necessario no parlamento quem conhecesse o direito praticamente: “os Jurisconsultos praticos são os mais habilitados para fazer boas leis; os juizes ainda mais habilitados do que os outros. O advogado estuda a lei no seu espirito e letra, e tambem o meio de tirar vantagens para seus clientes; os magistrados estudam a letra e o pensamento da lei e manelra de a executar bem e conscienciosamente... seria uma grande infelicidade para o paiz se as camaras não tivessem em seu selo magistrados”.

superficie do imperio com ordenados insignificantes, acredita o nobre ministro da justiça que homens de verdadeiro talento quererão viver nas brenhas até o fim da vida, porque só no fim de 20 annos ou no fim della é que se chega a ser desembargador?”

Fraco parecia a Araujo Lima o allegado objectivo de evitar que o magistrado se afastasse de sua comarca: “o poder legislativo é o poder dos poderes, é aquelle que mais deve preoccupar os homens de estado e para o qual todas as leis de um povo devem chamar todas as capacidades; qualquer, pois, que seja a falta que faz um magistrado, ou qualquer outro empregado no exercicio de seu emprego a lei deve facilitar-lhe a entrada no parlamento... O Sr. Vasconcellos com a lei de 3 de Dezembro constituindo o paiz; o Sr. Tosta salvando Pernambuco com a sua bravura; o Sr. Euzebio acabando com o trafico; o Sr. Paulino dando-nos a gloria no exterior — não prestaram serviços mais grandiosos do que julgando feitos em seus tribunaes, por grandes que fossem sua intelligencia e honradez?”

Os que defendiam o projecto, como Eduardo França e Pereira da Silva, appellavam para o excesso de funcionarios na representação politica: “olhem para os bancos desta camara, vemos que todos ou quasi todos são occupados por empregados publicos. Não ha aqui um negociante, não ha um lavrador... Deve haver um paradeiro á invasão dos empregados publicos na representação nacional” — dizia França. E Pereira da Silva, combatendo esse quasi exclusivismo, e a tendencia do brasileiro ao emprego publico, lembrava que fizera parte de uma camara em que de 103 membros 95 eram funcionarios publicos.

Paraná, na camara, como o fôra no senado, é, a respeito das incompatibilidades, justificador, conciliante. "Julguei vantajosas á administração das provincias taes incompatibilidades — dizia elle — porque esses funcionarios publicos podiam-se apresentar exigindo votos de seus subordinados; julguei tambem que podia haver immoralidade na eleição desses funcionarios quando eleitos pelo circulos em que exercessem jurisdicção, mas si elles perdem o direito de ser eleitos em 3,6 ou 20 circulos como por exemplo, em Minas, fica no imperio ainda um cento de circulos onde apresentem a sua candidatura e pôde essa candidatura triumphar sem prejuizo do exercicio das suas funcções e sem que se possam acoimar esses votos de obtidos como remuneração do máo desempenho das obrigações a seu cargo, do seu dever".

Tal em synthese a discussão das incompatibilidades. A relativa aos circulos, que correu simultanea não foi menos interessante em ambas as casas do parlamento.

No senado Paraná exaggera a brandura. Anda com pés de lã como quem receia aggravar uma dissidencia com amigos. Não se susceptibilisa nem fere, o que é nelle excepcional, rarissimo. Apenas combate argumentos e discute razões. O impetuoso sabia refrear explosões quando isso convinha. E' que nada aproveitavam, no senado, incidentes. Só as provocações reiteradas de Gonçalves Martins e D. Manoel atiram o presidente do conselho, máo grado seu, aos corpo a corpo.

O parecer com que entra em plenario, como na parte das incompatibilidades, é contrario á proposição dos circulos.

Para a maioria da commissão do senado (Euzebio, Olinda, Maranguape) só males trariam os circulos. Despertariam ambições até então adormecidas; augmentariam o espirito de interesse individual, aggravando os inconvenientes do espirito de partido; maior seria o arrojo das porfias facciosas por uma victoria local que passaria a não depender de outras alhures; intrigas, inimizades, rancores, que são o ranço das eleições, multiplicar-se-iam. E o nivel da camara desceria, escolhidos representantes nacionaes "os empregados subalternos, as notabilidades de al-dêa, os protegidos de alguma influencia local". Os defeitos que se queriam remediados não estavam nas leis, mas nos costumes.

Pimenta Bueno e Sapucahy, ao contrario, nos seus votos em separado, só vantagens encontravam nos circulos — desde a facilidade para a fiscalisação dos pleitos, até a representação de todos os interesses e opiniões de cada parte da provincia, libertas as maiorias locais da absorpção pela maioria provincial.

Para estes senadores os circulos seriam um respiradouro "até mesmo para as paixões politicas que se exasperam quando julgam não restar-lhes esperanças ou meios legais de conquistar adhesões". As agitações eleitoraes e seus perigos passariam a ser movimentos isolados que se neutralisariam, enfraquecido, senão extirpado "o espirito cioso e nocivo do provincialismo que entorpece a homogeneidade ou antes a unidade nacional". Eram os circulos largo passo para a divisão proporcional das provincias "base indispensavel para uma politica elevada". Trazendo melhor representação aos interesses moraes e materiaes das localidades, evitariam "a influencia, nociva muitas vezes, das deputações compactas para conseguirem medidas custosas ao paiz e ao governo".

Pimenta Bueno num discurso notavel insistiria em demonstrar que "uma das primeiras necessidades de todo e qualquer estado e especialmente do Brasil é de crear a homogeneidade, de firmar a unidade nacional. Todas as suas instituições, todas as suas leis devem convergir constante e decididamente para esse grande fim. E' nessa unidade e só nella onde reside a força nacional, onde está a individualidade do estado, sua perpetuidade, sua segurança, assim externa como interna. Essa é a unica base ampla e firme sobre que podem concorrer e compôr-se harmoniosamente todos os interesses das diversas localidades, sem rivalidades, sem zelos, sem injustiças. Ella e só ella é que pôde fazer com que todos os brasileiros sejam brasileiros, e extinguir os nomes de paulistas, mineiros, bahianos, e com esses nomes extinguir tambem a distincção de interesses rivaes. . . Vemos a par de pequenas provincias outras consideraveis, que relativamente são grandes estados, estados preponderantes, que teem interesses distinctos e oppostos, como que nacionalidades diversas com forças desproporcionadas e capazes de entrar em lucta com o governo central e pôr em duvida a individualidade do imperio".

A lei dos circulos attenuaria tal estado inconveniente e perigoso, O systema eleitoral vigente convidava as influencias pessoas das provincias a allia-rem-se; a, vencendo nas eleições, formarem e dirigirem as deputações, objectivando um predominio politico nem sempre vantajoso. As grandes deputações representando a força dos interesses provinciaes era nociva á grande politica: "segundo o nosso actual systema eleitoral que fará um ministerio no Brasil desde que as deputações compactas das tres provincias de Minas, Bahia e Pernambuco allia-rem-se contra elle? . . . Será perfeito o systema em que só tres provincias entre

tantas exerçam tal influencia? Terão ellas sempre razão de sua parte? Defenderão sempre nessa opposição os verdadeiros interesses geraes ou nacionaes?"

Os círculos, tornando pessoalmente independentes os representantes, enfraqueceriam essa nociva coesão das deputações regionalistas.

A isso Gonçalves Martins contestava, affirmando que as divisões maiores ou menores não infuiam na cohesão nacional, mas a mesma lingua, as mesmas instituições, a legislação a mesma. Provincias grandes ou pequenas "governadas por um delegado do governo imperial com attribuições identicas; de posse de uma assembléa legislativa com iguaes poderes; tendo juizes com nomes e juridicções semelhantes; os mesmos codigos; as mesmas subdivisões territoriaes de comarcas, municipios e freguezias; emfim a mesma religião e uma só lingua" tinham dentro do Brasil todas as condições de unidade e homogeneidade. "Os representantes da nação embora enviados por provincias maiores ou menores são eleitos da mesma maneira, com as mesmas condições e segundo a base da população. Um monarcha, uma assembléa geral, um só tribunal supremo, um exercito, uma armada, corôam o edificio da unidade brasileira". Se se queria enfraquecer as deputações grandes, logicamente devia-se fazer a divisão territorial que, essa sim, não era inconstitucional (1).

(1) Gonçalves Martins dizia que no governo era a divisão territorial o objectivo do governo que a não propunha com receio da resistencia das deputações grandes. Os círculos visavam annullar estas deputações. Dourava-se a pilula. Paraná declarou no senado não accetara os círculos como meio de dividir as provincias, mas como meio de obter representações das necessidades locaes. "Não me resta a menor dúvida de que o governo tem a força precisa para fazer passar uma medida de divisão de provincias quando o entender conveniente. Considero util e vantajosa uma nova divisão; se não tenho apresentado

Souza Ramos era mais positivo e achava que a nova lei ao emvez de ser remedio ao provincialismo, ao contrario, o aggravaria, transformando-o em localismo. Se havia interesses de provincias contrarios ao interesse nacional, seriam elles substituidos pelos interesses locaes e pessoases, com peiores effeitos.

No correr dos debates repetia-se como estribilho a locução "notabilidades de aldêa". Vergueiro não receiava que os circulos as trouxessem á camara: "não se necessita de homens de vasta instrucção; o bom senso e a firmeza de character são excellentes dotes para um legislador". As notabilidades de aldêa conheciam o espirito nacional que não estava nas capitaes: "os homens das cidades sabem a linguagem diplomatica do grande mundo, fallam para occultar o que pensam. A notabilidade da aldêa — não — diz o que entende". Essa linguagem, essa attitude, convinha ao interesse publico (1).

Souza Franco fortalecia alguns argumentos de Vergueiro, dizendo que muita opposição ao projecto vinha de que a nova lei tendia a diminuir "essa oligarchia que domina de tal sorte as eleições no paiz que ninguem pôde ser eleito sem a vontade della".

A discussão chama á tribuna metade do senado. Fallam Jequitinhonha, Maranguape, Olinda, Souza Ramos, o Visconde de Albuquerque, Silveira da Motta, Souza Franco. Mas os discursos centraes são os de Euzebio; emquanto o debate politico-pessoal aquece a eloquencia de Gonçalves Martins, D. Manoel e Paraná.

proposta neste sentido não é porque não oreia na sua necessidade mas porque as despesas que essa nova divisão de provincias acarreta nos inhihem, nas circumstancias actuaes de a fazer".

(1) "Quando tiverdes hoje uma assembléa representando pequenos interesses locaes não tereis uma assembléa da nação" — contes-tava Gonçalves Martins.

Euzebio em longas orações, ouvidas com attenção religiosa, exgottava os argumentos contrarios ás incompatibilidades e aos circulos (1) — os de ordem histórica; os da tradição dos partidos; os de ordem constitucional; os das conveniencias politicas, e até os pessoases — *ad hominen*, estes, em referencias cortezes. E arriscava-se ao estylo prophético, em previsões que iriam ter plena confirmação.

Não via porque ser abandonada a divisão religiosa das parochias pela divisão arbitraria, inspirada pela politica, dos novos circulos. Estes de nada valiam desde que o governo continuava com as mesmas armas e com a mesma força. Se algum resultado manasse dessa divisão seria fazer desapparecer nas provincias as grandes forças ligadas pela communhão de interesses, substituindo as grandes unidades provinciaes por mesquinhas localidades, com suas influencias secundarias, sem nexos, sem meios de acção. Isso não era favorecer a liberdade da eleição, mas partir os liames de partido pelo isolamento dos interesses individuaes dos candidatos, continuando o governo a influir na provincia assim dividida. E nem a representação das minorias era defendida, pois os supplentes sahiriam das votações da mesma maioria. Da lei dos circulos resultaria a perversão dos costumes politicos, pois se, pelo systema vigente, não precisava nem o candidato, nem o governo, ganhar em toda a parte, com a nova lei tudo fa-

(1) D. Manoel na sessão de 8 de agosto referia-se assim ao grande discurso de Euzebio sobre os circulos: "na sessão de sabbado (4 de agosto) snr. presidente, o senado ouviu por espaço de tres horas e meia o nobre senador pela provincia do Rio de Janeiro e não contente com lhe ter dado frequentes e repetidos apolados, no fim a maiorla do senado correu a cumprimental-o".

Macêdo no seu "Anno Biographico" refere que Paraná depois de ouvir o discurso de Euzebio disse a um amigo commum — "vá de minha parte dizer ao Euzebio que lhe bastava este discurso para perpetuar seu nome na historia parlamentar do Brasil". E no dia seguinte respondeu a Euzebio, afogando-o entre os braços de ferro de sua dialectica cerradissima".

riam ambos por obter victoria em cada circulo, (1) em todos os circulos. As eleições ao emvez de, como dantes, dirigidas pelas influencias reacs, pelos grandes nomes da provincia, com posição social, selo-iam pelas pequenas influencias locaes. Mais faceis iam tornar-se as annullações e depurações. Das indicações por toda a provincia, feitas pelo governo, ou pelas influencias provinciaes, resultavam melhores escolhas, pois muitas vezes, para attenuar uma preterição buscavam-se notabilidades. Na eleição por circulos ou vingaria a prepotencia ou o criterio das indicações locaes (2). Demais o novo systema tornando mais directas as relações entre elcitor e candidato sacrificava os interesses geraes aos pessoaes. “No systema actual as influencias que decidem são as de primeira ordem e apresentam por isso mais garantias de acerto; não só teem mais habilitações para escolher bem, mas, e é esta a primeira razão, ellas não actuam immediatamente sobre as massas, não exercem um predominio, não impõem a sua vontade como um preceito do senhor; teem necessidade de dirigir-se ás influencias das localidades que, embora menos importantes, querem que se falle á sua razão; não accetão ordens mas conselhos. Assim se essas influencias maiores, esquecen-

(1) Gonçalves Martins previa que os apolos locaes do governo iam scindir-se, enfraquecer-se pelo menos durante o praso da formação dos novos interesses: “os companheiros de hoje tornar-se-hão adversarios irreconcillaveis porque é só um premio o objecto da ambição de todos”.

(2) Os circulos, dizia Gonçalves Martins, iam fechar as portas ao talento. Sacrificados seriam os que não tivessem ou a protecção do governo ou o auxilio do sangue e de outras estreitissimas relações de peso sobre as influencias locaes. Somente esses laços personalissimos poderiam resistir em um ou outro ponto ás intimações directas do poder. “Estes moços talentosos que ganham seu prestigio e força nas assembléas, pela imprensa, e pela gerencia da vida publica, da sociedade, e que chegam muitas vezes a adquirir uma influencia immensa no palz, difficilmente poderão vencer aquelles dois elementos da eleição local. A escada, portanto, está quebrada para estes, salvas pequenas excepções”.

do a razão por que os outros confião na sua escolha, substituem o verdadeiro merecimento pela afilhadagem; si apresentam individuos que não podem competir com os outros candidatos regeitados, essas influencias serão perdidas immediatamente, porque as secundarias, victimas uma vez desse abuso de sua confiança, procurarão entender-se entre si, crear novos centros e o resultado será a perda dessa influencia de que se abusou. As influencias das localidades, pelo contrario, actuão immediatamente sobre as massas, e muitas vezes esse seu predominio não se funda na estima que ellas inspirão, funda-se em actos de verdadeira prepotencia, e quanto mais se respeita o prepotente, capaz de commetter crimes; quanto maior é o cynismo com que se apresenta á testa de miseraveis bandidos tanto maior é o terror que elle inspira, tanto maior é o dominio que exerce sobre as localidades. Snr. presidente, quem ignora que ha bem poucos annos nas matas da provincia de Alagôas havia um Vicente Ferreira de Paula, que, á testa de uns poucos bandidos, inspirava terror ás localidades circumvisinhas, e obrigava os senhores de engenho e familias importantes da provincia a pactuar de certo modo com sua influencia perversa? Ora, se nesse tempo a eleição por circulos se estabelecesse — acha V. Ex impossivel que Vicente Ferreira de Paula prevalecendo-se desse predominio se fizesse acceitar a si proprio como candidato ou mandasse algum digno representante de suas idéas e crimes? (apoiados). Na provincia da Bahia não vimos ha poucos annos um celebre Militão apresentar-se á testa de grupos armados, e estabelecer a coacção não em pequenos povoados mas em villas inteiras? E no Maranhão não houve outro Militão na comarca da Chapada que fez o mesmo? Ora, admittindo as elei-

ções por círculos, estará livre a representação nacional de descer a esse grão da escala social?" (1).

A polemica revestia-se da elegancia dos jogos floreaes; a discussão rebrilhava num verniz de controversia polida; argumentos e conceitos pareciam não têr enunciantes, entrecombatendo-se no recito com alguma força immaterial, nativa, e propria. Daquella liça só se ergueu o pó, quando saltaram ao combate D. Manoel — sempre aggressivo — e Gonçalves Martins — estimulado por um intimo afan de despique, por um gosto sadico, entre sorridente e amargo, de alancear o presidente do conselho. Muito pelo esforço de Paraná mantinha o senado um ambiente calmo, uma temperatura primaveril. Mas aquellos dois senadores coriscaram o ar.

Gonçalves Martins preferia o *statu-quo*. Si o systema eleitoral vigente havia dado bons resultados — porque modifical-o? E' que o governo queria se desembaraçar dós grandes grupos parlamentares. Repugnavam-lhe os partidos: "estou vendo que em

(1) A esta prevlsão de Euzebio (que se realisou, pois na Bahia Militão impoz pela força um representante seu, um sobrinho, sem o menor merito, que venceu o Dr. Mariani) respondiam Souza Franco e Paraná. Souza Franco dizia: "quanto aos receios dos nobres senadores de que se possam apresentar os Vicentes de Paula das Alagôas, os Raymundo Gomes do Maranhão, os Militões do Maranhão e da Bahia, assassinos conhecidos, homens da ultima classe da sociedade, não posso admittir nem supportar que quizessem fazer uma tal censura ao paiz, suppondo-o no estado de desmoralisação tal que pudesse escolher esses homens para o representar na camara. Nenhuma camara de deputados havia que os admittisse em seu selo, não lhe façam essa injustiça... Contra as eleições por força ha o remedio efficaç da desapprovação das mesmas pela camara respectiva". Paraná por sua vez respondia: "as localidades em que tem apparecido esses individuos não contam uma população tal que pudessem dar um deputado; mas quando esse factó isolado apparecesse elle não podia servir de argumentação contra os círculos, porque se elle se desse o que se seguiria? Seguir-se-ia que os círculos com effeito não offerecem... uma facil conquista aos governos que querem exercer uma influencia illegitima nas eleições".

pouco tempo para que elles existam entre nós terão que esconder-se nas maçonarias. Pois o governo constitucional dispensa os partidos?... os partidos, senhores, são como os rios caudalosos que nas edades geologicas deviam ter feito estragos, procurando vencer obstaculos para se abrirem leitos por onde corressem suas aguas. Ninguem porém disse ainda que não devesses existir rios... As idéas e as opiniões são como as aguas, devem ter seu curso e leito por onde transitam: esses leitos são os partidos... E' muito natural que na epoca da formação dos partidos houvesse excessos, mas tambem é certo que o novo systema da extincção dos partidos appareceu quando taes excessos declinavam a olhos vistos e as idéas continuavam a fazer seu curso placidamente... um governo que nos dissér que a elle só cumpre mandar e a nós sómente obedecer, dispensando os trambolhos dos partidos e dos grupos, este governo não nos convirá porque constituimos um povo livre. Se não mudardes a fórma do governo hei de querer que escuteis as condições do meu apoio”.

Gonçalves Martins enviava, assim, a Paraná e á “conciliação” uma nota diplomatica de rompimento.

O presidente do conselho esforçava-se porém por evitar a separação. Não deixaria, comtudo, os ataques sem resposta. Jamais admittira a conciliação-fusão; ella seria uma utopia. Jamais pensara na extincção dos partidos; nem era contra os grupos. Entrando para o governo julgara conveniente libertar-se de algumas preocupações. Olhara para as circumstancias do paiz. Embora mantendo os principios politicos que sempre defendera, e, constituindo uma administração conservadora, não excluira o progresso. “Chamei em primeiro lugar os conservadores, para apoiarem o governo, mas, comtudo, disse que o governo acceitaria a adhe-

são de todos os homens, sem indagar se elles tinham sido anteriormente luzias ou saquaremas; accitava a adhesão desses individuos sem examinar o seu passado. Qual será o ministerio que entrando para o poder não tenha feito conquistas no partido contrario e não tenha tambem algumas vezes perdido amigos? Não me consta nenhum. O ministerio de 1844 não teria feito tantos progressos se não tivesse adquirido um largo apoio nas fileiras do partido conservador. Foi dahi que sahiram muitas das notabilidades que figuraram nessa epoca. Entendi, sr. presidente, que tinha passado a epoca da violencia, das recriminações, que convinha manter a calma que já começava a apparecer nos espiritos para lhes dar um impulso favoravel aos melhoramentos materiaes, fazer convergir para esse ponto as opiniões de todos os partidos; que convinha não ataca-los nem acoroçoal-os, por conseguinte que a primeira cousa a fazer era acabar com as denominações odiosas. Foi nesse sentido que eu disse que não averiguaria o passado, que accitaria o apoio de todos aquelles que o quizessem dar ás opiniões do ministerio, declarando ao mesmo tempo que essas opiniões eram conservadoras, mas de uma maneira que não excluia o progresso". Era a favor das minorias: desses riachinhos que não correm para o rio dos partidos, cujos enthusiasmos, então arrefecidos, resurgiriam no momento do perigo.

Esse tom explicativo do discurso de Paraná não aplaca as provocações de Gonçalves Martins que chega a dar á iniciativa do governo o character de um golpe revolucionario: "entendo — dizia o senador bahiano — que nesta epoca, que não póde ter um futuro claro, quando por um acontecimento imprevisto os acontecimentos europeus podem trazer graves perturbações que affectem as posições dos outros povos,

o governo não deve considerar-se em leito de rosas; a epocha não é a mais propria para nivelar, nem a mais conveniente para aniquillar influencias já estabelecidas, com o intuito de crear novas. Num paiz tão vasto e tão pouco populoso, sem meios promptos de acção, o governo não pôde dispensar os prestigios, confiado em suas unicas forças". (1).

Com tal lance usava o governo de um expediente para viver: "já se disse aqui que esta discussão era uma estrategia para distrahir a opinião publica de certos actos do governo; eu não digo tanto, mas entendo que pôde ser um desvio até certo ponto da direcção que tomavam os debates. A reforma judiciaria, por exemplo, devia entrar em discussão e dar-se qualquer solução a este objecto da publica curiosidade e ver mesmo se razão havia para reclamações tão vehementes de certas representações. O governo podia entender util fazer um ligeiro desvio..."

A allusão ao fracasso da reforma judiciaria e o attribuir intenções de pequena politica a um desig-nio que Paraná levantava como uma attitude para a historia — tudo eram arremços que pisavam a calma do presidente do conselho. Este inchava as suas rai-vas interiores até os maximos limites da contenção. Não pôde comsigo, e afinal explodiu num aparte, cur-to e cortante: — "isto é mesquinho, é pouco digno de V. Ex."

Mas Gonçalves Martins não se alterou — precisava manter intremula a mão para continuar a esparzir aci-

(1) "O estadista que quer fazer executar uma Idéa imminente-mente revolucionaria, que põe todo o paiz em alarma, tudo em um estado de duvida, de vacillação, que affronta os direitos constitucionaes do cidadão, é pelor é mais temivel do que aquelle que igual revolução opera provocando as massas, reunindo-as em rebeldia, concitando-as a insurgirem-se e a sahirem a campo para fazerem correr o sangue brasileiro pelas ruas de nossas cidades (reclamações, apoiados)". (Palavras de Siqueira e Queiroz na camara. Tambem Sayão Lobato chama o projecto de revolucionario).

dos: “o paiz estava tranquillo; havia socego; mesmo esse antagonismo de partidos tinha diminuido. Nós viviamos debaixo da tutela de um governo moderado que tinha a habilidade de merecer apoio sem enthusiasmo e a força de proclamar o progresso reflectido... que melhor occasião pois para entretermos neste descanço, nesta quietação, os espiritos e tratarmos dos melhoramentos materiaes do paiz, chamando sua atenção quasi exclusiva sobre elles? Seria optimo tempo para encetar alguma cousa neste genero que consolidasse a confiança, e tambem para reparar qualquer damno que possamos ter soffrido na nossa politica com o estrangeiro”.

Tal caricatura do ministerio, desenhada com paixão peyorativa, não podia ser mais ferina: governo desastrado no exterior, ainda inerte nos melhoramentos no interior, apoiado sem enthusiasmo, agitador de idéas não reclamadas pela opinião publica... O ardor da discussão cegava a Gonçalves Martins que não se poupava de lembrar a balda de violento no chefe do governo: “V. Ex. as quer trazer (as aldêas) ao parlamento nacional, para algum ministro dizer talvez a seus representantes, quando disserem cousas que lhe não agradem — isto é proprio de deputado de aldêa”.

O duello do futuro Visconde de S. Lourenço com Paraná parecia a lucta de uma vespa com um tigre. Os ataques de D. Manoel eram botes de hyena. A mordacidade neste senador correspondia ao termo — mordida.

Si de surpresa, de repente, — dizia D. Manoel — quando ninguem desse assumpto cuidava, nem sequer a elle alludindo a fala do throno, vinha o ministerio agitar a questão dos circulos, era que se sentia desa-

creditado em ambos os partidos, estimulado pelas manifestações da opinião publica a respeito da reforma judiciaria, inquietado pela representação de Vassouras. Sentindo a derrota infallivel com a reforma judiciaria, procurava apoiar-se nos liberaes dando, com a questão dos circulos, a impressão de que, ao emvez de cercar, alargava garantias ás liberdades publicas. Abandonando a reforma judiciaria e a lei do casamento dos militares atirava-se o governo á dos circulos como um expediente parlamentar.

Procurava D. Manoel estabelecer contradicções, descobrir incoherencias em Paraná; ia buscar-lhe expressões e declarações antigas, irritando o presidente do conselho. E tanto interpretava palavras e attitudes como commentava os mesmos gestos de seu adversario. Esta passagem dá a photographia da aggressividade de D. Manoel: “às vezes quando fallo tenho um costume de pôr as mãos no collete e dar certa direcção ao corpo; pois em uma das sessões passadas o sr. presidente do conselho levantou-se da sua cadeira e entrou a arremedar-me pondo as mãos no collete e dançando com o corpo (risos). Ora, alguem na Europa acreditará que o presidente do conselho de ministros do Brasil se presta a representar semelhante papel?” (1).

(1) Est'outro incidente não menos: Paraná tomara como insulto, como uma insolencia intoleravel a expressão — barganha — de que se utilisara D. Manoel. Este retruca que as palavras odio e rancor eram uma “delicadeza, um obsequio, uma bondade, uma fineza, um desses rasgos de excessiva polidez com que o sr. presidente do conselho costuma obsequiar os seus amigos”. A isso Paraná atalha — “os amigos de sua qualidade”. E D. Manoel — “em que a sua qualidade é melhor que a minha?”. E Paraná — “refiro-me á qualidade de amigo”. D. Manoel acode — “sou amigo, sei sel-o”. Paraná com desprezo — “meu não é, de certo”. D. Manoel confirmador — “nunca fomos amigos”.

Estes incidentes entre Paraná, D. Manoel e Gonçalves Martins eram dissonancias na orquestração que aquelle chefe harmonisara para as discussões senatoriaes.

Na camara outra seria a musica.

III

Quando, approvedo na casa dos velhos numa sessão memoravel, talvez a mais concorrida daquella assembléa, passou o projecto dos circulos á camara, vinha mal ferido.

Tantos senadores haviam levantado a voz contra elle, tão grande opposição partira de correligionarios, dos de mais autoridade, do presidente do conselho que os impugnadores na camara bebiam á saciedade naquelles debates, argumentos, razões, combatividade, prestigio, e attracção.

Paraná sentiu o terreno fugidio que ia pisar na camara popular. Precisava impedir á maioria de se dispersar na liberdade de opiniões acerca de um assumpto que tão politico se apresentava quanto doutrinario.

Ou tinha mão nos deputados ou perderia a partida.

Preferiu a convencer — constranger.

Isso ia bem com as circumstancias e a necessidade: ia melhor ainda com seu feitio e seus pendores.

Foi imperioso, intimidante. Appellou para os golpes fulgurantes. Juntou todas as forças e cahiu a fundo sobre os que o enfrentaram ou pretenderam abandonal-o.

O faro da derrota possivel excitava aquelle genio dominador.

Sentindo perto o desastre, o orgulhoso soffria. Mas saberia transformar o revez provavel numa victoria real. Tudo era querer — como queria; e impôr — como sabia.

Cerravam-se, como uma ala de oppositores quasi certos, os magistrados politicos, os funcionarios atingidos pelas incompatibilidades. Era ousado pedir-lhes uma especie de *harakiri* politico. Talvez devesse sacrificar as incompatibilidades aos circulos; recuar como fizera, nesse ponto, ainda o anno passado. Paraná, porém, sentia não haver mais lugar nem para hesitações nem para concessões. Ou tudo ou nada.

Surgio o projecto em plenario com um parecer contrario subscripto por Zacarias, Figueira de Mello e Diôgo Pereira de Vasconcellos. Os circulos iriam peiorar o estado de cousas vigente, — entendia essa commissão. Se os votantes costumavam ceder ás influencias locais, estas, tendo que manter certa harmonia com os homens importantes de outras localidades e da capital da provincia, visto que só por si não podiam fazer a eleição, eram por isso mesmo menos imperiosas e desabridas. No momento, porém, em que tivessem consciencia de estar nas suas mãos a sorte da eleição do districto a oppressão seria mais intoleravel, mais violenta; “os deputados se fariam dependentes dos dominadores das localidades; a baixeza e adulação injustificaveis quando se trata com um grande partido ou com uma provincia, poderia insinuar-se na execução de um mandato, devido aos esforços e vontade de individualidades preponderantes em certos e determinados circulos”.

Já na sessão de 25 de agosto, rompe o debate, Sayão Lobato. Alguns de seus projecteis só chegam á proposição de ricochete pois vão directos ao presidente do conselho. Pois que: um ministerio conservador a bater-se por uma lei, mais que liberal, revolucionaria?!

E o ministro da justiça não declarara na camara, com toda a força de convicção que o ministerio não promoveria reformas radicaes? E o presidente do conselho tambem não dissera, "relutando com a exigencia que se fazia de dar andamento a reformas desta ordem, que elle não tomava a iniciativa dellas porque reconhecia na legislação actual não existir fallencia de meios para que uma eleição se fizesse satisfatoriamente"? E no senado não declarara outrotanto não ser o projecto nenhum salvaterio, nem mesmo medida essencial para o governo mas um mero melhoramento?

Desde que se levantara naquella casa do parlamento a opposição que com tanta autoridade combatera o projecto, partida de homens eminentes a quem o paiz todo acatava e venerava, não devia insistir o presidente do conselho. Nem a opinião publica reclamava aquella reforma, cujas consequencias seriam alargar o arbitrio do governo, attribuindo-lhe com a delimitação dos circulos a decisão soberana da eleição proxima. Compostos os circulos a seu gosto, viriam á camara, não as notabilidades de aldêa, mas os protegidos dellas: "os homens mais importantes das differentes localidades não querem ser jurados nem querem ser vereadores nas camaras municipaes, não querem ser juizes de paz, não querem ser deputados provinciaes. Habitos de seu viver, interesses maiores, o acanhamento mesmo que muitos teem para qualquer practica fóra das suas occupações habituaes os arredão de semelhantes posições... muito menos acceitarão commissões da ordem do mandato da representação nacio-

nal que os obriga a maiores sacrificios, a viagens mais longas, á separação por mais tempo de suas casas e, finalmente, a residir por largo espaço na capital do imperio... Em geral não serão estes os homens que se proponham a candidatos e que acceitem o mandato para virem representar suas localidades nesta camara: por via de regra serão os protegidos de taes homens..."

Tragicos eram os prognosticos de Sayão Lobato; as antevisões funestas: "snr. presidente, votado este projecto se dá um passo para todas as innovações possíveis e mesmo impossíveis... a pedra está desprendida do cabeça da montanha, e vae rolando sem que haja forças nem dedicação possíveis para oppôr-lhe um paradeiro".

Eduardo França segue-se na mesma sessão em defesa do projecto: — os circulos impediam a imposição de chapas de designados do governo; ganhava a liberdade do voto; havia maior fiscalisação por parte dos proprios candidatos; os eleitores conheceriam melhor os candidatos, e candidatos a eleitores; evitavam-se a "agua do monte", os "esguichos", com os quaes tantas vezes com um unico collegio se transformava a eleição de uma provincia inteira á vontade do governo (1).

Eram abusos e males que desappareceriam ou seriam attenuados pelos circulos. O parlamento ia reformar-se: "não ha de ser esta câmara a partilha ex-

(1) "E' facto que se dá todos os dias nas eleições das camaras municipaes onde vemos todas as freguezias escolherem certos cidadãos e uma só freguezia transtornar essa eleição, visto como o resultado de sua votação, guardado de proposito para ser ultimado depois de conhecido o das outras freguezias, é adrede arranjado para se favorecer tal ou qual candidatura em detrimento de outra, e assim uma só freguezia altera profundamente a eleição, e lhê dá um desfecho inesperado. O que acontece na eleição de vereadores succede na eleição dos deputados".

clusiva de um ou outro partido, não ha de ser uma camara unanime"... Viriam "os representantes das localidades, homens conhecedores das necessidades vitaes do paiz", representantes de todos os interesses (1).

Começara assim o debate quando, na sessão de 27 de agosto ergueu-se Paraná, o primeiro ao ser annunciada a discussão do projecto.

Rapido é o seu discurso; de instantes apenas. Dir-se-ia, ao emvez de uma oração, apenas um gesto: — gesto vivo de incisivo mando: "tomei a palavra simplesmente para declarar que comquanto não fizesse deste projecto uma questão ministerial no senado, entendendo que não posso deixar de fazer nesta casa". O governo perderia força moral se não fosse o projecto approvado na camara. Desejava que não recebesse elle emendas. A camara tratasse de decidir quanto antes: ou pró ou contra. "Eu accetto o — contra — com todas as suas consequencias".

Equivalia dizer: meditassem os deputados; o voto contrario, se podia levar o governo a demittir-se, podia muito mais transformar os oppositores aos circulos em inimigos do governo e até causar a dissolução da camara (2).

(1) Figueira de Mello apartela: "devem ser deputados da nação e não deputados de aldêas". Ao que Octaviano acode: "e entretanto os senhores tirão o chapéo ás influencias de aldêas". E Ribeiro de Andrade ajunta: "é verdade; cortejam-n'as a todos os momentos, sem ellas não veem para aquil".

(2) Siqueira de Queiroz que falla em seguida para propôr o adiamente da materia para o principio da legislatura seguinte allude logo á imposição de Paraná: "não hesitarei em declarar o meu voto contra o projecto, embora venham da cadeira do nobre presidente do conselho as ameaças as mais terriveis que acabamos de ouvir. Quero morrer, mas quero morrer escravo das minhas convicções". Era inconstitucional o projecto, e revolucionario o governo que o sustentasse. O deputado Brandão alludindo a essa imposição de Paraná chamou-a

Quando sobe de novo á tribuna não regeita conflicts. Respondendo a um aparte de Dutra Rocha, fêre os bordões grossos do seu teclado, as notas preferidas de suas dissonancias: “não duvido que o projecto seja uma emabaçadella para aquelles que se querem salvar sobre a chusma, para os que não podem se apresentar isoladamente a um circulo (*Oh! Oh! oução*). Mas aquelles que dispuzerem de influencia legitima podem se apresentar pelo mesmo modo...” (1).

“Eu não inhiho ao governo de se interessar por eleições sinceras e livres; o que não permitto ao governo são as fraudes, as trocas e a immoralidade. O governo é assaz interessado na marcha da sociedade, para ser desinteressado nas eleições. Tenho notado, sr. presidente, que todos aquelles que se pronunciam contra a intervenção do governo só o fazem quando ella lhes é adversa, mas estão promptos a acceital-a e defendel-a sempre que lhes é favoravel”.

Nesse tom provocador e constrangedor gritava Paraná á assembléa a sua intimação — com dilemmas definidos, alternativas caracterisadas, sancções formuladas.

O adiamento proposto por Siqueira de Queiroz foi regeitado. Era a victoria.

Já não importavam discursos; os votos estavam contados.

de “modo imponente e audaz” — “como um senhor no meio de sua fazenda” — “como um senhor feudal em seus dominios, impondo soberanamente a sua vontade de ferro”.

(1) Resposta semelhante dá a Zacarias fazendo um vaticínio que se confirmou, pois Zacarias, candidato na primeira eleição por circulos, foi derrotado: “esta opinião, dizia Paraná a Zacarias — vem daquelles que não são capazes de affrontar uma prova de eleição por circulos, porque são deputados de enxurrada”.

Mas a discussão continuaria (1), e, mesmo sem necessidade, Paraná não deixava de empunhar a ferula.

E' frizante este incidente: Zacarias apreciava da tribuna a declaração do presidente do conselho de fazer questão de gabinete da approvação do projecto quando Paraná deflagra: — "pode fazer os comentarios que quizer; a questão é ministerial". E continuando Zacarias, ao dizer que a commissão de que fôra relator, precindira do direito que lhe assistia de estudar mais pausadamente o projecto, e dêra com urgencia o seu parecer, o chefe do gabinete, ao emvez de mostrar-se agradecido á preseteza, investe com essa affirmação immoderada e ex-energia exaggerada que *tomaria, se occorresse* circumstancia não esperaria pela apresentação do parecer da commissão".

Essa ameaça "a posteriori" causa sensação e provoca agitação na camara. Tal desdem pelo parecer de uma commissão do parlamento; a desnecessidade mesmo de semelhante attitudo no definir um golpe de energia exaggerada que *tomaria, se occorresse* circumstancia não verificada — não eram lances de lucta par-

(1) Não escaparia a essa rispidez do presidente do conselho, se este o ouvisse, o deputado Brandão ao descrever scenas parlamentares: "o que vimos, senhores, nestes ultimos dias? Vimos os ministros deramados pelos salões e corredores desta casa abalroando a um e a outro deputado, envidando todos os expedientes, invocando antigas relações e mesmo a amizade do momento, somente para terem votos com os quaes podessem fazer passar o seu projecto! O Sr. Mendes de Almeida — "E' uma injuria á maioria. O Sr. Brandão — Isto que estou dizendo não é injuria; injuria faz aquelle que nega a verdade dos factos. O nobre deputado não viu que isto se deu? O Sr. Mendes de Almeida — Não senhor. O Sr. Brandão — Quem nega isto, nega a luz meridiana. Declaro que vi e commigo muitos outros, o nobre presidente do conselho e seus collegas do ministerio andarem pedindo votos para que o projecto passasse, tal qual se acha. Declaro mais que houve até ameaças e que se disse, se a lei não passar o ministerio retirar-se-á do poder e então virá a politica contraria. O Sr. Siqueira de Queiroz — Apolados. O Sr. Bandão — ... e nesse caso vós ficareis debaixo".

lamentar mas simplesmente assomos do genioso Paraná.

Um halo de previsões pessimistas illuminava de sinistra luz a victoria de Paraná, quando afinal viu approvada a lei das incompatibilidades e dos circulos. Araujo Lima exclamava: "nas proximas eleições as actas dos novos circulos virão tintas de sangue"; Bandeira de Mello antevia o dominio dos caudilhos de eleições, dos "meneurs" que, escravizando os votos da população, com o governo ou sem elle, aniquilariam a liberdade do voto; Zacarias projectava sobre a propria monarchia seus terriveis vaticinios: feria-se a constituição, debilitava-se o regimen, armavam-se os republicanos; o elemento democratico numeroso no paiz, e que, por vezes, abalara a ordem publica, animado com o exemplo da demagogia dos paizes circumvisinhos e do velho mundo, podia ainda ter aspirações infensas á ordem das cousas consagradas na unica monarchia da America. E só observando e respeitando a constituição poder-se-iam conter movimentos de liberdade contra a ordem.

IV

Foi assim, após um dos mais vivos e eloquentes debates registrados nos annaes do parlamento nacional, approvada a lei dos circulos (1).

(1) Rodrigues dos Santos escreveu a 9 de setembro de 1855 a Wanderley: "parabens pelo triumpho — gostei das incompatibilidades; mas não gostei dos circulos; admitia-os nas eleições directas; actualmente são uma facilidade para os governos fazereim deputados; mas

Wanderley não tomara parte nas discussões. Embora solidario com o governo de que fazia parte e apoiando as idéas por este defendidas, não estaria de accordo com o rumo seguido pelo presidente do conselho, ao transformar um assumpto de opinião em questão politica fechada.

Incompatibilidades e circulos eram para Wanderley dessas idéas ou objectivos que não deviam pertencer exclusivamente a um partido mas á fusão das vontades de todos os partidos. Assim se manifestara em 19 de junho quando ainda o projecto se encontrava no senado.

Respondia a uma interpellação de Ferraz que indagava da direcção que o governo pretendia dar aos negocios, qual o seu programma. “Eis a eterna questão dos programmas! — exclamava. — Tem-se tratado de discutir e de explicar o programma apresentado ha quasi dois annos; tem-se querido interpretal-o e acrescental-o. Mas em tudo isto o que se vê é uma tactica muito conhecida de todos aquelles que tem alguma pratica das assembléas, de procurar pôr

transeat; porque a vida das nações não é de um homem e tudo tem remedio”.

A Penedo escrevia Octaviano em 15 de outubro: “depois que passou a reforma eleitoral e parlamentar, o Paraná, embora perdesse o amor dos juizes, adquiriu alguma aura do poviléo”.

A approvação da lei dos circulos reanimou o ministerio; prestigiou-o. “Acho aqui pouca satisfação com a marcha que levam as cousas; entretanto o governo está solido. A reforma eleitoral lhe deu muita força e sobretudo unida com as brazundangas do Prata faz com que nenhum homem em seu julzo perfeito possa desejar tão embrulhada herança: todos desejão e entendem que a embrulhada não pode ser desembrulhada senão pelo governo actual” (carta de Sergio de Macedo a Penedo, 13 de novembro de 1855).

Em fevereiro de 1856 (13, carta de Sergio de Macedo a Penedo) a situação era qual a descreve um contemporaneo: “no interior segue-se a maxima do governo pontificio — il mondo va da se. Haverá descontentamento, mas ninguem pôde hostilisar o Paraná por aquillo em que conversamos. Foi sempre um amigo dedicado, tão generoso e activo que os amigos a quem serviu não podem deservir sem ingratição. Os inimigos recebem delle concessões como a reforma eleitoral, e posições officiaes que contentam individualidades”.

os maiores obstaculos, de promover as mais complicadas questões para que o ministerio encontre tropeços e tenha de retirar-se (apoiados). Que necessidade, a não ser uma indiscreção censuravel, poderá ter o governo de responder a cada um dos senhores deputados que quer saber a sua opinião sobre tal ou tal ponto, sobre tal ou tal reforma? Senhores, o governo não se recusará de maneira nenhuma a exprimir a sua opinião muito franca em todas as questões que se suscitarem opportunamente nas camaras; ao menos pela minha parte não receiarei expôr o meu parecer sobre aquellas que forem importantes.

“E desde já declaro que de modo nenhum persistirei nesta cadeira sem um apoio franco, decisivo e leal de todos os meus amigos. Apoio de condescendencia, apoio de tolerancia, na qualidade de ministro da corôa não o desejo nem o desejarei nunca, mesmo para os meus maiores inimigos (muitos apoiados).

“Ha porém, senhores, um ponto que parece concentrar todo o interesse do momento, e constituir a principal arma da opposição: fallo das eleições. Temos sido interpellados para que demos a nossa opinião a respeito de um projecto aqui apresentado.

“Antes que o faça cumpre-me observar que em o nosso paiz considera-se muitas vezes opinião publica aquillo que não passa de opinião individual, ou da opinião de certo numero (apoiados); que muitas vezes as opiniões fazem-se ou formulam-se como machinas de guerra, que se despresam por desnecessarias apenas acabado o combate. E’ preciso portanto reflectir-se muito (uso do termo de proposito), é mister reflectir-se muito para conhecer-se se a opinião é realmente a opinião publica, se a reforma pedida está com effeito nos interesses publicos, porque tambem é dever da administração, assim como é dever da ca-

para dos deputados, resistir á opinião, quando a opinião não fôr de accordo com os interesses do estado (apoiados). A opinião publica é sem duvida respeitavel, tem um grande peso no systema representativo; mas pode tambem transviar-se, e ha mais patriotismo em resistir-se ao transvio dessa opinião do que ser-se por ella levado a reboque e seguil-a em todos os seus variados movimentos. (O snr Ferraz — Mas quer ou não quer.)

“Feita esta observação geral, snr presidente, respondo ao meu illustre amigo que me pergunta se quero ou não quero, referindo-se naturalmente á lei de eleições (O snr Ferraz — As incompatibilidades) ou ás incompatibilidades. Senhores, o illustre presidente do conselho acaba de pedir no senado que o projecto da reforma eleitoral seja dado para a discussão... (O snr J. J. da Rocha — Pois é essa a incompatibilidade que querem, para trazer á camara 90 juizes de direito em vez de 40?) Isto é questão que o illustre deputado ventilará quando o projecto vier á discussão; não quero entrar nesses pormenores, mas sim fazer sentir que se o illustre presidente do conselho pedio que entrasse em discussão esse projecto, é porque o governo tem intenção de promover reformas no processo e systema eleitoraes. Mas virão as incompatibilidades? Porque não quererão que desde já entre em discussão o projecto apresentado pelo illustre deputado por S. Paulo? Por uma razão muito simples, pelo bom senso; pois havemos de promover o debate de um projecto que não entrou ainda em primeira discussão quando existe no senado um outro em terceira que comprehende quasi todas as idéas apresentadas pelo illustre deputado por S. Paulo?

“As incompatibilidades constituem em nosso entender uma das necessidades publicas; nunca o ne-

guei; agora o modo porque se deve estabelecer-as e até onde se extenderão é que depende de *uma discussão larga, de uma discussão profunda, para que convidamos todos os senhores deputados com bôa fé; neste ponto o governo não pode ter partido, nem o terá certamente...* (Uma voz — Nem deve impôr opinião nenhuma) *Nem deve impôr opinião em materias constitucionaes.* O governo será franco, exporá toda a sua opinião a tal respeito, pelo menos não me eximo de semelhante obrigação; entendo que se poderá tomar alguma providencia util sem que se fira a constituição, que todos respeitamos. O que eu peço e rogo aos illustres deputados é que não sejam tão açodados; aguardem a discussão; não creiam que o governo a evita, como pareceu insinuar o meu illustre amigo, suppondo que apparentamos desejos e intenções que não temos. Está perfeitamente enganado; que interesse teria o governo em andar com essas tricas, que mais o deshonrariam do que o aproveitariam? “Ficará para o anno a decisão”. Ainda assim, se acontecer que o projecto só passe para o anno, mas antes que se proceda ás eleições futuras, não teremos conseguido aquillo que a camara dos senhores deputados tem em vista? Eu entendo que estando o projecto em terceira discussão no senado, quando não haja tempo de passar nesta camara, o que é possivel se não houver uma discussão demasiada, poderá passar no principio da sessão futura. Isto depende dos illustres deputados... (Uma voz — Do governo). Não, dos illustres deputados, porque o governo empenhar-se-á com afinco para que o projecto passe; combinem entre si para que não fallem todos. Emfim esperemos pela occasião da discussão; tudo o mais, é perder tempo inutilmente. *E' este um dos pontos em que podemos chegar, e creio que devemos chegar a um accordo...* (Uma voz —

As incompatibilidades não aterrão ninguém, são melhores que a esparrella actual. — O sr Ferraz — E' esparrella porque não se cumpre a lei) Se acontecer, sr presidente, que o ministerio actual não tenha a vida necessaria, como prophetizou o honrado deputado, para levar avante taes medidas, a impulsão estará dada, a opinião estará formada; outro mais feliz poderá conseguir aquillo que não nos fôra permittido. Se acaso essa prophesia tem por fim introduzir o esmorecimento nas fileiras dos amigos dos governo, direi ao illustre deputado que tanta razão tem elle para fazel-a quanta eu para desmentil-a".

Favoravel, embora, ás incompatibilidades indirectas, julgando as directas inconstitucionaes (assim se manifestara em 1846); de tal modo adheso aos propositos do governo, não era todavia a elle, que tão bravamente se tinha batido com os que no parlamento pretenderam transformar aquella idéa num castigo, censura, ou labéo aos magistrados politicos; não era a quem tanto se aquecera nos debates com Rebouças e Ferraz que caberia dirigir ou empenhar-se nas novas discussões de tanta aspereza.

Tinha opiniões claras e declaradas. Ainda recentemente, numa de suas falas de presidente de provincia fora terminante: a defeituosa organização judiciaria era "aggravada pela interferencia da magistratura na politica, que a distráe de suas habituaes occupações e entrega a justiça a mãos leigas e inexperientes".

Era tambem adepto da eleição por circulos, embora contrario ás supplencias. Havia muito (sessão de 13 de março de 1850) definira as suas idéas a este respeito: "não atino com o que sejam supplencias, porque só tem direito de ser representante aquelle que

obteve a maioria dos votos de seus concidadãos... é esta uma das razões pelas quaes eu não sou partidario do methodo actual das nossas eleições; desejaria que ellas se fizessem por meio de circulos e até directamente (apoiados). Logo que se admittissem estas duas reformas certamente nós veriamos desaparecer de nossas leis semelhante anomalia de supplentes, e as minorias seriam devidamente representadas”.

Restricções ao projecto na sua essencia (supplentes); a recordação de antigos debates; talvez a preferencia pelos circulos trinominaes (como desejava Nabuco); discordancia quanto ao modo de fazer approvar a medida (questão de confiança) — foram as razões para o retrahimento de Wanderley naquelle grande torneio parlamentar.



A primeira eleição por círculos na Bahia

- I — A DIVISÃO DOS CÍRCULOS. — EFEITOS POLITICOS DA NOVA LEI.
- II — CIUMES DE INFLUENCIA POLITICA ENTRE GONÇALVES MARTINS E WANDERLEY. — OS CANDIDATOS E OS ELEITOS. — AS DERROTAS DE MARIANI E TIBERIO.
- III — A PRIMEIRA ELEIÇÃO DE DANTAS. INTELLIGENCIAS Á PROCURA DE AMPAROS ELEITORAES. — JUNQUEIRA E SARAIVA.
- IV — AS ATTITUDES DE SINIMBU' E GONÇALVES MARTINS.
- V — RETIRADA DO GABINETE PARANÁ-CAXIAS.

O desaparecimento de Paraná deixara os politicos em estado de estupôr. Tão medido nas suas expansões, Wanderley julgava-o, nas circumstancias do momento, uma calamidade que levara a politica do paiz a "uma especie de chãos" (1).

Sommavam-se difficuldades e embaraços ao ministerio que permanecia no poder, entre timido e esperançado de, mesmo sem a direcção do Marquez, resistir á tremenda crise da eleição por circulos, a ensaiar-se pela primeira vez, e ao desconjunctamento da conciliação que, a todos parecia, só a energica attracção de Paraná pudera manter. "Vamos carregando a carga e pelo menos a levaremos até Maio quando se reune a nova camara que não sei o que será. Presumimos gosar da confiança de S. M. e lhe devemos as maiores attenções" escrevia Wanderley a Penedo (14 de outubro de 1856).

O imperador confiava, de facto, nos ministros. A perfeita execução da nova lei eleitoral que teria no fallecido presidente do conselho seu maior fiador, pas-

(1) Cartas de Wanderley a Penedo, de 14 de outubro de 1856 e 7 de fevereiro de 1857. Sergio de Macedo tambem escrevia a 20 de setembro de 1856 a Penedo: "Morreu o Paraná... quasi que poude dizer — *après moi le deluge*. Não sei que rumo levarão os partidos". Impressões semelhantes dava Uruguay ao mesmo Penedo (carta de 13 de novembro de 1856): "dizem-me que a morte do Paraná deixou tudo em confusão da qual elle mesmo talvez não se poderia tirar se não fallecesse, quando as complicações mais avultavam".

sava como um legado ao ministerio; mas era tambem um empenho directo da corôa.

Já ao tempo de Paraná a grande tarefa da delimitação dos circulos ou districtos occupava os ministros. Se em Pernambuco abriam-se respiradouros aos praieiros, contrariando os Cavalcantis, na Bahia attingiam-se os feudos eleitoraes dos juizes de direito (1).

(1) Sergio de Macedo em carta a Penedo de 14 de abril de 1856 informava estar-se, então, "com grande trabalho combinando a questão e arranjos de circulos". Em 14 de maio voltava a fazer a Penedo estas interessantes communições: "as camaras vão preguiçosamente trabalhando... os deputados só vieram aqui buscar circulos. A divisão delles tem sido um grande afan para o ministerio. Na Bahia e outras provincias o fito foi derrotar a liga dos juizes de direito e para isso se esbandalharão todas as comarcas, augmentando as incompatibilidades e diminuindo as influencias dos taes togados".

Trecho de uma carta de Pedreira (Bom Retiro) sobre a divisão dos circulos no Paraná: "Meu caro Wanderley — Tenha a bondade de mostrar este plano de divisão ao Snr. Barão de Antonina — e pedir-lhe que o examine bem no senado mesmo para m'o restituir ás 2 horas da tarde. Sobretudo faça-lhe ver o inconveniente de ficar um collegio em Guarapuava, dando 1 deputado Provincial e tendo somente 7 eleitores. Pergunte-lhe se é absolutamente impossivel que taes eleitores venham votar a qualquer dos tres collegios de Curytiba, de Paranaçu e de Castro, e de qual delles ficam mais perto e por melhor caminho". (Tem esta carta a data de 6 de setembro. Paraná fallera cerca 3 dias).

Outra carta de Pedreira a Wanderley, esta sobre os circulos do Rio Grande do Sul, que Muritiba presidia: "A S. Ex. o Sr. Conselheiro Wanderley — Meu caro amigo — Supponho que todas as iras nascem — da passagem da Freguezia de S. Martinho — do Rio Pardo para a Cruz Alta, e a do Passo Fundo da Cruz Alta para o Rio Pardo. O homem nem ao menos disse quaes eram as Freguezias que foram tiradas de proposito pelo governo.... O Snr. Cachias pôde explicar-lhe como homem que conhece bem a localidade — que era um grave inconveniente, em razão das distancias — terem os eleitores de S. Martinho de votar no Rio Pardo.... Pôde affiançar, debaixo de palavra de honra, que todos os candidatos foram completamente extranhos a essa combinação. Pelo menos affianço-o sem medo de ser desmentido. Sempre seu am.º certo O L. Pedreira" "Cuidado com o officio de Muritiba que tem notas de alguém ao lado".

Com data de 14 de outubro de 1856, Rodrigues dos Santos escrevia de S. Paulo a Wanderley: "Para que me provocastes a dizer-vos qual o circulo que me convinha e sua composição? Direi-te tudo declarando que me convinha a proposta do Vasconcellos, o que fizeram? Tirarão-me 11 votos certos da Cidade de Bragança que devião ir para Rio Claro conforme a proposta, e passarão para S. Paulo;

O mundo politico ia ser abalado numa como revolução legal. Antes mesmo da batalha eleitoral desenhavam-se frizantes os seus resultados: "entramos na quadra climatica das eleições, mas não haverá lucta de partidos, apenas de ambições individuaes" — escrevia Wanderley em agosto de 1856 (carta a Penedo).

Desatados pela nova lei todos os freios da disciplina e da hierarchia politica; perturbada muito além do que já vinha pelos expedientes conciliatorios de Paraná a noção de partido, as eleições iam realisar-se num ambiente de incerteza, duvida e confusão. Os espiritos mais praticos não podiam deixar de intervir procurando dar alguma ordem áquella agitação. A influencia do ministerio na eleição se impoz, ainda desfarçada e cautelosa. O seu alheimento absoluto encaminharia as circumstancias talvez para a anarchia (1).

tirarão-me 5 votos do Amparo e passarão para Mogy-Mirim quando esta freguezia dista 18 leguas de Rio Claro, e conservarão para Rio Claro — Socorro com 5 votos contra, que dista de Rio Claro 28 leguas! Nem de proposito! E' certo que o Pacheco Jordão meu concurrente, vindo do Rio antes da noticia dos circulos, dice a quem quiz ouvir que tinha agitado o do Rio Claro pelo melhor modo possivel para elle. Não creio que elle fosse o autor dos circulos, mas é inegavel que não podia ser melhor para elle. O que fazer?! Hel de lutar com os meus recursos e ainda não perdi a esperanza de que elles sejam proficuos..."

(1) Uma carta de Gomensoro dá idéa dos perigos que correu a ordem publica nestas eleições, em Pernambuco: "São duas horas da tarde e não consta que nas 3 freguezias da capital haja desordem, todavia, se recela que não se farão as eleições sem haver disturbios, principalmente por fóra. Nós de marinha estamos promptos para desembarcar logo que fôr preciso, e já temos em terra todas as guardas do Recife e a guarda da Casa de Detenção. A vinda do — Amazonas fez arrefecer os bríos e o furor dos patriotas; parece que estes sugeitos ainda se recordão que nossos Imperiaes Marinheiros lhes derão uma boa lição no tempo da Presidencia do Sr. Tosta. Já me entendi com o Dr. Aguiar respeito ao que V. Ex. me recomendou do seo parente, e estamos certos que irá commigo caso receba o grão antes de minha partida" (carta de José Sigismundo de Gomensoro, Pernambuco, 2 de novembro de 1856).

Sobre as mesmas eleições em Pernambuco escrevia Sergio de Macedo a Penedo (20 de nov.º de 1856): "emquanto não foram ganhas pelo partido conservador ou guabirú, todos me elogiavão e exaltavão a prudencia, moderação e cautelosissima providencia de cada

Na Bahia as escolhas se faziam até 1844 ou melhor, até 1848, pelo valor pessoal dos candidatos — apurado não no cadinho estreito do municipio ou do circulo, mas na ampla retorta da provincia inteira. Desde 1848 firmara-se o criterio partidario das “listas” que ia ceder em muito ao das cubiças individuaes.

Agora, estimulados pela nova lei, numerosos estreiantes politicos, quasi todos da mesma idade, com o mesmo tirocinio (quando o tinham), vinham como em tumulto, bradando com igual clamor as suas ambições. Surgiam ousados e livres, insubmissos a toda tradição ou superioridade dos antigos, com o desembaraço dos novos processos de apparecer e vencer.

O collectivismo partidario, que presuppõe disciplina, obediencia, conformidade, mal podia então subsistir. O nexó governativo, a influencia official se haviam rompido, — fracos diques então ao peso do alluvião revolucionario daquella lei personalista por excellencia. Ia-se despejar das urnas a inundação, levantando vaza, erguendo valores, abatendo nomeadas e carreiras até então triumphantes. Engrossavam esse caudal as ambições de familia, as aspirações das villas e dos districtos, e, na esteira dos candidatos jovens, inquietos das mesmas pretensões pessoaes, o chefe local, o commandante superior, o coronel, o juiz

minuto com que eu ia dirigindo tão complicada operação. Apenas vio o partido liberal ou praiero que estava batido em todos os pontos, levantou as portinholas, assestou contra mim todas as baterias, e ha dois dias me apresenta como um sanguinario porque tinha tenção de derramar sangue, como um hypocrita porque publiquel tudo o que fiz, e enfim porque o Diario de Pernambuco escripto sob minha influencia chama aos guabirús conservadores”. Um exaltado liberal, — Tito Franco, — na biographia de Furtado (pag. 72) dá testemunho dos resultados e da fiel execução da lei dos circulos pelo gabinete da conciliação, já então despojado de seu chefe, pela morte de Paraná: “O provisorio que nascia naturalmente do estado incompleto do gabinete, que não foi reorganizado, fez diminuir a pressão governista, podendo o elemento liberal sahir imponente das urnas, e tornar necessaria uma nova organização ministerial, em 4 de Maio de 1867”.

faccioso: avidos de uma afirmação isolada, de uma ostentação do proprio valor politico.

E faltava alli o que havia em outras provincias: — a ascendencia ou o dominio de certas familias ricas e poderosas.

A lucta da independencia custara á Bahia um esforço politico-militar e monetario que deixara exauridas as grandes familias patricias vindas da colonia. Uma safra inteiramente perdida, pois os senhores de engenho e seus filhos commandavam como officiaes, e os libertos e escravos serviam como soldados; um anno inteiro de lucta, de desorganisação, de inquietude, de guerra; a exportação estancada; o credito suppresso; o porto assediado; a barra bloqueada; os engenhos "pejados"; as economias a entrarem para as caixas de guerra; as "creações" enviadas ao sustento das tropas — tudo fizera do dois de julho de 1823 um dia de exaltação patriotica a que se sommava o desalento de um fechar de balanço com deficits anniquilantes.

Aquelles que, ao partirem um anno antes, tinham enterrado baixellas ou submergido prataria nos tanques dos engenhos, voltaram, em meio ao inverno de 1823, para mirar tristemente o deperecimento das culturas, as cannas abandonadas, os engenhos carentes de concertos, despojados de ferros e bronzes tomados para munições de batalha.

O Santinho, o forte Visconde de Pirajá, herdeiro da casa da Torre, que tanto naquella campanha gastara em cabedal e bravura, pouco tempo depois encontrava-se em serios embaraços financeiros (1).

(1) Em 1838 José Cerqueira Lima lhe promovia uma execução para cobrar-se de 40:000\$000, preço de escravos que lhe havia vendido. Nessa data Pirajá pedia a Olinda fosse incumbido de organizar

A guerra deixara a Bahia exgottada (1).

Havia falta de numerario. O dinheiro quem o tinha, era o portuguez, que, ou embarcara na frota fugitiva para o reino com suas economias, ou buscava restaurar-se do que soffrera, abstendo-se, retrahido e timido, de emprestar ao inimigo da vespera. Demais, a agitação popular, com character, diríamos hoje — communista, como uma expressão não tanto de nativismo, como de odio do pobre ao capital, explodia em massacres, em linchamentos, em ataques, apedrejamentos, coacções de toda hora, conflictos onde estrugia o grito sedicioso de "mata marôto" e "mata marinho".

Os perigos das agitações militares da menoridade, das revoluções successivas ainda se entremeavam, para as famílias patricias, com os grandes riscos dos levantes de escravos.

forças irregulares para defesa da ordem, como um auxilio que lhe podia ser prestado nas más circumstancias pecuniaras em que se encontrava. Vide archivo do Inst. Hist. Bras. L. 207, M. 5428.

(1) Uma estatística que figura no livro de Walsh "Notice of Brazil in 1826 and 1829" dá testemunho de alta eloquencia dos effeitos economicos da guerra da independencia na Bahia. Os algarismos de suas exportações de 1819 a 1823, em seguida transcriptos, mostram como decresceu a do assucar de 48.814 em 1821 a 10.272 em 1823, a do algodão de 41.146 a 8.302.

Eis a estatística que nos deixou Walsh da exportação da Bahia:

| assucar | | | |
|---------|--------|--------------|---------|
| 1819 | 29.775 | caixas de 40 | arrobas |
| 1820 | 36.688 | " " | " " |
| 1821 | 48.814 | " " | " " |
| 1822 | 35.660 | " " | " " |
| 1823 | 10.272 | " " | " " |

| algodão | | | |
|---------|--------|---------------|--------|
| 1819 | 29.311 | saccos de 150 | libras |
| 1820 | 41.708 | " " | " " |
| 1821 | 41.146 | " " | " " |
| 1822 | 34.720 | " " | " " |
| 1823 | 8.302 | " " | " " |

Outro indice é a importação de escravos que baixou de 8.418 em 1822 a 2.302 em 1823.

Todas essas anormalidades, quer na ordem economica, quer na propria ordem social, tiveram, aliás, fraca repercussão sobre a cultura intellectual. Houve, a principio, uma como parada no enviar rapazes ao reino para estudar em Coimbra. Nem o ambiente daquella universidade seria propicio a brasileiros. Mal, porém, as portas do curso juridico de Olinda se abriram, logo o inundaram estudantes bahianos para coincidir, quasi, a chegada dos primeiros bachareis olin-denses com a phase final das revoluções e a criação das assembléas provinciaes, inicio da preponderancia dos letrados sobre os mandões, os militares, os ricos, dentro da politica provincial.

O grande desequilibrio consequente á abolição do trafico; o periodo de adaptação ao novo regimen de escravatura de criação que succedera ao acquisitivo; a epidemia da cholera que dizimou as senzalas e reduziu ricos senhores de engenho a pedirem empregos publicos como meio de subsistencia — tudo eram factos e circumstancias que desde a independencia vinham mudando a base politica, transferindo-a da fortuna e do predominio de familia para as letras, maxime quando, para os postos legislativos, se tornara tradicional a preferencia aos juizes.

Os plutocratas (se é que jamais encontraram elles na Bahia ambiente favoravel) cediam completamente o campo aos legistas. Era natural, na desordem que agora surgia, a timidez dos ricos potentados, que de outro modo seriam um correctivo á acção perturbadora da nova lei eleitoral.

O interior da provincia, os municipios, as pequenas familias, as individualidades de limitada influencia local emancipavam-se; começou a anarchia politi-

ca que, quatro annos depois, culminaria, inspirando ao presidente Paes Barretto estes tremendos julgamentos: "a reforma eleitoral no sentido de alargar os circulos dando cada um tres ou quatro deputados é de palpitante necessidade... a lei como está torna o paiz ingovernavel e leva-nos á guerra civil... Nesta provincia os efeitos da lei de 1855 tem sido funestos; reina por toda parte a intriga e a divisão; homens que seguem os mesmos principios politicos acham-se em lucta desesperada e se na primeira eleição a Bahia não teve a lamentar mortes e ferimentos, duvido que o mesmo aconteça em 1860" (1).

(1) Carta de Paes Barretto (presidente da Bahia) a Nabuco, de 30 de janeiro de 1858, no archivo do Inst. Hist. Brasileiro.

Um amigo de Wanderley, um dos chefes electoraes de Alagoas, lhe escrevia (Engenho Velho, 1.º de jan.º de 1857): "a lei dos circulos trouxe não pequenos inconvenientes ao paiz e aos homcns amigos da paz. Não sei se pelas outras provincias haverá o que vejo nesta apparecer proveniente da eleição circular: intrigas aos centos; calumnias ainda mais! No meu collegio nasceram muitas desavenças que de certo não surgiriam a ter sido a eleição do modo antigo".

"Passou a febre eleitoral, sem que a urna apresentasse um resultado lisonjeiro, ao meu modo de ver, ás cousas patrias... não sei como um governo pode ser indifferente a que entrem para o parlamento mediocridades e botafogos! Entretanto crescem as ambições, crescem os despeitos... (carta de Innocencio José de Castro a Wanderley, Bahia, 5 de fev.º de 1857). Outra impressão: "a lei dos circulos desenvolve o espirito de baírrismo, de só votar em filhos da terra, embora estúpidos e ignorantes" (carta de Gasparino a Wanderley).

Gonçalves Martins tinha horror á eleição de circulos indirecta: "Oh! snr. Wanderley que guerra horrivel! — escrevia em 26 de set.º de 1856 — ... as eleições por circulos, sem eleição directa, levarão á Camara, na seguinte legislatura, porque esta ainda não, as fezes da sociedade. O Brasil se abismará com o jogo activo da população indistinctamente qualificada".

A nova lei estimulava os chefes locais a demonstrações de força. Cada um queria ter seu candidato. Guedes, grande influencia eleitoral em Maragogipe, S. Felippe e Tapera, dizia a um amigo: "He a primeira vez que tenho candidato meu, sempre me empuzerão aquelles que querião, hoje a cousa mudou de figura, quero tambem uma vez desafogar a minha consciencia sempre hypothecada aos amigos" (carta de Th. Gomes, 4 de fev.º de 1856).

"Os candidatos pullulão da terra como os soldados de Pompeu, para não comparal-os a mais rasteiros animaes nos dias de trovoadas. Todas as considerações se calão ante o egoismo, que rompe todos os véos e não respeita a amizade, nem razões de outra ordem" (carta de Taques, 26 de set.º de 1857).

II

Wanderley previra e de longe assistia a essa fermentação eleitoral. E intervinha, tolhido embora pela posição de ministro. Escrevia, solicitava, indicava — defendendo a eleição de seus preferidos candidatos. Ao recommendar um destes, dizia a certo chefe local: “quando a eleição que se approxima tem de ser feita pelo novo systema, é natural que não só appareçam muitas ambições (algumas dellas pouco fundadas) como tambem incertezas e divisões entre os homens dos mesmos principios que até hoje estavam habituados a entenderem-se com a capital para a escolha de seus candidatos”. Nessas circumstancias natural era que esclarecesse, como politico, seus amigos.

Demais, Gonçalves Martins, cioso de influencia, ainda aquecido da lucta eleitoral em que escudara Ferraz, tomava sob sua protecção candidatos que disputavam com os que o ministro bahiano patrocinava.

Si, por exemplo, no primeiro circulo Wanderley recommenda José de Góes (1), Gonçalves Martins apoia o competidor — Fernandes da Cunha, então adversario pessoal do ministro da fazenda.

(1) A 27 de out.º Wanderley escrevia a José de Góes: “dizem-me que as cousas por lá não estão bem figuradas; mas nada de esmorecer porque não vejo por ora quem esteja mais forte que V.; se o Barão e irmão o ajudarem. Remetto-lhe estas duas cartas para o Conde e outra para o Carlos de Cerqueira; ao Lourenço escrevo para fallar ao Grumichama; entenda-se com elle. Ao Junqueira tambem escrevo para que lhe arranje o Ernesto e o ajude. Se o Agular fôr para o 2.º districto V. V. se podem coadjuvar mutuamente. Seus manos que não se ponham de fóra porque-isso é feio”.

A Innocencio Góes escrevia: “Todos me affirmam a verdade da lga monstro! Será desejavel uma victoria por taes melos?... Ajude a seu irmão; deixe-se de asneiras”.

No circulo da Cachoeira, Tiberio, candidato de Wanderley, é combatido pelo de Gonçalves Martins, — Pedro Moniz que, ajudado de Pinto Lima, como Fernandes da Cunha, logra a victoria (1).

Já no circulo de Nazareth Wanderley tira a desforra com o triumpho obtido por Sampaio Vianna sobre Angelo Ramos que Gonçalves Martins, alliado agora a Hygino Pires Gomes, prestigiava.

Na lucta entre Saraiva e Magalhães Castro no circulo de Jacobina, bafejado este por seu cunhado Pedreira (Bom Retiro) e por Nabuco, Wanderley mantém-se neutro entre "dois amigos do governo". Tal como na disputa entre Innocencio Pederneiras, a quem era grato por quanto fizera por sua eleição senatorial, e Tiques, que, como, Magalhães Castro, é derrotado.

Si as victorias de Fiuza pelo circulo da Feira, dos Madureiras pelo circulo de Valença, de Dantas pelo da Villa do Conde, de José Augusto Chaves, de Pereira Franco, Mendes e Junqueira representavam laureis para Wanderley, ser-lhe-ia extremamente amargo que no circulo da Barra o seu candidato e parente Francisco Mariani fosse vencido por uma apagada figura que contou com a pressão da força e da violencia dos Militões a dominarem pelo terror Chique-Chique, Rio

(1) Sobre estas eleições no 3.º circulo (Cachoeira, Muritiba, Feira da Conceição, S. Felipe, Cruz das Almas, Tapera, Maragogipe) foi publicado o folheto: "Breve Exposição // das occurencias // nas eleições do terceiro circulo // da provincia da Bahia // offerecida // aos augustos e digníssimos senhores deputados por // Pedro Moniz Barretto de Aragão // e Francisco Xavier Pinto Lima // deputado e supplente eleitos pelo mesmo circulo // Bahia // Typ. de Camillo Lellis Masson & Cia. // Largo de Sta. Barbara n.º 2 // 1857". Narram-se episodios da eleição: duplicatas; expedientes fraudulentos; etc. Interessante como testemunho dos habitos politicos da epoca e chelo de informações sobre pessoas, suas opiniões, prestigio e attitudes.

Preto e Pilão Arcado, pondo em cheque o prestigio das familias Wanderley e Mariani no S. Francisco.

Em 22 de setembro de 1856, Anna Francisca Wanderley escrevia da Villa da Bara ao irmão ministro: "sei quanto doerá o que fez aqui o grande Militão com as Eleições, e parece-me que de agora em diante elle tomará conta desta infeliz Villa. Dou graças a Deus de Você já estar livre de taes Eleições desgraçadas". Outro irmão, Ambrosio Machado da Cunha Wanderley, lhe escrevia: "creio que Você já terá sabido por via do Dr. Mariani todas as occorrencias havidas aqui, por isso só me limito a manifestar-lhe o quanto sinto a respeito de eleições. O Medrado do Rio Preto não satisfeito de matar o José da Rocha Menezes (1) de publico tem se tornado inimigo do Xico; e porque? Por mandar uma força para evitar suas continuadas malversações. Em desabafo disso faltou á sua pala-

(1) Na fala do presidente da provincia Alvaro Tiberio Moncorvo de Lima, lê-se que o tenente José da Rocha Medrado 'já infelizmente celebre por crimes da mesma gravidade, á frente de um grupo de faccionerosos como elle, assassinou o alferes José da Rocha Menezes, o mais abastado fazendeiro do lugar o qual achava-se em sua propria casa na visinhança da villa. Dominando pelo terror os juizes do local, fez instaurar um processo adrede combinado para deixar cair a culpa em outro individuo que se diz fôra posteriormente assassinado no territorio da provincia de Goyaz'. O presidente fez seguir uma força de cem praças sob o commando do capitão do 7.º de infantaria Francisco Antonio da Fonseca Galvão, que, ainda em junho conservando-se em Villa Nova, foi substituído nesse commando pelo capitão Manoel da Cunha Wanderley Lins.

Informa Braz do Amaral — "Historia da Bahia da Independencia á Republica", pag. 203, que Sinimbu em correspondencia com o governo a proposito desse assassinato do tenente José da Rocha Menezes pelo alferes José da Rocha Medrado, declarara como presidente da provincia, não ter força para mandar áquelle longinquo sertão, accrescentando que, mesmo no caso de tel-a, hesitaria em se servir della pelo exemplo do passado que indicava ser esta providencia inutil para a justiça e servir de pretexto para novos abusos e crimes.

"Sobre os negoclos de S. Ritta disse-me o presidente na primeira entrevista que tivemos, depois de minha chegada, que nada podia fazer por falta absoluta de força disponível e que já neste sentido havia officiado ao ministerio: vejo-o, porem, tão descausado, que não sei o que pense" (carta de Abílio Cesar Borges a Wanderley, 4 de março de 1857).

vra e votou contra o Mariani; e com essa traição e com outra do Chique-Chique é que triumphou o Sr. Militão, de maneira que ficamos supplantados, havendo nullidades, as quaes espero que Você em honra da nossa familia fassa o que estiver da sua parte" (carta datada de Utinga, 10 de janeiro de 1857).

E Francisco Mariani, alarmado com esses ameaços de dominio de Militão — "o commendador" — nas paragens onde dominavam os Wanderleys e Marianis, em carta da Villa da Barra de 31 de dezembro de 1856 communicava os successos da eleição de deputado "do novo districto": "creio que ella está incontestavelmente nulla; mas convirá fique tal e qual ou que se proceda a outra? E' o que não sei bem. Si o governo prestar os meios necessarios para que a justiça puna os assassinos do Menezes, e se desmanche o covil do Rio Preto, ainda que eu esteja cada vez mais enjoado de eleições não duvidarei comtudo accetar nova lucta, sómente para que não fique firmada entre nós a omnipotencia do Sr. Commendador: do contrario melhor será que as cousas fiquem como estão, para que não se torne mais ufano dos seus repetidos triumphos. Ao que dou toda a importancia e o que te peço com toda a instancia, de que sou capaz, é para que façaes com que quanto antes se subdivida este collegio e fiquemos livres de todo o contacto com semelhante peste. Ennumerar-te as brilhaturas que aqui fez, as insuflações com que instiga a certa gente até para tentar contra a nossa segurança individual, seria cousa longa e fastidiosa; limito-me apenas a pedir a tua intervenção para que se tomem algumas providencias relativas ao serviço publico (1)".

(1) Essa carta revela ainda que Militão tinha bons padrinhos, por exemplo Magalhães Castro, deputado geral, e cunhado do ministro Bom Retiro.

Seria este insucesso no circulo da Barra dos que mais feriram, e pessoalmente, a Wanderley. Era o prestigio familiar que soffria um rude golpe, tanto mais doloroso quanto era o primeiro — acostumados os seus a um dominio victorioso desde antes da independencia, naquellas zonas do S. Francisco (1).

Tão amarga quanto a derrota de Mariani foi a de Tiberio, a quem dedicava afeição fraterna.

Tiberio era energico, recto, digno e operoso, mas lhe faltava um tanto de habilidade no manejo dos homens, qualidade imprescindivel ao administrador e

Em nova carta, datada de 27 de jan.º de 1857, Francisco Mariani insistia na subdivisão do collegio eleitoral, fallava na nullidade da eleição, na impossibilidade de ser obtida uma certidão em cartorio de Pilão Arcado: "pelo que respeita ao nosso districto, digo-te que se não tiver lugar a subdivisão ficarão as eleições exclusivamente sendo feitas pelo Sr. Commendador, com os seus seides de Pilão Arcado e Chique-Chique".

"Sempre duvidei que o Dr. Mariani apresentasse os documentos sobre a nullidade das eleições de S. Rita... Emfim tem o Sr. Militão um lugar na Camara, graças á lei dos circulos! que prazer para o sr. Euzébio de ver realisadas as suas previsões quando discutia aquella lei!" (carta de Abílio Cesar Borges a Wanderley, Bahia, 12 de maio de 1857).

Os derrotados foram o desembargador Francisco Marianni e o Dr. Frederico Augusto de Almeida, os eleitos Francisco Luiz Antunes de Campos — deputado e Dr. Manoel Teixeira Soares — supplente.

"Fui testemunha, para eterna magua minha, do processo eleitoral do circulo da Barra, onde o Militão alardeou toda a impudencia de que é capaz. Venceu elle mas por ligar-se ao assassino Medrado que lhe deu a votação de Santa Rita (toda nossa até o momento de ser assassinado o Menezes) e por traição do Antunes que entregou-lhe os eleitores de Chique-Chique... E' urgente que seja perseguido o Medrado, o que terá infallivelmente lugar se o presidente attender ás representações que lhe tem dirigido o Chico; nutro, porem, alguma duvida acerca disto, porque o presidente desconfia de tudo quanto é autoridade: — ao menos a assim pensar leva o arrebatamento com que, sem nenhum exame tem demittido a varios empregados, antes de os ouvir, ou seus respectivos chefes. Eu mesmo não vou muito bem com elle; até me parece que terel de pedir minha demissão..." (carta de Abílio Cesar Borges, Bahia, 3 de fevereiro de 1857).

(1) "Tu foste tão infeliz na Villa da Barra como eu em S. Miguel — escrevia a Wanderley Sinlmbú então presidente da Bahia. O Militão quiz mostrar que ainda presta para alguma cousa: fez deputado o sobrinho que é um burrego que acabou de receber o pergaminho e supplente o Dr. Teixeira de Jacobina. Eis a gente que preferio ao respeitavel Dr. Mariani! Bem tu receiavas!" (carta da Bahia, 8 de janeiro de 1857).

ao politico. Sommara antipathias que cresceram ousadas quando veio a deixar a presidencia da Bahia, periodo governamental dos mais attribulados pelas luctas com o facciosismo, a indisciplina da guarda nacional e as mil complicações da cholera morbus. Dia a dia a sua eleição se tornava mais difficil. E de longe Wanderley, fiel á amizade e grato aos serviços do cor-religionario leal, via desenhar-se, cada vez mais positiva, a derrota. Gonçalves Martins que tomara a candidatura de Tiberio para objecto da sua actividade destructiva, encontrava terreno adequado e mil auxiliares: — um era Dantas que, ferido com a demissão de delegado de S. Amaro por occasião da epidemia se empenhava numa campanha surda; outro Pinto Lima que se atravessava no caminho do ex-presidente, com a ajuda poderosa de Guedes, em Maragogipe; ainda outro Pedro Moniz a disputar-lhe a cadeira, forte de apoios prestigiosos e com dinheiro para gastar. Debalde Tosta (Muritiba) appellou para seus parentes em Cachoeira, afim de suffragarem o candidato de Wanderley que Sinimbú parecia desprestigiado, com demissões significativas e certa protecção a seus competidores.

III

Para contrabalançar o insuccesso de Tiberio não bastavam as victorias de outros candidatos — Dantas, por exemplo, cuja eleição patrocina com todas as véras (1).

(1) O competidor de Dantas tinha sido Fiel José de Carvalho, genro de seu tio materno João Dantas. Fiel, numa carta de 9 de junho de 1856, communicava a Wanderley que "no caso de merecer a sua approvação" tencionava candidatar-se pelo circulo de Itapil-

O ascendente de que gosava na provincia e a posição de governo que occupava davam a Wanderley o prestigio de chefe. Podia já exercer essa função, que tanto ensorbece os politicos, de encarregar ambições justas e animar promissores talentos.

Na sua emulação com Gonçalves Martins era de ver aquella mocidade intelligente acolhendo-se sob azas que a podiam aquecer: uns, como Fernandes da Cunha, buscam Gonçalves Martins; outros, como Dantas e Junqueira, correm para Wanderley.

Dantas o faz com um ardor, um empenho, taes carinhos, tão vivos protestos de affeição que não é de certo uma hyperbole, mas uma expressão de sinceridade, a gratidão perpetua que lhe promette.

Não bebêra ainda o jovem estreante o vinho da popularidade; embriagava-o o ether da ambição. A cadeira de deputado era o seu "sonho dourado" que só Wanderley poderia transformar em realidade.

curú ou Geremoabo. Pedia conselho, e, no caso de approvar, apoio. Wanderley respondeu dando opinião franca. Já tinha promettido a Dantas coadjuval-o "e confesso que nunca pensei que elle tivesse de lutar com V. S. pois que tanto o interesse politico como o de sua familia tendião a favorecer aquella candidatura, podendo ambos ser contemplados. Eu aconselharla que se entendessem e viessem a um accordo para evitarem uma scisão entre seus amigos e parentes, scisão cujos resultados são facéis de prever. Na minha opinião a carreira que segue o Sr. seu primo e as suas habilitações dão-lhe algum direito (seja dito sem a menor offensa das bellas qualidades de V. S.) a pretender um lugar na deputação. Aos interesses do partido cedeu elle de suas pretensões na eleição passada, e eu faltaria a um dever de lealdade se me recusasse a ajudal-o como então prometti. Sei que pouco poderei conseguir, mas esse mesmo pouco foi-lhe adquirido de muito tempo. O que assevero a V. S. é que a minha muito fraca intervenção será de um particular e não do governo e em resultado penso que V. S. nada perde. No emtanto sinto-me acanhado e quizera que uma conciliação entre V. Ss. me tirasse de taes embaraços, com o que V. S. me faria grande favor, penhorando assim a minha gratidão" (carta de Wanderley a Fiel, 14 de junho de 1856).

Effeito dessa eleição, a familia Dantas scindio-se duradoramente. Fiel passou a ser eleito por Sergipe em varias legislaturas e a ser um dos mais dedicados amigos, tanto politico como particular de Wanderley. Uma formula de accordo naquella eleição fôra ambos se candidatarem — um a deputado e outro a supplente; mas não vingou.

Duas cartas por semana; um expediente em cada carta; uma insistencia em cada linha. Fizesse uma favoravel divisão de circulos; mandasse cartas de pedido de votação; afastasse competidores; não insistisse num accôrdo impossivel com estes; banisse uma hesitação talvez fatal; nomeasse o irmão juiz municipal num dos termos do circulo.

As expressões de amizade estalavam estimulantes “não me engano considerando-o o meu primeiro protector na vida politica, e se todos os que começam devem tel-o muito feliz me julgo reconhecendo-o como o meu primeiro amigo e protector na vida politica; amizade politica que bem se esposa com a amizade particular que hoje mantemos” (carta de Manoel Pinto de Souza Dantas 19 de junho de 1855); “em suas mãos estava e está o proteger-me no passo mais importante da minha vida politica... a sua protecção

(1) Já antes escrevia Dantas a Wanderley: “a affeição convertida em amizade que lhe consagro e a certeza em que começo de que na minha carreira nascente tel-o-hei como meu principal amigo, desafião-me desejos de ser extenso mas força é não roubar-lhe o tempo e guardar-me para outra occasião conversarmos talvez tête à tête” (carta de 3 de fev.º 1856).

“Sem fazer a historia que nos diz respeito, limito-me a commemorar a lealdade, franqueza e seguro apoio que em V. Ex. tenho encontrado desde que nossas relações (originadas principalmente das nossas reciprocas e mutuas affeições) mais se estreitarão”. (carta de 27 de fev.º 1856).

“O Dantas lhe escreve sobre um negocio de vital interesse ao futuro d'elle e portanto ao meu. Si a palavra da esposa pode alguma cousa valer eu uno-a e ainda que seja ella um fraco auxiliar, basta que aquelle a quem escolhemos para protector entenda que não deve ella ser despresada” (carta de Amalia Dantas, 1.º de abril de 1856 (?) S. Amaro).

Recommendendo a candidatura de Dantas escrevia Wanderley: — “Se o governo quer deixar o campo livre sem a interferencia de sua autoridade, creio, comtudo, que na qualidade de bahiano interessado pela prosperidade da provincia, não estou inhibido de esclarecer os meus amigos, e mesmo solicitar o seu apoio em favor deste ou daquellê candidato, que mais apto me pareça para preencher as vistas do corpo eleitoral, dando brilho á representação da provincia e promovendo os melhoramentos de que o nosso paiz, e, com especialidade a nossa provincia, tanto necessitam. E' com este intuito que resolvi-me a lembrar a V. S. e pedir o seu apoio em favor de candidatura do Sr. Dr. Manoel Pinto de Souza Dantas, o

unicamente basta-me porque sei conhecer e apreciar a importancia que imprime-se em qualquer assumpto logo que elle tem por si a sua protecção" . . . "a divisa — querer é poder — (fallando sempre com o honesto e com o justo) não lhe contestão nem os nossos adversarios em geral, nem aquelles que com mais rancor pretenderam em algumas vezes embaraçar-lhe os passos".

Abria-se sem reservas com o amigo: "aspiro seguir a carreira parlamentar e nenhuma occasião poderá haver que tenha quem, como V. Ex. me possa fazer nella entrar. . . Nenhum moço, meu Exmº amigo, na vida politica se avantajará desde que não tiver para sustental-o, para protegel-o, um amigo que occupe no paiz uma posição tão elevada como a que V. Ex. felizmente occupa. Debalde (a não ser por uma dessas felicidades raras) lutará. . . O que será do fraco que não tiver para amparal-o o generoso e inabalavel carvalho? . . . Não lhe sorrirá a gloria de ter dado a sua protecção a quem fosse figurar entre os bellos talen-

qual podendo apresentar-se candidato por qualquer outro districto da provincia onde os seus talentos são devidamente apreciados preferio comtudo esse, a que suas relações de amizade e parentesco ligão-n'o mais particularmente. A candidatura do Sr. Dr. Dantas nas comarcas de Itapicurú e Monte Santo é tão natural que para contrariar-a será mister um grande esforço, e um esquecimento indesculpavel dos verdadeiros interesses do corpo eleitoral. Sei que tão-bem pretende apresentar-se o Dr. Fiel — parente do Sr. Dr. Dantas. De ambos sou amigo; mas penso não fazer áquelle uma injustiça nem faltar á gratidão que devo ao Sr. seu sogro pronunciando-me pelo segundo, — porque hoje não deveni os electores attender unicamente aos interesses proprios dos pretendentes, devem ter em muita attenção os serviços que elles poderão prestar ás localidades de que vão ser immediatos representantes, e por conseguinte preferir aquelles que, por suans habilitações podem exercer influencia nos negocios publicos; hypothese em que acha-se o Sr. Dr. Dantas — pelo que já tem demonstrado. Eu quizera que a decisão de V. S. fosse devida completamente á consideração do interesse publico, e penso que assim será; mas não me julgo, por isso, dispensado de interpor para o mesmo fim a minha amizade para com V. S. considerando especial obsequio a mim feito, se ella contribuir para a deliberação de V. S.

Estimo a sua saúde e que me dê occasiões de mostrar-lhe que sou de V. S." (21 de agosto de 1856).

tos da camara, mas pelo conhecimento que tem de mim jamais lhe assaltará o arrependimento de ter sido a origem desse beneficio esquecido por quem o recebeu" (carta de 31 de março de 1856).

Wanderley sem hesitar promette apoio e isso comunica a Dantas com encomios. Este exulta; o reconhecimento lhe escorre da penna: "dizer que suas cartas são dignas de um amigo como o que em V. Ex. considero — não é dizer tudo. Confessar-me penhorado e profundamente reconhecido a tudo quanto me disse é approximar-me do que a V. Ex. devo, como a quem, por méra bondade, me offerece o seu poderoso apoio ou protecção, como a melhor garantia que podia aspirar a minha carreira politica! A resposta que devo ás suas cartas é que grato ao que nellas me diz e aconselha, tudo, tudo confio de V. Ex. — e de V. Ex. sómente".

Emquanto o irmão se desdobra na cabala e escreve a Wanderley e lhe pede providencias; enquanto o tio José Dantas se manifesta favoravel á sua candidatura contra a de Fiel de Carvalho; enquanto elle proprio insiste pela nomeação do irmão João Dantas para juiz de Pombal, onde influiria sobre a eleição — os protestos se succedem. A amizade, a gratidão, revelar-se-iam tanto por meio das palavras como pelos factos — "atravez dos tempos, das circumstancias, dos lugares, da felicidade e da desventura".

E se o ministro amigo se esforça por um accôrdo e adia a nomeação pedida de João Dantas, treme ansioso: "tenho sobre a cabeça a espada de Damocles... a ida do João não deve demorar-se. A presença d'elle fará mudar as cousas pacificamente sem páo nem pedra" (carta de 25 de agosto de 1856).

A gratidão ferve em phrases: "si eu não lhe correspondesse com dedicação acrisolada, certamente te-

ria penetrantes remorsos”, “meu timbre e orgulho é dever tudo ao Exm^o. Snr. Conselheiro Wanderley” (carta de 26 de setembro de 1856) (1).

Afinal Dantas triumphou, ainda que essa victoria se empane com a demissão que Sinimbu dá a seu irmão (que accumulava o lugar de juiz e de autoridade policial em Pombal) de delegado de policia por haver intervindo indebitamente no pleito (1).

(1) Dantas ou por convicção, ou por conveniencia mostrava-se partidario da intervenção do governo nas eleições. Numa carta (18 de julho de 1856) em que se refere á alliança entre Fiel e Leão Veloso, entre o pae deste e o sogro daquelle, para ficarem donos do circulo por interesse de cosinha, dizia que a lei dos circulos favorecia egoismo e scisões em familia. Acrescentava “a lei dos circulos que foi feita sob as melhores idéas adoptadas nos systemas é por elles encarada como um negocio, um arranjo, não devendo predominar consideração do bem publico, de representação politica, etc. etc. Não comprehendem, (não todos) que a intervenção dos que dirigem os destinos do paiz — é indispensavel, não como uma imposição mas como a protecção honesta aos principios, ás opiniões que serão certamente suplantadas, se tudo correr á revelia e com o abuso de liberdade, sobretudo num paiz onde não ha a necessaria educação politica, e onde ha collegio cuja maioria de votantes é de indios, homens por bem dizer selvagens e que se prestarão a fazerem eleitores os individuos indicados por João ou Joaquim. Esses mesmos eleitores (em certos lugares) não comprehendem o que é um representante de circulo, não sabem qual a importancia politica e social que elle tem a desempenhar; não; pelo contrario, não querem saber disto, e tendo escripto na sua lista o nome dado pela potencia do lugar, julgão satisfeito plenamente o soberano direito politico. V. Ex. pela sua illustração, sabedoria e experiencia, sabe muito melhor do que eu, que não valerá em circulos, como em Pombal — o apresentar-me, expondo os meus principios, as minhas crenças, o meu programma. Se eu tivesse um competidor de mais merito, vencel-o-hia a despeito de tudo, se contasse com certos elementos; se eu tivesse mais predicados, ficaria vencido, se o meu rival contasse com taes elementos. A influencia benefica dos que dirigem o paiz é pois uma necessidade entre nós, mais que em outros lugares ou paizes”.

(2) “A demissão em si nada é, nada vale, mas na occasião presente ella nos traz não pequenos desgostos. Quem comprehende o que é em geral o nosso centro, e o que são os partidos em taes logares, avalliará o que é uma demissão assim, depois de uma eleição pleiteada. O Cansação quer considerar a provincia sem passado, presente ou futuro politico e pautar seus actos pelos estoicos principios da imparcialidade. Lhe direi, porem, que a todos elle declara que muito me aprecia, que estimou o meu triumpho, que faz de nós o melhor conceito, etc. Aprecio em grande a moralidade e intelligencia da nossa administração actual, mas deploro e deploro muito que ella seja tão alheia á provincia ou antes que não conheça suas tradições de longa data, tradições que respeitadas e conservadas não lhe acarretariam faltas. Os negocios

Repete o novo deputado palavras de reconhecimento, Já as expressões, porém, são mais moderadas: “estou deputado pelo decimo circulo e a V. Ex. dou os parabens que lhe competem porquanto a minha causa teria naufragado se em V. Ex. não houvesse encontrado tanta sinceridade e amizade”. Fiel de Carvalho seria victorioso não houvesse elle, Dantas, encontrado um amigo como Wanderley: “não me era possivel nesta occasião deixar de consignar duas palavras em relação ao que lhe devo; não irei adeante, porém, e aguardo ensejos outros para confessar-lhe os sentimentos que me dominão”.

Wanderley buscava os talentos, favorecia aquellas ambições trepidantes e inquietas (1). Não o comoviam porém promessas de reconhecimento. O bom politico nunca as contou como moeda. A attracção pelos intelligentes era-lhe innata, desinteressada; os homens de espirito tinham sobre elle direitos innegaveis. Bastava-lhe a alegria de os ter encaminhado nos pri-

da nossa provincia reclamão sua attenção, e... V. Ex. não desconhece que ha desejos de na pessoa de certos amigos mais conhecidos e dedicados, demonstrar-se uma tal ou qual separação com a inauguração dessa propaganda nova e risonha de esperanças. Sem abandonarmos o campo politico não é possivel que alguma interferencia ou opinião deixemos de ter na sorte dos negócios que correm nesta provincia — no que toca a parte politica propriamente. A V. Ex. entrego estas reflexões breves e ligeiras e que não (?) de outro desenvolvimento porque fallo com V. Ex. que, com a experiencia, tino e conhecimento o mais completo e esclarecido de todos os negócios, dispensa qualquer palavra mais. Meu Tio Francisco foi tambem demittido pela prisão de um réo de Policia, e o Snr. Leovigildo tomou nisso toda a parte” (carta de Dantas, 8 de janeiro de 1857).

(1) Com igual ardor eram disputados os lugares de supplentes para os quaes tinham candidatos diferentes Gonçalves Martins e Wanderley. Este patrocina no circulo de Nazareth a Villaboim que, como o candidato de Gonçalves Martins, Eunapio Deiró, é derrotado pelo promotor Paschoal Pereira de Castro. Pelo circulo de Valença Justiniano Madureira triumpho e pelo circulo de S. Amaro e Purificação Fluzza vence a Moura. Ambos os victoriosos são patrocinados por Wanderley.

meiros e difficultosos passos. Não importava que ao depois tivesse de, em lugar de applaudil-os, combatellos, ou, o que é mais doloroso, ser delles combatido.

Junqueira Junior, como Dantas já com serviços de monta na assembléa provincial, lançava as vistas por toda a provincia á busca de um circulo. No de Cachoeira onde era magistrado tinha amigos e elementos — Trasibulo, Manoel Caetano. Mas tambem em Chapada parecia-lhe sorrir a victoria. Não desdenha todavia Jacobina; nem deixa de pensar em Joazeiro. E se, afinal, perde na Chapada, é eleito supplente pela Purificação. Mas é ao prestigio de Wanderley que se acolhe: “emfim deposito nas mãos de V. Ex. o meu futuro, certo de que a minha dedicação não tem limites”. Julgava-se, porém, com direitos, e os tinha, a uma recompensa: “os meus esforços e os meus trabalhos que resultado me hão de trazer se me não trouxerem uma eleição? Seria desanimador. V. Ex. só, me poderá tirar deste estado de anciedade, e incerteza e constituir em mim, não direi um amigo mais dedicado, mas uma dessas obrigações que jamais se romperiam porque importam o meu futuro. O governo pôde tudo; vae fazer a eleição por toda a parte; as cousas estão assim dispostas” (carta de 5 de agosto de 1856).

O seu reconhecimento é menos exuberante que o de Dantas: — “protegendo a minha candidatura e dando-me tantas provas de benevolencia e amizade, eu saberei corresponder á confiança e affeição de V. Ex.” — igual, porém, é a fé na pujança do apoio semi-official de Wanderley. Si a eleição fosse por provincia teria como certa a victoria, mas sendo por circulos a “influencia do governo era a unica efficaz”. “Pela lei dos circulos só sahirá deputado (ao menos nesta provincia) quem o governo quizer. Esta é a verdade; nisto estão aqui todos concordes, — homens imparciaes,

potencias eleitoraes, e a propria opposição. He questão decidida e assim V. E. me protegendo, eu estarei eleito" (carta de 31 de maio de 1856).

Os factos desmentiriam essas opiniões, ou ellas eram meios de captar melhor o arrimo do amigo governante: "na sua posição de ministro e na sua posição em relação aos negocios da Bahia *desejar e poder* são a mesma cousa" (1). Wanderley quiz, mas Junqueira não foi eleito deputado. Só alcançou a supplicia.

Outros candidatos tinham então o que agradecer ao ministro bahiano. Se Sampaio Vianna, dentro de uma velha e intima amizade, apenas suggere, inteiramente confiado na acção do seu patrocinador, Saraiva mostra-se sensível á neutralidade de Wanderley o qual

(1) Junqueira que era muito agradecido a Wanderley pela nomeação para presidente do Piauí, tinha grande desejo de vir á camara. Supplente, elle queria que o deputado Pereira Franco lhe desse oportunidade de revelar na córte seus dotes parlamentares: "Poderei ir á Camara para o anno? O Franco bem podia me ceder ainda que fosse o mez de Maio somente". Sempre adheso a Wanderley, accrescentava nessa carta de 18 de dez.º de 1856: "eu desejo seguir a sua estrella, e della espero qualquer reflexo illuminador".

Durante as eleições houve candidatos que propuzeram a competidores conchavos e accordos para o exercicio alternado do mandato: "alem do Moura, que parece não ter ainda querido desistir do seu intento, apparece agora o Dr. José Joaquim dos Santos pretendendo o lugar de deputado, que me cederá se eu quizer fazer o conchavo de *der-lhe 2 annos para elle como supplente ir á camara!* Elle ainda não se delibrou a fallar-me em tal; mas já tenho prompta a resposta. Hei de lhe fazer sentir que o lugar de deputado não é propriedade particular da qual se possa fazer o uso que mais possa convir, que é antes um onus posto que honroso, de que não é illicito isentar-se aquelle sobre quem elle recae, muito mais quando sollicito; e sobretudo que semelhantes conchavos sempre carecem de honestidade e lisura que devem servir de base indefectivel a qualquer acto praticado em relação aos negocios publicos ou privados e que portanto empregue elle seus recursos que eu empregarei os meus, sendo que ao preferido pela urna competirá exclusivamente de tomar parte nos trabalhos legislativos" (carta de Pereira Franco, 4 de ag.º de 1856). "Escandalisou a opinião publica o facto de celebrarem varios candidatos transacções por escripturas lavradas em cartorios de tabellães para que entre os litigantes se dividissem as sessões da camara, uns com o diploma de deputado, outros com o de supplente" (Pereira da Silva, "Memorias do Meu Tempo", I, pag. 260).

a não haver a candidatura de Magalhães Castro, seria, como das outras vezes, esteio da victoria do futuro chefe liberal (1).

Saraiva estimaria essa neutralidade pois temia o reconhecimento como a um grilhão. A ancia de vencer, todavia, condul-o a solicitações que bitolam as suas frias promessas de agradecimento; e não desdenha a comparação como estimulante: "V. Ex. parece mais meu amigo que o Sr. Martins".

IV

Sinimbú tivera, nessa eleição, como, em geral, na administração da Bahia, duas preocupações: a da imparcialidade e a de não parecer submisso ou instrumento do governo e especialmente de Wanderley, justamente por ser este o ministro mais seu amigo. Estima a este como a um irmão mas é cioso de autoridade e não se conforma com o segundo plano. Por isso a sua neutralidade é algum tanto ostensiva, exhibicionista, avida de pregões os mais eloquentes dos quaes eram os sacrificios dos amigos de Wanderley.

Desde que assumio a presidencia da Bahia Sinimbú forrou-se de distante sobranceira, deixando-se dominar por uma desconfiança geral nos homens e um aniquilante pessimismo a respeito de tudo. Nas suas car-

(1) "Agradeço-lhe a neutralidade que guardou, — escrevia Saraiva a Wanderley —. Si o Magalhães fez o que fez com ella, e imparcialidade do Sr. Sinimbú, o que não faria sem ellas?" Chama Magalhães "candidato protegido por todas as notabilidades da Côte".

Sobre esta eleição de Saraiva e Magalhães Castro lêr a polemica que entretiveram os dois em dez.º de 1856, um pelo Diário da Bahia, o outro pelo Jornal da Bahia.

Por esse tempo Wanderley tambem encaminhava os primeiros passos de Leão Velloso o qual lhe assegurava esperar occasião para mostrar a sua gratidão. Wanderley offerrece-lhe o lugar de juiz municipal de Pombal, que elle não acceta (carta de Leão Velloso, Aracaju, 16 de julho de 1856).

tas a Wanderley tudo lhe semelhava máo, defeituoso, carente de emenda. Parece que na Bahia só o enthusiasma a belleza e a riqueza do Reconcavo, quando ao percorrel-o a hospitalidade bahiana consegue rendel-o. A magistratura era a peor do mundo; a assembléa provincial detestavel; as eleições horriveis. Tudo o que rodeava a administração lhe causava repulsa. Quer então tudo emendar; e só, por si só.

Quando a fervura eleitoral começou a sua ebulição de ambições e expedientes, dispoz-se á abstenção absoluta não comprehendendo que a mesma attitude não assumisse Wanderley, o qual, entretanto, tinha alli amigos, correligionarios, compromissos, naturaes preferencias, um partido pessoal, como elle proprio, Sinimbú, nas Alagôas. As suas cartas são insistentes como a quererem forçar o amigo a retrahir-se. Capitulava as dissidencias, as emulações eleitoraes, o jogo das ambições e perguntava ao amigo ministro — “que tenho eu a fazer no meio disso?” As crises estavam creadas pelos que o haviam antecedido, as influencias do dia já as encontrara feitas “com que direito vou me metter nesse laberintho?” (carta de 4 de outubro de 1856). Via muita gente capaz de representar a provincia — porque havia, pois, de mostrar preferencias ou manifestal-as ao governo?

Faria a politica de Pilatos, mas não queria deixar de castigar os que errassem — “é tudo mixordia. Ninguem aqui se deve ter por seguro (1) ... Grande anarchia, e eu no meio della dando pancada em quem merece, que não são poucos” (carta de 6 de novembro de 1856). Tanto attinge aos amigos de Wanderley nas demissões dos de Tiberio e Dantas, como

(1) Entre os liberaes era a mesma lucta pessoal: “o Japiassú trabalha contra o Eduardo... João Barbosa trabalha contra o Souto” (carta de Sinimbú, 6 de novembro de 1856).

nas medidas energicas contra os liberaes, inclusive o desordeiro Alves (o do incidente do Theatro S. João) que, na Sé, arranca uma urna e inutiliza uma eleição, e finalmente vae parar preso no Forte do Mar. “Estou disposto a caminhar meu caminho, sem inquirir a quem agrado ou deixo de agradar; é mister porém confeçar que esta terra está muito perdida; e não sei se toda minha enorme paciencia dará provisão para longa jornada!” (carta de 17 de dezembro de 1856).

Junqueira escrevia em outubro: “o Sr. Cansanção não quer auxiliar ninguem, quando, por outro lado, o Sr. Martins procura proteger alguns candidatos em detrimento de outros. Creia V. Ex. em uma cousa, e he que aqui na Bahia se procura destruir a justa influencia de V. Ex., pois que o merecimento de V. Ex., o nome puro que tem, e a posição a que se acha elevado, fazem sombra a *certa gente*. O plano do Sr. Martins he alardear que fez dez ou doze deputados e ir para o anno como chefe ou director da deputação da Bahia” (carta de 2 de outubro de 1856). Por sua vez Tiberio queixava-se de demissões de alliados seus e nomeações favoraveis a Pedro Moniz e Souto.

Sinimbú prevenira a Wanderley: — “farei ver a todos as pessoas por quem te interessas, o desejo que tens de que ellas sejam eleitas, mas não tomarei empenho pessoal por nenhum candidato; não ha hoje um só pretendente á deputação geral que não seja moço de illustração e habilitado a fazer carreira; o que ganha o governo, e que principio de politica será indicar de preferencia este ou aquelle?” (carta de 26 de setembro de 1856); mas tambem não queria que Wanderley recommendasse os seus preferidos: “devo advertir-te que aqui te censurarão por escreveres cartas de recommendação em favor de candidatos, e debes já contar que

algumas te serão lidas em face! (1). Digo-te isto como amigo, sem aliás querer mover-te de teu proposito". E poucos dias depois: "já te disse que procurão cartas tuas para mostrar tua intervenção nas eleições; sê pois cauteloso" (carta de 4 de outubro).

Cauteloso era Wanderley. A sua intervenção não era a do ministro mas a do politico a seus amigos, aos chefes locais com quem sempre lidara, e não deviam morrer para elle porque era ministro. A sua attitude como membro do governo estava dentro das normas estabelecidas pelo proprio programma que o impera-

(1) Fernandes da Cunha na sessão de 14 de maio de 1857 defendendo a eleição de Pedro Moniz contra a de Alvaro Tiberio, chamou a Wanderley de "valente patrono" deste e leu a seguinte carta do ex-ministro da fazenda ao chefe eleitoral de Maragogipe e adjacencias, Guedes: "Illm.º Am.º Sr. Guedes — Não sei porque não me tem honrado com suas letras, quando sabe que as aprecio. Estimio que não tenha sido por falta de saúde. Eu não passo bem physica e moralmente fallando. Algumas cartas que neste correio recebi da Bahia dizem-me que V. pretende apresentar candidato pela Cachoeira em opposição ao Tiberio, o doutor Pinto Lima! Não acredito nem acredito que tanto V. como o doutor tenho semelhante idéa; porque para te-la seria mister que no pouco tempo que estou ausente o Guedes houvesse completamente mudado, e não fosse aquelle amigo leal que nunca vacillou em fazer sacrificios para manter intacto o seu caracter. Contrariar o Tiberio quando elle abandona os empregos que servia para pleitear uma eleição, confiado em amigos sempre constantes, seria um acto que prejudicaria mais aquelles que o praticassem do que a elle proprio. Tenho por impossivel que da sua parte haja a menor intenção neste sentido, e attribuo a calumnias de seus inimigos; mas não pude resistir á obrigação que me assiste de preveni-lo desses fallatorios, e de saber de V. de onde nascem elles. Seria para mim a mais cruel decepção se nisso houvesse a menor sombra de verdade. Já lhe mandei dizer como ficarão os districtos eleitoraes; e a prova de que procedi sem attenção a outros interesses que não os de uma melhor divisão foi que o Militão entrou para o círculo da Barra, onde vae ter uma influencia que talvez supplante a da minha familia. Adeos. Mande suas ordens ao seu amigo obrigado — Wanderley. Rio, 27 de Setembro".

Esta carta foi a unica de Wanderley lida na camara. Fernandes da Cunha lê outra de Pedreira (Bom-Retiro, ministro do imperio) na qual este ministro recommendava Magalhães Castro, seu cunhado, contra Saralva (sessão de 30 de abril de 1857).

Silveira Lobo atacou fortemente os ministros demissionarios como havendo intervindo nas eleições: "escreviam cartas empenhando tudo quanto erão e quanto vallão em prol do triumpho dos candidatos seus protegidos". Accusou de abusarem de sua posição e romperem neutralidade os ministros da justiça, Nabuco, guerra, Caxias, imperio, Pedreira contra Saralva (sessão de 30 de abril de 1857).

dor apresentara ao gabinete quando morrera Paraná (1) — pedia em favor de “candidatos cujas relações pessoaes com elle tiravam todo e qualquer character official ao pedido”. Continuava pois a escrever a despeito dos conselhos de Sinimbú que, aliás, insistia: “receio muito tornar-te a dizer, João, que estas eleições te causarão muito desgosto; ao que se diz descobriste-te demais, e não faltará quem disso te queira fazer accusação” (carta de 2 de dezembro de 1856). (2).

Algumas das causas dos successos ou insuccessos em que se vio abarbado Sinimbú em commissões que exerceu estavam em certas qualidades de seu character politico. Já em Alagôas elle inaugurara a sua carreira com esse signo tragico que presidiria a seus destinos

(1) “Execução conscienciosa da lei eleitoral. Quanto permittem as minhas disposições se tem evitado que vença um só partido nas eleições. Estas devem ter lugar com toda a liberdade de voto; cingindo-se a acção do governo aos seguintes principios. Nenhuma intervenção directa de qualquer membro do ministerio, e ainda menos deste, podendo comtudo os ministros pedir em favor de candidatos cujas relações pessoaes com elles tirem todo e qualquer character official ao pedido. Pode haver intervenção indirecta por meio dos Presidentes, entendendo-se estes com as influencias locaes que não forem autoridades, e só nos casos, e sob as condições seguintes: 1.^a quando convenha oppor a um candidato pouco digno de tomar assento entre os representantes da Nação, ou que defenda idéas contrarias á base do nosso systema politico, outro que não esteja em taes circumstancias, comtanto que este seja aceito pelo districto eleitoral, e não se torne preciso empregar melos de coacção de qualquer genero para evitar a eleição do adversario; ou quando não se tenha apresentado candidato por algum districto eleitoral, ou este o não tenha naturalmente, e aquelle cuja eleição lembrar o governo fór bem accita. Não fallo da eleição primaria particularmente, porque se deve regular pelos principios adoptados para a secundaria” (Ver Joaquim Nabuco, “Um Estadista do Imperio”, I pag. 397).

(2) “Wanderley e Paranhos hão de ser muito aggreddos nas Camaras pela eleição da Bahia e da Côte. O Nabuco he o que se acha em melhor posição, apesar de que se metteo e muito na eleição de Pernambuco e da Bahia. Pedreira está zangado com o Nabuco e o Wanderley, porque protegerão o Saralva contra Magalhães Castro. O Imperador, poren, não tem querido admittir conversas por ora sobre demissão do ministerio” (carta de Octaviano a Penedo 15 de dezembro de 1856).

entre motins, quasi revoluções, como o da "carne sem osso" na Bahia, e do "vintem", na côrte. Desde os prodomos da eleição elle estava armazenando na Bahia polvora para a explosão. Alienava de si apoios e dedicações. Haviam de vir, dos que aliás estavam indicados para seus cyrenêos, os ataques que lhe solapariam o prestigio. Tiberio mandava para a côrte correspondencias amargas (1857), vingando-se da derrota que em muito attribuia ao presidente. Os amigos de Wanderley delle se afastavam. O futuro Barão de Macahubas alludia em carta ao "proposito deliberado" do presidente de fazer crer que "não recebia a minima inspiração" de Wanderley, cercandose "dos mais impenitentes inimigos de V. Ex. como sejam o Barbosa, o Roxa deboche, Landulpho, Hygino, Manoel Jeronymo e outros com quem priva e que são indefectíveis nas suas partidas semanaes" (carta de Aabilio Cesar Borges, 22 de março de 1857). E Junqueira fazia sombrios prognosticos: "a politica por aqui vae em maré morta. O Cansação, porém, vae a cada dia alienando a amigos nossos. A opinião publica está unanime contra elle por causa de ter dado liberdade a dois escravos evadidos da casa de seu senhor e que se disseram vindos (ha 4 ou 5 annos!) em um navio negreiro. Elle acceitou uma felicitação dirigida por uns *fidalgos* tôlos, na qual se dizia mal das administrações passadas. Emfim eu auguro mal de tudo isto" (carta de Junqueira, 16 de fevereiro de 1857). (1).

(1) Em 10 de junho de 1858 Tosta escrevia a Wanderley: "Escrevem-me dahi que a ausencia do Sinimbú serenou um pouco a tempestade que parecia imminente sobre a nossa Provincia; eu porem receio que seja isso apparente e supponho que os erros de tão longo espaço não se remediarão facilmente. Deus queira que me engane".

Esses augurios não seriam desmentidos. O motim de 28 de fevereiro de 1858 que tomou proporções de tanta violencia quanto perigo, teve raizes no desprestigio politico em que cahira o presidente Sinimbú.

Naquelle eleição por circulos, na Bahia, Gonçalves Martins reabriria em Wanderley uma chaga cicatrizada: a da eleição senatorial.

Entre estes dois homens, as divergencias escolhiam como projecteis ou bandeiras de paz franquezas epistolares. Não se dispensavam jamais de discutir, accusar, recriminar, defender, justificar em cartas de extrema vehemencia, de amigos desavindos que necessitavam de explicações mutuas.

A bellicosidade de Gonçalves Martins achava encantos em se exercitar contra Wanderley, porque o duello se fazia com floretes luzentes de espirito.

Martins via que o bastão de chefe que empunhara se lhe escapava; o ciume do ascendente do amigo e alliado lhe exaggerava as susceptibilidades e a inquieta combatividade. Mostrar para quanto valia; oppôr-se ao poderoso do momento que lhe podia fazer sombra eram inspirações do orgulho proprio e conselhos de intrigantes interessados na discordia.

De seu lado Wanderley não comprehendia que Gonçalves Martins só a elle quizesse atar a cadêas de disciplina ou apertal-o numa submissão politica ás quaes nunca se quizera sujeitar.

Nem na eminencia em que se encontrava, havia de servir a caprichos: — fosse aos propios, quanto mais aos alheios. Tinha compromissos com o governo de que fazia parte e com os chefes locais que o ouviam e attendiam. Havia de navegar a esses dois ventos.

Martins, porém, lhe surgia em frente como um pampeiro, a querer submergil-o.

Wanderley tenta, a principio, chamar o amigo á reflexão e á conciliação. Debalde. Este se azeda recriminante. Os amigos de parte a parte sopram o brazeiro. As noticias encandecem as queixas. Aquillo poderia ir até ao incendio de um rompimento. Wanderley abafa então toda a discussão, para agir, só agir, sem falar nem escrever. Que o silencio defendesse a amizade ameaçada pelas recriminações epistolares.

Morrera Paraná. Adeptos de Martins na provincia achavam que o Marquez havia sido o unico que lhe podera diminuir a influencia. Desde que a nova batalha eleitoral fosse favoravel, firmaria o senador bahiano, de vez, o seu dominio na provincia e na politica geral. Não tergiversou: — escolheu candidatos, marcou, para batel-os, aos do ministro Wanderley.

La submeter os altivos, erguer os humildes, proteger os ambiciosos, guiar, ser mais uma vez "chefe". Que lhe censurassem as novas alianças com João Barbosa, com Hygino Pires Gomes, com Netto — a "liga monstro". Não importava. O interesse eleitoral muitas vezes transmuda aos homens, como o momento da parada ao jogador. A ancia de vencer obrigava a represalias e reconciliações, antes nem imaginadas. A presteza dos golpes, a instantaneidade das reacções não permittia a Martins a filtragem da ponderação. Já não via inimigos: esquecia aggravos — só encarava a victoria pela qual porfiava.

As urnas, fazendo partilha equitativa dos triumphos, dividindo entre Gonçalves Martins e Wanderley a deputação bahiana, ajudaram o trabalho do esquecimento e da concordia.

V

Os resultados das eleições geraes confirmaram os vaticinios pessimistas dos que haviam combatido a reforma eleitoral e desvaneceram as esperanças de permanencia do ministerio.

São do Visconde do Uruguay estas impressões de desanimo: “a politica e os embaraços internos dão que fazer ao governo e os proprios ministros reconhecem que não podem ir alem de Maio, principalmente tendo perdido o Paraná o qual era o ministerio todo. Está tudo muito confuso e baralhado, e ninguem se entende e sabe a quantas anda, com os taes circulos que todos maldizem”. (carta a Penedo, 12 de novembro de 1856).

“Não ha novidades além das relativas á mixordia circular eleitoral. Está visto, isto não se endireita sem a eleição triangular” (carta a Penedo, 11 de dezembro de 1856).

“Está tudo aqui em calma. O Imperador está em Petropolis. Nada de novo além de varios despàrtes que tem sahido da urna circular. Sahio eleito grande numero de novatos que ninguem conhece... Por um triz não é o Sergio derrotado por um medico de muito merecimento como medico mas que nenhuma idéas tem senão de medicina. Na maior parte dos circulos verificou-se a confusão da Torre de Babel” (carta a Penedo, 13 de janeiro de 1857). (1).

(1) O jovem Paulino candidato pelo circulo Itaborahy-Maricá-Nitheroy, dava tambem a Penedo estas noticias: “as eleições são a ordem do dia e os candidatos trazem tudo numa poeira (como se diz em nossa boa terra). Ambições novas se levantam de todos os lados, as influencias locaes disputam a primasia as de provincia e tudo annuncia uma lucta renbida que Deus queira que não tenha máos

Não eram differentes as de Wanderley que, observando o final da lucta, escrevia a um amigo: “vae-se aplacando por aqui o ardor eleitoral, ficando alguns velhos generaes extendidos no campo de batalha: *beatus qui cedit á dextra patris*” (carta a Azevedo Peçanha, dezembro de 1856); e a Penedo: “temos andado numa *dobadoura* com as taes eleições circulares; felizmente vae passando a tormenta — deixando apenas algumas casacas rasgadas e poucas cabeças quebradas. O que será a camara futura não sei; mas o que te affianço é que não serei eu quem ha de soffrel-a... Já recebi bastante para o meu tabaco, e apreciado o que são *as grandezas da terra*” (carta de 13 de novembro de 1856).

“A nova camara em sua maioria conservadora tem tanta gente nova que difficil será dirigil-a. A opposição trará de 25 a 30 membros que se forem arregimentados darão que fazer” (carta a Penedo de 7 de fevereiro de 1857).

A tendencia do gabinete para abandonar o poder era no ministro da fazenda deliberação obcessiva: “por maiores que sejam os meus desejos de prestar-me ao serviço publico, comtudo ha um termo aos sacrificios. Os meus não podem ser maiores e necessito tempo para concertar minha vida. Além disto não creio que o ministerio possa como está promover sem grandes embaraços o bem de que necessitamos. Estamos em uma epoca nova e quasi desconhecida, que demanda obreiros novos, ainda não gastos por tres annos de lucta. Servi de *remendo* e não desejo ser *remendado*... quero descançar e nada mais. Cumpre-me comtudo pre-

resultados. Scenas bem desagradaveis já teem tido lugar. Escrevem-me que o Ministerio é tido por provisorio e que tem consciencia de sua pouca vida” (carta datada de Paris, 13 de nov.º de 1856).

venir-te de que não hei soffrido desgostos pessoas nem do *alto* nem dos collegas" (carta de Wanderley a Penedo, 23 de fevereiro de 1857).

Os homens que deixam o governo, mesmo quando o fazem sem saudades, raramente são benevolos nos julgamentos intimos em relação a seus successores. Uma tendencia a infirmar desacertos, um desconsolo triste e pessimista domina o espirito dos que se apeiaram do poder ou deixaram-n'o ir a outras mãos. Wanderley abandonando a pasta e Uruguay recusando organizar ministerio não escapavam, em 1857, a essa regra.

Já em fevereiro (cartas de 7 e 23) Wanderley confienciava a Penedo: "quem nos substituirá? — E' o que ninguem pode prevêr porque os nossos principaes homens mostram-se receiosos. . . Vão-se tornando difficeis as organizações ministeriaes, agora, principalmente, que a camara dos deputados não contem em seu seio gente experiente". Todos receiavam, salvo Souza Franco: — "salvo o Souza Franco que de tudo reputa-se capaz, ou antes, quer ser ministro seja como fôr".

Em abril é preciso, fallando das despedidas — "porque poucos dias nos restão. Não que receemos falta de maioria; mas porque assim é mister para maior gloria de Deus, serviço do Rei e comodo dos miseros mortaes. A opposição de certos jornaes exprime — fome —. Certos de que não queiramos continuar, começarão a fazer serviços aos futuros governadores. Tu verás "o choro de elogios a quem quer que seja" (carta de 11 de abril de 1857).

O imperador chama para chefe do novo governo ao Visconde de Uruguay que recusa o encargo. E' assim que o communica a Penedo: "verá dos jornaes que o ministerio Paraná-Caxias se retirou e que fui chamado para organizar o outro. Julguei dever declinar essa honra nas actuaes circumstancias. Não me irei deitar no leito de Procusto sem ter alguma esperanza de fazer alguma cousa util e certeza de organizar um ministerio forte que possa tractar com as innumeradas e complicadas difficuldades que nos cercão. Foi chamado o Olinda e é crença geral que o ministerio que organisou é fraco e provisorio... Não acredite no que insinúa o Mercantil, a saber que não organizei ministerio porque não forão accetos os nomes que propuz. Declinei liminarmente o encargo (carta de 9 de maio de 1857).

O desalento e o pessimismo de Uruguay se espelham nestas palavras do filho — Paulino — em carta tambem a Penedo e datada igualmente de maio: "como seu amigo peço que fortifique-se na sua resolução de não querer ser senador. A politica de nossa terra apresenta um aspecto desanimador para o homem honesto, porque quando no systema constitucional desaparecem os partidos e com elles as idéas, o interesse individual ou a corrupção é o meio para o qual appellam inevitavelmente os governos baldos de outros recursos com que em epocas normaes poderiam formar maiorias. Infelizmente estamos neste caso e é desagradavel entrar nos comicios quando a dissolução se apodera de Roma. O ministerio de 7 de Setembro, acephalo depois da morte do Marquez de Paraná, terminou a sua carreira ao abrir-se o corpo legislativo. O Sr. Visconde de Uruguay, meu pae, declinou da tare-

fa de organizar novo gabinete: . . . Tem-se dado milhares de explicações e por mais que se indague ninguem sabe qual o pensamento que presidiu á organização ministerial”.

O gabinete Olinda assim mal recebido por Uruguay e Paulino não era mais benevolmente julgado por Wanderley: “o ministerio nada tem feito, — escrevia a Penedo — (12 de junho de 1857) — nem ha de fazer. Olinda, apesar de sua illustração não tem o vigor preciso; Vasconcellos recebe a herança de Nabuco e ha de ser-lhe difficil acompanhal-o de longe; o teu Maranguape deo o seu *cacho*. . . Sentirás a differença na tua correspondencia que é obra do Azambuja. A camara dos deputados ainda discute eleições e resposta ao discurso da corôa! E discute o que? Uma politica especulativa, deixando os grandes interesses á matroca! Uma semelhante situação não é sustentavel; e se durar ha de ser muito prejudicial. Lê se poderes, as discussões, e repara o *papel* que representa o Souza Franco, não sabendo se é ou não conservador, mas seguindo a mesma politica passada a que aliás se oppozera. Não te admirarás disso”.

Não decorreriam mais de dois mezes e a critica agrava-se em descrença: “que te direi da politica? Só vejo promessas, muitas dellas irrealisaveis, e não auguro nada de bom da marcha que levão as cousas. A *unanimidade* das camaras é mais apparente que real. Para o anno veremos. . . Quem sahirá logrado *deste jogo*, em que não ha sinceridade? . . .”

E aconselhando o amigo a que se mantivesse distante da politica, não poupa uma allusão ao poder pessoal: “Limita-te ao teu officio — *taliter-qualiter* — e não te mortifiques com o que acontecer; e aguarda melho-

res tempos na certeza de que o 1.º ministro é *Sa Magesté Louis 14* e..." (carta de 13 de agosto de 1857).

Emquanto o *gabinete do equilibrio* iniciava a sua administração Wanderley, no senado, esperava o fim da sessão legislativa para um longo retiro politico.

O mundano na Bahia e na côrte

I — VIDA SOCIAL NA BAHIA DE 1840 A 1857. - AMIGOS DE WANDERLEY.

II — A SOCIEDADE E A VIDA SOCIAL DA CÔRTE. - MUSICA, THEATRO E BAILES. - MACHINAS DE COSTURA E ILLUMINAÇÃO A GAZ. - O JOGO. - VIDA LITTERARIA. - OS LEÕES DO NORTE.



AO politico alliava-se em Wanderley o mundano, o sybarita, que, entre a côrte e a Bahia, sorvia o goso da vida elegante de seu tempo.

Foi uma epoca de grandes transformações aquella que se escoou de 1840 a 1857. A evolução social na capital do imperio, assim como na antiga capital da colonia, obedecia ao mesmo compasso.

Na Bahia o isolamento arabe das mulheres cesara seus rigores; passara o tempo das rotulas ciumentas. A dança mais frequente, os bailes mais amiudados alentavam nas damas desembaraço e independencia. Janellas, sacadas e tribunas de igreja exerciam seu mister de postos de observação e combate nos namoros romanticos á distancia; e as balaustradas dos camarotes do theatro ouviam muito mudo dizer de gestos, leques e lenços das meninas casadoiras para os janotas amorudos.

As ruas de Baixo e Direita de Palacio (como na côrte a rua do Ouvidor) enchiam-se de lojas de gringos que traziam modas e modos: eram as francezas Mme. Gaillard e Mme. Poisson, com seus vestidos; os Deaumerie (Charles, François et Jean), com suas celebres alfaiatarias onde se talhavam casacas justas de merinós e alpacas, e os elegantes escolhiam os vistosos colletes de velludo, setins bordados, chamalotes e fustões e mais as calças brancas de *tam*; Bovio e Largeau & Laconte os cabelleireiros que frizavam melenas

e vendiam luvas de Jouvin; Domenique Borel que expunha, como Ernest Pinot, adereços de diamantes e obras de ourivesaria européa; J. Goston e Francisco Napoleão Bantz (este vindo da côrte aonde retornaria (1855) que annunciavam seus "retratos com chapas a electrotipo, com a vista do Porto do Bomfim ou sen ella", e offerciam pulseiras e broches proprios para receber retratos.

Lourenço Devoto habituava os bahianos a bebericarem os refrescos de sua fabrica de gazosas e a devorarem os "filhós" da famosa pastelaria da rua de Baixo onde construiria mais tarde um palacete com salas especiaes para banquetes.

E no Largo do Theatro, no Hotel de l'Univers ou Figueredo, no Hotel do Imperio, louvado pelo principe Paulo Alexandre de Wurtemberg, ou no "Coffee Saloon" de William Walsh, iam os papa-sorvetes aproveitar o "stock" de gelo, de quando em quando trazido em navios que abasteciam a cidade para mezes.

Ensaivavam-se novas danças nas "partidas" frequentes. Os menos aptos em imitar, pagavam aos professores Bramont e Marquetont que ensinavam passos de lanceiros e quadrilhas e azeitavam juntas duras para o desenrolar da valsa cadenciada ou para a agitação a dois tempos das polkas.

O gosto pela musica multiplicava os que viviam de a ensinar. Alguns cantores deixavam-se alli ficar, como mestres, naquella cidade amavel, de bons pagadores, abandonando a vida incerta e fatigada do palco lyrico, como acontecera a Virginia Bocomini. Quasi todos esses professores tem nomes italianos — Albertazzi, Dentice, Baciogalupo, Toselli, Mosso. Já os donos de copistarias de musicas são brasileiros, salvo Pedro Betti — e todos estão sempre occupados a encher pautas com "walsas, contradanças, schottisches,

polkas, mazurkas, varsovianas, sicilianas e bellas modinhas de diversos autores bahianos, com acompanhamento de piano ou violão" (1).

Do Natal ao entrudo succediam-se bailes pastoris e reisados, com ranchos e ternos. E as festas do Bomfim, como as dos oragos pelo Reconcavo, interrompiam os "passar a festa" nos engenhos ou nas praias.

Não havia "sports" que reunissem e approximassem. O unico em voga — a equitação — não ajudava a sociabilidade. A natação era privilegio de audazes raros e as damas, em amplas baêtas e pudicas calças de babados aos tornozelos, iam ao alvorecer, na meia luz das madrugadas, aos banhos de mar, discretas, furtivas, timidas, escondidas.

A sociedade dava-se encontros em torno das mesas dos jantares fartos, quando, como von Martius já notára, o convidado apreciava o "esplendor real, muitas vezes antigo, de mobilia e louça"; nas procissões e festas de igreja; entre os enthusiasmos do 2 de julho; nos bailes ou no theatro que, de certo tempo em deante, passou a dominar.

Um beneficio de prima-donna era acontecimento de vulto. Já em 1846 as chronicas registravam a "serata d'honore" de Adelaide Mugnai que lhe rendia não só palmas e versos, como sommas não pequenas (para mais de 10:000\$000 em dinheiro) além de joias e brindes.

Nesses espectaculos os assistentes pareciam querer tanto representar como os artistas. Ouvir sómente

(1) E não faltavam musicas de barbeiros contractadas para quanta festa de rua havia. Provam o gosto pela musica na Bahia de então as fabricas de orgãos e planos, entre as quaes as de Carlos Tappe e José Salvi. Martius notou o gosto dos bahianos pela musica "os brasilleiros são todos musicos natos".

seria pouco — era preciso gritar, applaudir, destacar poetas que declamassem exaggerados louvores em gongóricos sonetos. O “repentista”, o poeta Moniz Barreto, assomando de um camarote, a casaca cruzada, a barba preta emoldurando o queixo, bradava, naquella noite, á loura Mugnai:

“Nas azas de teu genio refulgente
 Do céo transpondo os avivados numes
 O canto bebes dos fagueiros numes
 E vens na scena derramal-o ás gentes

 afortunado
 Quem ensinar ao seculo vindouro
 Qual teu merito foi, qual foi teu fado”.

O desmedido das homenagens precisava de agradecimentos equivalentes, e a actriz que tantas lisonjas recebia modulava uma cançoneta que o maestro Antongini compusera, para desvanecer com suas coplas a platéa vibrante e ufana:

“Inda do mundo girando
 Toda a vasta redondeza
 No meu amor só Veneza
 A Bahia ha de vencer
 Aos bahianos generosos
 Sempre grata eu hei de ser”

Deputado, juiz de direito, chefe de policia, presidente de provincia, expandia-se, na Bahia, Wanderley por aquelles bailes e theatros, festanças campestres e

excursões; e acompanhava o evoluir dos costumes, o progresso que alterava a vida daquella segunda côrte do Brasil.

As cadeirinhas cediam aos carros e séges, emquanto as "gondolas" começavam a correr entre o Largo do Theatro e a Victoria, entre o Pilar e o Bomfim (1). E o proprio Wanderley ajudava ou promovia certas transformações: a execução da postura que prohibia aos carregadores trabalharem nús da cinta a cima, e a reacção mais intensa contra os enterramentos nas igrejas.

Uma retrahida distincção distante mas acolhedora — cortezia de attitudes dignas casadas a uma affabilidade sorridente — destacava a sociedade bahiana de então e a singularisaria ainda por longo tempo.

A' influencia tão minaz da escravidão resistiam alli as castas aristocraticas ou abastadas, guardando ademanes fidalgos, o espirito lapidado em cultura, em humour ou em poesia.

Na Bahia colonial já von Martius reparara, no theatro, o luxo dos trajos, tanto nos cavalheiros como

(1) As cadeirinhas da Bahia eram bem cotadas na côrte onde ainda em 1854 o Correio Mercantil em annuncio as recommendava. Por volta de 1856 eram fabricantes de cadeirinhas de arruar os Vergne (Manoel, Paulino e Raymundo). Fabricavam carros e séges Gercent, Ariani, Augusto Couteville. Os emprezarios das "gondolas" eram: — da linha da Victoria, Francisco Antonio Filgueiras, da do Bomfim, Raphael Ariani.

O principe-duque Paulo Alexandre de Wurtemberg notava, ainda em 1853: "é raro os bahianos se servirem de carruagens. Preferem "portechaises" chamadas "litteras" ou "litieras". O senhor ou senhora installa-se commodamente nessa "littera" e alguns pretos robustos levam o vehiculo nos seus hombros. O caminho pelas encostas da cidade alta para a cidade baixa é tão ingreme que para levar uma pessoa de certo peso de baixo para cima é preciso escolher homens robustos". Falla da carruagem de quatro cavallos em que o velo visitar o arcebispo primaz.

nas damas, e assim a etiqueta nos jantares da mais alta roda; e Tollenare, descrevendo um grande baile em 1817, louvava o gosto e a graça das senhoras bahianas, seus vestidos elegantes e bem talhados, muito mais na moda que os calções e espadins dos cavalheiros. Recordava este delicioso narrador o concerto em que certa senhora tocara ao piano "com graça verdadeiramente franceza" e mais as danças européas, cheias de ardor e de alegria e entre as quaes não apparecera o tão exquisito lundú de que tanto gostavam ainda os pernambucanos. Maravilhado dos diamantes como do ouro e da prata dos vestidos, apenas o não enthusiasmavam as iguarias da ceia, servida num pavilhão expressamente construido, em mesa de 400 talheres com profusão de velas e crystaes; em torno da qual as saúdes eram bebidas com demasiada sem-cerimonia.

Em 1853 o príncipe-duque Paulo Alexandre de Wurttemberg, que attribua aos proprios titulos e gerarchia o ter tido facil accesso á alta aristocracia bahiana, muito fechada para estrangeiros, notaria em seus salões uma sociedade "tão bem educada e culta quanto amavel e gentil", elogiando de muito bonitas as morenas bahianas, vestidas á franceza.

Nessa Bahia mundana Wanderley, multiplicando relações, escolhia amizades. Tinha elle como poucos o dom da sociabilidade, a sympathia que crêa dedicações, a alegria que inspira cordialidade, a assiduidade que alimenta as grandes estimas, a franqueza sem rudeza que as solidifica.

A sua roda na provincia não tinha fronteiras de raças, posições, nacionalidades, religiões, edades. Além dos que antigas convivencias ou a politica lhe

traziam, eram de sua privança, ao tempo de chefe de policia e presidente, os consules estrangeiros, taes como o Conde de Castelneau (1), o naturalista e viajante que representava a França; John Smith Guillner (2), que cuidava dos interesses dos Estados Unidos, e tão seu afeiçoado que a um dos filhos poz o nome de João Mauricio Wanderley Guillner; o da Inglaterra — John Morgan, — que ganhava franquezas para se abrir confiante, expondo projectos de estradas de ferro e iluminação a gaz. E na casa do grão-rabbino Izaak Amzalack, *leader* dos israelitas da Bahia, Wanderley amimava tres creanças, cantadas mais tarde — crescidas em idade, belleza e graça — por Castro Alves, que dedicaria “á mais bella das tres”, os tão bellos versos da “Hebréa”:

“Pomba d’esperanças sobre um mar d’escolhos

.....
Pallida rosa da infeliz Judéa”.

(1) Castelneau em 1850 datava da Bahia uma carta a Wanderley.

Nesse anno de 1850, a 1.º de setembro, escrevia elle ahí a introdução de seu livro “Itinéraires et coupes géologiques” publicado em Paris dois annos depois. No seu livro “Animeaux nouveaux ou rares...” ha reminiscencias de sua estadia na Bahia. São muitos os peixes com a indicação “connue a Bahia, rare a Bahia, observé a Bahia”. Foi na Bahia que Castelneau terminou o livro “Expedition dans les parties centrales de L’Amérique du Sud...” Parece que da Bahia, seguindo a carreira consular, Castelneau foi occupar o cargo de consul geral no Cabo da Boa Esperança. Ainda em 1857 figurava no quadro do corpo consular da Bahia, com a nota de ausente.

O principe-duque Paulo Alexandre de Wurtemberg, que esteve na Bahia de 31 de março a 2 de maio de 1853, refere-se a Castelneau, com quem conversara a miudo sobre assumptos scientificos, e que o auxiliara na remessa de peças para um museu de historia natural na Europa.

(2) Foi Guillner quem hospedou de 31 de março a 2 de maio de 1853 o principe duque Paulo Alexandre de Wurtemberg, quando este esteve na Bahia. O principe louva a gentileza do consul dos Estados Unidos, e gaba a casa que o acolhia — “muito bonita na cidade alta”.

Antes dos jantares do rabbino beijava aquellas cabecinhas, mal divisando naquelles olhos innocentes a semitica expressão nostalgica que inquietaria depois o poeta em decifrações sentimentaes:

“Porque descoras quando a tarde esquiva
Mira-se triste sobre o azul das vagas?
Serão saudades das infindas plagas
Onde a Oliveira no Jordão se inclina?”

Simy, Maria e Esther disputavam, tão meninas ainda, os carinhos do amigo do pae que, em Esther, apenas adivinhava a moça que a lyra amorosa immortalisaria:

“... pallida madona de meus sonhos
Doce filha dos serros de Engadi!
.....
Rosa branca da lyra de David”;

cuja figura perpassa ainda, entre nós, nimbada das phosphorescencias da poesia: — “no theatro ao som das harmonias”; á luz das arandellas, branqueando “a fronte altiva e peregrina”; ou á janella, á tarde, com
“a trança solta onde suspira o vento”.

II

O janota da provincia, o mundano de serões e sa-raus bahianos, das festas do Bomfim e das frizaãs do S. João e do S. Pedro, o excursionista vadio de *bota-das de engenho* não veio, quando em 1842 penetrou na

sociedade da côrte como deputado, pisar calçadas e salões do Rio de Janeiro com passo hesitante e timidez de acanhado. Bastar-lhe-iam instantes para se adaptar ao novo meio, pouco diverso do da Bahia, apenas mais frequente em partidas, bailes, noitadas theatraes, tambem mais indulgente e menos curioso dos ocios com malicia do Alçaçar ou do Carceller.

O casquilho enluvado, de gesto commedido e palestra alacre não demoraria em interessar ás damas; nem tardou o voluvel poeta Octaviano em conferir-lhe o titulo de "borboleta-mór do imperio".

Era a época das quadrilhas e das polkas, dos *vis a vis*, dos *dos a dos*, das mil oportunidades que a dança collectiva armava aos artificios do namoro para despeal-o de vigilancias e severidades. Nos bailes do Casino Fluminense — onde iam Suas Magestades; do Campestre; do Casino de Floresta; da Philenterpe; das grandes casas, como a de José Caetano de Andrade, na Ajuda, ou do ministro Aureliano, roçavam, nas quadrilhas successivas, as casacas negras e o roupão das damas que sorriam rubicundas de entre a moldura dos cachos ingenuos e dos lencinhos de cambraia rendilhada branqueando em torno ao pescoço.

Os rouxinões do tempo modulavam, nessas reuniões, *romanzas* da moda: "o baile Moreira esteve esplendido... — escrevia Octaviano a Arêas — cantou Madame Cansanção; cantou a Maria Izabel Bourbon, e cantou a D. N. Primou a allemã em um canto escripto sob as inspirações da natureza do norte, canto de Freyshurt... A N. creio que se não casa porque achou opposição na familia e porque a Côrte *desabusa* de calculos da provincia... Na noite do



Campestre fui eu quem a introduzi no salão e apresentei a alguns cavalheiros ou estes a ella. O Wanderley ficou doido, o Jansen embasbacado, e muitos namorados". (carta de 23 de maio de 1847).

Tudo era dançar, folgar, amar. Pois se o imperador rapaz dava o exemplo!? "Fala-se aqui nos salões em relações intimas do Imperador com a viuva Navarro (1)... S. Magestade tem dançado doze quadrilhas por noite. Os americanos riem-se" (cartas de Octaviano a Arêas, de 30 de agosto de 21 de abril de 1847).

Os compassos de dança e as arias de theatro resoavam em todos os ouvidos a todas as horas, e a musica alegre entrava até pelas igrejas: — "hontem tocou-se a polka no convento de S. Bento, no orgão da igreja, na occasião de apparecer a Alleluia... Tocou-se em S. Francisco de Paula quadrilhas francezas hontem!... Em S. Bento além da polka na occasião do gloria tocarão aquella ariêta da Rosina do Barbeiro" (carta de Octaviano a Arêas, 13 de abril de 1854).

O azougue daquella mocidade agitava-se do namoro ideal e puro ao convivio alegre de actrizes e cantoras. Os grandes amadores commoviam-se ao farfalhar de todas as saias e se embriagavam no rastro perfumoso de todas as mulheres. Se chegava um novo ministro da Europa, espreitavam-lhe as amantes com gula: "o Howden (de Inglaterra) é um fidalgo rico que trouxe uma hespanhola das que sonhamos, porém que a encafou num arrabalde da cidade, em uma chacara para que a não cubicem". (carta de Octaviano a Arêas, 18 de agosto de 1847).

(1) Mais tarde Octaviano faria allusão a outro romance de Pedro II; "o nosso monarcha já fez as pazes com a Mariquinhas Guedes, e continúa no devaneio petropolitano" (carta de Octaviano a Penedo, 12 de abril de 1858).

O theatro: — a Candiani na “Sonambula”, na partitura de “Sapho”, ou a cantar “lasciatemi morir” da “Lucrecia Borgia”; a Lasagne, de “bôas carnes e bôa voz”, a modular as melodias da “Favorita” ou da “Norma”; Tatti, “o mestre”, a ecoar a “Parisi-na”: “Io dare corona e vita, per poter domar quel cor”; mais tarde a Stoltz, em “Il due Foscari” e “Elixir d’Amore”; João Caetano, “o insigne”, a arrear assistentes do “Fr. Luiz de Souza” — o theatro — misturava naquellas cabeças arte e amor.

Esse incenso pagão de gôzo alacre subia até ao paço imperial de cujos salões só mais tarde se exilariam as danças alegres. As daquella epoca perdiam pela madrugada os ademanos da etiqueta. Para que sua magestade se deleitasse em 19 contradanças havia o saráu de se transformar em matinas, prolongando-se até ás cinco. Lá iam pelo braço do imperador a mulher de Paulino — de olhos negros luzentes, a Viscondessa de Abrantes — com seu *aplomb* de grande dama, a Caxias, e mais Maria Francisca do Valle Nogueira da Gama, Maria do Carmo Magalhães de Araujo, a bella Peçanha Gonçalves Martins, futura Viscondessa de S. Lourenço, a senhora Souza Franco, a Generala Coelho e Maria Custodia Ribeiro Mattoso da Camara. E, a disfarçarem impaciencias em reverencias, a sopesarem o andar vacillante da imperatriz coxa, avançavam e recuavam nas quadrilhas officiaes Souza Ramos, Maciel Monteiro, Paraná, Euzebio, Souza Franco, Caxias, Sebastião do Rego, o Barão da Boa Vista, Felizardo, Wanderley.

A valsa firmava seu imperio. D. Pedro rodopia com a Viscondessa de Montalegre e com o seu *flirt* Maria Eugenia Guedes Pinto enquanto D. Theresa

Christina, claudicando no compasso cadenciado, volteava com cuidados ao braço de Paes Barretto, (1).

Imitavam-se esplendores do segundo imperio em França. Paris dominava ainda uma vez o mundo, e as festas nas Tulherias, em Saint Cloud, em Compiègne, maravilhavam. Uma febre de imitação pegava á Europa toda e chegava á côrte do Rio. A alegria meridional da imperatriz Eugenia dava modelos para a expansão. Dançava-se por tudo. As festas de beneficencia eram bailes. As sociedades organizavam-se em cada bairro, arrebicando-se sob titulos preciosos: Vestal, Sylphide, Ulysséa... No Cattete "o bairro da tafularia, do casquilhismo, do bom tom, da elegancia, do espirito, da aristocracia — o faubourg St. Germain do Rio de Janeiro" — como dizia um chronista da época, fundava o futuro Visconde de Silva um circulo (1853).

As resonancias melodicas iam de cabeças' futeis até á cachola escaldada de politicos e governantes, entremeando arias com intrigas, e o andante das valsas com algarismos de orçamentos. Respirava-se musica: — um dia era o concerto de Francisconi no Provisorio, onde se applaudia a Jacobson nas variações de Rhode; depois era Mademoiselle Favrichon, no theatro S. Pedro, a pendurar ao ouvido dos assistentes os romances de Beranger...

E dançava-se, dançava-se sempre... Os bailes se multiplicavam: no do Coronel Manoel Maria Bregaro, na noite de S. João, no Andarahy, (2) alterna-

(1) De uma descripção do baile no Paço por occasião do encerramento da legislatura em 31 de agosto de 1852.

(2) No "Jornal do Commercio" e no "Correio Mercantil" de de julho de 1854 ha longas chronicas entusiastas em que é descrito o baile costumé offerecido pelo casal Bregaro na sua grande casa situada na falda do monte de Andarahy. A senhora Bregaro, franceza, ajudada pela filha Mnie. Caruette, sabia receber como pou-

va-se o canto das artistas da cidade com "travessas harmonias de Strauss e de Musard"; no da Condessa de Sarapuhy, á rua do Passeio, os vestidos fluctuantes se esmaltavam de bordados com enfeites de flores de palha ou de pennas; ao de Rocha Vianna no largo da Lapa, compareciam Suas Magestades, e as "duquezas" arrastavam pelos soalhos as franjas e "blondes" dos vestidos de Madame Gudin ou da Barat, mal deixando entrever os bicos das sapatinhas do Dias ou do Queiroz, a rescenderem essencias finas de sandalo sob a luz inquieta e mortiça das arandellas, enquanto os "leões", dançando, esperavam a ceia do Francioni com fricassés e sorvetes.

Aquelle, porém, que ficaria celebre e se tornaria uma tradição da casa (2) era a grande festa do Comendador Bahia, o rico banqueiro, a 15 de agosto, no dia da Gloria.

O Cattete floria então^o de damas que se debruçavam por sacadas e janellas, irisadas de colchas e pontilhadas de luminarias; na rua o povo fervilhava borbo-rinhando até a praça do Mercado, e, ladeira acima, pelo adro onde as musicas estridulavam, entre os pregões

cas. Octaviano na "Semana" louva com encanto essa festa. Na chronica do "Correio" ha menção das varias fantasias vestidas pelos convidados. Lara Tupper vestido de D. Basilio dançava a quadrilha com Adelaide Midosi, uma elegante escosseza. As filhas do Conselheiro Ferreira França, eram umas lindas pastoras. Dançavam ainda uma filha de Wallachia, uma "fille du regiment", um Cardinal Richelleu, um Henrique IV, etc. Antes da ceia, no internedio ás danças (quadrilhas, valsas, schottishes) Mme. Bregaro canta duettos com Tadeo Ferranti. Serve-se a ceia a uma hora da manhã. O "menu" era pouco differente dos de hoje: "pathé de foie gras", perús trufados, pelxes "pantagruelicos", galantinas, mayonnaises, bavaeroises e crêmes gelados. Serviço feito pelo Francioni numa sala improvisada no jardim.

Ainda em 1854 Octaviano escreve versos para musica de Francisco Manoel, e organiza-se um relesado. Partem as damas com seus cavalheiros. Balões venezianos, orchestras, castanholas. O cortejo alegre e cantante pausa e dança nas casas de Bernardo José de Figueiredo, do Dr. Marques, de Torres Neves, de Nabuco então ministro da justiça, de Carlos Rainsfor (vide Correio Mercantil).

dos leiloeiros. A azafama dos omnibus, gondolas, tilburys e carros, despejando gente que subia, abafava o badalar dos sinos da capella, no alto do morro, onde se ouviam os ultimos sermões e se esperava o fogo tardio.

Em baixo abriam-se os numerosos balcões do palacio do Merity. Uma densa multidão em frente se acotovellava, mal deixando passar as seges, carruagens, coupés, de onde desciam os imperadores, a maior elegancia, a maior aristocracia, a maior finança, e, scintillantes de joias de Berard e Marin, com cabellos armados em penteados de Theyssier com flores do Constantino, as bellezas que se iam agitar em quadrilhas, valsas, schottiches e polkas, naquelle grande baile "considerado como um tributo annual de que não póde prescindir a alta sociedade do Rio de Janeiro".

E corriam os tempos; as transformações surgiam. Nos ultimos annos a cidade se renovava. O dinheiro distrahido do trafico, que se reprimira afinal, empregava-se em melhoramentos.

Emquanto o machado impiedoso e vandalico despojava a cidade de sua moldura de frondes altas das velhas florestas (1) calçavam-se as ruas e as carruagens se multiplicavam. Limpeza e calçamentos (2) obrigavam as casas de negocio a se remodelarem.

(1) "Olhae, dizia Paula Candido, na camara em 16 de junho de 1854, para essas soberbas montanhas que circumdão a cidade e verels com que impiedade, com que vandalismo (como me adianta o meu illustre amigo o Sr. Wanderley) se destroe essa vegetação!"

(2) Antes da reforma dos calçamentos os transportes como o asseio eram precarissimos. Wanderley em certa passagem de discurso verberava a pouca limpeza das ruas em 1850 (camara, 1.º de junho). Dir-se-ia que a corte era uma villa do centro e que não tinha a municipalidade rendas "para o mais commum asseio". No "Correio Mercantil" de 23 de janeiro de 1854 se pode ler a descrição da scena dos despejos, os celebres "tigres". Os calçamentos melhoravam os transportes, muitos dos quaes eram feitos de certos

O Desmarais, na rua do Ouvidor, lembrando o tempo ainda recente em que ali reunia a *jeunesse dorée* e os deputados após a sessão, apparecia (novembro de 1854) todo novo. Inaugurava-se a galeria envidraçada "Geolas", entre Ouvidor e Ourives, num arremedo dos "passages" de Paris (novembro de 1854). Um novo invento promettia grandes successos: — installava-se naquella rua a "fabrica de coser" de Mme. Besse com as suas seis machinas de costura, ultima maravilha, que pedia á penna, de José de Alencar uma descripção entusiastica (Correio Mercantil, 3 de novembro de 1854) e inspirava a Octaviano uma advertencia tremenda ás *francezas* da época, ameaçadas pela "revolução que se preparava": "Mme Gudín, Mme. Barat e Dazon, Dagnon e Blanchon — reis e rainhas da agulha chorae sobre as glorias passadas! o vosso reino acabou! os Estados Unidos, invejando o vosso poder, mandaram-nos uma porção de machinas de coser..."

O gaz, substituindo o azeite, extasiava os progressistas, deslumbrava os contemporaneos e esboçava a vida elegante nocturna! Mas desalentava os poetas que pranteavam a morte das serenatas e da poesia do "amor popular... a poesia da rotula com suas meias palavras, seus apertos de mão e seus beijos trocados a furto, seus lenços cahidos..."; tudo isso fugia da claridade do gaz, saudado com hyper-

pontos a outros por via marítima — linha de escaleres de S. Christovam á Prainha (1850), barcas de Botafogo á Cidade. Em 1851 a camara approva a concessão de privilegio a Carlos Augusto Taunay, por 10 annos, para estabelecimento de "caleças ligeiras de quatro assentos com o nome de urbanas".

Em 1850 os pantanos da "Cidade Nova" eram considerados como focos das febres que recrudeciam no verão. Construíam-se então os cães do Largo do Paço e da Prainha, (vide annaes da camara sessão de 10 de julho de 1850 pag. 162).

boles hoje incompreensíveis — “oceano de luz como se o sol illuminasse a terra” (1).

O entrudo que dantes alagava a tantos, quando era galante ir quebrar limões de agua de cheiro no peito das namoradas, cedia logar ao carnaval. O chefe de policia, desembargador Siqueira, em 1854, reagia energico contra a laranjinha e a seringa. Os mascarados a cavallo e em carros, que nesse anno apparecem, esboçam o *corso*. Planejam-se as primeiras sociedades carnavalescas.

A Europa ficava cada vez mais perto. A chegada do navio a helice “Brasiliãna”, com 26 dias de Inglaterra ao Rio, menos dois do que fôra calculado, es-

(1) Em 1862 substituiu-se na Bahia a illuminação a azete, nas ruas, pela illuminação a gaz. O poeta bahiano Augusto de Mendonça commemorava o facto com os seguintes versos que tem lamentações semelhantes ás de Octaviano naquella sua chronica, (Correio Mercantil — 1854):

“Adeus testemunhas certas
Das populares canções
Entoadas por chibantes
Menestrels de violões
Adeus, para sempre adeus,
Malfadados lampeões
Ante a vossa luz mortíça
Temperada para amor
Quantas Lílias accordaram
Ouvindo a voz do cantor

.....
Traziam todos contentes
A cabeça e o coração
Cacete em baixo do braço
Noutro braço o violão.

.....
E agora triste do povo
Outrora amante e feliz
Modinhas d'amor ás claras
De certo ninguem as diz;
Mataram toda a belleza
Das noites de meu paiz,
Adeus, pois, amigos velhos
Taciturnos lampeões,
Adeus modinhas e chulas
Adeus doces libações,
Adeus, para sempre adeus,
Cacetes e violões”.

panta pela celeridade dos meios de comunicação (1).

O “ensilhamento” de após o trafico multiplica empresas, acções, debentures; dá riqueza a uns e a illusão de opulencia a outros; alenta a paixão do gozo e do jogo (2). “Tudo é ter dinheiro e depressa, e o jogo é o Deus que, podendo unico fazer esse milagre, é unico adorado — dizia pouco depois Justiniano José da Rocha (carta a Penedo, 5 de novembro de 1857). Joga-se em toda parte *lasquet* e *écarté*; jogam-se seis loterias mensaes, acompanhadas de pelo menos outras tantas rifas de irmandades, além de um sem numero de rifas particulares, conhecidas pelo nome de acção entre amigos; joga-se na praça sobre titulos chimericos de bancos irrealizaveis; joga-se e é essa a nossa unica vida”.

Octaviano descrevia numa chronica de grande vivacidade (3), a febre dos jogos de bolsa: “a época é da celeridade, do progresso indefinido, do vapor. Ganhar depressa, ganhar muito, ganhar sem trabalho... A onda ahi vem; o fluxo e refluxo vos deslocam, vos empuxam, vos arrastam; e sem consciencia do que fazeis, sem liberdade de raciocinio, de calculo

(1) “Jornal do Comercio” — 20 de setembro de 1853.

(2) Ler chronica do “Correlo Mercantil”, 28 de maio de 1854: “de todos os lados se comprão e vendem acções, e desse jogo illicito e oneroso tem surgido como por encanto fortunas que hão de custar muitas lagrimas” — convulsões de credito que annunciam crises.

Abaeté no seu relatório de ministro de estrangeiros de 1855, louvando que se tivesse conseguido “extirpar um mal que enervava todas as forças sociaes e adiaua quasi sem termo os melhoramentos materiaes” (o trafico), attribuia a essa extinção “o facto notavel de abundancia de capitaes no imperio e o impulso que com elles se tem dado a todos os ramos de industria e empresas uteis que tanto concorrem para o desenvolvimento futuro e real prosperidade”.

(3) “A Semana” — “Jornal do Comercio” de 28 de maio de 1854.

e de acção, cahis como os outros nã abysmo do jogo até que chegue a tarde e vos atire extenuado, febricitante e convulso no lagedo enlameado da rua Direita e da parte de fóra dos varões de ferro da praça do commercio. Precisaes de falar ao vosso advogado? Está na praça. Quereis consultar vosso medico? Está na praça. Tendes que pedir instrucções ao vosso chefe politico? Está na praça. . . Banco commercial, banco hypothecario, banco nacional, estrada de Mauá, illuminação a gaz, Ponta d'Areia, navegação do Paraguay tudo serve; podem representar no baralho da especulação como damas, valetes ou reis. Se ainda precisardes de mais alguma empresa para distracção da partida não vos faltam os titulos pomposos embora não passem dahi. Lançae uma estrada de ferro desde S. Christovão até o Pará; desmontae as cachoeiras do S. Francisco e o entupi desde a foz até a nascente com os *clippers* e os *ericsons*; fundae um banco, dois, ou mais, de desconto, de hypotheca ou do que quizerdes. . .”.

Nuns versos de queixa e amargor Alvares de Azevedo mostrava seu depresso ás delicias sociaes daquele tempo:

“Não passeio a cavallo e não namoro
Odeio o *lasquet*. . .”

No theatro iam apparecendo nomes e celebridades novas. A Stoltz que se reconciliara com o publico de Paris, saudada na sua reaparição na Opera pelo entusiasmo de Theophilo Gautier é substituida pela Rachel. Mme. Vaudras entontece os peraltas com a sarabanda da “Polka das Rosas”. A Charton e o Gentili desafiam applausos cantando “Roberto do Diabo” de Meyeber ou “Ernani” de Verdi.

João Caetano chega ao pinaculo. Seu reaparecimento em 1854 inspira uma elegia a Jaques Arago e o estro de outros poetas.

Começa a cair o uso do rapé, ainda que se ouçam nas pateadas do Lyrico, do S. Pedro, do Provisorio, o ranger das tabaqueiras. As damas passam a usar chapéus nas igrejas. Chega o canção de dançar. Ao fim de 1854 as sobrecasacas pesadas esmorecem os dançarinos que acham de bom tom mostrar desdem aos bailes, embora reanimem o ultimo saráu do Casino volteios, passes e pulos da "ril da Virginia" a ultima apparição choreographica, (1).

O romantismo estimulava os novos moldes litterarios na novela, na poesia, no jornalismo. A intelligencia se burnia, mais livre do antigo formalismo.

Justiniano José da Rocha construia o editorial com logica e vigôr extendendo em arte a phrase castiça: Salles Torres Homem, mais pomposo, matisava o artigo de jornal da eloquencia do discurso. A imprensa ia abandonando o molde brutal do pasquim, despresando o insulto pessoal pelo artigo doutrinario. A chronica leve semanal, o folhetim de roda-pé, era um novo genero em que se desalterava em graça e harmonia correntia a elegancia mundana do estylo luminoso de Octaviano. José de Alencar tambem o ensaiava, mais rethorico, menos agil e flexuoso, já armado, porém, de suas grandes qualidades; enquanto Paranhos ponderava os commentarios do "amigo ausente".

Appreciam Domingos José Gonçalves de Magalhães, e logo Gonçalves Dias e Porto Alegre. São de

(1) Chronica de José de Alencar no "Correio Mercantil" de 4 de dezembro de 1854.

1853 e 1854 os livros de Laurindo Rebello e de Alva-
res de Azevedo, sem demora seguidos dos de Junquei-
ra Freire. Os romances se amiudam; os de Teixeira e
Souza, os de Macedo. A historiographia e a critica
levantam os grandes nomes de João Francisco Lisboa
a Varnhagem.

Toda a azafama social da côrte ia de maio a se-
tembro, com as camaras abertas. Era a quadra do
anno a mais divertida do Rio de Janeiro, dizia um
chronista: "os nobres representantes da nação são
sem duvida os homens mais amaveis deste mundo. Os
passeios, os jantares, os bailes improvisam-se de toda
a parte á sua chegada. . . onde elles vão está tudo ale-
gre, contente". E entre elles, guias da elegancia, ani-
madores da graça, preponderavam, como numa dicta-
dura, nem sempre supportada com sympathia, os
"leões do norte". Descrevendo um baile no Casino es-
se narrador (1), retratava os despeitos tristes provo-
cados por aquella tyrannia de elegancia: "entre aquel-
la multidão alegre e risonha que dançava, segredava,
e murmurava, alguns vultos passam cabisbaixos, tris-
tes, taciturnos. . . ora encostados nos humbraes das
portadas, ora enfileirados atraz dos grupos dançan-
tes. . . eram os leões desapontados. Formavam elles
uma conspiração tacita e surda contra os represen-
tantes do norte, que, segundo a phrase dos descontentes,
monopolisavam os pares de todas as quadrilhas e não
deixavam mais niguem dançar" (2).

E assim tanto nos saraus como nas corridas do
Prado Fluminense; nas regatas de Botafogo como nos

(1) Vide Novo Correló das Damas, Chronica Quinzenal, 1853.

(2) Um signal do predomínio então dos homens do norte são
estes versos publicados no jornal "O voto livre" de 23 de outubro de
1847:

passaios em barca; nos jantares do Jardim Botânico; nas excursões a cavallo á Tijuca pelas manhãs frescas, ou de volta á noite á luz dos fachos empunhados por escravos, esse dominio se affirmava absoluto, fechado, completo — mesmo nas displicencias dos que, de tarde estacionavam no Demarais ou no Wallerstein, e entre o cavaquear de politica e letras, colhiam algum olhar furtivo ou algum sorriso adejante. — Maciel Monteiro, Sinimbú, Tosta, Rego Barros, Ferraz, Zacarias, Paes Barretto, Boa Vista, Carvalho Moreira, Wanderley (1).

.....
 Quem quizer ter nesta terra
 Um brilhante casamento
 Destes que andam na berra
 Por arranjos de espavento,
 Diga ao primo ou a tia

Eu sou da Bahia,
 Eu sou da Bahia,
 Que pagóde que folla!

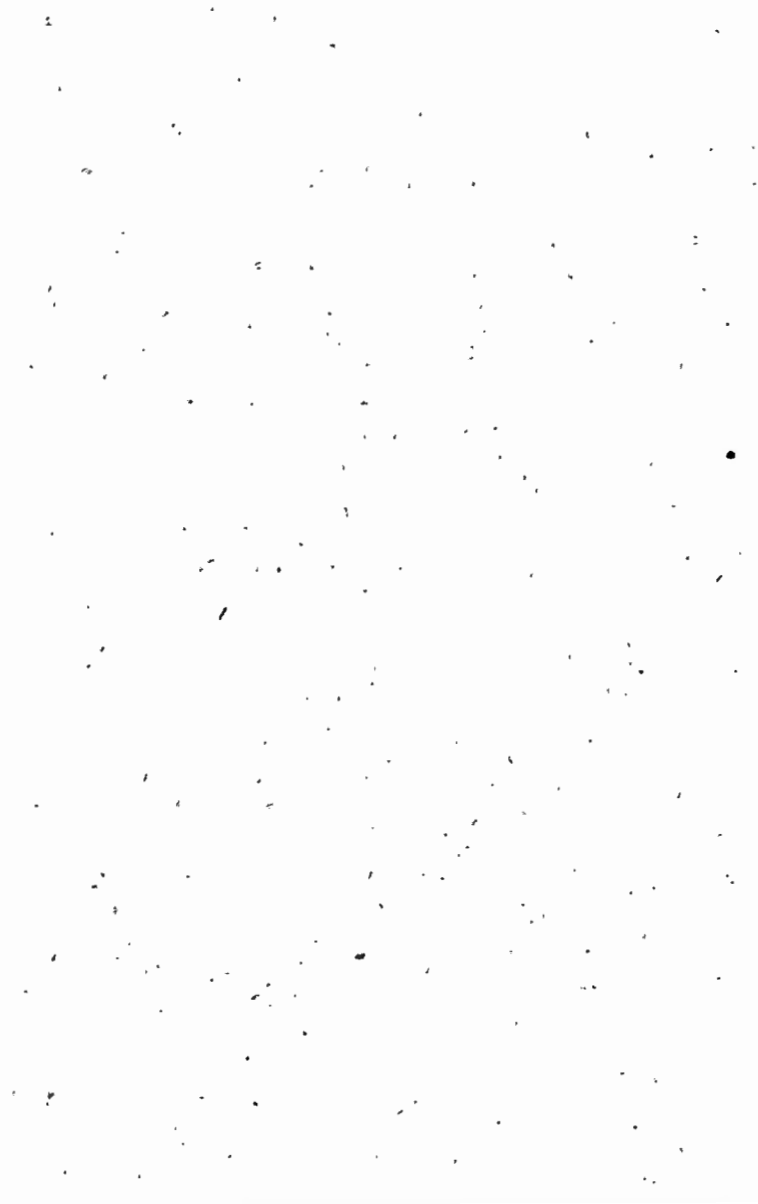
.....

Elles vão pra presidente
 Pra o Conselho e Relação
 Não ha livre dessa gente
 Uma só repartição
 Diga quem quer a fatia
 Eu sou da Bahia,
 Eu sou da Bahia,
 Que pagóde que folla!

(1) A' vida mundana de Wanderley, nesse tempo, ha allusões na sua correspondencia. Jeronymo Francisco Coelho, numa carta datada de 29 de dezembro de 1848, do Pará, onde era presidente de provincia, referia-se ao novo cargo de Wanderley — chefe de policia da Bahia — e acrescentava, malicioso: "sei que pode fazer boas e interessantes descobertas: não só pelo cargo mas pela vocação. Não lhe invejo porque aqui não são precisas descobertas, está tudo descoberto e não é preciso o trabalho de descobrir: quem o cá pillára". Paranaguá, em 12 de junho lhe escrevia: "... sei quanto me estina... quando puder escrever transmittindo-me noticias suas e da nossa politica (e tambem de alguns interessantes episodios do Casino, Campestre, etc.) fique certo que dá-me alguns momentos de inteira satisfação". Albino Santos Ferreira em seu bosquejo biographico sobre Octaviano diz que o escriptorio de advocacia de Carvalho Moreira (Penedo) era o centro da palestra dos moços daquelle tempo — Octaviano, Sinimbú, Ferraz, Fabio, Wanderley e outros. (Typos politicos — O Conselheiro Octaviano, Rio 1871).



ENTRE O CICLO DOS CANNAVIAES



O casamento

**I — FLIRT ANTIGO. — AS FESTAS DO BOMFIM. —
A ESCOLHIDA.**

**II — EFEITOS POLITICOS DOS CASAMENTOS RICOS.
— A VIDA CAMPESTRE NO RECONCAVO.**



O “leão” ia perder a juba com o casamento. Escolhido senador, anciava por deixar o ministerio; não iria por nada além do mez de maio, escrevia a um amigo em fevereiro de 1857. Que luctasse com a nova camara novo governo.

Inquietava-o tão longa ausencia da Bahia. Já satisfeita a ambição alli o chamava o amor: — “além dos motivos que eu tinha para largar a carga — participava a Penedo — accresceu o projecto que tenho de retirar-me no fim da sessão para trocar o estado de *garçon* pelo de homem serio. Nesta idade vae casar-se o teu compadre! E’ uma inclinação que data de mais de seis annos!” (carta de maio de 1857).

Recusara a pasta de ministro em 53 muito por causa desse *flirt*. Em 52, presidente da Bahia, já buscava pretextos para retardar a vinda á côrte e ás sessões da camara.

Com aquella sua franqueza maliciosa Gonçalves Martins, então ministro, chasqueava: “sei que a sua demora provem do zelo pelos interesses publicos; acho sempre sujeitos mais zelosos do que eu...”

Amor ao pé da porta,
 Quem o podera ter!
 Quando a bocca não falla
 Os olhos folgam de vêr”.

E n'outra carta: "vejo seus prazeres, suas horas divinas... seus sacrificios, suas distracções prejudiciaes ao serviço, e tudo lamento, sendo conveniente que tenham prompto desfecho. Tambem o Souza Ramos casa com brevidade com a cunhada do Souza Martins! O Zacarias faz suas farças e ha quem se lembre de o metter a cara para casar com a filha do Pinto da Taquara!..." (1).

Ao tempo do ministerio Paraná, continuaria o presidente de provincia enamorado a tudo fazer por espaçar a sua vinda para o Rio. As razões de ordem publica que invocava alliavam-se ás que o coração suggeria (2).

Hesitara Wanderley entre a gloria politica, que o seduzia dadivosa, e a presença da dama desejada. Cederia áquella deixando-se amarrar ao ministerio, mais talvez para accrescentar novas grandezas com que presenteasse a sua noiva do que pelo orgulho daquellas eminencias.

A separação a ambos os namorados maltratava.

Quando, afinal, acceitara a pasta, um confiante lhe escrevia: "causando por um lado grande contentamento a noticia que logo cedo tivemos (no dia 2)

(1) Carta de Gonçalves Martins a Wanderley, 26 de setembro de 1852. Quatro annos depois renovaria Gonçalves Martins suas alluções: "admira-me que um ministro soffra do coração, espero, porem, acertar com a cura desta doença imaginaria" (carta de 17 de junho de 1856).

(2) A 19 de abril de 1854 o Visconde de Paraná, presidente do conselho, escrevia a Wanderley, presidente da Bahia: "em vista das boas razões que V. Ex. expende para demorar-se este anno por inalis algum tempo na presidencia dessa provincia concordei com meus collegas em que V. Ex. o poderá fazer até o fim do mez de Maio, tempo que V. Ex. julga necessario para a reforma que pretende pôr em pratica; e esperamos que immediatamente depois venha tomar assento na camara, onde é tambem necessaria a presença de um membro tão distincto como V. Ex."

por outro muito sentimento trouxe a alguém que bem custou mostrar-se, emfim resignada" (1).

Mas o ministerio lhe doara a senatoria.

Sorrindo entre amigas numa festa de seu pae, no engenho Matoim (2), a Yayá pensaria alegre que, escolhido senador, nada mais o prenderia á côrte, emquanto Wanderley contava os dias de sessão legislativa, com os olhos fitos na barra.

Da Bahia os amigos, á porfia, lhe mandavam, como flôres, palavras que o consolavam. Amalia Dantas recordava, com graça, certa prophesia que fizera "e que se realizará querendo Deus" (carta de abril de 1856); Francisco Costa Pinto lembrava os desejos da filha do Passé "em casar-se com certa *Pessoa* a quem ella muito ama" (carta de 10 de julho de 1856); Tiberio alludia ao "enlace da Yayá com o seu escolhido" (carta de fevereiro de 1857); e Sinimbú, então presidente da Bahia: "João. — Embora me tenhas por entromettido e abelhudo não importa; tratando-se de uma cousa que muito de perto te interessa não posso furtar-me ao prazer de exprimir-te meu grande contentamento por saber que já não ha obstaculos que impeçam a realisação de um grande desejo teu! Ah! Velhaco! Deus te ajude como muito te apetece o teu amigo Cansanção" (carta de 26 de janeiro de 1857); "irei

(1) Carta do Dr. Tito Rebello a Wanderley, 3 de julho de 1855.

(2) A 29 de maio de 1856 Wencesláo de Almêda escrevia a Wanderley: "he tal a força da estrella que preside o seu destino que não lhe devia dar somente os parabens neste ponto (escolha de senador) mas outro maior que o futuro em breve lhe promette no que tambem não recelo enganar-me. No dia 20 houve anniversario natalicio no Matoim; houve numerosa reunião, esteve o Sr. Martins e sua familia, eu e minha senhora, o Sr. Cel. Sancho e sua familia, o Sr. Tito e sua senhora e muito mais pessoas. Passarão-se alegremente tres dias. Meu primo e amigo foi muito lembrado e entre sua Prima, minha Senhora com amigas della, particularmente foi muito festejada, com grande enthusiasmo sua elevação. Houve uma grande demonstração de jubilo e satisfação. Muito lhe poderia dizer se estivesse presente".

assistir ao casamento da filha do Martins; penso que nessa ocasião conhecerei toda a familia do noivo! (1). Que inveja de mim não terás tu? Aposto que até trocarias a pasta de ministro pelo cartapacio da presidencia? Não é assim?" (carta de 19 de fevereiro de 1857).

Numa festa do Bomfim scintillou a primeira faísca desse amor — promessa de uns olhos castanhos no abandono de um mirar discreto e furtivo, mas definitivo compromisso.

Por todo um mez a sociedade bahiana se reunia em novenas do Bomfim, da Guia e de S. Gonçalo; nos pontificaes puxados a sermões de farta eloquencia; nas diversões do adro; nas ceias das casas em torno. Ali se achava toda a Bahia, em volta da capella, na collina alegre e fresca, a que um largo panorama bucolico e os longes do mar compunham uma vista como poucas.

A' tarde o nordeste, agitando os galhardêtes, brincava com a *crinoline* das damas e ameaçava arrebatá-lhes as sombrinhas, talvez menores que os chapéus inclinados sobre os mil coleios e tranças do penteado. O olhar, então, se apascentava, descortinando Itapagipe e a Penha, até a Plataforma longinqua e o lagamar de Cabrito. Mais perto, pela Calçada, pontilhada de coqueiros, com as sombras copadas de poma-res e chacaras, alinhava-se o traço nascente das futuras avenidas. E além, estendida como um paravento, a cidade risonha, toda illuminada de reflexos pelo sol

(1) Sinimbú alludia ao casamento da filha do Martins, futuro Barão e Visconde de S. Lourenço, com Francisco Argolo, futuro Visconde de Passé, filho do conde de Passé e irmão da futura Baronesa de Cotegipe.

a cravar-se em Itaparica, incendiava-se nos mil espelhos de suas vidraças luzentes.

Mas logo a atenção, convidada do borbórinho, se fixava no espectáculo humano.

Eram cavalleiros em corceis ajaezados em prata, moços fidalgos, senhores de engenho, a gente rica do commercio em exhibições de luxo e finezas de coudelaria. Eram, ao rhythmo oscillante dos lacaios de fardetas armoriadas, chapéos altos reluzentes e pés descalços, as cadeiras de arruar que subiam, com sanefas corridas; enquanto lá ficavam, na baixa, carruagens, "machambombas", gondolas, liteiras, a despejar damas elegantes, abafadas entre plumas e leques, mal movendo os pés pequenos em sapatos menores, mal respirando no abraço do espartilho, entre tufos, folhos, refolhos, vidrilhos, pendentes e frisados, dentro das catadupas da moda: um caudal de quinquilharias sobre corpos franzinos.

E o povo subia em chusmas, trazido em vapores ao "Porto do Bomfim", para encher a praça e as ruas de ruidos e danças.

O espectro solar pintava aquella multidão de suas sete côres: — nos "pannos da Costa" raiados em faixas vivas a tiracolo das creoulas — todas scintillantes de ouro em brincos, collares e punhos sobre o azeviche africano, com a prata polida dos "balangandans" tilintando na cintura das engommadas saias fartas, fôfas, farfalhantes; — nas jaquetas dos cadeireiros; nas librés dos lacaios; nos penachos dos milicianos... E, entre as notas gritantes daquella gama chromatica, os meios tons dos matizes suaves, como certo vestido de seda amarella (1), com que appareceu uma noite a

(1) Esse vestido côr de canario com flores alvas, guardado como uma reliquia por Wanderley, foi conservado, até se desfazer o seu tecido, por suas filhas. Sua côr deu a Wanderley de chamar sua futura esposa de "canario". Era por esse appellido que alludia á sua

Wanderley a filha do Passé, debruçada ao peitoril do terraço de uma "casa de romeiros", distrahida, em seu descuido, com os folguêdos do povo.

Alli, ao passar, chefe de policia, em luzido ginete, ou nas ceias da chacara do Bomfim, que viria a ser sua, entre um cumprimento ao Visconde de Passé, grande do imperio, e algum galanteio gentil; ou numa novena, num relance, distrahindo as fadigas do sermão — encontro de olhares, á luz das arandellas, do archibanco das autoridades para a tribuna das "juizas" — alli, numa festa do Bomfim, por aquelles annos de 1851, começara, num arrepio, aquelle romance de amor.

Tinha Wanderley, então, a audacia dos 36 annos; mocidade amiga e fiel que não o quiz deixar de todo até o fim.

Tudo lhe era por esse tempo desassombro, confiança no successo, e destemor do futuro — na franqueza, na alegria, na eloquencia, na energia. E estadeava o atrevimento das futilidades elegantes, no apuro do traje, do gesto, do falar. Daquelles que vinham da côrte a exhibir os requintes da ultima moda nenhum o excedia no *snobismo*. E dava á sua distincção a graça espiritual da ironia, e a alacridade fina do *bon mot*, não sem deixar de traçar fronteiras á familiaridade desrespeitosa, ajudado pela fama já firmada de seus suc-

amada, a seus intimos. Da Europa lhe escrevia Picot: "Nem palavra do teu canario! que é isso, Snr. João? Não sabes que me interessa muito por esta pessoa? Manda-lhe a expressão dos meus saudosos respeito. Será senadora?" (carta de Picot a Wanderley, 3 de agosto de 1855).

"Espero que a estas horas já estás senador. Dou-te o parabem, e se a essa fortuna vier juntar-se a posse do tão apeteçido canario, maior será a minha alegria" (carta de Picot, 9 de setembro de 1855).

"Meus respeito a teu canario. Venha elle para tua gaiola, elle e a senatoria; ou por outra, vae tu para ambas as galolas, a do canario e a do senado" (carta de Picot, 7 de fevereiro de 1856).

cessos parlamentares e de sua carreira politica triumphante,

Um daguerreotypo da epoca nol-o retrata com a casaca justa desenhando o corpo magro; mangas apertadas modelando os braços; os punhos alvos sobre as mãos esguias; gravata de setim negro subindo até á barba; pendente de sedosa fita o monoculo rectangular. As soças escuras descem-lhe ralas até quasi o queixo; e a cabelleira, já com a devastação das grandes "entradas", num como annuncio de maturidade, arma-se "á romantica" em ondulações e arrebiques quasi femininos, a moldurarem a cabeça, que avulta forte dos hombros estreitos.

Se lhe faltava o formoso perfil de Maranguape, tinha o encanto da vivacidade e o prestigio da volubidade. Cançado já de se aquecer em muita chama de belleza, voltava o coração avido de ternura e o espirito ancioso de paz para as delicias quietas do matrimonio. Demais a idade e a posição lhe impunham essa "condição de gravidade".

N'outras festas (1) elle viria repetir, como uma reminiscencia poetica, aquelle primeiro olhar. Ia recordal-o nos encontros de igreja — emquanto as grandes solemnidades enchiam o templo, por toda uma manhã, de incenso, canticos, orchestras e latim; ou entre os clarões do "fogo", á luz das fogueiras, fachos, "oguchós", copinhos de azeite das luminarias das fachadas. Ia revivel-o, emquanto, além, o poviléo exaltado se despejava em lunduns, fandangos, batuques — restos da "devota bachanal" da *lavagem* (2), entre ribombos,

(1) Wanderley não falhava ás festas do Bomfim: "O S. Salvador" não trouxe-me letras tuas; he tempo do Bomfim e basta" (carta de Zacarias, 25 de janeiro de 1853).

(2) Sobre a "lavagem" lêr Manoel Quérino — "A Bahia de Outrora". Numa chronica do "Jornal da Bahia de 16 de jan.º de 1854 lê-se: "do melo para o fim tomava outros aspectos, a lavagem tornava-se em samba, no qual se repetiam passos lascivos e obscenos,

ruflos e metallicos estridores; enquanto *sinhôs-moços* com bolsos recheiados pagavam cantadores de modinhas, barraqueiros de cosmoramas e marmotas, carcamanos de realejos, ciganos de cavallinhos — espertando com vinho a musa espontanea dos capadocios; enquanto por aquellas ruas e baixas, nos sambas, á cendencia de pandeiros e palmas, quadras e estribilhos, creoulas e mulatas exhibiam artes de dançarinas, sem enrugar, sequer, os estendidos lenços de Alcobça, tão subtilmente pisados pelas sandalias de seda no picar do *meúdinho*: — tremedissimo reboir que sobe em curvas de agitada ardencia, dos pés ás ancas.

Antonia Thereza de Sá Pitta e Argollo não era o que se pudesse chamar uma bella mulher, mas no porte donairoso revelava a raça, e na firmeza intelligente

ante os quaes o can-can seria uma dança pudica, que se regulavam por estribilhos proprios de uma orgia. E era uma orgia porque os festeiros para estimularem o ardor dasromeiras e neutralisarem os effeitos da humidade tinham á disposição dellas vinho e aguardente em pipas. De instante a instante exaltavam-se os espiritos daquellas mulheres e afinal se presenciava o spectaculo mais inqualificavel que possa ser offerecido aos olhos no recinto de uma igreja, spectaculo para o qual não falleciam numerosos *dilettantis*. Imaginae algumas dezenas de mulheres na effervescencia da embriaguez, arrebatadas de enthuslismo, provocadas por tantos incentivos, saracoteando semi-núas, e dizei se as festas de Venus em Paphos poderiam apresentar maior desafio á concuplencia, mais vergonhosos desacetos ao pudor. Este spectaculo durava algumas horas... Felizmente para louvor de quem rege esta terra, por honra da moralidade publica, a quinta-feira da lavagem não é o que fol, o que todos viram".

Informa Manoel Querino que a "lavagem" foi abolida afinal por portaria do arcebispo D. Luiz Antonio dos Santos, em 9 de dez.º de 1889.

Em 7 de jan.º de 1860, D. Romualdo dirigia a Wanderley esta carta: "Illm.º e Exm.º Snr. — A muito acertada escolha que de V. Ex. fez a Confraria do Senhor do Bomfim para Juiz de sua Festividade no corrente anno suscitou-me desde logo a lembrança de pedir a V. Ex. a sua valiosa coadjuvação para que a celebre lavagem da Igreja, que não faz honra nem á religião nem á sociedade, seja senão de todo supprimida, ao menos modificada ou mais depurada das scenas burlescas, que para allí costumam atrahir nacionaes e estrangeiros, como uma especie de divertimento ou farça indigna de

da vontade, a linhagem. Tudo nella era como um transpirar de tradição.

Seu pae o então Barão e depois Conde de Passé, genuino representante, pela antiguidade da familia e pelos habitos, da fidalguia solarenga patriarchal e agricola do Reconcavo, podia orgulhar-se de serviços de guerra desde 1822-1823 — quando, com seu primo, o Barão de Cahahyba e outros parentes, se batera pela independencia, galardoado com a medalha da restauração da Bahia, e ainda em 1837 — quando defendera o governo legal contra os rebeldes de Sabino.

Restaurara Passé com trabalho tenaz e felicidade o patrimonio familiar que o pae deixara quasi desbaratado, Allianças ricas e heranças vultosas ainda vi-

um povo civilisado. Eu tenho empregado e continuarei a empregar todos os esforços para persuadir a essa multidão ignorante que esse seu acto, pelo modo por que é praticado, longe de ser um serviço agradável ao Senhor do Bomfim, é ao contrario um desacato e profanação offensiva da santidade do culto e do respeito devido á casa de Deos. Mas, Ex.^{mo} Snr. reprovando e desejando abolir inteiramente este abusivo costume, eu me sinto um pouco embaraçado na consideração de um facto quasi analogo e, ao meu ver muito mais grave, que de quando em quando se observa entre nós, e que sem duvida não escapará á logica natural dessa pobre gente da lavagem, por muito grosseira ou estúpida que seja. Tal é o tristissimo espectáculo que offerecem nossas igrejas no tempo das eleições primarias. V. Ex. sabe que nem nos Theatros nem nas Praças publicas seriam tolerados os escandalos que se praticam impunemente no recinto dos Templos, os gritos, as vociferações, as injurias, e não poucas vezes as vias de facto, servindo de instrumento para espancar e ferir os castiçoes, e as proprias cruces dos Altares! E quem faz isto? São os homens da civilisação, e porventura os mesmos que extranhão ao Prelado Diocesano o não ter de uma vez acabado com as irreverencias da lavagem do Bomfim! Eis aqui o que me tem abtido de recorrer á Policia para dar este golpe, que faria um contraste bem singular com a tolerancia do mui civilisador processo praticado nas referidas eleições, limitando-me portanto a exhortações e outros meios indirectos; e é neste sentido que eu invoco a efficaz intervenção de V. Ex. para ao menos minorar os excessos desta devota bachanal. Sou com a mais subida estima de V. Ex. am.^o mut.^o obr.^o e fiel servo — Arcebispo Conde de Sta. Cruz, Bahia, 7 de Jan.o de 1860''.

Sobre a festa do Bomfim e especialmente sobre a "lavagem" lêr a bella pagina — "O culto do Senhor do Bomfim" de Xavier Marques, na Revista do Inst. Hist. da Bahia, Vol. 55, pag. 376.

riam ajudal-o a sommar grande fortuna, das maiores de seu tempo (1). As sobras dessa opulencia empregava-as elle, nas suas casas nobres do Largo do Theatro, da Mangueira, e do Bomfim, em bailes e jantares apurados em rigores de maior etiqueta, e nos sobrados dos engenhos Matoim, Freguezia, Pindobas, em festas nas quaes a intimidade se desatava nos "a vontade" do campo (2).

Entremeava essa sociabilidade elegante e a actividade agricola com as cogitações da politica provincial.

Um ambiente faustoso accentuara a distincção nativa e fizera grande dama á noiva de Wanderley. Podia ella dispensar formusura para encantar um "dandy" intelligente e inspirar a um politico sempre em lucta um amor sempre alerta. O espirito culto, a elegancia sem ostentação e mais a graça social de amphitryã (pois a mãe lhe morrera muito cedo) (3), to-

(1) Em 1855, quando se fez o inventario dos bens deixados por sua mulher, a fortuna de Passé ascendia a 1.400:000\$000. Era um grande senhor territorial com 7 engenhos moentes e correntes: Pindobas, Cabaxi, Pinheiro, Sapucala, Feliz União, Matoim, Novo Caboto ou Freguezia — 8.428 tarefas de terras, 765 escravos, avallados estes em 629:300\$000.

(2) A chronica registrou o grande balle que offereceu a Andréa, futuro Barão de Caçapava, em 1846 e outro, em 1856, a que se attribuia o objectivo de conciliar o presidente Tiberio com Gonçalves Martins, e assignalou a grande festa em outubro de 1854 no engenho Freguezia para inauguração das reformas da capella e solar, com procissão maritima da capital ao engenho, transportando a imagem de N. S. da Piedade, reincarnada, vapor cheio de convidados e passeantes, bandas de musica, fogo...

(3) A esposa de Passé, Maria Luiza Barbalho Moniz Fluza Barretto, fallecera em 1844. Era filha de Jeronymo Moniz Fluza Baretto que por molestia não pode accellar o encargo de commissario geral do exercito pacificador, ou libertador, que assediou as tropas de Madeira em 1822-23, na lucta pela independencia nacional. A coragem de Jeronymo Moniz deveram os senhores de engenho em 1831 a victoria sobre os escravos revoltados que já haviam incendiado varios engenhos e dominavam larga area do Reconcavo. Denominaram-n'o então "o salvador do Reconcavo".

cavam a um coração de estheta como o de Wanderley. Elle cedia a um imperio que soffria satisfeito e adivinhava delicioso; o mundano inconstante commovia-se rendido á dedicação fiel. E o que poderia ser apenas um capricho de fervente sympathia ou assidua galanteria, crescera em affeição tenaz, definitiva.

A epoca era ainda de sujeição das mulheres. O casamento costumava ser uma deliberação dos paes, sobretudo dos paes energicos como o Passé, muitas vezes com a collaboração de irmãos. A futura Baroneza de Cotegipe tinha, porém, a bravura de uma revoltada. Não se conformaria ao sacrificio de seu amor, para obedecer e acceitar a escolha do pae. Dos que lhe davam por noivos ella temia as comborças buscadas no harem das senzalas. Não faltavam exemplos que eram advertencias. Wanderley lhe offerecia outras esperanças de fidelidade; uma confiança que o amor reciproco inspirava; diverso e mais risinho horizonte para seu destino de esposa.

Passé teve que ceder, e, em principios de 1857, annunciava-se o noivado.

De nada tinham valido intrigas que cubiçosos urdiram.

Vencera o amor numa epoca em que o amor era sempre derrotado pelo interesse e pelos arranjos de familia (1).

(1) Amostra de como se faziam naquella epoca os casamentos dá este trecho de carta do futuro Conde de Sergymirim a Wanderley: "tendo tomado conta da tutela de minha sobrinha, filha do finado José Ferreira, e estando ella maior de doze annos, resolvi casal-a com o meu Totonlo; e quero ver se faço isto quanto antes. Procuo sua approvação". A carta tem a data de 24 de dezembro de 1855. O Totonlo era o futuro Visconde de Oliveira. Ficou a tradição de serem tão creanças esses noivos, quando se casaram, que por algum tempo estiveram separados, continuando seus estudos.

Encerrada a sessão parlamentar o senador Wanderley retornou á Bahia. Completava quarenta e dois annos, quando, a 23 de outubro de 1857, se realisou com pompa o seu casamento.

Octaviano, com o meneio feminil e meigo de um inimitavel estylo epistolar, coloria de malicia a cordialidade de seus cumprimentos: "...nunca suppuz que uma senhora de tanto espirito como he voz geral quizesse dedicar a sua mocidade a tingir os cabellos de um senador. Mas o que ainda admira mais aqui na côrte he que o Borboleta-mór do imperio deixasse queimar as azas na fogueira do casamento. E entretanto ambas as maravilhas são factos consummados... Manganeira á parte fallemos serio das cousas serias da vida. Ah! meu amigo — digão o que disserem os poetas, não há como a existencia ao pé da mulher que se ama, por quem se soffreu, e de quem se receberão provas de verdadeira e constante afeição. Vocês hão de ser felizes por força: o seu casamento não foi lance de momento, foi um acto que coroou longas esperanças, e a que presidiu a reflexão de muito tempo. Além disso Você debaixo de sua mascara de homem do mundo he um miseravel como eu, que vem a aborrecer tudo o que não seja minha mulher, minha casa e meus filhos. Deus os felicite" (carta de 9 de nov. de 1857) (1).

Numa chronica humoristica do Jornal do Commercio de 24 de maio de 1857 em que se figura uma menina anciosa por casar, lê-se;

"Papai fiz doze annos
Eu quero me casar".

(1) Paranhos agradecendo a participação do casamento escrevia de Paraná (Entre-Rios) onde estava em missão diplomatica: "Em verdade faltava-lhe a condição de um carinhoso pae de familia para completar a sua dita e coroar a sua bella existencia... Emquanto V. Ex. gosava de uma lua de mel e de flores, passeando pelo seu reconcavo, eu viajava por entre selvas e mosquitos ameaçado de um naufragio politico" (carta de 17 de dez. de 1858).

II

Com a idade em que só ha “casamentos de razão” realisava Wanderley, tambem, um “casamento de amor”: “muito amo, e sem isto não me prenderia” — confidenciava a Penedo (1). E unia-se á mais rica herdeira da Bahia, já possuidora de avultada fortuna (2).

Não ha como discernir, nos casamentos ricos, até onde vae o sentimento e até onde pôde ir o interessé.

Quanto poria Wanderley nessa alliança em tranquillidade e segurança para o futuro?...

Em verdade casava-se quando a carta de senador o aposentara na mais firme das posições. Pouco tinha a ambicionar para o que contribuisse a fortuna. Fôra tudo em sua provincia; fôra della só lhe faltava a presidencia do conselho, um titulo e... talvez o conselho de estado.

Antes e depois delle, politicos que se tornaram ricos e por se fazerem ricos trocaram a audacia e a ambição pela calma desdenhosa e opinativa de conselheiros ou criticos partidarios. A fortuna tambem seria, para Wanderley, uma amortecedora. Obscureceu-o em dez annos de lãbôr agricola, retiro de que só o arrancou a vida publica, como um desfarce ás tristezas da viuvez.

(1) Carta de Wanderley a Penedo de 19 de agosto de 1857.

(2) Na partilha amigavel, encerrada no engenho Matolm em 29 de dez.º de 1856, os bens deixados por sua mãe, a futura baroneza de Cotegipe recebia uma legitima de 333:674\$650 em dois engenhos — Cabaxi e Sapucaia, 269 escravos, gado, a casa do Bomfim com sua roça, um sobrado ás Portas do Carmo e 25:179\$650 de tornas a haver de seu pae. Alnda herdaria de uma de suas avós (D. Catharina Josepha de Araujo Pita) cerca de 400:000\$000 (maio de 1858). Em dezembro de 1877 quando se fez a partilha dos bens deixados por morte da Baroneza de Cotegipe, o monte-mor subiu a 784:546\$542.

Poude, entretanto, com essa riqueza, que foi consumindo parcella a parcella até finar-se sem moeda, esmaltar a sua carreira de outra esthetica — residencias de luxo, engenhos, emprezas, a despreocupaçào dos habitos elegantes... um salão.

Desde que se casa retrae-se; ausenta-se do senado; emmudece. Recolhido á provincia e á Capua de seus engenhos, reduz-se a chefe de familia, a administrador de um farto patrimonio.

Para os que nasceram destinados á lucta, ao dominio, á notoriedade, essa mediania utilitaria da abastança, é uma prisão. Porventura não lhe pesaram essas aureas cadêas, entorpecido em sentimentos tão diversos durante dez annos: — as delicias de uma suave lua de mel; a novidade carinhosa dos filhos aos quarentannos; a poesia da vida agricola; e depois o desvelo terno pela mulher enferma; e enfim o acabrunhamento aniquilante, de uma viuvez precoce.

Alcançado o porto seguro — senador, casado, rico, tomara-se do fastio das luctas politicas.

Viera da chefatura de policia para a presidencia e para o ministerio; do ministerio para o senado, por uma eleição eriçada de intrigas e maguas. Perdera amigos, fizera adversarios.

Vencera; mas doiam as cicatrizes de tantos combates. Chegara á meia idade com todos os trophéos; mas tinha a alma retalhada de gilvazes.

Tudo lhe pedia paz.

O campo deleitava: — debruçar-se pela manhã á janella que deita sobre os cannaviaes, ouvindo o assoviar em escala das inhambús nos milharaes da baixada;... ir á tarde correr as plantações, quebrados aquelles silencios extensos do tinir longinquo de ma-

lhos na bigorna, ou do bater distante d'algum machado na matta;... e no meio dia ouvir, na morna quietação da canicula, o monotono ranger das moendas, a sentir o cheiro doce dos caldos e melaços que instillam embriaguez para o meio somno feliz da sesta...

Aquillo era um paraíso, com uma companheira amada.

O conselho que déra um dia a Penedo tomava para si — “não te lembres desta pudriqueira, já que tão felizmente te viste livre della, conserva-te por lá, e nem queiras ouvir fallar em nossa politica interna” (1). Como de um outro mundo dizia: “não quero nem ouvir fallar em politica, emquanto durarem as delicias do hymeneu...” (2); “não ha melhor vida principalmente para quem dobra o cabo dos quarenta” (3).

Em tardes luminosas e frescas improvisava passeios, cavalgatas, buscando os altos para descortinar panoramas: rumos de bambús, engenhos fumegantes e sobrados brancos, cannaviaes em taboleiros, capoeiras e mattos cobrindo os morros, estradas vermelhas serpeando nas baixas...

Excursões mais longas eram menos frequentes. Lá um dia uma ao Monte, para ver sob os pés o archipelago, a bahia toda: — da foz do Sergy á barra e ao oceano; das collinas da Saubára á ponta de Nossa Senhora; de Itaparica a Matoim e longe, a cidade, como uma mancha indecisa na bruma final de barra a fóra. Daquella eminencia, junto á matriz antiquissima, ia tambem vêr extendido, além, até quasi o sertão — o Reconcavo daquellas bandas, com seus centos de engenhos, e, perto, a Villa de S. Francisco, branqueando o casario em torno ao convento, a mirar em frente o so-

(1) Carta de Wanderley a Penedo, 14 de julho de 1852.

(2) Carta de Wanderley a Penedo, 18 de novembro de 1857.

(3) Carta de Wanderley a Penedo, 15 de fevereiro de 1858.

lar de Cahyba que bebe a agua parda do rio. Na encosta, batida da viração, divisava Vanique, quadrada como uma pequena fortaleza, e mais baixo, quasi no valle, Guahyba, desdobrada em construcções extensas como um castello. A povoação de Paramirim surgia do mangue com seus trapiches; e Almas com suas tradições. E, pregada numa fita nitente de pequena praia, como um botão branco, a ermidasinha tão linda do Loreto!... (1).

Medravam de tudo aquillo visões do passado: — combates de indios, piratas e hollandezes; a viola de Gregorio de Mattos cantando endeixas e satyrisando potentados; os barcos de João das Bottas, riscando aquellas aguas interiores; batalhões improvisados marchando por aquellos caminhos, a caminho de Pirajá...

A sociedade do Reconcavo escolhia rhytmos lentos. A côr local tinha matizes exquisitos.

Casas enormes; pomares grandes; pequenos jardins de poucas flores. Rescendem ao lado dos sobrados jasmins de Cayena e murtas, bogarins e rosas de Alexandria; enfeitam os canteiros de conchas os crotons verdeongos, e ao fundo, entre cercas altas, alinham-se toda a sorte de arvores de fructos (2).

(1) Wanderley guardava do Loreto, dos Menezes Doria e Pinheiro de Vasconcellos gratas recordações. Passara dias alegres e despreocupados nesse sitio de um pittoresco encantador, despovoado hoje pelo paludismo. Em resposta a José Ignacio de Menezes Dorea que lhe perguntava: — "V. Ex. já se esqueceu do Sutura? Não, de certo. Bellos dias aquelles", — Wanderley escrevia (novembro de 1855): "de certo que não me esqueci dos bellos dias que V. Ex. me recorda. Quanto mais nos adelantamos em annos, maiores são as saudades do passado, principalmente quando elle foi isento de cuidados como esse do Loreto".

(2) Não havia muito gosto para os jardins nos engenhos. Culturas delicadas, ciosas de agua no verão, de assidua defesa contra as formigas e da pericia de jardineiros, muito limitado era o numero e qualidade das flores. Ainda assim, na sua "Engenheida" Ferrari mencionava — cinamomos; gyrofeiros; "planta bicolor da in-

Em telheiros extensos, baias e cavallariças, onde se agitam inquietos, cevando, "os cavallos de estribaria", que se adestram no "largo" e no "curto" para as visitas de aparato e exhibições hippicas: — enfrear de pescoços recurvos; "esquipados" rapidos, de subito retidos nos esbarros rasgados; dançar musical após o galope das "argollinhas", ao compasso das bandas e das correntes de esporas vultosas, tilintando nas estribeiras de prata — espectaculos que enchiam de faturidades a fidalguia vaidosa, nas festas do Bomfim e 2 de julho na capital, 2 de fevereiro em S. Amaro, 25 de junho em Cachoeira... (1).

Dentro daquelles solares, mais prata, sêdas e jacarandás e louças da India que confôrto (2). Quadros

dependencia"; "bicolores cannasfitas"; cravos; botões douro; lyrios; dhallas; beijos rajados, rôxos, escarlates, brancos; bôas-noites; malmequeres; belladona; amôr perfelto; "damas entre verdes"; mogolns; "avelutados amarantos"; saudades.

(1) Era da gentileza dos senhores de engenho emprestar cavallos de preço. Para Sinimbú, presidente, pedia Wanderley um a Fluza. A Paes Bareto manda de suas cavallariças.

As coudelarias se completavam com os cavalicoques da meninada, os "sendeiros" do serviço diario, as mulas de estimação, famosas no "passo picado" para as viagens mais longas, e ainda os cavallões de trote, "do Rio da Prata", que montavam locais empertigados, com botões blasonados em librés agaloadas, bonnets de palas de tartaruga, sabre flanco-pendente, junto á mala da garupa.

(2) Para mostrar a desproporção entre o luxo e as posses naquelles senhores de engenho basta lembrar que o pae do conde de Passé deixava em 1803 um acervo de 105 contos (Engenhos Cinco Rios, Pindobas, etc.) e 87:000\$000 de dividas, entretanto no seu inventario, entre muitas fivellas de ouro e prata, espadins baclas e jarros de prata, collares, botões, relicarios de ouro, brincos, anneis de diamantes, aguas marinhas, crisolidas, etc., arrolam-se, alem de outros, os seguintes movels: "huma arca grande cuberta de solla com sua fexadura dorada forrada de ceda", "hum leito de jacarandá com sua cabeceira de damasco", "doze cadeiras de jacarandá cobertas de damasco", "huma cadeira de arruar ainda nova", "huma outra dita de braços já usada com suas vidraças", "uma mesa de louça fina da India com ramos azues e frizos de ouro ainda em bom uso, composta de 419 peças, a saber: terrinas, pratos maiores, menores, ditos de sopa e guardanapos, outros mais pequenos, bules, cafeteiras, jarras, mustardeiras e todos os mais accessorios de uma mesa" (120\$0000), "hum corte de vestido de mulher de cetim macau esearlate com uma bordadura rica de rétroz e ouro" (100\$000), "hum cortinado de cabaya de flores de servir em cama", colxas de setim e cabaya bordadas, "hum vestido (de homem) de cetim azul ferrete,

mui poucos. Retratos em abundancia. Multidão ruidosa de domesticos — cada escrava para seu serviço. Nas cosinhas enfumaçadas, escuras, com trempes e fornos em calotes de tijolos, revesam-se as que descascam, as que debulham, as que moem e pilam, e as que cosinham, as que tomam ponto aos doces. Nenhuma faz o que compete a outra; nunca. Nas salas das *crias* — tecedeiras e rendeiras, fiadeiras, trabalhando a cantar; cantando ao compasso dos bilros, alinhadas em estrados pequenos, pernas cruzadas á moda oriental, presididas pelas mestras que manejam como batuta a palmatoria amedrontante. Molecas que vão crescendo são tangedoras de moscas, catadeiras de “cafuné”, brincadeiras das yayasinhas. E fóra pelos pateos e malhadas, tanques e fontes — estribeiros, correiros, lavadores e tratadores de cavallos, pagens, trazedores d’agua, rachadores de lenha, portadores, viajeiros...

Respira-se uma gaia atmospheria de continuas festas entre aquelles solares e cannaviaes.

Num raio de dez leguas cem engenhos, em cada engenho um fidalgo — uns rusticos; outros polidos como damas; uns montezes; outros palacianos, corridos e viajados; todos orgulhosos. Aquí senhoras escabriadas; além damas estalando galas e graças, como camelias de estufa num jardim agreste...

Havia casamentos que eram bodas longas de uma semana. Não raro as noivas são creanças de doze annos que mal conhecem os primos com quem as casam.

todo bordado de ouro com seu calção de ciltim da mesma côr e huma veste e ilhama de prata”, “outro dito vestido de ceda parda tambem bordado de ouro com calção do mesmo e veste de ciltim bordado de prata”, “hum vestido de cêda preta de salpicos com sua veste e calção do mesmo”, “huma casaca de casemira em bom uso”, “outra dita de panno de escarlata com sua abotoadura de pedras”, “tres pares de meyas de cêda côr de perola”, “hum par dito pretto”, etc.

Nas capellas com lapides tumulares dos antepassados, separam-se sexos e castas — mulheres avante, homens mais proximos á porta de entrada, depois escravas, e no adro, fóra de grades — agregados e escravos. Musica e foguetes espantam a multidão de cavallos que relincham nas estribarias improvisadas ou nas sombras das arvores fronteiras. São “montadas” dos mil convidados, alguns vindos de bem longe, em longas caminhadas. Retardatarios chegam carros-gondolas com matronas e creanças, escoltados de amos e feitores; chegam liteiras e amazonas.

Os dias correrão alegres e cheios. Dormidas aglomeradas dispersarão os casaes — dormitorios de homens, dormitorios de mulheres. Pela manhã azafama dos banhos de “gamella”, de “côxo”, em “bacias de arame”. Os homens vão demanhãzinha aos poeticos banhos de fonte.

Ha entremeios de caça nas horas mais frescas do dia. Nas varandas lances de gamão ou cartas alternam-se de casos picantes e gargalhadas vivas. Conversas de lavouras e safras, cavallos e escravos, preços, difficuldades e intrigas entreteem palradores, emquanto “bôbos” dizem franquezas entre pilherias e quadras, e as salas se enchem de piano e romanzas, polkas e quadrilhas, mottes, glosas, violões, modinhas.

Entreteciam-se alli, naquelle contacto com a natureza e com a brutalidade quasi selvagem dos africanos, a cultura e a barbarie. Liam-se os ultimos livros vindos da Europa, liam-se as folhas de toda a parte; vinham e passavam as modas, trazidas da cidade, trazidas das viagens; discutia-se literatura; cavaqueava-se alta politica, e descia-se a curiosidade commentadora aos boatos de aldeia: eleições, violencias de subdelegados, prevaricações de escrivães, disputas nos inventarios ricos.

Tanto se commentava o recente discurso de Disraeli como casos de "mãe d'agua", abantesmas, almas de outro mundo.

Um credulo fala naquelle invisivel carro de bois a chiar e cantar pelas estradas, em noites de lua, com carreiros que ninguem vê, gritando os seus "aboios" a seguir e a seguir mysterioso, chiando e cantando... Outro conta como encontrou "mulas sem cabeça" a trotarem pesadamente, abrindo e batendo porteiras, esguichando urina nos passantes. Ha quem alluda áquelle fantastico porco preto que vaga pelos corredores de certo sobrado de engenho depois de meia noite. E falam das almas de gatos; das caiporas que pedem fumo; dos boitatás que scintillam; das gitiranas-boias cegas que fulminam áquelles a quem picam.

São lances, chronicas, superstições, crenças do campo.

Uma gamelleira alta da beira da estrada amanhece cheia de offerendas de mystica africana; e ha curados de cobra e mandinguieiros de patuás que nada temem. Feitiços, candomblés, batucajés irmanam com poesia, literatura, politica e polidez. Calundús, quizilas, cousas feitas; olhados e figas; espasmos de "pae de santo" e quebrantos "banzando" raparigas; benzeduras, rezas no rastro e nas bicheiras; oguns, ogans e "santas barbaras" — convisinham com trezenas de Sto. Antonio, missas do "gallo" e "ressurreição", desobrigas quaresmaes, sermões de frades de S. Francisco, "santas missões"...

Cantigas de tons monotonos, adormentés e sambas repinicados, saltitantes de palmas e pandeiretas, eram moldura mestiça ás valsas lentas e nostalgicas.

A' noite vinha muitas vezes no vento o bum-bum dos candomblés, a toada tristonha de batuques longinquos — indolencia de echos no tamborilar repetido dos

tan-tans, em que o ouvido somnolento espera a batida nova lembrando a que já escutou. Eram festas de negros, eram ritos nagôs — negros de feitiço, negros de santo, reis de Congo, princezas de Moçambique; negros bons sorrindo felizes; negros fujões com cangas; moleques comedores de terra com mordanças; negros enfezados e castigados; negros dedicados e amigos...

Cada familia alli tem sua fama, cada "sinhô" e "sinhá" sua notoriedade. D. Epiphania, de Muribeca, ainda é lembrada de quando organisara um batalhão de patriotas para a independencia, não perdendo o gosto dos actos de energia que confirmam a sua apparencia de virago. Ninguem desconhece D. Barbara, de Aramaré; e todos fallam de D. Luiza, do Pantaleão. Corre o pregão exaggerador da crueldade de Cahahyba que lança escravos vivos nas fornalhas, e prende mulheres em carcere privado.

E tambem grandes nomes antigos se obscurecem na indolencia dissipada; senhores de engenho que se brutalisam numa côrte de exploradores broncos e baixam cada dia o nivel cultural e social em que vegetam, perdendo terras, vendendo aos poucos o herdado patrimonio, arruinando-se miseravelmente.

Era assim o Reconcavo.

Já a travessia de Wanderley para seus novos dominios era uma delicia.

As communicações que viriam a ser feitas mais tarde pela estrada de ferro ou pelas de rodagem, eram então, para aquelles engenhos, o mar e depois umas boas leguas a cavallo. O trecho maritimo vencia-se ás vezes nos vapores da Companhia Bomfim, que mantinha viagens semanaes até Passé, mas, no com-

mum, ia-se nos barcos da casa que subiam até o engenho S. Paulo, pouco abaixo de Candeias.

O veleiro grande inclina-se com graça ao sopro do nordeste que lhe enche os tres pannos enfunados. A hora é boa; a luz da tarde que começa doura e destaca a paizagem entre sombras e tons do sol obliquo que se inclina ao poente. A cidade vae pouco a pouco distanciando; diminuindo. As ilhas boiam na bahia larga — Itaparica, dos Frades, Madre Deus... Surge á prôa Maré, com sua ermidasinha das Neves, emquanto a costa vae desenrolando grupos de casario e capellas alvas; telheiros, fumaças e brancas bagaceiras de engenhos; cannaviaes nas encostas e bananaes bulindo á viração; praias brancas onde negrejam os portões dos "viveiros" — desde Plataforma, Praia Grande, Escada e Toque-Toque, até Paripe e Bocca do Rio, Freguezia, Cabôto, Jacaracanga, Restinga e Passé.

Singra o barco ligeiro, mas ao mesmo tempo dormente e sensual, como um *cutter* de fidalgo inglez, até ir aproveitar ainda uns restos de vento, rio de S. Paulo acima. Arfam-lhe afinal as vélas cançadas tremulas, chamando pelos varejadores. E em arvore seca a embarcação avança pelas mil voltas do rio, com os barqueiros a ir e vir, num continuo vae-vem de popa a prôa na bordada, espetando no peito calloso as longas varas que se vergam. Avista-se emfim o caes do engenho S. Paulo.

Dahi a Sapucaia a viagem a cavallo é de poucas horas por estradas largas, de engenhos successivos, trilhadas e retrilhadas pelos carros que trazem caixas de assucar aos trapiches.

A cavalgata antes de avistar as alegres palmeiras do solar buscado, atravessa pastos e cannaviaes.

A's vezes o caminho passa deante das senzalas aruadas; outras em frente a alguma casa isolada com

seu alpendre pretencioso, destacada das sombras dos quintaes, e onde moram aggregados livres ou lavradores de partido. Pelas porteiras moleques nús, pançudos, pedem "abença", no interesse do vintem lançado com desprezo risonho pelos viajantes; por portas de choças cachimbam africanas; num girão algum preto velho aproveita os restos do dia "quentando sol"... Aqui num tanque largo, orgulho do senhor do engenho, nadam patos vadios; além as aguas de uma levada marulham tombando dos arcos regulares do aqueducto sobre a roda que se move lentamente.

Vão ficando aos lados da estrada brejos com suas orchestras de sapos e grillos; fontes, com retalhos brancos de roupas estendidas sobre a gramma; e pontes de bambú sobre riachos... Ficam para traz terras que se preparam para o plantio: — o "Pae Adão", morôso e tardo, a sulcar com a aiveca reluzente os massapês escuros, riscando nas coivaras pardo-negras as enfiadas das "enregas". Além um grupo de escravos de calças de "algodãosinho" maneja as enchadas na limpa das plantações sob as vistas do feitor de serviço, de amplas botas surradas, largo chapéo de palha, tecido pelos proprios africanos da casa, facão á cinta, empunhando energico o relho grosso de couro crú ou o açoi-te de cipó caboclo.

Algumas vezes os viajantes veem com desconsolo a devastação de alguma praga de lagartas que estendem sobre os pastos o tapete escuro da devora, queimando a relva como um facho invisivel, crescendo a linha parda da avançada, estalando, destruindo, devorando.

Passa-se o Joannes tão bucolico e poetico no verão, mas que no inverno não respeita pontes nem retoma o leito sem engulir um afogado. Atravessa-se

alguma matta como a de Cobé, que em certo tempo mettia medo com seus negros assaltantes. A alegria da paisagem faz ahi uma pausa de inquietação; ha em todos a uncção e o recolhimento dos que parecem invadir os mysterios da natureza. Os corações se apertam aos menores nadas, entre aquellas escuridões cheias de receios e aquellas sombras mornas plenas de silencio: — o rapido mover de um lagarto entre folhas; o sereno mexer espalmado das amplas patio-bas que dormem na tranquillidade de plantas protegidas; o pio triste do “tem-fim”, repetido, ampliado em echos, como se o som liquido inundasse a floresta por baixo das altas frondes...

Em torno a Sapucaia os engenhos são proximos. Cassarangongo tem um pomar que é quasi uma quinta; Lagôa um solar com tectos armoriados, repetindo na divisão interna duas casas grudadas meio a meio. Em Cinco Rios a linda capella baroca parece uma construção creança, perto do austero sobrado, que ostenta cunhaes de Argollos nas portadas, tão forte e vasto como antigo e evocativo. Laranjeiras, dos Gallo, recorda a tragedia de um fratricidio — o cortejo nupcial interrompido na estrada pelo irmão vingador que assassina a noiva, sacrificada pelo orgulho da familia num casamento desigual. Quibaca pavimenta a sua capella de pedras tumulâres blazonadas dos Barbalho Monizes Fiuza Barreto e lembra o episodio de 32 quando Jeronymo Moniz — “o salvador do Reconcavo” pulara entre as chammas do mal ateado incendio e com audacia, apenas ajudado por um punhado de homens livres, resistira e vencera a horda dos negros rebelados...

Tudo isso passou.

Hoje o campo alli tem mais bellezas; as plantações se desdobram interminas por aquellas terras onduladas dos massapês; os cannaviaes uniram-se num grande mar verde, onde as brisas se podem espreguiçar longamente. Já os “capões” de matto não entrecortam as perspectivas; a floresta mutilada encolhe-se fugitiva, em farrapos, nos cimos dos morros.

Morreu, porém, a antiga poesia do Reconcavo, e o espirito embedido das noticias ou recordações do passado, ouve alli gemer em tudo um dolente lamento triste e desolado.

A grande industria, a “usina”, derrubou os “banguês”; arrazou os sobrados; entupiui os tanques. Tantas familias se exilaram nas cidades!?. . . O silvo da locomotiva, o ruido das possantes machinas, os automoveis, a electricidade, todo esse concerto de progresso não consegue abafar a voz queixosa dos bons tempos idos que na brisa daquelles rincões chora e suspira a saudade de opulencias e alegrias que não voltarão jamais! . . .

Vae muitas vezes o viajante por aquelles campos lavrados e vê altearem-se isoladas, alinhadas em renque, umas velhas palmeiras — alli era um “sobrado”; adeante passa por um antigo tanque quasi secco junto a um tufo viçoso de coraneiras ou a alguma gamelleira, trepada sobre ruinas, de entre cujos galhos se debruça, agarrado á verdura, um panno de parêde — alli foi um engenho; mais além estende-se, no meio dos pastos, subindo e descendo morros, uma falhada linha de bambuaes oscillantes| ou uns “nativos” de mulungús soltos ou em grupos, sangrando em flores o verde pallido das folhas ralas — alli eram rumos que separavam dominios de nobres senhores antigos. . .



Dez annos de abstenção politica

- I — ELEIÇÃO SENATORIAL DE NABUCO. — PROVEDOR DA SANTA CASA DA MIZERICORDIA DA BAHIA. — GABINETES OLINDA E ABAETE'. — QUESTÃO BANCARIA. — GABINETE FERRAZ. — VIAGEM DO IMPERADOR. — O TITULO DE BARÃO DE COTEGIPE.
- II — FUNDAÇÃO E DIRECÇÃO DO DIARIO DA BAHIA. — ELEIÇÃO DE TIBERIO CONTRA SOUTO. — GABINETE CAXIAS.
- III — UMA RAPIDA DIGGRESSÃO AO SENADO.
- IV — CORRESPONDENCIA COM CAXIAS. — O GABINETE DOS VELHOS. — UMA REACÇÃO DOS CONSERVADORES DA BAHIA, O MEETING DO RECONCAVO. — A QUESTÃO CHRISTIE. — O PERIGO REPUBLICANO DE THEOPHILO OTTONI.
- V — DOENÇA E MORTE DA BARONEZA DE COTEGIPE. — GUERRA DO PARAGUAY.
- VI — O REFORMADOR AGRICOLA.
- VII — ASPECTOS DE UMA PERSONALIDADE INCONFUNDIVEL.



WANDERLEY abandonava-se inteiro ao lar e ao campo: “distraio-me em estudar os meus *taboleiros e covetas*”; “a mudança de vida não me desagrada, talvez pela novidade”.

Aspirava com entusiasmo a satisfação de viver: “para minha saúde tem sido de um effeito maravilhoso; estou gordo, forte, um verdadeiro camponez. Quasi que, como Gil Blas, estou escrevendo no frontespicio da minha habitação — *inveni portum* etc.; principalmente se, como espero, tiver um penhor da minha união a quem possa consagrar o resto de meus dias” (1).

Os filhos vieram reflorir de outra ternura aquelle paraiso: — “reconheço agora que os filhos *põem os velhos patetas*. Não caibo em mim de contente”. E sorria dos seus ciumes infantis: “não sabem que no coração dos paes ha bastante amor para todos os filhos”.

Embragado naquella bucolica ventura, novo Cincinnati, deixa-se estar na sua tão doce Bahia.

Chamavam-n’o debalde á côrte Abaejé, Paranhos, Abrantes.

(1) Cartas a Innocencio Góes e a Penedo — 21 de julho de 1858, 18 de novembro de 1857 e 8 de setembro de 1858.

Recusa a nomeação de presidente de Pernambuco (1) que lhe manda Olinda (19 de setembro de 1858).

Mal consente que a amizade perturbe aquelle encantamento em que o politico adormecia, e lhe interrompa tão apraziveis delicias para trabalhar pela eleição senatorial de Nabuco e Tiberio, hostilizados por Gonçalves Martins e Ferraz.

Entre hesitações e receios, Nabuco tremia, numaancia louca de vencer. A senatoria para elle não seria tão só honra politica e posto, mas tambem ganho... emprego. Não queria, não podia perder aquella elei-

(1) "Illm.º e Exm.º Snr. João Mauricio Wanderley — V. Ex. está nomeado presidente da provincia de Pernambuco. O Sr. Paes Barretto leva a carta imperial de nomeação e o decreto de demissão do Snr. Taques, o qual pede instantemente sua exoneração em consequencia de seus encommodos de saúde. V. Ex. fará um grande serviço ao Imperador e á Provincia e hum grande favor a mim accellendo a nomeação. Escuso de razões para o interessar neste negocio. V. Ex. sabe muito bem a importancia do lugar. E eu conto com seus obsequios, e que não deixará de hlr. Sou — De V. Ex. — Collega, Venerador e Cr.º — Marquez de Olinda" (19 de set.º de 1858).

Illm.º e Exm.º Snr. Marquez de Olinda — Pelo Exm.º Snr. Dr. Paes Barretto foi-me entregue a carta de V. Ex. com data de 19 do corrente em a qual V. Ex. fez-me a honra de communicar que S. M. o Imperador Se Dignou nomear-me Presidente da Provincia de Pernambuco, segundo constava da carta imperial de que foi portador o mesmo Exm.º Snr. Depois de render a V. Ex. os meus cordeaes agradecimentos, devo com o maior sentimento de pesar declarar a V. Ex. que actualmente me é impossivel corresponder, como desejava, a tamanha prova de confiança do governo. O estado melindroso em que se acha minha senhora inhabilita-me de fazer qualquer viagem com ou sem ella, e os meus interesses pessoas tornão minha presença indispensavel nesta provincia por algum tempo, faltando-me quem cuide delles durante minha ausencia, cujo termo seria indefinido. Rogo portanto a V. Ex. que tenha a bondade de desculpar-me e de fazer com que S. M. que já me tem cumulado de tantas graças, conceda-me a de relevar-me mais esta falta toda nascida das circumstancias especiaes em que me vejo. Ao Exm.º Snr. Paes Barretto deixei as communicações officiaes para serem devolvidas a V. Ex. pedindo-lhe e guardando por minha parte a conveniente reserva neste negocio. Aproveito a occasião para certificar a V. Ex. de que com a maior estima e consideração sou — De V. Ex. Muito att.º obr.º cr.º — João Mauricio Wanderley" (30 de Setembro de 1858).

ção. Aposentara-se com 1:357\$000 annuaes de ordenado. Isso era um nada. O subsidio lhe equilibraria as finanças. Mas havia tantos annos que se ausentara da provincia natal!... E tinham sido tão fracos e indirectos seus contactos com as forças eleitoraes da Bahia, que nem sabia a quem pedir, como cabalar. Em 24 de setembro de 1857 escrevia, ainda vacillante, a Wanderley: "vou advogar, tornando ao ponto de partida de 1835 em que me formei. Já vês que devendo ganhar com o meu trabalho assiduo os meios de viver e de pagar as dividas que o ministerio me importou não posso deixar a Côrte para ir á Bahia tratar da eleição. Todavia á vista dos conselhos do Madureira (sobrinho) que me promette apoio sincero e esforçado, contando comtigo, com o Madureira tio e com os meus collegas, Juizes de Direito e Municipaes vou apresentar-me, principalmente para que não me fiquem remorsos, e não seja accusado pela minha familia por não fazel-o, apezar de ter aquelles meios poderosos. Meu caro Wanderley faze o que puderes por mim que fui sempre teu amigo e me acho em tristissimas circumstancias. Bem podias fazer que o Tiberio e o Fiuzza adiassem para depois a sua candidatura e me cedessem a força que teem. Confio em ti e tanto confio que desistirei do meu proposito e me resignarei ao ostracismo a que parece que estou condemnado por hum provincia aonde nasci, porque lá não resido, pela outra onde resido, porque lá não nasci, se me disseres com franqueza e decisão que me não apresente. O Ferraz não sei porque muito me guerreia" (1).

(1) Em 1861 Nabuco recorre a Cotegipe pedindo-lhe recommendações para desembargadores quando da questão de Mauá com Moura: "venho pedir-te a tua protecção e invocar todas as nossas relações de amizade e parentesco a favor do Moura. Contra o poder de Mauá só tu, meu Primo, podes valer-me. Esta causa he para mim uma questão de vida e de morte, hum ponto de honra... Protege-me, meu Primo, neste empenho, e para sempre me capti-

Aos políticos fóra do poder a tradição reservava um ministerio: o da caridade, nas provedorias das Misericórdias, fosse na côrte ou nas provincias. Os irmãos da Santa Casa da Bahia foram buscar, em 1858, a Wanderley para sua direcção.

A instituição passava alli por uma crise de indisciplina e desorganisação.

Ainda antes de assumir elle a provedoria, naquelle mesmo anno de 1858, o recolhimento das orphãs preocupava a mesa administrativa com casos de character policial. Datavam de janeiro os contractos com as irmãs de caridade para dirigirem aquella fundação alterados os seus estatutos afim de se conformarem com o novo regimen disciplinar das filhas de S. Vicente de Paulo.

Andava aquillo aos boléos da desordem, e as recolhidas não querendo sujeitar-se ás novas severidades, rebellaram-se. Pouco valeu que algumas, como prevenção ou punição, fossem mandadas para o recolhimento de S. Raymundo.

Na sessão de 28 de fevereiro o escrivão expunha á mesa admnistrativa o estado de anarchia em que se achava o estabelecimento pela insubordinação de seis das orphãs que até já haviam desobedecido ás ordens dos mesarios, não querendo acompanhal-o e ao irmão Affonso de Carvalho, que as deviam conduzir aos conventos das Mercês e Soledade. As graves deliberações então adoptadas de pouco precederam ao motim "car-

varás". E, indicando os desembargadores a serem catechisados: "O Bahia é todo teu porque o despachaste, assim o Espinola; influes muito sobre o Godinho e Cesimbra, podes tudo". (carta de Nabuco a Cotegipe, 24 de março 1861). Cotegipe promette fazer alguma cousa e Nabuco pressuroso replica insistente: "muito esperançado fiquei; conheço-te vantajosamente e sei que quando promettes, ainda que pouco, fazes sempre mais do que prometteste... Primo, na nossa Bahia só não podes o que não queres" (carta de Nabuco, 25 de abril de 1861).

ne sem osso, farinha sem caroço", que estoura nesse mesmo dia.

As raparigas obstinadas na desobediencia, chegam ás janellas e clamam soccorro. A casa é invadida de poviléo; maltratadas e apupadas as irmãs de caridade que fogem a abrigar-se no palacio da presidencia da provincia.

A mesa recorre ás autoridades. A desordem se estende, generalisando-se, em assaltos a todas as casas dirigidas por aquellas religiosas.

Já aquillo tomava vulto de um serio levante popular. Acommettida a camara municipal toca a rebate o sino de sua torre. A guarda de palacio é atacada, ferido o commandante, apedrejada a séde do governo. A força ora defende estabelecimentos, ora carrega sobre os desordeiros, que, no dia seguinte de novo se reúnem na praça e invadem o recinto da camara, reagindo contra a tropa chamada a defender os vereadores em sessão. A ira popular voltava-se contra o presidente Sinimbú. Renova-se o apedrejamento do palacio presidencial.

Ou o governo reagia ou seria levado na corrente que se avolumava, crescendo a cada momento a ousadia dos amotinados. E' quando a força, bem collocada nas embocaduras das ruas, calando bayonetas, cerca a praça, sem demora varrida pela cavallaria que surge do Terreiro e investe em forte carga para debandar e despersar os revoltosos (1).

Ainda não cessara a impressão desses graves successos quando em maio Wanderley tomou a direcção da Santa Casa de Misericordia da Bahia.

(1) Sobre este motim lêr José Alvares do Amaral — Resumo Chronologico e Noticioso da Provincia da Bahia (Rev. do Inst. da Bahia, Vol. 47, pag. 149) e Braz do Amaral, "Motim da Carne Sem Osso e Farinha Sem Caroço" (Rev. do Inst. Hist. da Bahia, Vol. 43, pag. 109).

Uma curta gestão de mezes não permitiria dar á instituição quanto podia a sua actividade e espirito organisador. Vendo que alli faltava principalmente ordem administrativa, como preliminares para sua acção promoveu a feitura de novos regulamentos para os serviços e outro regimento para o hospital (1).

As eleições ou a Santa Casa pouco o desapegavam dos engenhos.

Tudo era ser lavrador, informado pelos amigos da côrte que o punham ao corrente dos factos politicos a se desenrolarem com suas mutações, suas surpresas, seus ministerios.

Continuava o chaos partidario das conciliações e das compensações, ora pendendo para luzias, ora para saquaremas (2). A acção financeira de Souza Franco apaixonava as censuras. Aggravava-se a crise commercial de 1857 (3). Mauá era accusado de

(1) E' da sua administração a substituição, no hospital, das camas de madeira pelas de ferro, e a criação de sala especial para os alumnos de clinica da escola de medicina.

(2) "As vistas da actualidade parecem dirigidas á miraculosa Sta. Luzia. Os despachos publicados não deixam duvida a tal respeito. Os Broteros e os Carroens deveras hão de esperar a mais completa conciliação! Dizem que o Olinda a dias, ex-abundantia cordis, disse que no fim de sua vida não podia fazer maior asneira. O nosso patricio da marinha (Saraiva) parece abundar no mesmo sentido porque no embarque do Paranhos para o Paraguay, louvando a politica de conciliação, affirmou que só podia ser praticada por homens do credo daquelles que a tinham iniciado. Já vê pois V. Ex. que os seis não estão de accordo, como convem para marchar em regra..." (carta de Tosta a Wanderley, 26 de setembro de 1857).

"Nas regioens politicas tudo continúa morno, e lentissimo; e nada de novo. Algumas nomeações para a Bahia com effeito parecem-me que tem mais cheiro de reacção que de conciliação. Deos os ajude" (carta de Abrantes a Wanderley, 10 de outubro de 1857).

(3) Em 24 de dezembro de 1857 Abrantes escrevia a Wanderley: "a crise financeira, ou antes, monetaria, que traz a Europa em pandarecos, começa a fazer-se sentir aqui. O Sr. Souza Franco, que já havia recuado no seu vóo de liberdade de credito, como a entendem os agiotas, será agora forçado a recuar ainda mais. A prudencia dos governos da França e da Prussia em não con-

desviar capitaes brasileiros para fundar bancos no Prata (1).

Os amigos, instruindo-o das minucias e incidentes politicos, aguçavam no solitario o gosto pela critica amarga dos abstemios. Abrantes escrevia a miudo: "sinto que não venha á sessão deste anno. Ha fervet opus. O Ministerio tem de soffrer opposição seria; e como o Olinda, unico esteio d'elle, está deseioso de largar a prebenda, creio que haverá desmoronamento. Quem lhe succederá? Eu por certo não. Lastimo porém aquelles que addirem a herança pois contem legados terriveis, sobretudo na repartição da Fazenda" (carta de 13 de abril de 1858). E se esses prognosticos de celere retirada do gabinete Olinda-Souza Franco se não realisam, explica: "o Ministerio, galvanizado pela opposição, promette atravessar a sessão. Teria elle cahido por si mesmo se não o acomettessem. Certa arrogancia da parte daquelles que queriam enxotal-o produzio o effeito de salvar um muribundo" (carta de 9 de julho de 1858). Mas a fraqueza do governo não o deixaria resistir muito: "longe de *cheirar a massapê* a sua opinião é corrente entre os que tem conhecido de

sentir na frenetica criação de bancos e companhias, está sendo coroada do mais brilhante successo, e amplamente justificada. Só em Paris e em Berlim ha dinheiro folgado no mercado e tem até sido insignificante o numero de quebras. Espero que brevemente se reconhecra como tendo sido muito salutar a prudencia que tambem aqui houve a tal respeito, antes da entrada do actual ministro da fazenda".

Ainda em 13 de janeiro de 1858 dizia Abrantes n'outra carta: "reina a calma politica aqui; não sei se lá succede o mesmo. A crise typographica amalnou, mas a monetaria e commercial progride. Os homens da liberdade do credito estão a tinar: que larguissimas caras vão mostrando!" Da acção financeira de Souza Franco dizia Sergio de Macedo em carta a Penedo: "o ministerio vive a vida que elle creou, e a aglotagem vae seu caminho. Souza Franco resolveu excellentemente dois probleinas: desviar capitaes da agricultura e diminuir o meio circulante fiduciario. Ora, quem annunciava com tanta emphase o effeito opposto, é habilidade rara!" (14 de outubro de 1857).

(1) Carta de Sergio de Macedo a Penedo, 15 de dezembro de 1857, archivo do Itamaraty.

perto a marcha dos negocios publicos; até pela regra de que não ha mal donde não venha algum bem. Todavia creio que a teima não provem de capricho. Ha em verdade séria difficuldade em mudar por emquanto a situação actual que aliás não poderá durar muito. Espera-se a occasião mais opportuna. A esterilidade da sessão das Camaras he certissima. Só por grande esforço, ou antes, por milagre politico teremos lei de orçamento, em cujas votações tem sido os ministros derrotados (caso novo!) pela propria maioria. Já andam em perto de 8 mil contos os augmentos de despesa, autorisados por emendas, contra as quaes o governo se tem pronunciado! Que situação!... he a mais terrivel pedra de toque para aquilatar a força moral de qualquer gabinete" (carta de 14 de agosto de 1858) (1).

Wanderley participava desse pessimismo em relação á politica de Olinda. São de uma carta sua a Innocencio Góes (Barão de Araujo Góes) datada de 21 de julho de 1858, estes conceitos: "ha na actualidade uma certa linguagem de convenção, que enjôa pela sua futilidade e mentira. Desde que no Senado foi approvada a politica ministerial que previ não lhe faltaria maioria na Camara dos Deputados; mas tenho por infallivel a retirada do Ministerio, que desafiou tão respeitavel opposição em uma situação tão calma; e quando assim não succeda applaudo o despertar do espirito publico que por fim ha de dar seus fructos. A conciliação como a explicação vae-se parecendo muito com *cataplasma*: é loucura poder tornar permanente uma politica de sua natureza transitoria. Tenho-me

(1) "Parece-me que nunca o nosso país esteve pelor. O partido conservador tomou feições de liberal; este sumio-se no pessoal. Ministerio tão miseravel nunca appareceu. A situação financeira aggravava-se: é a anarchia moral que tudo invade. O que fôr soará" (carta de Pereira da Silva a Wanderley, 29 de agosto de 1858).

rido muito com o endeosamento do Cons^o Ferraz! Assim é que se escreve a historia. Elles lá se entendem *é lé com cré*".

O gabinete "de equilibrio" que taes censuras provocava não demoraria em ser substituído pelo que organisou Abaeté (12 de dezembro de 1858) e a que davam seus componentes — Nabuco, Muritiba, Paranhos, Abaeté — um accentuado matiz conservador. Salles Torres Homem — o ministro da fazenda — já despira a sua toga de liberal (1).

(1) Tosta explicava em carta de 6 de janeiro de 1859 as razões da queda do gabinete Olinda-Souza Franco e a organização do que o substituiria: "a organização do novo gabinete não foi agradavel a muita gente; e os Luzias vermelhos mostraram-se cheios de rancor vendo fugir a presa que o S. Franco julgava não poder escapar-lhe. Com effeito os bem informados dizem que não pensava abandonar a pasta, quando todos os collegas tinham já a dias como perdida e instavam pela nova organização. O Patrão porem po-los á prova insinuando-lhes uma reorganização que o Olinda julgou sempre impossivel, principalmente depois de talhada a mortalha das graças de 2 de Dezembro. Cuidou o S. Franco que pedindo sem grave motivo a demissão do S. Vianna poderia evitar o desdouro de reconhecer-se apodrecido e por isso fez do negocio questão de gabinete. O Patrão conheceu a esperteza do rato: disse-lhe lisongeiramente que entre a demissão do ministerio e a do seu subordinado não podia haver hesitação: deu a demissão ao S. Vianna. O Franco cuidou que se achava seguro; e de certo seria assim se o Olinda e mormente o Saralva não puxassem a perna do banco. Conto o que me referiram. Tem sido mal olhada a admissão do Salles por causa do Timandro; os Luzias aproveitão o preconceito para carregar-lhe as côres. A priori eu chamaria o Salles, ex-post facto confessaria o meu erro. O Jequetinhonha não estava satisfeito, mas pode ser que passem os arrufos. Foi designado para servir na secção dos N. da Fazenda. Alguem falla no descontentamento do S. da Motta e do C. Borges: não sei se é exacto. O Sampaio Vianna mostra-se doído por não ser reintegrado na Alfandega: sei que disse se tratou, porem a meu ver com immensa razão decidirão pela negativa. Essa reintegração era um acto de reacção que pareceria accintosa; e depois o Sampaio não tem as sympathias dos empregados da casa, mesmo é ali mal visto: do commercio tambem não conta com muitos amigos".

Paranhos aceitara de novo uma pasta, contrariando propósitos antes manifestados: "já vê Você — escrevia elle a Wanderley a 6 de janeiro de 1859 — que não ha protestos que valham e que he muito bom estar fóra daqui, ao lado da cara metade, festejando a recém-nascida, livre de cuidados politicos em um bello engenho".

Paulino (Uruguay) era pessimista em relação á politica que adoptara o gabinete Abaeté: "a conciliação vae dando seus fructos: acabaram-se as crenças; morreram os partidos; resta e predomina

A entrada de "Timandro" para o ministerio causa sensação no mundo politico (1). Os liberaes sobretudo recebem-n'a mal.

Caxias (que chamava a Wanderley: "venha este anno que temos que ouvir cousinhas boas"), criticava: "e o que me diz da nova organização? Eu tambem fui instado para entrar na nova cavahada, porém não cahi nessa. Não se admira de ver o Salles com Nabuco e Paranhos? Pois saiba que foi o unico nome que foi lembrado de cima ao organisador! Eu creio que sempre ficamos melhor do que estavamos, mas ainda era cedo para o Salles ser ministro..." (carta de 28 de dezembro de 1858).

Apezar da insistencia com que os ministros o namoravam (2), Wanderley retrahia-se da orbita gover-

em tudo e em todos o interesse individual. Estão as cousas assim baralhadas, e se tenho alguma esperança é porque creio nas livros santos, um das quaes diz que do cháos é que nasceu a luz" (carta a Penedo, 8 de maio de 1859).

(1) Sergio de Macedo, que tambem entrara para o ministerio tinha com Penedo esta expansão: "enfim o Timandro é ministro de D. Pedro 2.º, eu sou seu collega e o Abaeté é o nosso presidente!! que mundo!" E informava: "todos os homens politicos, Euzebio, Itaborahy, Muritiba, Wanderley, etc. approvarão mesmo a entrada de Torres Homem e ninguem recusa servir comnosco". Olinda sahira por consciencia de ter exgottado a condescendencia e attentões dos conservadores, por falta de confiança, por causa das finanças e do Rio da Prata. Os motivos de saúde do Coelho e Vasconcellos tinham sido pretextos. "O Imperador chamou a opposição começando por convidar o Euzebio a quem tratou com a maior distincção e muito penhorou... Desenganado por Euzebio chamou (o Imperador) outro opposicionista decidido, o Abaeté, e lhe ordenou que se associasse comigo, cujo nome exprimia opposição extrema e com Paranhos que sympathisava com a opposição, votara com ella, mas estava bem com os ministros de que fôra delegado" (carta de Sergio de Macedo a Penedo, 7 de janeiro de 1859).

Com data de 14 de março de 1859 Wanderley escrevia a Penedo: "alm senhor temos Papa-novo, e posto que sejam todos homens de talento, duvido que possam endireitar o que tão torto ficou. A entrada do Salles produziu pessima impressão no espirito publico. A vida do ministerio não parece longa, posto que lh'a deseje".

(2) "Então não vem este anno? Ora, deixe por 4 mezes os seus cannaviaes e venha pollticar (em favor dos amigos, (bem en-

namental desde a formação até á dissolução do gabinete de 12 de dezembro (1858). Não importava tivesse nesse ministerio bons amigos. Abaeté communicando a organização pedira-lhe apoio — “preciso muito de sua coadjuvação que não é de um marinheiro reformado e invalido mas de um piloto intelligente e experimentado” — e Nabuco ao substituir a Tosta na pasta da justiça, entôa a mesma aria de seducção. Querem-n’o para presidente da Bahia (1); chamam-n’o para orador ministerial no senado. Mas elle a tudo se alheia, discrente da efficiencia e duração do ministerio de que em breve divergiria.

Quando, ao assumir a pasta da fazenda, Salles Torres Homem definiu a sua reacção aos planos de Souza Franco seu antecessor; quando o futuro Visconde de Inhomerim encetou, com essa directiva, a sua administração, Wanderley, da Bahia, manifestou opposição. Não era o politico que falava, nem o theorista, a escolher uma these para por ella se bater — era o agricultor, o industrial o homem de negocios que, no ambiente commercial em que vivia, mais vibrantes ou mais subtis sentia os effeitos das mutações ministeriaes, as consequencias da variabilidade administrativa.

A aventura de Souza Franco, a sua politica revolucionaria da pluralidade bancaria, da extensão emisionista, da inflação, fizera tremer a verdadeira econo-

tendido); senão, não, como dizia o Coelho Bastos)” (carta de Paranhos, 22 de abril de 1859). Mais tarde (22 de janeiro de 1860) Paranhos fazia novo chamamento: “não falte V. Ex., as circumstancias do paiz são criticas e V. Ex. alem do mais tem dois filhos, a quem deve legar uma patria gloriosa e feliz”.

(1) Muritiba consultando-o sobre negocios de administração e politica e especialmente sobre a Bahia, perguntava-lhe sobre a acceitação da presidencia da Bahia, caso Paes Barretto não quizesse continuar (carta a Wanderley, 6 de maio de 1859).

mia, enquanto a ousadia dos que aspiram enriquecer depressa exaltava-se excitada. A inversão desinflationista do novo ministro, porém, com o repentino das reacções inopinadas e violentas, figurava como uma sangria que ameaçasse desequilibrar o organismo fiduciario, habituado já á tenção arterial dos pletoricos.

Wanderley, por isso, de longe, estimula a Dantas (1) que, com Paula Santos, encabeçava o combate parlamentar ás medidas rectoras propostas por Salles Torres Homem.

Dividiam-se na camara os bahianos a respeito da questão financeira.

Contava o ministerio com o apoio de Junqueira (2), enquanto o combatiam, além de Dantas, Saraiva, Fernandes da Cunha, Augusto Chaves.

Membro da commissão fiscal do Banco da Bahia, — um dos bancos emissores do plano Souza Franco — Wanderley firma uma representação contra o projecto de Torres Homem. Este ministro, talvez ainda resabiado pelo incidente de 1856, commette a Paranhos, intimo de Wanderley, a missão de o chamar ao pensamento do governo. Paranhos, porém, o faz de maneira que antes irrita o seu amigo.

Muritiba tambem escreve; com mais habilidade que Paranhos. Não pede, como este, explicações; não recrimina nem combate, — procura dar a Wanderley a impressão de que será elle uma das

(1) "Em 1858 mais de uma carta me foi dirigida pelo nobre ministro da fazenda (Cotegipe), da provincia da Bahia, onde então se achava retirado das luctas politicas, e como Cincinato entregue a seus trabalhos agricolas. Dallí S. Ex. me escrevia animando e louvando, pelo procedimento que havia tido, oppondo-me ás idéas do ministerio de então" (discurso de Dantas na sessão de 13 de março de 1877, na camara).

(2) "Vejo o que V. Ex. me diz sobre a questão bancaria. Sentí muito estar em divergencia com V. Ex. pela primeira vez, porque sempre prezei e respeitei muito as suas opiniões" (carta de Junqueira a Cotegipe, 22 de agosto de 1859).

causas da retirada do gabinete saquarema em que tinha tantos amigos, desenhando as consequências financeiras e politicas da eventual queda do ministerio: — “sinto ainda grande dissabor pela discordancia de opiniões acerca da questão bancaria. Sendo V. Ex, um dos dissidentes esse dissabor subiu de ponto, tanto mais por ver figurar o seu nome na Representação do Banco da Bahia. Com o prestigio de que V. Ex. justamente goza, com as idéas por V. Ex. expendidas no seu Relatorio da Fazenda causou-me essa representação graves apprehensões e desmoralisou a medida do governo, já tão violentamente combatida sob especiosas argucias, e no intuito sómente de derribar o Governo. A maioria da Camara dos Deputados, posto que pequena, percebeu o laço que os sectarios do Souza Franco com o seu partido luzia levava em mira, porém muita gente ainda está illudida a semelhante respeito. O tempo é que ha de justificar o Gabinete, e esse tempo parece que não anda muito remoto. O Banco do Brasil que era tão favorecido pela medida, desorientou-se completamente, e foi servir á causa dos adversarios politicos do Gabinete, entretanto o Banco está proximo a não pagar suas notas em ouro, nem em papel do Governo: os outros estão ainda em peiores circumstancias! Basta a semelhante respeito. Não posso prever se o Gabinete poderá sustentar-se contrariado por aquelles mesmos a quem aproveitava mantel-o: cuido porém que será um grande mal se resolver dissolver-se, ainda mesmo não podendo obter nenhuma das medidas que tem proposto. Quem ha de vir succeder-lhe? Penso que somente a gente Souza Franco: outra qualquer não quererá arriscar-se ao mesmo martirio em que os nossos amigos nos tem collocado. Se vierem os Souzas que maioria terão? Será mais solida e maior que a actual? Duvido muito; e

depois o que será da circulação monetaria pondo-se em commercio (?) livre o desmesurado uso do credito, que esses senhores e o publico darão por triumphantes? Ajuize V. Ex. as consequencias deste estado de cousas, e creio que não deixará de prever quantos perigos se levantão pela dissolução do gabinete. O que posso assegurar-lhe he que hei de cumprir o meo dever: deixarei esta cadeira de dôres sómente quando vir que não sou coadjuvado pelos meus collegas ou quando a corôa recusar nossa politica" (carta de 6 de agosto de 1859).

Antes, talvez desconfiado ou mesmo sciente das opiniões de Wanderley, o proprio Abaeté escrevera, procurando-lhe o apoio para o projecto governamental que regulava as emissões bancarias: "contra este projecto levantou-se, não sei porque, uma horrivel ce-leuma aqui na Côrte, e consta que o mesmo se pretende fazer nas Provincias. Posso eu esperar que V. Ex., sem pronunciar o — *quos ego* — serene ahi as ondas agitadas? Peço-lhe que o faça e ha muita gente boa que lhe pede a mesma cousa. Assim queira V. Ex. coadjuvar-nos nesse empenho. Diz-se que tem partido daqui insinuações para uma *agua-suja* nessa Capital. Não o creio, mas é prudente não des-presar-se a noticia, e é por este motivo que lh'a communico" (carta de 9 de julho de 1859).

Wanderley recebia estes appellos; lia aquellas explicações, mas se obstinava.

E' com Paranhos, o mais tímido para não protestar, o mais intimo para ouvir, o que mais lhe provocara a vivacidade da replica que afinal transborda nestas franquezas: "a sua carta de 8 do corrente foi-me entregue aqui no engenho onde me acho purgando os

meus peccados — tendo-me sido transmittida aberta por intermedio do secretario da Presidencia. Sempre suas letras são preciosas para mim, e agora principalmente, pela honra que V. Ex. me fez, dando importancia á minha opinião na questão bancaria e pedindo-me explicações do meu procedimento. E' verdade que a gloria do triumpho que V. Ex. me annuncia lhe havia de fazer sentir menos a minha deserção; e quem sabe se não ha nesse proprio annuncio uma innocente vingança? Como quer que seja, lembrando-me das victorias alcançadas por Pirrho sobre os Romanos, e não desejando a V. Ex. victorias tão custosas dar-lhe-hei brevemente a razão porque não só firmei a representação do Banco da Bahia, mas até escrevi declarando-me avesso ao projecto do Sr. Ministro da Fazenda. Não comparecendo á sessão do senado onde, com dôr de coração, teria de dar um voto contra o Ministerio, por cuja permanencia me interessava, e sendo Fiscal do Banco entendi que não devia fingir-me indifferente a uma questão que tão de perto feria os interesses desta Provincia, e mesmo os de todo o Imperio. Não renunciei os principios que V. Ex. ironicamente diz aprendera commigo; tenho-os por verdadeiros; mas o modo por que se pretende curar o mal parece-me violento, arriscadissimo e de consequencias funestas (Deus queira que eu me engane!...). Conhecendo a situação do Commercio e a Lavoura da Bahia, vendo que passavamos por uma crise proveniente da falta de productos deste ao anno futuro, tenho por certo que a liquidação, ou a contracção forçada do credito nos levará aos ultimos apuros de desesperação. Esta convicção é geral na provincia (não creia em quem lhe disser o contrario), e faltando ao governo o apoio das classes abastadas e amigas da ordem, quem se aposará do campo? A marcha mais natural seria alguma

transacção, que respeitando os interesses legítimos creados e mantendo a fé do governo, nos leve sem sobresaltos ao regimen da circulação metálica: o contrario á semear vento para colher tempestade.

“Não comprehendo como se demonetise o papel do Estado, obrigando-se os bancos a realizar seus bilhetes em ouro, não se tomando providencias para no mesmo praso ser aquelle recolhido. Todo o embaraço nasce dahi; e é objecção que não se respondeu ainda porque a verdade é uma só. E como levaríamos a effeito esse desideratum, perguntar-me-ha V. Ex.? Receio provocar o riso de V. Ex. e dos entendidos; mas direi sempre o meu plano. Temos um saldo de 11.000 contos, (farpados restos de traquete rôto), e quando não exista mais — procuraria contrahir um emprestimo para a retirada immediata de 11 a 12 mil contos de notas do Thesouro; ficarião 30.000:000\$000 cujo resgate seria incumbido ao Banco do Brasil e a todos os Bancos da emissão proporcionalmente. Estou que todos chegarião a um accordo concedendo-lhes certas vantagens. Desta forma no fim de 6 a 8 annos teriamos voltado á circulação metálica sem uma liquidação forçada de todos os estabelecimentos, onde achão-se empenhadas tantas fortunas.

“Com esta convicção, como approvar o remedio extremo de que V. Excias. lançarão mão? Tantos amigos sinceros do Governo não podem ter se separado d'elle sem graves e serios motivos. Mais do que ninguem senti achar-me em tão dura colisão; quero constanger-me a apoiar V. Ex. mas não posso. V. Excias. jogão o jogo mais perigoso que tenho visto desde que vivo na politica. Ainda que tenham razão, repetirei como o louco de Felipe 2.º: “que farias tu, Felipe, se todo o mundo dissesse não quando tu disseses sim?” Meu amigo Sr. Paranhos, eu

não sou estadista, nem financeiro, sou um pobre lavrador; entretanto quer me parecer que o espirito da (?) nos ha de causar graves arrependimentos...

"Pararei aqui; divirta-se á minha custa; porém acreditando na sincera affeição com que sou..." (1).

Não demorou a mina da questão bancaria, que já abatera o anterior, em derrubar o ministerio Abaeté (2).

A chamada de Ferraz para organizar o novo gabinete (10 de agosto de 1859) não era esperada.

Wanderley participava do geral estupôr: "quando eu que estou perto não entendo a nossa politica —

(1) Carta de Wanderley a Paranhos, Bahia, 2 de agosto de 1859.

Quando esta carta chegou ao seu destinatario já o gabinete Abaeté não existia e Paranhos, tão pouco affeito ás ironias, levou longo tempo limando as que iria atirar contra Wanderley nesta resposta: "Recebi o seu ultimo favor, e admirei a pena que se deu, explicando-me o seu projecto, digo o seu parecer sobre a questão bancaria. Seria longo contestar seus argumentos, e nada poderia eu dizer que não esteja melhor dito pelos defensores do projecto do defuncto gabinete. Poupo-me pois, e creio que o faço com o seu consentimento, ao desprazer de avivar a nossa divergencia em materia que me parece de summa transcendencia para o paiz. Demais o Ferraz inandou-nos a todos para a escola, e declarou que elle mesmo voltava a estudar, e portanto devemos obedecer ao mais douto, reservando para mais tarde cantar a palinodia, se Minerva provar que erramos. V. não votou contra o projecto do defuncto, mas fallou mais de uma vez, porque escreveu varias cartas, das quaes só a minha não foi patenteada. Se lhe agradou o facto, tem direito a uma parte das ovações devidas aos veneedores. Agora me recordo que este direito já está fundado na representação que veio com a sua assignatura" (carta de 12 de setembro de 1859).

(2) Ainda quando Muritiba o negue, na propria carta em que exclue essa questão como causa da queda do gabinete, virtualmente a confessa. A 21 de agosto escreveu a Wanderley: "estamos fóra do poder como V. Ex. já ha de saber: os motivos deste acontecimento os declaramos em ambas as Camaras do Parlamento: o que nos fez resolver não foi a questão bancaria, como se pensa geralmente, mas sim a convicção de não devermos continuar a servir quando uma minoria turbulenta procurava desconceituar o governo, e era nisso coadjuvada por homens que sendo conservadores não vião que a referida questão era apenas um pretexto para chegar-se ao fim politico de apear a politica que fóra interromper o plano do gabinete de 4 de Maio. A prova está no descontenta-

que se dirá de ti? — escrevia a Penedo. Comtudo percebo muito bem que isto não vae como deveria... Declaro-te que nada espero da cabeça do Ferraz, falta-lhe o essencial que é *juizo e prudencia*. Diz o Abrantes que elle tem *bocca de gallo da India para brigar*".

"O Ferraz deslumbrado pela sua inesperada ascensão a ministro-director, ha de dar por paus e por pedras. Deus dando-lhe talento esqueceu-se de dar-lhe juizo... Não levará muitos mezes sem que jogue as cristas com o ministro de estrangeiros (Sinimbú), o qual não reconhece superior. Na minha opinião a digressão imperial é que adia as questões, donde ha de surgir a divisão".

E, subindo o pessimismo para alem das pessoas e da politica interna: "agora lá nos ameaça novamente o Rio da Prata, onde o Brasil procura alliados e só acha ingratos. De ha muito que penso que com semelhante gente nada de meias medidas; manter nossos direitos *pela força*, e lá se avenhão com suas questões internas" (1).

mento do Souza Franco e seus sectarios pela ascensão do ministerio Ferraz, a quem prestão fingido apoio, como acontece tambem nos membros da maioria que sustentaram o de 12 de Dezembro. Isto quer dizer que o M. Ferraz não é guerreado por ora, mas tambem não conta amigos certos. A questão bancaria não pode ter outra solução senão ou o regimen absoluto do papel ou então o remedio que iniciou o de 12 de Dezembro. Veja V. Ex. as declarações do Ferraz a semelhante respeito: nada quer fazer porque nada pode que não seja em algum dos dols sentidos. Naturalmente a questão decide-se no intervallo da sessão actual á seguinte. Os que estão bem informados sabem que se o governo não autorisar o curso forçado das notas do B. do Brasil, este em breve as não poderá trocar nem em papel nem em metal. Os do decreto já não realisão as suas senão em notas do B. do Brasil. Esperemos, porem, pelos factos. E' natural que a nossa Bahia regresse agora aos tempos do Cansação: este senhor toma tanto interesse por esta provincial... Dizem que será, ou já está, nomeado presidente o Sá Albuquerque: é provavel que seja bem accellto".

(1) Cartas de 17 de novembro e 12 de dezembro de 1859 de Wanderley a Penedo.

Já numa carta a Penedo datada de 22 de março de 1854 Wanderley se manifestara a respeito da politica brasileira no Prata. Eram os começos de uma preocupação que não o abandonaria até

Naquelle anno de 1859, annunciava-se a viagem do imperador, acompanhado da imperatriz, ao norte.

A Bahia toda se alvoroçou. A fidelidade monarchica da provincia transformou-se em enthusiasmo, para receber e acclamar os imperantes.

A honra semelhava grande; o acontecimento era rarissimo. A sociedade ia desdobrar-se na azafama dos preparativos de banquetes e bailes, excursões e visitas.

Wanderley interrompe labores de senhor de engenho em plena safra e vem fazer a côrte a Pedro II (1). Suas Magestades chegam a 6 de outubro, com 6 dias de viagem, e uma escala no morro de S. Paulo.

Salvas; escoltas maritimas; allas de tropas; forças em continencia; a galeota que outróra transpostara Pedro I...

Sobe, moroso e lento, por ladeiras ingremes, o cortejo longo com os regios visitantes debaixo do pallio, cujas guias de prata sopesam os vereadores... Respeitam-se as precedencias: — á frente funcionarios, depois militares, milicianos e guardas nacionaes; em seguida juizes, commendadores, homens de senhoria, consules, deputados provinciaes; e logo os desembarcadores, professores de medicina, clero, o arcebispo Marquez de Sta. Cruz, e o pallio estendido sobre os

a morte. Nesta carta dizia elle ao amigo ausente: "os nossos negocios constam dos jornaes, e particularmente só te sei dizer que apezar de nossas bravatas no Rio da Prata, ainda não sabemos a quem havemos de apoiar! Os nossos politicos seguem as variedades que apresentam as pandilhas de Montevidéo e querem ser humilides servos dos acontecimentos..."

(1) "Passei o tempo da sessão legislativa no Engenho plantando cannas, e só de lá tirar-me-hia a visita de S. M. que nos veio honrar, sendo recebido com a maior cordialidade por todas as classes da população. No dia 19 parte elle para Pernambuco, e nós tornaremos ao sicut erat..." (carta de Wanderley a Penedo 17 de novembro de 1859).

"A viagem de S. S. M. M. a esta Provincia foi-lhes de muito proveito: a população ficou fanatico — Deos a conserve no seu amor á monarchia" (carta idem, de 12 de dezembro de 1859).

imperantes, e por fim os grandes do imperio, os homens de excellencia, titulares, conselheiros e officiaes generaes do exercito e marinha.

Entre os conselheiros marchava Wanderley que não falharia a *tedenums* e banquetes, espectaculos de gala, e saudações (1).

Accorrera a nobreza do Reconcavo e a riqueza da cidade com suas opulencias — ouros e pratas, porcelanas e jacarandás — para ornato dos regios aposentos, alfaiados com tal apparatus e luxo que surprehenderiam os moradores do paço de S. Christovão (2).

Rebrilhava no salão de jantar baixela de prata, em que não havia um só prato de outro metal; os talheres de ouro mais valiosos ainda eram pela estima historica: presente de Jeronymo Bonaparte quando passara pela Bahia, a certa dama da provincia. Para esfriar agua uma “talha” toda de prata lavrada em re-

(1) Wanderley encabeça as saudações da Sociedade Recreio Literario, com D. Romualdo (Marquez de Sta Cruz), Francisco Bonifacio de Abreu (Barão de Villa da Barra) e Silva Lima; e da irmandade do Bomfim, de que era presidente, recebendo S. S. M. M. na ermida hoje basilica.

A viagem do imperador á Bahia inspira um pamphleto que ganharia fama e a daria ao seu autor: “Os Cortezãos e a Viagem do Imperador” por Landulpho Medrado, 1860, Bahia.

(2) Vale ler a descripção do palacio ornado do que havia de mais luxuoso na Bahia, nas “Memorias da Viagem de S. S. M. M. ás provincias da Bahia, Pernambuco, Parahyba, Alagoás, Sergipe e Espirito Santo, Tomo I, Bahia, Livraria Pinto de Souza, Rio, 1861”. Numa das salas por exemplo, havia esta monumental fonte de prata — “sobre pedestal de mogno dourado via-se uma bacía de prata circuldada com uma grinalda do mesmo metal, de umas oitenta polegadas de circumferencia. No centro sobresahia uma rocha, onde se erguia uma naiade tambem de prata, tendo na cabeça uma rosa de cujo centro Jorrava um repuxo de agua de cheiro. Esta figura que poderia ter trinta pollegadas de alto, era de uma execução irreprehensivel, nua apenas com uma toalha que lhe descia dos hombros. Aos pés nadava um bello cysne de prata, que parecia com o bico querer segurar a ponta inferior da toalha”.

Lêr tambem “Viagem Imperial // ou // narração dos preparativos e festejos e felicitações // que tiveram lugar // na Provincia da Bahia // por occasião da visita // que á mesma fizeram // S. S. M. M. // em Outubro e Novembro do corrente anno // Bahia, Typographia e Livraria de Epiphanio Pedroza, 1859” e tambem a satyra “Relatorio Poetico” de João Nepomuceno da Silva, 1859”.

levos, com quatro azas esculpidas e seu "côco" maravilhoso, peças então avaliadas em 12:000\$000. O banheiro, também de prata, surgia de entre cortinas de vermelho damasco. E grandes argenteos relógios levantavam-se como monumentos entre jarras e lustres, em salas cheias de estofos, cortinas, tapetes, tartarugas, charões e madreperolas.

O grande baile é dado no edificio da Associação Commercial — um bello palacio que vinha ainda da colonia, construido ao tempo do governo do Conde dos Arcos, naquelles mesmos salões onde Tollenare vira dansar em 1817 uma sociedade que tanto gabou nas suas "Notas Dominicæes" (1).

Paranhos previra, entre as graças e mercês que a bahianos seriam, após a viagem imperial, distribuidas, algum titulo para Wanderley: "breve ahi terá a nossa Imperial Côrte. Eu fico esperando o momento agradavel de saudar o Sr. Barão de Campo Largo, desde o humilde tugurio em que continuo a viver".

Não lhe deram uma baronia no sertão, mas nas cercanias de seus novos dominios territoriaes. "E" meu dever, — escrevia ainda Paranhos, — perfilar-me ante V. Ex. e rasgar-lhe o cumprimento devido ao nobre Sr. Barão de Cotegipe. Custa-me esquecer o doce nome de Wanderley, mas o imperador, seus ministros e o alto merito de V. Ex., assim o quizerão. Resigno-me".

O titulo de Barão de Cotegipe, com grandeza, conferido a 14 de março de 1860, ao mesmo tempo que o de Barão de S. Lourenço a Gonçalves Martins, ia despertar, nos amigos deste, passageiros mas fortes

(1) A imperatriz depois de dar o braço ao ministro Almeida Pereira e ao presidente da provincia Herculano Penna, reserva a Wanderley a terceira contradança, seguida das que destinou a Saraiva e a Pereira Franco.

ciúmes. Eunapio Deiró, um dos despeitados, e que seria, depois, tão hostil a Gonçalves Martins quão dedicado, até morrer, a Wanderley, — não acabou comigo que não escrevesse a Ferraz — presidente do ministerio, expandindo a sua queixa: “Meu caro Sr. Consrº. — Que nivellamento entre o nosso amigo o Sr. Martins e o Sr. Barão de Cotegipe! O Martins cheio de tantos trabalhos no passado: que sahindo do poder serviu quatro annos na Relação; está servindo na guarda nacional; tomou a si predispôr tudo para a recepção imperial, e fez enormes despezas para obsequiar o imperador, obsequiou com os vapores no emtanto o outro, de *perna alçada* em santo ocio, escarnecendo de tudo, lhe é igualado!!! Antes se não dêsse nada ao Martins. Calculo e prevejo as consequencias na politica da provincia. Ainda não vi o Martins que tem estado em S. Lourenço; mas hei de dizer-lhe francamente que ou se abstenha de politica, ou tome uma attitude séria. O Wanderley cresceu muito e ficará forte. Elle rio-se e disse aos seus que o lisonjeavam que por um capricho da sorte havia de ter um titulo que influiria na situação politica, num ministerio em que V. Ex. está! Avallie os commentarios que terá isto feito. Os amigos do Martins estão contristados” (1).

(1) Carta de 30 de março de 1860, no archivo do Instituto Historico da Bahia. Gonçalves Martins que fôra desembargador e presidente da Relação da Bahia, era commandante da guarda nacional e director da Companhia Bahiana de Vapores, receberia o titulo com duplicada satisfação, pois desvanecia-se de suspeltas ou desconfianças dolorosas. Esta carta antes escripta a Ferraz é um documento muito interessante da epoca: “Sr. Ferraz — Peço-lhe um pequeno serviço e deve contar com minha discipção. Não recele dizer-me francamente a verdade, no que fará serviço ao publico, á nossa provincia, e com especialidade a mim. Eu tenho toda disposição a apartar-me da vida politica e portanto não me fará mal a franqueza. Consta-me que o Imperador, por qualquer motivo, em cujo exame não quero entrar, ou não simpathisa comigo, ou não confia em mim. Já o Paraná o dava a entender, quando se deffendia da preterição de meu nome, quando foi dos mil despachos de graças! tendo sido meu amigo especial, sendo homem generoso para não fazer côro de mesquinhos ciúmes, e de-

II

Os que o combatiam receiavam-n'ò. Queriam-n'ò absolutamente arredado. Mas o novo barão de Cote-gipe não abandonava inteiramente a politica provincial.

Ainda nesse anno de 1860 ajudava a Demetrio Tourinho a fundar e manter o "Diario da Bahia".

Offereceu expontaneamente vultoso auxilio monetario ao medico jornalista que lhe pedio orientação para a folha.

Demetrio o associou ao destino do seu jornal: "protector de uma empreza que vae em boa hora nas-

mais tendo seu diploma de Visconde assignado por mim. Dizem que o Torres tambem dava a entender a mesma antipathia do Imperador. Alguem mais tem provas escriptas de ter querido S. M. demittir-me de Presidente da Bahia quando forão os negocios de Pedro Ivo, com os quaes julguei fazer grande serviço ao Governo e ao paiz, não tendo recebido aquella desfeita por opposição de algum Ministro. Tambem me tem conestado de outras circumstancias mais (?) da má opinião que o Imperador forma de uma supposta influencia minha na Bahia, e da maneira por que a quer combater. O publico pelo menos está convencido disto, e V. Ex. o sabe. Entretanto oppunha-se a taes boatos a maneira por que hera tratado por S. M. I. quando lhe hia beijar a mão; ao que se me retorquia ser o signal mais evidente. Não desejo portanto nem combater prevenções injustas porque sou soberbo de minha consciencia; nem conquistar a vontade com que me tornaria mais suspeito e odioso. Rogo-lhe que sem indiscripção e nem mesmo revelar-me o seu pensamento me dizer se não he conveniente que me disligue de toda ingerencia official na provincia, pedindo mesmo demissão da G. Nal. por qualquer pretexto plausivel. Eu accetei semelhante encargo de despeza e trabalho constante, por se me ter dito que com elle seria agradavel ao Imperador e prestaria algum serviço; porem não he justo que se exija de mim dedicação pagando-se-me com desconfiança e má conceito; nem eu desejo principiar minha vida politica conquistando afecções a que tinha direito de sobra. Estou em tempo de cuidar do que me toca de perto e muito velho para ganhar novo conceito. Ouvi mesmo dizer que o Imperador não me desejava escolher senador! Isto não acreditei. Rogo-lhe pois que me insinúe lealmente para o pedido de minha demissão da Guarda Nacional, ficando certo de que em nada alteram minhas disposições amigaveis para com o seu Ministerio, antes augmenta a minha gratidão. Sabe V. Ex. que a intriga pode muito e eu nunca a soube combater nem quero. Isto fique entre nós perpetuamente; e me responda em uma só palavra — pode pedir ou não deve. — Collega e Am.º — G. Martins". Esta carta se acha tambem no archivo do Instituto Historico da Bahia.

cer, será V. Ex. o seu mais poderoso apoio, e sob cujo benefico influxo caminhará desassombrada e livre de embaraços inherentes á sua natureza. Qualquer que seja a direcção que apraza a V. Ex. dar á empreza, ella a receberá como do seu mais generoso e illustre socio”.

Barbosa de Oliveira hostilisava, porém, o novo jornal, propondo a suppressão, no orçamento provincial, da verba para publicação do expediente da assembléa, que era feita pelo “Diario”. Cotegipe, intervem junto a seus amigos da assembléa para a manutenção da verba, sempre attento á orientação redaccional: — “as reflexões tão judiciosas que faz V. Ex. sobre o *Diario* e sobre a attitude que precisa elle ter agora, vou seguil-as...” escrevia-lhe Demetrio (1).

Ainda em 1860 a victoria de Alvaro Tiberio, batendo, na eleição para deputados, ao candidato liberal Salustiano Souto que o presidente do conselho, Ferraz, bafejava e patrocinava, foi para Cotegipe satisfação a que não faltaria certa dose de despique.

As voltas da politica, que são mais rapidas e apertadas que as do mundo, juntavam agora em alliança, a favor de Tiberio e Fernandes da Cunha, a estes, a Gonçalves Martins e a Cotegipe.

Na côrte proseguia Ferraz governando.

Os amigos fóra do poder, com as noticias que lhe mandavam dalli revigoravam em Cotegipe o tom decepcionado das apreciações (2).

(1) Cartas de Demetrio Tourinho de 1.º de janeiro, 4 e 27 de junho de 1860.

(2) Numa circular datada de outubro de 1860 convocando os conservadores ás eleições, Caxias, Abaeté, Uruguay, Felizardo, Muritiba e Euzebio fallavam de desanimo e descrença geraes — “tudo

Caxias falava-lhe, em novembro, das "loucuras do nosso bom governo, que tudo terá menos tino administrativo", loucuras que levavam os Souza Franco e os Ottoni a darem as cartas. E pedia não mandasse a Bahia, para as camaras, reformadores de tudo que viessem engrossar os batalhões "desses liberaes": "não deixe de vir á proxima sessão e traga bons companheiros. Os nossos amigos já conhecerão o erro que cometerão, dando apoio a esta gente que nos está governando; mas agora he chorar na cama que he lugar quente. O nosso bom companheiro Paranhos está em muito risco de ficar fóra (1); e o Pedreira tambem não o julgo seguro, apesar de que está melhor apoiado" (carta de Caxias, Andarahy, 9 de novembro de 1860).

Poucos mezes iam decórrer. Caxias, chamado ao poder, organisa com Sayão Lobato, Saraiva, Paranhos, Inhaúma, o gabinete de 2 de março de 1861.

Cotegipe na Bahia, ao formar-se esse ministerio, suggerira, na intimidade do Marquez, nomes para a organização. No estado da politica da provincia, e dada a posição de Saraiva em relação a Ferraz que tanto elle, Cotegipe, como Caxias, combatiam, não era

se vae individualisando de modo que, perdida a fé nos homens e nas cousas, o egoismo e os calculos e interesses pessoas vão acabando de afugentar as virtudes civicas que nos restam", e descreviam uma situação nacional horrivel — falta de braços, renda descrecente e despezas em augmento, industrias definhantes, carestia cada vez maior, máo estar geral em todas as classes da população, secca, fome e molestias em varlos pontos do paiz.

(1) Paranhos pleiteava sua eleição pelo Rio de Janeiro competindo com Ferreira Vianna, promotor publico, e com o chefe de policia. Temia. Queria segurar-se pela Bahia. Alli havia uma vaga. Morrera o deputado Antunes do circulo de Pilão Arcado — "e V. Ex. tem imperio sobre as influencias do lugar. Quer V. Ex. apresentar-me por ahí, contar essa victoria e dar-me uma grande maioria?" (carta de Paranhos a Cotegipe, 22 de janeiro de 1860). Paranhos foi, de facto, derrotado nas eleições do Rio de Janeiro.

conveniente que Saraiva fizesse parte do ministerio. CotePIPE buscou isso atalhar; mas já tarde. "Hesito em dar a V. Ex. os parabens — escrevia elle ao presidente do conselho; mas dou-os ao paiz por achar-se V. Ex. á testa do ministerio, e ter-se retirado o fatalissimo do Sr. Ferraz. A missão de V. Ex. é tão ardua que foi mister o seu patriotismo e a sua coragem para acceital-a. Não sei se me engano no juizo que faço das nossas cousas politicas; mas tenho-as por muito embaraçadas. Para aqui escreveu o Ferraz dizendo que o Saraiva era convidado e que instassem com elle para que acceitasse a pasta que V. Ex. lhe offerecia. Se é factó consummado calo-me, porém se é simples consulta ou insinuação, permitta V. Ex. a um amigo que se interessa pelo seu bom governo, fazer-lhe algumas reflexões. O Saraiva foi aqui o braço direito de Ferraz, e é natural que este queira ter voz no ministerio — ou para conservar esta misera provincia sob a pressão em que se acha, ou para algum *plano* futuro: a lembrança, pois, desse nome, allás honesto e aproveitavel, não podia nascer senão do mesmo Ferraz, que de mais a mais conseguiria que as minhas relações com o governo de V. Ex. se tornassem difficeis, e elle não é homem de recuar deante dessa malicia.

"Se é indispensavel um bahiano — parece-me que o Taques reúne melhores condições politicas, e grupará grande parte, senão toda a Deputação, facilitando algumas reparações, visto que não pretende ser chefe de grupo nem fazer politica sua (1). Não dê a V. Ex. muito cuidado a Deputação da Bahia; na peor hypothese não lhe faltará metade; a outra metade só lhe faltará se o *sentirem morto*...

(1) Em julho Taques entra para o ministerio, pasta de estrangeiros.

“Julgo que as Camaras deverão encontrar o Ministerio constituido; não deixe V. Ex. lugar para combinações de Deputações: bem ou mal complete-se.

“Eu teria muito que dizer-lhe sobre o estado da Provincia; mas falta-me tempo e mesmo não pretendo faltar ao Senado e lá conversaremos. Entretanto pede-me a consciencia — que chame a attenção de V. Ex. para os negocios da Diocese — entregues aos *Garibaldis* da Igreja. Eu lembraria que muito conveniente seria que o governo mandasse suspender as propostas aos beneficios ecclesiasticos até que chegasse o novo Arcebispo cuja missão muito se difficultará, se encontrar todos os empregos preenchidos pelos Padres *Verger*. . . Estimo a sua saúde e da Exma. Marqueza a quem apresento meus respeitosos cortejos”. (carta de 14 de março de 1864) (1).

“Não respondi logo á sua estimavel carta do mez passado — acudio Caxias — porque dizendo-me V. Ex. que vinha infallivelmente, no fim do mez, julguei melhor esperar por V. Ex. para de viva voz dizer-lhe tudo quanto tinha aqui occorrido, athé ao ponto de me vêr obrigado a voltar ao ministerio! Não ha duvida que a aquisição do Taques seria optima para mim, e para os negocios do paiz, mas quando recebi a sua carta já tinha convidado o Saraiva, e então ha-

(1) Caxias mostrou esta carta ao imperador que sobre ella se manifestou: “Sr. Marquez — Só a vista do regulamento da instrução publica da provincia da Bahia é que poderei formar melhor juizo da pendencia entre o presidente da provincia e a assembléa. E’ preciso proceder com toda a prudencia, e o Costa Pinto merece a maior consideração pelo seu character. A respeito da carta do Cotegipe limito-me por ora a dizer que já esperava essas reflexões, e que só por considerações politicas preferi a pessoa lembrada como melhor, ainda que faça justiça ao character e intelligencia de ambos. Depois d’amanhã conversaremos — D. Pedro 2.º”. (Bilhete annexo a uma carta de Costa Pinto, então presidente da Bahia, dirigida a Caxias sobre o seu dissidio com a assembléa provincial a respeito de um regulamento da instrução. A carta de Costa Pinto tem a data de 16 de março de 1861, a de Cotegipe a de 14 de março, (archivo Caxias na posse de Vilhena de Moraes).

vendo já muitos Bahianos, de dentro, forçoso me foi convidar um Pernambucano, para o lugar que estava destinado para o Camaragibe, que recusou fazer parte do ministerio, indicando em seu lugar o Manoel Felizardo. Bem me lembrei de V. Ex. e se aqui estivesse não escapava de um forte apertão. Os negocios vão, por ora, marchando bem, apesar de que acho a Camara dos Deputados com huma maioria maior do que era preciso, o que faz que seja *banzeira*, e talvez dê em resultado divergencia da parte dos conservadores que possa dar ganho de causa á opposição, que com isso quer especular; mostrando-se por ora muito mança. No Senado, este anno, he que será toda a guerra, e eu peço a V. Ex. como seu amigo, que venha quanto antes ajudarnos, com o seu valioso voto e palavra. Não creia que o Ferraz tivesse a menor parte na organização do ministerio actual, pois eu em nada o ouvi, e muito menos a respeito da entrada do Saraiva. Se elle para lá mandou dizer alguma cousa nesse sentido, mentio, pois não teve commigo a menor intelligencia a esse respeito, e nem conto com o seu apoio, pois já sei, por experiencia propria como elle costuma a proceder. Torno a pedir-lhe, meu am°. que não perca a primeira Barca e que venha dar-nos hum abraço pois sou am°. e collega que o estima — M. de Caxias”.

Paranhos, repetindo os appellos de Caxias, ratifica essas explicações, bane do animo de Cotegipe apprehensões quanto á entrada de Saraiva (1) e pede-lhe aconselhar a Tiberio, Gasparino e Taques a apoiarem

(1) “Tive a esse respeito (entrada de Saraiva para o ministerio) uma conversa franca com Paranhos mostrando-lhe quão impolitica era a chamada do Saraiva e quanto viria a ser nociva á Bahia a sua influencia, que ha 4 annos alli domina” (carta de Sampalo Vianna 20 de abril de 1861). “A entrada do Saraiva, como previ, são deo força, antes tirou-a ao ministerio. A gente boa da deputação bahiana encolheo-se e mesmo dos conservadores genuinos não mereceo approvação.” (carta de Sampalo Vianna, 6 de maio de 1861).

o ministerio. Com aquella sua brandura, só excedida pela de Octaviano, sussurra ao ouvido do amigo seus convites de sereia: "... V. Ex. não é inconstante nas suas affeições e sabe que sou todo seu. Ah! quanto sentimos que tenha estado tanto tempo longe da Côrte! Se V. Ex. pudesse lêr no fundo de nosso coração veria quanto o estimão e apreciação o Marquez de Caxias e este seu creado. Faça uma visita á Côrte, Sr. Barão; a atmosphaera provincial é muito limitada para V. Ex." (carta de Paranhos a Cotegipe, 23 de abril de 1861).

III

Era Caxias uma das grandes dedicações politicas de Cotegipe. Tentado pelo senado e pelo interesse de servir e apoiar o presidente do conselho, depois de quatro annos de ausencia, rumo á côrte e comparece a sessão do senado, em 1861.

Com esse regresso exultam os amigos, alguns dos quaes já antes lhe preparam agradavel estadia. Paranhos accende luminarias: "receba um abraço de parabens e intimo prazer pela sua chegada. Emfim venceste, oh! senado! E ao ministerio Caxias coube esta honra" (carta de 20 de maio).

Cercam-n'o os politicos. Festeja-o o governo. Paranhos fal-o, em certos casos, seu consultor: "supponha V. Ex. que é hoje, como brilhantemente foi em 1856, Ministro da Fazenda do Brasil, e neste character, e com a franqueza d'amizade dê-me seu parecer sobre..."

Caxias, Taques, Inhaúma, assiduos o assediam.

A tudo, porém, o desencantado e desacostumado da politica, olha com displicencia. A propria tribuna

parlamentar não o seduz; apenas a occupa para discutir um projecto de promoções na marinha, que vinha do tempo em que fôra ministro.

Já que se retrahia da grande politica a hypothese de ir presidir a Bahia a todos sorri. Quando para essa provincia retorna "recolhendo-se com felicidade ao seu condado", cercam-n'o boatos. E' que firmara uma *monita secreta* com o ministerio, accitando o encargo na hypothese de uma dissolução da camara (1).

A Bahia chamava-o pelos interesses. Levava-o á Bahia a esposa, anciosa de regressar, e em quem todos os encantos da côrte não diminuiam o dominante apêgo ao nativo torrão (2). Lá, nos engenhos ou no Bomfim, passava ella dias e dias, seguidos e inteiros, ao lado do marido. Aqui, entretanto, tudo lh'o disputava — a grande politica, o senado. Tinha saudades daquella quietude bahiana. Talvez presentisse que a vida lhe fugia. Queria fruir a que lhe restasse, integral, na completa effusão de seus affectos.

Em agosto partia Cotegipe com sua pequena comitiva: a mulher, dois filhos, cinco escravos.

Na viagem meditava. Como se sentira differente!?... Como lhe parecera diversa a côrte, a vida social, a politica!

E' que o galã se fizera pae de familia, e o audaz de outros tempos era agora o critico espectador das audacias alheias, das ousadias dos novos... Não

(1) Carta de Sampalo Vianna, 21 de agosto de 1861.

(2) "Aprecio a satisfação que teria a Exma. Snra. Baroneza ao ver, em logar do monotono lago de Botafogo, os risonhos campos do Pinheiro. E crelo que ella tem razão" (carta de Abrantes a Wanderley, 22 de setembro de 1861).

sentia talvez saudades do passado, porque era feliz — mas o que ganhara em ventura perdera em esthetica. Nem ao menos compensara esse *deficit* com um salão. A Baroneza, extranha á sociedade da côrte, poderia apenas ensaiar-o numa curta estadia entre maio e agosto.

IV

Ao regressar do Rio em 1861 iniciaria Cotegipe um novo e longo retiro na sua Bahia.

Durante seis annos observaria de longe os episodios da politica nacional.

Escapara, felizmente, de se jungir á presidencia da provincia, encargo que Antão acceitara (1) mas tardava em vir assumir. Advertindo Caxias sobre os males dessa demora, como amigo do ministerio, incitava o governo a uma acção mais corajosa. Apesar de todo "occupado nos trabalhos campestres", Cotegipe escrevia em 17 de dezembro de 1861 ao presidente do conselho: "V. Ex. não faz idéa do mal que nos tem feito a demora do Antão. A população vae crendo que o governo ou não tem o preciso vigor ou pouco ou nada considera seus amigos, que assim perdem força moral. No emtanto os desaffectedos e os tibios preparão-se, não lhes convindo nem mesmo neutralidade e porque não poderão conservar as posições publicas, senão dispondo completamente dos recursos governativos. A

(1) "Previno a V. Ex., communicava Caxias, que não convindo deixar essa provincia sob a Vice-Presidencia, pela razão que nos é conhecida, foi nomeado o Antão para tomar conta della sem eu ter ainda a certeza de que elle accellará tal commissão. Si accellar penso que tudo irá bem: quando não prepare-se V. Ex. para cumprir sua palavra... pois é preciso preparar-nos para a futura campanha, afim de verificar-se o que V. Ex. prediz em sua carta de 12 do corrente sobre a vida do governo". (29 de novembro de 1861).

Assembléa Provincial é uma vergonha para a Bahia, onde ha tanta illustração; e se o governo quizer ler, como deve, a lei do orçamento que foi votada este anno, verá para onde caminhamos... Observo da parte do governo uma certa indifferença, que mostra ou desanimo ou plano de retirada proxima. Qualquer das duas hypotheses é má. Quando se assume a responsabilidade do poder é para fazer-se algum bem a despeito das resistencias que são naturaes. Dizem-me tantas cousas do Rio que não sei o que pense; mas tenho a convicção que o meu illustre General não largará o campo sem combater. Não vejo onde se irá buscar ministerio que prometta mais duração. Para isso é mister que tenha suas *reservas*, seus *depositos promptos*. Ha felizmente calma nos espiritos nesta Provincia: os males naturaes, e os feitos pelo Ferraz vão desapparecendo com a abundancia que a Divina Providencia concedeu-nos". (1).

A essa carta respondia Caxias (29 de dezembro de 1861) dando arrhas do vigor ministerial: "Meu Barão. — Foi-me entregue a sua carta de 17 do corrente, e em resposta devo dizer-lhe que está muito enganado no juizo que fez da nossa intenção de retirada proxima. Não pençamos em tal, e só obrigados por força maior, o faremos. Já agora estou resolvido a cahir em regra; só derrotado formalmente deixarei o posto. Estamos por ora em boa harmonia, e tudo quanto lhe mandão daqui dizer, a esse respeito, he falço. O que lhe pesso com toda a instancia, he que não deixe de vir para o senado, ajudarnos (2). A esta hora já ahi

(1) "A epocha não pode ser melhor: calma perfeita nos espiritos e um quasi renascimento dos grandes recursos da Provincia, estagnados pela longa calamidade das seccas" (carta de Sampaio Vianna a Cotegipe — 24 de dezembro de 1861).

(2) "O Caxias pergunta-me se V. não vem este anno. Não lhe posso responder mas largos mezes nos engenhos devem tel-o satis-

estará o Antão, e posso lhe certificar que elle foi bem conversado, antes de partir, e que me pareceo bem disposto, a respeito da marcha que nos convem seguir nessa provincia. Frequente-o e verá se lhe digo a verdade. Elle acceitou a prebenda com os olhos fictos em huma Senatoria por Minas, pois sabe que Itanhaem está muito velho e doente”.

Tão disposto a conservar o poder, em breve Caxias o entregava aos “velhos”, por intermedio de Zacarias, cujo ministerio de tres dias passara como um meteoro (1). E quem tanto confiava em melhorar o estado do paiz, cahindo na opposição, de novo se recolhe á guarita de lamentador pessimista: “sem duvida, escrevia elle a Cotegipe — tem sido no senado muito sensível a sua falta, para com a sua palavra eloquente, e aucthorisada, nos ajudar a conter os vôos da anarchia, que marcha a passos largos, para a destruição deste Imperio, que tantos sacrificios nos tem custa-

feito dos trabalhos agricolas e exigem uma diversão a favor da politica” (carta de Taques, 3 de março de 1862).

Em abril de 1862 Paranhos chama Cotegipe para defendel-o e ao ministerio. Seria a presença um meio de atalhar no politico em férias, as criticas facéis de espectador commodista: “... na verdade muito pode o bom humor de quem sobre as macias almofadas do seu palanquim contempla as torturas a que se vê exposto um pobre ministro, sem dinheiro e sem empregos para contentar a um exercito de pretendestes...” (carta de Paranhos, 3 de janeiro de 1862).

A alguns parecia que no caso de mudança de ministerio em 1862 Wanderley não podia deixar de fazer parte da nova organização: “Meu amigo, vá se dispondo porque não vejo probabilidade de nova organização que mereça tal nome, sem que V. entre na dança, mormente depois que passou em julgado que o festim para ser completo não deve prescindir do vatapá — segundo sua phrase” (carta de Sampaio Vianna, 7 de fevereiro de 1862).

(1) Abrantes, no quente da crise, no dia mesmo da organização do novo ministerio, escrevia a Cotegipe narrando a queda de Caxias e a subida de Zacarias: “deixou-se o Ministerio surpreender pela opposição, e despachou-se. Os jornaes informarão a V. Ex. a respeito do pessoal do novo gabinete, organizado por Zacarias, author da emenda hostile ao gabinete que foi derrotado. Ria-se como eu á vista dos 5 ou mais Grouchys, que agora declaram pelos jornaes que, se estivessem presentes teriam votado a favor do defuncto!... O que parece verificado he que a Camara actual vae-se tornando ingovernavel” (carta de 24 de maio de 1862).

do desde o seu nascimento. Pelos jornaes terá sabido do pouco que se tem podido fazer, apesar de nos não faltar boa vontade e patriotismo para tudo arrostar. Ainda ontem votamos huma resposta á Falla do Throno com sençuras ao ministerio, de 30 de Maio, principal causador de todos os nossos males; mas apenas ella passou por dois votos, por estarem muitos dos nossos amigos ausentes! Não sei, meu amigo, para onde nos querem levar: Ottoni é quem de tudo dispõe! Os ministros só fazem o que elle quer!... Em que paiz estamos nós? Já se falla em reformas na constituição com o fim de se anular o senado, obrigando-o a aceitar qualquer proposta da camara dos deputados, para fuzão! Deos illumine o Imperador (1) e nos dê juizo.

“Logo que minha Exma. Comadre melhore, venha, meu amigo, ajudar-nos a carregar esta pesada cruz” (carta de 24 de fevereiro de 1863).

A politica debil do ministerio do “velhos”, e o enfraquecimento accentuado dos partidos pela formação da “liga” obrigaram Cotegipe a uma sortida mais positiva, uma investida mais vigorosa pela restauração do espirito partidario, uma acção conjugadora entre os saquaremas de sua provincia. Impressionava-o em

(1) Não estava longe das cogitações do Imperador o chamar de novo Caxias a organizar ministerio. E' o que se vê deste trecho de carta de Caxias a Paranhos: “O Imperador me pediu que me não fizesse centro de cousa alguma, pois que me queria ter disponivel para qualquer emergencia, e por isso eu julgo que nada devo fazer sem sua licença ou insinuação e por isso não anuo á sua proposta comquanto a ache util. Outro deve ser o ponto de reunião e tambem outro o reunidor, e bein sabe que por menor que seja a reunião logo se saberá, e pode o Homem não gostar, e pençar que eu faltel ao que lhe prometti... Talvez fosse bom irmos á Escola Central e all conversarmos com Manoel Felizardo, convidando para isso o Jequetinhonha e o Pimenta, que apparecerião como se fosse casual o encontro”. (carta de Caxias a Paranhos a datada de 16 de janeiro de 1863).

1862 a decadencia dos conservadores da Bahia. Animou então e dirigiu um movimento de reorganização, causando forte impressão, fora das fronteiras da provincia, o "meeting" que presidiu no Reconcavo.

Suas qualidades de agremiador e suas disposições de commando tentavam a resurreição da disciplina nas hostes como que licenciadas e dispersas, outrora tão obedientes e coesas sob a direcção de S. Lourenço e sua.

Os grandes chefes na côrte mostravam-se morosos. Já Paranhos lhe disséra em carta: "com effeito. os antigos chefes conservadores estão muito mudados: querem que o tempo desande e nem ao menos fazem *preces ardentes* para que esse milagre appareça" (carta de 19 de outubro de 1861).

Com o movimento que encabeçava na Bahia pretendia talvez Cotegipe expertar áquelles dormentes capitães.

Sampaio Vianna bem desenhava esse episodio: "emquanto Você ahi manda tocar a rebate e trata de organizar seriamente o grande partido conservador, que vae-se mostrando, qual sempre foi, por aqui os antigos chefes amesquinhão-se, annullão-se, e ninguem sabe a quem dirigir-se para orientar-se... A razão Você descortina, mesmo de longe; quasi todos os cardeaes estão curvados ao peso das accumulações que desfructão; dahi a posição difficil em que se achão — entre a barriga e o coração — aquella sobrepuja e abafa este: seja entre nós dito... Estou pois vendo que a *salvação* nos ha de vir do norte e da Bahia principalmente, se continuar, como todos confião, no bello movimento encetado. Dizia-me ha dias o Antão que ao sahir da Bahia aconselhara a todos os nossos amigos que — *usassem e abusassem do nome do Wanderley* — porque, accrescentou, a intimidacão he o grande

meio actualmente para o Rio de Janeiro e para o Patrão, citando-me como exemplo o que se dá com Ottoni, senhor da situação (1). Ha um fundo de verdade neste pensar, mas não bastante criterio na expressão. Os interesses, já não fallo dos principios, do Ottoni, não são da mesma natureza dos do Wanderley e outros conservadores em suas circumstancias: aquelle sabe que por si tornou-se *impossivel*, e por isso só pretende vantagens materiaes para si, e o governo indirecto para assegurar-as por meio de sua grey; o nosso caso he outro. Este *cavaco* ou preambulo tem por fim recordar-lhe a recommendação reiterada do Caxias — *não se comprometta*'. (carta de Sampaio Vianna, 6 de fevereiro de 1862).

Cotegipe era um organisador, um presidente de conselho em estado latente; não dêsse demasiadas expansões a seu temperamento; não se compromettesse.

Os "velhos" (1) pareciam não poder dar conta da mão. E é com calefrios de indignação impotente que, em meio á solidão, Cotegipe recebia noticia das affrontas de Christie.

Sampaio Vianna era quem com mais minucias escrevia: "bem lhe dizia eu em uma de minhas ultimas cartas que andavamos mal com os inglezes, mas nunca

(1) O "Patrão" era o imperador. Antão alludia ao habito politico de Pedro II de prestigiar, attender, dar postos aos que o combatiam. Referindo-se á "intimidação" queria dizer que os politicos que se mostravam sobranceiros, ameaçadores ou hostis ao governo e á corôa tiravam largo partido dessas attitudes.

(2) Dos "velhos" que governaram de 1862 a 1864 o que mais intima e frequentemente se cartêa com Cotegipe é Abrantes: "O snr. Antão em cartas ao Sr. Sinimbu manifestou o desejo de dimittir-se. O Conselho julgou que devia accellar a demissão e nomear para substitui-lo o Snr. Sá e Albuquerque, que para ahí seguirá no vapor francez. Vae elle disposto a tratar todas as opinioens com moderação e justiça, sem subordinar-se a nenhuma. He tarefa difficil, e faço votos para que dê elle conta da sua mão. Estava no

pensei que tão subitamente surgisse um *casus belli* tão ridiculo quanto iniquo e violento. Para mim isto he mais do que *le commencement de la fin*. Dado o primeiro passo virão logo a intimação positiva para o tratado, a reclamação dos 60.000 contos de despeza feita com os cruzeiros por causa do trafico, a renovação da questão sobre os consulados, a emancipação dos escravos existentes, etc. etc. Decididamente a Inglaterra vê e calcula que este gigante da America do Sul, apesar de tudo, cresce e cresce, e isto não lhe convem, he pois preciso apoquental-o, e não hesita em fazel-o. Depois das violencias cometidas pelo cruzeiro inglez ás nossas barbas, ninguem pensou que o desenlace da questão fosse tão breve, nem qual foi, pois que não só se annuiu ao que desde o principio o Christie queria, senão que se foi adeante, porque se dará o dinheiro que o governo inglez *exigio*. Entretanto o Diario chama a isso um desfecho honrosissimo! Como não se está rindo *o bom Christie!* E saiba mais: dias antes do rompimento reuniu este na Legação o Almirante Wasser, o Consul e o 1.º Secretario para accordarem no melhor meio de represalias, pois sabiam que o governo não annuiria ao *ultimatum*, e o Almirante insistiu em que se desembarcasse da fragata *Forte* 300 marinheiros e por um *coup de main* se apoderassem da Fortaleza de Sta. Cruz! Foi preciso grande esforço do Consul para dissuadir o Christie de semelhante attentado, que realisaria *sans coup ferir* pois só existem

proposito de largar esta pesada carga que me sobreveio no fim da vida e dispunha-me para faze-lo. As roncás e ameaças, porem, de certo circulo predominante aqui, que quer sem responsabilidade governar, e impor a lei ao governo, forçou-me a mudar de proposito: seguirei a sorte de meus companheiros de martirio. Tal é a posição em que, mao grado meo, acho-me infelzmente collocado. V. Ex. conhece e tem razão para confiar no bom character do Snr. Sá e Albuquerque. Estou pois que não deixará de communicar-se com elle e ajuda-lo na espinhosa presidencia que lhe coube em sorte" (carta de 22 de setembro de 1862).

na dita fortaleza 6 peças montadas! e tem mais de 200. Meu amigo, quando penso que nestes ultimos 5 annos temos gasto com a guerra cerca de 65.000 contos e com a marinha 50.000, e não temos uma peça de artilheria bôa nem um vaso que mereça o nome de embarcação de guerra. . . . Se para o anno eu tivesse assento na camara havia de analisar miudamente este estado de cousas. A verdade he que a população que se mostrava desde o principio da questão na altura que lhe competia, não accitou com satisfação o desenlace, se tal nome merece. E saiba tambem que se alguma energia e dignidade se mostrou no principio foi isso devido ao Imperador, o unico *brasileiro* do governo, que *não gostou muito do desfecho da questão*. Para assim pensal-o basta-me attender para a resposta que elle deo ao Silveira da Motta, *orador do povo*, quando lhe foi perguntar se era exacta a noticia. — Como Imperador Constitucional não he a mim que se deve dirigir mas ao P. do Conselho. — Isto me parece claro, comparado com a expansão que dias antes elle manifestou por vezes, de seus sentimentos brasileiros, suas intenções, etc., sem se lembrar então que era Constitucional. E sei tambem que o Conselho de Estado desgostou-o, e com razão; por que, meo amigo, os taes velhos, com excepção do Jequitinhonha, Uruguay e Itaborahy, todos, inclusive o patriota Souza Franco, todos accitarão o arbitramento puro e simples sem condições! O Jequetinhonha e Itaborahy insistirão na relaxação previa dos presos, condição preliminar, *sine qua non*. He honroso para o Itaborahy apresentar-se, mesmo coxo e adoentado nesta occasião; não foi a S. Christovão, mas na vespera estive na reunião previa onde se discutiu a materia. Elle e o Jequetinhonha estiverão de pleno accordo; o Uruguay (coitado) está em decadencia, como aconteceu ao Al-

ves Branco; devagar, devagar sem concluir e aborrecendo aos collegas e ao Imperador! Quem tal pensaria do Paulino!... Ouvi a um inglez que o que fizera o Christie dar um passo atraz (para nós darmos 100) fôra considerar nas desgraças a que ficarião expostos os inglezes da Bahia e Pernambuco, principalmente não tendo elles forças sufficientes para alli recebê-los como aqui succedia. He que elle bem sabe o que lhe succedeu na Bahia em 1849 (?), creio, quando commandava a corveta Rose que perseguiu a Polaca Miquelina, do Marinho, até Monserrate" (carta de Sampaio Vianna, de 8 de janeiro de 1863).

A questão ingleza era o magno assumpto. Não abandonava os espiritos. Noutra carta (21 de janeiro de 1863) Sampaio Vianna voltava a se entreter com Cotegipe sobre o triste episodio: "Como V. terá visto da minha ultima, a impressão que lhe causou o desenlace da questão ingleza foi a mesma que eu experimentei, e posso dizer que fôe a geral, até mesmo daquelles que, por calculo politico, exprimem o contrario e então repetidos louvores ao Ministerio. E a prova que a opinião não se illude he que todos se preparão para a resistencia, como V. verá dos jornaes e por todos os modos possiveis. O imperador he o primeiro que não acredita em tal desenlace, activando diariamente os preparativos de resistencia, tendo dado o exemplo pela subscrição nacional, inscrevendo-se com generosa offerenda. He que, melhor do que nós, sabe elle que ha proposito feito do governo inglez de *tirar bulha* connosco para algum fim, que ainda nos he occulto. Parece que o governo ignorava isto, ao menos no principio da questão pois que attribuindo tudo ao character pessoal do Christie appellava d'elle para o governo inglez. Hoje deve estar desenganado e convencido que o Christie não foi mais do que um fiel e de-

dicado instrumento. Disse-me um Chefe de Legação, e não das principaes, que Lord Palmerston communicara por circular confidencial ás diversas Côrtes da Europa que ia ter com o Brasil o procedimento que se sabe, e que elle, chefe de Legação, recebera de seu governo communição. Ora he impossivel que o Carvalho Moreira, habil como he, e bem relacionado em Londres, ainda que o Palmerston lh'o occultasse, não penetrasse por algum collega amigo os designios desse Lord, e não tivesse prevenido o nosso governo. Tanto mais censuravel foi, me parece, o procedimento do Abrantes nesta deploravel questão. He por isto que o Imperador não acredita na paz, e quanto nelle cabe, promove os meios de resistencia e estimula os brios nacionaes. Eu porém tenho ainda uma esperanza e bem fundada de que a Inglaterra recuará, não ante a *energia* do nosso *antidiluviano ministerio*, mas ante a attitude do paiz que, na verdade, tem sido excellente e digna de elogios. Confio tambem e muito na representação que todas as casas inglezas da côrte dirigirão pelo vapor inglez ao seu governo, queixando-se do procedimento do Christie que os expuzera á justa vindicta do povo brasileiro, a cuja boa indole e civilização devem elles o não terem soffrido o minimo desacato ou represalia, apezar de tão violentas provocações. Soube deste facto pelo chefe de uma respeitavel casa ingleza, um dos signatarios da representação, e cuja opinião he que o governo inglez retirará o Christie e mandará outro que com bôas maneiras restabeleça a *entente cordiale*. Deos queira que assim aconteça e que aproveitemos a lição para cuidarmos das nossas fortalezas que, taes quaes são, andando bem tratadas, hão de inspirar algum respeito a quaesquer vasos estrangeiros...

“Agora outra face da questão. A importancia que nella se arraigou o Ottoni tem sido immensa, e a meu

vêr fatal e perigosa. Felizmente o Constitucional teve o bom senso de chamar as cousas a seos devidos eixos expondo a verdade dos antecedentes e a parte que nelles tomara o Ottoni, parte que os seus jornaes, Mercantil, Diario e Actualidade havião sublimado e endeusado. Isto, não obstante, o caso he para fazer pensar sobretudo se he exacto o que assoalha o D. José (suspeito) que quando o Ottoni foi com os outros membros da commissão da Praça felicitar o Imperador, este (cuja mão o Ottoni não beijou) conversava larga e amavelmente com elle e em seguida dissera ao Sapucahy (*fio electrico*) em termos pomposos quanto estava satisfeito com os relevantissimos serviços que o Ottoni prestara na delicada emergencia de que sahiramos! He outro facto inegavel a acceitação que na Côrte vae tendo o Ottoni, acceitação que não é só da patulêa, senão da praça do commercio quasi unanime e de muita gente boa e politica; está se tornando tal notabilidade que não me admirarei de o ver ostensivamente, porque particularmente já o tem feito desde o ministerio Olinda de 1857, tratar de potencia a potencia com o Imperador. A culpa não será nossa. Accrescente a isto que existe actualmente uma grande parte da patulêa armada, porque não sei, e medite quando cessarem as apprehensões sobre os inglezes contra quem se empregarão as armas. Contra o Ottoni e seu rancho, por certo que não. Só da casa Laport, em poucos dias, se venderão para cima de 6.000 armas de fogo.

.....

“Mandó-lhe pelo Chico um avulso que aqui se distribue gratis com o titulo — O Governo Inglez e a Logica do Canhão —. Não he grande cousa, nem no estylo nem no pensamento; mando-lh’o porque alguns o attribuem ao *Patrão*, parecendo certo, em todo o

caso, que o Sapucahy não foi extranho a tal publicação”.

“Posto que não definitiva a decisão do conflicto inglez, entrou elle em uma phase boa, acceitavel e honrosa para ambos os lados. Foi sempre minha opinião, como lhe dizia, que a pressão do espirito publico e dos interesses da industria ingleza faria arrear a carreira ao bellicosos Palmerston.

“A representação do commercio inglez produziu o effeito esperado, e Manchester e Liverpool suplantarão o *Foreign-Office*. Consta que o Christie já está a bordo da fragata Forsite e amanhã deixa-nos para sempre”. (carta de Sampaio Vianna a Cotegipe, 10 de março de 1863).

V

A emotividade patriotica de Cotegipe ao receber estas noticias era perturbada pelas preocupações domesticas que o affligiam. Entrava-lhe em casa a doença, e com ella a tristeza e a morte.

A Baroneza adoeceu. Uma paralisia sobre o parto, que se agrava, lhe depauperou o organismo. Transporta-se do Bomfim para a Piedade. A 16 e 17 de Julho de 1864 recebe os sacramentos com muita resignação e faz disposições oraes. No dia 23 ouve missa e recebe o viatico. Peiora no dia seguinte, faz novas disposições e recebe a extrema unção. Cotegipe ia notando a marcha da molestia como querendo retêr, mais nitidas, aquellas ultimas impressões: “25 de Julho. — Desde a noite á vespera que tem estado com a vela na mão, mas torna a si com juizo claro e sempre confor-

tada. Orações da hora da morte pelo prefeito da Piedade que a tem acompanhado. Pela madrugada algum delirio, ás 5 horas juizo claro"; "26 de Julho — mandou chamar o prefeito e ella acompanhou as mais tocantes orações sempre em seu juizo. A's nove horas começou brandamente a agonia final, e ás 9 e 25 minutos subio ao céu..." (1).

(1) O poeta Francisco Moniz Barreto compoz sobre o fallecimento da Baroneza de Cotegipe uma nenia que publicou em folheto: "Ao prematuro e chorado passamento // da excellentissima senhora // D. Antonia Thereza de Sá Pitta e Argolo Wanderley // Baroneza de Cotegipe // Nenia // recitada depois da missa do septimo dia // offerecida a seu saudosissimo esposo // o excellentissimo senhor // Barão de Cotegipe // por // Francisco Moniz Barreto // Bahia // Typographia Poggetti de Tourinho & Cia. Rua do Corpo Santo n.º 74 // 1864.

"Mais um thoro solitario
Annuncia o campanario
Em sons lugubres de dôr!
Nos cortam o coração!
Brota mais uma saudade,
Cae mais um lyrio de amor!

.....
Orphãs de mãe (coitadinhas!)
Mais tres bellas creancinhas
Nos cortam o coração!
Da sua vital cadela
Quebrado um élo prantêa
Mais um pae, mais um irmão!

.....
D'um Conde a filha, d'um Barão a espôsa,
O que é na lousa? O que são nella as mais.
Mas esta — não; ante o pequeno e o pobre
Dotes de nobre demonstrou reaes.

.....
E ella a pomba da candura,
Vendo abrir-se a sepultura,
Submissa do Eterno a lei —
Só dizia em ton piedoso:
"Nossos filhos, meu esposo,
Nossos filhos, Wanderley!"

.....
Silencio! Em paz a Baroneza dorme;
De afão enorme descansou em fim...
Gloria á su'alma, que no céu adeja
Flór que viceja em perennal jardim!"

A um amigo abria o coração e soluçava "... no dia 26 do mez transacto deo ella alma ao creador, deixando-me tres orfãos o mais velho dos quaes conta cinco annos! O estado em que fiquei não é facil de descrever-se; avalia-o tu que tens uma esposa virtuosa e filhos. O resto dos dias que tenho a viver será de luto e dolorosa saudade, e bem pouco se me daria, que elles fossem poucos, se não fossem os sagrados deveres que tenho a cumprir para com uma memoria adorada. Os filhos, os filhos, eis o que me ha de dar forças e algum conforto. Ainda atordoado por tão rude golpe, conservo-me em completa apathia, sem saber como entre em nova existencia, difficil para quem chega a minha idade, e havia lançado ancora no porto, donde o veio arrancar o tufão da desgraça!...

"Dous annos e tres mezes de lucha incessante não puderão salvar a Mãe de meus filhos. Lastima-me porque sou infeliz, e infeliz no ultimo quartel da vida. Si não fosse o estado da minha casa abandonada em todo esse longo periodo, eu já não estaria por aqui; mas não ha remedio senão supportar a presença dos lugares que me trazem pungentes recordações... Adeus meu caro compadre. Os céos te preservem de iguaes dissabores, dando-te a felicidade que te desejo" (carta a Penedo, 7 de agosto de 1864).

"Meu Moreira, cada dia que passa aviva o sofrimento da perda que soffri! Quando considero que posso viver assim ainda alguns annos, maior é meu pesar. Si, porém, viver é differente de existir, posso dizer que existo e nada mais! Chamo em meu soccorro a razão e começo quanto ella é fraca para taes golpes. Não me envergonho de minha fraqueza, principalmente perante um amigo como tu. Hoje tenho abertas todas as feridas, é o meu anniversario e o do meu casamento! Imagina o que estarei soffrendo ao es-

crever-te!..." (carta a Penedo, 23 de outubro de 1864) (1):

"Eu aqui vou vivendo no engenho e vivendo como podes suppôr. Procuo applicar-me a trabalhos que me fatiguem o corpo e apaguem o espirito. O resto do tempo emprego com os Pequenos, que são a minha consolação" (carta a Penedo, 5 de dezembro de 1864).

A guerra do Paraguay é que começa a despertar aquella alma de seu torpôr acabrunhante, a principio com a amargura do pessimista, depois com os enthusiasmos do patriota: "talvez que o futuro seja mais bonançoso que o presente... E' tal o meu estado que nem ao Rio posso ir, quando as nossas circumstancias exigiam o fraco contingente da minha presença porquanto tudo vae de mal a peor. O nosso monarcha

(1) Nessa carta Cotegipe refere-se a Miss Rose Conoly. Quando viu que a molestia que lhe veio matar a esposa se aggravava e prolongava, pediu a Penedo (carta de 14 de julho de 1862) obtivesse na Inglaterra uma dama de companhia para seus filhos. Apprehensivo, dizia: "quanto antes, porque não sei até que ponto chegará a enfermidade da Senhora, ou que tempo durará. Se fôr habilitada para reger a casa, tanto melhor". Em fins de outubro ou principios de novembro de 1862 chegava á Bahia aquella inglesa que nunca mais se separaria da familia de Cotegipe, á qual inteliramente se dedicou, vindo a fallecer em 1902, com 85 annos de idade. A impressão que causa de logo a Cotegipe é a melhor possível: "nos poucos dias de observação que tenho empregado só encontro motivos de estar satisfeito com a tua escolha — escrevia a Penedo a 6 de novembro de 1862; parece-me que fui feliz na loteria, como te exprimes. Assim possa Miss Conoly habituar-se a esta vida tão nova para ella em relação aos costumes. Da nossa parte faremos tudo por agradal-a; só receio que façamos demais"... Na carta, transcripta em parte no texto (23 de outubro de 1864), Cotegipe acrescentava: "seria um grande remedio a viagem que me aconselhas, mas nas minhas circumstancias actuaes é ella impossivel. Si Deus me der vida irei quando meus filhos possão tirar della maior proveito; por ora estão muito tenros, e não ha forças que m'os faça abandonar; são elles a minha amarga consolação. A velha ingleza que me mandaste conserva-se em minha companhia e foi uma esmola da providencia; serve hoje de mãe a meus filhos e si nada vier perturbar o estado em que vivemos, terá ella sua sorte segura para o resto de seus dias. Podes affirmar isto a seus protectores".

deixou o grego e o hebraico para tornar-se *guerreiro*, e liberal (da nossa terra)!” (carta a Penedo, 2 de maio de 1865); “a politica está em *férias* com a occupação da guerra, na qual vamos bem, e espero que o resultado final seja glorioso para o Brasil. Os actos de puro patriotismo que teem apparecido provão que deste povo se pode fazer tudo quanto nossos governantes quizerem. A minha Bahia tem sobresahido a todas as provincias do Imperio. Lá temos no exercito do sul perto de 10.000 Bahianos voluntarios (1), e entre elles proprietarios, bachareis formados, etc. Lopes pode preparar as malas e até Março talvez tenhas de recebê-lo em Inglaterra; mas o malvado deixa-nos em pessimo estado de finanças, como melhor que ninguem conheces. Comtudo haja senso que repararemos as nossas brechas. O Imperador deve estar de volta ao Rio de Janeiro em Novembro. E’ provavel que a Camara dos Deputados não finde o tempo de suas sessões — pela confusão em que se achão os partidos — pela scisão da chamada liga” (carta a Penedo, 13 de outubro de 1865).

Mas a confiança cedia a desanimos que iam ás vezes até quasi o desespero: “esta maldita guerra atraz-nos meio seculo! O malvado deixará o Paraguay arruinado; porém a ruina de um pobre não é comparavel á nossa, e quando o terrivel problema da escravidão nos está ameaçando! O futuro causa-me terror, quando vejo nesta epoca entregar-se o leme aos *Carões & Cia!*... Finda a guerra (e em breve estará finda, graças ao patriotismo deste excellente povo) surgirão as maiores difficuldades — nos ajustes de contas — politicos e financeiros, e não nos é dado prevêr

(1) A Bahia mandou para a guerra do Paraguay 17.600 homens, sendo, para o exercito 14.564, e para a marinha 3.036.

Cotegipe offereceu para as despesas do estado, enquanto durasse a guerra, os seus vencimentos de desembargador aposentado.

o que de tudo isso surdirá!... Amargos devem de ter sido alguns momentos do nosso Monarcha, principal responsavel do nosso estado pelo seu *jogo de marmora*. A anarchia dos espiritos é profunda, e não me surpreenderá que depois da estrangeira, venha a guerra civil. Vejo tudo com olhos de prevenção, não? Deus permitta que me illuda. O que te affirmo é que — o juizo não é interessado, pois nada quero nem desejo, senão crear meus filhos” (carta a Penedo, 12 de maio de 1866) (1).

VI

Os filhos não o consolavam; suas graças avivavam as saudades que lhe amargavam a vida. Buscava atordoar-se. “O prazer da alma está na acção” — talvez os emprehendimentos industriaes o distrahissem daquella melancolia.

Do lavrador triste surgiu o reformista, o creador, disposto a transformar a immutabilidade rotineira na agitação das cousas novas ou renovadas.

(1) São dessa epoca estes juizos de Cotegipe em cartas a Nabuco, ministro da justiça: “O Manoel Dantas vae indo bein (na presidencia da Bahia) e encontrando apolo franco e sincero nos proscriptos, embora se tenha linitado a suspender o cutelo do Luiz Antonio. Crelo que estarás contente com a nossa Bahia. Foi-se o nosso bom Abrantes, o que muito me penalisou. Perdemos os nossos homens mais importantes, e o que é peor — não vejo substitutos” (carta de 14 de outubro de 1865). “Por aqui rosna-se dissensões entre os ministros. Por quem é não perturbem mais a situação dos negocios” (carta de 11 de novembro de 1865). “Os liberaes historicos, com o Cons.^o Pinto Lima, parece estarem de velas viradas com o Manoel Dantas. Cá e lá más fadas ha. Entretanto — sem morrer de amores por Vmcês. — dírei que sustentem-se enquanto puderem porque não vejo nada com que se possa fazer obra. Recommendo ao teu collega da Fazenda (José Pedro Dias de Carvalho) que reflecta bem em um negocio do Banco da Bahia, sobre que houve uma consulta do Conselho de Estado, com a qual me não conformo, e que quando seja exacta, não deverá obrigar ao Governo, o qual, tomando a dictadura para salvar (?) a praça do Rio de Janeiro, não

Vinha desde muito decahindo a lavoura da canna, a industria do assucar. Rareava o negro; surgiram seccas e epidemias. A crise se accentuava mas não alterava os gastos e o luxo dos senhores de engenho — cavallariças ricas, baixellas opulentas, viagens e festanças. A maioria delles ostentava o que não podia. Mas havia equilibrados e felizes a quem era dado sustentar casa farta, accumulando ouro. Para estes o assucar ainda era dadivoso. Um delles, o Passé, apregoava fortuna em carruagens e creados, casas nobres como palacios na cidade, sete engenhos moentes e correntes, banquetes e bailes.

Cotegipe começara a ser lavrador nesse ambiente de opulencia. Nas primeiras safras as optimas compensavam as más. O presente promettia futuro e dava azas ao reformador.

Tudo por aquelles reconcavos evoluira desde que os percorrera como juiz de direito, salvo a economia, a industria.

Os habitos, os costumes, se haviam abrandado e polido.

A massa escrava, parecendo estacionaria, transformara-se. Já não vinham africanos. Crescia o numero dos crioulos. Apurara-se a amenidade com es-

pode querer perder a daqui. A questão é se o Banco deve trocar em notas do Governo os seus bilhetes, desde que o Governo tornou forçado o curso dos bilhetes do Banco do Brasil e suas filiaes. Eu entendo que não ha semelhante obrigação, sendo que a moeda corrente hoje é a nota do Banco do Brasil. O mais é chicana, e sacrificar o espirito á letra. Em todo o caso o negocio é muito serio para a Bahia e talvez... Mas não crelo que haja da parte do governo leviandade na resolução delle. Fужão de comparações odiosas. No Rio salvão-se os... imprudentes: na Bahia sacrificam-se os honrados e prudentes, que teem prestado importantes serviços á Praça. Attendão tambem á guerra que esses Bancos Extranjelros — sem fundos no paiz — estão fazendo aos nacionaes, e... reflectão —; e não sejas o capitão que disse não cuidar". (carta de 22 de nov.º de 1865).

cravos, de escravos, entre escravos. A lembrança dos levantes ia esquecendo na chronica das senzalas. Nas caixarias dos engenhos esboçavam-se escolas com muito b-a-ba e taboada de patacas, cantados pelos moleques.

Nos solares o luxo perdera em exhibição excessiva dando lugar ao conforto, e ao bom gosto. Construíam-se, nos sobrados ou nas fontes proximas, os primeiros banheiros azulejados. Brilhava uma geração mais culta; lá ia longe o tempo das "sinhás" analfabetas; crescia o numero das que tinham traças e graças de européas.

Mas na industria, no plantar, colher, moer, fabricar — tudo era quasi o mesmo. Os poucos que adoptavam novas machinas e processos não eram imitados.

Desde presidente da provincia que o melhoramento da fabricação do assucar interessava a Cotegipe (1).

As colheitas e a producção cresciam muitas vezes, mas diminuia a sahida; e os preços desanimavam. Do-

(1) Em cartas de 14 de julho de 1852 e 20 de outubro de 1853 Wanderley, presidente da provincia, pedia livros e informações a Penedo, então ministro nos Estados Unidos, sobre instrumentos aratorios, solicitando-lhe providenciasse para que os fabricantes abrissem correspondencia para introdução dos mesmos na Bahia. Pedia tambem providencias para contractar em Havana dois operarios praticos na construcção de fornalhas, um mestre de assucar que viesse melhorar o fabrico: "os nossos lavradores não podem e não querem empregar novas maquinas, e por isso procuro um meio mais facil de melhorar o fabrico sem grandes dispendios". Parece que as informações de Penedo não adeantaram muito. Em carta de 10 de fevereiro de 1853 elle dava suas impressões sobre o esplendor da cultura da canna em Cuba e sua decadencia nas colonias inglezas de West India, Jamaica, Trindade, etc.: "depois da manumissão dos escravos" — "hoje nem se falla em sua producção". O sul dos E. Unidos não podia igualar a Cuba. Carson e Moutinho que a provincia da Bahia mandara aos E. Unidos e Cuba trouxeram alem da machinaria para uma usina de assucar, machinas para descarocar algodão, instrumentos agrarios, sementes, exemplares de gado cavallar e vaccum.

minava a rotina, enquanto dia a dia avultava a concorrência estrangeira.

A beterraba ameaçava o assucar brasileiro de lhe tomar, em pouco, os mercados da Prussia, Allemanha, Austria, França, Belgica. Para a Hespanha, em breve nada se exportaria pois este paiz já não admittia senão o produzido em suas colonias, assim como a Hollanda que só permittia a importação para ser refinado e re-exportado.

Nos mercados da Suecia, Dinamarca, Hamburgo, Portugal, Sardenha, Toscana, Napoles, Estados Pontificios, Grecia, Turquia, era de contar com a concorrência crescente das colonias hespanholas e hollandezas, que dispunham de perfeitos e poderososapparelhos, melhores engenhos, melhor admnistração. Já as hollandezas exportavam 4.000.000 de quintaes, as hespanholas 9.000.000, enquanto o Brasil não chegava a 3.000.000 e no estado de atrazo em que se achava aqui a fabricaçã do producto impossivel seria sustentar a lucta commercial: "a qualidade do assucar de Havana é tão superior que o seu mascavo se vende pelo preço do branco do Brasil". Era preciso que os senhores de engenho deixassem a mesmice e tudo fizessem para produzir mais, mais barato, e... melhor (1).

Fabricar mais barato e melhor ou cahir a lavoura em total ruina, eis o dilemma que a todos se apresentava.

Quando tomou posse dos engenhos pediu Cote-gipe conselhos a Abrantes, estudioso e experimentado em assumptos agricolas. Este que logo advinhara

(1) Vide discurso de Gonçalves Martins na camara, 2 de agosto de 1852.

Numa carta (17 de outubro de 1861) a Cote-gipe, Paranhos commentava a deprecação do nosso assucar na Europa e perguntava: "não é possível promover seu melhoramento?"

os enthusiasmos do agricultor novo, os moderou com palavras de prudencia: "que conselhos agronomicos lhe posso dar agora? Apenas ocorre-me um cuja efficacia abono. Nada compre fiado. Ainda outro — vá lentamente (quero dizer sem comprar machinas e aparelhos dispendiosos) empregando os meios, já mais ou menos conhecidos, de poupar o excesso braçal; e tratando mesmo á custa de mais avultado jornal, de chamar alguns proletarios livres ao trabalho do interior dos engenhos e mesmo do campo. Quanto ao mais (como a respeito da justa apreciação do que acabo de indicar) deixo ao seu bom senso, que reconhece como todos os espiritos avisados e prudentes, que sem *economia discreta* não ha industria que medre nem patrimonio que se augmente" (1).

Conselhos são faceis de pedir e dar... Wanderley provaria como é difficil obedecel-os.

Se lhe chega (1858) a noticia de um cultivador a vapor, que se dizia substituir efficazmente o arado, invento de um Towler Filho, exposto na Inglaterra, enthusiasma-se. Seria uma revolução na agricultura e, "para nós brasileiros, uma salvação pois tudo se faz aqui a força de braços que dia a dia se vão escasseando" (carta a Penedo, 12 de dezembro de 1858). E só não adquire aquella machina e a introduz na Bahia, desanimado pelas más informações recebidas, e porque então desejava "*vantagens immedia-*

(1) Abrantes escrevia em 14 de agosto de 1858: "muito estimo que continue a voltar aos engenhos e a empregar o olho do dono nos trabalhos da lavoura, sem isto esteja certo, tudo correrá, senão de todo mal, pouco satisfactoriamente". E a 22 de março de 1860: "sei com prazer que a sua saúde tem se conservado boa e que vae dando provas de muito entendido na agricultura — sciencia ou arte que se funda apenas em tres pequeninos principios — economia, perseverança e paciencia".

tas e não fazer experiencias ruinosas" (carta a Penedo, 14 de março de 1859).

la, entretanto, arriscar-se a uma dessas experiencias: "já que a minha sorte' quiz que eu viesse acabar meus tristes dias entre pretos e cavando a terra, não quero ser um ente inutil" (carta a Penedo, 2 de março de 1865).

Estuda; lê a obra de Bough; planeia uma usina de assucar. Appella para as informações de Penedo e para os conselhos de um tecnico e grande dedicado aos brasileiros — Miers (1). "Tenho de montar uma fabrica completamente nova e ligo summa importancia ao que houver de preferir — 1.º por vantagem propria — 2.º por utilidade geral. A tendencia da industria assucareira na provincia é para o regresso. Os lavradores estão achando mais interesse em fabricar máo assucar. Não posso acceitar semelhante opinião; mas se fizer *fiasco* na minha tentativa dou razão aos ignorantes". Pretendia um meio termo entre a perfeição e a velha rotina "estabelecendo o que possa ser imitado". Uma das primeiras questões era a economia (carta a Penedo, 5 de dezembro de 1864).

Todo cheio, embora, de esperanças, o receio, ás vezes, despontava: "Deus permitta que a minha tentativa possa ser proveitosa a mim e aos meus companheiros de lavoura — e que o meu engenho não seja baptisado como foi o do finado senador Camara —

(1) Seria este John Miers o mesmo que escreveu: "Travels in Chile and La Plata" 1862, 2 vol. e "Illustrations of the American Plants", 1857, 2 vol.?

A Miers, insistindo em seus objectivos de ordem geral, escrevia Cotegeipe: "o meu fim é antes de utilidade geral para a nossa lavoura do que de interesse particular meu... o problema a resolver no caso não é o meu dispendio, posto que não seja isto indifferente e sim dar um exemplo aos nossos lavradores, que os anime a emprehender algum melhoramento em nossos atrazados methodos. Um ehecc daria razão aos rotineiros, que não poupão sarcasmos a quem visa algum progresso e desanimaria por muito tempo aquelles que só esperam ver, como S. Thomé, para crer e seguir".

por engenho da *philosophia*' (1) (carta a Penedo, 2 de março de 1865).

Feliz seria se alcançasse esse objectivo de aperfeiçoamento em que buscava disfarçar, numa realisação de utilidade commum, a tristeza da sua melancólica viuvez: "necessito mesmo trazer o corpo cansado e o espirito occupado porque quanto mais corre o tempo mais sinto a chaga que me corróe o coração" (carta a Penedo, 2 de maio de 1865).

E' a John Miers, com a collaboração de Fawcet, que era autor de um processo de fabricação, que encommenda a usina de 1866.

Em julho e agosto desse anno chegavam osapparelhos; e no dia 27 de outubro, *botava* o novo engenho ou usina Jacaracanga (2).

Entrara Cotegipe para a galeria dos empreendedores que, na Bahia, á custa de coragem, tenacidade, grandes dispendios, arriscando ou perdendo as suas fortunas, procuraram melhorar o fabrico de assucar.

Até 1816, a canna, que se moia na Bahia e provavelmente em todo o Brasil, era a "Mirim". Introduzida

(1) Ha engano — o engenho que na Bahia appellidaram de "engenho da philosophia" foi o do Dr. Manoel Jacyntho de Sampaio e Mello, como informa o Marquez de Abrantes, mais adeante citado.

(2) Chegam os apparelhos em junho, pelo navio "Flouty Cloud" (31 dias de viagem) e agosto pelo "David Harrison". Tinham custado cerca de £ 1.000.

Sinimbú numa carta a Nabuco dizia: "O reconcavo da Bahia é a mais larga, mais igual, e mais bella ao mesmo tempo, bacía de terreno assucareiro que conheço no Brasil, mas seu estado de viação é tal que no mez de Abril o senhor do engenho ou vem passar o inverno em santo ocio na cidade, ou encerrado no seu castello diz adeus ao visinho e se despede d'elle até o mez de Outubro. Quem der estradas ao Reconcavo, e quem der aos nossos rotineiros lavradores um engenho modelo em que aprenda a tirar dos instrumentos do campo e dos apparelhos de fabricação e distillação todo o valor que em si contem a canna, duplicará em pouco tempo a produção da provincia e dará ás familias abastança e commodo, que não podem ter no isolamento em que ora vivem..."

a "Cayena" por aquella epoca, o augmento fôra suprehendente — de 1 para 4. Foi Manoel de Lima Pereira, senhor do engenho Praia, no Iguape, quem tornara conhecida na Bahia aquella especie superiormente rica em assucar. E foi tambem esse benemerito quem, por conta propria, mandou buscar na Jamaica as outras que se expandiram na provincia — a "Imperial", a "Malabar", a "Batavia roxa" e a "Batavia branca".

Os antigos motores dos engenhos: rodas d'agua e almanjarras de bois ou de cavallos — começaram a ser substituidos pelas machinas a vapor no anno de 1815, anno em que alli foram importadas as primeiras e que se assentaram nos engenhos "Boa Vista" do Cel. Antonio Cardoso, e "Pimentel" do Barão de Maragogipe.

Gastava-se então lenha em excesso para alimentar as fornalhas. Já o velho Antonil descrevendo-as, exaltava-se em hyperboles, que dão, aliás, a impressão da quantidade de combustivel necessario áquellas "bocas verdadeiramente tragadoras de mattos, carcere de fogo e fumo perpetuo, e viva imagem dos vulcões, Vesuvios, Etnas e quasi disse do purgatorio e do inferno". Deixou aquelle jesuita algarismos que demonstram a grande despeza de lenha para o cosimento de caldos-meles. Muitos engenhos de beira-mar, que foram os primeiros a se despojarem de suas mattas, reduziram a producção ou ficaram "em mortorio", de "fogo morto", permanentemente "pejados". Faltava-lhes combustivel, ou o preço por que lhes chegava este, comprado fôra, em Jaguaripe ou outros sitios, e trazido em barcos, era tal que ia paralisando aquellas industrias. Esse gasto desmedido de lenha preocupava sempre os senhores de engenho.

Foi quando outro benemerito propagou o methodo de, com crivos, portas de ferro ou fornalhas para

bagaço, economisar combustivel e quasi dispensar a lenha. Foi o Dr. Manoel Jacintho de Sampaio e Mello quem, no seu engenho de S. Carlos, na Cachoeira, depois de grandes despezas e não pequenos prejuizos, o ensaiou victoriosamente, para descrevel-o numa obra que corre impressa e com que arrostou os "sarcasmos da rotina". Abrantes, que se manifesta, a respeito de Sampaio e Mello e do systema que tão felizmente adoptou e vulgarisou, um entusiasta sem reservas, exclamava, no seu "Ensaio sobre o Fabrico de Assucar": "e quem pensal-o-á! Entre os despresos que a ignorancia d'então houve por bem fazer-lhe, devo mencionar o de se ter posto á sua propriedade, por cumulo de mofa, a alcunha de "Engenho da Philosophia".

A essa invenção deveu a Bahia poder augmentar o numero de seus engenhos, pela limitação da area necessaria a cada estabelecimento. A superficie de terras de um engenho se repartia entre taboleiros para cannas; pastos para os bois de carros e os da almanjarra, para muares das "cavallarias" e alguns raros animaes de criação (1); e os amplos mattos, para saciar as fomalhas. Com o novo invento dispensaram-se tantos mattos. Abriram-se engenhos em lugares onde outróra pareceria impossivel; resurgindo a moêr outros de ha muito abandonados.

Na decada de 1840-1850 José Rodrigues de Figueiredo, Salvador Moniz, Sancho de Bittencourt e outros proprietarios arriscavam suas fortunas chamando a todos os que se apresentavam na provin-

(1) A remonta de cavallos e muares era feita em Sorocaba. Bois de carro e de almanjarra, assim como o gado para sustento, eram adquiridos nas feiras de Capuame ou de S. Anna, ou aos vendedores volantes, vindos das fazendas do sertão da Bahia e do Piahy. Muitos senhores de engenho tinham no sertão suas fazendas de criação. Nos pastos dos engenhos apenas havia umas vaquinhas para o leite no "sobrado".

cia, a se dizerem conhecedores do fabrico de assucar, e lhes entregavam seus estabelecimentos (1).

Em 1847 formara-se uma sociedade que assentara no engenho "Periperi" um aparelho trazido pelo Dr. Parigot com o qual se fabricava assucar a vapor, pelo systema do vacuo, e que no anno seguinte dava bons resultados (2).

No seu engenho "Felippe", Bahiana ensaiava com vantagem o uso das taxas quadradas, e escrevia sobre isso uma memoria.

Alguns senhores propagavam a superioridade das fôrmas de madeira em substituição ás frageis e dispendiosas de barro (3).

Em 1851 Thomaz Pereira Geremoabo, no "Engenho Novo" se aventurava a um empreendimento demais ousado e que lhe embaraçaria as finanças. Mandava buscar á Europa um aparelho economico de Lambecq, inventado por Victor van Gorthem, que além de tranformar o caldo espremido em assucar, no rapido espaço de tres a quatro horas, tornando desnecessaria a casa de purgar, produzia assucar da melhor apparencia, e dava uma vantagem de fabricação de 35 % ou mesmo de 50 % sobre a producção dos demais engenhos (4).

(1) Vide discurso de Barros Pimentel na camara, 29 de julho de 1846.

(2) Vide falas dos presidentes da Bahia á assembléa provincial de 1847 e 1848.

(3) As fôrmas de ferro zincado appareceram mais tarde.

(4) Sobre o engenho de Thomaz Pereira Geremoabo lêr um artigo do Dr. Garcez dos Santos no Jornal da Bahia de 24 de fevereiro de 1854. Na sessão da camara de 31 de maio de 1853 Cote-gipe justificava um projecto de moratoria fiscal a favor de Geremoabo, fazendo o elogio do processo que adoptara e narrando os grandes empenhos que tomara para esse aperfeiçoamento da fabricação de assucar. O projecto era um premio, acoroçoava os melhoramentos, combatia a rotina dos lavradores e o seu medo das experiencias.

Gonçalves Martins, quando presidente da provincia, importara dos Estados Unidos uma apparellagem completa para um moderno engenho de assucar, para ser adquirida por algum particular em concorrência. Ninguem se aventurou a essa aquisição, pois o preço de setenta e um contos era muito elevado. A provincia veio afinal a se desfazer desse engenho, vendendo-o mediante concorrência ao proprio Gonçalves Martins, que o assentou no engenho S. Lourenço. Mais tarde em 1867, no senado, elle contaria num discurso de grande interesse, a odysséa que lhe custara essa usina.

Tinham sido estes os pioneiros do progresso da lavoura de canna e fabricação de assucar. Chegara a vez de Cotegipe; e a usina "Jacaracanga", erigida para servir de exemplo á industria da provincia, veio a ser uma das causas, e o começo da decadencia da fortuna particular do seu fundador, a quem exaltava o entusiasmo de propagandista.

No anno seguinte á inauguração da usina fazia elle uma exposição ao Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, que a publicou em folheto (1). Ahi relatava minucias sobre a machina, os dessecadores a vapor, as taxas centrifugas, as turbinas, assignalando a economia de combustivel, tempo, mão d'obra, obtida superioridade no producto, esperando n'outras safras levar a termo as suas observações e comparações, e expôr experiencias.

(1) "Discripção // do // aparelho de fabricar assucar // assentado // no engenho Jacaracanga // propriedade do Barão de Cotegipe — Bahia // apresentada pelo mesmo Exm.º Snr. // ao // Imperial Instituto Fluminense de Agricultura // Rio de Janeiro // Typographia Nacional // 1867.

VII

Refazendo o espirito na meia solidão, temperando a alma no infortunio domestico, Cotegipe ganhara em profundeza o que perdera em superficie. E a distancia e a abstenção lhe haviam dado outra perspectiva para observar os factos politicos e apreciar homens e partidos.

Accendera-se-lhe mais rutilante a clarividencia; re-fundira-se-lhe a capacidade creadora. E, paradoxalmente, desenvolveram-se-lhe graça e humour muitas vezes desfarces de maguas, melancolias e descrenças cuja exhibição lhe parecia fraqueza inesthetica.

A calma semi-dormente do campo fôra um repouso para o gladiador politico. Mas naquelle retiro quantas vezes não receiara perder, pelo longo silencio, a expontaneidade da tribuna e a musica do discurso?

Lia, porém; enthesourava factos e opiniões, illustrando-se, apurando o julgamento, aguçando a critica, consolidando propositos. Para a forma de sua eloquencia polia nos bons modelos a naturalidade insinuante da expressão e tomava gosto tambem pelos proloquios e meneios populares, com que havia de pincelar as suas orações de certa côr plebéa.

Bom ou máo grado seu, preparava-se para os grandes combates em que mais adeante iria empenhar-se na segunda phase de sua grande vida.

O panorama pessoal de Cotegipe, que já neste primeiro periodo se desenha quasi completo, não era um descortino simples — pelo contrario, cheia de contrastes, uma successão de planos e profunduras.

A incançavel actividade, a tenacidade, a severa inflexibilidade, o patriotismo, a noção de autoridade

eram as cumiadas immutaveis de sua orographia. Mas sua paisagem tinha tambem elementos oscillantes — bruma, nuvens, arco-iris...

Conforme a luz, ao sabôr da occasião, tudo parecia como se nelle nada fosse estavel e firme, como se tudo nelle fosse ligeiro, livre, voluvel.

Bastava, porém, uma rajada para descobrir, acima dos cirrus brancos do sorriso e de uma tal ou qual bohemia, as alturas imponentes, os picos da massa cordilheira.

Agiu na singeleza de uma personalidade que não desfarça nem inventa. Nada buscado; nada estudado; nada construido; nada disciplinado.

E se lhe perpassa na eloquencia alguma poesia — numa phrase ou numa figura — é relampago rapido de sua congenita electricidade, é raptó erradio de sua esthetica nativa. Nada de mystico; nada de irreal; nada de imaginativo.

O mando é exclusivista; a energia não admite contrastes; o patriotismo não consente fronteiras. A ternura é constante e refinada; a amizade commovida, leal, assidua e brava; a tristeza oppressiva; a alegria clara e communicativa; a sagacidade penetrante.

Mas nem a sua energia tinha odio nem a sua gaia malicia malignidade.

Incapaz de mentir, mesmo a elle proprio, não silenciava pensamentos que exprimia claro e franco com o risco de indiscreto. E como por orgulho despresava as apparencias, pareceu mais inconstante que alguns de seus contemporaneos. E' que era do grupo dos expansivos; não se filiava ao dos cautelosos como Nabuco, Paranhos, Pedreira e Saraiva que, mudando tanto quan-

to os outros, mas falando menos, pareciam mudar menos.

Esse quasi defeito, aliás, era fôrma de uma das suas virtudes politicas — a plasticidade — que levava até o ponto onde era compossivel á inteireza da personalidade.

Consentia apenas que as posições, os cargos, as honrarias escassamente lhe peassem as originalidades, as características de seu marcado eu. Emquanto nos outros o formalismo pesava como uma ferrea armadura, nelle abotoava aos hombros um manto leve e elegante.

Estes e outros traços de um inconfundivel perfil pessoal estão riscados com nitidez neste lanço inicial da vida de Cotegipe, ainda que só no periodo seguinte se encontre o cerne de sua biographia.

E' depois de 1867 que os contornos se lhe avivam, as saliencias se destacam, e o movimento da acção toma feições grandiosas e dramaticas, capazes de communicar á chronica politica as proporções de uma larga tela historica.

Mas já nesse Cotegipe dos primeiros tempos juntam-se o orador, o ironista, o homem de energia, o estadista com altissima dose de previsão, o patriota inquieto, o administrador progressista, o congregador de sympathias, e o homem de sociedade. De novo só lhe falta o diplomata que saberia ser grande e forte.

Neste volume desde logo se vislumbram as linhas de seu roteiro.

No ir e vir da vida partidaria, entre a critica ou o reclamo de opposicionista e a realisacão ou o adiamento do homem no governo, percebem-se os rumos que nas curvas e bordejos da navegacão estão

marcados na sua carta politica — directrizes altas e nacionaes que o norteariam até o fim, a saber: — a libertação dos partidos do “poder pessoal”, pela eleição directa; a solução moderada e evolucionista da questão servil; a hegemonia nacional no continente sul, pela resistencia aos propositos da Argentina de absorver as republicas do Uruguay e do Paraguay, de cujas independencias se tornaria paladino; o equilibrio e a compensação politico-economico-social entre o norte e sul como sustentaculos da unidade nacional.

Revelam-se já aqui tambem os attributos, os instrumentos de que dispunha e manejava.

Uma qualidade que o distingue e destaca da maioria, senão da totalidade de seus coetaneos é a visão, a supervisão, com que devassava idéas, propositos, circumstancias, almas.

Joaquim Nabuco, que tinha bitolas e taminas afeidas pela verdade sem hyperboles, notara-lhe o maravilhoso talento natural, o dom de perceber e mais depressa o ponto sensível ao maior numero, sabendo tirar partido desse avanço que levava aos demais; e lhe attribuia “esse quid poderoso e original a que se chama genio”, do qual só incertos e dispersos traços achava em Rio Branco (1).

Aliás uma demasiada penetração, uma acuidade exaggerada, dando o sentido exacto de certas desproporções, crêa scepticismo.

Homens, partidos, paixões, caracteres, idéas, possibilidades elle desnudava e escarpelava num relance, diríamos melhor, anatomisava numa rapida projecção de raios X. E ainda mais: previa certo, adivinhava claro o futuro dessas paixões, homens, idéas, caracte-

(1) J. Nabuco — *Est. do Imp.* Vol. III — pg. 206.

res e partidos, como se trouxesse nas pupillas algum telescópio que approximasse no tempo. Enquanto ao seu redor as esperanças a tantos illudiam estimulandó, elle estava vendo, observando antecipadamente as paixões a gelarem as suas chammas em arrependimentos e reconciliações vexatorias e as idéas a desmentirem, nas realisações, as certezas messianicas dos propagandistas obstinados.

Animava-o, entretanto, uma grande fé em affirmar, melhorar, crear.

Seria um descrente retrahido ou hostile si não compensasse essa tendencia ao negativismo e á "insularidade" pelo centrifugismo pessoal que d'elle irradiando, o fazia sociavel, ironico, alegre, tolerante.

Ainda aquella mesma visão genial, dando-lhe um excepcional poder de synthese persuasiva dispensavam-n'ó de cancelas de estudo e fadigas de meditação.

A erudição — um arsenal de analyses — elle substitua pela intuição clarividente e leve — o melhor viatico para um politico. Eximia-se de carregar ou exhibir fructos de alheia observação quando se sentia amatalotado das proprias. E por isso, embora illustrado, muitos o tomaram como vasio de leitura.

Tinha e mantinha a cultura commum aos estadistas de seu tempo e se as idéas philosophicas, as concepções abstractas, não encontravam logar em seu espirito, jamais por insufficiencia ou falta de saber debilitou-se-lhe a expressão do pensamento, a energia da palavra, o poder do convencimento, o acerto das resoluções, a efficiencia da acção.

Levantava-se sobre o que aprendera como os edificios sobre os alicerces invisiveis.

Cabia-lhe ao justo responder aos que lhe reprochassem aquella imaginaria falha o que Tacito escreveu de Aper: “despresava mais as letras do que as ignorava”.

Como orador abstinha-se dos discursos preparados; desdenhava esse “vasio cheio de palavras” das orações de apparatus ou de apparencia.

Quando sóbe á tribuna não diz senão o que tem a communicar. Mas apenas pensa no que proferirá; e frequentemente nem isso — entregando-se por inteiro á improvisação. No commum apanha algumas notas, leva para a tribuna dois ou tres argumentos, meia duzia de factos, raros exemplos, rarissimas citações e deixa o discurso surgir, viver, desenvolver-se — cambiante, movimentado, desigual — ora displicente, ora alegre e mordaz, ora cerrado e riço — naquella “logica poderosa com que costumava fulminar seus adversarios” —; aqui florindo em phrases atticas, além incorrecto e descuidado. Mas sempre eloquente.

A’ expontaneidade de opinião ou de discussão havia de corresponder uma instantaneidade de expressão, que sendo nativa, trazia em si tanto scintillações, brilhos e purezas como escuridades, gangas e defeitos.

Transbordando a convicção com a força das forças naturaes, a torrente verbal era nelle incanalizavel.

A sua esthetica oral — magestade, impeto, harmonia, dialetica, simplicidade, ironia e graça — era a dos rios que buscam por si, naturalmente, leitões por que desaguem. Represas; ribas plantadas de jardins, deixava elle aos que compõem os discursos limados, trabalhados, estudados, nos quaes o veio da

eloquencia é conduzido em formulas e preceitos e canones.

Para Cotegipe o discurso era a torrente livre — turva aqui, além crystalina; cachoeirante e espumosa nos saltos ou rebalsada em quietude nos remansos; a carrear tanto a vaza dos plebeismos como as pepitas do dizer elegante; arrastando no seu torvelinho as ramadas das margens, arrancadas pela força dos argumentos, e as flores que fluctuam — nenuphares e victorias-regias que dormiam nos lagos interiores da emoção.

O equilibrio entre a leveza e a profundidade, entre o dizer ligeiro cousas ponderosas e o aprumo galhardo em meio ás paixões dos que o ouviam e contestavam; o imprevisto de que tocava a oração, matizada pelo riso caustico ou apenas amenisante, pelas variadissimas tonalidades comicas com que coloria a sua eloquencia; o ricochete vibratil das replicas immediatas, chispando faiscas arrancadas pelo atricto dos debates — tudo eram elementos que lhe firmavam a fama de orador excepcional.

Barthou escreveu com razão que “un discours vaut moins pour être efficace par la forme que par la vie”. Os de Cotegipe eram vivissimos porque espontaneos: — menos arte que expansão, menos opinião que character, mais temperamento que razão.

A oratoria politica não é uma exposição de pensamentos. A these contraria encarna-se num adversario que falou ou apartêa, que contesta e se exalta; e tanto infirma os conceitos do orador como pode perturbal-o, abatel-o pessoalmente, emudecel-o. O parlamentar tem que combater as idéas e ao mesmo tempo fazer-se respeitar e temêr.

Nesses jogos de guerra ha os que descarregam o tacape ou estrangulam o inimigo — como os Paraná,

os Zacarias; e ha os que são malvadamente ferinos como os Lafayette. Cotegipe combatia sorrindo. A ironia — em outros aggravante da brutalidade dos debates, era nelle maneira de fugir á sua directa aspezeza. Preferia com a graça e o sarcasmo, em caso extremo com o ridiculo e a mofa, immobilisar, desarmar o antagonista sem lhe derramar sangue, por meio de pequeninos golpes dirigidos com precisão aos pontos vulneraveis. Sendo assim mais gracioso e generoso, não decompunha a linha pessoal nos dialogos amargos.

Com os repentes azados que faziam sorrir; com o brocado a proposito; em fingir-se ingenuo e ignorante para fazer resaltar a ingenuidade ou ignorancia alheia; usando a facecia e a farça que levavam o veneno escondido; traçando a caricatura num lance rapidissimo de *fusain* — chamava a hilaridade dos que o ouviam para ajudal-o a abater um argumento ou afastar vencido um contradictor.

Nem sempre ao lermos seus discursos temos a impressão de todas essas qualidades oratorias. Guardam elles as pegadas do espirito, — mas não o espirito. Ha nelles muita cousa do subjectivismo pessoal, fugazes claridades, reflexos da aura que irradiava do olhar e do gesto, que scintillava na modulação propositada ou na pausa intencional; — mas o que ficou disso é pouco ou quasi nada. Entretanto isso era quasi tudo.

Nada restou de certos meneios de pronunciaçãõ, de certas cadencias que tantas vezes transfiguram não só uma palavra, um vocabulo, uma phrase, um periodo, mas uma oração inteira. Pouco restou da emo-

ção, do calor, da graça mimica que não podem ser registrados nas letras frias de um apanhado tachygraphico.

Quantas vezes deparamos nos annaes os seus discursos pontilhados de "hilaridade", "riso", "sensação", "applauso" — notações da chronica parlamentar que os interrompem em pontos nos quaes mal percebemos hoje o porque desses parenthesis?

Era o magnetismo verbal que accendia essas centelhas, era isso que jamais a stenographia e a imprensa poderiam guardar e que apenas ao cinema sonoro é dado agora pretender fixar.

Quantas vezes a eloquencia residiu no intervallo de um silencio?... Quem encontrará esse silencio que fallava, nas reticencias do discurso impresso, nestas notações que suggerem tão sómente ao leitor uma parada gelida?... Entretanto o orador havia enchido aquella pausa de varias expressões mudas, mais intimativas que a palavra — o olhar, cujo brilho a intenção dourou; o franzir dos labios, que a malicia contrahiu; o compôr do gesto, que sublinhou a intenção; um inclinar expressivo da cabeça; um clarão da physionomia — tudo isso que os proprios que ouviram o discurso não poderiam repetir um momento depois?!...

Em Cotegipe a dose de improvisação instantanea estava muito acima do normal. Gerada simultaneamente a essencia e a forma de suas orações no clima da tribuna, a falta da declamação pessoal mutila immensamente a sua oratoria, que se apresenta com um grande deficit ao leitor de hoje — igual ao que notava Victor Hugo ao lêr Mirabeau: — "Voilà bien le mot, mais où est le geste? Voilà la parole, où est le regard? Voilà le discours, où est la comedie de ce discours? Car, il faut le dire, dans tout orateur, il y a deux choses, un penseur et un comedien. Le penseur reste, le comedien

s'en va avec l'homme. Talma meurt tout entier, Mirabeau a demi".

Em Cotegipe o orador morreu mais de metade.

Era elle naturalmente sceptico, mas quando cria; quando se animava a confiar e esperar não temia nem recuava, era capaz da bravura de quem, na lucta, vae até ao sacrificio; e tinha a noção do sacrificio daquelles que, na defesa de uma attitude, de uma convicção ou de um amigo expõem-se a todas as aggressões e a todas as consequencias.

Estas disposições de intrepidez, junto á clarividencia e á facilidade tribunicia lhe davam convicção de superioridade e certeza da legitimidade do mando. Tinha assim como um dom natural a autoridade com que desde cedo se forrou e vestio. E a usou com uma alta comprehensão de progresso, um forte vigor pela ordem, um apaixonado designio de grandeza e superioridade nacionaes.

Tal o homem que se deixara comprimir num decennio de inercia politica.

Mas, como quem desde o berço se destinara á vida publica, um dia romperia todos os obices e a ella retornaria, fatalmente.

A morte da esposa fizera-lhe o vacuo n'alma. E, ou nos engenhos ou na cidade, a solidão se povoava das lembranças de uma suave e amorosa convivencia de sete annos — tão curta que fôra pouco mais que uma lua de mel.

Tudo se combinava então para atiral-o de novo ao mundo e á lucta. Sua impulsão interior, contrariada

pelo amor, pela poesia bucolica, pelos interesses e pela amargura ia se tornando irresistivel.

O manometro marcava os mais altos numeros.

Os trabalhos do campo; as novidades da industria já não bastavam para remedio a seu amargo desconsolo. A estagnação da melancolia lhe apodrecia a vida.

O tempo fizera-o esquecer as injustiças e brutalidades da politica; buscava-a agora como uma salvação. Tinha que volver; mergulhar de novo no pego; retomar a vida na vida dos partidos, na volupia dos combates de tribuna, no prazer de abater uma situação, na gloria de retornar ao poder, no poder de bem-fazer ao paiz.

E a sociedade o seduzia de longe com a lembrança de antigos encantos para que fosse esquecendo — ai do mundo e da transitoriedade ainda dos mais intensos sentimentos! —, ao aspirar a flôr de alguns sorrisos, ao aquecer-se ao calor de alguns regaços.

Em 1867 regressa á liça parlamentar e á cõrte.

INDICE



ORIGENS E COMEÇOS

FAMILIA E INFANCIA

| | | |
|---|------|----|
| Os Wanderley | PAG. | 15 |
| O capitão-mór João Mauricio Wanderley | " | 16 |
| Luctas da independencia | " | 19 |
| Familia materna | " | 25 |
| Façanhas de menino afoito. | " | 27 |
| Partida para os estudos | " | 30 |

ESTUDOS EM OLINDA

| | | |
|--|---|----|
| Sertão e littoral | " | 35 |
| Na cidade do Salvador — Lições anti-revolu- cionarias | " | 36 |
| Viagem para Olinda | " | 37 |
| Ambiente academico | " | 38 |
| Politico nato | " | 41 |
| Um partido de amigos | " | 44 |
| Regresso ao sertão | " | 45 |

PRIMEIROS PASSOS

| | | |
|---|---|----|
| A maioria e a morte do pae — Primeiras nomeações | " | 51 |
| Na Assembléa Provincial | " | 52 |

NO GRANDE SCENARIO O FRANCO ATIRADOR

ESTREIA PARLAMENTAR

| | PAG. | 65 |
|--|------|----|
| Ambiente politico em 1843 | | |
| Queda do gabinete 23 de Março de 1841 — | | |
| Em face do gabinete Honorio | " | 68 |
| Franco atirador | " | 70 |
| Sympathia pelos rebeldes | " | 77 |
| Os tres grandes estreiantes — Wanderley, | | |
| Nabuco, Ferraz | " | 81 |

AS SESSÕES PARLAMENTARES DE 1843 E 1844

| | | |
|--|---|-----|
| Critico e paladino de prerogativas constitu- | | |
| cionaes | " | 89 |
| Face a face com Honorio | " | 93 |
| Namoro ephemero | " | 95 |
| Quêda de Honorio — Apoio a Macahé | " | 101 |
| Amnistia | " | 102 |
| Indistincção de principios entre os partidos | " | 109 |

AS SESSÕES PARLAMENTARES DE 1845, 1846 E 1847

| | | |
|--|---|-----|
| Juiz de Direito | " | 115 |
| O Reconcavo e sua aristocracia | " | 116 |
| Scisão com os Luzias da Bahia — Entre dois | | |
| fogos | " | 121 |
| Ministerial frio | " | 124 |

A GRANDE CRISE DE 1848

| | | |
|---|---|-----|
| A nova camara | " | 135 |
| Quêda de Macahé | " | 139 |
| Gabinete Paula Souza — Revolução franceza | " | 140 |

| | | |
|---|------|-----|
| Expectativa dos bahianos — Demissão de Pinheiro de Vasconcellos — Rompimento dos bahianos | PAG. | 144 |
| A facção aulica | " | 145 |
| Organização do gabinete Olinda | " | 154 |
| Adiamento da sessão parlamentar | " | 159 |

ESTADISTA QUE SE REVELA CONSERVADOR QUE SE DEFINE

CHEFE DE POLICIA DA BAHIA

| | | |
|--|---|-----|
| Caracter da politica bahiana | " | 167 |
| Discurso da bigorna e do martello | " | 169 |
| Presidencia ephemera de Lisbôa Serra | " | 172 |
| Repercussões da revolução franceza | " | 175 |
| As eleições de 1849 | " | 181 |
| A eclosão partidaria na Bahia | " | 183 |
| Prevenindo rebelliões de escravos | " | 184 |
| E mata-marôtos | " | 190 |
| Contra a moeda falsa e o trafico | " | 192 |
| Desembarque da Pontinha | " | 206 |
| Juizes contra o governo | " | 213 |
| Africanos livres | " | 220 |

PRESIDENTE DA BAHIA

| | | |
|--|---|-----|
| Agitações e eleições — Receios e successos | " | 231 |
| Melhoramentos e reformas — Uma grande administração | " | 238 |
| Segurança publica — Uma pagina sobre o jury | " | 245 |
| Um grande devotado á instrucção publica | " | 259 |
| Divertindo e educando o povo — Hospedando magnatas — A passagem de Rosas e Manoelita | " | 265 |
| Optimas finanças | " | 269 |
| Dois graves incidentes | " | 271 |

ESTRADA DE FERRO DO S. FRANCISCO

| | | |
|---|------|-----|
| Evolução dos espiritos em relação ás estradas de ferro | PAG. | 295 |
| Acção como presidente da Bahia | " | 297 |
| O duello entre pernambucanos e bahianos para alcançar o S. Francisco — As discussões parlamentares | " | 300 |
| Contracto Alves Branco-Moniz Barretto — Additivo provincial de 2 % á garantia de juros geral | " | 310 |
| Lucta em Londres pelos capitaes — Acção de Sergio de Macedo contra a E. de Ferro bahiana — Sergio de Macedo é retirado de Londres | " | 314 |
| A offensiva de Sergio de Macedo pela imprensa | " | 318 |
| Desvelos pela "filha querida" | " | 321 |

O CENSOR E O LEGISLADOR

| | | |
|--|---|-----|
| Ministerial que não perde as liberdades de franco atirador — Critica ás "carretilhas" de Euzebio | " | 327 |
| Projectos e emendas | " | 339 |
| Casamento civil | " | 345 |
| Provincia do rio S. Francisco | " | 348 |
| Projectos abolicionistas — Abolição do trafico interprovincial | " | 355 |

NOS CONSELHOS DA CORÓA

ANTECEDENTES — A "CONCILIAÇÃO — A SESSÃO PARLAMENTAR DE 1853

| | | |
|---|---|-----|
| O "Partido Parlamentar" | " | 385 |
| A conciliação nos debates da Camara | " | 389 |

| | | |
|--|------|-----|
| O grande discurso de Wanderley sobre a conciliação | PAQ. | 395 |
| A conciliação nos debates senatoriaes | " | 406 |
| Organisação do gabinete Paraná | " | 413 |
| O "pensamento agosto" | " | 414 |
| Programmas do imperador e de Paraná | " | 416 |
| Wanderley recusa uma pasta | " | 421 |

MINISTRO DA MARINHA

| | | |
|---|---|-----|
| Apoio frio ao governo | " | 427 |
| Substituição de Abaeté e Bellegarde | " | 430 |
| Oposição de Ferraz | " | 432 |
| Influencia da situação internacional e do trafico sobre a esquadra | " | 434 |
| Fracasso da missão Pedro Ferreira — Preparos para uma expedição guerreira ao Paraguay | " | 438 |
| Novos navios — Politica de alto mar e nos rios | " | 446 |
| A helice | " | 448 |
| Serviço de bombeiros | " | 449 |
| Melhoramentos e reformas | " | 451 |
| Conselho Naval | " | 455 |
| Incidente com Zacarias | " | 456 |

MINISTRO DA FAZENDA

| | | |
|---|---|-----|
| A ronda da morte — Paraná succumbe | " | 461 |
| Uma administração feliz — Saldo entre deficits — Idéas e propositos | " | 464 |
| Incidente com Torres Homem | " | 467 |
| Narcoticos a Borges da Fonseca | " | 472 |

ELEIÇÃO SENATORIAL

| | | |
|---|---|-----|
| Entre Nabuco e Wanderley — A' espera de idade | " | 479 |
| A peste que ajuda — A epidemia da cholera em 1855 | " | 483 |

| | | |
|--|------|-----|
| Ataques de Jequitinhonha e D. Manoel . . . | PAG. | 491 |
| O pareo Ferraz — Wanderley — G. Martins | " | 493 |
| Lua de mel politica | " | 499 |

A LEI DOS CIRCULOS

| | | |
|---|---|-----|
| Conciliação de pessoas e de principios — A reforma judiciaria e a "bandeira de Vassouras" | " | 505 |
| Discussão no senado e na camara das in- compatibilidades e dos circulos | " | 509 |
| A imposição de Paraná | " | 532 |
| A attitude de Wanderley | " | 539 |

A PRIMEIRA ELEIÇÃO POR CIRCULOS NA BAHIA

| | | |
|---|---|-----|
| A divisão dos circulos — Efeitos politicos da nova lei | " | 549 |
| Ciúmes de influencia politica entre G. Mar- tins e Wanderley — Os candidatos e os eleitos — As derrotas de Mariani e Ti- berio | " | 557 |
| A primeira eleição de Dantas — Intelligen- cias á procura de amparos eleitoraes — Junqueira e Saraiva | " | 562 |
| As attitudes de Sinimbú e G. Martins . . . | " | 571 |
| Retirada do gabinete Paraná — Caxias . . | " | 579 |

O MUNDANO NA BAHIA E NA CÔRTE

| | | |
|--|---|-----|
| Vidal social na Bahia de 1840 a 1857 — Ami- gos de Wanderley | " | 587 |
| A sociedade e a vida social da côrte — Mu- sica, theatro e bailes — Machinas de costura e illuminação a gaz. — O jogo — Vida litteraria — Os "leões do norte" . . | " | 594 |

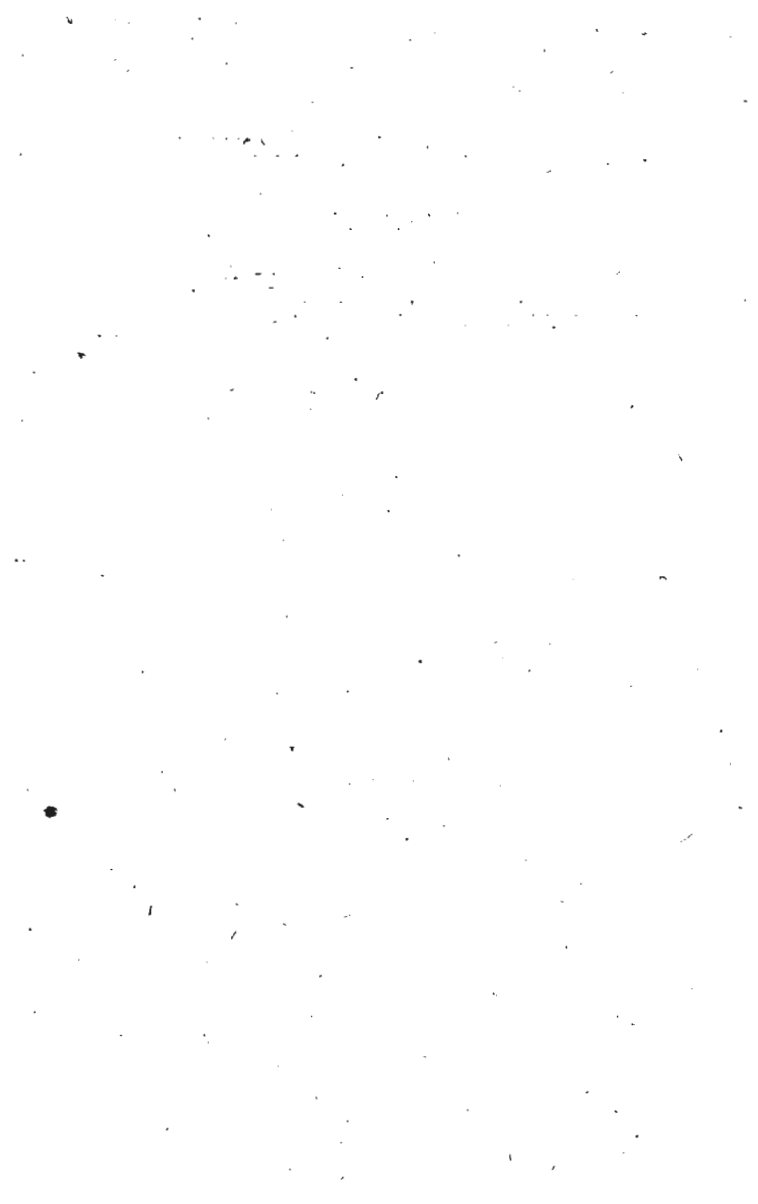
ENTRE O CICLO DOS CANNAVIAES

O CASAMENTO

| | |
|--|----------|
| Flirt antigo — As festas do Bomfim — A escolhida | PAG. 613 |
| Efeitos politicos dos casamentos ricos — A vida campestre no Reconcavo | " 625 |

DEZ ANOS DE ABSTENÇÃO POLITICA

| | |
|--|-------|
| Eleição senatorial de Nabuco — Provedor da Sta. Casa de Misericordia da Bahia — Gabinetes Olinda e Abaeté — Questão bancaria — Gabinete Ferraz — Viagem do Imperador — O titulo de barão de Cotegipe | " 642 |
| Fundação e Direcção do Diario da Bahia — Eleição de Tiberio contra Souto — Gabinete Caxias | " 663 |
| Uma rapida digressão ao senado | " 669 |
| Correspondencia com Caxias — O gabinete dos velhos — Uma reacção dos conservadores da Bahia, o <i>meeting</i> do Reconcavo — A questão Christie — O perigo republicano de Theophilo Ottoni | " 671 |
| Doença e morte da Baroneza de Cotegipe — Guerra do Paraguay | " 682 |
| O reformador agricola | " 687 |
| Aspectos de uma personalidade inconfundivel | " 698 |





*Dois aspectos da casa onde nasceu Colegipe
actualmente transformada em mercado*



Aspectos de Olinda



O DEPUTADO JOÃO MAURICIO WANDERLEY.

De um da Daguerreotypia



Aspectos de S. Amaro



WANDERLEY — *Presidente da Bahia*

Oleo de E. Müller — 1853.

NA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL
DA
BAHIA

HOMENAGEM E GRAITIDÃO DA PRAÇA PELOS BENEFICIOS
CONSEQUENTES À REPRESSION DA MOEDA FALSA



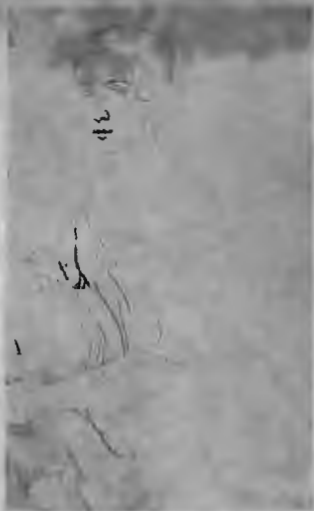
Aspectos da Bahia na decada 1845-1855

O Theatro S. João — O Passeio Publico — O Terreiro
com a Cathedral e a Escola de Medicina,



WANDERLEY — MINISTRO DA MARINHA

Gravura de Sisson



MARIA EUGENIA GUEDES PINTO
Née LOPES GAMA 1848



Mlle. FAVRICHON 1842



Duas elegantes de 1844

MARIA EUGENIA LOPES GAMA
E
GABRIELLA PESSÔA

Desenhos de Boulanger.
No Instituto Historico
Brasileiro.



O Campo de Sant'Anna.



O Casino Fluminense



A rua do Ouvidor.



O Largo da Gloria com o Palacio Merity.



BARÃO DE COTEGIPE
Oleo de E. Müller 1857.



BARONEZA DE COTEGIPE
Oleo de E. Müller 1857



CONDE DE PASSÉ



A antiga capella hoje Basilica do Bomfim



Dois aspectos do Engenho Freguezia, um dos que passaram a Cotegipe pelo seu casamento